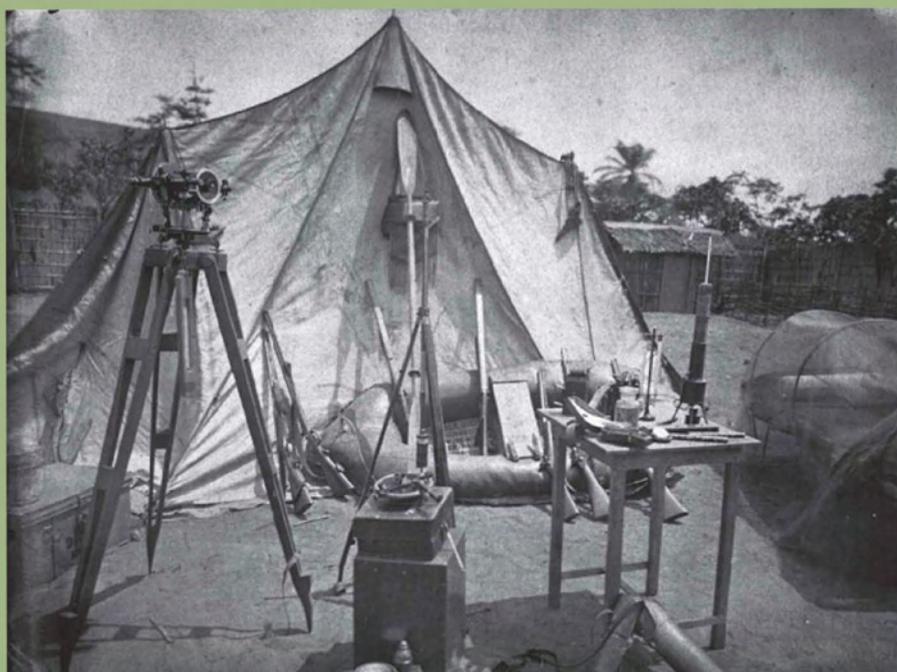


Beatrix Heintze

**EXPLORADORES ALEMÃES
EM ANGOLA (1611-1954)**

**APROPRIAÇÕES ETNOGRÁFICAS ENTRE COMÉRCIO DE
ESCRAVOS, COLONIALISMO E CIÊNCIA**

Tradução de Rita Coelho-Brandes e Marina Santos



COPYRIGHT © Beatrix Heintze 2010

www.frobenius-institut.de, heintze@em.uni-frankfurt.de

The copyright for this eBook lies solely with the author. Any further circulation requires her personal permission as well as full and accurate attribution to the author and web location.

TÍTULO ORIGINAL: *Ethnographische Aneignungen. Deutsche Forschungsreisende in Angola* (Frankfurt am Main: Verlag Otto Lembeck 1999), segunda edição enlargaada e revista: *Deutsche Forschungsreisenden in Angola. Ethnographische Aneignungen zwischen Sklavenhandel, Kolonialismus und Wissenschaft* (Frankfurt am Main, Verlag Otto Lembeck 2007 como eBook).

CRÉDITOS

CAPA:

Fotografia de Julius Falkenstein, *Album der Deutschen Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Afrikas. Landschaftlicher Theil*, Parte I, Die Deutsche Station Chinchoxo und Umgebung, Berlin 1876, n.º 1.

FOTOGRAFIAS:

bpk/Ethnologisches Museum, SMB/D. Graf: imagens 1, 8; MV-Fotoatelier: imagens 2-5, 7, 11, 12; W. Schneider-Schütz: imagens 13, 14.

Museum für Völkerkunde, Viena, Arquivo fotográfico: imagens 6 (n.º 51.609), 9 (n.º 39.526).

Reprodução: Peter Steigerwald, Frobenius-Institut, Frankfurt.

Rheinisches Bildarchiv/R. Herter: imagem 10.

MAPAS:

Gabriele Hampel

Para Maria da Conceição Neto

ÍNDICE

Abreviaturas	14
Prefácio	15
INTRODUÇÃO: PER ASPERA AD ASTRA	
1. Leigos audazes	23
2. Interdisciplinaridade fracassada	30
3. Orientações teóricas dos exploradores	35
4. Segundas intenções coloniais	44
5. Branco entre brancos	48
6. Sombras do passado	54
7. A carga sobre os ombros de outros	59
8. Espectativas frustradas	68
9. Desmancha-prazeres	74
10. Propaganda dissuasiva	77
11. Ciência violenta	80
12. O mito da fonte em primeira-mão	84
13. Visão distorcida	89
14. A obra como fonte etnológica	97
BIOGRAFIAS RESUMIDAS COM TEXTOS REPRESENTATIVOS	
Cronologia das viagens dos exploradores de língua alemã a Angola	101
Johann Paul Augspurger	104
Hermann von Barth-Harmating	108
Adolf Bastian	113
Hugo Baum	130
Hermann Baumann	136
Samuel Brun	155
Max Buchner	165
Richard Büttner	189
Josef Chavanne	202
Julius Falkenstein	211
Curt von François	219
Paul Güssfeldt	228
Alexander von Homeyer	243
Fritz e Willem Jaspert	246
Otto Jessen	256
Anton Erwin Lux	267
Wilhelm Mattenklodt	277
Alexander von Mechow	283

Eduard Mohr	291
Eduard Pechuël-Loesche	293
Paul Pogge	316
Alfred Schachtzabel	340
Otto H. Schütt e Paul Gierow	355
Eduard Schulze	375
Herman Soyaux	377
Georg Tams	391
Joachim Helmuth Wilhelm	395
Hermann von Wissmann	399
Ludwig Wolf	415
Willy Wolff	417
BIBLIOGRAFIAS	
Bibliografia geral e da introdução	433
Fontes e bibliografia para as pequenas biografias	440

Textos representativos

Johann Paul Augspurger	
1. Kurtze und wahrhaffte Beschreibung [Descrição curta e verídica], 1644: 47-58	104
Hermann von Barth-Harmating	
1. Brief aus Duque de Bragança [Carta de Duque de Bragança], s.d., espólio Ratzel	110
2. Brief aus Luanda [Carta de Luanda], 1 de Novembro de 1876, espólio Ratzel	111
Adolf Bastian	
1. Ein Besuch in San Salvador [Uma visita a São Salvador], 1859: 91-95	120
2. Ein Besuch in San Salvador [Uma visita a São Salvador], 1859: 97-99	122
3. Ein Besuch in San Salvador [Uma visita a São Salvador], 1859: 158-165	123
4. Ein Besuch in San Salvador [Uma visita a São Salvador], 1859: 168-170	125
5. Die deutsche Expedition an der Loango-Küste [A expedição alemã à costa do Loango], 1874-1875, I: 298-308	125

6. Die deutsche Expedition an der Loango-Küste [A expedição alemã à costa do Loango], 1874-1875, II: 155-158	127
7. Die deutsche Expedition an der Loango-Küste [A expedição alemã à costa do Loango], 1874-1875, II: 252-253	128
Hugo Baum	
1. Kunene-Sambesi-Expedition [Expedição ao Cunene e ao Zambeze], 1903: 57	132
2. Kunene-Sambesi-Expedition [Expedição ao Cunene e ao Zambeze], 1903: 98-105	132
Hermann Baumann	
1. Lunda, 1935: 13	144
2. Lunda, 1935: 139-140	145
3. Lunda, 1935: 194-195	148
4. Lunda, 1935: 224-225	149
5. “Die Südwest-Bantu-Provinz” [A província bantu do Sudoeste], 1975a: 473-476	151
Samuel Brun	
1. Schiffahrten [Viagens marítimas], 1624: 7-22	157
Max Buchner	
1. “Die Buchner’sche Expedition” [A expedição de Buchner], 1880-1881: 165-166	178
2. “Die Buchner’sche Expedition” [A expedição de Buchner], 1880-1881: 175-176	179
3. “Das Reich des Muatiamvo und seine Nachbarländer” [O reino do Muatiamvo e os territórios vizinhos], 1883e: 57-61	181
4. “Zur Mystik der Bantu” [Sobre o misticismo dos Bantu], 1896: 163-164	184
5. “Unsere Hoffnungen auf Afrika” [As nossas esperanças para a África], 1886b: 385-386	185
Richard Büttner	
1. “Brief von Dr. R. Büttner an Prof. Bastian” [Carta do Dr. R. Büttner ao Prof. Bastian], 1883-1885a: 309-310	195
2. “Über seine Reise von S. Salvador zum Quango und zum Stanley Pool (5. Juni 1886)” [Sobre a sua viagem de S. Salvador ao Quango e ao Stanley Pool, 5 de Junho de 1886], 1886b: 300-302	196
3. Reisen im Kongolande [Viagens em terras do Kongo], 1890: 146-149	198

Josef Chavanne

1. Reisen und Forschungen im alten und neuen Kongostaate
[Viagens e pesquisas no antigo e no novo Estado do Congo],
1887: 271-278 204
2. “Reisen im Gebiete der Muschi-congo im portugiesischen
Westafrika” [Viagens pela região dos Muschi-congo na África
ocidental portuguesa], 1886: 105-106 209
3. Reisen und Forschungen im alten und neuen Kongostaate
[Viagens e pesquisas no antigo e no novo Estado do Congo],
1887: 508 210

Julius Falkenstein

1. Die Loango-Expedition [A expedição ao Loango], 1879: 70-71 215
2. Die Loango-Expedition [A expedição ao Loango], 1879: 41 217
3. Die Loango-Expedition [A expedição ao Loango], 1879: 16-17 218

Curt von François

1. “Geschichtliches über die Bangala, Lunda und Kioko”
[Sobre a História dos Bangala, dos Lunda, e dos Kioko],
1888a: 273-276 220

Paul Güssfeldt

1. “Bericht über die von ihm geleitete Expedition an der
Loango-Küste” [Relato da expedição por ele chefiada à
costa do Loango], 1875b: 202-204 232
2. “Bericht über die von ihm geleitete Expedition an der
Loango-Küste” [Relato da expedição por ele chefiada à
costa do Loango], 1875b: 207-209 234
3. Die Loango-Expedition [A expedição ao Loango], 1879: 51-54 236
4. Die Loango-Expedition [A expedição ao Loango], 1879: 140-141 238
5. “Die Loango-Expedition” [A expedição ao Loango], 1879: 222-224
(Vortrag am 9.10.1875 in der Gesellschaft für Erdkunde in Berlin
[Palestra na Sociedade de Geografia de Berlim em 9.10.1875]) 240

Alexander von Homeyer

—

Fritz e Willem Jaspert

1. W. Jaspert: Afrikanisches Abenteuer [Aventura africana], 1929: 194-197 248
2. F. e W. Jaspert: Die Völkerstämme Mittel-Angolas [As tribos da Angola central], 1930: 43-44 250
3. F. e W. Jaspert: Die Völkerstämme Mittel-Angolas [As tribos da Angola central], 1930: 33, 35-36 251
4. F. e W. Jaspert: Die Völkerstämme Mittel-Angolas [As tribos da Angola central], 1930: 107-108 252
5. F. e W. Jaspert: Die Völkerstämme Mittel-Angolas [As tribos da Angola central], 1930: 89-90 253

Otto Jessen

1. Reisen und Forschungen in Angola [Viagens e pesquisas em Angola], 1936: 8-12 259
2. Reisen und Forschungen in Angola [Viagens e pesquisas em Angola], 1936: 22, 66 261
3. Reisen und Forschungen in Angola [Viagens e pesquisas em Angola], 1936: 180 261
4. Reisen und Forschungen in Angola [Viagens e pesquisas em Angola], 1936: 248-250 262
5. Reisen und Forschungen in Angola [Viagens e pesquisas em Angola], 1936: 302-303 263

Anton Erwin Lux

1. "Unter den Bangelas in Westafrika" [Entre os Bangelas na África ocidental], 1879b: 182-185 271

Wilhelm Mattenklodt

1. "Die Kisama" [Os Kisama], 1944: 95-97 279
2. "Die Kisama" [Os Kisama], 1944: 101-102 280

Alexander von Mechow

1. "Bericht über die von ihm geführte Expedition zur Aufklärung des Kuango-Stromes" [Relato sobre a expedição por ele chefiada para a exploração do rio Cuango], 1882: 477-479 285
2. "Bericht über die von ihm geführte Expedition zur Aufklärung des Kuango-Stromes" [Relato sobre a expedição por ele chefiada para a exploração do rio Cuango], 1882: 482-485 287

Eduard Mohr

—

Eduard Pechuël-Loesche

1. “Bericht des Herrn Pechuël-Loesche an den Vorstand über seine zweite Quillu-Reise” [Relato do Sr. Pechuël-Loesche à direcção, sobre a sua segunda viagem ao Quillu], 1876b: 274-275 301
2. “Handel und Produkte der Loangoküste” [Comércio e produtos da costa do Loango], 1879b: 275-276 302
3. “Loango und die Loangoküste” [Loango e a costa do Loango], 1876a: 37-38 303
4. Die Loango-Expedition [A expedição do Loango], 1882: 162, 163-164 304
5. Volkskunde von Loango [Etnologia do Loango], 1907: 10-12 305
6. Volkskunde von Loango [Etnologia do Loango], 1907: 48-50 305
7. Kongoland [Terra do Congo], 1887: 417-418 307
8. Volkskunde von Loango [Etnologia do Loango], 1907: 165-166, 167-169 309
9. Volkskunde von Loango [Etnologia do Loango], 1907: 354, 358, 364, 396-397, 397, 397-398 311
10. Volkskunde von Loango [Etnologia do Loango], 1907: 471-472 313

Paul Pogge

1. Im Reiche des Muata-Jamvo [No reino do Muata-Jamvo], 1880: 52-53 325
2. “Ueber die Verwendung von Elephanten bei Afrika-Reisen und Anlage von Stationen” [Sobre a utilização de elefantes nas viagens em África e na fundação de estações], 1879a: 120 327
3. Im Reiche des Muata-Jamvo [No reino do Muata-Jamvo], 1880: 224-236 328
4. “Bericht über die Reise von Mukenge nach Nyangwe und zurück” [Relato da viagem de ida e volta de Mukenge até Nyangwe], 1883-1885a: 70-71 [Carta de 20.9.1882] 337

Alfred Schachtzabel

1. Im Hochland von Angola [No planalto de Angola], 1923: 41-44, 46-47 347
2. Im Hochland von Angola [No planalto de Angola], 1923: 69-71 350
3. Im Hochland von Angola [No planalto de Angola], 1923: 121-122 351

4. Im Hochland von Angola [No planalto de Angola],
1923: 137-138 352

Otto H. Schütt e Paul Gierow

1. Schütt: “Im Reich der Bangala” [No reino dos Bangala],
1881a: 381-384 362
2. Schütt: “Bericht über die Reise von Malange zum Luba-Häupling
Mai, und zurück” [Relato da viagem de ida e volta de Malange
até ao território do chefe luba Mai], 1878-1879c: 184-185 365
3. Schütt: Reisen im südwestlichen Becken des Congo [Viagens pelo
Sudoeste da bacia do Congo], 1881b: 155 366
4. Gierow: “Die Schütt’sche Expedition” [A expedição de Schütt],
1881-1883: 121 366
5. Schütt: Reisen im südwestlichen Becken des Congo [Viagens pelo
Sudoeste da bacia do Congo], 1881b: 106 366
6. Gierow: “Die Schütt’sche Expedition” [A expedição de Schütt],
1881-1883: 107 367
7. Schütt: Reisen im südwestlichen Becken des Congo [Viagens pelo
Sudoeste da bacia do Congo], 1881b: 60-61 367
8. Schütt: Reisen im südwestlichen Becken des Congo [Viagens pelo
Sudoeste da bacia do Congo], 1881b: 79-83 369
9. Schütt: Reisen im südwestlichen Becken des Congo [Viagens pelo
Sudoeste da bacia do Congo], 1881b: 136 373

Eduard Schulze

–

Herman Soyaux

1. Aus West-Afrika [Da África ocidental], 1879a, II: 167-172 381
2. Aus West-Afrika [Da África ocidental], 1879a, I: 208-211 385
3. Aus West-Afrika [Da África ocidental], 1879a, II: 116-118,
121-125 387

Georg Tams

1. Visita ás possessões portuguezas na costa occidental d’Africa,
1850, I: 108-110 392
2. Visita ás possessões portuguezas na costa occidental d’Africa,
1850, II: 92-94 393

Joachim Helmuth Wilhelm

- | | |
|--|-----|
| 1. “Die Hukwe” [Os Hukwe], 1954: 23-24 | 397 |
| 2. “Die Hukwe” [Os Hukwe], 1954: 26 | 398 |

Hermann von Wissmann

- | | |
|---|-----|
| 1. Wissmann: Unter deutscher Flagge quer durch Afrika von West nach Ost [Atravessando a África de Ocidente a Oriente sob a bandeira alemã], 1892: 34, 36-37, 38 | 405 |
| 2. Wissmann: Unter deutscher Flagge quer durch Afrika von West nach Ost [Atravessando a África de Ocidente a Oriente sob a bandeira alemã], 1892: 59-60 | 406 |
| 3. Wissmann et al.: Im Innern Afrikas [No interior de África], 1888: 43-45 | 407 |
| 4. Wissmann et al.: Im Innern Afrikas [No interior de África], 1888: 48-50 | 408 |
| 5. Wissmann et al.: Im Innern Afrikas [No interior de África], 1888: 141-147 | 410 |

Ludwig Wolf

- | | |
|---|-----|
| 1. “Reisen in Central-Afrika” [Viagens na África Central], 1886b: 80-81 | 415 |
|---|-----|

Willy Wolff

- | | |
|--|-----|
| 1. Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamwo], 1889a: 105-108 | 424 |
| 2. Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamwo] 1889a: 207-208 | 425 |
| 3. Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamwo], 1889a: 185-188 | 426 |
| 4. Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamwo], 1889a: 197-199 | 428 |
| 5. Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamwo], 1889a: 200-202 | 429 |
| 6. Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamwo], 1889a: 109-110 | 430 |

Iconografia

1	Colecção A. Bastian: “Feitiço (cozido às duas pernas com linha de algodão para impedir a fuga da mulher)”. (Figura de mulher)	112
2	Colecção H. Baumann: “Nawazeia, figura da irmã falecida feita pelo irmão. Cokwe (Mahakolo)”	135
3	Colecção H. Baumann: “Cadeira do chefe Cacoma, Cokwe, perto de Peso”	154
4	Colecção M. Buchner: “Ceptro esculpido. Malange”. Songo	164
5.	Colecção R. Büttner: “Pente. Muene Putu, Kassongo”. Yaka	188
6	Colecção J. Chavanne: “‘M’bumba foèngi’, feitiço de guerra; figura humana em madeira, enrolada em tiras de pele. De Tschella”	201
7	Colecção A. von Homeyer: “Feitiço dos Luba esculpido em madeira”. Na realidade: Ceptro de um chefe dos Cokwe	242
8	Colecção F. e W. Jaspert: “Luena, escultura profana feminina. Kaluena (Loakano)”. Lwena	245
9	Colecção O. Jessen: “Figura, representando clérigo; ao km 6,9; Monte-Mocco”. Ovimbundu	255
10	Colecção A. E. Lux: Indicação no catálogo: “Ceptro de um chefe dos Cowke em Angola”	266
11	Colecção A. von Mechow: “Ceptro de chefe. Majakalla”. Yaka	282
12	Colecção P. Pogge: “Caixa de rapé, feitiço dos Quiocos”. Cokwe	315
13	Colecção A. Schachtzabel: “ <i>O mbueti</i> . Bengala de madeira castanha escura com um punho em forma de duas cabeças em cima do qual está sentada uma mulher com a cabeça apoiada nas mãos, com um colar de missangas ao pescoço. Ovimbundu (Ndalla)”	339
14	Colecção O. Schütt: “Feitiço, esculpido em madeira. Figura com barba entrançada, segurando nas mãos uma espingarda e uma lança; no barrete estão sentadas duas pequenas figuras humanas”	354

Mapas

Mapas gerais no fim do livro

ABREVIATURAS

*	Biografia neste volume
bpk	Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz
<i>CAG</i>	<i>Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft</i>
<i>i.e.</i>	<i>id est (isto é)</i>
<i>MAGD</i>	<i>Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland</i>
<i>PM</i>	<i>Petermanns Mittheilungen</i>
SMB	Staatliche Museen zu Berlin
<i>VGEB</i>	<i>Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin</i>
<i>ZfE</i>	<i>Zeitschrift für Ethnologie</i>

PREFÁCIO

As “viagens de descobrimento” e as pesquisas de campo alemãs realizadas na África Centro-Occidental que nos últimos séculos esteve exposta à influência portuguesa, em termos linguísticos, políticos, económicos e culturais, e que corresponde em grande medida à Angola actual (mas se estende muito para além desta), só esporadicamente têm merecido atenção nas obras historiográficas sobre esta zona. De igual modo, a relevância dos seus relatos como fontes etnográficas foi frequentemente ignorada, o que decerto se deve antes do mais às barreiras linguísticas. No entanto, não se trata de uma *quantité négligeable*, nem em termos do número de textos, nem a nível das informações neles contidas. Sobretudo no último terço do século XIX, a região em que a língua portuguesa era a (ou uma) língua franca exerceu uma atracção especial sobre os viajantes alemães.

As fontes relativas às culturas e à História desta região foram redigidas em mais de oito línguas, embora poucos historiadores utilizem todos os testemunhos escritos com relevância para um determinado tema. Não nos devemos deixar iludir pelas bibliografias que apresentam. Muitas das fontes e estudos referidos são mencionados de forma superficial, sem serem analisados em profundidade. Na maioria das vezes servem apenas para demonstrar a pretensa erudição do autor. Por exemplo, algumas das publicações de Max Buchner encontram-se referenciadas e aparecem também em muitas bibliografias de estudos portugueses recentes. No entanto, este autor é quase sempre citado como “Büchner”, *i.e.*, de acordo com a grafia utilizada, entre outros portugueses, pelo seu contemporâneo Henrique Dias de Carvalho, o que sugere que o conhecimento da fonte citada foi meramente simulado. Esta lacuna deve-se fundamentalmente à falta de conhecimentos linguísticos e constitui, nesta era da globalização, um problema crescente na área da historiografia, que afecta em grande medida as fontes alemãs. De uma maneira geral, os historiadores portugueses não sabem alemão (nem precisam) e o mesmo acontece com os anglo-americanos e os franceses, pelo que os estudos são feitos, como se não existissem fontes primárias, análises ou interpretações alemãs sobre o tema escolhido. As suas representações históricas e etnográficas assentam essencialmente em textos publicados na sua língua materna e numa ou noutra obra, traduzida, por mero acaso, para essa língua e são, quando muito, complementadas por trabalhos num segundo idioma. Excepções louváveis como as de Joseph C. Miller, John Thornton, Jan Vansina e Jean-Luc Vellut tornam-se assim ainda mais notáveis.

Por sua vez, os historiadores e etnólogos alemães ou não lusófonos menosprezam as fontes portuguesas e escrevem sobre a História de África, como se a existência de uma África lusófona fosse apenas um fenómeno

marginal ou com base em estudos (por vezes ultrapassados) que se encontram na sua língua ou na língua universal, o inglês.

O que também se ignora muitas vezes é que esta restrição não afecta apenas o reconhecimento das fontes base, mas também exclui aspectos da discussão metodológica, como por exemplo os que se relacionam com a tradição oral. E é provável que esta tendência aumente. A necessidade de programas de tradução, constatada inúmeras vezes, como por exemplo em 1997, no segundo colóquio sobre História realizado em Luanda subordinado ao tema *Construindo a história de Angola: As fontes e a sua interpretação*, não irá ser colmatada nos tempos mais próximos, devido aos custos elevados, à falta de tradutores competentes e ao reduzido prestígio desses empreendimentos tão dispendiosos, bem como ao número relativamente pequeno dos seus usufrutuários.

Mas não se trata apenas de um problema linguístico. Muitas das publicações, principalmente as pequenas notícias, cartas e relatos de viagem surgidos em jornais e revistas do século XIX, só se conseguem descobrir e estudar actualmente com grande esforço e considerável dispêndio de tempo e por vezes também de dinheiro. Muitos desses textos não se encontram em qualquer bibliografia e não estão publicados em qualquer outro local, pelo que este estudo proporcionará, pela primeira vez, o seu conhecimento, facilitando assim o acesso aos mesmos.

O presente trabalho que é simultaneamente uma nova interpretação, um manual e uma antologia deve o seu impulso à convicção de que não devemos desistir precipitadamente de um projecto e de que os resultados da investigação de expressão alemã em Angola podem dar um contributo essencial para a História e a Etnografia do país. Como muitos dos textos referidos são pouco ou nada conhecidas e como, além disso, têm de ser lidos atendendo ao contexto da sua produção, os de trinta capítulos e as biografias resumidas que os acompanham, com os respectivos dados bibliográficos, que em relação a Angola são tão completos quanto possível, deverão constituir um incentivo e um apoio à sua utilização.

Esta forma de exposição possibilita não só uma orientação rápida, mas também uma caracterização individual dos intervenientes que, em ensaios mais abrangentes, é muitas vezes sacrificada em benefício de julgamentos globais (que em retrospectiva não passam muitas vezes de condenações ou simplificações estereotipadas). Partindo do princípio de que o livro não será lido de enfiada, mas consultado preferencialmente em busca de informação sobre um determinado explorador, optou-se pela ordem alfabética. O índice colocado no princípio do livro e a cronologia das viagens dos exploradores que antecede as biografias resumidas permitem estabelecer facilmente relações cronológicas. Os mapas no final do livro fornecem uma orientação geográfica geral.

O núcleo deste trabalho reporta-se ao período entre 1611 e 1954 e é constituído pelos exploradores e/ou cientistas de expressão alemã, aos quais devemos as pesquisas etnográficas realizadas em Angola (inclusivamente em

Cabinda). Além disso foram ainda incluídos alguns “descobridores” do século XIX que não realizaram pesquisas desse tipo, ou porque morreram prematuramente ou porque foram obrigados a regressar por motivos de saúde, ou ainda porque se interessavam pouco ou nada pelas culturas africanas. No entanto, os seus nomes são mencionados repetidamente, quer como chefes de expedições, quer noutros contextos, pelo que nos pareceu conveniente apresentá-los resumidamente.

“Angola”, cuja definição e fronteiras se alteraram profundamente ao longo dos séculos, constitui aqui um ponto de referência aproximado. Por isso não se excluem, neste estudo, nem as pesquisas realizadas no antigo reino do Loango, nem as visitas às residências do Mwene Mputu Casongo, chefe dos Yaka, junto ao Cuango, ou ao Mwant Yav, governante lunda da actual República Democrática do Congo (Kinshasa), uma vez que as fronteiras actuais ainda não existiam. Mas como se trata essencialmente de uma região cuja língua oficial é actualmente o português, manteve-se de um modo geral a ortografia portuguesa/angolana dos mapas oficiais do tempo em que este livro foi escrito, para os nomes de rios e de localidades.

Em termos cronológicos, esta resenha começa com Samuel Brun e termina com Hermann Baumann. A selecção assenta, em primeiro lugar, na língua em que os resultados das pesquisas foram publicados. Por motivos estilísticos, adopta-se aqui, na maioria das vezes, o termo “alemão” em substituição do termo “de expressão alemã”, mas o que está em destaque é a pertença a uma comunidade linguística e não a nacionalidade.

Os elementos constantes sobre a vida, as datas e as estações principais do decurso das viagens em território angolano possíveis de averiguar são indicados tão exactamente quanto possível nas biografias resumidas (ou seja, não se indica apenas o ano, quando existem informações mais precisas). Estas indicações simplificam em certos casos a coordenação exacta com acontecimentos políticos e outros ou a orientação sobre um encontro ou uma presença simultânea com outras expedições. Este trabalho em particular revelou-se extraordinariamente difícil e moroso, pelo que nos pareceu oportuno apresentar aqui o seu resultado como informação de fundo, a fim de facilitar pesquisas futuras.

Paralelamente às indicações sobre o curriculum vitae, aos dados principais e ao decurso da(s) viagem(s) em Angola, aos seus objectivos e publicações, incluindo indicações sobre colecções etnográficas e documentação visual, deu-se uma atenção especial à imagem que os exploradores alemães tinham dos africanos, bem como à forma e ao contexto em que foram produzidas as publicações posteriores sobre estes encontros. Como se pretendia também pôr a descoberto os factores emocionais envolvidos e evocar algo da atmosfera em que as expedições eram realizadas, incluiu-se um número relativamente grande de citações originais, tanto na introdução como nas biografias. As citações servem também para elucidar a caracterização das personagens centrais. As

biografias resumidas são, além disso, complementadas por trechos extraídos das obras dos respectivos exploradores que deverão incitar os estudiosos à utilização destas fontes. Encontram-se entre eles alguns dos relatos etnográficos mais importantes destes autores. Outras passagens põem em evidência a sua formação teórica, as suas convicções fundamentais sobre a História da evolução da humanidade e as suas ideias sobre os africanos ou exemplificam os seus processos de representação. Para além dos aspectos biográficos, este livro centra-se principalmente, em especial na introdução, nas condições e na história da elaboração das nossas fontes, nas circunstâncias específicas da produção do nosso conhecimento.

Nem todos estes exploradores têm o mesmo peso. Um deles, Augspurger, interessa sobretudo, devido à data antiga do seu relato. O prestígio científico de outros, como o dos irmãos Jaspert, é bastante duvidoso. Para outros, como Baum e Jessen, a documentação etnográfica tinha um valor meramente marginal. A maior parte dos apontamentos de Wilhelm perdeu-se. Por outro lado, não se pode escrever com boa consciência sobre a costa do Loango, sem consultar o relato de viagem de Brun e os resultados das pesquisas etnográficas e outras de Pechuël-Loesche. Qualquer afirmação sobre o Nordeste de Angola no último quarto de século XIX perde valor, se não se utilizarem as obras de Pogge, Lux, Buchner e Schütt como fontes. Qualquer estudo sobre os Kisama sem Mattenklodt ou sobre os Cokwe sem a grande monografia de Baumann seria, na melhor das hipóteses, um trabalho incompleto e, na pior, uma falsificação atendendo às possibilidades disponíveis. Igualmente inaceitável seria, contudo, um trabalho sobre o Nordeste angolano no último quarto do século XIX baseado exclusivamente nas fontes alemãs, sem ter em conta as descrições de viagem de Capello e Ivens e sem a obra monumental de Henrique Dias de Carvalho. A maior parte dos exploradores de expressão alemã aqui apresentados, mais precisamente 21 dos 33, viajaram pelo Sul da África ocidental no século XIX. Por isso, é também neles que se centra a introdução.

As indicações bibliográficas limitam-se, salvo raras exceções, à referência no texto imediatamente a seguir à citação, a uma bibliografia seleccionada geral para a introdução e a bibliografias específicas para cada um dos exploradores de África. Nas referências às biografias e aos textos originais na introdução indica-se apenas o nome do explorador respectivo, sem quaisquer outras especificações. Uma indicação mais detalhada teria sobrecarregado a obra e aumentado consideravelmente o seu volume, pelo que me pareceu dispensável, uma vez que um trabalho deste género só é possível através do recurso constante às fontes e do questionamento ininterrupto das pesquisas específicas e de relatos de todo o tipo. O processo aqui adoptado é o de Lothar Gall na sua biografia de Bismark.

Originalmente, o livro deveria intitular-se “Aproximações Etnográficas”. Mas, à medida que ia mergulhando nos relatos dos exploradores, apercebi-me de que não se tratava apenas de uma “aproximação”, uma vez que este conceito

implica precaução, uma grande abertura e paciência. E a verdade é que as explorações, sobretudo no século XIX, ocorriam, na maioria dos casos, num clima de violência. Isto não significa que as informações fossem arrancadas aos africanos ou obtidas por meio de ameaça de violência. Isso não. Mas os modelos conceptuais em que se baseavam estavam mais amplamente pré-estabelecidos do que geralmente se pensava. As próprias viagens apresentavam vários aspectos violentos que são referidos na introdução. Por isso preferi o subtítulo “Apropriações Etnográficas” que, a meu ver, caracteriza melhor, na maioria dos casos, a formação destes conhecimentos. Para acentuar ainda mais esta relação, acrescentou-se ao subtítulo da edição portuguesa o complemento “entre comércio de escravos, colonialismo e ciência”.

As reproduções de algumas esculturas das colecções etnográficas trazidas, que hoje admiramos como obras-primas da arte africana, constituem um contraste visual impressionante em relação aos julgamentos frequentemente desdenhosos dos seus colecionadores sobre “essa tralha feiticeira”.

Ao longo da elaboração deste livro, recebi o apoio de entidades diversas. Gostaria de agradecer muito particularmente ao Prof. Dr. Adam Jones que me chamou a atenção para a obra de Johann Paul Augspurger e me pôs à disposição uma primeira cópia das páginas referentes a Angola desta obra de acesso tão difícil. Ao Prof. Dr. Jan Vansina devo indicações fundamentais sobre o significado desse texto. Nos arquivos e museus encontrei sempre um apoio atencioso, o que facilitou muito o meu trabalho. A este respeito, devo agradecer especialmente à Dr. phil. Ingrid Hönsch (Institut für Länderkunde, Lísia), ao Dr. phil. Hans-Joachim Koloß e à Dr. phil. Christine Stelzig (Ethnologisches Museum, Berlim), à Dr. phil. Maria Kecskesi (Museum für Völkerkunde, Munique), à Dr. phil. Sigrid von Moisy (Secção de Manuscritos da Bayerischen Staatsbibliothek, Munique), a Barbara Plankensteiner (Museum für Völkerkunde, Viena), ao Dr. phil. Klaus Schneider (Rautenstrauch-Joest-Museum, Colónia), à Dr. phil. Christine Seige (Museum für Völkerkunde, Lísia) e a Christel Wichers (Institut für Geographie, Hamburgo). O apoio especializado da “Deutsche Forschungsgemeinschaft” (Associação Alemã de Investigação) possibilitou a difícil transcrição dos diários de viagem de Eduard Pechuël-Loesche sobre a sua estadia na costa do Loango, por Donata von Lindeiner, importante sobretudo para a introdução. Astrid Reinberger copiou a maior parte dos textos originais aqui publicados, Ursula Paul ajudou na revisão e Gabriele Hampel desenhou os mapas. A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Para esta edição portuguesa, o texto foi novamente revisto com todo o cuidado. As principais correcções dizem respeito a Hugo Baum e Georg Tams, cujos nomes surgiam abreviados nas publicações consultadas, problema que foi mal resolvido por mim na primeira edição alemã. Aos capítulos sobre Hugo Baum, Hermann Baumann, os irmãos Jaspert, Alexander von Mechow, Eduard Pechuël-Loesche e Otto Schütt foram acrescentados alguns pormenores de carácter biográfico. A bibliografia complementar referente a outras obras em

língua alemã sobre a História e a Etnologia de Angola não foi incluída nesta edição.

A tradução portuguesa foi partilhada, com grande empenho, entre Rita Coelho-Brandes (introdução e biografias) e Marina Santos (textos extraídos das obras dos exploradores e revisão geral). A tradução dos textos originais é tão fiel quanto possível aos textos de partida. As expressões ou frases salientadas no original são reproduzidas na tradução em itálico. As designações locais (excepto os títulos mais correntes, como p. ex. Mwant Yav, Mwene, Mwata) são apresentadas nestes textos em letra minúscula, de acordo com o costume português, enquanto que na edição alemã surgem em letra maiúscula. A ortografia de todos os termos específicos de cariz geográfico ou étnico e dos termos e nomes próprios africanos que surgem nos textos originais é igual à da edição alemã, a fim de conservar o carácter das fontes que, neste aspecto, pode ser altamente relevante. Quando necessário ou proveitoso, acrescentou-se o termo ou a ortografia moderna (isto é o termo luso-angolano, ambaquista ou da língua africana em questão, quando a conhecia) entre parêntesis rectos. No meu texto, em conformidade com as práticas usuais em trabalhos científicos, as designações étnicas são sempre utilizados no singular e sem prefixo (excepções: Ovimbundu e Akaawand) e sem o plural português -s. O antigo reino do Kongo aparece escrito com “K”, para que se distinga do mais recente estado colonial ou pós-colonial com mesmo nome, quando não está integrado em qualquer citação, caso em que a ortografia original se mantém. Os textos de Georg Tams foram extraídos da edição portuguesa do seu livro de 1850, tendo-se conservado a ortografia antiga.

A colaboração muito intensa com as duas tradutoras não foi apenas amigável e produtiva, mas também altamente estimulante para o aperfeiçoamento das minhas ideias. Aprendi muito com este trabalho. Ana Paula Tavares sacrificou muito do seu precioso tempo para pesquisas próprias, a fim de rever pelo menos a introdução e as biografias, no que respeita a termos específicos angolanos. A todas elas e também àqueles não referidos aqui que se empenharam na realização desta versão portuguesa do meu livro, um agradecimento muito especial.

Dedico este livro à historiadora angolana Maria da Conceição Neto. Devo-lhe imenso, a ela e à nossa amiga comum Lotte Pflüger em Lisboa. Esta já traduzira muitos dos meus trabalhos etnológicos e históricos do alemão para o português, muito antes de eu ter tido a possibilidade de estabelecer contactos científicos oficiais com Angola. Foi através dela que a “São”, como é conhecida em todo o lado, soube da minha existência e foi em sua casa que um dia mais tarde nos conhecemos. O meu livro publicado em 1988 em Frankfurt sobre os desenhos dos Lwimbi ou Ngangela, trazidos de Angola por Hermann Baumann (provavelmente só em 1954), que Lotte Pflüger também traduziu, tinha-lhe agradado especialmente. A historiadora pôs de lado todos os outros trabalhos, reviu a tradução e arranjou o apoio financeiro e outros para a sua publicação. A

edição portuguesa do meu livro surgiu efectivamente em 1994 em Luanda com o título *Lwimbi. Desenhos etnográficos dos Lwimbi/Ngangela do Centro de Angola* (Ler & Escrever, edição patrocinada pelo Instituto Nacional do Livro e do Disco). Não se tratava apenas do meu primeiro livro publicado em Angola, mas do meu primeiro livro em língua portuguesa. Desde então, liga-nos uma amizade que ultrapassa o âmbito científico e tive também oportunidade de admirar os seus trabalhos de investigação e o seu grande empenho em prol de um debate científico conduzido de forma rigorosa, aberta e objectiva. Como ela sempre apoiou as minhas diligências para a publicação de fontes e como nos conhecemos melhor justamente por causa dos viajantes alemães, a edição portuguesa deste livro parece-me o local adequado para lhe exprimir publicamente a minha gratidão.

INTRODUÇÃO
PER ASPERA AD ASTRA

1. LEIGOS AUDAZES

Apenas três dos exploradores aqui apresentados foram para África como etnólogos diplomados: Adolf Bastian, na sua segunda viagem, Alfred Schachtzabel e Hermann Baumann. Mas só em relação a Baumann, se pode falar de um trabalho de campo etnológico no sentido actual da palavra, embora a sua viagem tivesse tido como objectivo principal a aquisição de uma colecção etnográfica. A descrição abrangente de uma sociedade e cultura africanas, embora importante e desejada, foi apenas um complemento. Também a segunda viagem de Bastian, que este realizou já como etnólogo doutorado, teve essencialmente outros objectivos, nomeadamente o de fazer uma pesquisa global preparatória para a expedição ao Loango que viria a realizar-se pouco tempo depois.¹ A primeira viagem a Angola daquele que foi considerado o pai da etnologia alemã fora aliás realizada como médico de bordo. O etnólogo Schachtzabel, que posteriormente nunca mais se evidenciou em termos científicos, apesar de ter chegado a chefe de departamento do Museu de Etnologia de Berlim, estava, no que se refere ao seu estilo de viajar e às suas explorações etnográficas, mais próximo das “expedições” do século XIX do que do trabalho de campo moderno. Eduard Pechuël-Loesche, que publicou uma vasta monografia etnográfica sobre a costa do Loango, era em princípio geógrafo e zoólogo, e estas eram as disciplinas que constituíam o seu interesse principal. Tanto ele como os restantes eram leigos no que diz respeito à etnologia.

Isto não se deve apenas ao facto da Etnologia, como disciplina independente, só se ter estabelecido muito tarde nas universidades. No geral, é notório o reduzido interesse que estes viajantes revelaram pelas pessoas africanas que encontravam. Isto surpreende tanto mais, quanto se sabe que a maioria deles se preocupava com a história da humanidade ou pelo menos fôra para África com determinadas concepções gerais sobre a mesma (ver cap. 3). Algumas das razões, que contribuíram para intensificar a distância já existente em relação aos africanos, serão tratadas nos próximos capítulos.

Entre os viajantes, encontravam-se muitos médicos (Bastian, Brun, Buchner, Falkenstein, Tams, Wolf e Wolff). À semelhança de Falkenstein, que estudara Zoologia, alguns dos viajantes pela África eram naturalistas falhados que talvez vissem na sua dedicação àquele continente uma oportunidade de fazer carreira na área das Ciências Naturais. Sem fortuna pessoal, a formação como médico militar, paga pelo Estado (Falkenstein, Wolf) era a única possibilidade de desenvolver interesses científicos (ver Essner 1985: cap. III.6.3.1). Além disso,

¹ Ao contrário de Spittler (1987) não faço aqui qualquer distinção entre comitiva e expedição. Visto que as viagens alemãs na África central no século XIX (e mais tarde também as de Leo Frobenius) foram sempre e explicitamente designadas como expedições, considero uma diferenciação neste contexto artificial e pouco conveniente.

abria ao médico empreendedor e sedento de saber, mas sem meios próprios, as portas do grande mundo: Bastian, Brun, Buchner, Tams e Wolf foram para Angola como médicos de bordo e, antes disso, alguns deles já tinham conhecido muitos países estrangeiros nesta função.

Apesar de serem muito diferentes, grande parte deles tinha em comum uma curiosidade audaz por terras longínquas. Pechuël-Loesche já tinha viajado, como jovem marinheiro da marinha mercante, por grande parte do mundo e até mesmo acompanhado baleeiros ao Oceano Glacial Ártico. Nesse tempo, estas viagens não eram propriamente viagens de recreio, como mostra o naufrágio de Paul Güssfeldt ao largo da costa africana ocidental e a frequente perda de colecções no mar. Eduard Mohr tinha feito durante muitos anos viagens de negócios à volta do globo, Alexander von Homeyer, viagens de reconhecimento nas Baleares e no Mar Mediterrâneo ocidental, Eduard Schulze em vários países europeus e Otto Schütt tinha estado algum tempo na Turquia. Wilhelm Mattenklodt decidiu emigrar, quando tinha apenas 21 anos e foi também com esta idade que Joachim Wilhelm viajou para o Sudoeste Africano, para ser agricultor. Dos outros, apenas Samuel Brun era tão jovem quando pisou pela primeira vez a terra africana. Os restantes só foram para Angola com vinte e muitos ou mesmo com trinta e tal anos. Mas alguns já tinham, nesta altura, viajado muito, como já se referiu. Quase todos eram ainda solteiros. Em todo o caso, estavam cheios de iniciativa e ambição. Era o seu período “Sturm- und Drang”, antes de se submeterem às grilhetas de uma existência burguesa, após o seu regresso. Alguns, como Soyaux, Mattenklodt e Wilhelm, abandonaram a sua terra natal para sempre.

A par dos médicos, os militares formavam um segundo grande grupo de viajantes, aos quais pertenciam – ao lado de von Görschen, von Hattorf, Kund e Tappenbeck, que não são tratados aqui – Johann Paul Augspurger, Alexander von Homeyer, Anton Lux, Alexander von Mechow, Eduard Schulze e Hermann von Wissmann. Alexander von Mechow fora mandado para a costa do Loango, expressamente para treinar e disciplinar os carregadores. Acreditava-se que os militares tinham uma maior capacidade para organizar uma comitiva grande, para a manter unida e para conseguir resolver os múltiplos problemas práticos, que surgissem pelo caminho. Além disso tinham conhecimentos topográficos e de técnicas básicas da Geografia e pareciam, por isso, muito bem preparados para desempenhar as tarefas cartográficas mais importantes. Tratando-se de pessoas cujos critérios consistiam principalmente na imposição da autoridade através da ordem e da obediência, poderíamos partir do princípio que teriam problemas de comunicação com a população africana. No entanto, isto só se verifica raramente e principalmente no que diz respeito aos militares alemães, como von Mechow, Lux, von Homeyer e se calhar também Schulze, enquanto, por exemplo, militares portugueses, como Capello, Ivens e Dias de Carvalho, transmitem uma imagem diferente, a avaliar pelos seus resultados etnográficos.

Se, dos militares, se esperava que tivessem conhecimentos topográficos e se eram mandados para o ultramar após uma curta formação suplementar, havia também outros viajantes com uma formação académica na área das Ciências Naturais. As seguintes disciplinas estavam representadas: Geografia (Chavanne, Jessen, Pechuël-Loesche), Geologia (von Barth-Harmating, Jessen), Meteorologia (Jessen), Mineralogia (Büttner), Zoologia (von Homeyer, Pechuël-Loesche), Botânica (Baum, Büttner, Soyaux). O médico Buchner também se ocupou de Geologia, o matemático Güssfeldt deveria, como militar, desempenhar também trabalhos geográficos, o médico Wolff deveria também desempenhar as funções de zoólogo. Aos médicos Falkenstein, Wolf e Wolff, por terem conhecimentos de anatomia e medicina, couberam também as tarefas ligadas à Antropologia Física.

O papel dominante das Ciências Naturais e, com ele, das concepções “positivistas” é notório. No entanto, há que ter em conta que no século XIX as disciplinas eram mais abrangentes e os seus limites bastante mais amplos do que hoje, que por exemplo a Geografia também abrangia o estudo dos seres humanos, como mostra o trabalho de Oscar Peschel, professor de Pechuël-Loesche, ao qual devemos um manual de Etnologia. Contudo a preponderância das Ciências Naturais e os métodos centrados na medição e na colecção, característicos deste tipo de exploração africana eram muito acentuados, o que geralmente fazia com que o interesse pelos seres humanos, à excepção do seu físico, passasse claramente para segundo plano.

Muitos viajantes eram atraídos principal ou adicionalmente pela caça a animais selvagens em África. Foi principalmente a perspectiva da caça aos búfalos e hipopótamos que levou Paul Pogge a juntar-se, por sua conta, à expedição ao Cassange, depois de já ter participado anteriormente em caçadas africanas na região do Cabo. Quando lhe foi proibida a continuação da viagem para Norte pelo soberano dos Lunda, ele conseguiu, graças à sua teimosia, obter autorização para uma pequena caçada. Wolff candidatou-se junto da “Afrikanische Gesellschaft” (Sociedade Africana), entre outras, porque a ideia de organizar “uma batida aos leopardos e elefantes em vez de lebres” o atraía (1889a: 12). Até mesmo o académico Pechuël-Loesche apreciava uma boa caçada, principalmente, aos hipopótamos, pelo que calhou mesmo bem que um dos objectivos da expedição ao Loango fosse o de documentar a fauna da forma mais pormenorizada possível. Assim, ajudou incansavelmente o seu colega Falkenstein na caça e embalsamamento dos animais, como registou repetidamente no seu diário, por exemplo:

“Caça ao hipopótamo: nas zonas em que o rio é largo e de pouca profundidade vemos as cabeças de 3 hipopótamos; pouco depois emergem mais; quando nos aproximamos 9 bichos fazem-nos frente. Apenas vislumbramos uma pequena parte dos seus crânios gigantes sobre a água. Na realidade, só vemos: narinas, olhos, orelhas curtas. Quase cor de carne. Deslizamos cuidadosamente até eles. Sopram, fungam, grunhem. Parecem

mesmo perigosos. Mergulham, voltam a emergir mais perto de nós, fazem-nos frente. Uma cabeça surge subitamente a 4 passos de onde estamos; ‘pum’ uma bala de F[alkenstein] esmaga-lhe o crânio. [Há] agitação na água, todos desaparecem. Cuidado para eles não atacarem e virarem as canoas. Seríamos uma ótima refeição para os crocodilos. Apesar de nos terem dito que eles atacam sempre e de nós estarmos à espera deles, eles não vêm. De repente uma cabeça monstruosa emerge da água a 50 passos de nós, e que cabeçorra! ‘Zás’ a minha bala atinge-a (calibre 12, chumbo duro). Cai sobre si na água, mergulha, desaparece. Nenhum ataque. Isto é tão perigoso, tão emocionante como a caça à baleia. Dois hipopótamos gravemente feridos, talvez já mortos, mas agora não se conseguem apanhar na água funda. Os hipopótamos dispersam-se, não voltam. Muitos patos por ali, mato um, F[alkenstein] também. Regresso contente.” (Diário 7, 28.7.1875).

Alguns dias depois, Pechuël-Loesche confia ao seu diário: “Apetece-me dar pulos de alegria. Mesmo que os negros nos roubem alguns hipopótamos mortos, nós mataremos ainda muitos e levaremos para casa uma coleção digna de orgulho” (*ibid.*, 6.8.1875). Eduard Mohr, Hermann von Wissmann e Joachim Wilhelm eram também caçadores aficionados. Mattenklodt ganhava a vida com a caça de animais selvagens no Sudoeste Africano e em Angola.

Até ao começo do século XX, o desafio que uma expedição a África representava, principalmente, do ponto de vista físico, excluía desde logo naturezas mais sensíveis e ponderadas ou deixava-as fracassar. Regra geral, eram principalmente pessoas práticas e espíritos simples, que se metiam nesta aventura e que rapidamente baseavam os seus julgamentos em preconceitos adquiridos no seu país, obtendo a confirmação aparente destes através de impressões superficiais em África. Eram menos receptivos a contactos humanos do que com a natureza, dos quais alguns como, por exemplo, Max Buchner fizeram descrições penetrantes:

“Na altura do pôr-do-sol, a paisagem imediata cobre-se de novo com uma atmosfera terrivelmente pesada. Do lado de lá do pântano, a usual linha escura da floresta, por cima dela o preto azulado de uma trovoadas, sobre o qual pairava, em nuvens brancas, o fumo do nosso acampamento. Do lado de cá, a bonita aldeia com as suas palhotas em tons de amarelo dourado e de castanho avermelhado, rodeada por mata densa com árvores altas, cujo verde intenso mostrava as mais variadas tonalidades, tudo isto junto dava um quadro magnífico, tão rico em cores sumptuosas e imponentes, que, ao seu lado, uma paisagem europeia semelhante teria, provavelmente, um aspecto bastante pobre e sóbrio. Nos céus, a uma altitude quase inalcançável à vista, voavam centenas de pássaros grandes, que lembravam, de forma enganadora, as nossas cegonhas. A minha gente chamava-lhes ‘*schihumbi*’, eram marabus. Do fundo do pântano com os seus inúmeros charcos, elevavam-se até eles concertos de rãs a mil vozes.” (1883d: 3794)

Ao mesmo tempo, as paisagens interiores trazidas de casa constituíam o pano de fundo, sobre o qual a paisagem africana era observada e formulada para o leitor: “Areia branca cobre a estepe, na qual crescem muitas baixas parecidas com os nossos arandos, sob algumas árvores pequenas e arbustos dispersos. Os pântanos vastos e melancólicos com os quais, agora na época das chuvas, o céu escuro e nublado frequentemente se harmonizava, são depressões na estepe, pouco profundas, cobertas de erva, frequentemente escalvadas e com algumas ilhas de floresta, muitas vezes cobertas com correntezas de árvores em forma de serpentina, indicando o percurso do eixo desta formação depressiva, um ribeiro. Raramente se desenvolvem verdadeiras galerias de floresta rectilíneas e em forma de muro, e apenas quando a depressão já se tornou mais profunda. Em consequência de uma orientação mais fácil, que o horizonte livre oferece, os caminhos deixam agora de oscilar incertos em ziguezague para cá e para lá e tomam uma direcção mais determinada.” (Buchner 1883d: 3779).

Pechuël-Loesche, que pintou aguarelas da natureza com dedicação, conseguia mesmo tornar-se enfático: “Estar assim sozinho, no meio da selva densa, é magnífico, mesmo próprio para mim. A espingarda, carregada, está pousada ao meu lado, temos que estar alerta desde que Lindner foi alvejado. Que bonito para um aventureiro, se uma cobra poderosa, um leopardo, búfalo ou leão ou até mesmo um gorila tivesse aparecido! Mas não aconteceu nada, infelizmente não vêm ter comigo; – nada perturbou a maravilhosa solidão da floresta. Estranho: um pintor na selva! Regresso ao pôr-do-sol por entre o capim alto dos montes; um fim de tarde impressionante, tão calmo, tão pacífico, tão parecido com os da nossa terra. Acolá os nossos bois regressavam a casa; os últimos raios de sol caindo sobre a floresta com a sua sumptuosa variedade de plantas, sobre o pântano de mangues e sobre a lagoa, sobre os montes, terra a dentro; paisagens maravilhosas, riqueza de cores, tranquilidade, apenas o cantar dos grilos, o zumbir das cigarras – não faltava nada a não ser o som dos sinos das aldeias alemãs ao entardecer. Quem é que teria esperado ter estas impressões em África!” (Diário 5, 27.4.1875). É bom termos na memória estas citações bastante características, quando forem reproduzidas observações sobre as gentes africanas em capítulos posteriores.

Já Samuel Brun tinha partido para descobrir “países e reinos novos e estranhos” (1624: 1). Mais tarde, no século XIX, foram principalmente as travessias de África por David Livingstone e Henry Morton Stanley, que na Europa tiveram um eco “publicitário” enorme, a constituir um grande incentivo e a atrair as pessoas para África, apelando à imitação. Estes exemplos foram durante muito tempo responsáveis pelo critério com que se media o sucesso dos exploradores em África: ter penetrado o mais profundamente possível na África “tenebrosa e obscura” ainda inexplorada e ao mesmo tempo ter percorrido um grande número de quilómetros – o “percorrer de quilómetros” apregoado por Richard Büttner. A opinião pública, que foi adoptando esta perspectiva, teve consequências graves para a pesquisa em África, pois não era apenas a fama

individual e o reconhecimento científico que estavam em causa: o financiamento destas viagens dependia quase exclusivamente de doações privadas e públicas, que por sua vez se orientavam pelo cumprimento destes critérios. Criou-se assim uma necessidade de sucesso incrível, que sobrecarregava os exploradores e que terá sido também responsável pela afirmação falsa de Schütt, de que tinha de facto alcançado o seu objectivo, a residência do Mai Munene. Visto que estes empreendimentos se tornaram cada vez mais numa causa nacional e a competição com outras nações desempenhava um papel cada vez mais importante, as expectativas da pátria eram um enorme peso e uma tentação. Logo aquando da fundação da “Afrikanische Gesellschaft” era visto como o “dever mais urgente” não deixar “na nossa casa na Terra nenhuma distâncias por percorrer ou seja desconhecidas” (Die Thätigkeit..., 1873: 172). E desde que a Alemanha ocupou novamente o lugar, que “lhe é legítimo no Conselho das Nações”, a sua participação também foi exigida, “como a sua posição política desde o ano 1870 requer.” (*ibid.*: 174)

De acordo com as ideias de Bastian também a expedição ao Loango deveria, por isso, pisar terreno “virgem”, “sobre o qual nenhum explorador científico tivesse posto pé”, de forma a iluminar “a noite densa na maior parte deste continente” (Bastian 1874, I: 350) e procurar as pessoas “num estado intacto do seu desenvolvimento natural” (1859: 175). Também Buchner estava ansioso por deixar, finalmente “o velho trilho, pisado por quatro antecessores e seguir um novo, virgem” (1883d: 3762). Schütt queria, com os seus registos cartográficos, ajudar a preencher “o vazio, a mancha branca nos mapas de África existentes até agora” (1881b: V), e Güssfeldt ficou muito orgulhoso quando, depois de passar o Kouilou [*sic*, não é o Kwilo/Cuilo angolano] pisou finalmente uma terra, que até então nunca tinha sido vista por um europeu (1876c: 258). A maior alegria (e fama) teria sido atingir a costa oriental, partindo do Loango. Também Pechuël-Loesche estava disposto a desafiar todos os perigos possíveis desde que daí resultasse algo grandiosamente novo:

“Até que enfim podemos pensar em realizar o nosso grande viagem de canoa, através das cataratas e desfiladeiros do Quillu, rio acima; como estou contente só com a perspectiva! Isto é algo novo, algo que marcará uma época, um empreendimento ao que parece bastante arriscado. E conseguirei informações geológicas; mas que horizontes tão amplos!” (Diário 7, 12.9.1875). “Disparar por esse rápido abaixo, remo na mão, olhar seguro, braço forte, – isso seria uma alegria para mim! Perigo? Onde começa este conceito? O medroso, o inexperiente, o fraco vê perigo em todo o lado, enquanto o forte e confiante nem pensa nisso. [...] Os Negros não conhecem nada desta região, nunca vem cá ninguém” (Diário 7, 16.9.1875). “Se os obstáculos contra nós se amontoam e se as dificuldades aumentam, também crescem as capacidades para as ultrapassar [...] Apenas eu estou fresco e saudável, não há nada que entre comigo. Tomei banho diariamente, trabalhei que nem um urso nos rápidos, martelei pedras como um entalhador, à chuva e à torreira do sol, dormi em terra dura, em

mantas húmidas, muitas vezes molhadas – e aqui estou eu, forte, saudável, feliz, fresco, com uma fome de lobo! O que eu consigo comer! Como estou contente! Mesmo confiante e esperançoso! Assim posso fornecer alguns bonitos artigos, posso mostrar como é que entendo a tarefa do viajante.” (Diário 7, 21.9.1875)

Tudo tinha que acontecer “pela primeira vez”, razão pela qual Wissmann também dava valor ao facto de ter percorrido o continente “entre as duas travessias conhecidas, a de Stanley e a de Cameron, pela primeira vez, de ocidente para oriente”. “Assim estava desmentida a opinião, que se tinha formado nos últimos dez anos, segundo a qual não era possível penetrar muito no interior a partir do Ocidente.” (1892: 300). E Wolff foi aconselhado por aqueles para quem trabalhava a tomar o caminho directo da costa para a residência do chefe Muquengue, que também era o mais curto, pois “só assim conseguimos descobrir alguma coisa antes Wissmann! Sim, nós descobridores também temos o nosso orgulho e não gostamos de descobrir nada em segundo lugar” (1889a: 12). Até mesmo Willem Jaspert ainda apresentou os velhos conhecidos Cokwe como uma nova descoberta. Mas será que houve uma grande mudança desde então até agora?

Ao lado das tarefas científicas estavam em jogo grandes ambições e uma boa dose de espírito de aventura. Pois, principalmente no século XIX, descrições de “descobrimientos” no “continente obscuro” garantiam o interesse de um grande público, abriam as portas para uma ascensão na carreira (ver Essner 1985, cap. III) e eram tema de discussão. Mas também era excitante explorar os limites da própria capacidade. Por isso não surpreende, que no meio destes viajantes também se encontrassem dois alpinistas ousados, Hermann von Barth-Harmating e Paul Güssfeldt, que se tornaram ambos pioneiros nesta área e que alcançaram cá aquilo que em África lhes foi impossível.

2. INTERDISCIPLINARIDADE FRACASSADA

Contrariamente à ideia amplamente difundida de que África teria sido explorada principalmente por audazes viajantes individuais, já no século XIX havia iniciativas para a investigação interdisciplinar. Com efeito, os viajantes de outrora, quer tivessem formação académica ou não, ainda eram investigadores “polivalentes”, embora, já se tivesse a consciência de que para uma documentação sistemática e um aprofundamento do conhecimento se precisava de especialistas, ou pelo menos de pessoas, às quais eram entregues tarefas específicas numa determinada área. Na Alemanha foram a “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas” (Sociedade Alemã para a Investigação da África Equatorial), nome abreviado para “Afrikanische Gesellschaft” (Sociedade Africana), fundada em 1873 por iniciativa de Adolf Bastian, e as suas sucessoras,¹ que deram um seguimento consistente a esta concepção. As suas três tentativas, designadamente a expedição ao Loango sob o comando de Paul Güssfeldt, a expedição de Cassange sob o comando de Alexander von Homeyer e a expedição para a exploração do sul da bacia do Congo sob o comando de Eduard Schulze fracassaram todas, no que respeita aos seus objectivos primordiais.

Da expedição ao Loango fizeram parte temporariamente oito pessoas. Excluindo os militares, um mecânico e um médico que tinha a seu cargo os cuidados de saúde, as tarefas das diferentes áreas foram distribuídas por essas pessoas da seguinte forma: Geografia (Güssfeldt, Pechuël-Loesche), Zoologia (Falkenstein, Pechuël-Loesche), Botânica (Soyaux), Antropologia Física (Falkenstein) e Fotografia (Falkenstein). Dois dos investigadores tinham também a seu cargo diversos trabalhos no âmbito da meteorologia, como as determinações astronómicas (Güssfeldt) e a morosa leitura dos instrumentos na estação (Pechuël-Loesche). Como não foram conservados registos das instruções desta expedição, é possível que Pechuël-Loesche, que se lhe juntou mais tarde, tenha sido também encarregado de tarefas etnográficas. Da mesma forma, é possível e, na minha opinião, até mais provável, que ele as tenha começado a fazer por iniciativa própria, juntamente com estudos linguísticos intensos. O trabalho etnográfico referido está ausente nos outros dois empreendimentos, embora “de algum modo” estivesse implícito neles, o que aponta para a marginalidade ainda existente da Etnografia. Acreditava-se que qualquer um era capaz de descrever culturas estrangeiras.

A expedição ao Cassange englobava originalmente um ornitólogo (von Homeyer), que deveria fazer trabalhos pormenorizados na área da Zoologia, o botânico retirado do Loango (Soyaux), um fotógrafo e o militar encarregado de

1 Para mais informações sobre estas instituições ver Essner 1985: capítulo I.3, assim como o periódico *Correspondenzblatt* da “Afrikanische Gesellschaft” e as *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland*.

tarefas respeitantes à Geografia e às Ciências Naturais (Lux), do qual se esperavam principalmente bons resultados cartográficos. Um jurista diplomado e proprietário de terras (Pogge) juntou-se à expedição apenas pelo prazer de caçar e por sua conta. Este acabou mais tarde por ser o único que lá ficou e conseguiu avançar até ao reino dos Lunda.

Para a expedição ao Sul do Congo foram contratados, com excepção dos militares (Schulze, Kund, Tappenbeck), que, como de costume, acumulavam provavelmente a chefia com tarefas geográficas, um especialista em Ciências Naturais e Química, que deveria recolher espécimes botânicos e zoológicos (Büttner), e um médico, incumbido das actividades nas áreas da Zoologia e da Antropologia Física (Wolff).

Um eco deste conceito está ainda patente na segunda expedição de Wissmann, equipada pelo rei belga, que foi acompanhada por Ludwig Wolf como médico e antropólogo, Franz Müller como meteorologista e fotógrafo e Hans Müller como zoólogo e botânico, enquanto ao militar Curt von François couberam as actividades geográficas habituais. Este empreendimento, não pode, no entanto, ser directamente comparado com os anteriores, já que os seus objectivos primários eram tudo menos científicos (ver capítulo Wissmann).

Os belos planos depressa soçobraram. Schulze faleceu em Mbanza Congo, o que deixou o seu empreendimento sem chefia, von Homeyer, o chefe da expedição ao Cassange, teve que regressar, por motivos de saúde, antes do começo da viagem. Pouco depois também Soyaux e Lux foram obrigados a desistir. Antes disso, já o fotógrafo tinha decidido regressar, por razões desconhecidas, de forma que, por fim, a expedição se resumia ao seu membro voluntário, Pogge. A expedição de Wissmann também sofreu uma grande perda com a morte de um dos seus membros, Franz Müller.

Após a morte do seu chefe, a expedição ao Sul do Congo teve problemas, principalmente com os carregadores, que impediam qualquer avanço em direcção ao interior do território. Kund e Tappenbeck ficaram logo na margem do rio Congo, enquanto Wolff e Büttner tentavam a sorte cada um por si. Os atritos e rivalidades pessoais, a partilha dos poucos instrumentos e a sobrecarga de cada um, a que agora se adicionavam as tarefas de organização, dificultaram a realização dos planos ambiciosos. Mesmo assim, Pogge conseguiu chegar até ao soberano dos Lunda, o Mwant Yav, e Wolff e Büttner alcançaram, um depois do outro, a residência do chefe dos Yaka, Mwene Mputu Casongo.

A expedição do Loango teve que debater-se com problemas semelhantes. No entanto, como se tratava do mais ambicioso empreendimento pioneiro alemão, o seu fracasso foi encarado como especialmente humilhante. E, uma vez que o objectivo inicialmente proclamado fora o avanço pelo interior e, se possível, o alcance da costa oriental, a publicação posterior dos resultados científicos impressionantes e fundamentados não conseguiram compensar esta opinião geral. A etiqueta “fracasso” ficou-lhe colada. Inicialmente, esta expedição fora incumbida de erigir uma estação de investigação junto à costa, que deveria

servir como depósito e base de apoio para a expedição ao interior. Depois de dois dos seus membros terem sido obrigados a regressar à Europa por motivos de saúde e o botânico ter sido chamado para a nova expedição ao Cassange, a equipa principal ficou reduzida ao chefe, Paul Güssfeldt, ao médico Julius Falkenstein, ao mecânico Otto Lindner, ao zoólogo e geógrafo Eduard Pechuël-Loesche e ao militar Alexander von Mechow. O principal problema foi, também neste caso, a angariação de carregadores, um tema que iremos desenvolver mais pormenorizadamente em capítulos posteriores (ver sobretudo cap. 7). Tratava-se nitidamente de um problema sem solução. Mesmo a tentativa de contratar carregadores no Novo Redondo (Sumbe), bastante mais a sul, e de trazê-los de barco para o Loango foi um completo fiasco. Deprimido, Pechuël-Loesche, queixou-se: “eu, o homem que podia realizar muitas coisas, estou de mãos atadas; estou para aqui há 8 meses, ainda não tive oportunidade para sair da região de Chinchoxo [*i.e.* a estação de pesquisa]” (Diário 6, 25.4.1875). Esta paralisação teve consequências que levaram à dissolução da estação e ao final inglório de todo o empreendimento.

Naquele tempo, as expedições alemãs a Angola estavam mais ligadas aos seus patrocinadores metropolitanos, do que os exploradores de outros países europeus. Os membros das expedições alemãs, não só tinham de seguir à risca, como estes últimos, as instruções que lhes tinham sido dadas à partida, como também manter uma correspondência regular durante a sua estadia em África, prestar contas e se necessário seguir novas instruções. Só com resultados espectaculares as sociedades alemãs dedicadas à investigação da África conseguiam reunir os meios necessários. As grandes distâncias postais e o extravio de várias cartas dificultavam o entendimento.

Nesta área, verificaram-se problemas especiais na expedição ao Loango, uma vez que o presidente da “Afrikanische Gesellschaft”, Adolf Bastian, partira novamente em viagem e conseqüentemente, as decisões tinham que ser tomadas em conjunto pela Europa, a África e a América do Sul. Muitas vezes, essas decisões já estavam ultrapassadas, quando alcançavam os membros da expedição, dos quais se esperava, no entanto, uma “obediência incondicional” (Güssfeldt). A sua liberdade de decisão estava, por isso, bastante condicionada, tanto pela opinião dos financiadores, como pelas condições contratuais com a “Afrikanische Gesellschaft”. A isto acresciam os pedidos da direcção da sociedade, referentes, por exemplo, a chimpanzés vivos, gorilas, crocodilos, hipopótamos e elefantes, que suscitavam grande espanto. Para além disso, pareciam existir ideias muito claras sobre o que deveria ser realizado na costa do Loango: “Claro: em Berlim sabe-se tudo melhor, ter-se-ia feito tudo melhor. As coisas que Bastian colecionou e escreveu! Sim, mas ele empregou escravos e integrou no seu livro todo o tipo de observações sem fazer uma escolha crítica. É assim que se escrevem obras de dois volumes; não com elementos construtivos, mas antes com entulho sobre psicologia dos povos.” (Pechuël-Loesche, Diário 8, 6.2.1876). A maior ofensa ocorreu quando, de repente, lhes

foi cortado o crédito holandês, depois das expectativas de sucesso terem fracassado e de a sociedade ter investido dinheiro numa nova expedição (uma expedição paralela operou de 1874-1877 na região Ogowe situada a norte), sem qualquer aviso prévio, mas por ordem de Berlim (decisão que foi anulada após os protestos): “Toda a nossa reputação está assim arruinada, a expedição está completamente desacreditada! E nós para aqui estamos sem notícias de Berlim há dois meses. Somos nós os parvos? Ou os senhores em Berlim [que haviam dado esta ordem, que na altura ainda não era conhecida no Loango]? Isto vai ter consequências terríveis. Alguma outra casa [comercial] da costa confiará em nós? O que pensarão de nós? Não temos que nos envergonhar como caloteiros desmascarados, como meninos de escola repreendidos? E nós é que devemos representar a Alemanha aqui?” (Pechuël-Loesche, Diário 6, 14.6.1875)

Estas condições de investigação repercutiram-se necessariamente, quase desde o início e de forma crescente, nas relações humanas, intensificando diferenças já existentes, a nível da formação, do carácter, do temperamento, da constituição física e dos planos para o futuro. A perda do equipamento por duas vezes devido a naufrágios, assim como a malária, as bitacaias, uma epidemia de varíola, associados à inveja, animosidades, rivalidades, luta de competências e sobretudo a opiniões divergentes sobre o caminho certo a seguir agravaram a situação, como mostra o desabafo arrebatado de Pechuël-Loesche, não destinado à publicação e, por isso, mais espontâneo e autêntico:

“Desânimo geral; as consequências fazem sentir-se, vindas de todo o lado e da pior forma possível: no tratamento das pessoas [*i.e.* pelo chefe da expedição], na despreocupação relativamente às disposições, na falta de previsão. O nosso pessoal não só é muito atingido pela doença, compondo-se na maioria por figuras lastimosas que não servem para nada: como também voltou a fugir: anteontem cedo faltavam 7 homens, 1 mulher, hoje de manhã 2 homens; quantos é que irão faltar a seguir? Quando é que fugirá o último? Assim, todos os nossos planos foram por água abaixo, as nossas últimas pequenas esperanças reduzidas praticamente a nada; não é possível empreender algo de meritório neste ano. G[üssfeldt] fará possivelmente uma nova caminhada inútil com um grupinho insignificante. F[alkenstein] e eu vamos à região do Quillu e do Nhangá, para investigar e coleccionar, matar hipopótamos etc., se calhar apanhar alguns gorilas. O major [*i.e.* Alexander von Mechow] tem o melhor contrato de nós todos, é muito independente.” (Diário 5, 25.4.1875)

Mas este major von Mechow percebe “tanto de África como uma baleia [percebe] do órgão musical. Pretende instaurar uma disciplina de caserna entre os negros. – Hoje, como já muitas vezes, grandes discussões.” (Diário 6, 5.6.1875). E finalmente: “Infelizmente F[alkenstein] perdeu a vontade de coleccionar; deveríamos montar acampamento aqui. Mas já não lhe apetece continuar, e o meu trabalho está feito! Fiz um estudo profundo da parte geológica, medi o rio minuciosamente, tenho belos esboços, peças, amostras, colecções, – e também matei a maior parte dos animais para as colecções dele.

Eu estou satisfeito – embora gostasse de ajudar a reunir material durante mais algumas semanas, mas o colega F[alkenstein] desiste! Não tem feitio para ser pesquisador e colecionador, não agarra a sorte; a sua máxima é: Quanto mais tarde melhor! É uma máxima má! Embora cómoda! Todos os senhores da expedição pensam sempre: que já têm o suficiente, que já fizeram muito! Todo o esforço e rendimento da expedição ao longo de 3 anos revela-se inútil; desperdício, enormes custos desnecessários, viajantes pouco práticos e até agora pouco experientes. Uma pena, atendendo às grandes quantias gastas até agora. E como acabará? À alemã, mesmo à alemã! Um grande arranque! Muito barulho sobre tudo aquilo que deve ser realizado, tudo já apresentado de antemão como facto, teorias, entusiasmo do público financiador; depois um processo lento, cuidado acima de tudo, dispersões, pedanteria, falta de perspicácia e de sorte merecida. Finalmente o desmoronamento do todo; já ninguém paga; com os anos, o alemão gosta mais das suas patacas do que dos seus interesses, o entusiasmo dissipa-se, a mediocridade, a má vontade afirmam-se – acaba-se tudo muito silenciosamente. Parte-se numa quadriga gritando hurras e vivas e regressa-se a casa muito silenciosamente a puxar um burro com o que resta dos recursos. Isto é alemão! Foi sempre assim. Grande alarido: desenvolvimento inicial, tarefa nacional, etc. – qual quê! Cada um trabalha para si, ninguém para a causa em si: O que será que nos espera ainda?” (Diário 7, 20.9.1875).

Este depoimento não deve ser sobrevalorizado enquanto crítica aos colegas, visto que em momentos mais descontraídos também se encontram outros juízos completamente diferentes. Mas as citações demonstram bem o ambiente cada vez mais tenso face à impossibilidade crescente de mais uma vez mudar o rumo das coisas.

Se, naquela altura, o trabalho de campo na estação tivesse tido o prestígio actual e se os viajantes não se tivessem sentido forçados a explorar exclusivamente regiões “virgens” ainda não penetradas por brancos, então a expedição ao Loango teria podido adaptar-se mais flexivelmente às circunstâncias encontradas e quiçá encontrar a tempo o reconhecimento necessário. Mas assim, os pesquisadores foram simplesmente mandados para casa, um dia, para que não fosse desperdiçado mais dinheiro “inutilmente”. Com as suas pesquisas (que eles próprios não tinham ambicionado daquela forma), eles não se ajustavam ao seu tempo. Apesar do seu fracasso e apesar de todas as fraquezas aparentes, pessoais e estruturais do empreendimento, os resultados das explorações, por eles publicados, são, paralelamente à monografia de Hermann Baumann sobre os Cokwe, a obra etnográfica mais importante, que exploradores alemães escreveram sobre a zona de influência portuguesa no Sul da África Ocidental.

3. ORIENTAÇÕES TEÓRICAS DOS EXPLORADORES

Em nenhuma outra época, os textos etnográficos estiveram tão impregnados de questões fundamentais sobre a origem e desenvolvimento da humanidade como no último quartel do século XIX. Estimuladas pelas teses de Charles Darwin, autor de uma das maiores revoluções científicas, e confrontadas com o “outro” no continente africano, as ideias trazidas da Europa sobre origem e posicionamento das “raças” e a classificação das suas culturas eram alegadamente sujeitas a repetidos testes por parte dos exploradores de Angola e a um confronto constante com suas próprias experiências. A razão, pela qual isto fracassou em muitos casos, será referida nos próximos capítulos. Mas, não podemos ignorar, como facilmente acontece, que habitualmente estes investigadores de campo tinham acesso aos conhecimentos científicos e pseudo-científicos de então e aos intensos debates por eles provocados somente de forma indirecta e frequentemente em versão reduzida, repetidamente filtrada, através dos meios jornalísticos e de grande divulgação. Georg Tams foi o explorador que mais abertamente denunciou esta situação: “Os innumeráveis contos que circulam, não só entre os observadores imparciais, como nos livros de descrições de viagens, haviam excitado em mim uma opinião desfavorável a respeito dos negros; [...] porém, foi suficiente uma curta residência entre aqueles negros, e observa-los cuidadosa e imparcialmente, para me convencer de que estas criaturas, que querem supor imperfeitas, são entes perfeitamente formados, cuja triste situação, e opressivo estado somente os tem levado a um tão lastimoso aviltamento.” (1850, II: 91-92). No entanto, só muito poucos tinham uma visão imparcial.

Depois, os novos métodos das Ciências Naturais pareciam apontar caminhos, capazes de substituir a antiga visão do mundo, definitivamente perdida com Charles Darwin, por verdades mais bem fundamentadas. Os cientistas estavam imbuídos e convencidos das possibilidades ilimitadas do medir, classificar e coleccionar, aplicadas não só aos “selvagens”, mas também na Europa. Em 1873, por exemplo, três comissões percorreram as escolas da Alemanha, Bélgica e Suíça e recensaram a cor dos olhos e dos cabelos dos alunos, de acordo com informações sobre as suas idades, e cujos resultados deveriam posteriormente ser completados por uma estatística sobre a forma dos crânios (*Globus* 1881: 12). As sociedades e museus de Etnologia, Antropologia e “História das origens” fundados nesta altura – na Alemanha um pouco mais tarde do que noutros países – e as questões “primordiais” da Etnologia, centrais durante tanto tempo e que se tornaram moda nessa época, estimularam adicional e eficazmente este desenvolvimento científico, fomentando simultaneamente e de modo implícito a consolidação de determinadas ideias que passaram a dogma.

Com a obra *On the Origin of Species by Means of Natural Selection* (1859) de Charles Darwin, que marcou uma época, e com a seguinte, *The Descent of Man and the Selection in Relation to Sex* (1871), ainda mais importante para a formação da teoria etnológica, a tese da origem uniforme da humanidade (monogénese) adquiriu uma base cientificamente fundamentada que, no entanto, ainda foi controversa durante muito tempo. Sob a influência das doutrinas de Darwin, também na Alemanha se começou a conceber a história do desenvolvimento do ser humano como parte da evolução da história natural, regida por leis. Esta noção básica, que também foi adoptada para a cultura, partia do pressuposto de que todos os seres humanos tinham, para além da mesma predisposição biológica, as mesmas predisposições físicas e intelectuais. Acreditava-se que toda a humanidade percorria o mesmo trajecto evolutivo cultural e social, de acordo com determinadas leis, mas que este processo, que por princípio, decorria do homogéneo para o heterogéneo, do simples para o complexo e do “inferior” para o “superior”, num desenvolvimento contínuo sem retrocessos catastróficos, poderia desenrolar-se a velocidades diferentes devido a determinados factores ambientais ou históricos. Perante isto considerou-se que os europeus representavam indiscutivelmente o topo desta evolução, a partir da qual se estabeleceu automaticamente uma hierarquia e uma gradação valorativa da humanidade. Este método foi mais tarde adoptado por muitos viajantes em África, para a classificação dos povos e etnias, com os quais entraram em contacto, o que gerou uma escala variada de africanos maus, melhores e uns poucos africanos bons, classificação que em muitos casos se manteve até meados do século XX. Nas afinidades culturais, vislumbravam-se testemunhos da igualdade do espírito humano e manifestações de um determinado grau de evolução. As diferenças culturais encontradas ou que se pensava encontrar sugeriam, por conseguinte, graus de evolução diferentes. Este processo era também equiparado ao desenvolvimento infantil e os “primitivos” ou “selvagens” eram integrados no modelo evolucionista como representantes de um “nível infantil”.

Destas tentativas de classificação, muitas das quais bastante primárias, só chegavam ao conhecimento geral os conceitos chave, como por exemplo o da raça ou grau de desenvolvimento “inferiores”, principalmente em relação aos povos africanos que, como eco distorcido da discussão sobre a genealogia do Homem, eram relegados para uma condição próxima da do macaco: “Normalmente desponta no europeu, muito antes ainda de ter entrado em contacto com o negro, a ideia de que o negro pertence a uma raça objecta, bastante inferior à dele, estúpida, preguiçosa e voraz, sem ambição ou zelo e que só pode ser tratada como um animal, com o chicote e a pontapé. Os europeus que vão para África com estas ideias e que não mudam depressa o seu ponto de vista, têm pouca utilidade para o desenvolvimento das colónias.” (Wolff 1889a: 58). Ou então acreditava-se que no “grau da barbárie” se podia descobrir o africano “infantil”, uma impressão acentuada pelos supostos traços

de carácter “típicos” dos africanos (cf. Buchner, von François, Falkenstein, Wissmann, mas também Schachtzabel e Jessen; Wolff tinha uma outra opinião). Enquanto que, durante o século XVIII, o conceito de raça ainda estava ligado, não só a aspectos biológicos, mas também a aspectos de ordem climática, geográfica, cultural e outros, no século XIX, este conceito reduziu-se cada vez mais às características biológicas. Sem que, no geral, tivesse sido rigorosamente definido, o referido conceito passou a ser entendido cada vez mais como factor determinante para a vida social de um povo (Hofbauer 1997: 571). Este amontoado de teorias, muitas vezes “mal digeridas”, deve ser tido em conta aquando da leitura de relatos de viagens do século XIX, a fim de compreender de que maneira e até que ponto estes não reflectem apenas preconceitos próprios, como também representam uma reacção à opinião pública do seu país de origem.

Os poucos exploradores de África daquele tempo que tiveram contacto com uma versão académica destas teses, devem-no sobretudo à obra *Anthropologie der Naturvölker* (*Antropologia dos povos naturais*) de Theodor Waitz, editada em seis volumes entre 1859 e 1872, lida por exemplo por Herman Soyaux, e de *Völkerkunde* (*Etnologia*), publicada por Oscar Peschel em 1874. Peschel tinha pertencido anteriormente ao grupo de professores de Eduard Pechuël-Loesche em Leipzig. A influência teórica de Bastian não devia ser muito grande nesta altura, embora a sua contribuição para um determinado espectro de opiniões orientado pelo empirismo ou por algumas suposições básicas, dentro das instituições científicas fundadas, dirigidas ou suportadas por ele, não deva ser menosprezada. Os três cientistas insistiam na unidade da humanidade. Os temas actuais daquela época consistiam sobretudo na resistência contra os mal-entendidos gerados pela obra de Darwin, no que diz respeito à relação entre macacos e seres humanos, na questão das diferenças entre um animal e um ser humano e de modo geral na “história das origens” da humanidade. Muitos conceitos como o de espécie, sub-espécie e de raça não estavam claramente definidos em relação ao ser humano, sendo por isso variáveis.

Peschel não só defendeu expressamente a ideia da unidade do género humano, como também, por princípio, a sua mutabilidade. A poligénese, assente em características hereditárias e inextingíveis, não passaria, em sua opinião, de uma tentativa de sossegar a consciência própria em relação ao comércio de escravos. As raças seriam também difíceis de separar umas das outras, visto que nenhuma característica era “propriedade exclusiva de uma raça humana”: “Se fosse fácil definir as fronteiras entre as diferentes raças, as conjecturas dos antropólogos não difeririam ao ponto de uns considerarem que a humanidade se divide em duas raças e outros que ela se divide em cento e cinquenta espécies, raças ou famílias.” (1875: 14). Peschel salienta também que “todas as características físicas, a forma do crânio, a relação do tamanho dos membros, a cor da pele numa raça humana variam muito.” (p. 336). Como conclusão, constata que, devido a uma porção de factos, “as raças mais

longínquas e as que, na sua aparência, pouco têm a ver umas com as outras, se aproximam de forma surpreendente no que respeita às suas actividades mentais, de tal modo que não é possível duvidar da uniformidade e da igualdade da espécie humana, pelo menos quanto à sua capacidade de raciocínio.” (pp. 22-23). A denúncia de Peschel de uma determinada visão negativa dos africanos fornece alguns dos estereótipos, que reaparecem nos relatos de viagens explícita ou implicitamente, rejeitando ou confirmando essa visão: “O negro tornou-se, para uma escola de etnólogos malévolos, no cúmulo de tudo o que é grosseiro e animalesco. Tentaram negar-lhe qualquer capacidade de desenvolvimento, chegando mesmo a pôr em causa a sua parecença com o ser humano. O negro, tal como era apresentado no seu compêndio, associava um crânio redondo como um ovo, uma testa baixa e um rosto em forma de focinho com lábios grossos, a um nariz largo e espalmado, cabelo curto encarapinhado, chamado erradamente lã, uma tez escura ou preta, braços compridos, coxas magras e parte inferior das pernas sem barriga, calcanhares demasiado alongados e pés chatos.” (1875: 497). Segundo Peschel, esta tipificação não possuía qualquer fundamentação devido ao grande leque de variação possível. A única marca em comum seria apenas “uma pele mais ou menos escura”, que poderia aparecer em inúmeras tonalidades, mas que ultrapassava sempre o moreno do sul da Europa.

Naquele tempo, o julgamento ponderado e cuidadoso de Peschel não era de maneira nenhuma habitual. Não se conseguiu impor no seu século, da mesma forma que não se conseguiu impôr a opinião do antropólogo Kollmann, exposta na reunião dos antropólogos em 1882 em Frankfurt am Main, de que: “todos os povos, também os alemães, são [...] hoje raças mistas, sendo o carácter, a originalidade de uma Nação determinados pela preponderância de uma ou outra raça no interior da mesma. Mas aquilo que nos eleva e melhora, é o uso do cérebro, o acto de pensar; a influência da vida social e do trabalho estão acima da uniformidade da raça.” (*Globus* 1882: 173)

Os modelos hierárquicos de desenvolvimento, formulados naquela época pelos teóricos etnólogos do evolucionismo, não parecem ter sido absorvidos pelos exploradores alemães de Angola do século XIX. Em todo o caso, não se encontram quaisquer referências a esses modelos nos seus trabalhos escritos. No que respeita à divisão do trabalho etnológico, ainda em formação na altura, os exploradores viam-se essencialmente como empíricos. Como só conhecemos as suas opiniões através das suas obras, como os relatos das suas experiências em África foram frequentemente as suas primeiras publicações e como, muitas vezes, estas só foram editadas vários anos depois do seu regresso, não é possível, na maior parte dos casos, comprovar em pormenor com que ideias é que eles foram para África e como é que estas, aí ou mais tarde, se transformaram. Nalguns casos, deixam transparecer processos de aprendizagem, embora não fossem capazes, ou raramente fossem capazes de rever os seus conceitos fundamentais. As atitudes racistas são inerentes a muitos depoi-

mentos, principalmente aos que foram redigidos ainda sob o efeito directo do stress da viagem, embora por vezes sejam negadas mais tarde, após um distanciamento em relação a preocupações concretas. A dicotomia entre “selvagem” e “civilizado”, entre povos naturais e povos cultos, entre níveis culturais mais baixos e mais elevados, é recorrente. Só Bastian refere a posição intermédia de “povos meio-civilizados”. Os africanos encontravam-se para ele no “nível mais baixo da barbárie”, que no interior “imperturbado” do continente se conservou numa forma assaz original e que por isso poderia ali ser muito bem estudado. Mas também foi ele que deu o maior valor a uma investigação sistemática, exigiu a reunião de conhecimentos comprovados de acordo com métodos das Ciências Naturais e que deu as orientações mais importantes para a sua organização.

A posição do europeu no topo desta bipolarização era quase incontestada; embora a posição contrária dos africanos tenha sido nitidamente relativizada por alguns exploradores, através da sua comparação com as “camadas sociais mais baixas” (Buchner), nomeadamente com a população rural (Wolff), com os “civilizados” (Pechuël-Loesche) na Europa ou em relação a outros períodos da história europeia (por exemplo: a caça às bruxas). Para Buchner, a adopção das teses do darwinismo social, transformou as “raças” em exemplos da “luta pela sobrevivência” em geral. Seguiu uma tendência pessimista, de certo modo generalizada na sua época, ao prever que num futuro longínquo “os negros africanos alcançariam o comando das raças”. Por outro lado, também afirmou decisivamente que “as diferenças entre as múltiplas raças humanas são na realidade ínfimas a nível somático e psíquico” (1883f: 46). Falkenstein acabou com uma série de preconceitos através das suas pesquisas, acreditando que “se sobrestimava muito a diferença das raças” (1885a: 126). A hipótese de Wolff é, sem dúvida, altamente invulgar neste contexto: “O mais certo é que nem a nossa cor branca, nem a cor preta dos negros, nem a vermelha dos americanos, etc. seja a das origens. Os nossos antepassados tinham possivelmente uma cor de pele, que se situava no meio de todas estas tonalidades e que, devido a uma disposição especial dos nossos diferentes progenitores e a factores térmicos e alimentares, acabou por se tornar tão diferente como nós agora a vemos.” (1889a: 87). Também em relação a outros critérios da Antropologia Física, como a formato do crânio, tanto Wolff, como Buchner tinham grandes dúvidas.

Muitos viajantes consideravam errada a imagem dos africanos, que predominava na sua terra. Falavam, por isso, como Bastian, Buchner, Pechuël-Loesche e Wolff do “dito selvagem”. Mais tarde Schachtzabel salientou também que os africanos não eram nenhuns “selvagem(s) sem civilização”. Em relação a um estereótipo físico frequente (cf. Peschel *supra*), Soyaux manifestou-se muito claramente: “Tudo aquilo que ao sentido estético dos europeus parece feio, julga-se reunido no negro. Um crânio quase em forma de ovo, maxilares e boca com lábios grossos parecidos com os de um chimpanzé velho, uma testa baixa e totalmente chata, um nariz achatado e largo e só reconhecido como tal,

através das asas abertas para a frente, cabelo parecido com lã de feltro, braços longos como os macacos, extremidades inferiores sem qualquer volume, pés chatos: estes eram os atributos de beleza invertida, que eram conferidos à figura dos negros, como típicos – digo conferidos, porque durante toda a minha estadia em África não consegui descobrir um único indivíduo, no qual se encontrassem estes elementos todos reunidos.” (1879a, I: 147)

Buchner manifestou-se de modo generalizado contra a “sobrestimação arrogante da nossa cor de pele branca” (1886a: 198): “O marujo mais estúpido pensa poder desprezar o preto e utilizar palavras desdenhosas contra ele; se realizássemos uma demonstração de destreza natural sem as vantagens das artes aprendidas, ele perderia várias vezes a favor do mesmo preto.” (1886a: 198). Aquele explorador “não faz cerimónia ao dizer que em tudo aquilo que nós chamamos chique, decência, elegância e dignidade de comportamento, o negro frequentemente mostra instintos mais refinados do que o indivíduo médio das nossas classes mais baixas. Obscenidades infames, o prazer da injúria ou as maldades puras, que não desempenham junto da plebe europeia um papel menor, são lhe praticamente desconhecidos.” (1886/87: 384). Também Soyaux se opôs enérgicamente aos habituais estereótipos morais e culturais negativos sobre os africanos.

A ideia base de muitos destes viajantes era a opinião de que “apenas um espaço de tempo” separava os africanos dos “seres civilizados” (Pechuël-Loesche 1884b: 157; ver também Soyaux), importando este espaço de tempo, no entanto, muitas centenas de anos. Neste sentido “o negro” era considerado “imaturo” e “menor”, “mas não no sentido de uma inferioridade duradoura e geral da raça inteira”, mas no sentido de uma imaturidade “que também caracteriza as camadas inferiores do nosso povo.” (Buchner 1886a: 198). Alexander von Mechow teve impressões muito positivas, vendo nos relatórios sobre a avidez de sangue e crueldade dos Yaka “apenas quimeras vazias” e admirando a “calma e decência desta gente”. Wolff elogiou entre outras coisas “a lógica do negro”, ao passo que os Jasperts adoptaram, meio século depois, a teoria de Lévy-Bruhl (1857-1939) sobre “o pensamento pré-lógico” destes povos. Mas, já no século XIX, havia entre os exploradores de Angola juízos que impensadamente reproduziam os velhos lugares-comuns. Assim, segundo Curt von François, os africanos tinham ficado no “seu estado primitivo” e – como eco de Hegel – “no sentido mais restrito da palavra, não eram povos com história”. Para Chavanne, determinados habitantes da selva eram “terrivelmente parecidos com os macacos antropóides”, embora as suas aptidões mentais fossem frequentemente bastante menosprezadas. Güssfeldt, o chefe da expedição ao Loango, continuou a considerar, mesmo depois da sua estadia em África, que as diferentes “predisposições” e a “desigualdade de valores” dos povos (1879: 223) não ofereciam quaisquer dúvidas.

Uma característica destas explorações era, como já referido, a tendência, para não dizer a mania, não só de classificar e avaliar o físico humano como

também as suas qualidades morais, psíquicas e culturais. Esta tendência deu origem, na Etnologia, à descrição dos “tipos” étnicos, que misturava frequentemente qualidades físicas e culturais e que se reflectiu mesmo na documentação fotográfica e na sua apresentação posterior. Este tipo de descrição perpassa como um fio condutor toda a literatura de viagens desta época.

Aos conceitos fundamentais, que os exploradores europeus do século XIX usaram para definir a cultura africana, pertence o conceito de “*Fetisch*” (feitiço). [Os exploradores]Apropriaram-se em África deste termo da língua portuguesa e adoptaram o sentido com que era utilizado na costa. Em português, o termo “feitiço” foi usado durante muito tempo com um significado mais neutro, correspondente aos termos alemães “*Zaubermittel*” (bruxedo) ou “*Amulett*” (amuleto). A sua adopção pela língua alemã, que já possuía termos correspondentes, fez com que, no século XIX, o seu significado ficasse reduzido ao mundo dos “selvagens”, dos “povos naturais” ou dos “primitivos”, ou seja, sobretudo aos africanos. Actualmente, o conceito de “*Fetisch*” continua a existir na língua alemã, embora com uma conotação negativa, tendencialmente sexual, que tem o seu equivalente em português no neologismo “fetiche”.

A demanda da “história das origens” da humanidade fez com que “a crença no feitiço”, ou seja, o “feiticismo” passasse a ser encarado como um sistema de crenças religiosas ou nomeadamente como “veneração religiosa de objectos sensuais” (Schultze 1871: 29), característica do nível mais baixo do desenvolvimento cultural. De acordo com Schultze o “desenvolvimento da consciência religiosa” (p. 284) nos “selvagens” manifesta-se no “mais alto nível de feiticismo”, o “culto dos astros, sobretudo o culto do sol e do firmamento” (p. 286). Mas cada teórico construiu as suas próprias definições como lhe convinha. Segundo a obra de Theodor Waitz “*Anthropologie der Naturvölker*” (*Antropologia dos povos naturais*), na época, muito conhecida na Alemanha e considerada durante muitos anos como uma espécie de obra padrão, na qual também Schultze se baseou, os africanos acreditam que há “em todas as coisas físicas um espírito ou pode haver, e mesmo nos objectos mais insignificantes, frequentemente, até mesmo um espírito grande e poderoso. Este espírito não é visto pelo africano como estando invariavelmente ligado ao objecto que o alberga, mas sim como tendo apenas a sua residência habitual ou principal nele. Não é raro o negro separar na sua ideia o espírito do objecto físico, no qual este habita, encarando-os mesmo como opostos, embora habitualmente ele os reuna num todo e este todo seja (como os europeus lhe chamam) ‘o feitiço’, o objecto de veneração religiosa.” A sua sensualidade poderosa, o seu gosto pelo fantástico e a sua imaginação extravagante e selvagem, associada ao seu entendimento rude, levam o negro a “ir até às últimas consequências na atribuição de uma alma a toda a natureza” (1860, II: 174).

Os viajantes em Angola no século XIX não se envolveram nessas especulações teóricas. Para Bastian, o “feiticismo” era equivalente à bruxaria e

à superstição e tinha paralelos na “magia cristã” e no culto das relíquias do seu tempo. Onde outros falam de “feitiço”, ele utiliza também o termo “ídolo”. Geralmente pensava-se que a sua própria cultura superior já tinha ultrapassado esta fase há muito tempo. Pechuël-Loesche é o único que se dá ao trabalho de tentar encontrar uma definição para “feitiço” e de fazer a distinção entre este termo e o de “ídolo”. No entanto, o termo “feitiço” era aplicado, de uma forma completamente indiscriminada, a todos os objectos africanos, que de alguma maneira parecessem estar ligados a ideias ou práticas de magia ou de culto. Designava desde a escultura do herói civilizador até à insígnia, da estatueta dos antepassados até ao objecto de adivinhação e do bruxedo até ao amuleto. Na costa do Loango e no baixo Congo: esses feitiços consistiam principalmente nos múltiplos *nkisi*, entre os quais os chamados “feitiços de alfinetes”. Como o mundo espiritual dos africanos se manteve fechado para os viajantes europeus e as estadias curtas e os contactos superficiais chegavam apenas para a aquisição de alguns objectos etnográficos para os museus do país natal, o “feitiço” era um meio de classificação cómodo e rápido. Os viajantes em África “fetichizaram” (Hayden White) os “indígenas”. Para além do “feitiço”, tiveram contacto com “serviços de feitiço”, a “palhota dos feitiços”, a “boneca de madeira dos feitiços”, com “feitiços protectores”, “cerimónias de feitiço”, “pessoas de feitiço”, “sacerdotes de feitiço” e até mesmo com um “vale de feitiço”. Para Fritz Schultze, cujo ensaio se tornou numa espécie de obra canónica sobre este tema na Alemanha e que também Pechuël-Loesche transportava na sua bagagem, as pedras, os montes, os elementos, as plantas, os animais e as pessoas podem também ser “feitiços”. O que aborrece é que ainda hoje muitos etnólogos se dêem por satisfeitos com esta categoria. Pois, apesar dos bonitos discursos sobre a equivalência das culturas, manteve-se desta forma uma dicotomia valorativa dissimulada do mundo religioso. O facto de este conceito se ter também vulgarizado em África, devido à colonização e aos etnólogos colonizadores, não deveria servir de justificação para que os cientistas continuem a utilizá-lo. O mesmo argumento poderia ser usado em relação à escravatura ou à discriminação da mulher.

As obras dos poucos cientistas alemães que trabalharam em Angola no século XX, foram marcadas pelas teorias etnológicas de uma forma menos nítida e completamente diferente (ver cap. 14, cf. também cap. 4). Neste contexto, impõe-se uma referência especial a Hermann Baumann que pertence à corrente etnológica dos historiadores culturais ou difusionistas e que foi bastante influenciado pela teoria do “*Kulturkreis*” (círculo cultural). Depois de, inicialmente, a ter seguido com certas restrições, mais tarde distanciou-se cada vez mais dessa teoria sem, no entanto, se ter desligado completamente das suas ideias fundamentais. A obra principal sobre o seu trabalho de campo em Angola, ou seja, a grande monografia sobre os Cokwe *Lunda. Bei Bauern und Jägern in Inner-Angola. Ergebnisse der Angola-Expedition des Museums für Völkerkunde Berlin* (1935; Lunda não designa neste caso o povo, mas sim a

província angolana do mesmo nome) deixa, todavia, transparecer muito pouco das suas preocupações teóricas. Também a época nacional-socialista, durante a qual foi escrita, não sobressai significativamente. Pelo contrário, a convicção de Schachtzabel, formulada sob a influência do nacional-socialismo, da “diferença eterna das raças” já existia, de forma incipiente, aquando da sua estadia em África, o que explica, entre outras coisas, a “capacidade de pensamento raciocínio tão diferente dos africanos”, mencionada no seu relato de viagens etnográfico. A abordagem difusionista de Baumann torna-se mais evidente em estudos posteriores que se ocuparam do material recolhido durante a sua segunda viagem, sobretudo no trabalho sobre “Die Frage der Steinbauten und Steingräber in Angola” (A questão das construções e sepulturas de pedra em Angola) (1956), no qual são postuladas, entre outras, as “relações culturais directas” entre o Zimbabwe e Angola.

4. SEGUNDAS INTENÇÕES COLONIAIS

Em 1848 foram criadas na Alemanha as primeiras associações coloniais, mas só nos anos 70, depois da fundação do “Reich”, os projectos coloniais da Alemanha começaram a ser mais discutidos. O clima geral de crise verificado no final dos anos 70 e princípio dos anos 80, cuja causa principal foi a explosão demográfica provocada pela revolução industrial – nas duas últimas décadas do século a população do “Reich” cresceu quase 25% –, favoreceu a agitação nacional em torno das colónias colonial a nível nacional. Com a mudança de atitude de Bismarck a favor da aquisição de colónias para a Alemanha, em 1884, a constituição, no mesmo ano, do primeiro protectorado alemão “Deutsch-Südwestafrika” (Sudoeste Africano, hoje Namíbia), a conferência de Berlim em 1884/85 e o reconhecimento do Estado Livre do Congo Belga, a euforia colonial atingiu o seu auge.

Os exploradores alemães de África e Angola desta altura não foram invulneráveis a estas correntes políticas e ideológicas. Absorveram-nas até mais intensamente do que as pessoas na Alemanha, onde alguns sectores do universo económico e financeiro, bem como a opinião pública, mantiveram durante muito tempo as suas reservas quanto à ideia colonial. No entanto, nem sempre é evidente se, aquando da sua estadia em África, os exploradores já defendiam ideias coloniais e até que ponto o faziam, uma vez que os seus relatos de viagem foram publicados, precisamente, no período mais aceso dos debates coloniais, pelo que podem ter sido influenciados posteriormente. A “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas”, fundada em 1873 e encabeçada pelo seu fundador, o etnólogo Adolf Bastian, adoptou sobre a questão uma estratégia dúplex. Por um lado, defendia energeticamente os objectivos puramente científicos dos seus planos em África, por outro, acentuava, perante os seus financiadores potenciais, o seu empenho na defesa de interesses comerciais, desde que a ciência fosse encarada como actividade prioritária em relação à do comerciante e à abertura de novos mercados. Bastian via no dever de abrir a África equatorial ao comércio mundial uma obrigação sagrada “que se impõe a todos os povos civilizados.” (Petermann 1875: 5)

De acordo com os testemunhos posteriores dos exploradores, a questão que mais os movia era a de saber se a África Central seria na realidade tão fértil como Stanley e outros afirmavam. Pechuël-Loesche (ver também Buchner, Wolff) e Wissmann defenderam pública e veementemente posições antagónicas. Esta disparidade de opiniões estava ligada a discussões acesas sobre o futuro colonial, sendo que uns defendiam a existência de colónias ou estações meramente comerciais e outros uma colonização efectiva. Nas regiões onde se pensava, que o clima ou as doenças dos trópicos representavam um entrave ao trabalho dos europeus, estava-se dependente da mão-de-obra alheia. Mas como os africanos eram no geral considerados “preguiçosos” (p.ex. Buchner,

Güssfeldt, Lux, Pechuël-Loesche, Pogge, Schütt, Wolff) – contrariamente à opinião de Brun, que no princípio do século XVII tinha descrito os habitantes da mesma região como bastante trabalhadores –, o chavão sobre a sua “educação para um trabalho regular” (p.ex. Jessen, Pechuël-Loesche, Schachtzabel, Soyaux, Wolff) tornou-se muito popular. Mais tarde, Wolff atenuou um pouco a sua posição sobre esta questão: “Nós não podemos definitivamente estar de acordo com a opinião generalizada de que o negro não trabalha; ele não gosta de se alugar como trabalhador para europeus, isso é verdade, e é compreensível, pois este trabalho cansativo, contínuo, sob um tratamento severo e duro, como o que o europeu exige em troca de um salário, não é apropriado ao carácter do negro.” (1889a: 43). Wolff exigiu também, como “condição prévia indispensável, que qualquer trabalho tivesse uma compensação aproximadamente correspondente” (p. 48), o que não era de modo nenhum usual.

O chavão e o dever auto-imposto da “educação do negro para o trabalho” formaram muito rapidamente uma aliança desastrosa com a teoria da evolução (ver cap. 3) e serviram depois para a legitimação e para a missão “civilizadora” dos povos ou raças “inferiores” pelos [povos ou raças] “superiores”, aos quais os europeus pertenciam (p.ex. Chavanne, Schachtzabel, Soyaux, Wolf). Entrelaçavam-se assim noções ideológicas nacionalistas, sociodarwinistas e missionárias de peso variável. A maior parte destas noções não era especificamente alemã, mas sim característica do imperialismo. Pechuël-Loesche, que por um lado, criticava, como Wolff, os contratos fraudulentos, com os quais se espoliava os africanos das suas terras, estava, por outro lado, completamente convencido da importância da ideologia colonial e da sua missão educadora: “O principal dever da missão cultural poderia, sem descurar os ensinamentos mais elevados, ser eminentemente prático: tornar mais úteis os seres humanos inferiores, incitá-los a trabalhar; e até mesmo obrigá-los a formar o seu carácter, a abandonar a sua leviandade, a sua falta de seriedade. [...] assim os povos que se encontram numa fase superior têm também o direito de exercer pressão sobre povos de um nível inferior, para os obrigar a participar de forma adequada na economia mundial. Quem conhece os africanos, não vai esperar uma cura através de influências benéficas, de bons conselhos, ou de uma instrução religiosa. O que aqui se impõe, é uma tutela asensata, uma obrigação razoável, a mesma obrigação que incita as crianças em idade escolar a cumprir o seu dever, que mantém no caminho certo os membros de um Estado com tendência para a negligência e a degradação.” (1884b: 174). Soyaux manifestou-se de uma forma semelhante, sem contudo fechar os olhos ao reverso da medalha: “A História, na medida em que se ocupa da introdução de povos selvagens na cultura e na boa educação, não apresenta uma imagem agradável. Por todo o lado, os indígenas tornaram-se criados e escravos dos imigrantes” (1888: 101). “A influência vinda de fora – qualquer que fosse a sua origem e a dos órgãos responsáveis pela sua difusão – também não foi, em

termos dos seus efeitos gerais, uma bênção para os povos de África. O que o preto aprendeu até agora na sua terra com o ser civilizado superior, são coisas *exteriore*s, habilidades [...]” (p. 102). “O erro consiste no facto de que a humanidade europeia até agora não ter sabido introduzir em África outra coisa a não ser o comércio – com excepção da Angola ‘estragada pela civilização’, onde o deportado português faz experiências civilizacionais e onde a economia assente nas plantações é realizada com trabalho escravo [...]” (p. 106)

Quem argumentava, não só por princípio, mas também por questões nacionais, usava, como motivo adicional, o argumento da concorrência com os restantes países europeus por um “lugar ao sol”. Falkenstein era também de opinião que os produtos da África Ocidental eram tão variados que “a luta pela sua posse constituía um dever e que parecia indesculpável assistir preguiçosamente à corrida de outras nações para os obter.” Faltava apenas chegar a um acordo relativamente ao caminho certo com vista ao aproveitamento do continente (1884: 364). Wolff encarava a oposição face a qualquer forma de colonização de países inóspitos como uma grande falta de visão política, “visto que a taxa crescente da população na Europa e também na Alemanha iria tornar insuficiente a produção própria dos géneros alimentícios necessários, razão pela qual ainda se poderia prescindir menos destes países.” (1889a: 17)

As iniciativas belgas no Congo tiveram consequências muito estimulantes, de tal maneira que, na sua segunda viagem, Pogge, apoiando-se nos projectos da *Association Internationale Africaine*, planeou a fundação de uma base de apoio para colonos e comerciantes alemães no interior de África. Com melhores infra-estruturas, Pogge achava que a região dos Lunda era igualmente “susceptível de ser colonizada” (1880: 81). Também a estação que Schulze queria fundar em Mbanza Congo, como “ponto de partida e apoio para outras expedições” (Büttner 1890: 26), iria realizar certamente mais do que apenas tarefas científicas. Büttner, o seu companheiro de viagem, estava todavia convicto de que aquele local não deveria ser aconselhado a emigrantes alemães, já que estes sucumbiriam em pouco tempo ao “clima” que não permitia o trabalho corporal e que a “educação do negro para o trabalho” ainda não tinha tido resultados positivos (Büttner 1886b: 318). Falkenstein (1884) e Chavanne pensavam de uma forma semelhante: o Estado independente do Congo “nunca ou pelo menos num futuro próximo, há-de servir como destino à emigração de países demasiado populosos das zonas temperadas”, sendo, por ora, apenas viável como colónia comercial e de plantação (Chavanne 1887: 450).

Os membros de outros Estados já estabelecidos ou com interesses comerciais na zona suspeitaram desde cedo dos alemães, como sendo portadores de “interesses comerciais disfarçados”, “pretendendo preparar o terreno para uma colónia alemã” (Güssfeldt 1879: 37). Portugal, em particular, viu-se, com alguma razão, ameaçado por todos os lados (não só pelos alemães) nos seus interesses e no seu pretenso “direito histórico”. A imprensa de Luanda advertia,

no tempo de Buchner, expressamente contra a apetência alemã para a anexação. O número relativamente grande de exploradores alemães, que de repente apareceu em Angola e, principalmente, os presentes do “Kaiser”, que Buchner transportava consigo para o chefe dos Lunda, levantaram as suspeitas: “Afirmou-se logo que estava planeada a fundação de uma colónia penal para sociais-democratas alemães no interior profundo da Lunda, colónia essa que seria então alargada cada vez mais em direcção à costa e que acabaria por empurrar os portugueses para o mar.” (1888 a: 4)

Com a fundação da *Sociedade de Geografia* (1875) em Lisboa e com a abertura de um comité nacional da *Association Internationale Africaine* dois anos mais tarde, Portugal tentou opor à cobiça europeia, que lhe era dirigida em África, uma concepção nacional “civilizadora”, político-científica e político-colonial, que, em 1887, culminou no famoso “mapa cor-de-rosa”, no qual se reclamava um império ultramarino português que se estendia de um oceano ao outro. Os esforços portugueses no sentido de forjar as condições para uma ocupação efectiva do território levaram a diversas expedições importantes (Capello e Ivens, Serpa Pinto, Henrique Dias de Carvalho), que coincidiram em parte com as expedições alemãs em Angola.

Alguns dos pesquisadores alemães dedicaram-se mais tarde, total ou temporariamente a tarefas político-coloniais (Buchner, Pechuël-Loesche, Soyaux, Wissmann), outros já tinham ido para Angola ou atravessado esse país com uma missão colonial (Baum, Chavanne, Jessen, Wissmann). Anos mais tarde, Schachtzabel realizou as suas explorações fora do contexto da missão colonial, mas estava de tal maneira convicto do direito e da necessidade de colónias alemãs, que, entre os especialistas, foi tido como um dos poucos etnólogos alemães colonialistas.

Estas concepções fundamentais dos exploradores alemães não tiveram necessariamente como consequência uma visão unilateral dos africanos, como se pode comprovar pela disparidade das avaliações; mas que estas concepções e interesses influenciaram determinantemente a sua imagem dos africanos e lhe deram uma orientação negativa, também me parece inquestionável.

5. BRANCO ENTRE BRANCOS

Ao pisar o continente africano os “descobridores” e exploradores alemães não se encontravam de imediato no tão desejado território “virgem”. Por toda a costa e em diferentes pontos do *hinterland* estavam já estabelecidos outros Estados europeus, com funcionários administrativos, exército, comércio, proprietários de plantações ou missionários, que aí tinham criado as suas infra-estruturas próprias. Numa acepção mais estrita, em Angola, com as suas cidades importantes de Luanda e Benguela, os portugueses já se tinham fixado no século XVI. No Norte, eram, na altura da expedição alemã ao Loango, sobretudo as feitorias holandesas e inglesas que dominavam a exportação comercial ultramarina. O português era em todo o lado, mesmo no interior mais profundo, a língua de comunicação ou a única língua europeia que, através de um intérprete, permitia, de alguma maneira, o entendimento. Depois da extinção do comércio atlântico de escravos, a sua influência perdera terreno no Norte, mas Chavanne salienta que o português, embora “quase sem excepção, com um nível de formação básico e geralmente também com um passado suspeito”, era imprescindível a qualquer casa comercial, porque nenhum representante de outra nação tinha, “nem de longe, a [sua] familiaridade e habilidade para lidar com os indígenas”, e porque a sua língua se tinha espalhado, no decurso de quatro séculos, “desde a costa até a uma distância de 200 km no interior e era falada, se bem que de forma deturpada, por muitos negros” (1887: 173). Ao contrário dos recém-chegados, os portugueses estavam familiarizados com as realidades locais, os produtos necessários, as diferentes moedas, as dificuldades de organização e a forma de as superar, tinham contacto permanente com a população africana e ideias concretas e irrevogáveis sobre o modo como esta deveria ser tratada. Os “visitantes” estavam bastante mais dependentes da sua boa vontade, dos seus conselhos e muitas vezes também da sua ajuda concreta, do que aquilo que as memórias posteriores destas “acções pioneiras” alemãs retiveram.

Do lado português, surgiram ressentimentos por causa disso, que tiveram eco na imprensa, mas que raramente chegaram à Europa. Um artigo de um jornal angolano não se limitava certamente a exprimir os sentimentos do seu autor, ao escrever o seguinte sobre a viagem de Pogge: “O Dr. Pogge tem muita sorte em poder dizer que conseguiu realmente encontrar naquelas regiões o comerciante português que é filho da ‘villa [sic]’ do senhor Diniz; o único comerciante que, após a sua partida de *Loanda*, teve a coragem de ir além do *Zambeze*, sem alardear presunçosamente as suas viagens tantas vezes repetidas, como o fazem outros intrusos estrangeiros que iludem os portugueses de diversas maneiras e que, para enaltecer ainda mais a sua pessoa, se aproveitam da ingenuidade daqueles que vivem na Europa, fornecendo-lhes os relatos mais tristes e assustadores sobre África, porque estes nunca atravessaram o Oceano Atlântico.

[...] Mas o aventureiro ou intruso estrangeiro que deita mão a tudo para alcançar o seu objectivo, gaba-se perante todo o mundo com um descaramento inacreditável e desperta a admiração de todos, como se tivesse sido o primeiro a empreender a perigosa viagem às longínquas terras desérticas do interior africano!!” (CAG II, 1877-1878: 49)¹

O apoio que estes “intrusos estrangeiros” recebiam, era quase sempre muito bem-vindo, especialmente na organização da viagem, logo de início, e no regresso da terra dos “selvagens” para a “civilização”, no final. Ao indagar em que outra parte de África se podia, “a 500 km da costa marítima, usufruir da protecção e do conforto da Europa”, Buchner estava a fazer uma pergunta meramente retórica: “Para chegar a Malange não é preciso nenhum talento especial. De Loanda até ao Dondo viaja-se semanalmente em barcos a vapor pelo Cuanza acima. A partir de Dondo é-se transportado em tipóias e alcança-se, assim, confortavelmente e sem perigo, o objectivo mencionado, para o que se deve contar com cinco a dez dias, consoante a pressa necessária. Ao longo do caminho, há numerosas aldeias e os géneros alimentícios são sempre oferecidos em quantidade suficiente. A cada 20 ou 30 km existem postos militares, com palhotas para alojamento, nas quais se pode dormir sem preocupações e, em caso de danos provocados pela fuga de um carregador ou por roubo, os soldados portugueses pretos, que se encontram por todo o lado, funcionam como uma polícia muito eficaz que só muito raramente deixa alguém ficar mal. Em resumo, para um país selvagem como este, a segurança pública está organizada de uma forma francamente exemplar.” (1888a: 1-2)

Quase todos os exploradores alemães elogiam a hospitalidade, que lhes foi concedida e que eles utilizaram abundantemente. Assim, Bastian pernoitou em casa do governador em Pembe, que o “cobriu” de atenções (1859: 213-214). Também em Luanda morou mais tarde em casa de portugueses (*ibid.*: 228). Em Cabinda, desfrutou da hospitalidade de um português na feitoria holandesa e foi recebido em todo o lado pelos holandeses “o mais atenciosamente possível” (1874: 16, 36). O agente português de uma feitoria, que tinha passado a maior parte da sua vida na costa “foi de encontro a todos os meus desejos e arranjou-me no curto espaço de tempo da minha estadia um enorme manancial de informações” (*ibid.*: 52). Sem o contínuo apoio logístico e material das feitorias inglesas e holandesas, a expedição ao Loango, que ao longo da sua permanência manteve um contacto intenso com elas, não teria podido realizar-se. Por outro lado, os europeus residentes beneficiaram bastante das capacidades médicas de Falkenstein.

A expedição ao Cassange recebeu uma recomendação expressa do Rei de Portugal e o Governador Geral de Angola realizou mesmo um baile em honra

¹ Trata-se da tradução para alemão de um artigo português desconhecido, cuja retroversão, aqui apresentada, foi feita por Marina Santos.

de Lux (1880: 30). Büttner encontrou um apoio generoso na missão católica em Mbanza Congo na pessoa do Padre António José de Sousa Barroso que lhe pôs à disposição “jornais, livros, mapas e apontamentos meteorológicos” e que comparou “de forma extremamente pormenorizada” o barómetro de Büttner com o seu. O referido padre fez também todos os possíveis para “afastar os receios do rei de que nós seríamos agentes de Bulla Matadi [*i.e.* de Stanley] e para me apoiar no recrutamento de carregadores.” (1890: 90). Este aconselhamento eficaz quanto ao equipamento da expedição, principalmente em Malanje, e a mediação dos chefes de posto e comerciantes na angariação de carregadores são experiências comuns a muitos exploradores. Lux referiu agradecido, que sem eles, nunca teria podido sequer pensar em penetrar no interior (1880: 51). O Major Marques do batalhão de caçadores nº 5 transmitiu-lhe, além disso, em Nhangá, “muitos conhecimentos importantes para a viagem a ser realizada dentro dos próximos meses” (*ibid.*: 46).

Mas este apoio substancial era apenas um lado da medalha. Os europeus residentes tinham em geral uma opinião muito negativa dos africanos. Georg Tams contou que as suas objecções contra os castigos severos foram rejeitadas com a observação de que “[...] a experiência me mostraria o quanto os negros precisavam de ser ensinados. A idéia que prevalecia quasi geralmente neste paiz, de que os negros não eram homens, mas – macacos, – como usualmente lhes chamavam os portugueses, seria, talvez, a causa principal, porque os escravos só em mui raras ocasiões encontravam algum tratamento mais humano da parte dos europeus.” (1850, I: 214).

Na costa do Loango os escravos eram, por princípio, desprezados como “nigger” e Pechuël-Loesche lastima várias vezes as almas endurecidas dos comerciantes, principalmente, dos holandeses: “A brutalidade holandesa na sua mais perfeita manifestação, maltratar *moleques* [*i.e.* escravos] sem razão, mostrar à frente de todos os pretos o que é a maldade. Os negros devem ter respeito! E assim são 9 em cada 10 brancos na costa. Só os ingleses são sempre correctos” (Diário 8, 1.1.1876). Aos ladrões eram cortadas orelhas, um rapaz com dez anos, que tinha roubado um pouco de tecido, foi castrado “sem piedade” (Diário 5, 1.3.1875), os “piratas de rio” apanhados eram pura e simplesmente “afundados” no mar (Diário 6, 21.5.1875). O tom prevalecente nas feitorias é sem dúvida rude: “Seus mandriões, cães, negros, ainda não aprontaram isso?!” A palmatória de madeira, com a qual açoitavam as palmas das mãos dos delinquentes até estas sangrarem, não faltava em nenhuma casa europeia na África Ocidental. “O branco está cada vez mais decadente, vive sozinho no seu posto, vai fazendo algum comércio, alimenta-se, vegeta adormecido, sem interesse por toda aquela natureza invulgar, que se embeleza em vão, contando sem alegria os dias que passam vagarosamente, fazendo contas para saber quando chegará a sua libertação.” (Soyaux, 1878b: 24). Os holandeses e os portugueses no Loango sublinhavam repetidamente que “os negros, o que menos compreendiam era a bondade” (Falkenstein 1879: 88).

Soyaux atribuiu a estes brancos grande parte da culpa pelas relações tensas na costa do Loango: “Os comerciantes europeus aqui residentes são os principais responsáveis pelo comportamento desagradável dos indígenas. Para obter autorização para a instalação de uma feitoria comercial há que pagar um tributo a cada um dos chefes das aldeias da região e aqueles que têm de pagar, procuram cobrir os seus prejuízos aproveitando-se de outros súbditos e tirando partido de toda a espécie de vantagens. Essa é a razão, porque estes se encheram de desconfiança em relação ao branco e o vêem como inimigo. Essa é também a origem das zangas constantes entre indígenas e comerciantes, nas quais os últimos têm frequentemente bastantes desvantagens, porque a sua política de interesses egoísta não os deixa tomar medidas comuns em caso de perigo [...] Perante um comportamento tão irresponsável e pouco inteligente dos brancos, não nos devemos admirar, se as disputas no rio [*i.e.* o Chilungo] não tiverem fim e contendas antigas, já dadas como apagadas, se acenderem de novo.” (Soyaux 1879a, I: 253). De uma forma igualmente crítica, Pechuël-Loesche opinou sobre o papel dos europeus na costa do Loango: “Os chefes das tribos não se arriscavam a penetrar no domínio dos brancos, já não tinham confiança na palavra dos brancos, tinham medo de ser presos e depois atirados ao fundo do mar. Isto é realmente muito mau, mas é a verdade, o negro já não consegue confiar! Eles tiveram experiências demasiado más. Que situação esta! Mas que figura triste faz o branco! Ele vive aqui no país dos pretos, é tolerado, ensinou-lhes muitas coisas más através do seu exemplo, fez coisas muito más – e para coroar tudo isto, o negro pode dizer com todo o direito, que já não poderá confiar na palavra do branco!” (Diário 8, 20.2.1876)

Chavanne ficou horrorizado com os castigos normalmente aplicados em Boma aos trabalhadores africanos: “O tratamento dos trabalhadores na feitoria da ‘Associação’ teria, não só, indignado profundamente um defensor dos negros, livre de qualquer tipo de hipocrisia, como também esclarecido qualquer um sobre a razão do falhanço, desde o início, das tentativas de civilização da ‘Associação’. Sem querer entrar na discussão sobre a questão muito debatida da maneira certa de lidar com os negros, pretendo apenas referir que estávamos condenados a ouvir, regularmente, à hora do pequeno-almoço, os gritos de dor, que faziam estremecer os ares, das pessoas castigadas com dureza desumana, que, presas a uma trave do telhado do ferreiro, se vergavam e contorciam, banhadas em sangue, sob as chibatadas do chicote e que não raramente eram transportadas do pau do martírio já quase sem vida. Por uma transgressão insignificante, sim por equívocos sem importância, como p.ex. o de um cozinheiro, a quem a comida não tivesse saído bem, eram aplicadas 50-100 chibatadas à vítima, como resultado da má disposição do chefe da feitoria, com um chicote feito de pele de hipopótamo entrançada, com dois dedos de espessura.” (1887: 141).

Angola foi, desde sempre, uma colónia penal para criminosos portugueses. Também Bastian verificou que os soldados brancos eram quase todos

degradados (1859: 237). Soyaux lamenta a decadência moral devido à grande percentagem deste tipo de pessoas (1879a, II: 33, 111-112).

A presença prolongada ou até mesmo permanente destes outros europeus facultou-lhes necessariamente um certo conhecimento dos “usos e costumes” dos africanos vizinhos e por vezes dos que viviam mais afastados, mas com excepção dos missionários, viajantes alemães raramente se davam ao trabalho de aprender línguas africanas. Buchner não encontrou qualquer compreensão para os seus estudos linguísticos mesmo junto de um comerciante que já vivia em Malanje há doze anos: “O ambundu [kimbundu] não é mais do que um idioma estúpido e indecente do negro, suficientemente bom para os negros; não fica bem a europeus ocuparem-se disso” foi mais ou menos o comentário que ele recebeu (1888a: 26).

Visto que os alemães, na maioria dos casos, passavam muito tempo na companhia destes outros europeus, antes de poderem partir para o interior – raramente ficavam menos de meio ano (von Mechow permaneceu mesmo um ano e meio na zona portuguesa e a expedição ao Loango cultivou durante todo o tempo contactos esporádicos com as feitorias) –, recebiam muitos dos seus conhecimentos etnográficos, imbuídos da respectiva tendência. Tams teve uma consciência superficial desta problemática: “Será, porem, desnecessario relatar mais destes deshumanos costumes; mesmo porque muitas das descrições desta natureza que circulavam entre os portuguezes na costa, podiam admittir algumas duvidas em razão do seu sentido vago e indeterminado. Em todo o caso, ellas pouco augmentariam o nosso conhecimento local do paiz, por ser muito difficil affirmar com algum gráo de certeza, a que tribu ou aldêa ellas se referiam, visto que todos variavam, mais ou menos, nos seus costumes e usos religiosos.” (1850, I: 164)

Em 1884, o comerciante R. C. Phillips, que vivera largos anos na costa do Loango e na foz do Congo, publicou um estudo pormenorizado sobre “Volksstämme am Congo” (Tribos nas margens do rio Congo), no qual, ao lado de uma série de informações interessantes, também se encontram muitos dos estereótipos conhecidos de longa data. Trata-se do mesmo Phillips, com o qual os membros da expedição ao Loango conviveram amigavelmente durante três anos. Phillips, que conhecia as obras principais de Darwin e Spencer, defendia nas suas exposições a opinião de que, tanto ali, como em qualquer parte do mundo, no corpo subdesenvolvido dos “indígenas” viveria um espírito igualmente subdesenvolvido, de que os africanos seriam insensíveis à dor e ao calor, de que eles só se ocupariam do presente e do futuro imediato, de que passariam o seu tempo sem fazer nada, possuiriam uma noção de propriedade subdesenvolvida, seriam ingratos e gatunos, não se conseguiriam controlar e geralmente não seriam capazes de formar qualquer julgamento maduro. Também estariam livres do “peso” da inteligência, pois os Cabindas referiam como razão para a praga de bitacaias o facto do seu último rei não ter sido sepultado. No entanto, toda a gente sabia que a bitacaia tinha sido trazida do

Brasil para Ambriz há onze anos, juntamente com o lastro. Em contrapartida, o sentimento de justiça pública seria mais pronunciado do que se poderia pensar. Estão assim reunidos todos os lugares-comuns que também foram publicados de forma semelhante por muitos viajantes de África da altura.

Não se pretende com estas indicações postular que este “clima” de opinião, que os exploradores alemães encontraram em África os tenha influenciado sempre e inevitavelmente. Contudo, pode pressupor-se uma contaminação latente, principalmente quando já existiam preconceitos similares. Como vimos, esse foi muitas vezes o caso. Então, apesar de toda a crítica individual, esta proximidade em relação aos outros brancos, sentida principalmente como pátria cultural e “civilização”, podia actuar como confirmação e reforço de opiniões próprias.

6. SOMBRAS DO PASSADO

Depois dos morosos preparativos das expedições, na costa ou no interior mais ou menos próximo, a maior parte dos exploradores alemães de África do século XIX, acabou finalmente por pisar “terreno cientificamente virgem”, como era o seu grande objectivo. Mas isto não significa de maneira alguma, que as regiões percorridas por eles estivessem completamente livres da influência e intervenção europeias. Pelo contrário. Mesmo os contactos indirectos tinham, ao longo dos últimos três séculos, provocado, por todo lado, mudanças socio-políticas e económicas tão determinantes, que nem as sociedades africanas permaneciam “intactas”, na acepção estática tradicional do termo, nem os seus membros se mantinham de alguma forma livres de preconceitos em relação aos intrusos “científicos” brancos. É espantoso, o quanto a consciência colectiva recalcou o facto destas expedições terem tido lugar num espaço político e económico altamente explosivo, espaço esse que na África Central foi determinantemente influenciado, senão mesmo criado, pelo comércio atlântico de escravos, praticado ao longo de quatro séculos, com consequências profundas e revolucionárias. Durante séculos, milhares de seres humanos foram levados, ano após ano, do Ocidente da África Central para o outro lado do oceano, como escravos, tendo atingido os 40.000 p.a., nos anos de pico, antes da extinção oficial deste comércio (Miller 1988: gravura 7.1). Relativamente ao século XIX até 1867, os números apontam ainda para 1.517.000 escravos exportados desta região. Seria preciso esperar até ao século XX, para que a exportação de escravos fosse definitivamente extinta nestas zonas (Vellut 1989b: 138, 140-141). Este processo foi envolvendo regiões cada vez mais a oriente, até que por fim, em meados do século XVIII, o interior africano adquiriu uma importância crescente como reserva de escravos (vd. Miller 1988: mapa 5.1).

Em 1836 foi proibida a exportação de escravos de Angola e começou o período do chamado comércio “legítimo” com a cera, o marfim e mais tarde a borracha como produtos principais, que, no entanto, ainda se sobrepos e misturou anos a fio com o comércio “ilegal” dominado principalmente por africanos. O comércio de escravos no interior africano e a escravatura continuaram a existir, cresceram até (Vellut 1989b: 141) e, mesmo após a sua proibição oficial no ano de 1875, só desapareceram muito gradualmente, pelo menos fora do território da Angola portuguesa. Os escravos encontravam-se entretanto bem integrados nas sociedades africanas, como carregadores dos produtos do comércio “legítimo”, como trabalhadoras agrícolas e esposas, como manifestações do poder político e económico, como meio de ascensão social, constituição de fortuna, pagamento de dívidas, multa em processos perdidos, presentes e presentes de retribuição ou ainda como “mercadoria” em troca de outros produtos. Mentalmente, as sociedades africanas também já se tinham transformado, há muito, em sociedades esclavagistas.

Os exploradores alemães do último quartel do século XIX, não podiam, independentemente da sua opinião pessoal sobre o assunto, fugir a esta situação. As suas expedições ocorreram numa altura de múltiplas e complexas mudanças, em que também os luso-africanos e os africanos, principalmente os “Ambaquistas”, os Mbangala e os Cokwe, de forma mais ou menos violenta, abriam novos caminhos comerciais no interior, levando novos produtos para ocidente e para a costa, enquanto os portugueses, por seu lado, preparavam um domínio administrativo mais intenso e uma ocupação “efectiva” no sentido Leste e Nordeste, por meio do trabalho forçado e da cobrança de tributos. Precisamente nesta altura, entre 1878 e 1898, o número de comerciantes brancos em Angola, desde a costa até Malanje, no Leste, subiu de 600 para mais de 6000. Estes tornaram-se verdadeiros rivais dos chefes africanos e dos comerciantes luso-africanos, que, durante muito tempo, detiveram uma posição de primazia no interior africano (Dias 1986: 305). Estas circunstâncias explicam muitos conflitos, com os quais os exploradores alemães foram confrontados (ver cap. 13). A expansão do comércio da borracha, de curta duração, não só alterou de novo a situação política e económica como também aumentou a instabilidade geral. A defesa eficiente do monopólio comercial por parte dos Mbangala transformou o Kwango (como já acontecera no tempo da famosa rainha Njinga em Matamba, no século XVII), numa barreira temporariamente difícil de ultrapassar também para as expedições científicas (ver Schütt). Com igual sucesso, o chefe dos Lunda conseguiu, pelas mesmas razões, repelir as tentativas de Pogge e de Buchner de avançar mais para o Norte.

Embora a maioria dos viajantes condenasse o comércio atlântico de escravos, entretanto teoricamente extinto (Buchner, Pechuël-Loesche, Soyaux, Wissmann, Wolff), a sua opinião em relação à escravatura ainda praticada no interior africano era geralmente mais tolerante. Para além de Tams, que viajara anteriormente por essas regiões, só Soyaux apresenta uma rejeição definitiva dessa prática: “Sempre que conversei em Angola com colonos, a conversa desviava-se para as consequências, que a abolição completa da escravatura, teria para as plantações. Afirmavam, quase unanimemente, que sem escravos, era impossível fazer plantações ou manter as existentes; que os indígenas livres nunca iriam consentir no trabalho regular e duradouro necessário, preferindo, pelo contrário, procurar um pequeno ganho, durante parte do ano como carregadores de caravana, e que também os mais activos negros Kru, marinheiros natos, não prestariam para a agricultura: De onde viriam então os trabalhadores necessários? Eu não sou desta opinião, acho pelo contrário, que a abolição da escravatura seria uma benção para a colónia, tanto do ponto de vista moral, como material.” (Soyaux 1879a, II: 133-134)

Soyaux descreve a precariedade da fronteira entre homens livres e escravos outrora verificada, através de certas práticas de exploração: “Do mesmo modo que os comerciantes e plantadores enriquecem, assim, também o fazem os funcionários civis e militares, sem vergonha nem medo, à conta dos indígenas.

De acordo com a lei, um negro livre não deve ser obrigado a trabalhar, nem mesmo para o Estado; pelo contrário, o trabalho realizado deve ser-lhe pago. Mas quando o chefe de um presídio precisa de trabalhadores, então, manda que cada soba no seu concelho ponha gratuitamente à sua disposição um número de pessoas, normalmente, um número maior do que a aldeia em questão pode arranjar; por cada homem que faltar e também mais tarde por cada um que desertar, o soba tem que pagar uma multa enorme, e estas multas, assim como o salário poupado, vão parar ao bolso do chefe e dos seus funcionários subalternos. Desta forma é possível que o chefe de um posto militar afastado consiga tirar para si, de um edifício que o governo mandou construir e para o qual enviou um montante de 4500 marcos, nada menos do que 3600 marcos, não contando com o montante, possivelmente igual, que os sobas pagaram como multa. Outras fontes de enriquecimento muito proveitosas consistem no aproveitamento das contendidas e dos conflitos contínuos, que os sobas têm uns com os outros. Ambas as partes procuram conquistar a simpatia do chefe que deve tomar a decisão, oferecendo-lhe escravos ou gado como presente; aquele que oferecer mais é o que obtém, naturalmente, a razão.” (1879a, II: 110)

Enquanto que Soyaux não aceitou quaisquer argumentos contra a abolição completa da escravatura, Lux viu nela “de momento, uma medida pouco adequada”, mesmo considerando a escravatura “do ponto de vista humanitário condenável em todas as suas formas” (1880: 27), o que não o impediu de comprar um escravo, mal chegou a Luanda. A expedição ao Loango também utilizou escravos como carregadores e para trabalhos na sua estação. Do mesmo modo, Wolff achou “desaconselhável, por enquanto”, uma abolição da escravatura no interior de África, considerada moderada. As transformações sociais resultantes de uma tal medida teriam certamente consequências nocivas de longa duração para os europeus, por isso seria melhor “intrrometer-se pouco nas disposições internas dos indígenas.” (1889a: 42-43). Pogge tinha uma posição bastante permissiva em relação à escravatura, apesar de rejeitar escravos como prenda para si próprio. Ele achava também que o africano se tinha habituado de tal maneira à escravatura, que seria preciso acabar primeiro com ele, para pôr cobro àquela situação.

Da mesma forma, uma comparação do tratamento dos escravos por europeus e por africanos apresentava resultados diversos. Em contraste absoluto com Soyaux, os exploradores Buchner, Büttner, Lux e Schütt consideravam o destino dos escravos junto dos portugueses mais brando, sobretudo no tempo de transição vivido por eles. “Proibir aos europeus naquela parte de África a compra de escravos, significaria o mesmo que proibi-los de fundar uma colónia ali. Por outro lado, não pode acontecer nada melhor ao negro do interior do que sair das condições bestiais da sua terra e entrar no espaço de civilização europeia. A transição, o desenraizamento é muito duro, mas a partir do momento em que ele pertence a uma casa europeia, então está em segurança e tem perspectivas de vir a ter uma existência digna de um ser humano. Pois, de

acordo com a lei, ele é efectivamente livre, ao chegar a Angola. Só que não o sabe e, mesmo que o soubesse, seria incapaz de utilizar a sua liberdade. Só passados alguns anos, depois de ter aprendido algo que lhe permita ganhar a vida, poderá usufruir dos direitos humanos adquiridos. Então, a primeira coisa que fará, será comprar os seus próprios escravos.” (Buchner, 1882b: 808). Para Güssfeldt, o conceito de escravatura perdeu junto dos africanos (na costa do Loango) “parte da malevolência de que estava impregnado na Europa. Um escravo chama ao seu senhor ‘tati’, ou seja pai, e é chamado pelo último de ‘moana’, ou seja filho – isto não soa muito cruel e caracteriza na realidade a relação que, apreciada in loco, quase nada tem de pouco natural, mesmo para um defensor dos negros.” (1878: 109; ver também Wolff 1889a: 42). Outras descrições mostram, no entanto, que a vida de escravo, mesmo junto dos africanos, não era tão idílica.

Durante a sua estadia em África, estes viajantes eram constantemente confrontados com a escravatura. Buchner só veio a descobrir durante a viagem que, entre os seus carregadores, também se encontravam escravos trazidos por outros carregadores. Estes serviam os seus proprietários mas de resto comportavam-se “absolutamente como se tivessem os mesmos direitos e em discussões usavam da palavra de uma forma tão firme como os seus donos e, muitas vezes até, contra estes. Nunca eram espancados. [...] O que um escravo destes ganhava como salário e ração, era, todavia, reclamado pelo seu proprietário, embora o primeiro protestasse violentamente, se este não lhe oferecesse voluntariamente uma parte dos proventos.” (1882b: 811).

Pelo caminho, os viajantes alemães cruzavam-se constantemente com caravanas de escravos. Pogge contou que os Cokwe iam à região dos Luba, compravam lá marfim e depois trocavam-no na sua terra por escravos, sobretudo pelas desejadas raparigas. Durante o caminho, os escravos eram amarrados uns aos outros pelos pulsos, em grupos de quatro a oito, com correntes, a que estavam presos guizos. Embora frequentemente os acorrentassem durante a noite também pelos tornozelos, sempre conseguiam fugir alguns, principalmente quando tinham que passar fome (1880: 51-52). O intérprete e guia recrutado em Malanje por Buchner era acompanhado por uma pequena caravana comercial, que queria comprar escravos por conta própria na Lunda. Os escravos acabados de comprar tiveram má sorte. Buchner não se sentiu capaz de impedir este “abuso”, mas mais tarde deixou de tolerar correntes nas suas caravanas para assim favorecer as fugas. Não por princípios humanitários, mas, como ele confessou, para que a sua caravana não se multiplicasse e frustasse desta forma os seus planos de viagem. Se, logo de início, tivesse proibido aos seus carregadores a aquisição de escravos, Buchner nunca teria conseguido angariar gente suficiente, visto que o comércio de escravos era a principal razão da sua disposição para se deixarem contratar (1887a: 783). Mais tarde mandou as mulheres e as crianças à frente com uma parte do seu pessoal para Malanje: “A consequência disso foi que em Malanje

elas foram vendidas em segredo pelos meus homens de confiança. Não obstante, o meu correspondente e companheiro de negócios naquele lugar, o comerciante português, que me tinha equipado, soube do assunto, mandou soldados apanhar as mulheres traídas e conservou-as para mim em sua casa até eu aparecer. Distribuí-as então pelos meus criados. Não durou uma semana até que também estes as voltassem a vender. E os três marotos tinham-me descrito de forma tão linda, como iriam comprar vacas e cabras com o dinheiro que ganhavam comigo e como queriam construir uma aldeia separada com as mulheres e crianças oferecidas! Era um local verdadeiramente idílico e eu seria venerado para sempre como seu único fundador. E agora até vendiam ao desbarato as três mulheres que eles próprios tinham entretanto engravidado, juntamente com os seus embriões adormecidos!” (1887a: 786)

Frequentemente, os exploradores recebiam escravos de presente. Enquanto que Pechuël-Loesche conservou gratamente os seus, outros, como Pogge e Buchner, esforçaram-se imenso por devolvê-los, sem ofender o doador poderoso, neste caso o chefe dos Lunda. Nem sempre o conseguiram. E quando Buchner libertou um ladrão apanhado em flagrante, das mãos da gente da sua caravana, foi quase forçado a ficar com ele como escravo. O chefe, da aldeia em que se passou a história, queria saber “se eu queria ficar com o ladrão como meu escravo, que mo daria de presente. Pedro [*i.e.* o intérprete] afirmou que se eu não aceitasse, o ladrão seria provavelmente degolado. Ainda cheio das histórias mentirosas dos portugueses sobre o regime sangrento no reino do Muatiamvo [Mwant Yav], acreditei no que ele me disse e aceitei. Mais tarde compreendi claramente que, no máximo, o delinquente teria sido vendido a outra pessoa. É que num país em que as pessoas são uma mercadoria valiosa e ao mesmo tempo tão rara, não se lida com elas de uma forma esbanjadora.” (1884b: 154)

Outra manifestação do confronto com esta “sombra do passado” que, na época, não estava, de forma alguma, extinta era o medo das rusgas de escravos, com as quais os viajantes alemães do século XIX em África se depararam por vezes pelo caminho, até a população local reconhecer que estas caravanas não representavam qualquer perigo. Schütt, Wolf e Wolff descrevem experiências deste tipo. Os exploradores, vindos da distante Alemanha, ainda pouco familiarizada com o comércio dos escravos e com a escravatura, tinham certamente menosprezado a importância do comércio de escravos e da escravatura para os seus grandiosos planos científicos. Todavia, a maioria deles adaptou-se rapidamente às circunstâncias, adoptando muitas ideias das elites brancas e negras que mandavam em África.

7. A CARGA SOBRE OS OMBROS DE OUTROS

Estreitamente ligado ao comércio atlântico de escravos, esteve, desde sempre, o transporte de mercadorias por carregadores. Durante séculos não houve em Angola alternativa ao uso do ser humano como “besta de carga”. Isto modificou-se somente no século XX com a construção de estradas e de linhas de caminho-de-ferro. No *hinterland* de Luanda, a ligação por barcos a vapor pelo Kwanza até ao Dondo já tinha anteriormente facilitado o trânsito de mercadorias neste sector. No Sul, pesadas juntas de bois completavam as comitivas de carregadores. A historiografia do país só se dedicou a este aspecto de forma marginal, menosprezando o seu significado económico e social. As estimativas com base no volume de exportações de determinadas mercadorias permitem-nos concluir que, na segunda metade do século XIX, se encontravam, em média, 200 000 carregadores em viagem, por ano, em Angola (Margarido 1978) e que, só em 1883, a avaliar pelo peso estimado de um carregamento, 100 000 a 200 000 carregadores viajaram para o Kwanza vindos do outro lado do Lucala (Torres 1991: 81; cf. também cap. Soyaux, texto 3). Esta imagem ainda se torna mais nítida, se considerarmos que os carregadores não eram recrutados homoganeamente de todo o país, mas sim de determinadas zonas específicas ao longo das grandes rotas comerciais. Pelos cálculos de Josef Chavanne, metade dos cerca de 750 habitantes permanentes, estimados por ele, em 1884/85, para a cidade de Mbanza Congo, encontrava-se permanentemente ausente, prestando serviço de carregador. Nesta altura já se efectuara a transição do escravo sem direitos para o escravo “liberto”, deste para o trabalhador forçado e para a situação de carregador africano mais ou menos “livre”. Os notórios maus-tratos dos carregadores por parte dos seus patrões mantiveram-se. Paralelamente ao uso da violência directa, a violência estrutural inerente a este sistema tinha também resistido a todas as tentativas de reforma. A transição para o comércio “legítimo” tinha, além disso, aumentado bastante a procura de carregadores, de modo que quando as “viagens de descoberta” alemãs tiveram lugar, havia uma grande falta de mão-de-obra. Na periferia e, principalmente, fora das regiões da presença militar portuguesa, os africanos tinham mais liberdade de acção, para negociar as suas condições e defender os seus interesses. Estes interesses normalmente não coincidiam com os dos exploradores. A “questão dos carregadores” tornou-se, por isso, no problema central destas viagens e muitas vezes até decidiu sobre o sucesso ou insucesso de todo o empreendimento.

No centro do sistema de carregadores angolanos estavam, de ambos os lados, interesses económicos. Quando os africanos podiam escolher, estes interesses constituíam, por si só, a base para uma cooperação com os europeus (Margarido 1978). Mas, quando as vantagens em questão não eram visíveis, como no caso das viagens de exploração, não havia grande razão para irem trabalhar. Além

disso, tinha-se formado com o decorrer do tempo um sistema de regras diferente de região para região, que não podia ser alterado unilateralmente e consoante a vontade dos europeus. Na maior parte das vezes, os alemães totalmente inexperientes, que tinham começado a sua viagem com outras ideias, não estavam, apesar do apoio e dos bons conselhos dos europeus residentes, no início, à altura da situação. A sua impaciência, a sua desilusão e o seu sentimento de impotência levaram-nos frequentemente a reagir de forma amargurada e pouco compreensiva. O enorme período de tempo, que nalguns casos decorria entre a chegada à costa e a partida efectiva para o interior (no mínimo meio-ano, alguns nem conseguiam partir), devia-se principalmente aos seus esforços, muitas vezes vãos, para conseguirem contratar carregadores suficientes. O comércio a longa distância, bem organizado na Angola portuguesa, tornava-se mais fácil ali do que, por exemplo, no Loango, onde toda a actividade comercial era efectuada de intermediário para intermediário.

Max Buchner descreveu o sistema angolano: “Cada soba [*i.e.* chefe africano de um território ou de uma povoação sob administração portuguesa] ou Ambaquista de posição elevada dentro da jurisdição de Malanshe, tem um certo número de súbditos, que disponibiliza como carregadores, ficando responsável pela boa conduta dos mesmos e empenhando para isso toda a sua riqueza, em gado bovino, ovelhas e cabras. [...] Se um comerciante quer transportar mercadorias ou produtos, chama um soba seu conhecido, oferece-lhe aguardente e tecidos e manda-o arranjar, pelo preço habitual ou por um preço combinado, um número determinado de carregadores. Nestas negociações, o destino da viagem tem de ser sempre indicado, pois dele depende o pagamento. Um carregador dificilmente se decide a percorrer novos caminhos que nem ele nem algum camarada conheçam, ainda para mais, em direcção ao Oriente, no interior. Normalmente, só vai e vem, sempre pelo mesmo caminho que lhe foi ensinado pelo seu pai e ao qual está acostumado. Nunca se deixa contratar para serviços por tempo indeterminado.” (1882b: 808). Este era o problema principal: Os exploradores queriam descobrir regiões “desconhecidas”, andar por caminhos ainda não percorridos e cuja extensão ignoravam.

No Norte, na costa do Loango, onde os serviços de carregador não tinham a mesma tradição, havia ainda a dificuldade de se ter que negociar individualmente com todos os africanos livres (Güssfeldt 1879: 157). Nem todos se prestavam igualmente a este trabalho e era necessário muito treino para o realizar com habilidade e sem cansaço. Tratava-se, como Paul Güssfeldt reconheceu, efectivamente de uma arte (p. 140). Mas o major Alexander von Mechow que, na aflição de um fracasso iminente, foi enviado de Berlim para treinar devidamente os africanos, constituiu, sem dúvida, a medida errada. Uma epidemia de bexigas, que provocou grandes perdas no Loango em 1873/74, agravou ali a situação. Só o flagelo da fome conduziu os habitantes da costa, onze anos mais tarde, para este trabalho impopular. Naquela altura estimava-se que cerca de 1500 africanos do Loango estivessem a trabalhar como

carregadores, fora da sua terra, pelo que Richard Büttner e Willy Wolff, depois de várias tentativas infrutíferas, apenas conseguiram contratar uns poucos. Mas é evidente que, naquela altura, os relatos assustadores sobre estes brancos inviabilizavam também a possibilidade de contratação (*MAGD IV*: 371).

A razão principal para a enorme rejeição, com a qual os exploradores deparavam constantemente, era, como já referido, o facto de os carregadores serem contratados por um tempo ilimitado e com um destino desconhecido: “Sem um objectivo de viagem conhecido e determinado jamais se encontraria um grupo de carregadores. As pessoas querem saber para onde se vai e se durante o empreendimento ainda é possível realizar alguns negócios privados.” (Buchner 1887a: 782). Todos os viajantes tiveram de passar por estas experiências e pagaram cara a lição. Büttner e outros foram obrigados a regressar, alguns exploradores não tiveram outra alternativa senão mudar o rumo da sua caminhada ou tentar fazê-la por etapas. No tempo de Paul Pogge, os carregadores de Dongo e Pungo Andongo iam no máximo até Sanza, os de Malanje até Cassange e Quimbundo. Quem queria prosseguir viagem tinha que comprar escravos em Cassange e utilizá-los como carregadores. Com estes, o perigo de fuga era, todavia, enorme, para além de que não transportavam cargas tão pesadas. No entanto, Pogge, via neles os melhores carregadores, pois, como não tinham quaisquer direitos, não podiam exigir salários mais altos e eram obrigados a percorrer todos os caminhos que lhes eram impostos (1880: 24). A uma recusa total por parte dos africanos livres, os exploradores pouco tinham a opor, a não ser um aumento de salário, que por vezes tinha sucesso: “Em três dias percorreram uma distância até Bansa Tanda e disseram-me depois, com grande palavreado, que não podiam fazer caminhadas tão grandes, que as cargas eram pesadas demais, que tinham medo e que não queriam ir comigo para o Cuango, que iriam no máximo até ao Fufu – precisamente metade do caminho acordado! [...] O medo que estas pessoas sentem tem uma dimensão tão ridiculamente grande, que elas transportavam as suas cargas sem problemas de volta para São Salvador, prometendo devolver o pagamento recebido ou fazer outros serviços como compensação.” (Büttner 1883-1885e: 370)

Nos sítios, onde os africanos podiam negociar livremente os serviços de carregador, usufruíam de uma elevada reputação na sociedade africana: “Seria totalmente errado pensar nos carregadores de Angola como seres oprimidos, inferiores [...]. Pelo contrário, como pessoas muito viajadas e experientes, os mais velhos entre eles gozam de uma reputação especial, e também os mais jovens querem ser considerados ‘gentlemen’, têm orgulho no seu trabalho e adoram tratar-se uns aos outros por senhor. A sua petulância e insolência podem-se tornar muito desagradáveis, se não se mantiver sempre uma certa pressão. Os meus criados que, de acordo com os nossos conceitos, assumem um estatuto superior, eram frequentemente repelidos: ‘Vocês não têm nada que se meter no assunto, vocês não são carregadores.’ Muitos chefes fizeram, uma vez ou outra, na sua juventude o serviço de carregador. No meio dos meus Bondos

[Mbondo] havia vários jovens nobres que não tinham problema em pôr-se em fila juntamente com os seus escravos e transportar uma carga.” (Buchner 1882b: 811)

As grandes expedições do século XIX exigiam muita bagagem. A maior parte era constituída por mercadorias (principalmente tecidos, missangas e pólvora), com as quais se pagavam os carregadores pelo caminho, se compravam mantimentos, se pagavam as travessias de rios e se presenteavam os chefes. Buchner estimou o peso da sua bagagem em aproximadamente 4000 kg (ver Heintze 2004, Apêndice 1). Quanto mais volumosa fosse uma carga, mais leve teria de ser. Um grande baú de chapa de 43 x 61 cm não podia, por isso, pesar mais do que 30 kg, enquanto que 40 a 50 kg de missangas ou pólvora eram transportados sem protesto (1882b: 789). Diz-se que comerciantes portugueses chegaram mesmo a carregar o seu pessoal com 50 a 60 kg (Wissmann 1892: 11). As caravanas compreendiam, geralmente, cerca de cem carregadores, sem contar com um intérprete e guia, o pessoal particular do chefe da expedição (criado, cozinheiro), assim como os carregadores de tipóia ou almocreves dos chamados bois-cavalos (que eram sempre touros). A estes juntava-se ainda um número considerável de acompanhantes. Em grandes viagens, os carregadores eram acompanhados pelas suas mulheres ou por um ajudante, que transportavam os seus bens e as mercadorias para os seus negócios privados. Buchner tinha dado autorização, para que mais do que trinta parentes do seu guia se juntassem a ele, o que constituía uma pequena sociedade comercial, de modo que no total a comitiva compreendia cerca de 180 pessoas (1882b: 811-812). As caravanas mais pequenas eram mais fáceis de manobrar, visto que nas grandes caravanas, entre outros aspectos, havia mais disputas entre os carregadores e os habitantes das regiões atravessadas (cf. tb. Heintze 2002a/2004).

Estas dimensões permitem imaginar, como seria difícil o mero abastecimento de tanta gente. Existem sobre isto vários indícios indirectos nos relatos, mas só Büttner refere uma vez este problema mais pormenorizadamente: “Muitas vezes não me foi possível arranjar comida suficiente para 80 ou 90 pessoas [...] Alguns pensarão: então o viajante não trouxe mantimentos consigo da costa e não há mais nada do que chiquanga [*i.e.* alimento básico de mandioca preparada e cozida em forma de pão e que é consumível durante muito tempo] junto ao Congo? Arroz só se arranja na costa, embora em pequena quantidade, mas cada homem não transporta durante a caminhada mais do que 60-70 libras, o que significa que – perante uma ração diária de 1 libra por homem – este, se não transportasse mais nada, só transportaria a sua comida para o mesmo número de dias. [...] A lentidão da viagem aumenta naturalmente a dificuldade em obter mantimentos.” (1887b)

O que mais pesava era o facto de estas pessoas, ao contrário dos camelos e dos camiões, terem necessidades, desejos e expectativas muito concretas, que eram capazes de articular. Podiam aliar-se umas às outras, aproveitar o facto de

se encontrarem em maioria e sabiam que o branco novato estava praticamente à sua mercê. Por isso, havia sempre, sobretudo no começo da viagem, mas também em fases críticas posteriores, um medir de forças, no qual ambas as partes tentavam perceber até aonde podiam ir. O explorador inexperiente ficava frequentemente a ver navios ou tinha que se impôr através da violência, num meio onde esta já imperava. Pogge e Wissmann só conseguiram respeito através do bastão, Buchner serviu-se do chicote, Wolff optou por uma severidade “bárbara” e, de vez em quando, os carregadores também eram obrigados a obedecer sob ameaça do uso de armas. Mas a violência era usada por todas as partes envolvidas, como o seguinte exemplo ilustra: “Quando eu já estava na cama, o Manoel chegou todo contente à minha palhota e perguntou se eu lhe queria emprestar o meu chicote, pois ele tinha sido encarregado de dar uma pequena sova àquela escrava que eu hoje de manhã tinha visto opor-se às tentativas de conciliação do soba Mukelle e que tinha provocado a indignação de todos, o que seria muito saudável para ela. Naturalmente que o mandei rapidamente embora. Pouco depois podia ouvir-se o choramingar de mulher, razão pela qual eu próprio ameacei o nobre Soba Mukelle com o chicote, no caso da escrava continuar a ser castigada. Dois dias mais tarde tinha-se habituado, ria e dizia piadas e não voltaria a fugir por preço algum. Já estava demasiado distante da sua terra, o território dos Tuschilange [Chilangue], a cerca de um mês de marcha.” (Buchner 1883d: 3803)

Eduard Pechuël-Loesche tinha em vão procurado correntes por toda a costa, visto que estas lhe pareciam a única solução para impedir a fuga dos carregadores. Nalgumas expedições as discussões, as ameaças de greve ou mesmo as greves eram quase diárias. A própria forma de pagamento era um tema altamente sensível. Büttner tinha-se informado minuciosamente na região do rio Congo sobre os tipos de tecido com mais procura, mas quando depois quis contratar carregadores com estes em Mbanza Congo, os ditos tecidos foram rejeitados como sendo os errados (1890: 93). Outros motivos de discussão importantes eram as reivindicações salariais, os dias de folga e os caminhos a percorrer. Os exploradores não estavam geralmente à altura destas preocupações e perdiam a calma cada vez mais amiúde. Güssfeldt, que espancava os seus africanos e que não lhes prestava qualquer atenção, sofreu especialmente com isso: “Não sei como é que se não cai de esgotamento devido a toda esta vilania e aos aborrecimentos permanentes! Penetrar nesta parte de África é como escalar uma montanha íngreme de rochas pouco firmes, onde temos de estar conscientes de poder cair a cada passo sem culpa própria. Perante as ameaças constantes de reivindicações (que de certeza não serão as últimas), pareço um jogador que, a seguir a uma aposta perdida, tem sempre que fazer outra, na esperança de acabar finalmente por ganhar.” (1879: 161)

Buchner admitiu mais tarde ter cometido erros no início e foi também, por diversas vezes, obrigado a fazer retiradas tácitas: “Como eu [...] recusei o pagamento, o Ambaquista tornou-se insolente, o que o levou a apanhar umas

chibatadas da minha parte. Esta cena horrível provocou tamanho horror nos dois guias, que estes se esconderam no mato e quando Pedro os foi buscar, declararam desanimados que tinham muito medo de mim e que prefeririam devolver o salário a acompanhar-me. Não houve mais nada a fazer senão acalmar o meu espírito revoltado, sorrir de uma forma irresistível e assegurar aos dois tipos cobardes e sujos a minha benevolência inquebrantável com um gole de aguardente. A partir de então, nunca mais me atrevi a ralar, em se tratando dos guias.” (1883d: 3763)

A incapacidade de dirigir este tipo de viagens reflecte-se também nos juízos emitidos sobre os carregadores, principalmente nas cartas e nos relatórios para a “Afrikanische Gesellschaft”, escritos ainda no caminho. Estes falam quase sempre de “corja de gatunos”, “insolentes”, “desavergonhados” e “preguiçosos”. O registo de Wissmann no seu diário é um exemplo típico disto: “Que magnífica é a sociedade em que nos encontramos, no meio de milhões de indígenas desconfiados, a centenas de milhas de qualquer apoio da civilização, dependentes de nós próprios. Os nossos carregadores são um bando de negros barulhentos, brigões, de pouca confiança, cobardes, com pensamentos vis. Todos os dias temos problemas com esta corja que só tem os seus interesses em mente, sem qualquer sentimento mais elevado, sem olhar a meios para enganar o seu patrão, seja através de roubo, mendicidade, falsos direitos ou chantagem. Cada palavra simpática que se lhe concede é aproveitada para mendigar, cada sorriso usado como um pretexto para pedir alguma coisa, cada dificuldade dá azo a mais reivindicações. Nunca estão contentes com a parte que lhes cabe, cada caminhada mais cansativa origina resmungo, cada trabalho especial provoca oposição infinita, palavreado e perda de tempo. Cada palavra dirigida ao ouvido do patrão é fome, cada presente que eles recebem, uma oportunidade para pedirem mais. Nunca estão contentes, nunca têm vontade de trabalhar, mas para beber e discutir estão sempre prontos e, além disso, têm uma covardia fenomenal em relação aos indígenas, quando estes não se deixam tratar como cordeiros. No entanto, se isso sucede, utilizam a situação para os tratarem com a maior brutalidade. São assim, os nossos queridos subalternos!” (1892: 110)

O etnólogo Adolf Bastian chegou mesmo a chamar-lhes “parasitas”, dos quais “toda a costa estava cheia” (1874: 94). Buchner que, enquanto esteve em África, se expressou sempre de uma maneira muito negativa, só depois do seu regresso reconheceu o stress emocional a que esteve submetido e a dimensão teatral destas disputas: “O hábito do sermão nocturno, que a princípio se destinava ao feitiço, voltou-se então contra mim. Assim que escurecia e todos se encontravam agrupados à volta da fogueira, soavam até à meia-noite discursos rebeldes pela selva silenciosa adentro, que a analisar pelo seu tom impetuoso não eram de subestimar e os oradores eram recompensados com aplausos frenéticos. No meio deste inferno, estava eu próprio, só e abandonado, agitado pela febre e completamente desesperado. Quando agora recordo esse tempo, tenho que rir de como dantes amaldiçoei toda a África e toda a exploração em

África e de como, frequentemente, achei que a minha expedição estava perdida. Eu ainda não sabia, naquela altura, que o barafustar e gritar dos meus 120 negros não era de longe tão perigoso como parecia e, na confusão do momento, não me apercebi de que eles tinham razão. Não era eu na verdade um indivíduo imensamente rico e ao mesmo tempo, extraordinariamente louco? Não me interessava eu por coisas que em si não tinham valor algum? Eu picava pedras, punha em salmoura todo o tipo de parasitas, transportava uma enorme carga de valioso papel, apenas com o objectivo de secar dentro dele erva e folhas, comprava por bom dinheiro todo o tipo de tralha, só por impulso etnográfico, sim, eu dava aguardente, apenas para que as pessoas se deixassem fotografar! [...] Todavia, a observação calma e objectiva só raramente ocorre, no momento da disputa entre a vontade de estranhos e a própria. Nessa ocasião, uma pessoa aborrece-se e barafusta, faz discursos sobre vilania e malícia, maldade e infidelidade. Os meus 120 negros causaram-me muitos problemas naquele tempo, mas eu acho que 120 camponeses alemães seriam muito piores para um estranho tão esquisito.” (1883b: 2763)

Paralelamente às discussões constantes com o chefe da expedição havia também disputas e zaragatas permanentes entre os carregadores. Também aqui, o explorador branco se via várias vezes obrigado a interferir. Os acompanhantes de viagem de Buchner pertenciam a duas facções, os Ambaquistas e os Mbondo. Quando as atribulações da viagem cresceram, os casos de doença aumentaram e dois carregadores e uma escrava morreram, o clima de irritabilidade explodiu numa acusação mútua de feitiçaria: “No mês de Fevereiro quase que não se passou uma noite sem se rezar contra o ‘feitiço!’ e todos os dias aparecia alguém a dizer que este ou aquele o tinha enfeitado. Concretamente, foi uma vez mais a facção do Gomes, que também aqui se revelou como origem do mal. [...] O meu pessoal receava estar próximo deles e tinha medo de ser morto lentamente por eles. Augusto contava com toda a certeza que Pedro tinha pedido a um velho feiticeiro, que às vezes nos visitava, um feitiço eficaz para o matar e que Pedro lhe tinha oferecido em paga uma bonita escrava. Pedro prontificou-se logo a ‘prestar juramento’, isto é submeter-se a uma prova de veneno, mas não encontrou quem acreditasse na sua seriedade. O que é que se podia fazer? Argumentos razoáveis não tinham qualquer valor. Eu decidi, por isso, tomar a posição do meu pessoal atormentado e convencer toda a companhia dos Ambaquistas a emigrar, mandando deitar abaixo toda a sua aldeia e ameaçando matar todos os Ambaquistas que entrassem na mira das minhas espingardas. Isto deu resultado. Os medos crescentes acabaram e, por coincidência, também as doenças cessaram na mesma altura.” (1887a: 785)

Era preciso também apaziguar casos de abuso e violação de regulamentos por parte dos carregadores nas aldeias por onde passavam: “Na volta de um passeio de boi-cavalo surpreendi alguns dos nossos carregadores, saqueando uma pequena aldeia e batendo com paus nos indígenas que resistiam. Eu tomei

o partido dos indígenas e corri a pau os intrusos da aldeia para fora” (Wissmann, 1892: 108).

O branco era tido como responsável por tudo e podia, por isso, encontrar-se em situações bastante desagradáveis. Da mesma forma, uma caravana podia ser considerada responsável por acontecimentos não expiados de uma caravana anterior. Isto sucedeu a Buchner junto dos Songo, mas ele não deixou de suspeitar que toda aquela história só tinha sido encenada pelo carregador afectado, em conluio com os habitantes da aldeia, para lhe extorquir uma boa indemnização (1883b: 2811). Pequenos e grandes roubos dentro e fora do acampamento aumentavam o clima de irritação latente e provocavam reacções exageradas.

Von Barth-Harmating, Büttner, Güssfeldt, Schütt e Wolff não conseguiram lidar com estas perturbações. Estavam constantemente em apuros ou então tinham de lutar contra tentativas de fuga permanentes, às quais reagiam cada vez mais implacavelmente: “O meu pessoal fugiu-me no caminho que leva a San Salvador e só com grande esforço consegui, com ajuda do chicote, levá-los de novo para a aldeia” (Büttner 1886a: 4). A expedição ao Loango tinha perdido quase todos os Mbailundu, contratados em Novo Redondo (hoje Sumbe), por morte, doença ou fuga. Só posteriormente, Julius Falkenstein mostrou compreensão para com a situação completamente caótica, na qual eles se tinham encontrado: “Quando agora, livre de preconceitos e de forma objectiva, eu recorro aquele período, vejo todo o desenrolar de outra forma, parece-me perfeitamente natural; a coisa não podia mesmo ter acontecido de outra maneira. Ou não era compreensível que pessoas [referidos são os carregadores de Novo Redondo] que não tinham deixado de livre vontade a sua terra, mas que tinham sido obrigadas pelos seus familiares e que sofriam com o clima a que não estavam acostumadas e com as circunstâncias estranhas, não gostassem de nós desde o princípio? Que devido ao medo que tinham do desconhecido, do interior do território repleto de lendas terríveis, preferissem prescindir das condições relativamente agradáveis em que viviam, visto que também não faltavam atracções para constituir uma existência pacata numa das aldeias vizinhas? Uma concentração de poder tão formidável, como nós representávamos em número, tinha que parecer perigosa aos indígenas do Loango que não conseguiam compreender os nossos objectivos, mas que, pelo contrário, na sua maioria não deixavam de nos ver como um elemento ameaçador da sua liberdade e independência. Quem é que lhes garantia que nós abandonaríamos o seu país e que não os usaríamos em prejuízo dos seus próprios interesses? Era então de certa maneira o dever de defender a sua existência que os levava a boicotar, sempre que possível, as nossas ideias e planos e a afastar as pessoas [*i.e.* os carregadores mbailundu] de nós, através de mistificações.” (1879: 87).

Richard Büttner e Willy Wolff não teriam encontrado, uma segunda vez, carregadores que os quisessem acompanhar. Büttner teve, por isso, a ideia

bizarra de entregar os seus carregadores do Loango durante a sua estadia em Léopoldville (Kinshasa) à direcção da estação para qualquer trabalho que fosse necessário, “para que a vida na estação ou seja na feitoria lhes parecesse mais penosa do que o viajar” (1886a: 8), naturalmente sem o sucesso desejado. Outros, como Buchner, conseguiram, pelo menos à ida, manter a caravana unida e não perder ninguém por motivos de fuga.

A leitura destas disputas permanentes, a impotência, a irritação e o nervosismo dos exploradores, pressionados por reclamações extraordinárias constantes, permitem-nos fazer uma ideia de como estas exigências diárias inesperadas influenciaram a sua visão de África e de como elas acabaram por impedir uma comunicação verdadeira com os africanos. O relato de Pogge está repleto destas depreciações, de tal forma que o grau de lealdade que seus carregadores tiveram para com ele em tempos de crise passa – com raras excepções – despercebido: “Às vezes conseguiam encontrar alguns tubérculos de mandioca em aldeias abandonadas e então era típico da boa índole do meu pessoal, num sinal de devoção comovente, cuidar do seu patrão em primeiro lugar e, em silêncio, esperar pacientemente a sua vez de matar a fome.” (1880: 214). Estas situações não influenciaram porém a sua opinião geral.

Em vez de se poderem dedicar às suas tarefas científicas, os viajantes alemães estavam constantemente empenhados em impôr a sua vontade e em conseguir o respeito por meios mais ou menos violentos – condições pouco favoráveis ao trabalho etnográfico. De todos eles, Pechuël-Loesche foi possivelmente o explorador que conseguiu um contacto mais profundo com os seus africanos. Ele constatou agradecido a grande alegria com a qual foi recebido por eles na estação aquando do seu regresso: “Como todos se alegraram com o meu regresso; até mesmo os nossos pretos apareceram a correr e as suas caras mostravam uma alegria tão verdadeira, que isto para mim, é uma nova prova de que eles sabem apreciar o bom tratamento. Também é possível conseguir a sua dedicação através da calma e da bondade. G[üssfeldt] pareceu aborrecido ou surpreendido com o facto dos pretos mostrarem tanta amizade por mim. Veremos qual é a maneira que nos leva mais longe. G[üssfeldt] quer finalmente deixar de bater; as pessoas devem ser tratadas de uma forma mais suave. Todavia, não pensa doutra maneira sobre o negro.” (Diário 5, 14.3.1875). Meses mais tarde, Pechuël-Loesche despede-se saudosamente de África: “Eu observo mais uma vez este nosso grupo de miúdos, etc. é noite, 10h, toda a companhia está deitada lá fora no pátio em cima de esteiras ao luar; em parte a dormir, em parte a conversar, alguns a dizer piadas, a rir. Seria possível ver um grupo destes no nosso país; como tudo isto é pitoresco, alegre, aconchegado. Como conhecemos o negro agora de uma maneira tão diferente, desde que o passámos a tratar como ser humano!” (Diário 9, 2.5.1876)

8. ESPECTATIVAS FRUSTRADAS

“Talvez se possa pensar que, basicamente, um explorador em África ao serviço da ciência, não tem outra coisa com que se preocupar do que com a leitura dos seus instrumentos, a pesquisa, a esquematização e a redacção do seu diário. Na realidade, os verdadeiros objectivos e os resultados práticos da sua existência são todavia relegados para último lugar. O que é tido em consideração é a sua capacidade de trabalho, no que ela tem de melhor, seja em termos técnicos, seja a nível das condições ou dos atritos impostos à sua existência, como a preocupação em conseguir géneros alimentícios, a preocupação com todos os apetrechos da expedição, a superação de todas as adversidades, desde a febre até à má vontade dos pretos. Só o lastimável resto que lhe sobra, pode ser convertido em trabalho verdadeiro, vivo.” (Buchner 1884c: 232). O capítulo anterior deu-nos já uma ideia da veracidade desta conclusão de Max Buchner. A tarefa inesperadamente difícil de organizar uma dessas caravanas, de arranjar as mercadorias necessárias e sobretudo adequadas, de manter e alimentar o grande número de pessoas durante a viagem, as discussões intermináveis sobre isto ou aquilo roubavam, de tal maneira tempo e energia, que o trabalho científico que deveria ser central e que constituía o objectivo de todos os esforços ficava geralmente prejudicado. Também Richard Büttner se queixou que, a partir do momento em que foi forçado a passar a chefe da expedição, teve de pôr completamente de parte o estudo da Zoologia, Botânica e Geologia, de que o tinham incumbido (1886a: 10). Para os “descobridores” que tinham vindo para África por um misto de ambição e desejo de aventura estas tarefas de rotina, aborrecidas e ligadas a muitas arrelias, adquiriram uma dimensão totalmente inesperada, provocando uma desilusão profunda que se reflectiu na sua disposição.

Apesar dos múltiplos problemas, que as viagens com uma caravana de carregadores implicavam, havia um factor mais determinante que todos os outros: a doença. Alguns dos exploradores alemães do século XIX eram viajantes com experiência internacional, antes de irem para a África Central. Nenhum deles tivera de lutar em viagem contra uma ameaça tão essencial à sua saúde. Ataques de febre, delírios e paroxismos febris, repetidos acessos de febre com intervalos periódicos: a temida malária perpassa todas as descrições de viagem, paralisando qualquer desejo de empreendimento. Todos, sem excepção, sofreram os efeitos desta doença no séc. XIX e alguns também no século XX. Hermann von Barth-Harmating, Eduard Mohr e Eduard Schulze foram suas vítimas; Alexander von Homeyer, Anton Lux e Herman Soyaux foram obrigados a um regresso prematuro. Doenças tropicais ou as suas consequências vitimaram também Hermann Baumann, Wilhelm Mattenklodt e Paul Pogge. Richard Büttner, Paul Güssfeldt, Max Buchner e Willy Wolff sofreram, por vezes durante semanas a fio, desta enfermidade. Büttner sobreviveu a 24

ataques de febre, em 36 meses, Ao longo da sua estadia de 173 dias em Malanje, Buchner esteve doente com febre durante cinquenta dias. Todos tiveram desenteria. O carpinteiro Bugslag padeceu gravemente desta doença durante catorze semanas, um tempo de espera perdido para a expedição chefiada por Alexander von Mechow, em Malanje. Para além disso, os viajantes eram atormentados por úlceras e “reumatismo”, assim como, dependendo da altura do ano e da região, por quantidades enormes de moscas, mosquitos, formigas vermelhas e bitacaias. Paul Pogge partiu duas costelas na primeira viagem e, na segunda, o maxilar. Só Eduard Pechuël-Loesche se pode regozijar da sua perfeita saúde. Mas também ele confessou ao seu diário: “Os mosquitos são insuportáveis. As pessoas parecem farrapos, nem mesmo toda a energia da mente consegue influenciar o corpo” (Diário 5, 7.4.1875). Güssfeldt tornou-se melancólico e meditava sozinho, Buchner ficou como que paralisado devido às “doenças permanentes”, caindo por vezes num “estado de espírito de infinita tristeza”. Mesmo quando já estavam melhores, ressentiam-se ainda dos efeitos secundários da doença: “Fisicamente, estou completamente bem, espiritualmente, estou um pouco abalado, mas firmemente decidido a perseverar no inferno africano, ao qual eu próprio me atirei, até às últimas consequências e aguentar isto.” (Buchner 1878/79: 245)

O clima tropical, principalmente na costa, contribuiu para estragar a boa disposição geral: “O presente é para nós um tempo mau e difícil, o menos saudável que já vivemos. Chuva, humidade, fedor, calor sufocante, uma atmosfera verdadeiramente impestada. Está tudo coberto de bolor, as casas apodrecem, há um cheiro terrível a mofo por todo o lado. Uma influência muito má. Mamboma [*i.e.* alto dignitário] está com uma febre perniciosa há já 8 dias; os nossos dois Crumanos ainda estão acamados, um deles continua com convulsões. Ontem de manhã o lavadeiro N’Go, o nosso negro livre mais decente e inteligente a seguir a Mamboma, também teve repentinamente uma febre perniciosa elevadíssima, câibras, cólicas, contracções terríveis no estômago, torce-se todo e geme com dores. Eu dou-lhe, antes de mais, tintura de baldrião e as contracções no estômago passam imediatamente; depois quinino (uma dose enorme), pratos quentes em cima do corpo, panos (uma rapariga nova também se deita em cima dele para o aquecer, mas sem ser receitada), até que finalmente começa a suar, hoje está melhor. Só tem, de vez em quando, umas câibras leves nos maxilares; mas Mamboma e o nosso Crumano têm terríveis câibras nos maxilares, a cara toda repuxada por espasmos, deformada, os olhos revirados, fixos; não conseguem falar nem comer nada. Ontem Kamermann, o ‘imbrigado’ [*i.e.* empregado] e por agora substituto do nosso pobre vizinho Moreira, foi também subitamente acometido por uma febre perniciosa; pobre homem, sozinho em casa, onde acabou de morrer o seu antecessor com a mesma doença. Assim, ando a correr de um lado para o outro, meio médico, meio consolador, sob esta brasa, sob esta nebulosidade; não é qualquer um que consegue ficar enérgico e fresco nesta atmosfera modorrenta e

intoxicante. Güssfeldt queixa-se desde ontem; hoje Lindner começa também a mostrar sintomas, embora tente dominar-se [...] e consideram isto um bom clima? (Bastian!) Será que devemos acatar as lições desses senhores de Berlim, que, com todo o conforto, querem dar ordens e tomar decisões à distância? Ah, se eu tivesse os senhores aqui, só por oito dias, gostaria de lhes ensinar o que é África. Haviam de se admirar!” (Pechuël-Loesche, Diário 5, 15.4.1875)

Estas contrariedades aumentaram a susceptibilidade dos exploradores, já de si considerável em consequência das suas expectativas frustradas. Tornaram-se mais irascíveis e cada vez menos capazes de ter uma reacção calma perante dificuldades inesperadas: “A sua [de Güssfeldt] saúde está arruinada, a sua força espiritual quebrada, está profundamente melancólico; o seu ódio a África e aos negros é enorme e manifesta-se da maneira mais brutal. O negro tem de arcar com a culpa por todos os insucessos, – como se o viajante tivesse que encontrar tudo confortavelmente pronto para viajar, tal como se estivesse em casa – meu Deus, as pessoas imaginaram as viagens tão bonitas, tão fáceis, e, como não conseguem logo o êxito esperado, culpabilizam tudo e todos – só em si próprio, ninguém encontra um erro.” (Pechuël-Loesche, Diário 5, 25.4.1875). Uma comunicação imparcial, como a que é exigida para o trabalho etnográfico, era praticamente impossível nestas condições. Wolff foi um dos poucos, a tomar consciência desta situação posteriormente: “Eu próprio me senti extremamente agredido pelas estafas e privações. Além disso tornei-me tão nervoso, que a mais pequena negligência do meu pessoal me punha na maior exaltação e me levava a dar castigos severos. Este comportamento, que certamente se justifica durante a viagem, espalhou um medo tão grande entre os pretos, que eles não se teriam decidido facilmente a ir mais uma vez comigo para o interior.” (1889a: 235)

Durante os acessos de febre, os exploradores enervavam-se, compreensivelmente, com qualquer coisa. Toda a boa disposição se transformava em barulho incómodo, do qual não se podia fugir. Todo o visitante curioso, principalmente em grande número, era considerado importuno. As negociações infundáveis pelo caminho representavam quase diariamente a uma prova de paciência difícil de suportar. Enervado, Buchner chegou por vezes a pegar na espingarda, “para percorrer a floresta sossegada matando pássaros, longe da gritaria dos negros, dos balidos das cabras, dos cacarejos das galinhas e dos grunhidos dos porcos no acampamento” (1883b: 2763).

A marcha tinha de ser constantemente interrompida por motivo de doença dos exploradores ou dos carregadores. Se os carregadores não queriam seguir, tinham de ser obrigados através de negociações ou de uma pressão mais ou menos leve. Em todas as aldeias havia o ritual da visita e da retribuição da visita, do presente e da retribuição do presente, da recusa do presente retribuído, por este ser considerado demasiado pequeno, da negociação de um suplemento. Em todos os rios de maior caudal, a travessia tinha de ser organizada e o preço negociado, o que levava frequentemente a interrupções causadas por novas

reivindicações. O aprovisionamento de géneros alimentícios suficientes causava muitas vezes preocupações especiais. Assim, avançava-se muito lentamente. Buchner calculou uma média de 15 km diários. Alguns caminhos eram extremamente difíceis de percorrer, principalmente quando atravessavam terrenos pantanosos. Wolff e a sua gente vadearam numa zona com água até ao peito; a fome, a chuva e o pântano levaram Güssfeldt e o seu pessoal a um estado de esgotamento geral. Por vezes, também se perdiam, o que representava um dispêndio de força suplementar. Algumas peças da bagagem perdiam-se na água ou eram roubadas; os instrumentos também se partiam ou avariavam. Onde era possível, os alemães usavam bois como cavalgadas ou então marchavam a pé. Sempre que possível evitavam a tipóia, porque o seu balanço constante tornava a viagem muito cansativa, era difícil tomar notas e não se podia sair dela à vontade, para recolher espécimes.

Muitas vezes, arrastavam-se em vez de avançarem receptivos e cheios de curiosidade. A própria paisagem se modificava perante esta disposição. Assim, Büttner achou que todo o território entre o Congo e o Cuango era “de uma miséria que dispensava qualquer descrição.” (1886a: 10). Muitas das vezes, a paisagem pareceu-lhe monótona e desoladora. Também Buchner sentiu falta da “exuberância sonhada” (1888a: 2). Para os “descobridores”, cuja principal motivação era a caça grossa, o facto de haver tão pouca caça ao longo das rotas foi deveras decepcionante.

A montagem diária do acampamento com as suas cabanas feitas de ramos, chamadas “*fundos*”, durava sempre duas a três horas. Por isso, a caminhada já terminava por volta do meio-dia. Principalmente na época das chuvas, tinha de estar tudo pronto e arrecadado até ao começo das chuvadas fortes. “Um *fundo* destes é muito melhor como habitação do que qualquer tenda. Tem a solidez de uma casa e é espaçoso. Os ramos bonitos e frescos por dentro e a palha por fora regulam a circulação do ar da melhor maneira. A única grande desvantagem é ter de esperar muito tempo pela sua construção e normalmente ser precisa muita repreensão até que os carregadores preguiçosos reúnem todo o material de construção. Nomeadamente a palha, que durante a época das chuvas é necessária em grande quantidade, causa grandes dificuldades. A minha gente gostava muito mais de trabalhar nos seus próprios *fundos* do que no meu e desculpavam-se, quando eu os lembrava, dizendo que já outros 30 ou 40 tinham ido à procura de árvores e erva. Havia sempre grande gritaria e discussão sobre quem é que tinha de trabalhar para mim, visto que os meus cabos não valiam nada e eu tinha de impor obediência sozinho. Acabei por chegar à conclusão que o mais fácil e mais prático era eu deitar abaixo, sem me aborrecer muito, todas as cabanas dos carregadores que estivessem prontas antes da minha.” (Buchner 1887b: 383).

O tempo de espera, muitas vezes à torreia do sol, podia ser aproveitado finalmente para os trabalhos de Cartografia, Botânica e para o diário. Tratava-se, principalmente, de dar uma forma legível às notas feitas à pressa durante a

caminhada. Já foi referido (cap. 1) que a pesquisa científica (que incluía a Astronomia, a Topografia, a Meteorologia, a Geologia, a Botânica e a Zoologia) estava no centro destas viagens. Os levantamentos topográficos eram especialmente demorados. Güssfeldt fazia a leitura dos seus instrumentos pelo caminho, de cinco em cinco minutos. Chegados ao acampamento, os dados tinham de ser transcritos cuidadosamente. Em noites de céu limpo era preciso fazer observações astronómicas e durante estadias mais demoradas no mesmo lugar, fazer a leitura dos diferentes instrumentos com intervalos de tempo regulares. Só na estação alemã de Chinchoxo, na costa do Loango, foram coligidos, durante todo o empreendimento, 40 000 dados. Não era apenas a recolha de plantas e a caça de animais que ocupavam muito tempo, mas também a sua preparação posterior. Que grande desilusão, quando o material recolhido, em tempo de chuva, nebulosidade e nevoeiro, não secava e criava bolor! Falkenstein e Buchner desempenharam, paralelamente, as funções de médico e ocuparam-se ainda da fotografia.

Não é de surpreender que, apesar de um interesse efectivo, só sobrasse muito pouco tempo para os estudos linguísticos e etnográficos. Neste sentido, Buchner constatou o seguinte: “De monotonia não sofri em África, mas em compensação muitas vezes, ou praticamente sempre, me senti torturado pela sensação aborrecida de que a minha capacidade de trabalho limitada, paralisada pelas constantes doenças, só correspondia em parte à urgência inquieta da época.” (1882b: 783). Frequentemente, teve de desistir da recolha de documentação linguística, que constituía a sua ocupação favorita, porque o barulho do acampamento permitia, na melhor das hipóteses, a formulação de perguntas sobre vocábulos, mas não o escutar de conversas. Também lhe faltavam professores bilingues com paciência. O seu intérprete não era suficientemente competente para a aprendizagem da língua lunda, pelo que Buchner acabou por se dedicar principalmente ao kimbundu. Pechuël-Loesche, que passou a maior parte do seu tempo em África sediado na estação alemã na costa do Loango, foi o único que conseguiu fazer estudos linguísticos abrangentes, cujos resultados infelizmente ficaram por publicar.

Mas, nem a falta de tempo nem as prioridades das Ciências Naturais foram os principais entraves às pesquisas etnográficas, mas sim as concepções de base em relação aos seres humanos estranhos, influenciadas de forma negativa pelos antecedentes e pelos impedimentos principais já aludidos. Onde a rotina diária é determinada pelo aborrecimento, pela desilusão, pela raiva e pela injúria, dificilmente se conseguem construir contactos baseados na confiança. Por conseguinte, Buchner não viu, nas regiões de África por onde viajou, “nada de grandioso”. Tudo, desde o comércio africano até às caravanas, só tinha aqui “dimensões mesquinhas”: “Caravanas de escravos de 1000 e mais cabeças, como são mencionadas por Cameron, são na minha região impensáveis” (1882a: 88). Os “povos interessantes” encontravam-se noutros sítios, mas não junto “desse ridículo grande ladrão Muatyamvo [Mwant Yav], junto do qual

tudo já é falsificado pelo comércio da costa. Só depois da fronteira do reino do Muatyamvo é que a África começa a valer o esforço e o sacrifício dispendidos.” (1880/81: 228). Perante uma disposição como esta, o “imperador radioso dos Lunda” parecia apenas um “potentado de negros sem nobreza nem majestade, adornado à maneira dos macacos” (Buchner 1887a: 781). Assim sendo, como é que era possível estar aberto a outras culturas? Deste modo, a conclusão tirada por Anton Lux e resultante de um somatório de preconceitos, frustração e doença é válida também para outros viajantes desta época: “A relação com os pretos é aquilo que em primeira linha torna tão difícil o viajar em África, não excluindo o território dos Bangelas [Mbangala], e que deita frequentemente por terra as mais audazes esperanças, nutridas com todo o direito, apesar da melhor boa vontade dos viajantes.” (1879: 183)

A todo o resto, juntava-se ainda a sensação deprimente de que não se correspondia às esperanças nutridas na Alemanha. Porque aí exigiam-se “resultados mais vistosos”, “êxitos com grandes dimensões” equiparados aos “resultados fantásticos de outras nações” (Falkenstein 1879: 164-165), que pudessem manter vivo o interesse e, assim, reunir os montantes necessários, mas isso, só poucos exploradores conseguiam alcançar.

9. DESMANCHA-PRAZERES

Os exploradores, com as suas caravanas ricamente equipadas e “exóticas” aos olhos da população, constituíam uma grande e rara atracção. A notícia da sua chegada propagava-se rapidamente e por todo o lado eram imediatamente rodeados por uma multidão espantada e curiosa. A chegada a qualquer localidade culminava com a visita ao chefe da aldeia ou província, com a sua visita de retribuição e a troca obrigatória de presentes de acolhimento, cujo montante desencadeava muitas vezes uma longa negociação. Estas eram as oportunidades, geralmente breves, que os exploradores tinham para conhecer os costumes e as mentalidades estrangeiras; como porém no cerne destes encontros estava sempre, de um lado, o desejo de conseguir o máximo e do outro, o de dar o mínimo possível (para que as mercadorias não acabassem de repente durante o caminho), quase todos os exploradores de África encararam estas visitas muito teimosas, como uma maçada.

Quanto mais se penetrava no interior, maior era a sensação que um branco causava. Estes sentiam-se como animais selvagens num jardim zoológico europeu (Pogge) e, dependendo do estado de espírito, tinham na maior parte dos casos enormes dificuldades em suportar a situação com calma e serenidade. Para eles, as referidas visitas não passavam de uma “praga horrível”, cujo barulho e impertinência estavam para além da sua tolerância. Max Buchner já se sentira incomodado no Dondo “dia e noite [com] as disputas e o barulho repugnantes da corja preta” (1878/79: 1). Mais tarde queixa-se repetidamente da “praga dos sobas”. Richard Büttner foi cercado nos domínios do Mwene Mputu Casongo “até alta noite por metade da população” que nem a persuasão nem a violência conseguiram fazer dispersar. Esgotado teve de suportar os “olhares embasbacados, a risota e a impertinência”. Só com a escolta dos seus carregadores armados conseguiu manter a multidão à distância, pelo menos durante o seu banho matinal. Os chefes de aldeia, pelo caminho, revelaram-se-lhe, principalmente, como “sujeitos pedinchões e maçadores”. Para Julius Falkenstein (assim como para Paul Güssfeldt) as “visitas frequentes de pequenos potentados do território” chegavam mesmo a ser “insuportáveis”, “porque elas, não só roubam muito tempo como são desagradáveis e desnecessárias.” Mas como poderia vir a depender novamente da sua hospitalidade, Falkenstein considerou que este “mau costume da visita” poderia ser restringido com o tempo, mas não completamente abandonado (1879: 8-10). Anton Lux sofreu também com a “curiosidade insaciável” da população, principalmente quando a doença de um carregador atrasava o prosseguimento da caminhada: “Estas estadias involuntárias são muito incómodas para o viajante. Ele é impedido de avançar sem, no entanto, ganhar nada com isso, pois, à excepção da determinação astronómica do lugar, o tempo é muito curto para boas observações científicas. Para além disso, ele é constantemente incomodado pelos indígenas,

porque eles passam o dia inteiro a vaguear pelo acampamento e gostam especialmente de se agachar em frente da palhota do branco para o olharem embasbacados e para o sobrecarregarem com perguntas. Aqui a melhor coisa a fazer é pegar na espingarda e – ir à caça. Mesmo que não se apanhe nada, o que normalmente acontece, consegue-se pelo menos obter a tão necessária calma na solidão do mato” (1880: 75). Otto Schütt queixa-se da “praga diária” dos chefes e dos “olhares fixos, a gritaria e a risota rudes”. Teve de “pagar bem cara” a sua visita de cortesia a um soba, porque este lha retribuiu passado pouco tempo e ele ficou “preso [durante] duas horas” (1881b: 65, 104, 105).

Apesar de também Buchner se sentir bastante incomodado, a sua curiosidade foi mais forte, pelo menos no início. Mas quando ele não conseguiu alcançar aquilo a que se tinha proposto, a sua paciência e a sua capacidade de assimilação também se esgotaram (ver cap. Buchner, texto 1). Para escapar à “impertinência”, à “sujidade” e aos “parasitas” dos “potentados negros”, ele tinha o cuidado de não montar os seus acampamentos de viagem numa aldeia, mas sim “livremente na bonita savana”, tão longe quanto possível da povoação, mas de modo a que a compra dos géneros alimentícios pudesse ser realizada (1887b: 382).

Esta relutância dos exploradores alemães em conviver com os povos nativos, que como vimos, resultava de muitos factores, permite também encarar de outra forma a sua actividade de recolha. Para a recolha de espécimes ligados às Ciências Naturais, um contacto com a população indígena era quase totalmente dispensável. De igual modo, a recolha etnográfica exigia apenas um mínimo de comunicação e aproximação, visto que, na altura, o registo completo do contexto ainda não era ambicionado nem habitual. Bastava que um chefe oferecesse ou mandasse oferecer os objectos correspondentes ao valor dos artigos europeus cobiçados. Com o êxito da transacção, a tarefa científica estava completa.

No fundo, os exploradores teriam preferido uma natureza africana sem os seus habitantes. Foi ela o objecto exclusivo dos seus sentimentos mais profundos. Só ela é que, (como a montanha) desafiava o ser humano ao máximo, mas não o exasperava até ao limite, como fazia o seu semelhante, lhe mereceu evocações emotivas e multifacetadas. Daí que a recordação aprazível registada por Schütt, de um lugar desabitado, liberto da “corja negra”, sirva também para caracterizar todos os seus contemporâneos: “Com isto, libertámo-nos completamente de todos os perigos por parte dos selvagens até às margens do Cuango; não havia mais nenhum grande chefe no nosso caminho que conduzia ao Ocidente, na maioria das vezes, através de regiões inóspitas e desabitadas. Esta foi para mim a parte mais bela da viagem, apesar de termos passado muita fome e dificuldades, estas últimas principalmente na travessia dos inúmeros pântanos e rios, onde não vivia ninguém, e que tivemos de atravessar por conta própria. Mas o melhor foi que raramente encontrámos

selvagens e em número tão reduzido, que não era possível pensar em injúrias da sua parte.” (*MAGD* I: 190)

10. PROPAGANDA DISSUASIVA

Os exploradores brancos eram, por sua vez, só muito relativamente bem-vindos. Os africanos não só desconfiavam do objectivo da viagem proclamado por eles, como por vezes também duvidavam, de forma clarividente, das consequências posteriores. O que sentiam de imediato e por todo o lado era uma ameaça aos seus próprios interesses comerciais, pelo que tentavam aproveitar as vantagens trazidas pelo aparecimento de uma tal caravana, impondo simultaneamente limites ao seu avanço mais para o interior. Como não existiam argumentos capazes de dissuadir os exploradores da realização do seu projecto e como se pretendia evitar, na medida do possível, o uso da violência, devido às suas consequências imprevisíveis, a melhor maneira de alcançar isto era através da influência exercida sobre os carregadores. A combinação de lendas migratórias, dos medos de cada um em relação a terras desconhecidas e da intimidação consciente, revelou-se um meio altamente eficaz neste domínio. O facto de também comerciantes portugueses muito viajados, como Saturnino de Sousa Machado, terem espalhado estas histórias (Lux 1880: 102-103), aumentou a sua credibilidade. Os exploradores alemães não se deixaram impressionar e, compreendendo a estratégia, faziam troça do medo do seu pessoal. Embora pudessem ter enaltecido as suas proezas, se no seu país se tivessem gabado da sua valentia perante os “canibais”.¹

Já na antiguidade se acreditava que a periferia do mundo era habitada por animais fabulosos. Também na costa do Loango, os comerciantes contavam histórias sobre anões, macrocéfalos, seres que dormiam em cabaças, seres humanos com cauda, pessoas sem boca, só com um olho, só com um braço e naturalmente canibais, que povoavam todo o interior (Bastian 1874a: 70; ver também *CAG* 1874: 330-332). Os carregadores de Richard Büttner pediram para regressar porque os habitantes do local para onde se dirigiam, eram canibais, viviam na água, falavam pela axila ou, até transportavam a cabeça debaixo do braço (Büttner 1886b: 308; 1890: 155, 159, 161-162). A história, conhecida desde o século XVII, do rei que, quando se erguia do seu trono, trespassava, com uma lança ou faca em cada mão, dois escravos ajoelhados ao pé dele, também voltou a ser ouvida por Adolf Bastian (1859: 211; cf. cap. von François, texto 1; Schütt, texto 8). Do mesmo modo, os Kongo do Cassai (Tukongo) fizeram uso de todo o seu reportório para impedir Max Buchner de seguir para Norte: alegadamente existiriam aí os “Akuluatanitschu, os quais não possuíam nada que se parecesse com vestuário e que por isso esticavam a pele da barriga, formando uma grande prega para tapar a sua nudez.” (1883a: 1747). Algo parecido foi contado a Otto Schütt. Aliás, segundo as histórias relatadas aos seus carregadores, esperavam-nos perigos mortíferos ao longo do seu

¹ Ver mais detalhadamente sobre este tema Heintze 2006.

empreendimento: “Quereis realmente dar cabo de vós? Quereis mesmo amanhã voltar para procurar o caminho para Kapelegess? Não façais isso. Porque lá tereis de lutar contra nós. Ou quereis encontrar o caminho através do pântano? Não o encontrareis. Porque do outro lado vivem, em inúmeras e infinitas aldeias, os selvagens Tubinsch [Mbinji], nossos e vossos inimigos, os canibais. Em menos de três dias comem-vos a todos lá. Não ouvistes o choro lamentoso das nossas mulheres? Era pelos nossos filhos que foram levados e comidos pelos selvagens Tubinsch.’ Segundo fui informado, estes discursos tinham também sido feitos nas duas noites anteriores. Soavam tão horrorosos, quanto na realidade eram insignificantes e, contudo, não deixavam de causar a maior impressão nas almas assustadas dos negros.” (Buchner 1883a: *ibid.*).

As histórias sobre os antropófagos vizinhos eram as mais eficazes. Na costa angolana acreditava-se que o costume da extracção dos dois dentes incisivos da frente era uma característica de “tribus de canibae do interior” (Tams 1850, I: 134; o mesmo em Jessen 1936: 47). Indicações sobre “canibais” ao longo do itinerário previsto mais para o interior propagavam um terror tal entre os carregadores, que só a violência os conseguia convencer a prosseguir o caminho. A Alexander von Mechow não lhe restou por fim outra hipótese senão regressar, apesar de ter ameaçado cortar o sustento dos carregadores pelos tempos mais próximos e de lhes ter oferecido um pagamento dez vezes superior, caso continuassem a caminhada. Paul Güssfeldt e Richard Büttner também tiveram as suas dificuldades para dissipar o medo que essas histórias inspiravam à sua gente. Nos casos em que chegava a haver um contacto efectivo com os povos em questão, estes rejeitavam indignados a reputação nociva, considerando-a uma difamação (Buchner 1882a: 102; 1883e: 63). Buchner descobriu além disso, que “a ideia de carne humana não causava menor repugnância [...] aos negros, tanto quanto os conheço, do que a nós.” (1888c: 325). Só Paul Pogge observou uma manhã, os “Kauanda” (Akaawand), que se encontravam na residência do rei dos Lunda, desfilando perto do seu acampamento com as partes decepadas de um corpo acabado de ser executado. “O meu intérprete Germano chamou-me para que eu sáisse da minha palhota, a fim de poder assistir ao espectáculo, uma vez que, até àquela altura, eu não quisera acreditar que os cadáveres pudessem ser comidos pelos Kauanda aqui presentes. Um retardatário, na companhia de dois outros negros, transportava sobre os ombros um braço amputado do corpo.” (1880: 190). Não se pode excluir completamente a hipótese de que também isto tenha sido apenas uma encenação para levar Pogge a abandonar finalmente os seus planos obstinados de seguir viagem em direcção às regiões mais a Norte. Os Chilangue (Luluwa) tinham uma reputação particularmente má como canibais vorazes. Os Cokwe, por sua vez, tinham especial interesse em defender as suas lucrativas relações comerciais com este povo. Contudo, Schütt também não se deixou enganar por esta situação: “O comerciante descreveu-nos, com uma insolência inacreditável, as aventuras e os perigos que uma viagem às regiões dos Cachilanga teria como

consequência. Fiquei, no entanto, convencido de que isto não seria tão grave, senão o Quioco [Cokwe] não nos teria aconselhado a desistir da viagem, mas, pelo contrário, ter-nos-ia encorajado a realizar a mesma, para que morrêssemos lá e não pudéssemos fazer mais concorrência ao seu comércio, como pensava que fazíamos.” (1881b: 131). Mais tarde, Schütt recebeu também informações sobre uma quantidade de outros antropófagos que não deixavam passar qualquer tipo de comerciante. Alegadamente, só os Mbangala conseguiriam chegar até aos famosos Chilangue, pelos quais Pogge e Wissmann foram depois tão bem recebidos.

Nem sempre se tratava de uma estratégia de defesa conscientemente aplicada. As histórias arrepiantes espalhavam-se também como uma bola de neve, por exemplo, através das próprias caravanas que regressavam. Assim os carregadores de Schütt divulgaram, depois de se encontrarem de novo ilesos em Malanje, “de forma ostentatória uma quantidade de mentiras ridículas sobre fome e doença, corta-cabeças e canibais”, o que amedrontou bastante o pessoal de Buchner que se estava a preparar para partir (1882b: 810).

Afinal esses medos eram também transferidos desde há muito tempo para os países dos brancos. António de Cavazzi (I, § 329) relata no século XVII, que no Kongo se temia que, na América do Sul, os escravos fossem transformados em pólvora e óleo. No tempo de Pogge ainda corria na residência dos Lunda o mesmo boato de horror entre os escravos comprados. Desconfiava-se que “eles eram entregues aos brancos para estes puderem fabricar pólvora com seus ossos” (1880: 52 nota de rodapé.). Josef Chavanne deparou-se numa aldeia com o receio dos aldeãos, de que ele e os seus carregadores teriam vindo ali para comerem os habitantes, “como era costume dos Zanzibari de Bula Matadi [*i.e.* Stanley].” (1887: 266)

Sem dúvida que todas estas histórias horrorosas consistiam, por um lado em estratégias reais e por outro em projecções de medos. Em alguns casos, contudo, a sua introdução na literatura europeia sobre África talvez também tenha ficado a dever-se a equívocos de natureza linguística. Isto porque nas línguas bantu o termo “comer” é sinónimo de matar, sendo também usado em sentido figurado com inúmeras variantes. Assim, já Eugen Zintgraff (*VGEB* 1886: 92) presumiu que declarações como a de uma feiticeira ter comido a alma do seu irmão recentemente falecido possam ter sido interpretadas por alguns exploradores como antropofagia. Quando na costa do Loango o sacerdote da terra morreu de doença, houve uma grande audiência no tribunal, para descobrir o culpado, que o “comera” (Pechuël-Loesche, *Diário* 5, 30.4.1875). Também em Angola a exportação de escravos para o além-mar chegou a ser transcrita da mesma maneira. No entanto, não é possível ignorar o facto de que o medo em relação aos antropófagos, incutido aos carregadores, era enorme ao longo de toda a viagem e que, às vezes, principalmente na região do Congo, nem bons conselhos nem aumentos de salário aliciantes conseguiam impedir a fuga ou convencer o pessoal a seguir caminho.

11. CIÊNCIA VIOLENTA

Já foi invocado várias vezes que as “pesquisas de campo” do século XIX, que constituem o objecto central deste trabalho, ocorreram num clima de violência potencial. A escravatura persistente, com o medo que as batidas de escravos infligiam no interior do território (ver cap. 6) e o sistema de recrutamento de carregadores que se manteve em vigor, mesmo após a abolição oficial da escravatura (ver cap. 7) contribuíram para a conjuntura de violência existente. Ludwig Wolf apercebeu-se muito bem disso: “Infelizmente nem sempre se podem evitar as confrontações hostis. Estas prejudicam, contudo, mais os viajantes e os seus objectivos do que os indígenas. [...] Salvo raras excepções, as ameaças deste género são, porém, apenas resultantes do medo. Isto é fácil de compreender. Muitos povos da África Central têm sido confrontados demasiadas vezes com assaltos e com batidas de caça aos escravos, o que justifica que desconfiem do aparecimento inesperado de uma expedição, ainda para mais de brancos nunca vistos, e que tomem as suas medidas de defesa.” (VGEB 1886: 80-81). Quando o outro é visto maioritariamente como uma “corja” e quando a “submissão infame dos nossos boçais irmãos humanos” se transforma em “insolência igualmente vergonhosa”, como acontecia por parte das expedições (Buchner 1883a: 1746), a distância entre o uso imaginário e o uso real da violência não é muito grande. Isto não se aplicava somente ao próprio pessoal (ver cap. 7) como também a todos os africanos que, ao longo dos caminhos percorridos, se opunham aos planos e interesses dos exploradores.

No entanto, em relação à população quase nunca se passou das ameaças de violência, quando se tratava de manter à distância os habitantes hostis de uma aldeia, de forçar um caminho ou uma travessia de rio. Na maior parte das vezes, bastava um comportamento decidido com as armas a postos, reforçado por uns tiros de prevenção. Max Buchner julgava-se capaz de ignorar os “caprichos de sua majestade Liliput” na Lunda e forçar caminho em direcção ao Norte, com um “exército” de apenas três ou quatro brancos (1880/81: 161). Mas como não o tinha, teve de se submeter a àqueles. Adolf Bastian forçou caminho através de ameaças e da ostentação das armas trazidas (1859: *passim*). Todos os outros exploradores viajaram bem armados e não procederam de modo diferente. Os roubos eram severamente punidos. Se os intrusos estivessem em maioria e se esta demonstração de força não implicasse nenhum perigo imediato, os exploradores podiam contar com o apoio do seu pessoal. Muitas destas ocorrências estavam repletas de uma teatralidade ensaiada, que ambas as partes apreciavam.

As situações mais graves registavam-se principalmente, quando não se tratava apenas de portagens, custos de travessias de rios, prendas para os chefes locais e outros tributos, mas sim da direcção fundamental do avanço, quando surgiam mal-entendidos ou quando – quase sempre inconscientemente – eram

violados locais sagrados. Assim, os tenentes Richard Kund e Hans Tappenbeck, pertencentes desde o início à expedição de Eduard Schulze, foram intensamente alvejados durante duas horas a fio, o que provocou um morto e um ferido, porque tinham passado por cima do lugar de um “feitiço” e por não terem voltado atrás, apesar das intimações (Schulze 1883-1885: 290; ver também Büttner 1890: 32 seg.). Também o pessoal de Richard Büttner, ao procurar lenha, foi dar sem querer a um “local de feitiço”, tendo sido imediatamente “apanhado, atado e espancado até sangrar”, pelos nativos locais (1890: 116-117). O etnólogo (posterior) Bastian revelou pouca sensibilidade, quando certa vez decidiu procurar uma “casa de feitiço”: O seu pessoal “recusou-se terminantemente, porque nenhum voltaria vivo e foram necessárias ameaças repetidas para o levar a dar uns passos. Assim que se aperceberam da minha intenção, todos os habitantes da aldeia vieram para ao pé da tipóia, suplicando para que não fossemos ao encontro do perigo certo e atirando-se aos pés dos carregadores para os impedir de andar [...]. Como ainda gostaria de investigar outra casa de feitiço, não dei ouvidos a estas súplicas, afastei aqueles que estavam mais perto da tipóia e renovei com veemência as minhas ordens de avanço. Neste momento, o grupo todo rompeu na mais miserável gritaria. As mulheres puxavam os cabelos e batiam nos seus peitos e os idosos reboavam-se no pó ao lado da tipóia, clamando pelo céu e a terra para me impedirem de avançar.” (1859: 192-193). A febre, a excitação e os aborrecimentos provocaram um acesso de fraqueza, pelo que Bastian não teve, por fim, outro remédio senão desistir.

De pequenas coisas podiam surgir por vezes situações bastante desagradáveis, como por exemplo, quando Buchner se tentou defender da impertinência de um chefe cokwe embriagado. Como as palavras amigáveis não surtiram efeito algum, acabou por lhe encostar o seu revólver à orelha, com o cano para cima e disparou duas vezes: “Isto teve felizmente o efeito desejado. Então, Kibeo desatou a correr para a porta e para fora do acampamento, tropeçou, caiu, levantou-se e gritou ‘guerra’. Num ápice gerou-se uma confusão por todo o lado. Também os Kioko [Cokwe] que vadiavam pelo acampamento e pela aldeia, gritaram naquele momento ‘guerra!’ O meu pessoal correu para as armas. Kibeo sangrava na cara, tinha-se magoado ligeiramente na queda, mas a maioria pensava que eu lhe tinha dado um tiro. Os Kioko hostis reuniram-se no espaço livre à frente da residência e uma bala, disparada por eles, ecoou pelo acampamento.” (1884b: 154). Neste caso, foi possível acalmar os ânimos com rapidez, mas frequentemente, quando os exploradores não eram a facção mais forte, impunham-se grandes negociações, o pagamento de desagravos, muita serenidade, poder persuasivo e calma para que a harmonia voltasse a ser mais ou menos reposta.

Os exploradores participaram, inevitavelmente, pelo menos como espectadores, em actos de violência institucionais das sociedades africanas. Buchner foi testemunha (intencionalmente convocada) de uma execução através

de degolação na Lunda; os membros da expedição ao Loango, só por acaso, “perderam a oportunidade” de ver a morte de um condenado que foi enterrado vivo: “Que pena, pensámos que não se realizasse, devido à chuva torrencial e por isso não fomos lá. Também teríamos de ter oferecido muitas coisas” (Pechuël-Loesche, Diário 8, 11.3.1876). O Mwant Yav chegou mesmo a pedir veneno a Buchner para dar descaminho a um parente: “Muatiamvo teve pesadelos. Recentemente, tropeçou três vezes consecutivas durante a caça e hoje de manhã encontraram um feitiço muito mau, colocado no seu trilho habitual para os campos de mandioca, nomeadamente dois chifres de antílope enfeitiçados, embrulhados em folhas mágicas. O trono estava em perigo, um inimigo traiçoeiro ameaçava a vida do rei. E neste caso não havia ninguém que pudesse ajudar melhor do que eu, o seu amigo íntimo do país dos brancos, experiente em todas as artes imagináveis. Apenas uma pequena gota dos meus venenos irresistíveis, misturada no vinho de palma ou no *rruck* (papa de mandioca) e a terrível desgraça seria evitada. Eu respondi, naturalmente, com um não categórico, não podia fazer isso, pois era contra a lei dos brancos e, se Muatiamvo tinha um inimigo, poderia mandá-lo decapitar. Mas aqueles [*i.e.* os mandatários do Mwant Yav] acrescentaram: ‘Esse é que é o problema, ele não o quer fazer, porque se trata de um parente, uma pessoa de família muito estimada e com partidários poderosos. Isso iria gerar grandes zangas. Não, isso não é possível.’ O meu Manuel, que me servia de intérprete, gostou muitíssimo da ideia de desempenhar um papel político e prontificou-se logo a realizar o envenenamento por mim. Assim os dois diplomatas ainda se sentiram mais encorajados a prosseguir as conversas para me convencer, de tal modo que tive que ser bruto.” (1883/84: 679). Buchner manteve a sua recusa e o infeliz foi, de facto, decapitado mais tarde na floresta.

A expedição ao Loango acabou mesmo por se ver envolvida numa luta armada com os africanos residentes na área, em que prestou auxílio aos comerciantes brancos e aos missionários em Landana com cinquenta homens, “livrando-os de um mau destino”. Houve um tiroteio selvagem com mortos (“indivíduos dançando à volta dos inimigos mortos, cânticos de guerra, comendo o sangue coalhado das suas feridas, alguns bebendo-o directamente”) e feridos do lado africano inimigo. Eduard Pechuël-Loesche, que estava “curioso em relação a esta guerra de negros”, mas que não desferiu um tiro, fez pessoalmente uma prisioneira (atraente) (Diário 8). O agradecimento posterior dos militares ingleses e franceses acalmaram os escrúpulos existentes, sobre se “uma expedição científica como a nossa, teria feito bem ao pegar em armas contra a população da região a explorar ou de uma região vizinha, visto que em Tschintschotscho [Chinchoxo] não tínhamos sido atacados” (Falkenstein 1879: 162). Na verdade, teria sido difícil para eles não se envolverem no assunto, mesmo que o tivessem pretendido, uma vez que a sua situação era demasiado instável e condicionada para que pudessem manter uma neutralidade completa e mais ainda para qualquer outra opção. Independentemente da questão de quem é

que teve culpa dos confrontos, na Alemanha teriam sido considerados co-responsáveis, mesmo se a situação tivesse tido outro resultado.

A disposição latente para a violência, em todas as expedições do século XIX nesta parte de África, teve, tal como todos os outros factores mencionados, consequências para a pesquisa etnográfica. Foi ela que determinou a atmosfera geral, sobre a qual a comunicação necessária foi construída ou evitada e que foi uma das principais razões, para que as “aproximações” etnográficas se transformassem em “apropriações”.

12. O MITO DA FONTE EM PRIMEIRA-MÃO

As obras dos exploradores de África, muito especialmente as de outros séculos, são hoje consideradas valiosas fontes primárias que nos transmitem frequentemente as primeiras informações autênticas sobre determinadas regiões do interior do território e dos seus habitantes. No entanto, o importante papel desempenhado pelos intermediários do saber etnográfico e histórico passa muitas vezes despercebido. Já aqui se chamou a atenção para os europeus residentes no litoral (ver cap. 5) que, juntamente com os seus conhecimentos etnográficos parciais, transmitiram também e principalmente, as suas concepções depreciativas estereotipadas. Quanto mais superficial e distanciado fosse o contacto com a população africana, como em parte das “travessias apressadas” do século XIX, mais importantes se tornavam as informações que o “etnógrafo” recebia da outra parte. Neste contexto, os intérpretes dos exploradores tiveram um papel determinante.¹ Relativamente a esta questão, há três aspectos a considerar: 1º Apesar dos intérpretes contratados, havia enormes problemas de língua. 2º Os intérpretes não pertenciam em regra à sociedade sobre a qual informavam, embora geralmente já tivessem, sobre ela, uma opinião formada muito concreta. 3º Os mesmos intérpretes acompanhavam várias expedições, por isso os seus relatos nem sempre eram independentes uns dos outros.

Para os alemães, os problemas de comunicação na África Centro-Occidental, começavam desde logo com o facto de a *lingua franca* europeia dessas paragens ser o português, uma língua que apenas alguns deles tinham aprendido no seu país. Roberto Capello e Hermenegildo Ivens fizeram troça do português rudimentar balbuciado por Alexander von Mechow, quando se encontraram (1881, II: 218 seg.). Paul Güssfeldt só começou a aprender esta língua, pouco a pouco, depois da sua chegada ao Loango (1876c: 257), mas os seus conhecimentos não foram suficientes para compreender as explicações do seu anfitrião português sobre uma “cerimónia de feitiço” (1879: 53). Otto Schütt começou finalmente a compreender o português após uma estadia de duas semanas em Malanje (1881b: 16) e Max Buchner só conseguiu aprender realmente a língua, pelo caminho, com o seu cozinheiro (1882b: 809). O que não resolveu os problemas de comunicação entre ambos, porque a competência do seu intérprete, Pedro António Gomes, no que respeita ao português, também era muito limitada, de modo que, por vezes, os dois não compreendiam a algaravia um do outro e “nem ele nem eu conseguíamos ler o que ele tinha escrito” (1883b: 2737). Da mesma forma, um dos intérpretes de Paul Pogge só arranhava, alegadamente, o português (e o lunda?), pelo que, do discurso de boas-vindas do Mwant Yav ao reino dos Lunda, “apenas conseguiu traduzir que sua alteza estava muito contente com a minha visita”. Além disso, os criados de Pogge não

¹ A este respeito, ver Heintze 2009a (no prelo), 2009b (manuscrito).

compreendiam nada da língua lunda e os carregadores só muito pouco (1880: 130). Pelo contrário, a Joannes Bezerra, conhecido por Caxavala (do portug. “Gaspar”), que acompanhou Schütt e depois Pogge na sua segunda viagem (Wissmann 1892: 42), foi reconhecido um enorme talento para línguas e bons conhecimentos de português.²

Estes intérpretes, que geralmente desempenhavam também o papel de “mestre-de-cerimónias”, ou seja, que aconselhavam os seus senhores em tudo o que dizia respeito ao “protocolo” e ao montante dos tributos, que conduziam as negociações e que, de acordo com a sua avaliação da situação, davam conselhos sobre a reacção apropriada, eram geralmente muito viajados e já tinham muita experiência de África. Na Angola portuguesa eram quase sempre “Ambaquistas”. Esta designação foi usada a partir do princípio do século XIX, inicialmente em relação a uma população luso-africana que habitava nas imediações do posto militar de Ambaca e que ocupava uma posição intermédia entre os portugueses brancos da costa e a população africana das regiões tradicionalmente governadas por chefes. Os chamados Ambaquistas viviam principalmente do comércio e caracterizavam-se por uma cultura mista luso-africana específica. Desde o princípio dos anos sessenta, o conceito tinha-se alargado bastante, pelo que, segundo Buchner, que enalteceu o seu dinamismo na agricultura e no comércio, o seu gosto pelas viagens e a sua esperteza, já viviam mais “Ambaquistas” nessa altura em Malanje do que na região de Ambaca. Estes eram desprezados pelos portugueses, mas sentiam-se, por sua vez, superiores aos africanos, que viviam ainda de uma forma “tradicional” no mato: “Eles são o suporte do domínio português e ao mesmo tempo um fermento activante e transformador para a população radicada. Eles olham desdenhosamente para os selvagens de carapinha, a quem, com desprezo, chamam gentios. Através do seu carácter decidido e altivo tornam-se objecto de imitação, o que explica que também outros negros ambiciosos, que haviam adquirido alguma cultura e aprendido o português, como criados de europeus ou como artesãos e comerciantes, na sua maioria antigos escravos de todas as regiões possíveis do litoral e do interior, se considerem Ambaquistas. Por esta razão, o termo reporta-se actualmente mais a um estatuto elevado do que à sua origem, acabando por ser aplicado a qualquer morador livre, que não pertença a uma povoação chefiada por um soba.” (Buchner 1882b: 807)

Os relatos etnográficos dos exploradores alemães devem muito a estes Ambaquistas, como Buchner salientou vivamente (ver cap. Buchner). Também num sentido mais lato, o explorador não deixou de lhes fazer justiça: “Quase poderia dizer-se que estes Ambaquistas difamados são os verdadeiros portugueses africanos, especialmente quando em Lisboa se proclamam insistentemente as numerosas descobertas portuguesas em África e os numerosos territórios aí desbravados pelos portugueses. Esses negros extraordinários foram

² A este respeito, ver Heintze 2007.

o primeiro e mais importante apoio para ‘a esfera de interesses’, se é que esse belo termo novo faz algum sentido. A Lunda pertencia, sem dúvida, à esfera de interesses portugueses, fortalecida por Ambaquistas desde há séculos.” (1915: 403). Como “indivíduos em ascensão” orientavam-se, forçosamente, pelos ditames da elite portuguesa do litoral, sentiam-se “brancos” (só no princípio do século XX, Alfred Schachtzabel constatou uma mudança relativamente ao sentimento de identidade entre os luso-africanos) e tinham desenvolvido, pelo menos parcialmente, uma mundividência própria e opiniões próprias sobre a história angolana. Estas últimas alimentavam-se tanto dos conhecimentos da elite portuguesa, como também das suas inúmeras conversas e experiências ao longo dos anos no interior do território. Pensar que nada disto se reflectiu nos seus relatos, histórias e “traduções” seria pura ingenuidade.

Foi com os Ambaquistas que, durante as suas viagens, os exploradores tiveram os contactos mais intensos, foi certamente com eles que se sentaram ao anoitecer; todas as informações obtidas chegavam aos seus blocos de notas através deste filtro. Os intérpretes (e carregadores) tinham as suas próprias opiniões e definições em relação aos costumes documentados e como se consideravam muito superiores aos “selvagens nus” e já haviam adoptado há muito certas ideias e juízos de valor europeus sobre as noções e instituições daqueles, as suas “traduções” estavam impregnadas desta visão parcial. Muito poucos pesquisadores se davam ao trabalho de controlar sistematicamente as suas informações. E, sem dúvida que alguns informadores se divertiram a enganar o “patrão” ou a exagerar um pouco para se fazerem importantes. Uma vez, Buchner perguntou, não sem segundas intenções maliciosas, ao seu intérprete, quantas execuções tinham ocorrido no mês anterior na residência lunda. Em vez das três testemunhadas, este quis-lhe fazer querer que tinham sido efectuadas trinta (1883/84: 675), o que, mais uma vez, serviu para provar o carácter mentiroso de todos os africanos. Devido à desconfiança que quase todos os africanos tinham em relação às verdadeiras intenções dos exploradores alemães, as informações de natureza geográfica eram um assunto especialmente delicado. Buchner estava inteiramente consciente desta problemática: “Cerca de metade destas indicações assentam em meras informações que eu recolhi com ajuda do meu intérprete e que por isso não são dignas de confiança absoluta. Em primeiro lugar, porque nos compreendíamos mal, em segundo, porque mesmo ele não entendia completamente as línguas dos indígenas, em terceiro, porque frequentemente fazia questão de me mentir, compactuando com os indígenas, e em quarto lugar, porque, na maior parte das vezes, os próprios indígenas não sabiam de nada.” (1883e: 64)

Augusto, o cozinheiro de Buchner, também se dizia Ambaquista. Era oriundo do Bié, onde tinha sido vendido como escravo, juntamente com a sua mãe, após a morte do seu endividado pai. Depois da abolição da escravatura, tinha sido libertado, tendo-se então fixado em Malanje (Buchner 1882b: 809). Germano, o famoso intérprete de Pogge, (“em comparação com os seus

conterrâneos, um negro altamente civilizado [...], com o qual eu podia, de algum modo, conversar em língua portuguesa”, 1880: 58), que mais tarde acompanhou Otto Schütt, Hermann von Wissmann e Curt von François e que a todos serviu como informante etnográfico, era na realidade natural de Moçambique, já tinha estado em Lisboa como escravo de um oficial de marinha, tendo depois obtido a liberdade. Como Ambaquista, dedicara-se ao comércio e, durante largos anos, viajara pelas regiões dos Songo e dos Mbangala (cf. Heintze 2004, cap. II.2).

Lourenço Bezerra (Lufuma), o comerciante de marfim, natural de Golungo, alcançou uma importância especial. Quando Paul Pogge o encontrou em 1875/76, este Ambaquista vivia há onze anos (segundo Henrique Dias de Carvalho já desde 1862) na capital do reino dos Lunda, depois de, durante muitos anos, ter organizado e acompanhado caravanas comerciais a essa região. A maior parte dos dados adquiridos por Pogge sobre os Lunda ficaram a dever-se às histórias deste homem (ver cap. Pogge; cf. Heintze 2004, cap. II.1). Mas esta influência não foi unilateral. É evidente que, ao longo dos anos passados em conjunto, Bezerra também relatara eficientemente ao Mwant Yav e à sua corte as suas experiências portuguesas e ambaquistas. Além disso, as numerosas caravanas que há anos percorriam o território, principalmente de Ocidente para Oriente e de Oriente para Ocidente, veiculavam a transmissão de notícias e opiniões, pelo que não devem ser menosprezadas.

Otto Schütt e Paul Gierow encontraram Lourenço Bezerra e o seu irmão mais novo, Joannes, em 1878 em Quimbundo e receberam destes “informações sobre a situação e a história do país.” Os irmãos “haviam sido mantidos, durante muito tempo, numa espécie de prisão amigável, junto do pai do actual Muata Jamvo [Mwant Yav], na capital.” Joannes Bezerra (Caxavala) acompanhou os dois alemães como guia (Gierow 1881-1883: 113; cf. Heintze 2004, cap. II.1, 2007). Mais tarde, em 1881, serviu a Pogge e Wissmann na sua viagem ao Muquengue como intérprete. Wissmann reencontrou Lourenço Bezerra na sua segunda viagem, no ano de 1884, em Malanje. Também Henrique Dias de Carvalho se encontrou com ele (e com outros membros igualmente empreendedores da família Bezerra) e ficou a dever-lhe uma parte essencial das suas informações.

Willy Wolff e Richard Büttner tiveram como intérprete um africano extraordinário, David Cornelius Bardo, que anteriormente tinha sido professor durante muito tempo numa missão em Accra. Na costa do Loango eram os chamados “*linguister*” (derivado do termo português “linguista”, intérprete), que tinham posição de destaque nas feitorias e que nelas actuavam como intérpretes e intermediários em todas as negociações de natureza litigiosa entre a feitoria e a população africana dos arredores. Adolf Bastian e a expedição ao Loango ficaram a dever-lhes muitas das suas principais informações, impossíveis de obter em conversas directas nas aldeias em questão.

Outras fontes de informação, que poucas vezes) são mencionadas explicitamente, eram os missionários. Como viviam em estreito contacto com a população “indígena”, dominavam geralmente a sua língua e estavam mais familiarizados com os seus costumes do que todos os outros europeus, os missionários possuíam um tesouro único de experiência e conhecimento, do qual muitos viajantes beneficiaram. Mas também eles tinham transformado as múltiplas informações contraditórias, recolhidas ao longo dos tempos, numa concepção rígida da história e em convicções definitivas sobre “os” costumes “do seu” povo, transmitindo aos exploradores as convicções resultantes desse processo. Contactos mais estreitos com missionários foram atestados expressamente por Hermann Baumann, Richard Büttner, Otto Jessen e Alfred Schachtzabel. Jessen experimentou a hospitalidade dos missionários suíços em Caluquembe, através dos quais ele conseguiu saber “muitas coisas interessantes sobre o território e sobre as pessoas” (1932b: 83). Schachtzabel passou dois meses e meio na missão de Cubango e recebeu aí todo o tipo de apoio para a sua pesquisa etnográfica. Baumann anotou agradecido “a grande prontidão” dos missionários protestantes no território dos Cokwe (1935: 12), cujas estações lhe serviram de postos de apoio na sua primeira viagem. Durante a sua segunda viagem a Angola, os padres católicos do Sudoeste foram os seus conselheiros mais informados.

Deste modo, os relatos etnográficos chegados até nós, não só são obscuros a vários níveis, como são provenientes de fontes de informação bastante díspares. Consequentemente, também deveríamos ler, pelo menos parte deles, da perspectiva dos acompanhantes mais importantes dos nossos “etnógrafos” e “historiadores” de carreira. É importante perguntar sempre (mesmo sabendo que só raramente se encontra resposta), em que medida, para quem e para quê, uma fonte é, então, “autêntica”.

13. VISÃO DISTORCIDA

A pesquisa de campo etnográfica só pode conduzir a uma penetração mais profunda na cultura desconhecida se houver confiança mútua. Contudo, durante as “viagens de descobrimento” do séc. XIX, esta condição raramente se verificava. Os capítulos anteriores já forneceram para isso um leque de razões. Orgulho, desprezo e incompreensão defrontavam-se com desconfiança, medo e incompreensão. Max Buchner compreendeu isso muito bem, já naquela altura:

“Gosta-se do negro por causa da sua maneira patusca e ao mesmo tempo odeia-se o mesmo pela sua vilania. Desta discrepância de sentimentos, aliada ao calor, à febre e às privações, resulta frequentemente essa impetuosidade nervosa, que o novato em assuntos africanos não compreende, até que, com o tempo, ele próprio acaba por ficar colérico e nervoso. Destes dois motivos resulta também um tom adoptado nas relações, com uma constituição muito particular. Este difere consoante se trate de empregados subalternos ou criados, ou de potentados de indígenas. O tom, que na maior parte dos casos domina a relação com os chefes comuns é o mesmo em toda a parte por onde andei. Consiste aproximadamente na mesma mistura azeda de desprezo e medo, que um cavalheiro endividado manifesta para com o agiota que detém uma letra sua. A relação de credor/devedor entre os europeus e os negros é precisamente inversa, mas, no fundo, a atitude recíproca é a mesma; pois aqui, como dono da terra e simultaneamente tirano do comércio, o negro é também senhor de toda a situação. Em primeiro lugar, é preciso uma boa porção de desprezo, mais ou menos declarado, acrescida de algumas insinuações sobre a inconveniência da presença do outro, embora interiormente, se esteja feliz por ele ter vindo; alguma má disposição, artificial ou natural, aqui e ali uma rudeza mal-humorada, aqui e ali uma piada mordaz, depois uma dose muito bem medida de boa vontade fingida e tudo bem mexido, embora com o maior cuidado, para que ele não dê por isso e não se zangue: esta é aproximadamente a receita mais frequente para as relações com um potentado negro da costa ocidental africana. Dependendo do caso, é ainda possível, embora raro, ter sucesso por meio de um ataque de cólera, que pode ir até à fúria mais terrível, mas apenas simulada e de maneira alguma como resultado de uma verdadeira emoção. No fundo, tudo pode ajudar excepto uma fraqueza.” (1886e: 220)

A maioria dos viajantes desta altura via garantida a sua dignidade, sobretudo na distância que conscientemente mantinham em relação aos africanos, tanto no que se refere aos seus subalternos como à população residente. Esta distância era ainda muitas vezes reforçada através da situação formal de entrevista, na qual a comunicação indirecta, via intérprete, por um lado, e um ministro ou qualquer funcionário, por outro, provocava distorções e atrasos múltiplos no diálogo. A impaciência própria dos brancos e o seu apego aos princípios também impediam que os seus parceiros de discurso se abrissem com eles.

Queixavam-se constantemente de que os africanos não tinham a noção do valor do tempo (Bastian, Büttner, Chavanne, Pechuël-Loesche, Wissmann).

Foram muito poucos os que se pronunciaram sobre os seus métodos de trabalho e os que reflectiram sobre o assunto não devem ter sido muito mais. Quando existiam indicações e conselhos explícitos, o explorador de campo em questão raramente os seguiu. Adolf Bastian exigiu, por exemplo, viajantes formados, capazes de “regressar temporariamente ao nível dos povos naturais” e de acompanhar o curso dos seus pensamentos. Em sua opinião, não se devia questioná-los, mas pelo contrário, escutá-los. Uma forma errada de questionar poderia falsear a resposta. Pensava também que em estadias de curta duração, as culturas estrangeiras muito dificilmente viriam ao de cima (1885: 38-40; ver também *infra*, cap. Bastian) e que se deveria ter cuidado com as generalizações (1859: 139). O quotidiano do pesquisador era completamente diferente, como se pode ver pela sua recusa de entrar numa aldeia a pé (ver cap. Bastian) e pelo seguinte exemplo: Um ancião pediu a Bastian para não se aproximar de um determinado rio, onde este queria tomar um banho:

“O absurdo desta exigência, que parecia ter como única intenção estragar-me uma alegria há tanto desejada, não me pareceu ser digna de resposta, só aconselhei o velho tagarela [!] a visitar uma região da sua terra ainda mais quente do que esta e dei ordem aos carregadores para avançar. Não lhes foi possível seguir a minha ordem, pois havia crianças a gritar, penduradas nas suas pernas por todos os lados, que se atiravam para a frente deles para lhes vedar o caminho. Ao mesmo tempo o Mafooka entoava um cântico de dor em tons de lamentação lancinantes [...] Em todas as caras se espelhava a expressão do maior desespero. E tinha razão essa pobre gente; porque ao aprofundar mais o assunto descobri, que o ribeiro ao ver-me secaria para sempre e eles iriam perder a única fonte de água potável utilizável.” (1859: 59-60).

Bastian acabou por prescindir do seu banho, não porque tenha tido compreensão para com a situação, mas porque se viu obrigado a isso. Ficou de tal maneira aborrecido, que isto o impediu de investigar estas crenças ligadas ao rio. Quem vê os outros apenas como “tagarelas”, terá dificuldade em conversar com eles.

As ideias preconcebidas em relação aos africanos criavam enormes barreiras (ver caps. 3-12), o que conferia à reflexão metodológica uma importância secundária. Outro dos problemas principais do trabalho de campo etnográfico no século XIX consistia na desconfiança intrínseca, que existia em África em relação aos exploradores. Fora das zonas de influência militar portuguesa e de algumas tentativas pontuais de influência missionária, as relações entre europeus e africanos eram exclusivamente de teor económico. No *hinterland* da costa do Loango e para lá do Cuango, os africanos tinham estabelecido, com o decorrer dos séculos, uma estreita rede comercial própria com base em convenções comerciais determinadas, que eles adaptavam de uma forma flexível e dinâmica às respectivas circunstâncias políticas alteradas e aos novos

produtos. Os brancos, ou não tinham qualquer acesso ao comércio nesta parte interior de África, ou só o tinham sob condições muito específicas e em rotas muito específicas. Devido às suas experiências com europeus e às caravanas ricamente equipadas dos exploradores desconhecidos, os africanos não podiam senão encará-los como comerciantes disfarçados e, por conseguinte, como ameaça aos próprios interesses.

Todos os exploradores alemães do século XIX tiveram de lutar contra esta suspeita. Até mesmo a forma amigável como Paul Pogge e Hermann von Wissmann foram recebidos pelos Chilangue (Luluwa) graças a condições especialmente favoráveis, foi revogada mais tarde, quando a unilateralidade destas relações se tornou evidente. Na costa do Loango, Paul Güssfeldt teve que se esforçar muito para convencer os africanos, com quem contactou pelo caminho, de que não era comerciante. Herman Soyaux descreveu o medo, o ódio e a curiosidade, com que foram confrontados no início. A desconfiança não desaparecia necessariamente com o reconhecimento de que os novos brancos não eram realmente comerciantes, uma vez que só eram aceites nessa função. Assim, Eduard Pechuël-Loesche recebeu como resposta ao seu pedido para visitar as sepulturas reais, “o branco está na costa para se dedicar ao comércio e não para ver povoações e feitiços do povo” (Diário 7, 5.10.1875). Ao longo de toda a sua viagem no Congo, mas principalmente junto dos Yaka, Richard Büttner foi suspeito de querer arruinar o comércio local. Ninguém compreendeu a razão, pela qual ele não quis comprar nem borracha nem marfim, apesar de dispor de tanta riqueza. Mwene Mputu Casongo, o chefe dos Yaka, tentou durante algum tempo convencê-lo a bem, mas como não conseguiu obter resultados dessa forma, fez com que ameaças veladas e uma mudança da disposição geral que se traduziu em assaltos violentos, tornassem a situação de Büttner cada vez mais desagradável. “Uma noite chamou os meus intérpretes para irem falar com ele, para lhes comunicar sem rodeios que nem eu nem a minha gente podia partir para Oriente; que ele próprio comprava as mercadorias vindas de lá, marfim e escravos, e a gente dos Sombo trazia o marfim até à costa, e que ele não autorizava a passagem a ninguém.” (Büttner 1886b: 305).

Paul Pogge e Max Buchner tiveram mais ou menos a mesma experiência junto dos Lunda. Para além do mais, nesse território era costume uma comitiva comercial acabada de chegar entregar todas as suas mercadorias ao Mvant Yav e ficar a gozar a hospitalidade e a alimentação grátis, enquanto este tentava conseguir o valor equivalente em escravos e marfim. Os exploradores e os caçadores não se enquadravam neste esquema, especialmente quando queriam partir antes da maior parte das suas mercadorias ter sido gasta. Para Pogge foi, por isso, extraordinariamente difícil conseguir uma autorização de regresso, mesmo depois de meses de estadia na capital do reino dos Lunda. Buchner conseguiu ainda assim conservar uma grande parte das suas riquezas e voltou com 712 libras de marfim. Foram recebidos por todo lado como comerciantes

poderosos, mas o caminho para Norte ou Nordeste, tão almejado por eles, continuou-lhes vedado. “Qualquer desvio era um crime contra a vontade do rei, o qual ansiosamente preocupado com o seu monopólio comercial, manteve fechadas as fronteiras com as regiões vizinhas a Norte, que funcionam para ele como armazém de escravos e marfim.” (Buchner 1883a: 1737). Já no regresso, os Kongo, junto ao rio Cassai, suspeitaram que Buchner tivesse vindo a mando do Mvant Yav para extorquir deles escravos e marfim (Buchner 1883a: 2737). Os Mbangala defenderam o seu monopólio comercial face a Otto Schütt da mesma forma enérgica como os Lunda em relação a Pogge e Buchner, e os Cokwe em relação a Pogge e Wissmann. Noutros locais, o medo de possíveis intenções de conquista ou das batidas de escravos atizava a desconfiança.

Só em casos excepcionais os exploradores conseguiram tornar inteligíveis os seus objectivos de viagem. As manifestações de surpresa pelo facto de eles realizarem uma viagem tão longa sem comprarem escravos, marfim ou borracha repetiam-se. Os instrumentos para o estudo das Ciências Naturais também provocavam grande desconfiança, principalmente os que estavam relacionados com as observações nocturnas do céu. Nem sempre os exploradores foram capazes de dissipar os receios de bruxaria, como por exemplo na costa do Loango, onde um comerciante inglês acalmou os ânimos dos africanos com a história de que os brancos tinham perdido uma estrela na Europa e que agora vinham procurá-la em África. Mas quando lhes parecia vantajoso, serviam-se da fama de possuírem poderes sobrenaturais, que era espalhada afincadamente, sobretudo pela sua própria gente. Assim, Schütt confirmou de boa vontade que não eram portugueses, “mas sim do país, onde, na opinião deles, as pessoas nasciam na água” (1881b: 68).

Tanto Pogge como Wissmann se regozijaram com o tratamento especial que receberam por parte do chefe dos Chilangue, que os tomou por antepassados ressuscitados da “água dos espíritos” do Maji-Kalunga. Aliada à desconfiança existente, uma reputação deste tipo poderia, no entanto, tornar-se perigosa. Pogge teve de ser aprovado num teste de tiro, para dissipar suspeitas de feitiçaria e Schütt viu-se confrontado com a suspeita de que as suas prendas continham um feitiço mau. Especialmente delicada, era a situação na costa do Loango, onde depois de um período de seca, tinham morrido muitos comerciantes africanos em 1873/74 com bexigas. Aldeias inteiras tinham ficado despovoadas, o comércio de borracha tinha sido bastante afectado e uma grande miséria tinha assolado a região. Para os novos comerciantes, tornava-se perigoso enriquecer, devido ao medo crescente da feitiçaria. As condenações por feitiçaria aumentavam e ameaçavam também os intérpretes e as pessoas de confiança da expedição ao Loango, sem que esta pudesse interferir. Nesta região e no Kongo, alguns missionários e outros brancos foram mais tarde considerados responsáveis por uma seca, ao que os missionários, por sua vez, responderam que a seca era um castigo de Deus, porque as mulheres em Mbanza Congo só raramente iam à igreja (Büttner 1890: 57)!

Um trabalho etnográfico produtivo não podia desenvolver-se em semelhante clima de desconfiança, medo e resistência. Em especial as questões, de alguma forma relacionadas com o itinerário da viagem, eram frequentemente resolvidas apenas em parte, de modo errado ou então ficavam por resolver. A Paul Güssfeldt, as informações pedidas foram simplesmente recusadas. Os habitantes da região que ele pretendia atravessar, só estavam acostumados a pequenas viagens comerciais de oito a dez dias, realizadas exclusivamente por africanos. Por isso, mantinham-se sempre que possível longe dos europeus da costa para evitar os recrutamentos obrigatórios. Os habitantes da região Yumba revelaram-se particularmente mal-humorados e desconfiados em relação a Güssfeldt, sempre que este tentava descobrir alguma coisa sobre o significado dos seus objectos de culto e dos seus feitiços. O explorador não conseguiu arranjar um guia e teve de regressar. Também Richard Büttner, na sua viagem de regresso, sem guia nem intérprete, viu recusada qualquer informação sobre o trajecto. A Willy Wolff aconteceu mais ou menos o mesmo. Quando Max Buchner não quis pernoitar numa aldeia, mas sim continuar a viagem, deparou-se com uma recusa terminante e não conseguiu descobrir nem o nome do chefe nem o nome da povoação.

Aliás, as perguntas eram frequentemente aborrecidas para os africanos, da mesma forma que o eram para os europeus. Buchner conseguiu afugentar curiosos com as suas perguntas. Pogge agiu bem, quando decidiu não fazer muitas perguntas de cariz geográfico e etnográfico na capital Lunda, para não se tornar suspeito. Isto porque nos casos em que a desconfiança voltava a instalar-se, os inquiridos discutiam vivamente entre si quais seriam os intentos do branco (em detrimento deles) com as suas perguntas. Cada um tentava, evidentemente, dominar a situação sem uma afronta directa (ver cap. Wolff). As inúmeras respostas evasivas ou mesmo erradas levaram os “etnógrafos” viajantes a condenarem rapidamente todos os africanos como mentirosos notórios.

A discussão sobre o montante das contribuições a pagar e das prendas ao anfitrião, que tinha muitas vezes o carácter de um jogo de póquer, assim como as infracções cometidas por desconhecimento e, às vezes, a forma arrogante de lidar com os africanos que encontravam, aumentavam a tensão. Buchner relatou um acontecimento que demonstra bem que o montante das contribuições nem sempre era, como os europeus achavam, uma extorsão descarada e arbitraria. Quando ele recusou a prenda de hospitalidade do sobrinho de um chefe, sem a retribuir, porque o seu “atrevimento pedinchão” lhe pareceu insuportável, uma parte do pessoal rogou-lhe veementemente que reatasse as negociações e “reuniu, pelos seus próprios meios, o montante necessário para satisfazer as exigências do príncipe.” (1883b: 2810).

O comportamento certo logo na primeira recepção era muito importante, caso contrário podia deitar tudo a perder (Wolff, Büttner). Tocar num objecto de culto (Güssfeldt), dirigir a palavra a alguém que ia ao mato buscar um

ingrediente para um perigoso feitiço para o rei (Pogge) ou a profanação involuntária de uma sepultura durante a espera numa caçada (Pechuël-Loesche) poderiam revelar-se muito perigosos. Apenas a prudência africana conduzia a uma saída sem aborrecimentos, como também no caso de Alfred Schachtzabel, que tinha morto duas hienas em Ngalange sem saber que elas eram consideradas reencarnações de reis falecidos.

Mas até o mais banal desrespeito pelo protocolo ou simplesmente um comportamento mais grosseiro podia prejudicar o clima de pesquisa, mesmo quando por princípio havia boa vontade. Eduard Pechuël-Loesche confidenciou ao seu diário um incidente deste tipo. Aconteceu numa visita ocorrida durante uma audiência, cuja finalidade era descobrir o culpado da morte (natural) do mais alto dignitário.

“Nós entrámos na aldeia. Debaixo de uma árvore de grande copa no centro [dessa aldeia], estavam sentados aí uns trezentos negros, com as pernas cruzadas, sobre esteiras e camadas de erva do Loango seca, separados por pequenos intervalos, formando os quatro lados de um quadrado [...] A audiência causava uma impressão imponente, discreta, solene, digna. G[üssfeldt], com a sua lamentável postura pouco respeitadora em relação ao negro, com a sua arrogância (lamentavelmente demasiado intencional e totalmente evidente para o negro esperto e perspicaz), como se ao branco tudo fosse autorizado, entrou muito naturalmente para o meio da assembleia, para o quadrado não ocupado, como se este estivesse lá para ele. É claro que a gente de Mambo tinha lá posto duas cadeiras –, mas a dignidade da audiência deveria ter sido respeitada, e ele deveria ter esperado por um convite (pois para os negros este era um dia muito importante, um dia a não esquecer durante gerações, uma sessão de julgamento com poderes decisivos sobre as suas relações ao mais alto nível); as consequências foram logo visíveis: do público soaram protestos fortes, gritos altos, (semelhantes às invectivas ‘fora, fora’ indignas de uma assembleia alemã) indicavam claramente que o interior deveria ser abandonado. [...] Se tivéssemos tido um comportamento decente, como convém, sem prejuízo da nossa dignidade, se nos tivéssemos detido perante a audiência e reconhecido com reverência o seu significado (como também se exige na nossa cultura); certamente nos teriam cedido os lugares de honra no meio – mas assim tivemos de procurar um lugar fora do quadrado. Eu voltei a ficar muitíssimo irritado com o facto de se ter ferido os sentimentos dos negros tão inutilmente, o que poderá acabar por nos prejudicar a nós e aos nossos interesses.” (Diário 5, 30.4.1875).

Atitudes arrogantes parecidas com esta transparecem nos relatos de muitos destes viajantes. Mas, compreensivelmente, nenhum deles as refere acerca de si mesmo. Daí que seja necessário voltar a citar Pechuël-Loesche, para definir o espírito que dominava grande parte deste trabalho de campo, embora possa parecer um pouco injusto revelar estas reprimendas a colegas, confiadas ao diário privado:

“E nós estamos aqui para ostentar a nossa grandeza, para desprezar os negros, para os provocar e insultar, porque eles são diferentes daquilo que o Dr. G[üssfeldt] deseja, diferentes dos berlinenses? Deveríamos procurar conhecer a terra e as pessoas, pesquisar, observar. Será essa a maneira de o conseguir, quando fazemos com que todos sejam nossos inimigos; quando exigimos que um povo natural se adapte às nossas ideias, que sejam criados subalternos, humilhando-se, bajulando, tratando-nos sempre com muito cuidado e muito tacto de acordo com máximas europeias? Em vez de nos adaptarmos ao existente, o que seria muito mais fácil e razoável, e utilizarmos a nossa cultura intelectual elevada para conseguir, se possível, boas relações com os indígenas? Às vezes fica-se mesmo muito indignado com o comportamento de G[üssfeldt] para com os negros, quando ele está com uma das suas neuras, infelizmente muito frequentes! Quase diariamente a sua segunda palavra mais utilizada é, quando grita com os negros, o insulto ordinário ‘filho da puta’, que um homem decente do litoral não pronuncia nunca! Por vezes, ele é mesmo grosseiro. E o que é que conseguiu com isso? Todos fogem dele (porque ele dá pontapés, bate e infelizmente o negro ainda não se pode defender do branco, caso contrário, os senhores demasiado coléricos depressa aprenderiam a controlar-se) e, quando se encontram a uma distância segura, riem-se dele, estão sempre prontos a contar anedotas injuriosas sobre ele.” (Diário 6, 28.5.1875)

Também os que viam as danças com máscaras, em primeiro lugar e sobretudo como um meio de chantagem, não podiam esperar ser capazes de desvendar os mistérios das culturas nativas: “Um dançarino, *mukisch*, tentou, como mais tarde viemos a saber, através das suas danças, que consistiam em movimentos de ancas rudes e obscenos, chamar a si a nossa atenção, para dar oportunidade a outra gente do Kandula de nos roubar e desta maneira conseguir o pagamento alfandegário pela nossa passagem, que nos havíamos recusado a pagar, sob forma de prenda de retribuição.” (Wissmann 1892: 27-28).

Estes exemplos e insinuações chegam bem para mostrar como um conjunto de preconceitos, mal-entendidos, divergências de interesses e barreiras de comunicação situacionais obstruíram ou deformaram a visão sobre a outra cultura – não só no século XIX, como também até meados do século XX.

Nos casos em que os exploradores alemães estavam expressamente interessados em obter informações etnográficas, conseguiram, apesar de tudo, recolher numerosos dados, como aconteceu por exemplo com Bastian, Buchner e Pechuël-Loesche. Isto não se deve, nem ao acaso nem à “sorte”, mas sim ao facto de eles, ao contrário de todos os outros, quererem realmente conhecer algo sobre os africanos e sobre a sua cultura. Isto aplica-se principalmente às estadias de vários meses na residência lunda e na costa do Loango. Buchner conseguiu através de investigações sistemáticas registar, entre outras coisas, várias listas de reis e obter a confirmação de informações dessas listas através dos jarros destinados aos sacrifícios em honra dos falecidos reis (ver cap. Buchner). Infelizmente nunca publicou as variantes, nem muitas outras coisas, que se

perderam juntamente com o seu diário. Entre os seus acessos de intensa polémica e depreciação (que por sinal também caracterizaram as relações com os seus “semelhantes” brancos e com colegas), revela, de vez em quando, uma grande e inesperada abertura e sensibilidade em relação, por exemplo, à “harmonia indescritível e mesmo comovedora”, das canções africanas (1886a: 198-200).

Só um único explorador alemão do século XIX conseguiu desenvolver uma relação de confiança realmente profunda com os africanos. Foi Eduard Pechuël-Loesche que viveu temporariamente com uma mulher africana. Aliás, ele trabalhou muito intensamente e com grande sucesso com mulheres africanas, nutrindo em geral uma grande admiração por muitas delas. Foi com elas que aprendeu a língua fiote (vili), foram elas que lhe revelaram os seus costumes e ideias. Ele tentava investigar as coisas a fundo por meio de “contra-inquéritos, rodeios, repetições”. Mas na maior parte das vezes obtinha apenas a resposta conhecida, “brilhantemente lógica”: “É costume assim” (Diário 5, 1.3.1875). Uma colaboração assim amigável ficou vedada a todos os outros e só era possível numa pesquisa de campo prolongada. Pechuël-Loesche é o único a evocar a importância do papel da mulher para o trabalho etnográfico e a conseguir tirar partido dele. A homenagem que lhes prestou, aquando da sua despedida de África, merece por isso ser citada: “Tiabe [*sic*] veio, nós trabalhamos muito bem juntos; – Mas como tudo é difícil!” (Diário 9, 30.4.1876). “Com a Tiaba fiz a revisão de todo o meu [material] etnográfico, vai dar origem a obras importantes! Nunca pensei que tivesse reunido tanto! Ainda acrescentei muitos pormenores. O que eu aprendi com Kassakyla, Nkambasi, Pãmba, como enriqueci os meus conhecimentos! Como as mulheres são importantes para o explorador!” (*Ibid.*, 2.5.1876). O fruto deste interesse genuíno e de todos os seus esforços seria, uns anos depois, a sua grande monografia sobre o Loango, a melhor obra deixada pelos exploradores alemães de Angola do século XIX.

14. A OBRA COMO FONTE ETNOLÓGICA

As notas etnológicas, que os exploradores e pesquisadores redigiam durante o trabalho de campo, não chegavam ao público sem serem trabalhadas. Para além dos condicionamentos linguísticos e estilísticos, a preparação prévia à sua publicação em forma de livro obedecia sobretudo a rigorosas convenções literárias e científicas, próprias da época em questão, que “configuravam” os depoimentos etnográficos, ao mesmo tempo que também os “desfiguravam”. Os géneros mais importantes eram, por um lado, o relato de viagens, cronologicamente construído, de forte propensão autobiográfica e ambições mais ou menos científicas e, por outro, a monografia etnográfica impessoal e generalizante. Os aspectos positivos e negativos destes géneros, já competentemente analisados (p.ex. por Bridges 1987, Vansina 1987), não precisam de ser aqui novamente apresentados em pormenor. Mas há que sublinhar a importância desta fase anterior à publicação dos livros para a avaliação das informações etnográficas. Isto é válido sobretudo para os apontamentos nos diários de campanha. Infelizmente, só muito poucos destes diários foram conservados, o que, sobretudo em relação à viagem de Max Buchner, representa provavelmente uma grande perda. Os diários de Eduard Pechuël-Loesche, interessantes nomeadamente no que diz respeito às pressões emocionais da expedição ao Loango, foram entretanto recuperados, enquanto que os seus levantamentos etnográficos inscritos num “livro principal” e em folhas soltas foram aparentemente destruídos. Noutros casos, em que a publicação foi realizada em forma de diário, como aconteceu em relação a Paul Pogge e Otto Schütt, não nos devemos deixar enganar por esta circunstância, uma vez que também nestes casos havia sempre um trabalho de revisão, que frequentemente era até efectuado por mão alheia.

O “material em bruto”, anotado nos diários originais não destinados à publicação, escritos frequentemente em situações limite, ainda sob stress físico e psicológico e onde a impressão imediata era registada sem artifícios e com comentários intensos, acaba muitas vezes por aparecer no relato de viagem publicado, graças à distância temporal, em versão corrigida, “composta”, atenuada e guarnecida com reflexões múltiplas. Nas cartas e nos relatos de campo, que correspondem a uma situação intermédia, estas duas formas de expressão coexistem, formando uma mescla, em que as condições da pesquisa de campo da época, as esperanças e os fracassos, mas também os projectos e as justificações ainda constituem nitidamente o ponto fulcral. Infelizmente, muitas das cartas e relatos não chegavam ao seu destino. As que não se perderam durante o trajecto postal foram publicadas quase na sua totalidade nas revistas *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* (1873-1878) e *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* (1878-1889), pelo que possuímos assim uma importante fonte complementar sobre algumas expedições alemãs do século XIX. A referida correspondência inclui também vestígios

mais claros das dificuldades quotidianas e transmite – à falta dos registos originais, na maioria dos casos irrecuperáveis, – uma visão mais imediata e “in loco”, principalmente da opinião dos exploradores em relação aos africanos, do que aquela que ficou registada nas obras realizadas após o seu regresso.

Os relatos etnográficos abstractos e generalizantes viriam a impor-se cada vez mais em finais do século XIX e sobretudo no século XX. Caracterizam-se principalmente por uma concepção de cultura “tradicional”, quase estática e intemporal, descrita no “presente etnográfico”, tendo o conceito de “tribo”, como unidade de representação e como sujeito da acção. Deste modo, os indivíduos são reduzidos a tipos, as pessoas a funções e a representantes de uma realidade social. A realidade concreta transforma-se em norma abstracta. As mudanças causadas por influências europeias são abstraídas da aparência vivida. Em alguns relatos de viagem, como os de Adolf Bastian (1874/75) e Hermann von Wissmann, Ludwig Wolf, etc. (1888), já se encontram passagens ou capítulos inteiros redigidos desta forma e Max Buchner publicou artigos deste tipo, que englobavam territórios ainda maiores. Com Eduard Pechuël-Loesche (1907), o género fica completamente estabelecido. Alfred Schachtzabel e Hermann Baumann não mantiveram, ao que parece, diários pessoais, porém a monografia de Baumann ainda contém várias observações avulsas.

Um importante complemento daquilo que foi preservado (infelizmente apenas em parte) da obra destes exploradores são os esboços e aguarelas (Pechuël-Loesche), as fotografias (ver caps. Baumann, Buchner, Falkenstein, Schachtzabel) e as colecções etnográficas (ver Pequenas Biografias: *passim*). Também elas eram ditadas pela moda e pelos métodos da época. Em algumas obras encontra-se uma série de indicações sobre procedimentos e reacções ao fotografar. A forma de obtenção dos objectos etnográficos (só por compra ou oferta) é por vezes também vagamente documentada (Baumann, Buchner, Falkenstein, von Mechow, Pechuël-Loesche, Pogge, Schütt, Wolff). Infelizmente, na maior parte dos casos, os exploradores davam-se por satisfeitos com a propriedade, sem procurarem investigar o significado mais concreto do objecto e o seu contexto. Quanto a isto, já não há nada a fazer, o que é lamentável, principalmente no que respeita aos chamados “feitiços” do século XIX. Actualmente eles são sobretudo admirados como testemunhos da grande arte africana (cf. imagens 1-14).

Muitas afirmações e juízos sobre “os” africanos e “selvagens” nas obras legadas, que hoje nos parecem insuportáveis, só são conhecidos por nós, porque foram transmitidos pelos seus autores de forma tão aberta e inocente. As obras destinavam-se exclusivamente a leitores europeus que, em grande medida, partilhavam a opinião dos exploradores. Isto aplica-se particularmente aos do século XIX. As opiniões desta altura ainda não haviam sido “disciplinadas” pela experiência histórica muito especial do século XX – nomeadamente o holocausto, mas também o começo da mudança das mentalidades em relação a quimeras colonizadoras tornadas obsoletas. Isto quer dizer que já

tenham desaparecido. Em muitos locais, a política de interesses e de poder continua a trilhar os mesmos caminhos, não olhando a meios para conseguir os seus fins. Contudo, as obras destes exploradores não se reportam somente à realidade alemã, mas reflectem uma parte da história do pensamento europeu. No que respeita à compreensão de universos estranhos, a contribuição destes “etnógrafos” foi muito reduzida. No entanto, a atenção suscitada por alguns dos seus livros junto do grande público levou à consolidação da visão negativa existente sobre o africano. Foram eles que alimentaram a semente que germinaria mais tarde na obsessão racista letal que dominou apenas a Alemanha, apesar da consonância de opiniões verificada por toda Europa.

As obras dos primeiros pesquisadores alemães de África sobreviveram a tudo. Os seus preços continuarão a subir nos catálogos dos antiquários e elas continuarão a suscitar novas e velhas questões, mesmo depois das respectivas interpretações e análises estarem completamente ultrapassadas e as obras serem vendidas ao desbarato. Independentemente de quaisquer juízos sobre a qualidade de cada uma das obras: elas continuam a ser as primeiras informações vindas do interior do continente africano, o que as torna insubstituíveis. Sem estes testemunhos, ficaríamos privados de conhecimentos importantes e únicos sobre África, apesar de todas as limitações e condicionalismos temporais que marcaram a sua produção.

BIOGRAFIAS RESUMIDAS

CRONOLOGIA DAS VIAGENS DOS EXPLORADORES DE LÍNGUA ALEMÃ A ANGOLA

- 1611-1613 Samuel Brun*: Foz do Congo e costa do Loango.
- 1641-1642 Johann Paul Augspurger*: Costa angolana do Cabo Negro até Luanda.
- 1841-1842 Georg Tams*: Costa angolana de Benguela até Ambriz.
- 1857 Adolf Bastian*: De Ambriz a Mbanza Congo.
- 1873 Adolf Bastian*: Costa do Loango.
- 1873-1876 Expedição ao Loango. 1º Empreendimento de exploração da “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas” (Sociedade Alemã para a Investigação da África Equatorial).
Participantes:
Paul Güssfeldt* (chefe, 1873-1875),
von Görschen (1873),
H. von Hattorf (1873-1874),
Julius Falkenstein* (1873-1876),
Otto Lindner (1873-1876),
Herman Soyaux* (1873-1875, 1875-1876),
Eduard Pechuël-Loesche* (1874-1876),
Alexander von Mechow* (1874-1876).
- 1874-1876 Expedição ao Cassange. 3º Empreendimento de exploração da “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas”.
Participantes:
Alexander von Homeyer* (chefe, 1874-1875): Pelo Kwanza acima até Pungo Andongo,
Herman Soyaux* (1875): Pelo Kwanza acima até Pungo Andongo,
Anton Erwin Lux* (1875-1876): A partir de Luanda em direcção a Oriente até Quimbundo,
Paul Pogge* (1874-1876): Até ao Mvant Yav no reino dos Lunda.
- 1876 Viagem de exploração de Hermann von Barth-Harmating*, ao serviço do governo português, na região do Bengo e Lucala. (Luanda †).
- 1876 Expedição de Eduard Mohr*. 4º Empreendimento de exploração da “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland” (Sociedade Africana na Alemanha). O destino era o Nordeste de Angola, mas Mohr só chegou até Malanje (†).
- 1877-1879 Expedição de Otto H. Schütt. 5º Empreendimento de exploração da “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland”: Pelo

- Quimbundo junto ao baixo Luachimo até quase ao Mai Munene. Participantes:
Otto H. Schütt* (chefe, 1877-1879),
Paul Gierow* (1877-1879).
- 1878-1882 Max Buchner*. 7º Empreendimento de exploração da “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland”: até ao Mvant Yav no reino dos Lunda.
- 1879-1881 Alexander von Mechow* (com dois acompanhantes: Teusz e o carpinteiro naval Bugslag): de Malanje até ao baixo Cuango até ao chefe dos Yaka, Mwene Mputu Casongo e até à confluência do Luhemba com o Cuango.
- 1880-1884 Paul Pogge* com Hermann von Wissmann*. Empreendimento de exploração apoiado pela chancelaria do Reich e pela “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland”: Para visitar o chefe dos Chilangue (Luluwa), Muquengue, e de lá para Nyangwe junto ao Lualaba (Wissmann daqui até a costa oriental, até 1882).
- 1882-1883 Eduard Pechuël-Loesche* ao serviço do rei da Bélgica como representante de Henry Morton Stanley no Congo: Baixo Congo e costa do Loango.
- 1883-1887 Expedição ao Cassai ao serviço do rei da Bélgica. Participantes (para além do carpinteiro naval Bugslag e dos armeiros Schneider e Meyer [† 26.3.1884 Malanje]): Hermann von Wissmann* (chefe, 1883-1885, 1886-1887) de Malanje para Muquengue e perto do Lulua: ali fundação da estação Luluaburg (perto do actual Kananga); pelo Lulua e o Cassai até ao Congo a Léopoldville (Kinshasa) (1883-1885). Pelo Cassai acima por Nyangwe até à foz do Zambeze (1885-1887),
Ludwig Wolf* (1883-1886) de Malanje para Muquengue. Expedição à região dos Luba. De Luluaburg junto ao Lulua e ao Cassai até ao Congo (1883-1885). Exploração do Sankuru e do Lomami (1885-1886),
Curt von François* (1883-1885) de Malanje a Muquengue; pelo Lulua e Cassai até ao Congo,
Franz Müller (1883-1885) de Malanje a Muquengue (†),
Hans Müller (1883-1885) de Malanje a Muquengue e até ao Lulua. Dali para o Congo até Léopoldville (Kinshasa).
- 1884-1885 Josef Chavanne* com Eugen Zintgraff ao serviço da “Association Internationale du Congo” e da casa antuerpiana, Roubaix. Exploração topográfica do baixo Congo até Vivi; viagem de Nôqui para Mbanza Congo e até à aldeia Kizulu.

- 1884-1886 Expedição da “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland” “para exploração do Sul da bacia do Congo”.
Eduard Schulze* (chefe, 1884-1885) até Mbanza Congo (†),
Willy Wolff* (1884-1885) por Mbanza Congo ao Cuango e até ao Mwene Mputu Casongo,
Richard Büttner* (1884-1886) por Mbanza Congo ao Cuango e até ao Mwene Mputu Casongo,
Richard Kund e Hans Tappenbeck (1884-1886) pelo Congo acima até o Luquéria.
- 1899-1900 Expedição ao Cunene e Zambeze ao serviço do “Comité Colonial-Económico” em aliança com a “Companhia de Mossamedes e a South West-Africa Company” sob a direcção de Pieter van der Kellen com Hugo Baum* de Mossamedes para o Cuando.
- 1913-1914 Alfred Schachtzabel*. Viagem de exploração e recolha etnográfica ao serviço do Museu de Etnologia de Berlim ao território dos Ovimbundu, Ngangela e Cokwe.
- 1923-1930 Joachim Helmuth Wilhelm*: Hukwe e Ovimbundu.
- 1926-1927 Fritz e Willem Jaspert*: Estadia em Angola por conta própria com excursões ao território dos Ovimbundu, Lucazi, Lwena, Lwimbi e Cokwe.
- antes de 1929 Wilhelm Mattenklodt*: Expedições de caça com exploração etnográfica dos Kisama.
- 1930 Hermann Baumann* e Heinrich Meinhard: Viagem de estudo e de recolha ao serviço do Museu de Etnologia de Berlim ao Nordeste de Angola, ao território dos Cokwe, Lunda, Lwena e Lwimbi.
- 1931-1932 Otto Jessen*: Explorações geográficas em onze rotas entre o planalto angolano e a costa, principalmente, no território dos Ovimbundu.
- 1954 Hermann Baumann* (chefe), G. Boß e Manfred Topp: Viagem de estudo e recolha com apoio da “Deutsche Forschungsgemeinschaft” (Sociedade Alemã de Investigação) para o Sudoeste angolano para o território dos Humbi, Musho, Kuvale, Handa, Mwila (Nyaneka), Nkhumbi, Ngangela e Kwankhala; documentação das pinturas rupestres no Chitundu-Hulu; Visita das construções de pedra no monte Kola na região Caluquembe e das necrópoles de pedra de Quibala.

JOHANN PAUL AUGSPURGER

Johann Paul Augspurger, oriundo de Speyer e certamente o primeiro alemão a publicar um relato sobre Angola, não foi para África como explorador. Depois de ter trabalhado algum tempo para os franceses e os holandeses, entrou ao serviço da “West-Indische Companie (WIC)” (Companhia da Índia Ocidental) a 11 de Outubro de 1640. Uma das viagens feitas nesse âmbito levou-o como “comandante” primeiramente ao Brasil e depois, sob a chefia do Almirante Johl e do Comandante Geral Jacob Henderson, em missão secreta a África. Aqui, participou no verão de 1641 na conquista de Luanda, Benguela e São Tomé pelos holandeses. A sua estadia na costa africana (do Cabo Negro até Luanda) prolongou-se do dia 10 de Agosto de 1641 até ao dia 4 de Março de 1642, quando, por motivos de saúde, iniciou a sua viagem de regresso a Amesterdão, passando pelo Brasil. O seu relato de viagem (ver texto), que é dedicado ao governador sueco “des Thüringischen Creyses” (do círculo turingiano) em Erfurt e a Peter Brandt, descreve em poucas palavras as principais estações. As suas informações sobre Angola são, infelizmente, muito curtas e superficiais e muitas coisas já estão descritas noutras fontes da época, de forma mais concreta e com mais pormenores. No entanto, Augspurger fornece algumas informações de grande valor. Ele é, por exemplo, a primeira testemunha ocular digna de confiança a reportar a existência de uvas, o primeiro a mencionar couve e rabanetes, e, possivelmente, o primeiro a fazer uma diferenciação entre banana-pão e banana (Vansina, carta de 22.5.1998). Importantes são também as suas indicações sobre grandes quantidades de algodão e sobre um substituto do tabaco, aparentemente conhecido pelo mesmo nome que, mais tarde e noutras regiões, viria a ser usado para designar o próprio tabaco (cf. cap. Brun), o que constitui um alerta em relação à comparação precipitada das fontes. Alguns dos estereótipos que, no século XIX, marcaram a imagem de África, têm as suas raízes na época do comércio atlântico de escravos e já se encontram presentes em Augspurger.

Texto

*1. Kurtze und wahrhaffte Beschreibung [Descrição curta e verídica],
1644: 47-58*

Entretanto tive ainda de fazer inúmeras viagens em *Angola* / através das quais fiquei a conhecer melhor a região. A ilha de *Loanda* [ilha de Luanda] situa-se frente à *Villa de S. Paulo* [i.e. Luanda] / e é habitada por 900 *negros*, distribuídos por 3 capitánias / designadas por *donos* / neles têm as suas *aldeos* [em port.: aldeias] e dentro delas as suas cubatas / têm belas *plantações*, como a bela *plantação* que foi feita para o senhor *Comandante geral* [i.e. Jacob

Henderson] (que eu conheci aquando de uma das minhas numerosas missões aos *donos*) / Eles não possuem outra alimentação para além de frutos / peixes e conchas / que em Angola e no reino do *Congo* se utilizam em vez do dinheiro / essas conchas são apanhadas à beira-mar / ou retiradas da areia / pelas mulheres / com pequenos cestos feitos de junco / e com as quais se pode comprar tudo o que é necessário. Um terço dos habitantes masculinos parte todos os anos para a guerra contra os inimigos / e deixa em casa as mulheres e os filhos / que têm então de providenciar a sua própria alimentação / andam nus, novos e velhos, / possuem belos frutos / e muitas vezes troquei esses frutos e outros refrescos por coisas de pouco valor. A *Villa di S. Paulo* é grande / com belas casas / bastante *fortificada*, há já uns trinta anos que não tem guerra contra os cristãos / só contra os seus vizinhos negros / tem 6 igrejas / 2 conventos / e um grande e belo hospital / nas traseiras da casa de todos os grandes senhores moram os escravos negros nas suas próprias cubatas / e têm de servi-los. Não existe água doce na cidade / mas, a meia hora dali, há diversos poços / cuja água não é porém muito boa / por isso, a maior parte da água potável é trazida da ilha em frente / e do *Bengo* / mantendo-se deste modo sempre uma boa provisão de água potável. Esta cidade vizinha da ilha de *Loanda* pertence agora inteiramente à Companhia das Índias Ocidentais / e a cidade é altamente fortificada / porque possui um porto excelente. Depois de estarmos aqui há um bom tempo / o abastado rei do *Congo* travou amizade connosco / e prometeu / dar-nos anualmente 15000 negros como tributo. Quando os inimigos expulsos por nós [ou seja, os portugueses e os seus aliados africanos] souberam disto / invadiram o reino do *Congo* / cujo rei enviou na frente o seu filho com 15000 negros / e nos pediu assistência / após o que foram logo mandadas 2 companhias de carabineiros / 2 companhias de mosqueteiros em seu auxílio / o próprio rei estava preparado para a emboscada com 30000 homens / de modo que o inimigo teve de retroceder sem ter conseguido o seu objectivo / e sem ousar outras tentativas.

Este rei do Congo dispõe de muito povo / muito gado / cobre / e elefantes, quer que o tratem por sua majestade e ao filho por sua excelência, é fortemente papista / embora os seus súbditos sejam ainda maioritariamente pagãos / e vivam como os outros negros.

Angola é muito pouco saudável / pois apesar de o dia ser igual à noite / há quase sempre um grande calor / com nevoeiro à noite e de manhã / o que causa grandes enfermidades / a quem não está habituado / em especial em Bengalo [*i.e.* Benguela] a 60 léguas de *Villa di S. Paulo*, de tal maneira que, desde o dia 25 de Agosto de 1641 até ao dia 4 de Março de 1642, morreram 360 oficiais e soldados das 12 companhias estacionadas no Bengo, em Bengalo e na *Villa di S. Paulo* / e 60 homens foram mortos pelo inimigo / o que perfaz 420 homens; muitos dos restantes estavam porém doentes / de modo que as guarnições têm de receber reforços do Brasil de três em três meses. Os negócios em Angola que totalizam com o tributo da Companhia das Índias Ocidentais 60 toneladas de riqueza por ano / consistem na venda de negros, de acordo com as informações

que recebi do Brasil durante a minha primeira viagem, / azeite de palma, algodão, dentes de elefante, cobre / almíscar / e todo o tipo de peles de animais desconhecidos.

Quanto a animais existe uma grande variedade de elefantes, rinocerontes, crocodilos muito grandes, tigres [*i.e.* onças], leopardos, leões, zibetas, cavalos selvagens / com o pelo às riscas pretas e brancas [*i.e.* zebras] / com um pescoço comprido / e uma cabeça pequena e afilada / porcos selvagens / veados / corças / bois / porcos / cabras / porquinhos-da-Índia / cobras enormes / camaleões, para além de muitos outros.

Quanto a animais voadores há grandes morcegos / semelhantes às nossas pombas / com um aspecto feio / grandes pássaros / brancos e pretos / semelhantes às nossas cegonhas / muitos papagaios de coloração diversa / e pássaros de pequeno porte / patos almiscareiros / francolins / pequenas galinhas vulgares / e narcejas.

Quanto a frutos há milho ["milie", *i.e.* sorgo ou o actual milho], palmeiras / das quais extraem vinho e azeite / cocos, laranjas / limões ["Citronen"] / limas ["Limonien"] / melões / romãs ["Granaten"] / pera granata ["Granat-Beere"] / figos / couve branca e roxa / rabanetes, grande variedade de ervas aromáticas para saladas e para cozinhar / pacobas, bananas, batatas, ananases, tamarindos, uvas / brancas / vermelhas e negras cana-de-açúcar / e algodão em grande quantidade.

Quanto a peixes existem grandes e pequenos / de diversos tipos / mais que no Brasil / as conchas e os mariscos, de cujas cascas extraem a bela cal branca / não precisam de dinheiro / em vez disso utilizam pequenas conchas / como já se referiu / e pequenas esteiras / a que chamam bane / e que são feitas da casca dos coqueiros / de forma quadrangular / com o comprimento e a largura de [uma] jarda / utilizadas por muita gente, em especial pelas pessoas mais nobres / para cobrir as partes pudendas / e para fazer velas para os seus barcos / e também para comprar todo o tipo de coisas / Não têm tabaco, mas em seu lugar têm uma erva / semelhante à nossa "Wegwarth" [*i.e.* chicória] / a que chamam macqvay. A sua bebida é água doce / contudo, quando conseguem obter água-ardente ou vinho espanhol / dão a sua fortuna por ele / muitas vezes trocam os seus presos por vinho / pois embora já tenham umas poucas uvas em diversos locais / não sabem o que fazer com elas / e o rei de Espanha proibiu que lho ensinassem. Fora isso têm vinho de palma / e uma bebida de "milie" [sorgho ou o actual milho], a que chamam walla / também fabricada a partir de uma raiz que eles mastigam e cospem novamente / deixam descansar durante 9 dias / e a que chamam kaukauim / bebem-na até ficarem bastante embriagados / após o que adoptam um comportamento estranho com gesticulações e gritos. Não dormem em redes / como os brasileiros / mas sim em esteiras de junco enfeitadas com muitas cores. Preferem passar fome e aflições / a trocar a sua liberdade por um serviço. Muitos deles já são cristãos / mas de uma maneira geral levam uma vida bárbara / e na guerra renderam-se perante as armas de fogo e a artilharia.

Em caso de perigo de vida / mas também por razões menores / os indivíduos do sexo masculino vendem as suas mulheres e filhos / pois têm apenas uma esposa / mas quantas concubinas quiserem. São fraudulentos nas suas acções, mentirosos nas suas promessas / indolentes no seu trabalho / gananciosos na comida e na bebida / para fazerem algo de positivo têm de ser incitados com pancada / porém são muito arrogantes / não têm pudor em despir-se / as suas mulheres mostram-se desejosas / por ter uma relação amorosa com um homem branco. E quando essa relação produz filhos, estes são chamados malacos, porque a sua cor é mista; e quando indivíduos brancos têm filhos destes malacos / chamam-lhes mammeluces [*i.e.* mamelucos], que em termos de cor se assemelham aos castelhanos. A sua aparência física, tanto para os homens como para as mulheres, consiste maioritariamente em troncos direitos e longos / membros fortes / cabelo crespo preto e em alguns casos / embora poucos / cabelo crespo vermelho / pele muito suave no ventre / devida ao azeite de palma, com que se untam de oito em oito dias / dos cabelos às solas dos pés / depois de se pintarem com tinta vermelha / e a retirarem / depois de seca. As mulheres usam aros de latão nos braços / nos pés e nos dedos grandes dos pés / quanto mais escuras são / mais bonitas se crêem / mais depressa se comparam à ferrugem que ao alvaiade no que respeita à cor. Quando os homens e as mulheres dão largas à sua natureza / fazem uma pequena cova no solo / e voltam a cobri-la com terra / caso contrário consideram o acto uma grande vergonha. Quando as mulheres estão prestes a dar à luz / as outras mulheres formam uma roda à volta delas / cantam / dançam e gritam imenso / para que a parturiente esqueça as dores / No que respeita à criança, há cerimónias extraordinárias, após as quais os homens e as mulheres ficam muito alegres. Quando elas morrem / os familiares choram como cães / e enterram-nas perto das suas cubatas. Aqueles que se mantiveram fieis às suas crenças pagãs / crêem num Deus que criou o céu / e a terra / e tudo mais / e que é muito bondoso / mas também crêem num deus mau / que só faz maldades / quando eles não obedecem aos costumes impostos / havendo portanto muita feitiçaria e superstição entre eles / com base em raízes / ervas e árvores. E quando o capitão tenente e comandante geral resolveu despachar-me para o Brasil, no primeiro navio que largasse ferros, com um presente vistoso para sua Ex^a o conde Mauritzen [*i.e.* Jan Mauritz van Nassau-Siegen] / a fim de lhe apresentar pessoalmente um tributo qualquer / eu aproveitei a ocasião / para solicitar a minha retribuição, que os senhores directores não só me concederam / como ainda me deram uma carta de recomendação.

HERMANN von BARTH-HARMATING

O geólogo, Dr. Hermann Barão von Barth-Harmating, que descendia de uma família aristocrática bávara muito antiga, nasceu a 15 de Maio de 1845, no castelo “Eurasburg”, na Baviera Superior. Começou por estudar Direito em Munique. Durante o seu estágio jurídico em Regensburg, Berchtesgaden, Traunstein e Sonthofen, descobriu o gosto pelas montanhas, que mais tarde passou a explorar a partir de Munique cada vez mais sistematicamente. Tornou-se, assim, num conhecedor primoroso dos Alpes calcários do Norte e no primeiro explorador da serra “Karwendel”. Pelo livro, no qual resumiu as experiências e pesquisas (*Aus den Nördlichen Kalkalpen. Ersteigungen und Erlebnisse in den Gebirgen Berchtesgadens, des Algäu, des Innthales, des Isar-Quellengebietes und des Wetterstein* [Dos Alpes calcários do Norte. Escaladas e experiências nas serras de Berchtesgaden, de Algäu, de Innthal, da região onde brota o Isar e de Wetterstein]. Gera 1874), foi condecorado com a cruz de cavaleiro da ordem da Casa Ernestiniana da Saxónia. O crescente interesse geológico de von Barth levava-o, entretanto, a abandonar o funcionalismo público e a tirar um segundo curso universitário de Geologia e Ciências Naturais, na Universidade de Munique, que concluiu em 1875 com o doutoramento e uma dissertação sobre as fossilizações miocénicas dos Alpes de Allgäu. No mesmo ano, foi publicada uma descrição resumida da Geografia da África Oriental (*Ost-Afrika vom Limpopo bis zum Somalilande; Erforschungsreise im Osten Afrikas, mit besonderer Rücksicht auf Leben und Reisen und Tod David Livingstones* [A África Oriental do Limpopo até à Somália; Viagem de exploração no Oriente de África com atenção especial à vida e viagens e morte de David Livingstone]. Lipsia 1875), que chamou a atenção do público em geral – naquela altura, a língua alemã não era ainda um entrave à recepção! – e que levou o governo português a oferecer-lhe o lugar de geólogo nacional na sua província de Angola.

Com muitas esperanças e cheio de ambição, von Barth embarcou a 20 de Janeiro de 1876, em Hamburgo e chegou a Luanda, fazendo escala em Lisboa e Cabo Verde, no dia 5 de Junho. A sua viagem de exploração, que se centrava nos trabalhos geológicos e topográficos, levou-o de 30 de Julho a 12 de Outubro, na companhia de 17 Africanos, de Luanda até ao Cazengo. O seu caminho decorreu paralelo ao Bengo/Zenza, por Ambaca, ao longo do Lucala até à região da sua nascente. No final de uma etapa chegou a Duque de Bragança (de 25 de Agosto a 12 Setembro), e no de outra à residência do soba Cahenda (3 de Outubro). Os seus esquemas e diários nunca publicados e até agora desaparecidos serviram a Richard Kiepert, que enalteceu os registos de von Barth como especialmente abundantes e esmerados, como base para a reconstrução da sua rota. Eles só continham, todavia, uma descrição pormenorizada para os primeiros seis dias até Calolo e Kiepert não foi capaz de decifrar

todas as suas abreviaturas e alusões (Kiepert 1880: 243). Desde meados de Agosto, a viagem de von Barth foi marcada pela doença e pela oposição crescente da população africana aos seus planos de viagem. Mas ele não desistiu assim tão depressa: “Definitivamente, apesar de um estômago e de pés em mísero estado, eu ainda tenho um cérebro capaz e sei lidar com o lápis, o bloco de notas e o compasso e ver que tipo de pedras se encontram no chão e, ocasionalmente, sou capaz de levantar ou mandar levantar uma delas e, da tipóia, também se pode ver tudo muito bem, se nos deixarmos iluminar pelo querido sol e não fecharmos as cortinas – summa sumarum, eu vejo mais assim do que se não viesse cá.” (Carta de Duque de Bragança, sem data, espólio Ratzel). Von Barth tinha planeado avançar, partindo de Duque de Bragança, até Encoge e de lá alcançar a costa perto de Ambriz (ver texto 1), um plano que, por fim, acabou por não conseguir realizar (ver texto 2). Gravemente doente, já sem mercadorias e abandonado vezes sem conta pelos carregadores, foi obrigado a regressar.

É de presumir que uma grande parte das dificuldades de von Barth se devesse ao seu estado de saúde, que piorava rapidamente. Os carregadores africanos não queriam seguir um europeu doente e com pouca experiência de África, que era teimoso na execução dos seus planos, para além de não ter em consideração outras razões políticas e económicas, que pudessem estar por detrás da recusa crescente nas regiões percorridas. O inexperiente, fraco, mas muito ambicioso von Barth estava completamente sobrecarregado e era uma presa fácil para todos aqueles que se quisessem aproveitar dele. Visto que não existem dados concretos sobre as origens da sua opinião tão desastrosa relativamente aos africanos, é difícil qualificar a sua atitude. Relatórios de outros viajantes do seu tempo mostram, no entanto, que um comportamento arrogante e a falta de disposição para ter em conta as condições africanas e ir ao encontro dos seus desejos (o que, em certos casos, podia implicar uma mudança ou até mesmo a desistência dos próprios planos) foram, na maior parte dos casos, fortemente responsáveis pela inexistência de uma relação de confiança entre ambas as partes. Doente e muito enfraquecido, Hermann von Barth arrastou-se ainda de volta até Cazengo. Ali, as suas inscrições no diário são interrompidas. “Ele foi levado para Dondo, junto ao Quanza, e dali por navio a vapor para S. Paulo de Loanda, onde martirizado pela febre e pela disenteria se suicidou no dia 7 de Dezembro [de 1876], num momento de total alienação mental.” (Kiepert 1880: 249). Inutilmente, pouco antes, Paul Pogge* ainda o tinha tentado convencer a regressar a casa, à Europa: “mas não me consigo decidir, de maneira alguma, a desistir de tudo após tão pouco tempo, se bem que tenha de confessar já ter pouca confiança numa melhoria nítida, a minha saúde está fortemente abalada. Um belo resultado de viagem! E então se pensarmos, para quê – uma volta pequena, já realizada quiçá centenas de vezes, depois

interrompida, possivelmente para sempre.” (Carta de Luanda, 27 de Novembro de 1876, espólio Ratzel). Não deixou notas etnográficas.

Max Buchner* procurou em 1879 a sua sepultura em Luanda: “O cemitério fica situado directamente sobre a aldeia de Kabinda, na parte superior de uma encosta íngreme, dominando a vista e ocupando o lugar que lhe pertence. À procura deste, fui eu uma manhã para visitar a campa de Hermann von Barth. Uma bonita cruz de pedra com um epitáfio em alemão, mandado pela sua família e uma laje, colocada horizontalmente com um epitáfio em português, doada pela colónia, ornamentam a sepultura do infeliz colega.” (1878-1879: 138-139)

Textos

1. Carta de Duque de Bragança, s.d., citado no necrológio manuscrito anónimo, espólio de Friedrich Ratzel, 447, Institut für Länderkunde, Lipsia

Há três dias que me encontro em Duque de Bragança, a localidade mais afastada dentro do território português, no sentido Nordeste, e para já, estou num momento de transição da minha 1ª viagem; ainda não sei ao certo para onde me leva esta transição; os meus intentos, cuja concretização seria de grande importância, não só para esta viagem, mas também para uma realização rápida e planificada de viagens futuras, consistem em partir em direcção ao Noroeste, alcançar o posto português de Encoje e de lá seguir para Bembe e depois para Ambriz. Mas a coisa parece apresentar algumas dificuldades; toda a região situada entre esta localidade e Encoge é território negro independente, sabe Deus com quantos reis e sobas, e ninguém aqui na estação militar sabe algo de concreto sobre essa situação, ou sobre o trajecto em si.

Também não se deixam convencer relativamente ao meu projecto de Encoge e fazem grande falatório sobre as numerosas e enormes dificuldades que ele apresenta, sem conseguirem nomear uma única dificuldade em concreto; mas eu não me dou por vencido e exijo que se informem com pessoas experientes e descubram qual a extensão do trajecto, quantos sobas iremos encontrar e como eles irão reagir; só então se poderá avaliar, se a coisa é ou não exequível segundo os planos preestabelecidos e de forma sensata. Como porém está confirmado que, entre este local e Encoge, circulam muitos comerciantes nativos e como, na verdade, se desconhece qualquer comportamento hostil por parte dos príncipes residentes ao longo do trajecto, – pelo contrário, o rei dos Mahunge tem uma relação muito boa com o comandante desta estação, é legítimo pensar, que a coisa não seria completamente impossível.

2. *Carta de Luanda, 1 de Novembro de 1876, citado no necrológio manuscrito anónimo, espólio de Friedrich Ratzel, 447, Institut für Länderkunde, Lúpsia*

Cá estou eu novamente em Luanda – deitado, para ser mais preciso; contudo, o meu plano de viagem fracassou inteiramente, a minha primeira tentativa de viagem terminou com um falhanço total e fez de mim um inválido, Deus sabe por quanto tempo. Consegui, com uma lentidão interminável, ir de Duque [de Bragança] até Mambulu e ainda até Calandula, a meio caminho de Encoge. Só que aí, quase todos os meus artigos já haviam sido consumidos pelas exigências excessivas dos sobas e sobretudo pela permanente fuga dos carregadores que têm sempre de ser pagos antecipadamente em artigos – missangas – etc.; para além disto, o resto do caminho até Encoge foi considerado extremamente inseguro e a minha gente já não quis ouvir falar em prosseguir. Eu também não teria podido fazê-lo, visto que já não tinha mais artigos, ou seja mais dinheiro. Disseram-me que, indo em direcção ao S[ul], poderia alcançar em alguns dias as primeiras patrulhas portuguesas de Ambaça [*sic*]. Era o melhor que eu podia fazer e, após repetidas e intermináveis canseiras e ainda de me terem deixado acamado, na última estação, a 4 horas de Ambaça, durante 2 dias, cheguei finalmente a Ambaça e, completamente doente e miserável como estava, iniciei imediatamente a viagem, via Cazengo, em direcção ao Dondo, de onde o vapor me levou pelo Quanza abaixo até Loanda; pelo que estive 4 semanas inteiras em território gentio, ou seja, entre os negros independentes, a raça mais infame e abjecta que se pode imaginar. – O que eu tive de suportar nesta viagem é indescritível, podia escrever-se um livro sobre isso. No entanto, não posso fazer grande alarido sobre o assunto, em primeiro lugar, porque se tratou de uma viagem insignificante, que não pode ser equiparada aos actuais empreendimentos em África e, em segundo, porque além disso é uma história fracassada. Nos primeiros dias de viagem, gozei de boa saúde, muito melhor que em Duque, mas depois fui acometido pela antiga maleita...



1 Coleção A. Bastian: “Feitiço (cozido às duas pernas com linha de algodão para impedir a fuga da mulher”. Figura de mulher. Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 325.

ADOLF BASTIAN

Adolf Bastian é considerado o pai da Etnologia na Alemanha. Apesar de ter viajado por todo o mundo durante um total de vinte cinco anos e de ter recolhido colecções etnográficas completas, actualmente o seu nome está mais ligado às tentativas de sistematização e às noções teóricas “Elementargedanken” (pensamentos elementares) e “Völkergedanken” (pensamentos de povos), do que à pesquisa de campo. As referidas noções constituem, segundo Bastian, os fundamentos culturais da humanidade, que se expandiram por acção de influências externas, dando origem à multiplicidade de culturas.

Na qualidade de um dos fundadores da *Zeitschrift für Ethnologie (Revista para Etnologia)* e, com Rudolf Virchow, da “Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte” (Sociedade para Antropologia, Etnologia e História Primordial) (1869) cabe a Bastian, sobretudo, o mérito de ter instaurado a disciplina da etnologia como ciência independente na Alemanha. Também se deve à sua iniciativa e a anos de insistência constante a abertura em 1886 do primeiro museu alemão de Etnologia em Berlim. Para além disso, é visto não só como o precursor de muitos etnólogos posteriores como Franz Boas, James Frazer, Richard Thurnwald, Alfred Radcliffe-Brown e até mesmo Bronislaw Malinowski, mas também, entre outras coisas, como precursor da psicologia analítica, do conceito de inconsciente colectivo e especialmente do estruturalismo de um Lévi-Strauss.

Adolf Bastian nasceu a 26 de Junho de 1826, filho de um comerciante de Bremen. Depois de dois semestres em Direito, estudou Ciências Naturais e Medicina. Em 1850, fez a tese de doutoramento em Medicina e partiu, ainda no mesmo ano, para a sua primeira viagem à volta do mundo como médico de bordo. A viagem de regresso conduziu-o, no ano de 1857, também a Angola. Em 1867, defendeu a tese de pós-doutoramento (qualificação exigida para o ensino universitário) na disciplina de Etnografia na Universidade de Berlim. No ano seguinte foi incumbido da administração das colecções etnográficas e pré-históricas do Museu Real. No mesmo ano tornou-se presidente da “Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin” (Sociedade de Geografia de Berlim). Foi devido à sua divulgação sistemática e ao seu esforço, que finalmente, em 1873, a secção etnográfica foi separada das Colecções de Arte Prussianas e reorganizada num museu independente da nova disciplina. Compreensivelmente, ele foi também o primeiro director deste museu. Ainda no mesmo ano fundou a “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas” (Sociedade Alemã para a Investigação da África Equatorial), nome abreviado para “Afrikanische Gesellschaft” (Sociedade Africana), com a qual a organização de viagens alemãs a África se começou a institucionalizar. A razão e o objectivo desta sociedade era o financiamento de um projecto de expedição, repleto de euforia nacional, que conduziu o cientista, nesse mesmo ano, à costa do Loango, na sua

terceira viagem. Com a abertura do Museu Real de Etnologia em Berlim no ano de 1886, Bastian alcançou o auge da sua carreira profissional. Depois de 1889, “o director do museu, Adolf Bastian, tornou-se o principal ‘trampolim’ para as pessoas, que conjugavam um interesse científico, na sua aceção mais ampla, a uma estadia nas colónias” (Essner 1986: 69). Após mais alguns anos de esforço incansável em prol da Etnologia alemã, tanto no seu país como em viagens, Adolf Bastian faleceu a 3 de Fevereiro de 1905, com 79 anos de idade, em Trindade, durante a sua nona viagem. Para além das suas colecções etnográficas, deixou cerca de oitenta monografias, quase todas em vários volumes, 250 artigos e 350 recensões. Todavia, muito deste material foi posto de lado, já no seu tempo, e considerado “ilegível”, por razões estilísticas, o que fez com que tivesse sido muito pouco analisado. Só mais recentemente voltou a ser alvo de novos estudos que se ocupam principalmente das suas ideias fundamentais.

Bastian, que entendia a Etnologia como uma ciência psicológica, desenvolveu as suas concepções teóricas muito cedo e depois não as modificou significativamente. O seu método foi fortemente influenciado pelas teorias positivistas das Ciências Naturais do século XIX, pelo que atribuiu grande importância ao factor empírico e à recolha sistemática de dados etnográficos. Diferentemente de muitos etnólogos posteriores, Bastian ainda definia esta tarefa de uma forma lata, simultaneamente como registo escrito de informações etnográficas e como recolha de artefactos etnográficos. Deste modo, definiu o rumo da pesquisa de campo, transformando-a no método mais importante da jovem disciplina. “Trata-se da obtenção de material de trabalho realmente sólido, para que, em vez de castelos no ar (em regiões imaginárias), se possa construir o edifício do conhecimento com boas pedras de cantaria (bem fundamentado), segundo um método científico exacto (do qual o método genético comparativo deu provas convincentes).” (Bastian 1903, em Westphal-Hellbusch 1973: 6)

Com base no material abundante assim conseguido, seria possível desvendar, através de uma comparação sistemática, a cultura e a história do desenvolvimento humano e as leis universais que estão na sua origem. Todos os seres humanos possuem para Bastian a mesma disposição psíquica e dispõem por isso da mesma capacidade de desenvolvimento. Como tal, em qualquer parte do mundo, todos eles passam, independentemente uns dos outros, pelas mesmas fases de desenvolvimento predeterminadas que, contudo, obtêm o seu cunho específico, através de influências locais diferenciadas. Todos os seres humanos partilham determinados fenómenos culturais, a que ele chama “pensamentos elementares”. Segundo Bastian estes “Elementargedanken” (pensamentos elementares) constituem, por assim dizer, o equipamento base original de toda a humanidade. Ao longo da história estes diversificaram-se devido a estímulos específicos de natureza geográfica e histórica, que têm

repercussão nas “províncias geográficas”. O resultado consiste numa multiplicidade de “Völkergedanken” (pensamentos de povos). Nos chamados povos naturais, Bastian vislumbra a primeira fase da humanidade. A seu ver, eles encontram-se num nível mais baixo do que os chamados “povos de cultura média” e os “povos históricos” ou “povos de cultura”, nível esse já anteriormente ultrapassado por estes últimos. As transições seriam no entanto fluentes, pelo que era difícil traçar fronteiras rígidas entre as diversas categorias. “Uma das mais fantásticas descobertas histórico-culturais que só recentemente começámos a conseguir entender, devido ao progresso das pesquisas etnológicas, reside na semelhança inabalável com que as tribos mais afastadas, em diferentes partes do globo, defendem as mesmas ideias e noções, apenas com variações locais, de acordo com os matizes das províncias geográficas. A suposição anteriormente habitual em casos destes, de que se trataria de difusão, já há muito que teve de ser abandonada. Encontramo-nos aqui perante uma lei natural psicológica, em que as produções de natureza espiritual resultam de uma necessidade tão premente como a que existe nos outros domínios da natureza. Precisamente no que respeita à costa do Loango, voltámos a conseguir uma quantidade respeitável desse tipo de ideias fundamentais, que se encaixam bem em todas as séries já conhecidas, ampliando-as valiosamente. Assim, reproduzem-se aí as lendas sobre lobisomens, as diferentes versões do julgamento divino, as curas simpáticas e muitos outros mitos, em duplicados exactos, que não podem ser aqui mencionados extensivamente.” (Bastian 1874/1875, I: 361; cf. texto 4)

Bastian considera a possibilidade da existência de “primitivismo” secundário e de difusão de cultura e distancia-se, por isso, de um modelo de desenvolvimento unilinear. Em suma, entende o desenvolvimento humano, que recebe o seu impulso através de estímulos exteriores, como uma progressão em espiral, do simples para o complexo, do inferior para o superior e do imperfeito para o perfeito, em forma de ciclo ou circuito.

É impressionante como as ideias fundamentais de Bastian já estavam claramente presentes nas suas primeiras publicações. Contudo, é precisamente no relato da sua primeira viagem a Angola que se torna evidente a grande discrepância e as contradições entre as suas pretensões teóricas e as tentativas de aplicação prática. Esta viagem que, na verdade, Bastian realizou ainda como médico e não como etnólogo, levou-o, no ano 1857, de barco, de Luanda para Ambriz e de lá, na costumeira tipóia, com um total de vinte carregadores, um cozinheiro e o guia da pequena comitiva, que também desempenhava as funções de intérprete, até à capital do antigo Reino do Kongo, Mbanza Congo (São Salvador para os Portugueses). Esta pequena excursão não constituiu ainda uma expedição no verdadeiro sentido da palavra, tendo apenas como objectivo “conhecer o povo e a forma de viajar”, assim como preparar uma exploração do

Congo, planeada para mais tarde (1859: 185 seg. nota de rodapé.). Mas, a concepção de desenvolvimento histórico de Bastian já existia naquela altura:

“O interior de África ainda por explorar, as suas costas ainda pouco penetradas dão-nos a melhor oportunidade de compreender o ser humano, numa fase não perturbada do seu desenvolvimento. Também aqui, ele já se afastou há muito do estado natural; também aqui, desde os tempos remotos, já se formaram e extinguiram estados, floresceram e lutaram povos, mas toda a sua história decorreu dentro de limites concretos, fornecendo assim ao explorador uma imagem completa, marcada pelo carimbo do desenvolvimento individual, que nos permite fazer comparações muito interessantes e tirar conclusões significativas.” (1859: 175)

“Dada a configuração geográfica do continente africano, os seus povos nunca conseguiram ultrapassar o nível mais baixo da barbárie. Só em regiões, onde a navegação possibilita uma troca viva com nações estrangeiras, se desenvolverá numa cultura superior. Assim, as margens do Mar Mediterrâneo cobriram-se de cidades florescentes e estados poderosos, que, fortalecidos pela sua organização interna, impuseram a sua soberania a vastas regiões da Ásia. A África, pelo contrário, é uma massa inerte atirada para o meio do Atlântico que arremete selvagem contra as suas costas, mas que em parte nenhuma as molda em baías hospitaleiras ou em golfos convidativos [...]. Quando, pela primeira vez, as quilhas dos navios portugueses atravessaram as ondas do oceano Atlântico, um material de fermentação muito forte foi lançado sobre esta costa, envolta pela eterna noite da barbárie e não nos podemos admirar, se os produtos dos elementos brutais que, em tempos, foram forçados a trabalhar, de modo tão súbito e inesperado, ainda hoje transportem na testa o inconfundível carimbo desse reino das trevas, do qual se ergueram. Espantados, os selvagens viam passar os velozes navios de velas brancas, ao longo da sua costa, impulsionados por um poder, para eles incompreensível [...]” (1859: 267-269). Este ponto de vista não tinha nada a ver com a realidade histórica que, no que respeita aos “portadores de cultura” brancos, era caracterizada por campanhas militares e um comércio de escravos extremamente bem organizado e em grande escala, e carece também de qualquer fundamento científico.

Os pressupostos teóricos de Bastian e o carácter meramente prospectivo da viagem foram, independentemente da forma como ele costumava configurar os resultados do seu trabalho de campo, decerto uma razão importante para a exiguidade decepcionante das informações que ele trouxe de África. Isto é deveras lamentável, tendo em conta que não existe outra descrição de Mbanza Congo e daquele país, feita nessa altura. O verdadeiro obstáculo, para que também nós que ansiamos por relatos de testemunhas oculares para as nossas próprias interpretações, possamos tirar partido das notas de campo de Bastian, não reside tanto nos seus preconceitos ou na superficialidade e no carácter não sistemático da recolha de dados, mas muito mais na sua enorme erudição. O seu

conhecimento das fontes bibliográficas multilíngues sobre Angola (e não só) é certamente impressionante e excede o de muitos cientistas modernos. Mas infelizmente, as suas próprias experiências ou observações são misturadas com leituras extremamente “mal digeridas” e resultam frequentemente numa amálgama inextricável de generalizações universais, de tal forma que o material autêntico, directamente obtido nesta viagem, só transparece nas poucas passagens em que ele utiliza expressamente a primeira pessoa (ver texto 3). Bastian usou este método conscientemente: “O horizonte do viajante tem sempre de permanecer relativamente limitado e as suas experiências pessoais são necessariamente casuais e determinadas por condições exteriores, pelo que, só através do estudo da história, ele consegue adquirir uma base de observação mais ampla, caso pretenda que o esboço criado por si não seja deformado ou insuficiente, principalmente nos seus aspectos característicos.” (1859: IX-X)

Contudo, Bastian reconheceu também, os perigos de um procedimento desse tipo, sem contudo tomar a sério as suas próprias advertências. “Devem evitar-se, sempre que possível, as generalizações, pelo menos enquanto a maior parte dos factos que necessariamente lhes serve de base, não estiver completamente esclarecida.” (1859: 139). Às vezes, Bastian critica fortemente os seus antecessores neste aspecto. Expressa-se da seguinte forma sobre relatos anteriores acerca dos “Jaga” angolanos: “Generalizações deste tipo encontram-se com frequência nos relatos antigos, apesar de terem pouco valor, porque neles os Jagas como nação, não são suficientemente diferenciados dos Jagas como seita.” (1859: 365). Bastian divulgou insistentemente “o método de pesquisa ligado às Ciências Naturais, a grande proeza do nosso tempo”, assente no princípio “de que devemos investigar qualquer fenómeno até aos seus princípios básicos e nada deve ser considerado como verdadeiro até estar completamente provado” (1859: 328). Isto não o impediu contudo de afirmar, por exemplo, que devido ao facto de em Angola não se utilizarem bois, camelos e cães como animais de transporte ou de só se utilizarem com restrições, se tendia aí, devido às circunstâncias, a encarar “os seres humanos como animais, pois, em África nunca se tinha feito realmente uma grande distinção entre ambos” (1859: 23). Também utiliza, sem hesitar, analogias que se encontram espalhadas pelas páginas dos seus livros, como se uma caixa cheia de pequenas notas soltas tivesse sido despejada sobre eles, embora depois verifique que, por outro lado: “Podem encontrar-se analogias em toda a parte, é natural que se encontrem em toda a parte e, quando precisamos escolher aleatoriamente algumas delas para construir sistemas, é possível provar tudo a partir de todas elas. Precisamente devido à universalidade das semelhanças, estas não têm qualquer valor para a explicação de casos específicos, referentes à Mitologia ou à Etimologia.” (1859: 333). Independentemente da altura em que foi formulada a sua convicção, então apoiada na Química, na Geologia e na Fisiologia, “de

que o presente tem que ser explicado pelo passado e o ser por aquilo em que se tornou.” (1859: 342) não deixa de ser válida.

A crítica sistemática das fontes era, para Bastian, um tema desconhecido. No entanto, pediu por exemplo tolerância para com “a confusão, que reina nos relatos históricos dos velhos missionários que não tinham tempo nem paciência para debates críticos” (1859: 233), confusão essa, que depois se encontra extremada nas suas próprias descrições da história de Angola ou dos “Jaga”.

As suas observações sobre as pesquisas de campo, efectuadas durante esta viagem, também provocam uma impressão ambivalente. Por um lado, Bastian verifica que “não devem procurar-se oportunidades para adquirir informações sobre a realidade africana, como aconteceu frequentemente, mas, pelo contrário, deve esperar-se que elas se apresentem por si, já que as perguntas numerosas apenas provocam desconfiança e se pode ter a certeza de ser enganado descaradamente.” (1859: 149 seg.). Por outro lado, o próprio Bastian se comportou por vezes com muito pouca sensibilidade. Assim, não só o irritava que a sua chegada a uma aldeia tivesse de ser anunciada, como também, o facto de ter de atravessar a aldeia a pé e não na sua tipóia. Na viagem seguinte, conseguiu “abrir caminho” com a ameaça de fazer uso das armas anteriormente distribuídas. “De aí em diante, atravessei todas as outras aldeias sem dificuldades de maior e poupei muito tempo que teria sido desperdiçado com a observância de todos os costumes prescritos pelos hábitos antigos. Quando eu percebia que o não cumprimento dos mesmos feria demasiado as pessoas, bastavam alguns presentes distribuídos entre os mais velhos para estabelecer de novo as boas relações.” (1859: 108 seg.). Deste modo, volta a impor-se a suspeita de que Bastian não se interessava realmente, nem pelas culturas estrangeiras, nem pelos seres humanos que ali encontrava, mas que, pelo contrário, só pretendia encontrar exemplos para as suas ideias preconcebidas.

A segunda viagem a África levou Bastian, quinze anos mais tarde, ao actual enclave de Cabinda, na costa do Loango. Aí visitou a partir de Julho de 1873, durante três meses (até 12 de Outubro de 1873), a maior parte das feitorias holandesas e fez algumas excursões apressadas ao interior do território, principalmente, ao Loango e pelo Zaire/Congo acima até Boma. Entretanto, a Etnologia tinha-se tornado há muito o seu ramo de especialidade oficial, embora também esta viagem não se destinasse a uma pesquisa de campo, no verdadeiro sentido do termo, mas sim a uma investigação geral e uma sondagem do terreno com vista à expedição interdisciplinar ao Loango, que teve o seu início ainda no mesmo ano sob a chefia do matemático Paul Güssfeldt*, ao serviço da “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas”, fundada em Abril. Como de costume, Bastian também não se demorou muito desta vez e ele próprio admitiu que lhe teria sobrado pouco tempo, para “poder submeter as informações que lhe chegavam de todos lados aos diferentes testes necessários, para garantir o rigor exigido pelos estudos comparativos” (1874/75, I: XIV).

Todavia, o relato desta viagem contém mais substância, do ponto de vista etnográfico, do que o da sua visita ao Congo. Mas também neste caso, ele só constitui uma fonte primária nas passagens onde o autor emprega explicitamente a primeira pessoa do singular ou do plural (“eu” ou “nós”) e relata situações, circunstâncias e observações muito concretas. A mania comparatista de Bastian, que não era um método analítico, mas simplesmente um deleite em enumerações desconexas – um passeio ofegante através do tempo e do espaço – constitui, também neste caso, o obstáculo principal à utilização do seu trabalho nos dias de hoje como fonte sobre as regiões percorridas. Isto já foi censurado por um crítico: “[...] notas geográficas [...], todavia dispersas e por vezes sem utilidade. Por exemplo, são-nos dados vários itinerários sobre caminhos que vão de Bomma até ao rio Lukulla, mais a Norte, mas faltam todas as indicações sobre a direcção e a distância ou até mesmo sobre os pontos, onde os caminhos se aproximam do Lukulla, e nem ao menos se sabe, se esses caminhos seguem de Oriente para Ocidente ou no sentido inverso, ou mesmo se existe alguma sequência determinada. [...] Há que salientar também, que muitas das notas compiladas neste volume de relatos de viagens anteriores, sobre percursos longos no interior de África, só podem ser utilizadas com sentido crítico e compreensão, visto que diversas noções há muito refutadas se encontram, sem qualquer aviso, lado a lado com indicações correspondentes a conhecimentos actuais.” (*PM* 21, 1875: 316)

Bastian adorava a polémica e o seu escárnio atingia indiferentemente os africanos e os europeus. Sempre se expressou com especial mordacidade sobre as missões (ver textos 2 e 5). Onde quer que estivesse, o seu interesse particular recaía sempre sobre as concepções religiosas, mitos e cultos, sem que, no entanto, tivesse paciência para aprofundar as suas pesquisas. Infelizmente, reduziu o essencial daquilo que, nessa viagem, conseguiu saber sobre o assunto, ao conceito de “actividade feiticista” (ver texto 6, ver também 1 e 7) que ele entendia como uma visão integral do mundo, que supostamente representava um nível inferior da história da religião. Hoje esta ideia, que foi muito divulgada no século XIX, tornou-se obsoleta e nós sabemos também que, independentemente destas noções de desenvolvimento, os chamados “feitiços” são fenómenos muito mais complexos do que esta teoria demasiado simplista queria fazer supor. Devido à sua ligação com os pressupostos evolucionistas do século XIX e à conotação negativa que este conceito tem hoje na nossa sociedade, o seu uso neste contexto, torna-se não só equívoco e dissimulador, como também, discriminador (ver cap. 3 da introdução), pelo que deveria ser finalmente posto de parte.

Como no século XIX ainda existia claramente uma distinção entre a actividade do viajante que recolhia o seu material no campo e o académico de gabinete que concebia as suas teorias à distância, e como Bastian definia os seus livros sobre África expressamente como relatos de viagem baseados em

“experiências pessoais”, estes provocam expectativas falsas. Mas Bastian não pretendia criar quaisquer fontes primárias, tal como nós as entendemos. Nesse ponto, não se diferencia fundamentalmente dos etnólogos modernos que, na maioria das vezes, utilizam o seu material de pesquisa, de forma mais ou menos reconhecível, como base para as suas teorizações e interpretações. A diferença consiste sobretudo no facto de hoje nos sentirmos incomodados com as interpretações e o modelo de explicação de Bastian, não só por estes estarem há muito ultrapassados, mas também por terem contribuído largamente para a divulgação e consolidação da imagem de África como “o nível mais baixo da barbárie” (1859: 267). Paralelamente às informações autênticas que, através de uma selecção cuidadosa, podem ser extraídas das suas obras, a colecção etnográfica (algumas dezenas de “feitiços”, roupa de ráfia, cestos, esteiras, um sino duplo, um ceptro, um fole e vários anéis de cobre e latão usados como dinheiro no comércio com os europeus) trazida por ele da costa do Loango, mantém um valor perdurável, mesmo que os motivos para tal se vão alterando com o tempo. Algumas dessas “figuras fetiche”, reproduzidas nas suas publicações em forma de desenhos, encontram-se, tal como as restantes peças, ainda hoje no Museu de Etnologia de Berlim (ver imagem 1). Contudo, pode dizer-se que, no que respeita ao reconhecimento de África, o papel de Adolf Bastian foi mais o de um iniciador do que o de um explorador. Com a sua viagem ao Loango, terminou também o seu envolvimento directo com este continente.

Textos

1. Ein Besuch in San Salvador [Uma visita a São Salvador], 1859: 91-95

Dado que a ocorrência de uma morte, cuja causa não é bem clara, é atribuída à feitiçaria e obriga os outros membros da tribo a uma vingança de sangue, os sacerdotes, em cujas mãos reside a determinação do desfecho dos ordálios, detêm um poder dificilmente apreensível fora de África, junto de todos aqueles selvagens. Quando o ser humano não consegue encontrar por si a explicação para um fenómeno, segue passivamente os indícios dados pela classe que, devido à sua posição mais elevada, detém os meios para o guiar.

Os familiares dos mortos recorrem ao feiticeiro e procuram saber qual o inimigo responsável por essa perda. Durante o sono ou em estado de transe, o sacerdote desvenda a resposta e nomeia o suspeito, cuja culpa é provada pelo testemunho determinante do ordálio da água [a ferver], pelo cadáver que imobiliza os carregadores frente à sua cubata, ou pela descoberta de talismãs enterrados. Como resultado da discussão que se segue, aquele é agarrado, amarrado e esquartejado, uma vez que o dever religioso impõe aos membros da comunidade a participação activa no sanguinário desmembramento. Os tiranos

dos Zulu souberam tirar partido deste dogma em benefício dos seus objectivos políticos. Com base em oráculos correspondentes aos seus desejos, aniquilaram quase toda a aristocracia da sua tribo, enriquecendo-se com as manadas dos condenados.

Os viajantes que se queixam destas aberrações dos povos naturais e que muitas vezes querem negar-lhes a ajuda fraterna, esquecem-se geralmente de mencionar que nós acabámos de libertar-nos do domínio dos mesmos princípios e que estes nunca conduziram a horrores tão terríveis como na civilizada Europa. É natural que o leitor se sinta invadido por uma inquietante sensação de horror, ao folhear a história dos processos persecutórios às bruxas, que fique aturdido com os vapores mefistofélicos do pântano infernal dos mais abstrusos equívocos, das mais abjectas monstruosidades, é natural que fique, de facto, horrorizado ao imaginar, quão poucas gerações passaram, desde o tempo em que essa atmosfera pesada e sufocante constituía o horizonte normal da sociedade. Qualquer pessoa pode confirmar, através dos processos judiciais, tanto dos países católicos como dos protestantes, que ainda hoje vigoram entre as massas populares as concepções que, em relação aos selvagens, eram apodadas de feiticismo. Porém, até à época recente, era a própria classe das pessoas com formação que estava dominada por essas concepções e, precisamente na altura em que se iniciava a alvorada do saber esclarecido, a civilização europeia que, desde a antiguidade, tem sido a filha mimada da História, voltou a afundar-se, mais do que nunca, no mais desolador caos da absurdidade. O negro raramente desperta da sua imbecilidade, a não ser quando a fatalidade da sua própria existência lhe surge pela frente, quando vê a morte reclamar a sua vítima. Então levanta-se de rompante, olha transtornado em seu redor e espera vingar o sangue com o sangue. Mas será que tenho de repetir aqui os lamentáveis disparates, os mexericos inventados nas leitarias e nas fiações, que bastavam aos nossos juizes, ocupados com a compreensão dos seus fólios poeirentos, para que eles arrancassem mulheres idosas e enfraquecidas, idiotas doentes e crianças menores às respectivas famílias, os martirizassem e torturassem, condenando-os à morte mais cruel? Será que tenho de discutir os discursos desvairados que exigiam que se acendessem as fogueiras nas praças das universidades, que mataram centenas de milhares de inocentes? Em 1783 a chama sinistra das suas tochas ardia ainda em solo alemão. E, no entanto, este período obscuro da superstição insere-se também na marcha do desenvolvimento geral e foi necessário para que a poderosa revolução que abalou o género humano no final da Idade Média, abrisse caminho rumo ao presente. Na sequência dos acontecimentos grandiosos que em seguida se conjugaram, o espírito ossificado dos Germanos, até aqui espartilhado pela sua índole corporativista chinesa, alcançou, súbita e involuntariamente, uma altura vertiginosa. [...] Podemos arrepiar-nos com as momices, cuja harmonia conciliadora a nossa miopia nos impede de reconhecer, mas não condenemos os

esforços dos nossos pais, pois também eles tinham intenções honestas. Foi com baptismo de fogo do *Malleus Maleficorum* que as Ciências Naturais alcançaram os fundamentos seguros, com base nos quais combatem agora o reino do obscurantismo.

2. Ein Besuch in San Salvador [Uma visita a São Salvador], 1859: 97-99

Actualmente, a actividade do clero limita-se sobretudo à substituição dos ídolos feiticistas rudemente talhados, por cruzeiros esculpidas, nas casas e no campo, bem como à cobrança escrupulosa do dízimo, porventura ainda ampliada pela venda de indulgências em benefício do céu.

A prova acabada de como entendiam o dever missionário manifestou-se sobretudo na época em que o governo fomentou a exportação regular de pessoas para as colónias brasileiras. Quando os escravos, arrancados à família e aos amigos, eram introduzidos nos barcos, a fim de prosseguirem as suas vidas atormentadas do outro lado do imenso oceano, sob céus desconhecidos, o devoto bispo de Loanda, sentado no seu trono de pedra, que ainda se conserva na ponta do embarcadouro, garantia-lhes, com a sua benção apostólica, a felicidade indescritível do seu futuro que não podia ser comparada às breves provações na terra. A verdade é que os pobres negros não entendiam nada desta cerimónia, excepto que o feitiço do homem branco lhes roubava a última esperança de regressarem à sua terra natal, depois de mortos [...] Zuchelli [António Zucchelli] descreve vários dos seus combates corajosos, que teve de travar contra o Diabo em pessoa, em defesa deles. Contudo, não se deixou amedrontar. Nos momentos de perigo, era preciso recorrer a métodos heróicos e, ao queimar resolutos os seus protegidos com um ferro ardente, na língua e na nuca, conseguia salvá-los dos mercenários do inferno, para os lançar felizes nos braços dos traficantes de escravos que os esperavam para os levar para o paradisíaco Brasil.

No Congo e em Angola, os hereges não estavam autorizados a traficar negros, pelo menos até que o comandante do navio obtivesse a benção dos missionários em troca de uma remuneração correspondente. Apenas os cristãos eram suficientemente dignos de serem feitos escravos, enquanto que um muçulmano libertava imediatamente um pagão que se convertesse à sua religião.

3. Ein Besuch in San Salvador [Uma visita a São Salvador], 1859: 158-165

Tenho insistido várias vezes com Dom Pedro [mais tarde o rei do Kongo, D. Pedro V] para me deixar ver a múmia do falecido rei. [...]

Então, na noite anterior [à partida de Bastian], ele veio para me conduzir ao cadáver do seu tio.

A residência do falecido rei, tal como a da sua irmã e muitas outras que eram utilizadas pelos cortesãos, encontrava-se no interior do aquartelamento real que começava logo atrás do meu acampamento. A habitação consistia num edifício de madeira, imponente em termos locais, ao qual se acedia por uma escada. Na varanda, encontrava-se o trono, uma cadeira de braços coberta com entalhes e que estava coberta por um baldaquim. O camareiro ou tesoureiro (desconheço o seu título congolês) foi requisitado para abrir a porta que estava fechada desde a hora da morte. Havia três quartos, divididos por tabiques, o maior dos quais continha, para além de alguns móveis decrepitos e de tambores largos, diversas peças de artilharia e armas, provavelmente do tempo da primeira ocupação portuguesa. Alguns capacetes de ferro e umas caneleiras feitas de pequenas placas metálicas soldadas estavam particularmente intactos. Uma das espadas encontrava-se numa bainha de latão trabalhada, apresentando intrincados arabescos e, entre eles, figuras de negros em diversas poses, um homem transportado numa tipóia e coisas semelhantes. Dizia-se que parte daquele trabalho fora realizado em S. Salvador, mas que agora esta arte já não era compreendida. As decorações que eu havia visto no Congo até agora limitavam-se a pinturas murais grosseiras, realizadas habitualmente com cores garridas. Perto da costa, estas consistiam maioritariamente em representações de navios, aves marítimas, barcos a vapor e motivos semelhantes e, no interior, geralmente em figuras dançantes ou alongadas, senhores rodeados pelos seus escravos, palmeiras e outras coisas do género. Numa casa onde pernoitei, todas as paredes estavam cobertas de alto a baixo com fileiras uniformes de soldados, uma parte dos quais em posição de marcha e outra em posição de combate. [...] O ofício de ferreiro era tido no Congo como particularmente honroso, dada a sua origem real, enquanto que entre os Mandingoes, ele era de tal forma desprezado, que se pensava que o convívio com a classe dedicada àquela actividade era maculadora. [...] Estas concepções divergentes podem ser facilmente explicadas pela natureza da coisa. Quando uma arte valiosa era perfilhada por um povo mais civilizado e amistoso, ela passava infalivelmente a ser admirada ou a merecer a protecção pessoal dos reis. Contudo, quando encontrada por um povo conquistador num país subjugado, essa arte não deixava de ser utilizada pelo mesmo, embora fosse relegada para uma posição tanto mais subalterna, quanto o povo conquistador pensasse haver motivos para temer o mistério ligado à sua prática. [...]

Num canto do quarto encontravam-se três figuras de dimensões quase humanas, com o hábito dos capuchinhos, que provavelmente representavam S. Francisco e os seus companheiros. Quando os sábios apontam ao rei do Congo a existência de um feriado de Desu [*i.e.* de Jesus], o povo faz uma peregrinação, transportando as imagens dos santos, com danças e cantares, entre as ruínas das diversas igrejas e em cada uma delas faz a leitura de um capítulo do livro [sagrado], ou seja papagueia uma algaravia que é tanto mais admirada, quanto

mais incompreensível for, o que certamente teria agradado ao antigo bispo Dionysius. Em termos gerais, reina agora no Congo um sentimento de indiferença para com qualquer forma de religião, tal como acontece necessariamente sempre que as antigas tradições são abaladas, sem que a partir delas se forme uma doutrina mais perfeita. [...]

Frente à residência do falecido, encontra-se o seu mausoléu, uma cubata, na qual só é possível entrar agachado, por uma porta baixa. O interior é preenchido quase inteiramente pelo sarcófago de madeira, que repousa sobre quatro imponentes pilares. Os funcionários reais, ajoelhados e dispostos em duas filas, frente a frente, formavam uma ala que ia da porta ao sarcófago, em redor do qual ardiam pequenas lamparinas. A múmia estava completamente coberta com panos e, embora se conseguisse distinguir a forma da cabeça, não era possível vislumbrar qualquer parte dela. Já ali se encontrava há 8 meses.

A partir do momento em que o governante do Congo dá o seu último suspiro, espalha-se por todo o país uma nuvem de luto generalizado, envolta pela quietude profunda de um inquebrantável mandamento de silêncio e de jejum. Não é proferido qualquer lamento fúnebre, não é feito qualquer festejo pela sua morte. Nada interrompe a mais absoluta tranquilidade. Os animais domésticos são fechados nos seus currais, o negro fica sentado na sua cubata, sem se lavar e sem se pentear, e mesmo os campos ficam por cultivar, pois ninguém está autorizado a trabalhá-los no mês seguinte. Desde os tempos da influência cristã, em que a abolição de costumes nocivos era desculpada em nome da Reforma, muitas destas restrições foram atenuadas, mas o processo de embalsamamento continua a realizar-se do mesmo modo. Partem-se os braços e as tíbias do falecido e os seus membros são colocados junto ao corpo. O cadáver é lavado com uma decocção adstringente de mandioca e colocado numa determinada posição preestabelecida sobre um fogo de palha, onde é defumado até que as suas entranhas fiquem atrofiadas e toda a sua carne ressequida. Enquanto este procedimento decorre, o governante é representado por uma figura colocada no palácio, que todos os dias recebe alimentos e bebidas. Após o final da secagem, a múmia é coberta com uma camada de barro vermelho, envolvida numa veste de seda com franjas prateadas e deitada no caixão, sobre o qual é construído uma cubata. Com intervalos regulares, são feitos novos enfaixes e todos os que chegam, para rezar na cubata, trazem várias jardas de tecido que se juntam às existentes. Com estes condicionamentos repetidos, a dimensão da múmia aumenta tanto, que por vezes é necessário construir uma nova casa sobre a antiga e, ao fim dos doze meses, em que o cadáver fica ao cimo da terra, este já não consegue passar pela porta. O corpo é enterrado no chão da cubata e, ocasionalmente, após o desmoronamento desta, é transferido para as ruínas de uma das três capelas funerárias. Inicialmente, era a catedral de Santa Cruz que servia para o efeito, mas depois de os demónios a terem demolido para roubar o corpo do apóstata Francisco Bullamatere, os caixões

foram transferidas para os edifícios das novas igrejas, que estavam em melhores condições. O cortejo fúnebre não pode desviar-se do traçado de uma linha recta e as casas situadas sobre esse traçado são demolidas. No dia do funeral, o sucessor ao trono, escolhido de entre os membros da família logo após a morte do rei, inicia as suas funções governativas, depois de um interregno de um ano. Em muitos dos estados dos Mandingo, Joloff e Foulah, verificam-se procedimentos semelhantes.

4. Ein Besuch in San Salvador [Uma visita a São Salvador], 1859: 168-170

Peço que não haja mal-entendidos quanto à intenção subjacente a estas comparações múltiplas. Tempos houve, em que aparentemente se acreditava que os povos da antiguidade tinham andado a vender culturas de porta em porta e se suspeitava que em especial os Pelasgos, os Etruscos, os habitantes de Meroë e outros descendentes de Anak haviam sido os caixeiros viajantes da religião e da ciência política. À perspicácia dos séculos XVIII e XIX coube o mérito de reconhecer onde aqueles povos haviam deixado uma peça de mitologia, uma mala de princípios políticos ou uns restos de condições sociais. [...] Mas agora o conceito [*i.e.*, de culturas], movimenta-se livremente na História e quebrou as barreiras, pelo que seria um anacronismo pretender voltar a erguê-las. Um raciocínio naturalista permitir-nos-á reconhecer, ao observar em toda a parte os povos naturais a comer, a beber e a dormir, a utilizar os pés para andar e os ouvidos para ouvir, que uma necessidade premente da sua vida mental fez surgir em toda a parte as mesmas formas elementares do desenvolvimento original. [...] A importância dos estados de cultura que ascenderam a um elevado grau de desenvolvimento reside no facto de estes, motivados por estímulos recíprocos, se influenciarem uns aos outros, conseguindo assim alcançar resultados cada vez mais perfeitos. Quando o desequilíbrio é tão grande, que o peso de uma cultura estrangeira não permite que o valor de uma cultura indígena se faça respeitar, então o contacto tem consequências paralisadoras, em vez de estimulantes [...] O tempo presente que promete eliminar as distâncias, através dos rápidos meios de comunicação, e que cada vez mais absorve o passado com a reprodução facilitada das literaturas, permite-nos talvez esperar alcançar o momento fulcral, em que todas as fases do espírito humano, que evoluíram ao longo da História universal, se encaixarão em harmonia.

5. Die deutsche Expedition an der Loango-Küste [A expedição alemã à costa do Loango], 1874/75, I: 298-308

Quando os frades capuchinhos ouviam dizer que o povo tinha recorrido a um *ganga* para convocar a chuva na região, mandavam-no expulsar pelos criados,

quando ele se encontrava a meio das suas operações (fundamentadas, na maioria das vezes, pela experiência assente em observações meteorológicas) e rezavam rapidamente uma missa que, pelo menos nos casos relatados (como se pode ler, preto no branco, nos livros impressos em Paris), obtinha sempre um sucesso imediato deveras surpreendente. As nuvens foram os elementos que mais prontamente obedeceram, quando um dia se expôs o santo sacramento ao sol abrasador, sobre um altar, em que os pagãos costumam deixar fritar os seus ídolos (ou os católicos europeus os santos de aldeia), até que um arrefecimento pela chuva se torna desejado mesmo por estes. [...]

Os numerosos amuletos e talismãs que os negros, prisioneiros da mais obscura superstição, compravam aos seus feiticeiros em troca de muito dinheiro e que costumavam usar junto ao corpo, constituíam uma provocação particular para os piedosos padres. Por isso, insistiram persistentemente na substituição de toda a parafernália pagã por elementos cristãos, Angus Dei, rosários, cordões (feitos pelo padre, em vez do *ganga*), ramos de palmeira que eram benzidos no domingo de ramos, mostrando-se intransigentes para com os prevaricadores. [...] O desagrado dos *ganga* aumentou devido à forma pouco cerimoniosa como os capuchinhos destruíam ou queimavam todos os ídolos ou figuras com que se deparavam (que revelassem não ser santos aprovados pela igreja católica) [...]

Alguns destes pagãos tomados pela cegueira pareciam agarrar-se às suas superstições com uma teimosia inabalável. Conta-se por exemplo o caso de uma mãe que venerava um ídolo que ela julgava responsável por ter salvo o seu filho de um perigo de morte. Apesar dos pedidos insistentes e de toda a resistência, o missionário condenou o deus à morte na fogueira, mas mesmo assim não conseguiu abalar a convicção da crente que, desesperada, tentava arrancar com as unhas as cinzas do seu ente mais sagrado, para poder continuar a venerá-lo e a demonstrar-lhe sua gratidão, como anteriormente. Se neste caso tivessem estado em causa as cinzas ou os ossos de um mártir, ou a imagem de um santo, o aviso do missionário teria provavelmente sido feito num tom diferente [...]

A magia cristã revelou-se particularmente eficaz nos tais procedimentos para os quais já estava treinada pela experiência europeia, como na repulsão de insectos e outras pragas que, durante a Idade Média, foram combatidas através do exorcismo em muitos países e que, em alguns deles, como por exemplo na Suíça, deram direito a ter um defensor ou procurador próprio. Quando os campos do ducado de Sundi foram invadidos por gafanhotos e as procissões não surtiram efeito, o padre proferiu as maldições romanas e os monstros, perturbados na sua voracidade, elevaram-se no ar e eis que desapareceram todos. [...]

Dominadas por estas e outras ilusões semelhantes, as missões prosseguiram a sua existência assassina, até que, ao fim de três séculos de trabalho, já nada restava deles.

6. *Die deutsche Expedition an der Loango-Küste [A expedição alemã à costa do Loango], 1874-1875, II: 155-158*

O feiticismo africano deve o seu nome à língua portuguesa, uma vez que o conceito de bruxaria, que na época das grandes viagens marítimas assolava a Europa, forneceu aos primeiros descobridores as analogias para a realidade com que se depararam na costa ocidental [de África]. O medo da bruxaria e das consequências dela resultantes constitui um fenómeno recorrente, que se encontra em todas as tribos na Polinésia (sobretudo em ilhas longínquas da Melanésia), bem como nos habitantes da Patagónia ou nas tribos índias do Norte [da América] e também em toda a África. [...] Verificamos assim que, em todas as sociedades primitivas observadas, a causa de qualquer fatalidade é atribuída à malquerença de outrem e só com um esclarecimento crescente é que as luzes do saber conseguem dissipar os fantasmas de uma superstição medieval, apesar de estes continuarem, como é sabido, a assombrar até hoje as localidades isoladas das zonas centrais da civilização europeia.

Dado que toda a necessidade exige uma solução, existe em todas as tribos atormentadas pelo medo da bruxaria uma classe de ajudantes [...] Estes indivíduos, encarados como sacerdotes ortodoxos por uma religião reconhecida, podem, em consequência do seu convívio com forças demoníacas e do combate daquelas que a seus olhos são más com aquelas que para eles são boas, por sua vez, ser induzidos a praticar acções, no decurso das quais o sacerdote se transforma em feiticeiro ou vice versa e que revelam a sobreposição de diversas matizes de magia negra e magia branca.

Num sistema religioso (ou mesmo teológico), o sacerdote possui um conjunto de fórmulas para o combate com Satanás e para o exorcismo dos seus actos diabólicos, que ele maneja com o auxílio dos seus sacramentos. Numa religião sem escrituras, pelo contrário, o feiticeiro está dependente do seu discernimento e dos seus talentos combinatórios para extrair das pedras, das plantas e do reino animal os dons da natureza, a fim de os conceder, quer como poções medicinais, quer como poções mágicas que, por isso mesmo são encaradas com um respeito venerador. [...]

As religiões dos povos naturais quase não revelam tendências morais, visto que a oportunidade crescente e o incitamento ao crime, próprios das realidades sociais complexas, são raros ou quase não existem. O roubo é punido pelo estado, mesmo quando ainda se trata de um estado patriarcal, com demasiada severidade, para que se torne frequente, tendo em conta as escassas vantagens e a dificuldade de ocultá-lo, e o assassinato é restringido pela contenda de sangue. [...]

Na costa do Loango, o feiticeiro ou a bruxa são designados por *endoxe*. A eles se opõe o sacerdote *ganga*, o mestre dos feiticeiros, embora ele seja também frequentemente um feiticeiro ou bruxo. Deste modo, todo o mundo ou

ninguém é um *endoxe*. Ninguém (salvo raras exceções) se confessa como tal, mas qualquer pessoa pode ser suspeita de o ser. O *ganga*, pelo contrário, pertence a uma profissão reconhecida que em certos casos é instituída pelo próprio governante que, através da distribuição do trabalho de acordo com as diversas funções, estabelece uma espécie de hierarquia. A principal função do *ganga* consiste, como se referiu, em proteger contra os ataques do *endoxe* e em torná-los inofensivos [...].

7. *Die deutsche Expedition an der Loango-Küste [A expedição alemã à costa do Loango], 1874/1875, II: 252-253*

Quanto mais tosco é um povo e quanto mais baixo o seu grau de formação, mais incondicional e cego é o modo como se deixa conduzir pela presunção dos seus sacerdotes e maior é a sua passividade como instrumento manobrável nas mãos deles. E assim, todos os países negros de África, ou pelo menos a média das suas classes mais baixas, estão envoltos pela mais densa noite da superstição – embora, infelizmente, não sejam os únicos.

É verdade que se deve deixar que cada pessoa seja feliz à sua maneira e como, de qualquer modo, cada pessoa faz aquilo que não consegue deixar de fazer, o mesmo se deve passar em relação às suas crenças. Esta liberdade individual não pode ser cerceada, uma vez que cada indivíduo, usando da sua individualidade, a atribui a si mesmo, embora as consequências dessa liberdade tenham de estar em consonância com o bem-estar da comunidade, pelo qual as leis do estado têm de zelar. Por isso, a liberdade de culto tem de ser concedida, mas a religião só será inofensiva quando é verdadeira e não uma superstição ou uma crença qualquer, cuja liberalização conduz ao afundamento na loucura, caso não seja restringida pela força da lei.

A verdadeira religião tem sido alvo de infrutíferas discussões desde os tempos mais remotos e, enquanto estiveram em causa sistemas religiosos assentes em factores emocionais obscuros que, de forma mais ou menos satisfatória, correspondiam às necessidades dessa fé, tornava-se impossível fazer um juízo imparcial, uma vez que cada pessoa considera sagrada a fé na qual foi educada.

Actualmente, pelo contrário, o conhecimento evoluiu de tal forma, que em breve será possível analisar as emoções e os seus pressupostos com uma precisão matemática, tal como acontece com as outras manifestações da natureza. E, quando a psicologia tiver assegurado a constituição do seu saber, cada crença aprovada como verdadeira durante a vigência de uma determinada concepção do mundo, tem de estar bem estabelecida, visto que constitui supostamente um suplemento à tão alargada esfera do saber. Por conseguinte, pode pressupor-se, pela clareza conquistada quanto a este resultado, que tal suplemento já existia.

Quando se conseguir atingir este almejado objectivo da autocompreensão humana com base em fundamentações étnico-psicológicas, deixarão de existir dúvidas sobre a legitimidade das crenças, restabelecendo-se assim a unidade entre estado e religião, que era habitual nas sociedades humanas mais antigas e cujo percurso conducente ao aperfeiçoamento, só foi posto em causa em momentos de transição temporários.

HUGO BAUM

O botânico Hugo Baum, filho de um ferroviário, nasceu a 17.1.1867 em Forst Niederlehmsitz e passou a sua juventude em Guben, à beira do rio Neiße. Depois de ter terminado o liceu, tirou um curso de jardinagem em Nettkow (Silésia), após o que estudou pomologia em Proskau durante dois anos. O primeiro emprego em Crossen foi de pouca duração, porque passado pouco tempo, Baum foi mobilizado para o serviço militar em Magdeburg. A seguir, encontrou emprego no antigo jardim botânico de Berlim. Era aí que se encontrava quando, dez anos mais tarde, foi convidado a participar na expedição ao Sudoeste de África, devido aos seus amplos conhecimentos de Botânica (Mansfeld 1981.¹)

A 21.6.1899 Hugo Baum partiu de Lisboa, rumo a Angola, tendo chegado a Luanda a 3.8.1899 e dois dias depois a Moçâmedes (hoje Namibe), o ponto de partida da expedição ao Cunene e ao Zambeze em que iria participar. Esta expedição fora incumbida pelo Comité Económico Colonial em Berlim, em associação com a *Companhia de Mossamedes* (Paris) e a *South West-Africa Company* (Londres) de investigar o valor económico das regiões do Sul de Angola. Naquela altura estava a ser discutida a construção do caminho-de-ferro do Transval para Porto Alexandre, que também poderia vir a ter importância para a colónia alemã no Sudoeste africano. A partida da expedição teve lugar logo a 11 e 12 de Agosto de 1899 em duas caravanas com três juntas de bois. A 3.0.1899 Baum chegou a Ediva, onde Emil van der Kellen chefiava uma estação da Companhia de Moçâmedes. O seu irmão Pieter van der Kellen iria dirigir a expedição e já tinha entretanto reunido os restantes participantes na viagem, entre os quais os caçadores Johannes Duplessis e Hendrik Lau. O director do empreendimento era, portanto, o holandês Pieter van der Kellen. A expedição seguiu o seu caminho rumo aos rios Cunene (11.9.1899), Chitanda (na missão católica de Cassinga a 4.10.1899), Cubango (8.10.1899) e Cuito (12.12.1899), depois até ao Cusisi, um rio pertencente à bacia do Zambeze, e a Cojongo (ver o mapa in Baum 1903). Doente e muito enfraquecido pelas longas caminhadas, Baum foi obrigado a regressar antecipadamente nesta altura, enquanto os outros membros da expedição ainda prosseguiram viagem até ao Cuando, onde chegaram a 22.3.1900, após o que também tiveram de voltar para trás. Em Onschingue (situado na margem ocidental do Cuito) iniciaram, em conjunto, o regresso à costa, a 4.4.1900. A 26 de Junho de 1900 alcançaram o Rio Bero e pouco depois Moçâmedes. Os resultados deste empreendimento estão registados na obra *Kunene-Sambesi-Expedition (Expedição ao Cunene e ao Zambeze)* (1903), na qual Baum se encarregou da parte respeitante ao relato de viagem.

¹ Devo a Gerhard Seibert a informação sobre esta publicação, tão importante para o conhecimento da vida e obra de Hugo Baum.

A prospecção económica da região percorrida e, como tal, os interesses coloniais eram o objectivo principal. Mas a pesquisa científica de âmbito botânico e zoológico constituía igualmente um objectivo declarado. O relato de Baum inclui, para além disso, algumas informações etnográficas (texto 1 e 2) resultantes de uma observação rigorosa e reproduzidas de forma relativamente pormenorizada. Entre os referidos relatos encontra-se também uma descrição minuciosa da preparação da borracha (texto 2). O comité considerou estas “observações sobre as tribos que habitavam a região fronteiriça luso-alemã junto ao Cunene e ao Kubango importantes para o protectorado alemão, tanto do ponto de vista político como económico” (in Baum 1903: III-IV). A orientação ideológica do autor, que não se interessava realmente pelos africanos, manifesta-se sobretudo na expressão desdenhosa de “cafres”, com que os definiu. Mas o principal resultado desta viagem de Baum foi a recolha de um total de 1016 plantas, entre as quais 300 novas espécies. Mais de sessenta foram mais tarde denominadas de acordo com o seu descobridor (Mansfeld 1981).² A obra contém inúmeras fotografias, frequentemente de grande valor informativo, muitas delas de temática etnográfica, tiradas provavelmente por Pieter van der Kellen.

De regresso à Alemanha, Hugo Baum casou-se em 1901 com Auguste Tank, filha de um guarda prisional, de Federow em Mecklenburg e começou a trabalhar no jardim botânico de Rostock como mestre jardineiro. Em 1925 seguiu-se outra expedição botânica, desta vez ao México, de onde regressou a Rostock com numerosas descobertas botânicas e um conjunto variado de plantas. Em reconhecimento do seu grande mérito, foi-lhe atribuído no ano seguinte o título de inspector-chefe dos jardins da universidade de Rostock. A aposentação de Baum, em 1933, permitiu-lhe finalmente dedicar-se a numerosas publicações na área da Botânica. Porém, a Segunda Guerra Mundial não só destruiu muitas das suas colecções, mas também lançou o casal na miséria. A 15 de Abril de 1950, Hugo Baum morreu em Rostock “na mais completa pobreza” (Mansfeld 1981).

Hugo Baum, descrito como um homem muito modesto, foi acima de tudo um botânico extremamente dedicado e entusiástico, pelo que não deixou outras informações etnográficas. Na sua área disciplinar, realizou um trabalho importante, como se pode verificar pelas numerosas plantas a que foi dado o seu nome.

² Mansfeld 1981: 21-36 contem uma lista de todas as plantas nomeadas segundo Hugo Baum.

Textos*1. Kunene-Sambesi-Expedition [Expedição ao Cunene e ao Zambeze], 1903: 57*

Abaixo da foz do Kuebe, encontrámos, na margem esquerda do Kubango, Kabindere, uma aldeia de cafres. Esta é composta por cerca de vinte cubatas e fortificada por paliçadas. Os cafres Kangella aí residentes iniciavam, nesse momento, a sua mudança para uma ilha ao largo do Kubango, motivados pelo medo aos Kuinghamas [*i.e.* Kwanyama]. Naquela altura, estavam precisamente a construir as suas cubatas na ilha, erigindo para isso um suporte circular ou quadrangular de frágeis estacas, cujas juntas eram preenchidas com barro e cuja cobertura era feita de estacas e capim. No interior da cubata, encontra-se uma pequena elevação, em forma de cama, feita de barro. As portas são feitas de esteiras de junco, os recipientes de milho são entrançados do mesmo material, com uma base reforçada com fibra de Houtbosch. Para a ligação entre as duas margens do rio, a população de Kabindere utiliza barcos feitos da casca do Houtbosch. As férteis margens do Kubango são muito pouco habitadas; esta situação deve-se exclusivamente aos Kuinghamas, cujas pilhagens se estendem a vastas regiões. Assim, deparámos por exemplo, na margem direita do Kuebe, com nada menos que quatro aldeias queimadas e, ao longo da descida do Kubango, tivemos repetidamente a oportunidade de passar por aldeias queimadas e abandonadas.

Na vizinhança de Kabindere, as encostas viradas para o rio, nas quais a água surge por entre a areia, são utilizadas para o cultivo de abóboras, melancias e milho. O tabaco e a liamba [*cannabis*], pelo contrário, são cultivados nas zonas baixas, perto das margens do rio. O solo, embora muito pedregoso, é muito fértil; alguns pés de milho chegavam a atingir a altura de 2½ metros.

2. Kunene-Sambesi-Expedition [Expedição ao Cunene e Zambeze], 1903: 98-105

Na região do Quiriri existe um grande número de cafres forasteiros que se dedica à extração da borracha; estes têm de pagar tributos aos chefes residentes junto ao Quiriri, que porém não chegam para compensar o prejuízo infundido à região no que respeita à planta da borracha. Lamentavelmente, a exploração desenfreada desta planta é também fomentada pelo facto de os seus rebentos mais recentes não apresentarem vestígios de raízes nas extremidades e de secarem, quando se arrancam as raízes mais robustas. Nas vastas áreas entre o Quiriri e o Kampuluvé, cobertas apenas por capim e circundadas por bosques de Houtbosch, encontrei as primeiras plantas da borracha, *Carpodinus chylorrhiza* K. Schum. n. sp., embora com poucos frutos semi-maduros. Pelo tamanho dos mesmos, foi possível concluir com relativa certeza, que a sua época de floração

deveria ocorrer nos meses de Outubro ou Novembro. O motivo para que tivessem sido encontradas tão poucas plantas com frutos, deve-se sem dúvida ao facto de, nesta região, as plantas mais robustas já terem sido desenterradas. A existência desta borracha extraída da raiz estende-se principalmente pelas vastas áreas abertas, de solo arenoso, circundadas por floresta. Estas áreas, denominadas “Sannas”, encontram-se nas colinas entre os cursos de água; as plantas invadem também a orla da floresta, embora não se encontrem perto dos ribeiros e dos rios. As áreas secas e arenosas constituem o terreno propício à planta da borracha. A sua proliferação é muito vasta. Apesar de, em tempos, ter sido muito frequente na região de Massaca, junto ao Kutsi e ao Kubango, a planta da borracha está agora totalmente extinta nessa zona, embora alegadamente ainda subsista na região dos Kuinghamas [Kwanyama]. Além disso, surge na região superior da foz do Lazingua, estendendo-se até ao Longa, Quiriri, Kampuluvé e Kuito, passando além das margens deste rio e ainda se encontra junto ao Kuando. Como a planta da raiz da borracha só cresce nas regiões secas, os cafres têm de munir-se de uma reserva de água, para poderem sobreviver, pelo menos por alguns dias naquela região, enquanto procedem à sua extracção. Para a extracção das raízes são utilizadas pequenas enxadas [...].

A preparação deste tipo de borracha processa-se da seguinte forma: depois de terem sido desenterradas, as raízes, amarradas num grande molho com uma altura de cerca de 2 metros, são primeiramente demolhadas, para que as suas fibras fiquem tenras e amolecidas e depois se desprendam facilmente com as pancadas; em seguida, o fardo é novamente posto a secar ao sol e as raízes isoladas são divididas em pedaços de 30 a 40 centímetros, o que permite soltar os bocados de borracha que se encontram na extremidade dessas raízes e que são moldados com a forma específica das mangas. Em seguida, os pedaços de raiz com 30 ou 40 centímetros são malhados numa tábua, para que a casca seja separada da madeira. Assim que isto acontece, os pedaços de casca são trabalhados sobre uma tábua com um malho de madeira, até adquirirem a forma de um bolo. Depois de, através dos batimentos do malho, se terem eliminado os maiores fragmentos de casca, o bolo é fervido e volta a ser fortemente batido com um bastão. Seguidamente, o bolo é cortado em pedaços quadrangulares que são colocados em água a ferver. Enquanto ainda estão quentes, o cafre modela então as tiras redondas, com a grossura de um dedo ou de um polegar, denominadas “matali”, 40 das quais constituem uma manga.

Alguns cafres também preparam a borracha da seguinte forma: Cozem a casca, assim que esta é batida e separada da raiz. Após a fervura, malham-na com força, passam-na por água, voltam a malhá-la e a passá-la por água, e, só então dividem os bolos achatados em porções mais pequenas que são mergulhadas em água quente e que, depois de amassadas e pisadas, são transformadas naquelas tiras que no comércio substituem o dinheiro.

Existem no mercado dois tipos de mangas, com aspectos diversos. O primeiro, muito pesado e misturado com uma grande quantidade de areia, é

aquele que é extraído dos pedaços de borracha que se soltam das raízes molhadas; o segundo é o que é obtido através do acto de malhar. Um terceiro tipo, derivado, segundo os relatos, de uma planta especial, tem um peso mais leve e uma composição fibrosa e distingue-se facilmente dos outros dois tipos de borracha. Esta qualidade é pouco apreciada pelos comerciantes e pouco produzida pelos cafres, em virtude do seu peso reduzido.

O número total dos comerciantes, em toda a região da borracha, é de cerca de 11; desses comerciantes estabeleceram-se dois portugueses junto ao Longa, ao passo que junto ao Quiriri se estabeleceram seis portugueses, um sueco e um inglês; junto ao Kampuluvé não existia qualquer feitoria, junto ao Kuito, entre Kutue e Sobi, existia, aquando da nossa viagem, o estabelecimento do bastardo português d'Almeida que no entanto também se mudou mais tarde para junto do Quiriri, visto que aquela região se tornara insegura devido aos assaltos de cafres inimigos.

A escassez de alimentos na região da borracha junto ao Longa, ao Quiriri e ao Kampuluvé explica-se facilmente pelo facto de os cafres que aí vivem cultivarem pouco mais do que aquilo que consomem, de utilizarem grande parte do pennisetum [espécie de milho painço em Angola chamado *massango*], o cereal mais cultivado na região, para o fabrico de cerveja e finalmente de entregarem uma parte dos alimentos aos comerciantes estabelecidos na zona e aos cafres forasteiros.

Após o consumo da cerveja de milho painço [*pennisetum*], é frequente haver danças, em que os cafres se cobrem com riscas brancas, vermelhas e pretas, pintadas transversalmente sobre o peito e os braços e, além disso, se vestem com os melhores panos a que têm acesso. Durante a dança, os corpos adoptam movimentos ondulantes e a música é executada por alguns tocadores de tambor num ritmo tão cansativo, que estes têm de ser substituídos de tempos a tempos. Depois de uma noite passada a dançar, as aldeias parecem mortas na manhã seguinte; só quando se passa pelas cubatas é que se vê os cafres a dormir.

De todas as tribos do Sul de Angola, os cafres do Quiriri são os que possuem mais talento para a escultura em madeira. Os cachimbos são alvo de um cuidado especial; mas também se talham bastões, figuras e as chamadas almofadas (que consistem em tocos de madeira com cerca de 20 cm de altura, em que os cafres apoiam a cabeça quando dormem [*i.e.* apoia-nucas] com os mais variados padrões. Para estes trabalhos em talha, utiliza-se apenas a madeira de uma pinácea “caesal”, provavelmente da copaífera *coleosperma* Benth. Junto ao Longa e ao Quiriri são também manufacturados cestos e tigelas, com belos motivos, a partir da fibra do Houtbosch.



2 Coleção H. Baumann: "Nawazeia, figura da irmã falecida feita pelo irmão. Cokwe (Mahakolo)". Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 37492

HERMANN BAUMANN

Hermann Baumann nasceu a 9 de Fevereiro de 1902, em Friburgo, Breisgau. Depois da conclusão do ensino secundário no ano de 1920, começou os seus estudos universitários, primeiro com Ernst Grosse e Eugen Fischer, na sua terra natal. Paralelamente à Etnologia e à Antropologia, frequentou também cursos de Geologia, Geografia e Filosofia. Em 1921, mudou-se para Berlim, onde, além de Etnologia e Geografia, estudou Sociologia e Estudos Africanos. Felix von Luschan, Alfred Vierkandt, Karl Theodor Preuß e Diedrich Westermann foram alguns dos seus professores. Ainda no ano da sua chegada, conseguiu o seu primeiro emprego no “Museum für Völkerkunde” (Museu de Etnologia) de Berlim. Inicialmente, era apenas voluntário, mas depois passou a assistente científico e mais tarde tornou-se chefe do departamento africano (1934-1939). Estes anos no museu, que constituíram o seu período mais fecundo, influenciaram-no muito e levaram-no, durante toda a sua vida, a dar grande importância à cultura material e à tecnologia nas suas obras. Os objectos do museu eram para ele documentos histórico-culturais, com a ajuda dos quais era possível encontrar resposta para as questões históricas. Foi no museu que conheceu Bernhard Ankermann, um dos criadores da teoria do círculo cultural, que lhe forneceu estímulos importantes para o desenvolvimento do seu método. Em 1926, Baumann fez o doutoramento em Lípsia, sob orientação de Karl Weule, com uma tese intitulada “Die materielle Kultur der Mangbetu und Azande” (A cultura material dos Mangbetu e Azande) (*Baessler-Archiv* 11, 1927). Um ano mais tarde obteve então uma colocação fixa no museu em Berlim, tornando-se (até 1941) redactor da *Zeitschrift für Ethnologie* (*Revista para Etnologia*), o órgão da conceituada “Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte” (Sociedade para Antropologia, Etnologia e História Primordial de Berlim). Baumann foi seu director entre 1934 e 1938. Em 1930, realizou a sua primeira viagem de estudo e de recolha de artefactos, ao serviço do Museu de Etnologia, que o levou ao Nordeste angolano, à principal região dos Cokwe, junto ao Cassai superior e ao Chicapa (ver adiante). Em 1932, ou seja, ainda antes da tomada do poder por Hitler, entrou para o “NSDAP” (Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores). Uma grave doença renal que, em 1934, tornou necessária uma intervenção cirúrgica difícil, condicionou os seus planos de vida. Em 1935, fez o pós-doutoramento em Berlim, com a notável dissertação *Schöpfung und Urzeit im Mythos der afrikanischen Völker* (*Criação e tempo primordial no mito dos povos africanos*) (Berlim 1936).

Em 1939, Baumann deixou Berlim para tomar posse da cátedra de Etnologia que lhe foi oferecida pela Universidade de Viena. Um ano depois foi publicada a sua importante síntese *Völker und Kulturen Afrikas* (*Povos e culturas de África*) como parte integrante de uma obra conjunta com Diedrich Westermann

e Richard Thurnwald (*Völkerkunde von Afrika [Etnologia de África]*). Essen 1940, trad.fr. Paris 1948). A guerra e mais tarde a marginalização científica da Alemanha impediram que este texto tivesse um impacto e um debate mais alargados. No entanto, na Alemanha do pós-guerra, ele constituiu, durante largos anos, a obra mais importante da Etnologia sobre África, ao passo que no estrangeiro a obra de George Peter Murdock *Africa. Its Peoples and their Culture History* (New York et al. 1959) teve, sem dúvida, repercussões mais fortes. Nos anos de Viena, Baumann desempenhara também o cargo de editor da revista *Wiener Beiträge zur Kulturgeschichte und Linguistik (Contributos de Viena para uma História da Cultura e Linguística)*.

Pouco antes do fim da guerra, Baumann retirou-se para Berlim. Depois da capitulação da Alemanha, perdeu a cátedra que detinha em Viena, devido ao seu envolvimento político (foi considerado “sequaz oportunista” no processo de desnazificação) e foi vivendo com dificuldade do seu trabalho de carpinteiro de caixões, entre outros. Em 1949, mudou-se para Frankfurt am Main e retomou o seu trabalho científico em estreito contacto com o Instituto Frobenius. Dois anos mais tarde, recebeu a regência de um curso universitário em Mainz, cidade vizinha. Durante estes anos produziu a sua grande obra *Das Doppelte Geschlecht: Studien zur Bisexualität in Ritus und Mythos (O duplo sexo: Estudos sobre a bissexualidade no rito e no mito)* (Berlim 1955).

Em 1954, partiu de novo para Angola, com o apoio da “Deutsche Forschungsgemeinschaft” (Sociedade Alemã de Investigação), numa viagem de estudo e recolha, que desta vez o conduziu ao Sudoeste (ver adiante). Depois do seu regresso, foi nomeado regente da recém instituída cátedra de Etnologia na Universidade de Munique, que a partir de 1964 passou a incluir também o estudo das línguas africanas, com o título de Professor Catedrático, cargo que manteve até à sua aposentação oficial, a 30 de Setembro 1967, mas que, de facto, se prolongou até 1 Abril de 1968. Ao longo destes anos, o seu trabalho foi sendo cada vez mais reconhecido. Assim, de 1963 a 1965, Baumann desempenhou as funções de presidente da “Deutsche Gesellschaft für Völkerkunde” (Sociedade Alemã para Etnologia) e em 1965 foi eleito membro efectivo da secção histórico-filosófica da Academia das Ciências da Baviera. Os seus colegas fizeram-lhe uma homenagem por altura do seu 65º aniversário, com uma publicação comemorativa que também continha um catálogo bastante completo das suas publicações (in *Paideuma* 13, 1967). Constantemente vitimado por doenças graves, Baumann já não foi capaz de acabar a edição, há muito planeada, de uma nova “Etnologia de África”. Os capítulos introdutórios a seu cargo sobre Geografia, Antropologia Física e Pré-história, assim como uma sistematização geral da cultura, ficaram por acabar, mas a sua concepção demonstra mais uma vez a dimensão das propostas científicas de Baumann. A referida obra, em dois volumes, só foi publicada na íntegra depois da sua morte, com o título *Die Völker Afrikas und ihre traditionellen Kulturen (Os povos de África e as suas culturas tradicionais)* (1975/1978). Porém, nessa altura, muito

do seu conteúdo já estava desactualizado, devido à investigação profissional sobre a História de África, que entretanto se tinha instituído no estrangeiro. Da pena de Baumann provinham algumas passagens “médico-geográficas”, assim como os capítulos sobre “Os Bantu do Sudoeste” (cf. texto 5) e “A Província do Zambeze-Angola”.

Visto que lhe foi recusada a exportação da sua colecção etnográfica recolhida em Angola em 1954, Hermann Baumann ponderou sempre a hipótese de um regresso a este país para, pelo menos, publicar um catálogo desses objectos. A maior parte da colecção encontrava-se entretanto no Nordeste de Angola, no Museu do Dundo. Devido à sua doença renal crónica, que tornava necessárias hospitalizações frequentes, ele tinha consciência do risco que esta viagem representava. No entanto, acabou por partir novamente para África, no dia 19 de Abril de 1972, a convite da companhia multinacional de diamantes (DIAMANG – *Companhia de Diamantes de Angola*), sob cuja guarda se encontrava a colecção. No Dundo, fez nas semanas seguintes a listagem de grande parte dos seus objectos, mediu-os e redigiu para todas as peças uma pequena descrição que logo ali foi traduzida para português. Na viagem de regresso, Baumann adoeceu com malária, em consequência da qual acabaria por falecer, a 30 de Junho, em Munique, algumas horas depois de ter sido transferido de um hospital lisboeta para a Alemanha.

Hermann Baumann, que Helmut Straube definiu, no seu necrológio, como o último etnólogo universal de expressão alemã, com um conhecimento enciclopédico (1972: 1), não se interessava apenas por factos isolados, mas também pelos contextos mais abrangentes, pelo que o seu trabalho teve desde o início um forte pendor histórico. Por isso, censurou Adolf Bastian*, o fundador da Etnologia sistemática na Alemanha, pela sua “recolha de dados quase doentia, que, infelizmente, prescinde de uma verdadeira avaliação histórica dos diferentes factos isolados” (1934: 129). Ele próprio encontrou o seu caminho no âmbito das teorias científicas histórico-culturais, posicionando-se inicialmente a favor das concepções do círculo cultural, de cujas construções universalizantes mais rígidas, se viria a distanciar pouco tempo depois. As suas próprias pesquisas restringiram-se essencialmente a África, visto que, na sua opinião, era necessário “descortçar primeiro as camadas existentes, numa área mais restrita, tendo em consideração todos os factores formadores de cultura” (apontamentos das aulas de Baumann em Munique). Com a sua própria teoria, formulada pela primeira vez em 1934 sobre “os círculos de cultura africanos”, ele tentou distanciar-se simultaneamente de Friedrich Ratzel e de Bernhard Ankermann e mesmo de Leo Frobenius, embora, em termos metodológicos e em questões práticas, devesse muito a este último. Baumann acusou os seus antecessores de se terem esquecido de “insuflar vida nos círculos culturais, [e de] relacionar o amontoado por vezes grotesco de factos isolados, com base em princípios históricos” (1934: 133). Isto porque não era “a acumulação de artefactos culturais dentro de um mesmo espaço” que formava um círculo cultural, mas

sim “a sua inserção coerente e lógica num todo cultural uniforme, que integrasse os grupos culturais pertencentes, tanto à esfera material como à espiritual” (*ibid.*: 132). Contrariamente à opinião de Frobenius, os portadores de cultura também teriam um papel decisivo nestes processos. Por isso, Baumann sublinhou a importância da Antropologia Física, uma concepção que ele acentuou durante o 3º Reich, depois pôs de parte, mas nunca abandonou completamente. “O rumo das pesquisas futuras parece claro: tem de afastar-se, por um lado, dos formalismos estatísticos iniciais da teoria dos ‘círculos culturais’ e, por outro lado, de todos os esforços no sentido fazer renascer essa ‘alma do povo’ mística e independente. Há que contar sempre com o substrato das sociedades humanas vivas enquanto portadoras de cultura. Por essa razão, a consideração pela classificação racial, as migrações, as conquistas e outros acontecimentos históricos, é condição indispensável para qualquer estudo da civilização.” (*ibid.*: 134).

Hermann Baumann exigiu uma abordagem integral das culturas, com base num estudo intensivo das fontes, que incluía os conhecimentos produzidos pelas ciências afins, principalmente as da Pré-história, História, Geografia, Antropologia Física e Linguística (o “método complexo”). Apesar de entender as culturas como unidades funcionais, cujas partes estariam estreitamente interrelacionadas, a sua perspectiva metodológica permaneceu fundamentalmente histórico-difusionista. Com base nas concordâncias formais e na densidade da distribuição espacial, Baumann considerava possível a realização de uma estratigrafia das culturas, que, ao remover as camadas mais recentes, permitiria penetrar profundamente no tempo. Como apoio metodológico para a apreensão diacrónica, utilizou o conceito (proveniente dos círculos culturais) de “culturas” (mais tarde “grandes culturas”) e, para a apreensão sincrónica, o conceito de “províncias culturais” (também “províncias etnográficas”), regiões cujos “grupos étnicos revelam, nos domínios culturais mais importantes, uma imagem cultural relativamente uniforme, que, por sua vez, possui um cunho específico, resultante da ou das culturas básicas participantes na construção da província cultural” (Straube 1972: 10-11). O meio ambiente e os meios de subsistência representavam para Baumann factores determinantes. *Völker und Kulturen Afrikas* é a sua obra mais importante neste âmbito (cf. também texto 5). Contudo, os resultados de novas investigações levaram-no, cada vez mais, a pôr em causa aspectos como a unidade da raça, da língua e da cultura, ainda tomadas como certas nesta obra.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o testemunho arqueológico sobre o cultivo arcaico de cereais no Próximo Oriente levou-o a adoptar uma nova orientação histórica e a uma nova concepção da História Mundial. Já na sua dissertação de pós-doutoramento, a primeira tentativa de desvendar os tipos e motivos característicos dos mitos africanos, Baumann chamara à atenção para ligação estreita entre a tradição mítica africana “mais elaborada” e as mitologias das grandes culturas da antiguidade na região mediterrânica e na Ásia

Ocidental. Agora acreditava (in *Das Doppelte Geschlecht*) que podia provar a influência das chamadas grandes culturas arcaicas do Próximo Oriente, assentes no cultivo de cereais, em qualquer parte do mundo, através de mitos e rituais de conteúdo bissexual e, de um modo geral, dualista. Baumann foi, com isto, um dos primeiros etnólogos a defender com insistência a tese de que a transição de uma economia recolectora para uma economia produtiva, tão decisiva para a história da humanidade, não ocorrera nos húmidos trópicos, com o cultivo de tubérculos, mas sim nas regiões mais áridas montanhosas e nas terras altas do Próximo Oriente, com o cultivo de cereais. A sequência caçador/recolector – agricultor – civilização avançada, válida até então, foi abandonada por ele, a partir do momento em que considerou como garantido que o desenvolvimento das civilizações avançadas procedera directamente da fase de caçador/recolector para uma fase civilizada, sem que houvesse um estágio intermédio. O cultivo de tubérculos já não constituía para ele uma forma específica de agricultura própria de uma fase anterior à da civilização avançada, mas sim uma adaptação do cultivo de cereais à vegetação tropical, por motivos ambientais. As actuais sociedades agrícolas e pecuárias do terceiro mundo (que ele denominava de “culturas metamórficas”) deveriam ser vistas, por isso, como representantes de uma “metamorfose por contacto”, desenvolvida ao longo de milénios (em consequência de migrações, contactos fronteiriços e processos de aculturação de todo o tipo) entre as culturas de caçadores/recolectores (“culturas proto-mórficas”) e as civilizações antigas (“civilizações arcaico-mórficas”), às quais ele atribuía a grande força geradora de cultura. Isto significa que todas as tentativas para tirar conclusões, a partir das sociedades “metamórficas” dos nossos dias, acerca das circunstâncias anteriores à formação das civilizações avançadas estariam, à partida, condenadas ao fracasso.

No que respeita às grandes sínteses histórico-culturais, Hermann Baumann considerava que a sua tarefa residia na avaliação dos resultados das pesquisas de campo alheias. Mas, embora ele próprio não se sentisse vocacionado para o trabalho de campo, a verdade é que, durante a sua primeira viagem a Angola, acabou por prestar um serviço importante e, provavelmente até duradouro, neste domínio.

Esta pesquisa de campo etnográfica, realizada de Abril a Dezembro de 1930, teve como objectivo dar continuidade às investigações de Alfred Schachtzabel* e adquirir, junto dos Cokwe, um “povo interessantíssimo [...] com um talento artístico fortemente desenvolvido” (1935: 8), uma colecção etnográfica, o mais ampla possível, para o Museu de Etnologia de Berlim, e completá-la, se o tempo o permitisse, com observações sobre cultura, história e língua. Um projecto destes exigia, de acordo com Baumann, a concentração sobre uma área relativamente reduzida, visto que todos os relatos sobre África realizados até então eram superficiais, unilaterais e tendenciosos: “Os dois extremos são assustadores: existe o turista aventureiro, cuja experiência se limita à África periférica, à igreja metodista de Wesley, aos funcionários negros da alfândega e

dos transportes; mas também existe o adepto do culto primitivo ‘surrealista’, frequentador dos cafés parisienses, que pretende interpretar as profundezas da cultura negra – como se uma tal generalidade existisse – mas, que no fundo, vê tudo sob a óptica dos valores europeus.” (1931c: 401).

O companheiro de viagem de Baumann era o Doutor Heinrich Meinhard (29.11.1900-15.10.1975), assistente científico do departamento da Índia do mesmo museu, incumbido de fazer as fotografias e as filmagens. Por ser judeu, este teve de deixar a Alemanha em 1938 e foi admitido como voluntário com o ordenado de assistente no Pitt Rivers Museum em Oxford, onde ainda hoje se encontram arquivadas mais de 200 fotografias suas da pesquisa de campo feita em conjunto com Baumann em Angola. Entre 1947 e 1950 realizou trabalho de campo para o ministério das colónias e, depois disso, foi leitor de Antropologia na universidade de Newcastle-upon-Tyne até à sua aposentação em 1966. A concessão tardia do título honorífico “Kustos e professor aposentado do Museu Etnológico estatal” de Berlim, constituiu uma pequena recompensa pelo seu trabalho (de acordo com informações de Christine Stelzig 2005 e documentos do Museu Pitt Rivers).

Três semanas depois da sua partida da Europa no dia 19 de Abril de 1930, Baumann e Meinhard chegaram ao Lobito, de onde partiram para Caála, no interior do território, no combóio de Benguela. Na plantação de um alemão, situada nas proximidades, mataram o tempo necessário às intermináveis negociações alfandegárias. Finalmente, seguiram em direcção ao ponto de partida da expedição propriamente dito, passando pela plantação modelo de Cuemba, junto ao rio do mesmo nome, rumo à estação missionária inglesa (*Christian Missions in Many Lands*) Mboma, junto ao Rio Luena, a Sul de Vila Luso (hoje Luena), onde Baumann se dedicou, desde logo, à aprendizagem intensiva da difícil língua cokwe, sob orientação dos missionários. A partir daí visitaram, a pé, as aldeias cokwe circundantes, prosseguindo depois para Norte. A estação missionária de Luma, junto ao rio Cassai (com o missionário McJennet) e a missão de Biula, localizada mais a Oriente (com o missionário Griffith) serviram-lhes como pontos de apoio para longas caminhadas a pé pelo território dos Cokwe até ao Chicapa e ao Luachimo, bem como a algumas povoações dos Lunda e dos Lwena. Estas jornadas, em que eram acompanhados por caravanas de carregadores com trinta a sessenta homens, decorreram longe de todas as grandes estradas e dos centros de administração portuguesa. Isto porque Baumann estava convencido de que as viagens de carro, não só favoreciam a superficialidade, como também a geravam. “O carro só deve ser usado por um etnólogo para atravessar grandes regiões, que já estejam completamente sob influência europeia. Tal como há 30 ou 60 anos atrás, ele [o explorador] tem o dever e o direito de conhecer o povo, por ele estudado, caminhando de aldeia para aldeia.” (1931c: 402). Uma incursão pela região dos Lwimbi, ao longo do Cuiva, um afluente do Kwanza, marcou o fim desta viagem de exploração. No dia 18 de Novembro, os exploradores deixaram

Angola e rumaram em direcção a Hamburgo. O prosseguimento destas explorações, programado para a época seca seguinte, na vizinha Rodésia do Norte (Zâmbia), já não chegou a realizar-se.

Os resultados desta pesquisa etnográfica foram publicados por Baumann na sua monografia *Lunda. Bei Bauern und Jägern in Inner-Angola (Lunda. Entre os camponeses e caçadores no interior de Angola)* (1935), com muitas gravuras e mais de 600 fotografias. O termo “Lunda” não se refere aqui propriamente ao povo lunda, mas sobretudo ao distrito administrativo da Lunda que, na altura, fazia parte da colónia portuguesa de Angola. Baumann trouxe 1375 artefactos etnográficos para Berlim (ver imagens 2 e 3), grande parte dos quais foi supostamente destruída durante a Segunda Guerra Mundial. Cerca de mil fotografias e vários filmes documentam a agricultura, a preparação de alimentos, os ofícios e as danças dos Cokwe e dos Lwimbi. Aproximadamente sessenta textos sobre os Cokwe (contos, mitos e textos sobre a vida económica, social e religiosa, como por exemplo sacrifícios aos antepassados, circuncisão, concepções sobre a alma e a possessão) permaneceram até hoje por publicar.

Decerto, devido à língua alemã e ao reduzido interesse geral manifestado no século passado por esta parte de África, o livro de Baumann não teve, apesar das recensões positivas, a divulgação científica e a ressonância que merecia. Os diversos projectos para uma tradução portuguesa ficaram-se pelos rascunhos, para o que a perda de uma parte das fotografias originais, como consequência da Segunda Guerra Mundial, também terá contribuído. Trata-se da primeira etnografia extensa sobre este povo e é impressionante a quantidade de conhecimentos que Baumann conseguiu recolher em tão pouco tempo, mesmo tendo em conta o seu princípio de integralidade (cf. textos 1-4).

Apesar de ter abandonado a sua intenção inicial de estudar o posicionamento histórico-cultural dos povos do Nordeste angolano, com base nas fontes existentes, no quadro dos povos de Angola e do Sul do Congo (e de só apresentar um esboço sumário das suas ideias sobre o assunto na introdução), as suas opiniões histórico-culturais perpassam todo o texto, dando-lhe forma e assinalando conexões (cf. textos 1-2). Mais tarde, Baumann exprimiu o seu pesar por “não lhe ter sido possível, na altura, dar mais importância ao valor da pesquisa histórico-cultural local, durante o trabalho de campo” (1954b: 161) e por não ter dado mais atenção ao estudo dos nomes das localidades. A descrição segue os pressupostos generalizantes que, na época, caracterizavam a monografia científica tradicional, embora remeta constantemente para observações pessoais muito concretas, pelo que apresenta uma grande quantidade de pormenores específicos e variantes, referências bibliográficas e dúvidas em relação à interpretação correcta (cf. textos 1-4). O autor formou a sua própria opinião, mas permite que o leitor acompanhe o seu raciocínio, sem recorrer a dogmatismos dissimuladores. Há que salientar, em especial, o seu esforço paciente e continuado para penetrar também no mundo espiritual e religioso dos africanos (cf. texto 3).

Baumann não deixou um diário de viagem, pelo que pouco se sabe acerca da sua opinião pessoal sobre os africanos. Os resultados da sua pesquisa e a forma sensível com que os descreveu, testemunham todavia uma relação de confiança e de respeito mútuo. Baumann, que era um pintor amador e que, mesmo durante as viagens em África, gostava de desenhar, admirou o talento dos Cokwe para a escultura em madeira e valorizou correspondentemente as suas “obras-primas” (1935: 63) (cf. também texto 4).

A viagem que, em Fevereiro de 1954, conduziu Hermann Baumann, pela segunda vez a Angola e sobre a qual existem poucas informações destinava-se principalmente ao estudo dos povos do Sudoeste, na altura pouco documentados. Apesar disso, parece não ter sido planeada qualquer pesquisa de campo prolongada. O objectivo principal era, mais uma vez, a aquisição de uma colecção etnográfica tão completa quanto possível. À ida, a sua rota levou-o às pinturas e gravuras rupestres, na altura ainda pouco conhecidas e só parcialmente documentadas, do “monte sagrado dos Kwissi”, o Chitundu-Hulu, situado a cerca de 12 km a Leste de Capolopopo. Os primeiros resultados das suas investigações foram apresentados pouco depois num artigo, juntamente com decalques, desenhos e fotografias, recolhidos por Baumann e pelos seus acompanhantes Manfred Topp, estudante de Geografia, e o botânico Dr. G. Boß (1954a). O seu projecto para um grande trabalho que, baseado num estudo comparativo com o vasto material fotográfico, deveria englobar também as gravuras e as pinturas rupestres do Oriente e do Sul de África, não chegou a ser realizado. Durante esta viagem Baumann fez também uma pequena excursão à residência do soba de Caluquembe e às suas construções de pedra, indicação que ficou a dever ao missionário padre José Francisco Valente, fundador da missão de Cola (ver sobre isto Baumann 1956).

Na viagem de regresso, Baumann visitou as famosas necrópoles de pedra de Quibala, sobre as quais já tinha publicado, juntamente com G. Boß, um relato importante dez anos atrás, que contudo foi ignorado pelos cientistas então ocupados com o estudo de Angola – a guerra mundial e, nomeadamente, a língua alemã contribuíram, sem dúvida, para que isso acontecesse (1943). Mais tarde relacionou-as com os chamados “Jaga” (Mbangala) e avançou a hipótese de uma relação histórico-cultural com as construções de pedra no Zimbabwe (1956), hipótese que entretanto foi abandonada.

Baumann absteve-se de transformar o material reunido durante esta pesquisa etnográfica numa descrição coerente e não o publicou. Certamente tinha consciência de que, em termos gerais, as suas observações podiam ser consideradas esporádicas, superficiais e incompletas. Existem ainda cinco pequenos cadernos de apontamentos com notas curtas, distribuídas por poucas páginas e um outro caderno com algumas informações etnográficas e linguísticas complementares. Estas poucas observações muito rápidas e rudimentares impregnaram, no entanto, a descrição de Baumann sobre os Bantu do Sudoeste, publicada postumamente como parte da sua nova “Etnografia de

África” (Baumann 1975a; cf. texto 5). Sem dúvida que Baumann recebeu uma série de informações etnográficas do padre Carlos Estermann, com o qual se encontrou em Lubango (então Sá da Bandeira) e que lhe arranhou a excursão ao Chitundu-Hulu. Contrariamente ao que publiquei anteriormente, é provável que ele só tivesse tido acesso aos belos desenhos etnográficos dos Lwimbi/Ngangela nesta viagem, por intermédio de um missionário, durante a sua estadia junto dos Ngangela (cf. Heintze 1988/1994).

Contra as suas previsões, Baumann não pôde levar para a Alemanha a sua colecção etnográfica, composta por 1018 objectos que ele tinha adquirido entre Abril e Agosto junto aos Humbi, Musho, Kuvale, Handa, Mwila (Nyaneka), Nkhumbi, Ngangela e Kwankhala, apesar de estar prevista, desde o início, a compra de duplicados para o Museu de Angola em Luanda. Devido a esta proibição inesperada, a colecção teve que ficar no Lobito, sob condições de armazenamento precárias. Para garantir a sua conservação, a Companhia de Diamantes, que operava no Nordeste Angolano, ofereceu-se para guardar a colecção no seu próprio museu em Dundo. Nos tempos que se seguiram, foram cedidas cerca de cem peças da colecção de Baumann ao Museu de Angola, hoje pertencentes ao Museu Nacional de Antropologia em Luanda.

Após essa viagem e o seu desfecho imprevisto, o maior desejo de Baumann era voltar mais uma vez a Angola, para ali organizar a sua colecção e publicar um catálogo dos objectos. Quando finalmente, vários anos depois da sua aposentação como professor catedrático e já com uma saúde débil, ele se aventurou a fazer a viagem, esta acabaria por ser a sua última. Baumann esboçou ainda uma primeira versão do catálogo que existe em forma manuscrita. Entretanto foi possível publicar uma versão mais elaborada do mesmo sob orientação da autora da presente obra, com o apoio do Arquivo Histórico Nacional de Angola, numa edição bilingue alemão-português (Heintze 2002b).

Textos

1. Lunda, 1935: 13

O tipo de povoado ainda denuncia muito claramente o carácter híbrido da economia dos Tšokwe. Os agricultores silvícolas da região central dispõem de povoados melhores e muito mais ajustados à paisagem do que a população do Norte, mais dedicada à caça, que reside na encosta Nordeste do planalto, virada para a bacia do Kongo, com características semelhantes à savana. Nesta zona, a paisagem caracteriza-se pelas desertas e interminavelmente vastas “tšanas”, ou seja, áreas muito arenosas, cuja vegetação consiste em escassos tufos de capim, que alternam com áreas de savana e com as florestas que, à altitude de Mwena-Luanda, já existem ao longo dos afluentes do Tšihumbe e do Luembe. Esta paisagem já não é tão pródiga em termos de caça, como era há uma geração. Os

caçadores negros e brancos (de animais, diamantes e borracha) reduziram significativamente o número de mamíferos selvagens nesta região arenosa. A culpa foi das armas de fogo que, vindas do litoral, alcançaram o território dos Tšokwe, ainda antes da chegada de Pogge*, Carvalho e Wissmann*, e que aqueles aceitavam de bom grado como pagamento em troca de borracha, escravos ou marfim. No Norte da Lunda, os povoados apresentam quase todos um carácter provisório. As habitações sólidas (mazuwo, zuwo) com reboco de barro, que se encontram em grande número nas terras altas cobertas de floresta, entre o Tšihumbe superior e o Lungwe-Bungu, vão-se tornando cada vez mais raras à medida que se avança em direcção ao Norte, e as habitações feitas de capim, cada vez mais frequentes. As aldeias (yihunda, tši-) encontram-se no meio da savana, expostas ao sol tórrido, sem a protecção essencial das árvores antigas; as paliçadas do Sul também não existem. A população agrícola residente nas altas florestas cerradas do Sul, que praticava um cultivo intensivo do solo e para a qual a caça nunca deve ter constituído um fim em si mesmo, como sucedia em relação aos seus parentes das Tšanas do Norte – embora também eles praticassem este meio de subsistência com prazer – possui aldeias circulares asseadas, com cubatas construídas e decoradas com esmero. Estas aldeias, erigidas no meio do mato, a uma distância considerável dos rios e dos campos de cultivo, situam-se preferencialmente nas colinas entre os cursos de água. No Norte, chega-se por vezes a percorrer 20 a 40 km até chegar à aldeia seguinte. No Sul, em especial ao longo do Kassai superior, os povoados são tão próximos uns dos outros, que raramente decorre meia hora até se ter de prestar cumprimentos ao chefe da aldeia seguinte. Além disso, as aldeias do Sul têm numerosos habitantes, embora não atinjam o número considerável de 45 cubatas em boas condições de habitabilidade, como na aldeia modelo de Liatumbwoka. O número médio de cubatas por aldeia, na zona mais densamente povoada, entre a margem Norte do Kassai e o Tšihumbe (em especial em redor de Luma), deve rondar os 25 a 30. A aldeia de Manguza, por exemplo, contava 30 cubatas. Em redor da aldeia de um chefe importante, como a do Mwatiavua de Luma ou as dos Mwatatšikuza, Kaholo e Kakoma, entre outros, surgia, em forma de coroa, um conjunto de aldeias mais pequenas.

2. Lunda, 1935: 139-140

Qualquer etnólogo que hoje visite este recanto que se tornou conhecido pelas viagens de Pogge, Schütt*, Wissmann, Serpa-Pinto, Capello-Ivens, Cameron e Carvalho, tão interessante em termos históricos, fica desiludido. Não consegue acreditar que se encontra no reino do antigo Mwata-Yamvo que, à luz da Etnologia e da História colonial de África surge como uma força poderosa. Quão miseráveis são os Estados, se é que ainda se pode falar de semelhante coisa, que restaram dos tempos da História grandiosa de há meio século atrás!

Os príncipes transformaram-se em lastimáveis chefes de aldeia e, ao que parece, os mais poderosos governantes de outrora, são os que actualmente têm menos autoridade. Ao que parece! Isto porque, embora o governo português tenha destruído tudo aquilo que inicialmente conferia um poder efectivo aos príncipes, estes ainda possuem um grau de autoridade surpreendente, derivado da tradição e da reputação que tinham no passado. Trata-se contudo de uma autoridade platónica, respeitada apenas pela população, já que o poder se encontra nas mãos do chefe de posto ou nomeadamente nas dos “miata” (sing. mwata = chefe), os representantes por ele nomeados. Nos dias de hoje, também estes miata se transformaram novamente em meros chefes de linhagem ou de aldeia. Digo “novamente”, porque é de supor que anteriormente ao domínio da dinastia Lunda-Luba sobre o território central, junto ao Kassai superior, os Tšokwe tivessem um sistema político muito semelhante ao de hoje, sem contar, naturalmente, com os elementos europeus. O viajante que quer saber alguma coisa sobre a situação política interessantíssima do século transacto, tem de confiar inteiramente nos portadores das grandes tradições. Isto coloca uma grande dificuldade. É que, na realidade, os Tšokwe não eram propriamente o povo governante. Este era constituído pela dinastia Lunda-Luba que dominava não só os Tšokwe, mas também um conjunto de povos lunda que, em termos de raça e de etnia, se distinguem deles, como os Šinše [Shinje], os Mbangala, os Mataba, os Minungo e uma série de outros povos para lá do Leste de Angola. O centro deste poder encontrava-se na corte do Mwata-Yamvo – ou, como dizem os Tšokwe, Mwatšivua – a Leste do Kassai, no actual Kapanga. Este nomeou parentes seus para governantes dos Tšokwe. Os descendentes lunda foram contudo influenciados pela cultura tšokwe. O que significa que uma parte da História dos Tšokwe coincide com a História dos Lunda, enquanto que uma outra se reporta ao seu próprio povo, pelo que é natural que tudo aquilo que eu ouvi dizer se resume apenas a um ponto de vista tšokwe. Isto originou obviamente equívocos de todo o tipo. Antes do mais, há que ter sempre em conta que os Tšokwe relatam a história dos seus reis de uma perspectiva tšokwe. Limite-me a reproduzir aqui o que ouvi pela boca dos Tšokwe:

Os mianangana (reis) da região dos Tšokwe eram portanto quase todos aparentados; pertenciam à antiga dinastia lunda. Contudo, durante a “guerra das flechas de madeira” que foi uma luta dos filhos contra a mãe, conhecida por todos os Tšokwe, o ramo que detinha o poder sobre os Tšokwe separou-se. Essa mãe era nada menos que o próprio Mwatšivua! Isto representa uma vertente muito especial da tradição tšokwe, que encara o príncipe lunda, personagem habitualmente ligada ao sexo masculino, como entidade feminina. Esta Muatšivua teve uma série de filhos de um marido desconhecido. Dois desses filhos, Kanyika e Ndumba, separaram-se durante a guerra, como foi dito, e partiram para o Oeste, onde ocuparam o território acidentado dos Tšokwe. Muitos dos filhos e filhas ficaram contudo na Lunda com os sobrinhos. Os reis tšokwe tinham plena consciência da sua ascendência lunda, embora tivessem

adoptado rapidamente a língua dos Tšokwe e actualmente sejam vistos como Tšokwe. (As poucas excepções, como Mwene Luanda e Nakapamba, serão referidas mais à frente). Os irmãos Kanyika e Ndumba tinham porém uma irmã, Tembo, que partiu com eles. Foi ela a verdadeira mãe dos Tšokwe, uma vez que os seus filhos eram, de acordo com o matriarcado dos Tšokwe adoptado pelos príncipes, os candidatos legítimos ao trono. O marido desta Tembo era, por sua vez, desconhecido. Com ele, ela gerou dois filhos que se tornaram os pais ancestrais dos Tšokwe e que eram Kanyika ka Tembo e Ndumba ya Tembo, segundo os nomes dos irmãos da sua mãe. Todos os mianangana dos Tšokwe estão ligados a estes dois príncipes, sendo que Ndumba ya Tembo parece ter sido o mais importante, uma vez que o mais alto mwanangana provinha sempre da linhagem de Ndumba. Quando os Tšokwe já tinham os seus príncipes, a Muatšivua enviou um mensageiro que, em seu nome, ordenava que um dos reis tivesse o seu nome. Mwandumba (= senhor Ndumba) legou o nome (título) ao seu sobrinho e nomeou-o vice-rei da região do Kassai superior. O último Mwatšivua desta linhagem encontrei eu, numa situação miserável, como cristão na missão Luma junto ao Kassai superior. O seu nome ainda se encontra assinalado em alguns mapas. Um outro sobrinho do Mwandumba recebeu a região Norte que ele partilha com o Mwatšuli: trata-se do famoso Mwatšisenge, o príncipe tšokwe que, nas fontes mais antigas, é também conhecido por Quisengue. Um terceiro sobrinho, Kandala, recebeu as terras a Sul do Kassai. Ligado, por laços de parentesco, ao antepassado Kanyika, existe ainda o seu sobrinho Mwatšimbu que alargou os seus domínios a toda a região situada entre o Luena e o Lungwebungu e, a Ocidente, até à região de origem do seu tio, situada entre o Luando e o Cuango. Os filhos de Kanyika, que não eram herdeiros legítimos, limitavam-se a desempenhar as funções de meros “miata” junto ao Luena-Mošimoši, tal como o[s] príncipe[s] Mboma e Zimbo. Esse Tšisenge residia outrora na área do Peso (na grande curva do Tšihumbe), tendo emigrado mais tarde para o Norte. Isto porque não queria viver no meio dos domínios do seu tio Ndumba. Perto do Peso, num local altamente secreto, estavam guardadas as caveiras dos antepassados de Ndumba. Mwene-Luanda ou “Mona-Luanda”, o verdadeiro título lunda, que significa “filho do Ocidente”, portou-se até ao fim como um verdadeiro príncipe lunda. Isto pode ter a ver com o facto de a região por ele governada ser habitada até hoje maioritariamente pela antiga população lunda e de os Tšokwe terem poupado o território entre o Tšihumbe e o curso ascendente do Kassai, dominado por Mona-Luanda, aquando da sua expansão que destruiu o reino da Lunda. Do mesmo modo, o pai do actual príncipe Nakapamba (residente entre o Peso e o Tšihumbe) manteve-se um príncipe lunda independente. Porém, o seu filho Nakapamba, ainda vivo, mas já com uma idade avançada, foi feito escravo durante a guerra dos Tšokwe e só é tratado com as honras de um soba por especial favor da administração portuguesa, tal como acontece com o chefe dos

Tšokwe, de nome Tšikusa, nas proximidades de Luma, que, segundo parece, também era um antigo escravo lunda.

3. *Lunda, 1935: 194-195*

Para os Tšokwe, existem dois aspectos relativos à alma:

1. O “mwono” ou “moyo” ou “kuhwilila”. Representa a vida numa acepção física, o bater do coração e o respirar (kuhwilila = “suster o peito”); também presente na concha do caurim e na cor branca da terra. “Moyo” utiliza-se como um cumprimento equivalente à nossa expressão “saúde”.

2. O tšizulie. No seu sentido mais restrito, esta palavra significa: “imagem”, quer se trate da sombra de uma pessoa, de uma cópia fotográfica, de uma imagem na máquina fotográfica, das estatuetas em barro ou em madeira dos antepassados ou espíritos, de uma imagem reflectida num espelho, etc. Tšizulie não significa apenas sombra, ou significa mais do que a mera sombra, uma vez que uma sombra comum é denominada “tšihuhumuke” ou “tšitotoši”. Enquanto que o “mwono” cessa com a morte, o “tšisanguke” que corresponde aproximadamente a uma forma de transmutação do morto – quer seja um mužimu, quer seja um mutalu – é referido frequentemente como um certo tipo de tšizulie que certamente não invoca uma imagem concreta em termos plásticos, embora invoque, sem dúvida, uma imagem espiritual real. Contudo, também ouvi outros depoimentos, em relação aos quais tenho uma posição um pouco céptica e que fazem uma distinção entre “tšizulie” e “tšisanguke”; alegadamente, os primeiros não causariam a ocorrência de sonhos, mantendo-se à porta das pessoas adormecidas, provocando pesadelos e gemidos durante o sono; o tšisanguke, porém, e em especial o “mutalu”, provocariam sonhos. Os sonhos são particularmente importantes, como poderemos vir a constatar em diversas ocasiões. No dia seguinte, o indivíduo que teve um sonho conta sempre a sua experiência nocturna na “tšota” ou à família. Pode acontecer por exemplo que as pessoas se aconselhem e que decidam que, naquele dia, ninguém pode ir à caça no mato ou partir para uma viagem; nos casos difíceis, pede-se o conselho do adivinho. O significado de “kupuma” é: gemer devido à pressão da imagem de um sonho. Isto parece provar que a informação sobre o pesadelo, acima referida, não está correcta. O “mutalu” ou o “tamwe” (leão) também afligiam quem dormia, provocando-lhe “kupuma”.

Se se afirmar que o “tšizulie” não provoca sonhos e que estes são provocados pelos “mutalu”, os demónios, os antepassados e os espectros assassinos, e se, pelo contrário, o tšizulie for identificado com as transmutações (ažimu e mutalu), então creio poder afirmar que a verdadeira concepção dos indígenas é a seguinte: todos os seres, quer estejam vivos ou mortos, quer sejam humanos ou de natureza espiritual, têm um “tšizulie” que é imutável. Trata-se da imagem, da sombra, de uma forma de presença. Durante os sonhos, os

yizulie das entidades referidas aparecem e provocam, de acordo com a sua natureza, uma sensação de dor ou de felicidade. Um “tšisanguke” possui um “tšizulie”, tal como uma pessoa viva. Se assim não fosse, como seria possível fazer imagens dos antepassados e chamá-las “tšizulie”? O pássaro da fertilidade, de madeira, sobre o telhado é um “tšizulie”, cuja função é invocar o pássaro e, de certa forma, dar-lhe a possibilidade de se manifestar. As figuras de barro dos antepassados nas pequenas construções circulares chamadas “isola”, situadas ao lado das cubatas e destinadas aos objectos de culto, funcionam como “yizulie” (produzidas de acordo com determinados sonhos) e servem alegadamente para convocar a ajuda dos antepassados, para que nasçam filhos. Ao lado das figuras de barro dos antepassados estão também estatuetas de madeira dos mesmos entes falecidos, que servem para o mesmo fim e que, não raramente, têm pequenas figuras de madeira (filhos) presas ao pescoço. Outras imagens de antepassados, frequentes principalmente entre as famílias de caçadores, são denominadas “tungonga” e surgem sempre aos pares. Também costumam colocar-se pequenas figurinhas, chamadas “ndeši”, ao lado das imagens de madeira ou barro dos antepassados, consideradas entidades protectoras das crianças.

4. Lunda, 1935: 224-225

As nossas cadeiras [adquiridas por Baumann e apresentadas na sua monografia, ver imagem 3] mostram claramente um declínio da espiritualidade monumental por um lado e, por outro, da valorização naturalista do corpo. Estamos perante uma mescla dos dois estilos, uma forma de arte cujo valor espiritual não foi contudo potenciado pela combinação referida. Estas cadeiras tornaram-se um exemplo da plástica de um estilo muito específico que consegue representar de um modo altamente característico as diversas fases da vida. Para encontrar algo de semelhante, no que respeita à arte africana, é necessário ousar dar um grande salto até à Costa do Ouro, e aos pesos de ouro dos Aschanti.

As cadeiras em questão copiam indubitavelmente modelos de construção europeus. Desde o século XV, que Angola é conhecida pelos colonizadores portugueses. O antigo reino do Kongo, com os seus reis cristãos residentes em San-Salvador não fica muito longe. É possível que estas cadeiras tenham sido introduzidas bastante cedo, juntamente com muitos outros artigos da cultura europeia. Não que as cadeiras em si constituam um artigo europeu de importação – em todo o lado, desde a região dos Luba até à África oriental, podem encontrar-se bancos com encosto – mas a forma quadrada do assento coberto de pele e as travessas presas aos quatro pés por meio de pinos, bem como a pregagem, são características tão pouco africanas, que podemos admitir com alguma segurança que estas cadeiras são uma importação do “Ocidente”. [Henrique Dias de] Carvalho, o maior conhecedor antigo da Lunda, também as

menciona como características dos “Quiôco”; o soberano dos Lunda gosta especialmente de as utilizar durante as suas conversações com estrangeiros – uma um indício quanto à origem das tais cadeiras. Carvalho refere também a forma ciosa como um potentado lunda zela para que ninguém fique sentado a um nível mais alto que ele próprio. As cadeiras dos soberanos tšokwe, quando não se trata de meros anciãos da aldeia, são também maiores do que as dos habitantes comuns. A decoração de um assento não constitui propriamente um sinal de pertença aristocrática, embora, na maioria das vezes, as cadeiras dos chefes sejam mais ricamente talhadas. Importa referir que, para as mulheres, o acto de se sentarem numa cadeira é completamente desconhecido. Nunca vi em lugar algum uma mulher sentar-se noutra sítio que não no chão e sempre que procurei comprar uma cadeira, remetiam-me para o homem responsável por ela, se, por acaso, ignorasse o tão marcado direito de propriedade na família. Os Tšokwe devem ter aprendido a fabricar estas cadeiras em tempos muito remotos; elas são tão antigas como a arte dos embutidos e da pregagem no interior de Angola. Sabemos que, através dos Ambaquistas, um grupo de indivíduos com uma cultura semi-portuguesa e um espírito comercial muito desenvolvido, pertencente aos Kimbundu [Ambundu] a Norte do Kwanza inferior, elementos de cultura portugueses chegavam com frequência à “Ngangela”, no interior selvagem. A forma quadrangular da cadeira é, por si só, uma realização exógena relativamente a todos os povos de Angola que, num estágio primitivo conheciam apenas o banco redondo. Toda a decoração é, porém, verdadeiramente africana.

As boas cadeiras antigas são actualmente bastante raras. Em quase todo o lado, encontram-se os banquinhos baixos, quadrados, sem encosto e sem qualquer ornamento. A Norte do Kassai superior, conseguimos adquirir algumas boas peças antigas mais pequenas, logo no início das nossas viagens pelo mato, mas só por mero acaso é que, em Luma, o trono grande de um chefe chegou às nossas mãos. Os dois outros tronos foram adquiridos muito mais tarde, junto dos chefes Tšipukungu e Kakoma [ver imagem 3], durante as nossas múltiplas viagens pela região dos Tšokwe e só depois de termos travado conhecimento com os seus chefes. Kakoma só se separou do seu trono a custo e em troca de um pagamento elevado. A negociação realizada no seu local de reunião especial, situado no centro das instalações das suas numerosas mulheres e das grandes paliçadas, foi difícil, mas por fim bem sucedida. Descobrimos também que porventura o último entalhador daquelas cadeiras, a quem Kakoma, de acordo com o seu testemunho, quis encomendar logo a construção de um novo trono, vivia alegadamente a Sul do Kassai. Há que ter em conta, que Kakoma residia numa localidade situada bastante a Norte do Kassai, junto ao Peso, um afluente do Tšihumbe. A grande sensação que o cadeirão transportado como carga causava sempre nos acampamentos e na missão mostra até que ponto a visão de um desses tronos de chefe é actualmente um facto inédito entre os

índigenas, de tal forma que muitas vezes fomos literalmente obrigados a expor a cadeira à apreciação e admiração geral.

5. “Die Südwest-Bantu-Provinz” [A província bantu do Sudoeste],
1975a: 473-476

O Sudoeste de Angola e o Norte do Sudoeste africano são habitados por uma série de povos com estreitas afinidades culturais e linguísticas. Na *Völkerkunde von Afrika (Etnologia de África)* (1940), a maioria deles foi considerada como pertencente à região de Zambeze-Angola, embora a sua natureza predominantemente pastorícia colocasse dificuldades à sua categorização. Isso levou-me a tratar os Herero num capítulo separado. Uma viagem de prospecção pelo Sul de Angola (1954) não só me deu a oportunidade de conhecer um elevado número de povos que vou tratar nesta obra, como também me levou à conclusão de que os Herero só aparentemente pertencem a uma categoria especial e de que a totalidade dos povos bantu do Sudoeste revela afinidades acentuadas em termos etnológicos. Estas já não permitem associá-los simplesmente aos povos agricultores da região de Zambeze-Angola. É certo que o matriarcado e alguns outros aspectos da sua organização social (por ex. o parentesco “*ocisoko*”) testemunham claramente uma certa relação com o vasto conjunto das sociedades matriarcais Bantu do centro. Mas, mais acentuado ainda é o elemento pastoril que em numerosos casos remete claramente para os povos nilóticos e que na região dos Bantu do centro só encontra paralelo nos Ila.

Os Bantu do Sudoeste possuem também uma unidade linguística (não resumida apenas ao elemento mais evidente: o prefixo *o-*), que levou a que M. Guthrie se visse forçado a reuni-los a todos – desde os Herero até aos Mbundu [Ovimbundu] das terras do planalto – na sua Zona R, apesar das diferenças acentuadas, embora de cariz diverso, em relação aos grupos vizinhos H (Ngola-Kongo) e K (Cokwe-Ngangela).

Em termos etnológicos, há que admitir a existência de consideráveis divergências entre as zonas mais distantes da nossa região. Existem os pastores exclusivos no Sul (Herero, Cimba, Kuvale), com o seu marcado “complexo de elementos pecuários” e existem, no Norte, os Mbundu das terras do planalto com uma vertente agrícola mais acentuada. A verdade é que também estes revelam muitas vezes traços característicos do mesmo “complexo de elementos pecuários” (p. ex. o enterro dos seus chefes numa pele de vaca, o fogo sagrado, etc.). Há que salientar também que a filiação dupla dos Herero, que concilia as tendências matrilineares e patrilineares, se encontra igualmente presente entre os Mbundu, embora de uma forma mais “atenuada”. O facto de os Mbundu possuírem um substracto possivelmente comum com os Ngangela (povo agricultor do Leste de Angola), embora, por outro lado revelem uma base fundamental Nyaneka-Humbi (os “pastores-agricultores mbundizados”) será

discutido mais à frente. Pelo que foi dito, eles constituem um grupo de transição relativamente aos Bantu do Sudoeste, embora seja difícil de estabelecer uma distinção entre eles. Mesmo as características da cultura da monárquica do Sul do Kongo, trazidas do Norte pelos Jaga, não alteram significativamente esta realidade, uma vez que as ditas influências penetraram até no bloco Nyaneka-Ambo.

O facto de os Herero pertencerem a este grupo fica demonstrado, não só pela sua tradição, que os levou a imigrar (de acordo com Vedder entre outros), vindos do Norte e atravessando o Kunene, mas também pela sua afinidade com os Cimba e os Kuvale, que ainda hoje apascentam as suas manadas entre a [serra da] Chella e o Kunene. Os Kuvale denominam-se Ovahelero (de *kuhelela*: “descer”, ou seja, os que desceram do planalto de Humpata para as áridas regiões costeiras). Isto terá de merecer atenção mais tarde. É legítimo supor que outrora, à semelhança dos Nyaneka-Ambo, eles eram pastores-agricultores, mas que, com a chegada à árida planície costeira, tenham desistido do cultivo do milho painço.

Deste modo, os povos Ngangela-Ambo revelam ser o grupo étnico que melhor soube preservar o carácter original de todos os povos bantu do Sudoeste. E, na verdade, a cultura dos Herero demonstra uma multiplicidade de correspondências culturais com esse conjunto de povos.

Restam assim apenas alguns resquícios dos povos caçadores do Sudoeste angolano, que têm necessariamente de ser tratados aqui. Hoje sabemos que, desde os tempos mais remotos, eles ocupavam a árida faixa costeira, estendendo-se até às zonas altas. O seu número está hoje reduzido a uma fracção diminuta e a sua cultura quase não foi investigada. O facto de alguns elementos khoisan terem contribuído para a formação destas populações, constitui uma certeza, já que temos de presumir que, antes da vinda dos Bantu, mesmo antes de meados deste século, o Sul de Angola era uma região de caçadores (mesolíticos), seja de tipo khoisan, seja do tipo dos Dama das montanhas do Sudoeste africano (Namíbia).

Não cabe neste capítulo a abordagem dos Bosquímanes do Sul de Angola, que se encontram numa área que se estende até à região em redor de Cipungu (Handa de Sendi), entre o Kunene e o Kuvango, bem como entre os afluentes do Kuvango.

Se encaramos a nossa região Bantu do Sudoeste como um todo, verificamos que ela revela um carácter ambivalente. Por um lado, existe um acentuado elemento pastoril, com traços característicos do “cattle-complex”, que conhecemos do Leste de África e particularmente do Nilo superior: o gosto especial pelo leite fermentado, o fabrico de manteiga, embora esta seja utilizada apenas como unguento, o gado como dote matrimonial, a eleição da cabeça de gado favorita, as procissões de gado, o traje de couro, bem como a disposição circular da aldeia. Muitos dos elementos remetem directamente para a zona do Nilo e do Nordeste africano (o arco “para parar” [investidas] e o banho de fumo

higiénico dos Kuvale), os apoia-nucas utilizados simultaneamente como recipientes para unguentos (Nyaneka, Kuvale), as cubatas abobadadas cobertas de estrume e barro (Herero) ou as cubatas [em forma de] “tenda” (Cimba, Kuvale), os penteados, os oráculos a partir de sandálias, os locais de culto em pedra, os *protome* de gado, etc.

Paralelamente a estas manifestações, existem as festas da mãe que superam todas as outras, no contexto de uma sociedade de clãs acentuadamente matrilinear, que atribuiu à mulher um estatuto central a nível do culto e da vida quotidiana, a tal ponto que estes entusiásticos criadores de gado concederam um estatuto livre à mulher mesmo no interior da família, como raramente se encontra nas comunidades patrilineares pastoris-agricultoras. A liberdade sexual da mulher não se reflecte apenas na relativa lassidão da união matrimonial, mas também nos ritos de puberdade das raparigas, que não ficam atrás dos ritos dos rapazes e que, segundo parece, são originários desta e de toda a região matriarcal dos Bantu do centro, enquanto que os ritos de iniciação dos rapazes foram provavelmente trazidos do Nordeste. Compreende-se assim que, não só a filiação dupla de que acima se falou, mas também a conjugação de uma cultura pastoril com uma cultura matrilinear agrícola assente no cultivo do milho painço tenha sido interpretada como resultante de ocorrências históricas, no sentido de uma sobreposição ou interpenetração desta cultura por um elemento patrilinear agrário-pastoril, p.ex. do tipo nilótico do Nordeste de África. Talvez esta conjugação seja muito mais complexa do que hoje imaginamos, mas a sua existência é hoje dificilmente questionável, uma vez que, relativamente aos Ila, podemos verificar uma tendência para a filiação dupla e uma conjugação semelhante de factos “nilóticos” e de factos respeitantes aos povos matriarcais Bantu do centro. Tanto aqui na Zâmbia, como no Sudoeste de Angola, os imigrantes “nilóticos” devem ter adoptado a língua bantu, caso não fosse essa a sua língua na altura da migração.



3 Coleção H. Baumann: “Cadeira do chefe Cacoma, Cokwe, perto de Peso”.
Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 37491

SAMUEL BRUN

Samuel Brun ou Braun é considerado o primeiro cientista do grupo dos exploradores de expressão alemã a visitar vastas extensões de África, em especial, da África Ocidental. Nasceu a 19 de Março de 1590 em Basileia. A casa dos seus pais, onde nasceu, resistiu aos séculos. Ele deixou-a ainda cedo, aprendeu francês em Genebra e formou-se em Cirurgia Militar. Em 1607 iniciou a sua actividade viandante. O seu itinerário levou-o ao Palatinado, onde exerceu a sua profissão no exército da União Protestante, e, mais tarde, em 1611, pelo Reno acima até Amesterdão. Aí, começou por arranjar trabalho com um Mestre Hercules Frantzen, mas pouco depois foi recrutado como médico de bordo de um navio comercial, para “investigar esses países e reinos novos e estranhos / que possam servir, a mim e a outros, de boa recordação” (1624: 1). Cinco grandes viagens levaram-no, nos dez anos seguintes, a África e ao Mar Mediterrâneo: de 1 de Dezembro de 1611 até Setembro de 1613 à costa do Loango e ao Congo/Zaire, de 31 de Março de 1614 até Maio de 1616 à costa Ocidental de África do Cabo Monte até ao Cabo Lopez, de Junho de 1616 até 24 Agosto de 1617 ao Mediterrâneo Ocidental, de Setembro de 1617 até Agosto de 1620 novamente a África, à Costa do Ouro, onde trabalhou como cirurgião militar no forte holandês de Nassau (Mori) e, finalmente, de Outubro de 1620 até Setembro de 1621 ao Mediterrâneo Oriental.

Visto que nestas viagens, para além do seu ordenado fixo, também podia fazer negócio, Brun voltou para Basileia como homem abastado. Casou-se duas vezes: a primeira vez em 1623, com uma mulher de nome Barbara, com a qual teve quinze filhos; e depois da morte desta, em segundas núpcias, no ano de 1648, com Maria Treu. Após uma curta estadia em Liestal, perto de Basileia, radicou-se definitivamente nesta cidade a partir de 1628. Aí trabalhou, como cirurgião hospitalar, chefe de obstetrícia e administrador da fortuna do convento de “Gnadenthal”. Tornou-se membro da Ordem dos Cirurgiões “Zum Goldenen Stern”, na qual desempenhou vários cargos e, em 1659, chegou mesmo a grão-mestre. No dia 31 de Agosto de 1668, faleceu com 78 anos de idade, em Basileia.

Os relatos de viagem de Samuel Brun foram publicados, pela primeira vez em língua alemã, em Basileia em 1624 e tiveram uma repercussão tão grande, que nos quatro anos seguintes se publicaram, em Frankfurt am Main, outras quatro edições: uma em latim, três em alemão.

Só na sua primeira viagem, é que Brun foi a “Angola” que para ele, como para muitos dos seus contemporâneos, compreendia não só a região a Sul do Congo/Zaire, pelo menos até Luanda, como também toda a chamada costa do Loango no Norte. Apesar do seu navio ter estado ancorado durante sete meses no Zaire, essa parte do seu relato fornece poucos pormenores e, no geral, poucos aspectos novos sobre o “condado” Soyo e o reino do Kongo. Possivel-

mente, as suas ocasiões para ir a terra foram diminutas, por ter de tratar um número invulgarmente grande de doentes. No entanto, a posição ambivalente e sempre periclitante do rei do Kongo e as suas manobras de poder e política comercial entre os portugueses ou espanhóis católicos e os holandeses protestantes, são descritas de forma muito explícita. O relato dá-nos um retrato instantâneo de um conflito que se estava a agravar precisamente naquele momento.

Bastante mais relevantes são as suas informações sobre a costa do Loango (ver texto), onde o seu navio ancorou, em Mayumbe e na baía do Loango, ou seja fora do actual enclave de Cabinda no Congo (Brazzaville). Muitas das suas observações sobre a terra e as gentes são em primeira-mão. Brun descreve o vestuário, o tecido de ráfia “que parece feito do mais fino veludo”, as habitações, a agricultura, a produção do vinho de palma, a caça, os ofícios, o comércio de marfim, de cobre e do “pau-vermelho, por eles chamado *daculo*”, e as concepções sobre o Além. Como testemunha ocular, dá indicações sobre o paço real do Reino do Loango, situado a duas horas de caminho no interior, e sobre o seu cerimonial, sobre estruturas políticas e sociais. São mencionados também os escravos, mas não o comércio dos mesmos. Ainda hoje famosa e muito citada é a sua descrição da mandioca (“*casavy*”) e da sua preparação em Mayumbe: trata-se da primeira referência explícita a este produto alimentar proveniente do Brasil, no que respeita à África Central. Também o tabaco, aludido no âmbito da sua descrição do Kongo (“*magkay*”) é documentado pela primeira vez, em relação a esta parte de África.

Além destas informações tão valiosas, o aspecto fundamental deste relato de viagem consiste na perspectiva imparcial (excepto em questões religiosas) do autor. Isto torna-se claro, nomeadamente em comparação com as descrições de finais do século XIX: os habitantes (e não, por exemplo, os “indígenas”, “selvagens” ou “gentios”) são, aos olhos de Samuel Brun, muito trabalhadores, disciplinados e com talentos artísticos. Uma determinada roupa feita de ráfia é “tão bela e lustrosa / que parece feita do mais fino veludo / embora seja feita apenas de folhas de árvores” e dos pêlos da cauda dos elefantes sabem fazer cestinhos, “difícilmente igualáveis em todo o mundo”. Ao contrário de Mayumbe, Brun acha o Loango muito fértil e os arredores da capital, Mbanza Loango, parecem-lhe quase um paraíso. Ele concede às ideias e às coisas estranhas o seu valor próprio e é até capaz de encontrar aspectos dignos de admiração em actos que o repugnam. Esta imparcialidade contribuiu para que os seus registos continuassem a ser qualificados no século passado como “frescos” e “ingénuos” – um julgamento, na minha opinião, algo superficial, que em parte se deve também ao seu alemão “deliciosamente” pitoresco.

Texto*1. Schiffahrten [Viagens marítimas], 1624: 7-22*

Depois de termos conseguido sobreviver a esta perigosa tormenta / tivemos bom vento / que nos ajudou a chegar até ao reino de Mayomba, situado na fronteira de Angola / onde encontrámos um barco ou navio espanhol / que negociava com os negros uma madeira vermelha / a que eles chamam daculo [*tacula*] / semelhante ao sândalo vermelho. Em troca desta, recebem tecido de má qualidade vermelho, azul ou amarelo: por uma jarda, que na Holanda custa cerca de 9 batzen é frequente darem dois meios quintais de daculo. Para além disso, não possuem mais nada para negociar.

Mayomba é o local mais selvagem e infértil de toda a Angola: uma região de planície cheia de florestas e mata serrada. Os habitantes, sejam homens ou mulheres, novos ou velhos, andam por ali quase nus / estando apenas pouco cobertos / não semeiam absolutamente nada / embora tenham bastante para comer. Na sua terra, há raízes que crescem tanto como a parte mais grossa da perna de um homem. A essas raízes, eles chamam casavy. Pisam-nas e secam-nas ao sol, até que elas ficam tão brancas como a melhor farinha. Se alguém beber o suco desta raiz (que eles espremem de um modo peculiar) enquanto verde, ele é tão mortal / que não existe veneno que se lhe possa comparar. Porém, depois de seca [esta raiz] é o seu pão / e é muito doce.

Também têm caça grossa / como búfalos selvagens / que eles caçam com *hasagay* [assegai] (longas flechas de arremesso). A carne é seca / e a pele é cortada em tiras com a largura de um palmo. Estas tiras são usadas por eles à volta das ancas / quando partem para a guerra ou para a caça: já que não possuem outra protecção / para além desta pele grossa. Têm fruta muito boa e doce / que porém cresce selvagem. As suas casas são feitas de ramos entrelaçados / e são tão leves e rudimentares / que podem ser transportadas / para onde se quiser. O seu leito é o próprio solo / que é bastante arenoso. É altamente surpreendente / que, apesar de tudo, esta gente seja tão forte. No que respeita às suas crenças e religião / pretendo ocupar-me do assunto mais abaixo, quando falar das ilhas / Bansa Loanga / Ginga / Malemba / Gagongo / Goh / que possuem o mesmo tipo de crenças.

De Mayomba navegámos até Bansa Loanga[.] Porém, foi bastante difícil lá chegar / devido ao vento / que habitualmente sopra do Sudeste ao longo de todo o ano / e o rio vindo do Congo deteve-nos durante cerca de 6 semanas: isto apesar de termos de percorrer [apenas] 30 milhas. Aí, muita da nossa gente adoeceu, devido ao ar intemperado. Finalmente, depois de muito trabalho e perigo, chegámos ao porto frente a Bansa Loanga, onde numerosos pescadores negros subiram para bordo da nossa embarcação. Pois, sem dúvida, conheciam bem o nosso patrão, uma vez que este já lá havia estado antes por diversas vezes[.] Os mesmos [pescadores] deram-nos as boas-vindas à sua maneira, com estranhas gesticulações, de joelhos / batendo palmas / e exclamando / “Sacarella

/ sacarella”: o que significa “Agrada-nos / agrada-nos que tenham vindo”. Então o nosso patrão foi sozinho a terra com os pescadores / que o acompanharam até à corte do rei / que se situa a cerca de 2 horas da costa. Isto porque ninguém podia ir a terra / sem que um negro ou um habitante local o acompanhasse. Então eles perguntam primeiro ao Magchüssy / (ou seja / o diabo / de que falarei mais abaixo), se devem confiar nos recém-chegados: se nós pretendemos ou não prejudicá-los. O Magchüssy, senhor de quem são devotos de corpo e alma e a quem servem / revela-lhes a resposta / depois de os ter autorizado a negociar com o povo acabado de chegar. Consequentemente, o rei da região / autoriza-nos a nós e a outros / a vir a terra / a fim de negociar com o seu povo, segundo os costumes locais. Só que o feitor do navio / tem de honrar o rei / de modo que lhe oferecemos dois pavões / dois cãesinhos brancos e um tambor holandês. Estes são considerados pela corte do rei um presente tão valioso / como se se oferecesse a um nobre senhor uma dádiva de muitas milhares de ducados. Isto porque nunca haviam visto pavões / cães brancos / ou tambores holandeses. Fomos portanto bem recebidos e tivemos um acolhimento amigável por parte dos habitantes.

O domínio do rei de Loanga abarca o de 6 reis, pois estes reis são filhos dele e das suas irmãs / que / quando assumem o poder / não recebem outro nome / senão o de Manna. Por exemplo / o rei em Bansa é chamado Manna Loanga / e os seus filhos são também assim chamados / até começarem a governar. Porém, aqueles que não assumem cargos governamentais / são chamados de outra forma: embora todos eles sejam apelidados de Manna, que em Espanha corresponde a “Don” e entre nós a “Herr”.

O rei de Bansa Loango tem 360 mulheres / mas uma delas é a mais importante. E se ele tiver filhos desta mulher / o primogénito será o rei de todo o seu território / após a sua morte. Os outros filhos / serão os reis dos territórios vizinhos. Os filhos / gerados pelas outras mulheres / são utilizados por ele como guerreiros / e capitães / e todos eles são chamados Manna / como se referiu acima: Manna Gangala / Manna Belle / etc. São assim chamados devido às armas que usam na guerra. Pois gangala significa flecha comprida / belle significa faca / etc. Surpreendente é também / a perícia com que se servem destas armas / de tal forma que conseguem lançá-las aos seus inimigos, sem falhar / podendo abrir a cabeça do seu inimigo em duas, especialmente com as facas (comparáveis às facas largas dos sapateiros).

Porém, se o rei não tiver um filho varão da sua mulher principal / e a sua irmã tiver um filho / este último será rei, após a sua morte. No caso de também não existir um filho varão por parte da irmã: haverá uma grande guerra / pois os outros querem ser reis. E se um dos capitães for suficientemente rico / para se tornar amigo / de um pretendente à coroa / o assunto resolve-se rapidamente. É que, embora não possua ouro nem prata, esta gente é muito vaidosa.

Loanga é um planalto muito fértil. O território em redor de Bansa Loanga é como um paraíso. Ali se produz um excelente vinho / a que os habitantes

chamam malafa / mas nós / vinho de palma. Esta excelente bebida é extraída de árvores / que são tão altas como grandes abetos / e às quais os pretos trepam com uma agilidade admirável / semelhante à dos gatos.

Impõe-se aqui que eu descreva um pouco a natureza surpreendente e extraordinária destas árvores vinícolas / para que você, caro leitor, possa aprender com a grande sabedoria e bondade de Deus.

Estas árvores são plantadas da mesma forma que a vinha. Todos os anos, os ramos mais baixos são cortados / mas de modo a permitir / que se suba pelos tocos nodosos / e se recolha, do alto, o suco por meio de pequenos tubos ou jarros inseridos no tronco das árvores: este suco escorre (como água destilada) para dentro de pequenos recipientes presos às árvores, durante nove meses por ano. E é tão doce / que o vinho mais delicioso não se lhe pode comparar. Contudo tem de ser bebido enquanto fresco / pois ao fim de dois dias transforma-se em vinagre: porém, se voltar a ser fervido / recupera a sua doçura e fica tão bom / como antes: faz com que se fique alegre / forte / e não dá dores de cabeça / como outros vinhos / que eu próprio provei e sobre os quais posso testemunhar / já que muitas vezes bebi bastante daquele vinho. Para além deste excelente suco, as tais árvores dão, ao fim de três anos, uns cachos de uvas do comprimento de um braço / tão grandes / que é preciso um homem forte para os carregar. As bagas são de cor amarela dourada / e do tamanho de uma noz: a vagem é pisada / e transformada em óleo / a que nós chamamos óleo de palma / e que eles designam de masa. Os caroços destas bagas são comparáveis aos caroços do alperce ou da avelã / e são esmagados de modo a obter uma farinha / da qual fazem pão. Às folhas destas árvores / que são do comprimento de um braço / eles tiram a pele / e entrelaçam-nas tão habilidosamente / como se fizessem uma tapeçaria ou uma peça de vestuário tecida ou bordada / e decoram com elas as paredes das suas habitações. Costumam cobrir e decorar essas paredes com os ramos cortados / que são por natureza tão lisos e direitos / como se tivessem sido especialmente preparados para o efeito. Para além disso, usam as folhas para fazer o seu vestuário, soltando a pele / do caule / que é muito parecida com o linho. Sabem preparar essa pele de modo habilidoso e admirável, fazendo com ela dois tipos de coisas: da mais pura, o vestuário e [da outra] todo o género de pequenos barretes artisticamente tricotados ou tecidos com lindas figuras e desenhos / destinados apenas aos Mannas / e aos filhos do rei. Eu trouxe um desses barretes comigo e ainda o tenho à mão. O vestuário dos Mannas vai das ancas até aos pés / mas o das mulheres apenas até aos joelhos. Essa roupa é tão bela e lustrosa / que parece feita do mais fino veludo / embora seja feita apenas de folhas de árvores. As mulheres não usam barrete nem coisa parecida / mas prendem o cabelo em cima / de modo a formar um bonito bico.

Agora pretendo dar algumas informações sobre a sua agricultura e o cultivo do solo. Como já referi anteriormente / a população masculina em Angola é mais robusta do que em outros países / e as mulheres não lhes ficam atrás em

robustez: há que salientar / que em toda a Angola são as mulheres que têm de trabalhar o solo. Pois, como [este povo] não possui riqueza em ouro ou dinheiro / as suas mulheres são um meio / de adquirir bens e posses / de tal maneira que alguns têm oito ou doze mulheres / e outros vinte ou mais. Estas têm de trabalhar o solo em conjunto / e fazem-no com uma disciplina surpreendente.

Angola é o país com melhores colheitas / especialmente em Loanga / e nas regiões circundantes. Situa-se a 8 graus ao Sul do Equador. Produz fruta particularmente boa / e muito mel / que pode ser encontrado na floresta. É que as abelhas dão um mel e uma cera excelentes / devido à existência de numerosas plantas e ervas doces. Existem ali tantas laranjas / limas / limões / como na Alemanha maçãs silvestres e cerejas silvestres / bem como bananas / *podarah* / plátanos / e ananases. São estes os nomes das frutas mais doces / difíceis de encontrar no mundo inteiro / tal como outras espécies / que são entre nós completamente desconhecidas.

Em Loanga não se usam bois nem cavalos na agricultura / mas / como se referiu acima / são as mulheres que têm de trabalhar o solo. Quando vão para o campo / elas amarram os filhos às costas. Enquanto / as suas mães labutam / eles dormem tão calma e confortavelmente sobre as costas da mãe / como na nossa terra nos berços / uma vez que não possuem berços: quando estão cansadas / deitam as crianças no solo sobre uma folha de árvore. Também usam essas folhas como protecção contra a chuva / colocando-as sobre as suas cabeças. Entretanto continuam a trabalhar / cultivando os campos da seguinte forma: cavam sulcos até à altura do joelho / e quando semeiam / enterram a semente no solo com o dedo. Não têm outras alfaias agrícolas / para além de enxadas de cabo curto / com as quais escavam a terra. Em 4 meses têm duas colheitas / e o outono dura 9 meses. Porém, durante 3 meses, não têm bom vinho / mas sim um vinho de má qualidade / a que eles chamam *matumba* / e que é proveniente de outras árvores. Trata-se de uma bebida muito saudável.

Os homens contudo / para não ficarem indolentes / cultivam e plantam a vinha. Vivem à beira-mar / e geralmente são pescadores. Os que vivem no interior / caçam todo o tipo de animais selvagens / como búfalos / veados / e antílopes / que apanham em grande quantidade / com as suas flechas.

Depois de ter descrito as plantas da região / gostaria agora de referir / o tipo de comércio que é praticado nessa mesma região. Eles negociam com marfim / dentes de elefante / e cobre de muito boa qualidade.

No que respeita aos elefantes / há que dizer / que os negociantes obtêm os seus ossos e dentes de uma forma admirável. É que estes elefantes mudam os dentes / deixando-os cair quando estão velhos. Um dente pesa cerca de meio quintal e mais algumas libras / como eu próprio testemunhei. Fazem bom negócio com estes dentes, pois a partir deles fabricam-se primorosamente belos cabos de faca e tampos de mesa. Quando caçam elefantes / eles procedem da seguinte forma: como conhecem muito bem o trajecto dos elefantes / até à água / e como cada elefante escolhe o seu caminho / de modo a não impedir que

outro elefante prossiga o seu / ou tenha de desviar-se dele / os negros ou nativos fazem uma grande cova com a profundidade de dois homens / e depois tapam-na com árvores velhas. Quando os elefantes se dirigem para a água / caem no buraco / e logo que os responsáveis por aquelas armadilhas / que se encontram à espreita à distância / os vêem / acorrem rapidamente ao local / e matam-nos com as longas flechas / a que chamam hasagaya [assegai]. É assim que obtêm o marfim ou os ossos de elefante. A cauda deste animal é levada e vendida em países longínquos / onde é utilizada para fazer colares e enxota-moscas. Estes pêlos [da cauda] são tão grossos / como arame de ferro / e com eles os angolanos fazem os mais belos cestinhos / dificilmente igualáveis em todo o mundo.

O cobre provém do interior distante / e é encontrado sem dificuldade. Eles fundem-no / e fazem anéis / que podem pesar 1, 2, 3 ou 4 libras / e que eles trocam por ferro / tecido de lã / azul / vermelho / amarelo / verde / bem como por berimbau / e corais de vidro [corais falsos ou almandrilhas] / pelas quais pagam muito bem. É que estas coisas constituem os ornamentos mais estimados pelas mulheres / e elas usam tantos e tão pesados corais nos braços e nas pernas / que eu não conseguiria carregar um tal peso durante muito tempo.

Estes povos / ou estes seis reinos / uma vez que todos eles estão sob a autoridade de um chefe superior / chamado Manna Loanga / têm também uma religião / se é que se pode chamar religião àquilo. É que eles crêem (o que é aterrador de dizer / e de ouvir) no satanás malvado / a quem chamam Magüschy / e a quem satisfazem todos os desejos / que lhes são transmitidos por intermédio dos seus sacerdotes ou padres. Estes são os criados e os intermediários entre essa pobre gente e o diabo / e dão-lhes um nome semelhante ao de um rei ou de um chefe / nomeadamente Manna Magüschy. É também bastante surpreendente / que eles tenham leis tão severas contra os feiticeiros / não chamados Manna / que fazem com que eles matem todos esses feiticeiros. No entanto, o Manna Magüschy é liberado pelo rei. Eles podem adquirir quantas mulheres quiserem, onde quiserem / mas não as tratam de forma diferente / de como os escravos são tratados em Espanha e noutros sítios. São elas que têm de trabalhar o solo / e fazer outros trabalhos pesados, enquanto que os homens apenas cultivam a vinha / e recolhem de manhã e ao fim da tarde o vinho das árvores. Durante o resto do tempo, jogam e bebem. Outros, que são os seus artesãos / fabricam o dinheiro e o vestuário. Porém, os mais velhos / que já não conseguem andar ou ver / têm de accionar o fole para os ferreiros / e ganhar deste modo o seu sustento. Não existem ali mendigos / pois todos aqueles que têm saúde / não têm carências. Há algo que não pode ser esquecido / existem muitos nobres em Bansa Loanga / devido ao facto do rei ter tantas mulheres. Estes são extremamente vaidosos e usam um vestuário esplêndido à sua maneira: especialmente na corte do rei / onde se reúnem diariamente / e de onde saem com uma postura singularmente grave. Todos eles costumam ser precedidos por três ou quatro pagens ou rapazes / a que chamam *malechy* / com

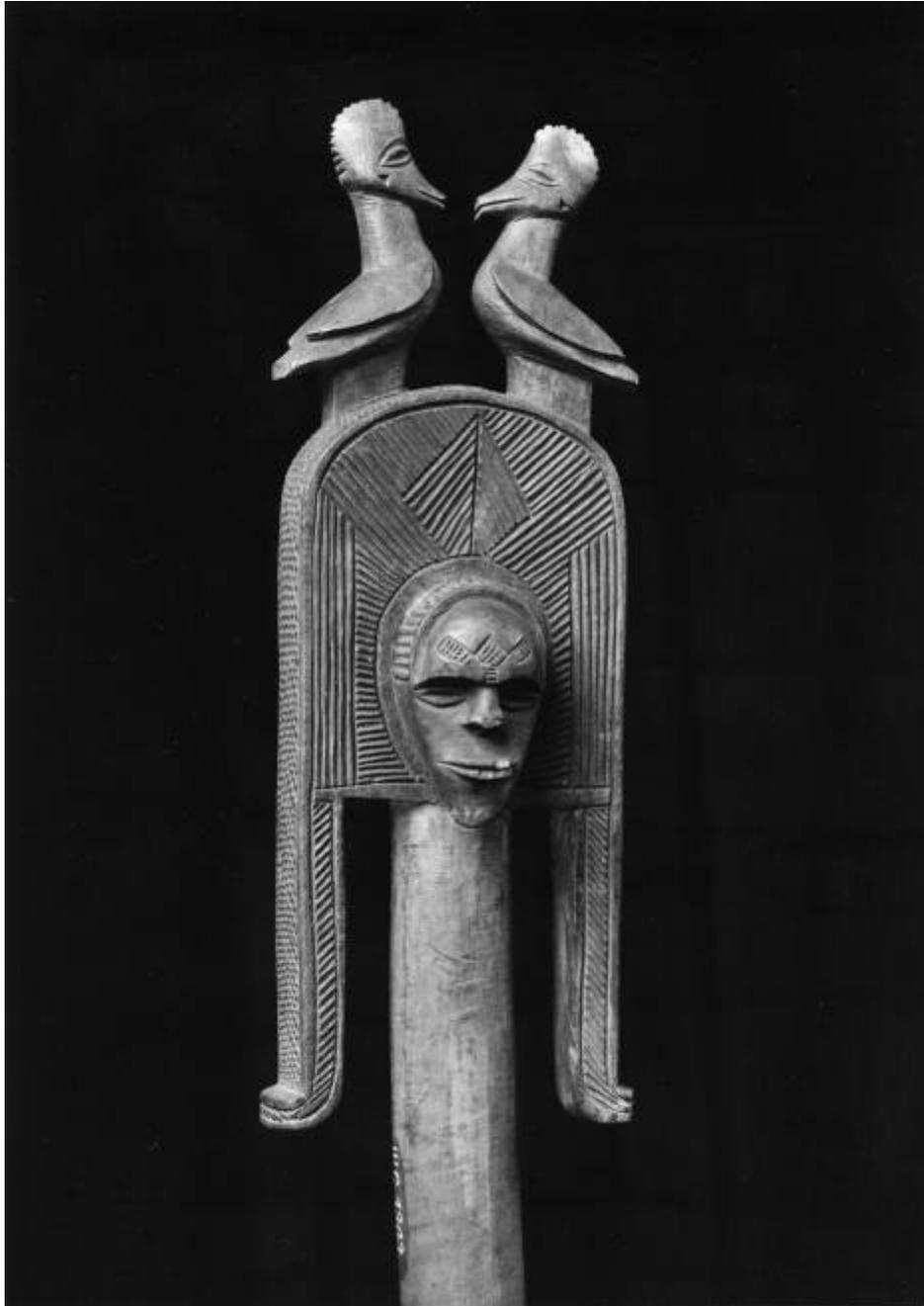
um pano grande / feito como uma tapeçaria. Estes posicionam-se de um lado e de outro e dois deles carregam leques / com que abanam ou arejam o seu senhor. Os escravos seguem os seus passos / transportando três ou quatro *callabassa* [calabaças] com vinho / (este é o nome dado aos vasos ou recipientes por onde bebem e que crescem por ali / com uma bela cor amarela como ouro por fora e, por dentro, de um branco lindo como a prata.) Então, quando vão à corte do rei / estendem o pano no chão em frente à corte / e aquele que tem um estatuto mais elevado senta-se no meio / enquanto que os escravos e os servos se sentam à sua volta. Deste modo reúnem-se muitas vezes duzentos ou mais nobres / que juntamente com escravos e servos perfazem cerca de três mil homens. Todos eles são gente meritória e valente com uma estranha forma de apresentação. Quando comem juntos / não se sentam em cadeiras / mas sim no chão / com as pernas cruzadas como os tanoeiros. E enquanto conversam uns com os outros / os rapazes ou servos vão dando aos respectivos amos um gole da calabaça. Contudo, o rei só sai três ou quatro vezes por ano da sua corte / altura em que concede uma audiência a qualquer pessoa. Senta-se como os outros, apenas com o seu Manna Magüschy / que / quando serve uma bebida ao rei / grita para o povo / e diz que todos aqueles / que virem o rei beber / terão de morrer. Ao ouvir isto / eles [os súbditos] prostram-se de cara no chão [e assim se mantêm] / até ele acabar de beber: em seguida levantam-se novamente / e batem palmas / dizendo na sua língua: “Sackarella sackarella Manna Loanga”, o que significa: “O rei na Loanga agrada-nos”. Isto dura até à noite / quando chegam os guerreiros do rei com tambores e trompas / o que causa um grande barulho e tumulto. Porém, se inadvertidamente um deles vir o rei a beber / terá de morrer pouco depois. O rei é então untado com o seu sangue / como se isso restituísse ao rei a sua honra / que lhe fora tomada pelos espectadores. Eu mesmo vi / como um filho do próprio rei, de nove anos / se levantou do chão / se agarrou ao braço do pai, talvez por amor / e o viu beber: imediatamente Manna Magüschy disse: “Esta criança tem de morrer”. Foi o que aconteceu. Na presença do pai o crânio dela foi golpeado com um cutelo / e o Manna Magüschy untou o braço do rei com o sangue da criança abatida.

Há que referir também que / quando morre um fidalgo da nobreza do rei ou o próprio rei / cria-se um tal medo e angústia entre os parentes mais próximos / que frequentemente também são feiticeiros / que logo que alguém morre / os seus melhores amigos gritam: “Eu quero morrer com ele”. Quando porém alguém não o faz de boa vontade / consideram-no um caçador do diabo / e então o medo aumenta. E quando acusam alguém [de causar essa morte] / não possuem outro testemunho ou fundamento / que não seja dirigirem-se ao satanás / o qual lhes dá uma bebida / chamada *gomba* / para ser administrada ao acusado. Se a pessoa que toma a bebida se encontra na condição correspondente às acusações [*i.e.* culpado] / cai imediatamente no chão como se desmaiasse. Se porém for inocente / tem de verter águas ou urinar / e [a bebida] não lhe faz mal.

Mas o culpado é logo sovado até à morte / e os seus membros são despedaçados e cortados de forma aterradora.

As razões que os levam a morrer juntamente com o grande senhor / são as seguintes: o diabo aponta, por intermédio dos seus servos, os sacerdotes / um motivo em que o povo acredita facilmente, ou seja: que quando morrem / entram logo num novo país / onde eles serão os senhores / tal como dantes ou ainda maiores / e onde os indivíduos mais importantes ao seu serviço / têm de continuar a servi-los. Quando morre uma pessoa dessa estirpe / aqueles que também deverão morrer / fazem um banquete segundo as suas tradições: reúnem todas as pessoas de estatuto elevado / indicando-lhes as razões do seu procedimento. Quando estes são informados [dessas razões] / tecem louvores [àqueles que vão morrer] enquanto amigos leais e bons servos / e partilham a refeição de despedida entre si. Quando chega a hora / Manna Magüschy traz uma bebida / e serve-a a quatro ou cinco convivas / acompanhados de dez ou doze escravos / e por fim aos seus sacerdotes e mulheres. Estes sucumbem no mesmo momento àquela bebida / feita do suco de raízes / morrendo imediatamente.

Não quero aqui falar de outras cerimónias e costumes / que de qualquer forma seriam demasiado longos. Gostaria apenas de assinalar / que esta gente é circuncisada / tal como os judeus e os turcos. Nas suas casas têm todo o tipo de coisas do diabo / que utilizam no culto ao demónio / e para fazer sacrifícios com vinho / que eles derramam no chão em frente às imagens. Também têm umas casinhas, aqui e ali, chamadas maggasethi / ou seja / casinha do diabo / onde o satanás vem / sempre que é convocado por eles. Estas casinhas são feitas à semelhança das suas casas / e apenas se distinguem destas pela existência de uma parede e de uma pequena porta. Também sacrificam pessoas / da seguinte forma: quando alguém adocece / promete ao diabo oferecer-lhe um dos seus escravos / uma promessa que é cumprida. Começam por matá-los de modo cruel / após o que os deitam no maggasethi / até que o demónio os leve. Quaisquer outras promessas feitas a satanás, são fielmente cumpridas. Isto no que respeita ao reino de Bansa Loanga.



4 Coleção M. Buchner: "Cetro esculpido. Malange". Songo. Etnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 1303

MAX BUCHNER

Max Buchner nasceu no dia 25 de Abril de 1846 em Munique. Depois de ter terminado o curso de Medicina na sua cidade natal, fez aí o doutoramento, em 1870, com uma dissertação intitulada “Über Pyämie” (Sobre Piemia). Participou na guerra franco-alemã como médico voluntário. Seguidamente, a partir de 1872, foi, durante algum tempo, médico de bordo ao serviço da firma Norddeutscher Lloyd, na rota para Nova Iorque ou Baltimore. Em 1873, tornou-se médico assistente de 1ª classe na marinha mercante. Como se descobriu que ele tinha entrado num duelo, Buchner teve de cumprir uma pena de prisão no ano seguinte, em Magdeburgo. O seu vizinho de cela foi Hermann (von) Wissmann*, que ali cumpria a sua pena, pelo mesmo motivo. No dia 8 de Fevereiro de 1881 voltarão a encontrar-se em Malanje. Em 1875, Buchner assumiu o cargo de médico chefe num navio inglês de emigrantes e de médico responsável pelos doentes em quarentena na Nova Zelândia. No mesmo ano, realizou viagens às ilhas Fiji e ao Havai, antes de voltar à Alemanha, em 1876 (Max Buchner: *Reise durch den Stillen Ozean [Viagem pelo Oceano Pacífico]*. Breslau 1878). O seu prazer em viajar e o seu interesse por mundos desconhecidos levaram-no entrar em contacto com a “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland (Sociedade Africana na Alemanha)” que o enviou à Lunda (aos Rund), no encalço de Paul Pogge*, com um presente do “Kaiser” para o Mwant Yav, na esperança de que ele tivesse mais sorte do que o seu antecessor e que conseguisse, a partir dali, penetrar mais para Leste e Nordeste. Para além disso, a sociedade esperava dele (e de Otto Schütt*) uma proposta referente a um local apropriado para a instalação de uma “estação no interior, de preferência num local afastado e desconhecido” (*MAGD I*, 1878-1879: 58).

Depois de Buchner ter estudado Geologia em Munique, sob orientação especializada, e observação astronómica em Berlim, deixou Hamburgo a 19 de Outubro de 1878, em direcção a Lisboa. A 5 de Dezembro chegou a Luanda (Angola). A partir dali, partiu no dia 20 de Dezembro de navio a vapor, seguindo a rota usual, pelo Kwanza acima até ao Dondo. Passando por Pungo Andongo, alcançou Malanje no dia 30 de Janeiro de 1879. Aí, teve muitas dificuldades para contratar um número suficiente de carregadores. O facto de ele não ter conseguido encontrar um intérprete competente, versado em línguas, reflectiu-se de uma forma especialmente negativa nas suas pesquisas posteriores. Os preparativos para a viagem, para os quais o regresso de Otto Schütt do interior lhe foi muito útil, custaram ao inexperiente Buchner um tempo excessivo, pelo que ele só pode partir de Malanje a 22 de Julho, com uma comitiva de pelo menos 160 africanos (120 ao seu serviço e 40 Ambaquistas, que queriam fazer negócios por conta própria, pelo caminho). Seguindo uma rota meridional, sem passar por Cassange e desviando-se da localidade e do potentado de Quimbundo, a viagem continuou pelo território dos Songo,

Minungo e Cokwe. Visto que o trajecto de Pogge de Quimbundo até aos Lunda lhe estava vedado devido à guerra, Buchner escolheu um outro itinerário que lhe fora aconselhado e que partia de um local a Ocidente de Quimbundo em direcção a Norte. No dia 11 de Dezembro de 1879, chegou finalmente, de “excelente saúde”, a Mussumba (*musumb*), a capital e residência do reino ou “commonwealth” dos Lunda. Esta cidade já não era a mesma que Pogge tinha visitado. Situava-se a um dia de viagem mais para Ocidente e contava “aproximadamente com cerca de 2000 habitantes” (cf. Pogge). Era constituída “por vários grupos de aldeias e quintas, os quais se espalhavam por uma vasta área nas encostas de um verde e ameno vale. O centro era formado pela residência do rei, a ‘kipanga’ (*chipang*) situada sobre uma saliência da elevação, um grande quadrado ladeado por alamedas de árvores, entre as quais sobressaía o grande e descomunal telhado de colmo cónico do palácio de audiências, o orgulho arquitectónico de Mussumba.” (Buchner 1882a: 80)

Passado pouco tempo, verificou-se que também Buchner não conseguiria a autorização para prosseguir viagem em direcção a Leste ou Nordeste – ele tinha a intenção de chegar a Zanzibar, na costa oriental, por Nyangwe. Depois de uma estadia de seis meses, que decorreu sem incidentes graves e durante a qual Buchner se dedicou às suas múltiplas tarefas de pesquisa, não lhe restou outra alternativa senão, em meados de Junho de 1880, fazer-se ao caminho de regresso. Uma vez que, ao contrário de Pogge, ele tinha conseguido conservar ainda cerca de dois terços das suas mercadorias, sentia-se pronto para outros empreendimentos. Mas todas as tentativas para avançar em direcção ao Norte e, contornando o território lunda, alcançar territórios desconhecidos, situados para além da região dos Luba, fracassaram. O caminho seguido por Buchner levou-o, primeiramente, aos Tukongo (Kongo do Cassai) e aos Shinje. Depois de uma estadia de um mês junto do Kahungula Mudaba (Caungula Muteba), do Lôvua, sem conseguir obter aí o guia solicitado para chegar ao Mwata Kumpana (ou Muata Cumbana, que Hans Müller viria a alcançar em Setembro de 1884), Buchner iniciou, contra a sua vontade, a viagem de regresso pelo Sudoeste, atravessando o Cuango para Cassange, para junto dos Mbangala.

No dia 28 de Fevereiro de 1881, Buchner chegou novamente a Malanje com apenas oito acompanhantes fiéis. Depois de ali ter descansado das estafas sofridas neste “deserto imenso cheio de fome e miséria” (1888a: 2), regressou à costa, a pé, pelas plantações de café de Golungo e Cazengo e, no fim de Agosto, chegou de novo a Luanda. Aqui apresentou, a 1 de Setembro, um primeiro relato sobre o decorrer da sua viagem de exploração à *Sociedade Propagadora de Conhecimentos geographico-africanos*. Entre os presentes encontrava-se também o primeiro secretário da sociedade, Henrique Dias de Carvalho, que viria, apenas alguns anos mais tarde, a chefiar ele próprio uma grande expedição ao reino dos Lunda (1884-1888). Antes de iniciar definitivamente a viagem de regresso a casa, Buchner realizou uma pequena excursão ao Congo. A partir de

Banana, que alcançou no dia 6 de Outubro de 1881, e onde encontrou os missionários Augouard, Comber e Grenfell, viajou rio acima, por Boma, até às estações de Vivi e Isangila. Mas como também não conseguiu aí o apoio necessário para mais um avanço para o interior, foi novamente obrigado a desistir dos seus planos ambiciosos. Não atingira o objectivo primário de alcançar uma zona de África desconhecida dos cientistas europeus, pelo que mais tarde, ele próprio se referiu esta viagem como uma “viagem de exploração fracassada” (1914/15: 344). Apesar disso, esta viagem foi em muitos aspectos um acto científico pioneiro, de modo que hoje em dia podemos julgá-la de uma forma diferente.

No dia 13 de Janeiro de 1882, Max Buchner estava outra vez em Berlim. As suas colecções que ele havia já enviado antes do seu regresso e entre as quais se encontrava também a sua colecção etnográfica, com peças hoje certamente consideradas insubstituíveis e de valor incalculável, tinham-se perdido na viagem para a Europa, num naufrágio no canal da Mancha. As poucas peças etnográficas levadas pessoalmente por ele encontram-se hoje nos museus de Etnologia de Munique e Berlim (ver imagem 4). As suas fotografias (pelo menos 60), trazidas com tanta precaução e cuidado (ver texto 2) parecem não ter perdurado no tempo. Só uma única fotografia (da “*lukokessa*” ou *rukonkesh*) dessa viagem de exploração, a primeira fotografia que possuímos do reino dos Lunda, foi publicada, ficando assim conservada para a posteridade. Uma outra, de uma rapariguinha de Malanje, conhece-se apenas através de uma gravura na obra *Völkerkunde* (Etnologia) de Ratzel (1895, II: 227). Buchner também não chegou a concretizar os seus planos de reunir os resultados científicos da sua pesquisa em forma de livro. A maior parte dos seus artigos publicados no decorrer dos anos, nos mais variados jornais e revistas, são hoje de acesso difícil e têm um carácter predominantemente popular ou semi-popular. São frequentemente resultantes de palestras. A sua viagem não foi, por isso, alvo da mesma atenção que as de outros exploradores do seu tempo.

A segunda viagem de Max Buchner a África não o levou novamente ao Congo, como estava planeado, mas sim à África Ocidental, na companhia de Gustav Nachtigal, com o propósito de organizar, nas vésperas da Conferência de Berlim (1884/1885), as colónias alemãs de Togo e Camarões. Em 1884, Buchner firmou, juntamente com Nachtigal, o acordo de protecção ao Togo e foi nomeado por ele comissário imperial interino nos Camarões, em 14 de Julho desse ano, um cargo que teve de abandonar já no dia 17 de Maio de 1885, por motivos de saúde. Antes disto, ainda levou a cabo uma expedição com Nachtigal às montanhas dos Camarões. (Ver sobre este período da sua vida Max Buchner, *Kamerun. Skizzen und Betrachtungen [Camarões. Esboços e considerações]*. Lipsia 1887 e *Aurora colonialis. Bruchstücke eines Tagebuchs aus dem ersten Beginn unserer Kolonialpolitik 1884/85 [Aurora Colonial]*.

Fragmentos de um Diário dos Primeiros Passos da nossa Política Colonial 1884/85]. Munique 1914.)

Em 1887, teve lugar a sua nomeação para director do Museu de Etnologia de Munique (como conservador das colecções etnográficas), para a qual um parecer de Friedrich Ratzel foi determinante. Uma grande viagem de recolha para o museu levou-o, de 1888 a 1890, uma vez mais ao Oceano Pacífico (pela Austrália até à Nova Guiné alemã) e à Ásia Oriental (por Singapura e Java até ao Japão). Em 1892, foi conferido a Buchner o título de “Professor real” pelo príncipe regente Luitpold. Uma última grande viagem de dez meses, realizada no ano de 1893, teve como objectivo conhecer os museus de Etnologia norte-americanos e adquirir objectos para a secção referente à América. Buchner também visitou, nessa altura, a Exposição Mundial em Chicago.

Graves divergências de opinião com detentores de cargos superiores e problemas de saúde levaram à sua demissão e à sua reforma antecipada, em 1907. A 7 de Maio de 1921, Max Buchner faleceu em Munique, sua cidade natal.

Buchner foi um etnólogo autodidacta e continuou a sê-lo posteriormente como director do Museu de Etnologia de Munique. Na expedição a Angola, os seus principais interesses e conhecimentos foram ditados pelas Ciências Naturais, (realizou, tal como se esperava dele, sobretudo trabalhos de Astronomia e Topografia e recolheu para além de colecções etnográficas, colecções botânicas, zoológicas e mineralógicas). As suas descrições mais emocionantes dizem respeito a paisagens. Foi apontado com razão que, dada a sua condição de amador na área da jovem ciência da Etnologia, Buchner não teve qualquer importância (Smolka). No entanto, a qualidade das suas observações e pesquisas etnológicas deve ser considerada francamente superior à do seu antecessor Pogge. Como Buchner tinha um interesse especial pelas línguas (ver texto 1), tendo aproveitado a sua estadia na Lunda para, entre outras coisas, se familiarizar com a língua local, as suas informações (infelizmente escassas) neste âmbito são também mais dignas de confiança.

As impressões e notícias mais imediatas da expedição de Buchner ao reino dos Lunda são expressas nas cartas que, pelo caminho, escreveu à “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland” (Sociedade Africana na Alemanha), das quais infelizmente apenas uma parte chegou ao seu destino. Baseando-se no seu diário, que tanto quanto se sabe desapareceu, Buchner relatou posteriormente, com mais pormenor e de uma forma mais elaborada, determinadas etapas desta viagem e temas específicos, como a audiência com o Mwant Yav, descrevendo em versão corrigida, a alegada crueldade deste ou um dia na residência do mesmo. Outros trabalhos, na sua maioria posteriores, são fortemente generalizantes, centrando-se “nos negros”, “nos Bantu” ou “nos negros bantu, mas baseadas (de forma perceptível) quase exclusivamente em impressões, experiências ou informações específicas das regiões visitadas na sua primeira

viagem a África. Com a distância temporal em relação aos problemas maçadores, desilusões e canseiras da expedição e com a aquisição de novas experiências pessoais, processa-se uma clara reavaliação, principalmente no que respeita à opinião de Buchner sobre os africanos, o comércio de escravos e a soberania colonial alemã.

Durante o caminho predominavam as opiniões globais negativas. Por todo o lado, Buchner constata apenas a existência de “uma corja de negros sujos e barulhentos”, de uma “plebe preta”, “impertinente, pedinchona, insaciável, avarenta, desconfiada”, com uma serenidade despreocupada. As amizades duradouras entre eles eram impensáveis, o baptismo de um africano em Malanje processava-se “sem dignidade como tudo o que diz respeito à raça negra” e “todos os negros mendigam, constantemente, junto daquele que não os trata aos pontapés, de acordo com o costume da terra”. Um determinado africano era um “patife mentiroso, como todos aqueles que eu tive a honra de conhecer”, a “vilania” era “uma característica de todos os negros sem excepção e possivelmente dos povos naturais em geral”, e enquanto Buchner reconhece nos Mbangala uma “raça muito digna”, os Lunda são para ele uma “raça inferior, entregue à imoralidade”. Mas, quase em simultâneo, Buchner constata, decisiva (e repetidamente) “que os chamados selvagens estão na realidade muito mais perto de nós do que até agora se quis admitir. O facto de as diferenças somáticas e psíquicas entre as várias raças humanas serem na verdade mínimas, tornar-se-á, em sua opinião, cada vez mais explícito, a partir do momento em que se comece a estudar as raças estrangeiras sem preconceitos. Tornar-se-á progressivamente mais evidente que também os selvagens escuros possuem todos aqueles dons da inteligência, que gostamos tanto de monopolizar para nós, possivelmente até num grau de desenvolvimento não muito inferior – e a *unidade do género humano* revelar-se-á cada vez mais como uma verdade triunfante.” (1883f: 46, ênfase M.B.)

Os africanos, “como aliás todos os selvagens, são crianças grandes” para Buchner (1884e: 9-10) – um lugar comum, que irá subsistir durante muito tempo. De acordo com a visão evolucionista do mundo então dominante, eles encontrar-se-iam ao mesmo nível dos nossos antepassados mais remotos, não podendo apenas “dentro de uma ou duas gerações atingir o nível dos europeus contemporâneos” (1883i: 110). Os negros são também comparados por Buchner “às nossas ditas camadas mais baixas do povo”, em relação às quais “quase não ficam atrás” em termos de inteligência e espírito e que eles superam largamente no que diz respeito “à esperteza e astúcia” (1886a: 198). “Quanto melhor conhecemos os ditos selvagens, maior é o nosso interesse por eles e a consideração que temos pelas suas capacidades e, especialmente, a raça africana revela, perante observação atenta, possuir enormes talentos, infelizmente mais orientados para uma frivolidade artística, do que para uma seriedade produtiva. [...] Eu não hesito em afirmar que em tudo o que diz respeito à fineza e

decência, à elegância e dignidade de comportamento, o negro, na maior parte das vezes, mostra instintos mais finos do que o indivíduo médio das nossas classes inferiores. As obscenidades maldosas, o prazer da injúria ou a maldade pura, que não deixam de ter um papel importante para a plebe europeia, são-lhe praticamente desconhecidos.” (1886/1887: 384). Também a afirmação de que os africanos são detentores de uma fealdade específica é terminantemente rejeitada por Buchner. “No que respeita à formosura do homem, este é nitidamente superior a nós, mas, em compensação, a sua metade feminina revela um pequeno défice” (1884d: 146). Apesar de toda a “arrogante sobrevalorização da nossa pele branca”, “o estatuto de maioridade total no sentido europeu da palavra” não pode com efeito “ser atribuído ao africano. Mas ele não é menor, no sentido de toda a raça possuir uma inferioridade geral comum, mas sim, no sentido de imaturidade, aquela imaturidade que caracteriza também as nossas camadas populares mais baixas e que, pela influência desditosa do apostolado da igualdade, faz com que também estes se tornem tão exigentes como inúteis.” (1886a: 198). Buchner não excluía de maneira nenhuma a hipótese de que “no terceiro milénio vindouro, viesse a caber ao negro africano a chefia das raças.” (ver texto 5)

O explorador reflectiu igualmente sobre a ideia que os negros pudessem fazer dos brancos: “Eu acho que, a impressão que nós lhes causamos também é bastante cómica, mas não é de modo algum igualmente inofensiva. Eu creio que o negro nos considera uns seres estranhíssimos, frequentemente muito engraçados e ridículos, mas muitas vezes também perigosos e maus, tipo duendes. – Ele não tem respeito por nós, mas sim medo.” (1886e: 220-221). Da mesma forma, Buchner está consciente de como preconceitos europeus ligados a condições de viagem específicas, podem levar a dificuldades de comunicação profundas: “Gostamos do preto pela sua graça, ao mesmo tempo que o odiamos pela sua vilania. Desta discrepância de sentimentos, conjugada com o calor, a febre e as privações, resulta então frequentemente essa violência nervosa, que o novato em coisas africanas não compreende, até ele próprio, com o tempo, se tornar violento e nervoso.” (1886e: 220)

A rejeição determinada de Buchner em relação à igualdade de direitos para todos os africanos, que ele considera uma “estupidez suicida” que os “nossos descendentes irão expiar e amaldiçoar” (1887g: 78), resulta das suas ideias de cunho darwinista sobre “a luta pela sobrevivência”, que inicialmente fundamentaram as suas ideias coloniais (texto 5). Se, nos anos oitenta, Buchner já tinha questionado de forma polémica determinados aspectos do movimento colonial, posteriormente o seu tom ainda se tornou mais mordaz e crítico, principalmente em relação aos colonizadores alemães: “Os crimes brutais e a estupidez de alguns jovens conquistadores de relevo, que se lançam à aventura todos entusiasmados, pertencem à história e não precisam de ser descritos novamente. Com este potencial humano, o máximo que se consegue é cultivar

revoltas. O cúmulo do ridículo, demonstrado em 1893 pelo funcionalismo prussiano nos assaz maltratados Camarões, aos seus contemporâneos surpresos, é impossível de ultrapassar. Tratou-se de uma ironia cruel. Primeiro compraram escravos (mentindo que os compravam ‘para os libertar’), depois trataram-nos tão estupidamente que eles tiveram de se revoltar, expulsando da cidade o aparatoso governo, com as espingardas do ‘Kaiser’. E chamavam a isto ‘tropas protectoras’. Seria este o verdadeiro espírito alemão, que se tinha proposto resolver os problemas sociais em África e noutros locais, de acordo com o seu próprio juízo e com muito mais compreensão do que os ingleses e franceses, holandeses, espanhóis e portugueses? Esta solução teve um preço elevado [...] O nosso sucesso foi tão grande e afortunado que somos odiados em todo o lado. [...] Nenhuma outra nação cospe casualmente tanta maldade e arrogância grosseira, sobre o resto do mundo. [...] Tornámo-nos orgulhosos com demasiada rapidez. Ainda há pouco tempo éramos desprezados com razão; agora queremos ser nós a desprezar e ser a primeira nação do mundo, porque temos muitos soldados. E contudo, ainda temos, colado a nós, todo o tipo de tendências nefastas dos bons velhos tempos, como a arrogância e o vício de mandar, quando somos superiores e o espírito do laçao e o gosto pela homenagem, em relação àqueles que nos podem dar um pontapé. E para além do mais, como é grande a inveja rabugenta nos nossos próprios círculos.” (1914: 338-339). Saídas da boca de um alemão, estas palavras eram verdadeiramente inusitadas, em vésperas da Primeira Guerra Mundial!

Nesta altura o julgamento de Buchner sobre os africanos também assume um outro tom: “Os selvagens de dentes afiados, sempre ávidos de sangue e de atrocidades, só existem nas nossas barracas de feira. No seu meio ambiente próprio, até os mais selvagens entre os selvagens são mais agradáveis. Sim, os Papua, os negros e os índios têm geralmente formas de tratamento bastante mais amáveis do que a nossa gente, sendo detentores de um sentido de dignidade natural surpreendentemente bem desenvolvido. O bem e o mal, a beleza e a fealdade, a alegria e a tristeza têm sobre eles o mesmo efeito que sobre nós. A brutalidade e a imundície são também vergonhosas entre eles. A benevolência, o ódio e o desprezo são sentidos da mesma forma em toda a parte. Apenas em relação à profundidade, persistência e aproveitamento das impressões, os povos naturais são menos dotados. A desumanidade violenta só se encontra sistematicamente desenvolvida em níveis superiores. Os pecados mais graves da escravatura pertencem ao direito romano ou à história colonial dos Estados cristãos e a maldade mais infame é monopólio da plebe europeia. Os ditos selvagens são seres humanos muito melhores.” (1895a: 1-2). E noutra passagem: “Os negros estão a um nível bastante mais elevado do que aquele que, na maior parte dos casos, lhes é atribuído pelos brancos e estes raramente possuem um nível tão elevado como o que desejariam ter. As perversidades dos europeus deveriam, por isso, ser sempre tidas em consideração, antes de se falar

mal dos negros. A maior parte dos seres humanos só se tornam críticos quando viajam. Nessa ocasião, até o cidadão mais insignificante pretende ver erros em toda a parte. Então, encontra sujidade por todo o lado, mas em casa, nunca. É o que acontece habitualmente, até nas camadas sociais mais altas, no que respeita à avaliação dos povos estrangeiros e especialmente no que respeita às suas opiniões sobre os negros. É como se os europeus, que encontram tanto para criticar nos negros e tão pouco para elogiar, pertencessem a um mundo completamente diferente, a uma esfera olorosa de perfeição máxima, na qual jamais existe injustiça. Não se consegue pensar numa única crítica que, em muitos casos, não pudesse já ter sido aplicada à velha Europa, em relação à nossa própria nobre raça, até mesmo aos fidalgos.” (1914: 332). Num sentido semelhante, Buchner já constataria anteriormente “que também existem outros costumes, precisamente com a mesma legitimidade daqueles, a que se está acostumado em casa. Isto diz respeito nomeadamente a particularidades militares. Aquela disciplina militar, que faz com que a obediência assuma o carácter de contracções eléctricas, é desconhecida dos povos exóticos e o tom de comando, que lhes é peculiar, só é compreendido no seu país de origem [dos europeus]. Até mesmo os potentados mais cruéis em África e no Pacífico dão as suas ordens com uma serenidade digna e não perdem as estribeiras, se a execução for mais lenta.” (1897a: 88)

A análise reservada e calma não faz o género de Buchner. Mesmo a distância temporal em relação às suas experiências de viagem não impede que frequentemente o seu julgamento continue a oscilar entre a condenação generalizada e a tentativa de compreensão, consoante o tema. Isto inclui, por exemplo, o cliché do “negro preguiçoso”, usual na altura, que ele viu rapidamente confirmado pela sua tentativa gorada, entre outras, de introduzir na Lunda um simples tear. Num outro contexto, o seu julgamento foi mais leve, concedendo que “também nós não trabalhamos por razões morais abstractas, mas por necessidade”, que os africanos visitados por ele teriam necessidades reduzidas e que “perante uma observação mais profunda, também as nossas virtudes sublimes e os nossos sentimentos nobres” não seriam “muito mais do que símbolos da oportunidade” (1883i: 108).

Bastante ambivalente é a opinião de Buchner sobre o comércio de escravos. Por um lado, caracteriza-o como um “abuso horrível”, lamentando, não só a sua existência na região da Lunda, como também a sua própria dependência em relação aos comerciantes que o acompanhavam na viagem. Isto porque, para os carregadores de Buchner, o comércio humano era a “principal atracção da sua viagem”. Por outro lado, ele reconhece a sua impotência para derrubar estas “instituições jurídicas do país” e acalma a sua consciência, convencendo-se de que os escravos libertados por ele seriam logo apanhados e vendidos de novo e de que a sua exportação “para as regiões da costa, para a zona de cultura e civilização [...] constituia o melhor correctivo para o abuso vigente no interior”

(1882b: 807). Pelos “lamentos exagerados e nem sempre sinceros dos sacerdotes ingleses” (1883c: 3228) Buchner só nutria desprezo.

Os chamados “Ambaquistas”, em relação aos quais o explorador mostra mais compreensão num artigo posterior do que ao longo da sua viagem, ainda participavam no tempo dele muito activamente e com êxito nesse comércio. Buchner assinalou a opinião cada vez mais negativa, que os portugueses tinham deles e as presunções dos próprios Ambaquistas em relação a outros africanos ainda muito ligados às suas tradições locais: “Eles olham com desprezo para os selvagens de carapinha, a quem desdenhosamente chamam ‘gentios’”, incitando assim à imitação (1882b: 807). Especialmente importante no contexto deste livro é o reconhecimento por parte de Buchner, de que estes Ambaquistas tiveram uma participação decisiva no sucesso dos exploradores em África, sucessos esses, “que depois determinam a sua fama [*i.e.* dos exploradores] na Europa.” Pois, “desses Ambaquistas provém igualmente uma parte da informação, presente na literatura sobre África, cujo cunho científico agrada aos leitores. Quase todos os nomes das tribos e regiões, rios, príncipes e costumes que ornamentam os nossos livros sobre África, referentes aos vastíssimos territórios da esfera de influência portuguesa, foram transmitidos pelos Ambaquistas aos exploradores, que os registaram. Isto torna a particularidade linguística desses portadores de cultura, que nesta altura era determinante, digna de um exame mais rigoroso.” (1915: 397; cf. texto 1)

Como acontece com trabalhos de muitos outros viajantes por esta parte de África, também os primeiros registos de Buchner são marcados pelos aborrecimentos diários e as discussões constantes com os seus carregadores. A dificuldade em fazer prevalecer os seus interesses em relação aos deles manifestava-se repetidamente. Mais tarde, acabou por encontrar palavras elogiosas sobre o sistema de carregadores em Angola, mas também reconheceu que os seus problemas tinham tido a ver com o sistema e não com a má vontade dos referidos carregadores (ver introdução, cap. 7).

Sobre as circunstâncias da sua pesquisa de campo etnográfica (ver texto 1), linguística e fotográfica (ver texto 2), Buchner expressou-se das mais variadas formas. Para os portugueses, aos quais, contrariamente à maior parte dos seus antecessores, ele passou no geral um atestado positivo, Buchner era suspeito por ser alemão e devido aos presentes imperiais que levava para o Mwant Yav. Temiam-se desejos de anexação – o que, à luz da agitação colonial alemã da altura, não era completamente desprovido de fundamento. Chegou mesmo a afirmar-se que “estaria planeada a fundação de uma colónia penal para sociais-democratas alemães no interior mais longínquo da região lunda [e que] essa colónia se estenderia cada vez mais em direcção à costa, acabando por empurrar os portugueses para o mar.” (1888a: 4)

No interior do território, Buchner teve as mesmas dificuldades que Pogge para convencer as pessoas de que não era comerciante de escravos nem de

marfim. O máximo da compreensão em relação à sua presença está patente na opinião dos Ambaquistas de que ele só queria ir passear (*“passeala ngo”*) (1915: 400). Os equívocos reais ou imaginários de ambas as partes – o interesse legítimo dos povos visitados em não serem “descobertos” nem “analisados” só foi considerado superficialmente – conduziram a muitas limitações e obstáculos, não só, como já foi referido, em relação ao itinerário de viagem, como também, durante a longa estadia de Buchner na capital dos Lunda. No geral, vigorava o ditame de “que quanto mais elevado for o prestígio de uma tribo de negros, melhor sabe defender os seus inresses e mais difícil é de viajar pela sua região. O explorador não constitui excepção neste sentido. As suas intenções idealistas são absolutamente incompreensíveis e ele tem de aceitar sem se defender que, por todo o lado, lhe atribuam o papel de comerciante.” (1883d: 3761)

Assim, também o Mwant Yav parece ter querido sobretudo proteger do intruso estrangeiro o seu monopólio comercial com as regiões vizinhas a norte. O julgamento de Buchner sobre este soberano é particularmente ambivalente. Por um lado, só vê nele um “potentado negro enfeitado simiescamente sem nobreza ou majestade, como eles todos são” (1887a: 781), mas por outro, combateu mais tarde com veemência a imagem, muito frequente entre os europeus, de um déspota cruel e de um saqueador de caravanas arbitrário, uma imagem, em relação à qual as experiências de Pogge não estavam completamente isentas de culpa. Buchner reconheceu que o comportamento do Mwant Yav assentava muito mais num procedimento institucionalizado, feito inteiramente à medida do comércio, no qual as viagens de exploração não tinham lugar: ali vigorava o princípio de “que todas as mercadorias europeias que chegavam a Mussumba lhe pertenceriam obrigatoriamente e [de] que lhe deveriam ser entregues o mais cedo possível, assumindo ele a alimentação dos ditos comerciantes, que tinham de esperar o tempo necessário até que ele os reembolsasse com os seus artigos, escravos e marfim.” (1887a: 781)

Houve ainda uma série de outros problemas que afectaram o sucesso da pesquisa de Buchner: “Aproximadamente metade destas indicações baseiam-se em simples informações que eu recolhi com a ajuda do meu intérprete, pelo que não merecem confiança absoluta. Em primeiro lugar, porque nós os dois só nos entendíamos muito mal, em segundo, porque ele também nunca compreendia inteiramente as línguas dos indígenas, em terceiro lugar, porque frequentemente ele preferia mentir-me, em conluio com os indígenas, e em quarto, porque ainda mais amiúde os próprios indígenas não sabiam de nada.” (1883e: 64-65)

A desconfiança geral em relação aos seus planos foi para as inquirições de Buchner uma barreira quase intransponível. No entanto, através de perguntas aparentemente inofensivas, repetições de tempos a tempos e certo tipo de rodeios, acabou por conseguir uma grande quantidade de informações etnográficas e históricas, das quais se publica aqui, a título de exemplo, o extracto

de um relato sobre o reino dos Lunda, com inclusão de uma lista dos seus reis (que infelizmente não foi conservada em todas as suas variantes) (ver textos 3 e 1). Esta lista foi alvo de uma confirmação extraordinária (ver texto 4).

Também as pesquisas linguísticas de Buchner depararam com barreiras, embora neste caso os motivos não fossem de ordem política: “característicos da boa disposição dos Lunda, eram também os frequentes aplausos alegres que eu obtinha, quando me propunha realizar estudos linguísticos sérios. Enquanto que, junto de outros povos, dos Kioko [Cokwe] por exemplo, este tipo de esforço extraordinário provocava, na maioria das vezes, inquietação, aqui os meus esforços linguísticos eram considerados muito divertidos.” (1884a: 214)

Aliás Buchner dava uma importância especial à investigação linguística (contrariamente à Antropologia Física e, principalmente, à medição do crânio, que estava em voga na altura e cuja instrumentalização ideológica ele atacou veementemente): “Em oposição a esse desconsolo [*i.e.* a medição do crânio] surge uma informação redentora completamente diferente, que na verdade não é antropológica, mas que, por isso mesmo, é ainda mais bem-vinda, mais valiosa interiormente e mais digna de confiança. Esta jóia é a língua, o elemento fundamental do conceito de povo. Após experiências tão más [com a medição do crânio], volta-se com amor e admiração redobrados para este tesouro fiel que nunca deveria ter sido ser menosprezado. A língua faz o povo, a unidade natural da Etnologia, a única coisa que importa, antes de tudo o mais. E era este único bem espiritual, o bem mais elevado, concedido à compreensão humana como apoio, que se pretendia reprimir! E quem é que o pretendia? Os medidores de crânios. Sim, na euforia da sua consciência puramente matemática, até se sentiam suficientemente entusiasmados para afirmarem que o craniómetro tinha ‘aberto uma brecha’ no parentesco entre os povos, determinado pela linguística. Abrir uma brecha! Que insinuação heróica em relação à divertida arte da guerra entre os cientistas.” (1899c: 5)

Buchner tinha, ele próprio, talento para línguas e expressou-se sempre muito positivamente sobre as línguas africanas. Não compreendia o desprezo que os portugueses tinham pela “língua de Ambaca” (o kimbundu) nem a recusa deles em aprendê-la a sério. “Na generalidade, as línguas dos Bantu soam muito bem e são ricas em vocábulos, como por exemplo, o Angola [*i.e.* o kimbundu]. Quanto mais se avança para o interior, mais ásperos são os sons, mais se misturam consoantes nas palavras até que, por fim, na língua dos Lunda deparamos com palavras, que eu pensava terem de se escrever sem vogais. Os comerciantes das regiões costeiras com os seus idiomas bem sonantes consideram, por este motivo, a verdadeira língua lunda extraordinariamente feia e tentam melhorá-la. Essa é a razão, pela qual, tantos nomes geográficos da região da Lunda nos chegaram de uma forma muito diferente da usada no local.” (1883f: 45; cf. também texto 1)

Posteriormente, Buchner expressou-se de uma forma mais esclarecida sobre a situação da sua pesquisa de campo, do que se expressara sob a influência imediata dos seus esforços diários no local (cf. texto 1): “Longe da luta faz-se um julgamento mais calmo. Para o negro, o interrogatório não deixa de ser uma coacção aborrecida, à qual ele responde qualquer coisa, sendo completamente destituído da nossa torturada e pouco prática demanda da verdade. Sobre assuntos que lhe são indiferentes diz o melhor que lhe ocorrer, porque é o mais cómodo; sobre outros assuntos que possam despertar o seu interesse, como por exemplo, o preço de compra de um objecto qualquer, nenhuma informação lhe parece mais oportuna do que uma falsa. Mas além das duas razões nomeadas, o comodismo e a esperteza, existe ainda um outro aspecto que o incentiva a mentir e que é o aspecto cómico que ele vê em todas estas pesquisas. Este é um aspecto que ele tem inteiramente em comum com os europeus. Também os comerciantes brancos se divertem, de vez em quando, a contar histórias enganosas a essas pessoas estranhas que pensam que sabem tudo, o que eu acho muito compreensível e talvez eu próprio o fizesse, se fosse comerciante e não me tivesse tornado também numa dessas pessoas estranhas. Esse tipo de anedotas são perfeitamente inofensivas e não causam prejuízos, se as não registarmos logo no bloco de notas e mais tarde as mandarmos imprimir.” (1883i: 108)

Buchner conhecia as armadilhas, nas quais um explorador superficial e pouco crítico poderia cair e não conseguiu deixar de referir o exemplo do seu antecessor imediato na Lunda: “Pogge, o famoso explorador de África, designa, com total seriedade, no seu livro sobre a Lunda, os negros de calças em Angola, meio cultivados e na maior parte das vezes até cristãos baptizados, de ‘Baptistas’ em vez de ‘Ambaquistas’, como eles na verdade se chamam, devido a Ambaca, a sua terra natal. Quando se ouviu dizer uma vez ‘Baptista’ em vez de ‘Ambaquista’ pode acontecer que nunca mais se ouça outra coisa. A palavra faz sentido, porquê então duvidar?” (1898c: 139). E o próprio Buchner descobriu certa vez que a cerimónia de homenagem a um príncipe alegadamente regressado de terras longínquas, constituiu para o seu pai, o Mwant Yav, “um espectáculo ensaiado só por minha causa, com o qual o Muatyamvo tentara impressionar-me. O referido príncipe residia na Mussumba e não saía da Mussumba há muito tempo. Na verdade, o número das suas mulheres quase não ultrapassava as três ou quatro e os soldados sob o seu comando destinavam-se apenas a esta homenagem fraudulenta.” (1882a: 86)

Quem tiver interesse na história da região percorrida, encontra nas publicações de Buchner uma grande abundância de indicações e de observações singulares. De valor especial são as suas notas sobre o avanço dos Cokwe, principalmente em direcção ao Norte e no interior da região dos Lunda. Buchner mostra-se igualmente receptivo em relação a processos de aculturação (p.ex. dos Cokwe através dos vizinhos Mbangala). Ele considera os Mbangala

“decididamente como um dos grupos étnicos mais interessantes” e lamenta que ainda “não exista a bem dizer uma única descrição deles”, “digna da sua grande importância” (1888c: 323). A sua antropofagia ritual por ocasião da instalação de um novo “Jaga” não lhe serviu, como a outros, para corroborar preconceitos sobre “os selvagens”. Pelo contrário, ele é o único entre os exploradores do século XIX aqui mencionados, que reconhece o seu carácter exclusivamente ritual e que lhe confere o devido valor, ou seja, um valor marginal na respectiva cultura: “A ideia de carne humana não é para os negros, tanto quanto os conheço, menos repugnante do que para nós, mas às vezes sentem a necessidade de se entregarem uns aos outros e de se comprometerem através de uma atrocidade que provoca arrepios de horror. Muitos juramentos e confraternizações têm este carácter, não só, em África, como também noutros sítios.” (1888c: 325)

Buchner aprecia especialmente a música africana com as suas “melodias harmoniosas de um lirismo comovente”. Em compensação, tem pouca compreensão para com questões religiosas. Na sua opinião, falta aos africanos uma “ideia verdadeira de Deus”, o clero é inexistente e, no fundo, a sua religião não passa frequentemente de “um temor assistemático a fantasmas”. Acreditava que, até à data, o que fora escrito sobre a religião africana, por viajantes e compiladores, consistia principalmente em “disparates ridículos e pouco críticos” e que as estátuas e figurinhas expostas nos museus como “ídolos” não tinham “um significado ético mais elevado do que as bonecas nas mãos das nossas crianças” (1886/87: 517-518). Por outro lado, Buchner salientou também que: “Para poder descobrir algo realmente relevante sobre as noções religiosas dos povos naturais, é preciso bastante mais tempo e nomeadamente um rigor crítico muito maior do que aquele de que dispunham alguns relatores.” (1884e: 10). Só podemos concordar com o referido, mas Max Buchner não se deveria ter excluído nesta questão. É precisamente este aspecto que permite evidenciar como, apesar de uma convivência de meses, as suas relações com os africanos (e com todos os outros?) não deixaram de ser muito distanciadas, superficiais e bastante preconceituosas. Os seus julgamentos que no geral são muito arrogantes espelham, muitas vezes opiniões abertamente racistas, mesmo tendo em conta as suas tentativas de relativização, por vezes bastante determinadas (ver texto 5).

Textos

1. “*Die Buchner’sche Expedition*” [*A expedição de Buchner*], 1880-1881: 165-166

[Mussumba, 20 de Maio de 1880:] Enquanto pensei que ainda poderia ter esperança de obter informações referentes à História, Língua e Geografia do

povo lunda, a minha casa esteve sempre aberta e, por essa razão, esteve diariamente ocupada, durante semanas a fio, ininterruptamente por curiosos e mendigos. Agora, fecho as portas e não recebo praticamente ninguém. Um desses kilolo [chefes] é capaz de se colar a nós, durante horas, com o seu séquito, observando com grande divertimento, como eu como e bebo e fumo e escrevo, querendo ver e pegar em tudo com os seus dedos sujos, querendo acender todos os fósforos e pedinchando constantemente todo o tipo de coisas. Eu suporto calmamente a presença dele e do seu séquito e ainda o cheiro desagradável exalado pela pele de tantos negros que nunca se lavaram, porque pretendo interrogá-lo sobre uma coisa ou outra. Porém, verifico quase sempre que ele não sabe absolutamente nada, ou que prefere responder com a primeira mentira que lhe ocorrer, em vez de pensar um pouco. Por fim, o interrogatório acaba por aborrecê-lo e ele começa a bocejar e despede-se. Nos últimos tempos, tenho utilizado por diversas vezes este método para afugentar visitantes importunos, com rápido sucesso. Só conheço aqui um único kilolo mais ou menos informado sobre a sua terra natal. A este, o Schakambunsch [Xa Cambunje], eu pagava 2 jardas por cada lição de geografia, mas agora nem ele comparece, enquanto eu não terminar a minha lista de todos os ilolo do reino dos Lunda (são cerca de 300, mas muitos deles não têm mais poder que os nossos lavradores abastados): é que, mesmo para ele, o mais inteligente de todos, o terrível trabalho de ter de pensar, acabou por ser demais.

Dos Muatyamvos [que governaram] até à data, possuo cerca de 6 listas, todas elas diferentes, embora na História existam apenas 13 Muatyamvos [Mwant Yav] confirmados. O actual [Noéji Ambumba (Mbumb Muteb a Kat), conhecido por Xanama (*sanam* Nawej), 1874 - finais de 1883] é o décimo quarto. Para além da ignorância e da preguiça em pensar, esta confusão deve-se também à grande quantidade de cognomes existentes, bem como às diferentes nomenclaturas referentes a termos geográficos. Assim, por exemplo, algumas localidades são designadas de modo diferente pelos Ambaquistas e pelos indígenas, independentemente do facto de os Ambaquistas pronunciarem a língua lunda, que lhes soa demasiado áspera, de uma forma diferente dos próprios Lunda, procurando embelezá-la de acordo com o seu gosto, nomeadamente através da reinserção das vogais finais elididas. Pronunciado por eles, *Tschiman* soa como “*Kimana*”, *Kayembe mu Guor* como “*Kayembe mu Kulu*”, *Ruru* como “*Lulua*”, *Ruèmb* como “*Luembe*”, *Ruis* como “*Luisa*”. Os *Luba* denominam-se a eles próprios *Márrubb*, no entanto existe também um outro povo no Leste, igualmente denominado *Márrubb*. Não há um único Lunda que conheça o termo *Kauilla*, para designar a Mussumba de Pogge. Apenas um Ambaquista, que já vive aqui há vários anos, afirma que ela se chama *Kauilla*, mas um tipo destes é capaz de viver aqui durante 100 anos, sem reparar que um nome que foi adoptado uma vez, nunca é usado. Em vez disso, a Mussumba de Pogge é conhecida de modo geral por *Kapuek’a mash*, o que significa “local de

sangue”; até mesmo o Muatyamvo, a quem se deve este nome sangrento, lhe chama assim. *Quizimeme* corresponde a *ku Issuamäm*, “junto ao ribeiro Issuamäm”; gostaria de sugerir a ortografia *Kuissuamäm*. Em relação a *Kabebe* não há nada a apontar, o ribeiro junto ao qual se situa, não se chama “*Giba*”, mas sim *Ishib* ou *Ishiba*, e consiste aliás num riacho insignificante, por cima do qual se pode saltar sem esforço; (no final da estação das chuvas tinha apenas a largura de 2 metros e a profundidade de um pé). *Casserigi* deveria ser alterado para *Lashidish*; o primeiro destes termos pertence ao dialecto de Ambakka, no qual o *r* se converte não só em *l*, mas também em *d*.

2. “*Die Buchner’sche Expedition*” [*A expedição de Buchner*],
1880-1881: 175-176

Observações respeitantes às fotografias

Também neste caso se passa o mesmo que com todos os outros resultados dos meus esforços demasiado dispersos. Estes ressentiram-se do facto de eu não ter concedido o tempo suficiente à equipagem e de ter pretendido fazer demasiadas coisas. Os quase 6 meses que aqui passei voaram, não sei como; ócio foi coisa que nunca tive, embora, à excepção dos primeiros tempos cheios de esperança, tenha tido constantemente a sensação penosa de que, na realidade, só consigo realizar um centésimo daquilo que gostaria.

Só a partir de meados de Janeiro, aproximadamente, pude começar a fotografar. Tendo em conta os ensinamentos de Pogge, pensei inicialmente que só poderia tornar pública essa actividade, de forma gradual e cautelosa. Agora sei porém, que os perigos que na altura temia, não existem e consegui pelo menos que o próximo fotógrafo que tiver a má sorte de ser conduzido até ao Muatyamvo, possa imediatamente e sem reservas desempacotar o seu material e dar início à actividade. A fotografia já se tornou moda aqui e provavelmente passará a ser exigida no futuro a qualquer branco.

Das personalidades mais importantes, só me faltam as duas mulheres principais do Muata Yamvo, a moari [*mwari*] e a temena. A vez delas também estava prevista, mas a coisa arrastou-se, o Muatyamvo queria que lhe pagassem por isso, e agora é tarde demais, os meus colódios já não funcionam. As maiores dificuldades que tive foram com o próprio Muata Yamvo. Por mais que eu lhe pedisse para me visitar apenas enquanto houvesse uma boa luz do dia, ele continuou teimosamente a aparecer por volta do fim da tarde, à hora do pôr do sol e geralmente só se convencia a posar para mim, de pé ou sentado, após prolongadas conversações. Uma vez, só consegui que isso acontecesse, porque ameacei retirar-lhe as oito jardas exigidas e já concedidas. O que para mim foi surpreendente, foi o rápido reconhecimento dos retratos que, no geral, eram identificados de imediato, embora as reproduções figurativas bidimensionais não sejam habituais em lado nenhum. Por essa razão, levarei comigo os retratos

do Muata Yamvo e da lukokessa [*rukonkesh*], como talismãs, e também aquele do Nguv, e aconselho os futuros viajantes da sociedade [Afrikanische Gesellschaft in Deutschland (Sociedade Africana na Alemanha)] enviados a esta região, a proceder da mesma forma.

No que respeita ao panorama geral, penso que tenho o essencial daquilo que existe na Mussumba, embora a maior parte esteja em chapas que exigiram ao entalhador grande empenho para as conseguir decifrar. Não existem aqui muitas variedades [de coisas] para reproduzir. Teria sido muito útil para mim, possuir uma torre ou um tripé alto, feito de três árvores finas; ainda tencionei construir uma coisa desse género, mas já não tive o tempo nem a força necessárias, uma vez que os meus negros quase não conseguem pregar um caixote. É um horror, o tempo que se perde com as ninharias mais insignificantes. A ideia inicialmente acalentada por mim, de fazer um álbum completo, teria exigido o dobro do tempo de estadia e o triplo da quantidade de colódio de que eu dispunha. Só agora é que estou informado, só agora estaria realmente apto a começar com toda a segurança. Gostaria muito de possuir também os retratos do Muata Yamvo e das suas duas mulheres principais, bem como da lukokessa e da soanamulund [*nswan murund*], chanceler do selo do reino, para além do pitoresco e colorido povo que constitui o séquito que transporta os chamados grandes, nas liteiras carregadas por 8 homens. Foi assim que eles se apresentaram pela primeira vez, em frente à minha casa, para me fazer uma visita solene. Também gostaria muito de ter fotografado um grande “tetama” [*tetame*, audiência geral], no vasto largo frente ao nsov [“o palácio das audiências da residência real”, ver texto 3], com o Muata Yamvo instalado sob o seu enorme guarda-sol, rodeado dos ilolo e de várias centenas de homens armados, [audiência] a que eu assisti, mas nessa ocasião, a ventania e a chuva fizeram dispersar a animada representação, antes de eu ter conseguido accionar os meus aparelhos. Tal como em relação a tantos outros assuntos, também neste caso tenho de pôr à prova a minha resignação. Agora, que já é tarde demais, o Muata Yamvo quer convocar um tetama, só para eu poder tirar fotografias.

Fiz cópias de quase todas as minhas chapas, da maioria delas [fiz] três. Dessas cópias, envio uma de cada, e mantenho duas comigo, distribuídas por diversas malas. Também separei as chapas do mesmo género e coloquei-as em dois caixotes diferentes que serão confiados a dois carregadores diferentes, pois existem bastantes rios entre este local e Malange. Vou forrar os caixotes das chapas com panos embebidos em seiva de borracha, que mando vir em frascos. Penso que este processo vai dar bom resultado. Também remendei o meu barco com seiva de borracha natural.

3. “*Das Reich des Muatiamvo und seine Nachbarländer*” [O reino do Muatiamvo e os territórios vizinhos], 1883e: 57-61

A principal característica do reino dos Lunda consiste no facto de haver, para além do rei, uma segunda figura de autoridade, a lukokessa, uma rainha que reina, livre e independente, sem ser sua mulher. Também ela tem os seus chefes subordinados, tal como o Muatiamvo. Esta aldeia, por exemplo, pertence ao Muatiamvo, aquela ali à lukokessa. Esta tem também o direito de opinar sobre todas as questões governamentais importantes. Existem pois, no reino lunda, formalmente dois estados e duas autoridades estatais entrelaçados um no outro.

Esta situação invulgar tem provavelmente a seguinte origem. A História dos Muatiamvo remonta ao século XVII e começa com um acontecimento que permite o seu relacionamento com uma data historicamente comprovada. O estado lunda, cujo território se estendia então apenas desde o Kalanii [Calanhi] até ao Kassai, era uma ginecocracia. Nesse tempo, quando a rainha Luesch a Nkunt, a última da sua dinastia, ocupava o trono surgiu um belo caçador de nome Tschibind Irúng vindo do Leste, do país de Mutombo mu Gurr. Não decorreu muito tempo até que a rainha se apaixonasse pelo forasteiro, se casasse com ele e lhe entregasse inteiramente o governo. Isto aborreceu o irmão dela, Kinguri a Nkunt, que já não quis ficar ali por mais tempo e partiu para o Oeste, para lá das margens do Koango, a fim de aí fundar o seu próprio Estado, o do Kassansche. Em consequência disso, envolveu-se num conflito armado com a famosa rainha Schinga [*i.e.* Njinga a Mbande Ana de Sousa] que, segundo a História de Angola, foi baptizada em 1622, no tempo em que João Corrêa de Souza era governador da província, e acolhida no seio da santa madre igreja, com o nome de Donna Anna de Souza. Tanto os Lunda como os Bangala, os senhores do território do Kassansche, possuem conhecimentos gerais bastante condizentes sobre esta génese dos seus Estados e sobre os seus laços de parentesco.

Tschibind Irúng e Luesch a Nkunt geraram filhos e, a partir de então, estes governaram o território segundo o exemplo dos seus pais. Assim, a Lunda passou de uma ginecocracia a uma androcracia.

Mas, para que o antigo domínio das mulheres, certamente ligado a alguns interesses de terceiros, não se extinguisse por completo, criou-se o cargo dignitário da lukokessa, como contrapeso e complemento ao do Muatiamvo. Diz-se que houve lukokessas que, por possuírem maiores talentos, suplantaram de tal forma os Muatiamvos seus contemporâneos, que de facto eram elas que desempenhavam o papel principal no governo. Presentemente, devido aos seus extraordinários dotes de perspicácia e energia, é todavia o Muatiamvo que domina e tanto assim que a lukokessa, embora igualmente dotada de uma inteligência fora do vulgar, mas agora entregue a uma vida muito libertina, perde cada vez mais poder e prestígio. Ambas as autoridades são eleitas de entre os membros da família ou da aristocracia mais alta. Como raramente ou jamais

sucede morrerem os dois ao mesmo tempo, aquele que sobrevive tem uma influência determinante sobre a escolha do outro.

O Muatiamvo possui cerca de 60 mulheres. Por sua vez, a lukokessa tem um marido principal, o Schamoana [Xa Muana], no qual ela pendura todo o tipo de adornos, enquanto que ela mesma anda habitualmente muito pouco enfeitada, e numerosos co-maridos que são trocados com frequência. De acordo com a tradição ginecocrática, o Schamoana, um homem de formas avantajadas, apresentou-se-me da seguinte forma: “Olhe, eu não passo de uma mulher, mas sou a mulher de uma pessoa importante. Por isso mereço grandes presentes etc.”

Depois de ter registado cerca de nove listas diferentes dos reis anteriores, que pouco tinham em comum, optei pela que me foi dada pelo próprio Muatiamvo:

1. Muata Rissenge Naoesch, filho de Luesch a Nkunt e de Tschibind Irúng, morreu na guerra contra Kainiik, o chefe vizinho a Nordeste.
2. Mutáb a Kat a Katéng, filho do anterior e de Kat que era uma das filhas de Katéng.
3. Mukas a Kamin a Irúng.
4. Mulasch oa Kalóng a Kabéi.
5. Mbala oa Kalóng a Kabéi, irmão do anterior.
6. Schatschilemb Jamvo a Muit a Kassáng.
7. Tschikomb a Jamvo, filho do anterior.
8. Dalesch a Tschikomb, filho do anterior.
9. Naoesch a Kamin a Kabéi. Rodrigues Graça esteve com ele em 1846.
10. Mulasch oa Mbala.
11. Jambo a Mukasch.
12. Mutáb a Tschikomb na Kandal a Kamin, filho de Tschikomb e de Kandal que era filha de Kamin, e a quem chamavam Kibuiiri.
13. Schanama [Xanama/*sanam*], o actual, que todavia gostaria ficar para a História com o nome de Noesch a Kat.

O título de “Muatiamvo” que possivelmente surgiu já depois do cargo dignitário provém da aglutinação de “Muata Jamvo”, cuja tradução mais adequada é “Mestre Jamvo”. “Jamvo” é um nome masculino lunda muito comum, que também pode ser usado por pessoas não pertencentes à aristocracia. A palavra “muata” também me é familiar na composição “Muat’ a nsoff”, designação para o guarda que viva no nsoff, o palácio das audiências da residência real, uma pessoa com um estatuto muito baixo. Eu próprio era por vezes tratado por Muata. Entre os príncipes, o termo parece corresponder a uma categoria mais elevada. Neste sentido, diz-se por exemplo Muata Musemvu, Muata Kumpana. Este último, valendo-se da distância segura [a que se encontra], também gosta que o tratem por Muatiamvo Kumpana. O mesmo

acontece com Muêne Putu Kassongo que mora ainda mais para Oeste, segundo as informações publicadas pelo senhor von Mechow*.

Desde que o estado dos Lunda se tornou uma androcracia, começou a alargar o seu território principalmente para o Ocidente em direcção às regiões do litoral. Isto porque já há dois séculos que os reis lunda, com o seu espírito mercantil, ansiavam por trocar, de preferência directamente, os seus próprios artigos principais, escravos e marfim pelas futilidades europeias, pretendendo, por essa razão, reduzir a grande distância que os separava do mar, elo de ligação entre os povos. Assim, com a emigração e a formação de colónias, foram surgindo gradualmente os Estados vassallos do Kahungula, do Muata Kumpana e do Muêne Putu Kassongo, o último dos quais chega até ao Koango, ou seja, quase até ao antigo território português. O próprio Kapende Kamulemba, chefe da tribo dos Schinsch [Xinje, Shinje], esteve outrora sob a autoridade do Muatiamvo. No entanto, encontrou um meio de se libertar e de se tornar independente, submetendo-se em 1850 nominalmente aos portugueses que nesse tempo ainda dominavam Kassansche e que lhe conferiram o prestigiado título de capitão mór dos portos do Coango.

Como é que se consegue manter a unidade de um reino tão vasto e tão escassamente povoado? Para além do natural interesse dos vassallos em permanecerem, por razões de segurança própria, membros do grande e poderoso Estado, o Muatiamvo dispõe de dois meios diferentes. Os chefes subordinados mais próximos são severamente mantidos na linha por uma espécie de polícia. Caso um deles cáia em desgraça, por exemplo, por não entregar o seu tributo a Mussumba várias vezes seguidas, o Muatiamvo envia alguns polícias (tukuata, sg. kakuata) para o matar. E o respeito ao poder do Muatiamvo é tão grande, que meia dúzia de tukuata podem permitir-se agarrar o malfeitor no meio de uma aldeia de 2-300 pessoas, cortar-lhe a cabeça na presença da sua família e levar os respectivos membros como escravos. No que respeita aos chefes que residem demasiado longe para um ataque militar, o Muatiamvo mantém sempre alguns dos seus filhos e outros parentes que ele conseguiu submeter à sua autoridade, como reféns na sua corte. Foi nestas condições que conheci nomeadamente um parente de Muêne Putu Kassongo que, com toda uma aldeia de dependentes e mulheres, ocupava a parte mais a Norte da Mussumba e que já há dois anos vinha requerendo, persistentemente mas em vão, a autorização para regressar à sua terra natal. O apetite do príncipe Muêne Putu Kassongo pelas demonstrações de soberania, que nós conhecemos através do senhor von Mechow, já nesse tempo lhe causaram grande desgosto e presentemente o meu amigo Makall talvez já tenha sido decapitado.

Toda a política do interior africano gira em torno do comércio com o litoral. A história dos antecedentes do presente Muatiamvo Schanama ou Noesch a Kat é um exemplo disso, que também serve para esclarecer a sua invulgar independência e energia.

Criado na corte do seu antecessor, o Muatiamvo Mutāba de cognome Kibuiiri [Muteb a Chicomb, 1857 até 1872 (Buchner); até 1873 ou 1874 (Carvalho)], ele parece ter revelado desde cedo uma extraordinária tendência para todo o tipo de partidas maldosas nomeadamente em relação às mulheres do mesmo e ter cometido diversos delitos que, num regime tão severo como era o seu, talvez lhe tivessem custado a cabeça. Por volta dos anos sessenta, resolveu partir para Tanga [Tenga] junto ao Kassai, ao encontro dos comerciantes do litoral, pelos quais desenvolveu uma tal estima, que os deteve e não deixou mais nenhum chegar a Mussumba. Às repreensões que, por esse motivo, lhe foram enviadas por Kibuiiri respondeu que se declarava livre e independente, que adoptava o título de Muatiamvo e que estava a formar o seu próprio Estado, para o que nomeara até uma lukokessa própria, a actual Ginamoana, mãe da lukokessa Kamin, presentemente no poder. Deste modo, tornou-se um rebelde. Por duas vezes, Kibuiiri tentou amedrontá-lo e subjugá-lo por meio de uma guerra, mas de cada uma dessas vezes, o Schanama matou prontamente alguns acólitos daquele, após o que os outros se puseram em fuga. Perante isto, Kibuiiri não encontrou outra forma de se vingar do bloqueio ao comércio, que não fosse mandar torcer o pescoço a Kat, a mãe do Schanama, que era a sua lukokessa. Isto porque uma lukokessa não pode ser decapitada. Schanama jurou vingar com sangue este terrível acto e parece querer cumprir o seu juramento. Devagar mas com perseverança tem eliminado os acólitos de Kibuiiri, incriminando-os de nutrirem propósitos assassinos contra a sua pessoa e mandando-os executar.

Quando finalmente o Muatiamvo Mutāba Kibuiiri morreu no ano de 1872, um certo Mbala [Mbala Kamong Iswot, 1872 (Buchner), 1873 ou 1874 (Schütt)] foi eleito para seu sucessor. Contudo, formara-se secretamente uma facção liderada pela lukokessa Kamin, sucessora de Kat, que então se encontrava e actualmente ainda se encontra no poder, que pretendia conferir o trono ao rebelde Schanama, para assim acabar com a discórdia, o que em termos políticos era certamente uma ideia inteligente e sábia.

Mal este boato tomou forma, o intrépido e temido Schanama surgiu, com a sua gatinha, antes que os seus inimigos tivessem tempo para pensar em fazer-lhe frente. Mbala, deslealmente abandonado, fugiu. Na opinião de muitos, vive ainda hoje junto ao Kainiik ou ao Kassongo, mas provavelmente foi decapitado por *tukuata* enviados para o efeito.

4. *“Zur Mystik der Bantu” [Sobre o misticismo dos Bantu],*
1896: 163-164

Este nsoff mais pequeno [“elefante”, um telhado cónico assente em postes], o “nsoff a Muatiamvo”, era construído exactamente da mesma forma que o seu modelo de maior dimensão [que funcionava como espaço de audiências], situado na praça principal e chamado “nsoff a Mussumba”. Junto a uma cerca

feita de paus, na qual o escravo de confiança que era o guarda da construção tinha o seu o alojamento, pendia do telhado um penacho com poderes mágicos. Para além deste, só o círculo de terra alisada revelava algo fora do comum. À volta deste, junto à orla exterior e a igual distância uns dos outros, encontravam-se dez jarros de vinho de palma enterrados na vertical, rodeados de sulcos circulares duplos cuidadosamente traçados [no solo]. Todos eles tinham a forma de uma esfera da grossura de um pé e um gargalo cilíndrico. Perante cada um deles, o Muatiamvo indicava-me agora, sem que eu lho tivesse perguntado, o nome de um antepassado, permitindo que eu os anotasse por ordem e tendo até o cuidado inusitado de os ditar de forma lenta e meticulosa. Cada um dos jarros pertencia a um dos antepassados e era abastecido de tempos a tempos com vinho de palma, mas provavelmente nunca com grande abundância. Para além de mim e do meu intérprete, só Mukonga, o impertinente favorito, estava presente. Este homem, o único que se podia permitir interromper o discurso do rei, acrescentou elucidativamente, em relação a cada um, o termo “*mukissi*” (singular) e uma vez o termo “*akissi*” (plural). Eu registei-o atentamente, procurando esconder a minha alegria. Finalmente conseguia aquilo que há tanto tempo pretendia.

Apesar de tudo, não deixava de subsistir uma certa desconfiança. Será que a lista tinha sido preparada expressamente para mim? Isso era possível mas não provável. Como resultado dos meus inquéritos junto de cortesãos mais comuns, eu já possuía outras seis listas pouco condizentes. Conjugando-as de modo crítico, obtinham-se doze antigos Muatiamvos presentes na consciência dos Lunda. Schanama, o Muatiamvo actual, era o décimo terceiro. Assim sendo, porque é que o Schanama só homenageava dez deles com vinho de palma? A explicação era que os dois Muatiamvos imediatamente anteriores tinham sido adversários seus que ele tinha eliminado e que para ele não eram legítimos.

5. “*Unsere Hoffnungen auf Afrika*” [*As nossas esperanças para a África*], 1886b: 385-386

A Europa é a melhor e a mais bela parte do nosso mundo. Mas infelizmente, não podemos permanecer todos neste continente privilegiado, visto que ele já se tornou demasiado exíguo para nós. Temos de sair e explorar também os poucos territórios bons, para podermos sobreviver. Ou, por outras palavras: a política colonial é uma necessidade penosa e não um divertimento. Não é um passatempo para entusiastas, mas somente o resultado de um raciocínio calmo, frio e desapiedado.

[...] O mesmo é válido para toda a humanidade do nosso planeta que avança a alta velocidade pelo universo e que cada vez se torna mais exíguo. Quanto mais a matéria existente assume a forma de seres humanos, menos presente se torna na alimentação. O nome do défice é fome. Nós ainda não nos encontramos

verdadeiramente à beira de devorar tudo. Mas é bom escolher desde já uma posição favorável, antes que isso comece.

Os tempos dourados em que o aumento da população podia ser encarado como uma felicidade terminaram, não só a nível nacional, como também a nível da humanidade em geral. [...]

Os inimigos do colonialismo afirmam, com certa razão, que as colónias constituem actualmente um conceito ultrapassado, que já não vale a pena ter colónias e que até seria muito melhor nunca as ter tido. [...]

No âmbito desta crise essencialmente secular, crescem às diversas dificuldades de uma política colonial outras igualmente novas: primeiro, a difusão de armas de melhor qualidade através da actividade comercial e depois, o próprio humanitarismo. Ninguém pode negar que o humanitarismo, com o seu zelo exagerado, contribuiu para tornar mais confiantes e perigosos os ditos selvagens. Já começa a ser tempo de deixar de encarar essas outras raças com demasiado amor platónico e com insuficiente cautela egoísta. Estamos habituados a apontá-los como inferiores. Mas não esqueçamos que também eles são nossos concorrentes na luta pela sobrevivência e que não é só na Europa que se verifica um desejo constante de ascensão por parte das camadas mais baixas, mas que esta movimentação social impera, em grande escala, em todo o mundo. A verdade é que não podemos parar o curso da História e se, no próximo terceiro milénio, o destino atribuir ao negro africano o comando das raças, não há muita coisa que possamos fazer para impedi-lo. Mas o que não precisamos certamente é de acelerar o processo de autodestruição. Isso representaria uma concessão demasiado grande ao belo amor ao próximo. Os distúrbios do Machdi [Mahdi] no Sul do Egipto, a guerra dos cafres, a catástrofe dos italianos em Harrar, a sublevação indiana, o Afeganistão, Tonkin e Birma constituíram apenas o início de uma luta de raças generalizada, à qual se seguirão outros acontecimentos idênticos de proporções ainda maiores.

Não existe uma única colónia, ou um único Estado, que tenha crescido sem cometer pecados contra o belo amor ao próximo. O chamado humanitarismo permite manter colónias durante um certo tempo, mas não permite criá-las. Os felizes proprietários podem falar à vontade quando proíbem aos outros os pecados que lhes permitiram enriquecer.

Um inimigo não menos relevante da política colonial é, em quarto lugar, o entusiasmo. Este divertido anuviamento do discernimento saudável levou a que já não se possa fazer afirmações sérias sobre África, sem primeiro ter procedido a uma limpeza de todo o palavrorio que foi proferido sobre este novo Eldorado. No continente obscuro dormita, por exemplo, a ideia tão popular da “riqueza em tesouros desconhecidos”. Que termo delicioso! Significa mais ou menos o mesmo que a riqueza de um pobre diabo. Tentem consolar um indivíduo faminto e enregelado com palavras deste género: “Tu és muito rico, nos teus bolsos há imenso dinheiro. Só que tu não o sabes. E, quanto mais procurares e

não encontras, mais rico és.” Parece loucura. Contudo, os entusiastas de África podiam proferir impunemente este tipo de balelas. Por isso, não admira que nós contássemos com os “incríveis mercados” que aí se abriam para nós e com o “potencial de consumo de incontáveis milhões de negros”. É verdade que a África tem, sem dúvida, um potencial de consumo; o negro aceita tudo o que se lhe oferece. Subsiste apenas a grande questão de saber o que ele pode fornecer em troca. Não há dúvida de que em África existem potenciais zonas de mercado. Mas os mares, que constituem três a quatro quintos de toda a superfície terrestre, também são zonas de mercado. Basta atirarmos para lá os nossos produtos. Só que as zonas de mercado por si próprias têm muito pouca utilidade para a nossa indústria, se não forem também zonas com capacidade para pagar. E África não é uma zona com capacidade para pagar e para dar lucro. Talvez possa vir a sê-lo, mas só lenta e tardiamente.

A “riqueza em tesouros desconhecidos” consiste em parte em metais e pedras preciosas e em parte numa extraordinária fertilidade do solo. O que até hoje temos ouvido dizer acerca desses dois materiais agradáveis, ainda não ultrapassou a condição de afirmações ocas, com excepção para o *hinterland* da Costa do Ouro e para os campos de diamantes sul-africanos. Não é possível falar com alguma seriedade da existência de minerais preciosos em África, fora das referidas regiões, porque nada sabemos sobre o assunto.

A grande fertilidade do solo africano é também um dos tópicos mais ociosos que alguma vez serviram para fazer disparates. Esta é mais uma questão sobre a qual não sabemos o suficiente para podermos fazer um juízo firme e em que o pouco que sabemos, antes nos faz supor o contrário. Isto aplica-se em especial ao solo vermelho rico em laterito que cobre quatro quintos de toda a África tropical. Creio que fui o único viajante que trouxe amostras de laterito e que providenciou a realização de análises químicas a essas amostras. Estas demonstraram uma escassez acentuada de fosfatos, um elemento tão necessário ao crescimento dos cereais. Daí que os cereais desempenhem um papel secundário na alimentação dos negros, sendo substituídos por bananas e raízes de mandioca. As gramíneas africanas reproduzem-se quase exclusivamente através de rizomas e só em casos excepcionais através de sementes. O interior de África é em grande parte uma região de fome, que jamais poderia alimentar populações muito densas e na qual mesmo as poucas tribos dispersas levam uma vida nómada, em constante procura de novos solos para explorar.

As afirmações confiantes sobre uma fertilidade fabulosa que encontramos em alguns viajantes e que tanto agradaram à opinião pública não têm, na maioria das vezes, um fundamento mais sólido do que o espanto causado pela exuberância do crescimento das árvores e do desenvolvimento do mato verificados aqui e ali junto à costa e nos vales dos rios.



5 Coleção R. Büttner: “Pente. Muene Putu, Kassongo”. Yaka. Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 3521

RICHARD BÜTTNER

Richard Büttner nasceu a 28 de Setembro de 1858, em Brandenburg à beira do Havel. Depois de frequentar o ensino secundário em Potsdam e o curso universitário de Química e Ciências Naturais em Berlim, que concluiu em 1883 com o doutoramento, a “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland” (Sociedade Africana na Alemanha) contratou-o juntamente com Willy Wolff*, Richard Kund (1852-1904) e Hans Tappenbeck (1861-1889) para a expedição chefiada por Eduard Schulze* e destinada “à exploração da bacia meridional do Congo” (“zur Erforschung des südlichen Congobeckens”).

Büttner deixou Hamburgo, com os outros participantes, no dia 1 de Agosto de 1884. Numa das estadias intermédias, encontraram-se nos Camarões com Max Buchner*, ali colocado como comissário do “Reich”. No Gabão, Büttner deixou o navio para recolher colecções botânicas e zoológicas com Herman Soyaux*, que dirigia uma plantação de café neste local, e para trocar conhecimentos e experiências. No dia 13 de Novembro, Büttner chegou a Banana. Entretanto os restantes membros já se tinham esforçado em vão por arranjar carregadores. Finalmente foi decidido escolher para ponto de partida da expedição Nóqui ou Ango-Ango, na margem esquerda do rio Congo (em frente da estação Vivi), em vez de Ambrizete. Depois de mais inquirições e preparativos difíceis, Schulze e Büttner fizeram-se, por fim, ao caminho no dia 12 de Dezembro de 1884, em direcção a Mbanza Congo (São Salvador). Wolff seguiu-os com oitenta carregadores, poucas semanas depois; Kund e Tappenbeck eram para se reunir a eles mais tarde, com o resto da bagagem. Contudo, alteraram os seus planos e partiram sozinhos, a 25 de Abril de 1885, de Stanley-Pool (Pool Malebo) para explorar o Congo e os seus afluentes até Luquénia. Como Schulze faleceu em meados de Fevereiro de 1885, em Mbanza Congo, os problemas com os carregadores não puderam ser resolvidos de acordo com as intenções iniciais e Wolff também acabou por seguir um caminho próprio. Isto provocou não só a separação definitiva da expedição, como também a divisão da bagagem e principalmente dos instrumentos trazidos da Europa, o que se reflectiu nos resultados científicos da pesquisa.

Depois de uma viagem de seis dias, Schulze e Büttner chegaram, com as suas setenta pessoas, no dia 18 de Dezembro de 1884, a Mbanza Congo, a capital do antigo Reino do Congo, do qual pouco restava do seu antigo esplendor e glória. 27 anos atrás já aí tinha estado um alemão, Adolf Bastian* (ver texto 1). Existiam ainda nessa cidade, a par de algumas sucursais de casas comerciais, uma missão baptista inglesa e uma missão católica portuguesa, na altura os povoamentos mais avançados neste trajecto em direcção ao interior do país.

Os planos posteriores dos exploradores foram bastante dificultados pela insegurança política durante a conferência do Congo, realizada em Berlim, em

1848/85. O rei do Kongo, Dom Pedro V, que tinha assinado, por iniciativa dos Portugueses, um protesto formal contra a aquisição da região situada na margem esquerda do rio Congo, pela “Association Internationale Africaine” (Associação Internacional Africana) (que tinha em mente a fundação do Estado Belga do Congo), colocando-se involuntariamente e sem o saber, nas mãos dos Portugueses, temia que os exploradores alemães fossem agentes de Henry Morton Stanley, ou seja da “Associação”. A afirmação de Büttner de “que certamente não viemos para roubar terra, mas sim para coleccionar plantas e animais e comprar todo o tipo de objectos, que mandaremos para o nosso país, para as pessoas lá saberem como é o Congo” (1890: 49) não conseguiu convencê-lo (ver também texto 1). Depois de uma excursão às cataratas do Mbidisi e à região da nascente dos rios Lunda, Luesi e Koko, perto de Toto, Büttner tentou, no dia 12 Abril de 1885, seguir em direcção ao Cuango com carregadores locais contratados com muito esforço. Porém, não conseguiu ir além da pouco distante aldeia de Kizulu (que pouco tempo depois foi também procurada por Josef Chavanne*), situada na fronteira do território dos (Mwisi)Kongo, onde os carregadores se recusaram a segui-lo para regiões que lhes eram desconhecidas e que lhes incutiam medo. Büttner não teve outra alternativa senão regressar a Mbanza Congo e deslocar-se de novo à costa para aí contratar os carregadores necessários para o seu projecto.

Entretanto, Wolff tinha partido de Mbanza Congo, com apenas seis carregadores do Loango e um intérprete, a 27 de Fevereiro, para o Cuango e o Mwene Mputu Casongo. Quando Büttner se reencontrou com ele em Junho, já ele tinha regressado e ia a caminho de Dahomey. Para “grande surpresa” de Büttner, Wolff tinha levado “de São Salvador recipientes de vidro, microscópio, instrumentos de medição antropológica, uma máquina fotográfica até agora usada por mim e outras coisas” (1890: 108), que Büttner necessitava para as suas próprias pesquisas.

No dia 27 de Junho de 1885 teve lugar a segunda partida de Büttner para Mbanza Congo, com oitenta carregadores do Loango, uma expedição que também não ocorreu sem greves e um intenso trabalho de persuasão. Pois, aqui quase não existia um africano de proveniência local, “que não se assustasse com o mero pensamento de uma viagem ao Kiamwo [Quianvo] e que não acreditasse nos boatos mais incríveis sobre aquele soberano e o seu povo. Eu sabia também que os medrosos Loangos adoram ouvir esses boatos e que os indígenas do Congo se deleitavam com o pavor que as suas históricas horrorosas podiam provocar. Eu próprio temia que os indígenas fizessem os possíveis para despertar um medo sem limites na minha gente e, assim, boicotar o sucesso da expedição, pela qual eles se sentiam prejudicados nas suas relações comerciais com os territórios situados a leste.” (1890: 113). Os carregadores asseguraram que “não iriam comigo para a região do Kiamwo, sobre o qual tinham ouvido informações horríveis; afirmavam que um homem do mato lhes tinha contado

que ele próprio tinha visto como Kiamwo e a sua gente tinham devorado alguns Loangos.” (1890: 113)

A caminhada propriamente dita afigurou-se difícil, visto que muitas vezes não conseguiam ganhar a confiança da população, mas Büttner também não estava disposto a abandonar os seus planos. Em consequência disso, o prosseguimento da caminhada tinha de ser regateado em longas negociações, ou mesmo forçado. Os alimentos eram por vezes difíceis de obter e a violação inconsciente das regras, assim como o medo dos carregadores multiplicavam os problemas diários. Principalmente os Zombo que dominavam o comércio entre a costa e o Cuango e mesmo para além dessa zona consideravam o seu monopólio ameaçado pelos intrusos. Depois da travessia do Congo dia Laza, a caravana chegou à região dos Yaka e, pouco depois, no dia 20 de Julho, à embocadura do Cuilo com o Cuango (ver texto 2). No dia 27 de Julho, Büttner alcançou então “o primeiro objectivo tão desejado da minha viagem, a residência do Muene Putu Cassongo, o Muata Kiamwo de Majakka” (1890: 140; ver texto 3), junto ao Ganga, um afluente da margem direita do Cuango, para lá da actual fronteira angolana. Esta cidade já tinha sido visitada anteriormente por outros dois alemães: no ano de 1880 por Alexander von Mechow* que veio num barco proveniente do Sul (ver texto 3) e recentemente, como já referido, por Willy Wolff.

Büttner ficou impressionado com a cidade (texto 3). Inicialmente, foi, sem dúvida, bem recebido pelo rei. Mas depois de ter divulgado a sua intenção de continuar a viagem em direcção a Leste, de ter pedido a autorização correspondente e solicitado um guia, a atitude do chefe dos Yaka para com ele mudou completamente: “Noutras visitas posteriores, Kiamwo perguntou-me algumas vezes, quando é que eu estaria disposto a negociar com ele marfim e escravos. Quando eu respondia que não era comerciante, ele ria incrédulo e, por fim, ficava de mau humor, quando eu lhe falava da minha intenção de partir para Leste.” (1886b: 305). O rei “respondia irado que nem eu nem a minha gente poderíamos ir para as regiões de Leste; ele bem sabia que eu pretendia fazer negócios ali, mas as riquezas daquelas regiões pertenciam-lhe, pelo que não autorizava ninguém, brancos ou pretos a viajar para lá.” (1890: 152). A divulgação de histórias de horror sobre vizinhos “canibais” funcionava, entre os carregadores de Büttner, como reforço significativo destes argumentos racionais. A população local ameaçou e bateu na gente de Büttner, deitou fogo ao telhado da sua casa e feriu seriamente um carregador. A sua situação ainda se tornou mais imprevisível pelo facto de o rei sofrer de “cancro da faringe”. Em consequência disso, este soberano, que no tempo de von Mechow era “forte, bem disposto, amante do esplendor e do prazer, tinha-se tornado [...], entretanto, num déspota tristonho, aborrecido e cruel” que não se cansava de repetir que a sua doença tinha sido causada por feitiçaria, razão pela qual “desde do começo da doença do rei, só na Mussumba, cerca de cinquenta pessoas por ano eram

vítimas desta suspeita” (1890: 150). Também durante a presença de Büttner, dois acusados dessa feitiçaria não sobreviveram ao ordálio do veneno.

Por último, o explorador não teve outra alternativa senão abandonar o seu projecto e, no dia 12 de Agosto, iniciar o caminho de regresso. A única coisa em que conseguiu impor-se, contra a vontade da população e dos seus carregadores, foi a de seguir em direcção ao Norte, ao longo da margem esquerda do Cuango, em vez de rumar ao Ocidente como lhe fora exigido. Dado que pelo caminho não só alguns carregadores o abandonaram, como também se viu “obrigado” a mandar embora os dois congolezes [os seus intérpretes] “para os Loangos não serem mal influenciados” (1886a: 3), e dado que a expedição teve, por vezes, de se desenvencilhar sem guia, esta parte da viagem também não foi fácil, pelo que só trouxe poucos conhecimentos etnográficos.

Büttner seguiu o Cuango para Norte até junto do Mwene Kwako, na confluência com o Kindilu, um afluente da margem esquerda; depois seguiu para Noroeste em direcção ao Congo, pela residência do Mwene Mputu, um pouco acima da embocadura com o Duemme. A Büttner devem-se as primeiras informações científicas sobre a região entre o baixo Cuango e o Congo. O último percurso levou-o pelo Congo abaixo até ao Stanley-Pool (Malebo), para Léopoldville (Kinshasa), onde chegou a 20 de Setembro de 1885. Pelo caminho houve um encontro com os seus companheiros de viagem iniciais, Kund e Tappenbeck, que voltavam da exploração do Luquénie. Em Léopoldville, Büttner encontrou-se com Hermann von Wissmann* e os seus acompanhantes Ludwig Wolf* e Hans Müller. A partir daqui Büttner empreendeu mais duas viagens pelo Congo com fins científicos (rio acima até Equateurville [Mbandaka] e rio abaixo até Manyanga). A seguir regularizou os seus assuntos e, no dia 3 de Abril de 1886, deixou a costa central africana em Banana. Depois de uma ausência de vinte e três meses, voltou a pisar solo europeu, no dia 30 desse mês, em Roterdão.

Em 1890, Büttner era professor efectivo de liceu em Berlim. De 1890 a 1891, dirigiu a estação Bismarckburg, fundada por Ludwig Wolf, em Togo. Depois do seu regresso voltou a trabalhar como professor de liceu em Berlim. A data da sua morte (entre 1928 e 1935) não pode ser determinada.

Richard Büttner foi antes de mais um botânico e um mineralogista. Por este motivo, o seu principal interesse científico consistiu em coleccionar plantas e minerais. Paralelamente, esforçou-se também por conseguir uma colecção zoológica (principalmente de insectos). Tendo em conta as circunstâncias adversas, sobretudo devido à divisão da expedição em três partes e subsequentemente à distribuição de todos os instrumentos científicos, ele próprio considerou “significativos” os resultados obtidos. Da residência do Mwene Mputu Casongo trouxe também alguns crânios de africanos. Embora as pesquisas etnográficas não estivessem no centro do seu trabalho, ele interessou-se também pelas pessoas. As informações que nos fornece sobre a sua visita à

residência do soberano dos Yaka (ver texto 3) são particularmente valiosas. O facto de ter permanecido pouco tempo nos locais por onde andou – mesmo a sua expedição foi pouco mais do que o “registo dos quilómetros percorridos” que ele criticou noutros viajantes em África – e a falta de possibilidade de se fazer entender foram certamente responsáveis pelo cariz das suas observações etnográficas que se limitaram principalmente àquilo que era imediatamente visível. Contudo, para esta região e este período, elas constituem uma fonte rica e sólida, que fornece bastante mais pormenores sobre a situação económica, política e cultural do que os relatos dos restantes participantes nesta expedição. Como era de prever, o mundo espiritual dos africanos também lhe ficou vedado. Para ele, a expressão materializada deste universo não passa de “tralha feiticista” (ver texto 3).

No que diz respeito à sua atitude em relação aos africanos, uma comparação das suas publicações é muito elucidativa. No seu livro esforça-se claramente por demonstrar pragmatismo e objectividade, o que o torna diferente de alguns outros exploradores em Angola. “Selvagens” e outras classificações depreciativas geralmente não aparecem aí (ver textos 1-3); no entanto, Mbanza Congo alberga, na sua opinião, apenas “setecentos negros sujos” (1890: 53). Mesmo o seu compreensível aborrecimento com as condições de viagem (falta de carregadores, carregadores que desertavam ou que se recusavam a avançar, população hostil, recusa de guias, frustração dos seus planos, falta de alimentos, febre), que se sobrepunham a tudo, é expresso aqui de forma moderada, em comparação com outros autores; as definições “cobarde” ou “velhaco”, pouco utilizadas e referentes a experiências muito concretas e dolorosas, são o máximo que ele se permite.

Uma imagem totalmente diferente é a que é proporcionada pelas suas cartas e relatos enviados à “Afrikanische Gesellschaft”, nas quais as considerações “do explorador assoberbado com preocupações e trabalho” (1889: 196), que ao longo de 36 meses sofreu 24 ataques de febre, se manifestam de uma forma menos disfarçada. Neles Büttner lamenta a falsidade, a vilania, a preguiça, a estupidez, o descaramento e “a cobardia sem precedentes” dos seus carregadores do Loango, que ele só conseguiu convencer a cumprir as suas ordens por meio do revólver e do chicote, e ainda se admira que nenhum deles estivesse disposto a acompanhá-lo mais uma vez ao Cuango, depois de ele os ter entregue em Léopoldville (Kinshasa) à “administração da estação para que esta os utilizasse nos trabalhos necessários”, “para que a vida numa estação ou feitoria lhes parecesse mais penosa do que o viajar” (*MAGD* V, 1886: 8)! Só a presença de soldados africanos ou de mais europeus na sua companhia teria conseguido compensá-lo desta suposta falta de carácter dos seus carregadores, que não queriam compreender o objectivo da sua viagem e que para ele apenas representavam “material”.

Também a população das regiões percorridas se manteve impenetrável para ele, o que não o impediu de realizar juízos generalizantes peremptórios: assim, censurou a sua passividade, a falta de paixão, a preguiça e a indolência, a sua cobiça, a sua incapacidade para o amor e para a amizade, a sua falta de noção do tempo. “Infelizmente” não era possível evitar o “contacto com a população indígena” ou as dormidas nas suas palhotas, durante as quais se apanhava pulgas (p. 224). Mas, não só as pessoas, como também o país propriamente dito parece ter destruído vergonhosamente todas as expectativas de Büttner: O país revela-se de “uma miséria que, em determinados locais, principalmente junto ao Quango, ultrapassa todos os limites; nós passámos fome e sede e amaldiçoámos os montes pelos quais o caminho nos conduziu.” (p. 10).

Uma vez que Schulze tinha morrido e Wolff, Kund e Tappenbeck, na sua opinião, o tinham abandonado, a responsabilidade por esta parte da expedição recaíu inteiramente sobre Büttner, o que o impediu, com grande pena sua, de se dedicar à sua principal tarefa, nomeadamente “o estudo da Zoologia, Botânica e Geologia”. Contudo, ele admite mais abertamente do que outros, a dificuldade do viajante europeu “em se certificar sobre os nomes usuais dos povos e tribos de cada uma das regiões”, para mais quando frequentemente lhe era negada qualquer informação. De acordo com as suas declarações, era extremamente difícil distinguir, sem a ajuda de um intérprete, as denominações mais abrangentes das mais particulares “visto que se obtêm nomes para povos e tribos e até para os habitantes de algumas cidades e aldeias, que na realidade não correspondem aos nomes destas cidades e aldeias. Frequentemente uma população denomina-se a si própria com um nome que não é utilizado pelos seus vizinhos” (*MAGD V*, 1889: 176). Os relatos mais pequenos do explorador contêm também alguns pormenores etnográficos complementares, pelo que, a níveis diversos, é importante consultar também estas fontes para além do seu livro considerado “clássico”.

Büttner adquiriu igualmente alguns objectos etnográficos. Não comprou todos os objectos que lhe foram apresentados. Sobre o rei do Kongo conta por exemplo que: “O rei nos manda-nos amiúde pequenos objectos de manufactura local, oferecendo-os para compra. Como tínhamos de pagar um preço muito alto, acabámos por recusar mais tarde todas estas ofertas de sua majestade comerciante.” (1890: 55). São nomeadas especificamente “algumas caixas de rapé, cestos, feitiços e – fechaduras de madeira para portas, muito bem feitas” (1890: 75), compradas na aldeia Kizulu que pertencia à “região Madimba”. Da mesma forma, Büttner trouxe consigo uma colecção yaka (ver imagem 5) da residência do Mwene Mputu Casongo: “Consegui comprar vários objectos domésticos destinados ao culto do feitiço e armas, mas o rei tinha proibido que me vendessem os chamados *marimba*, grandes instrumentos de música, cuja posse, tal como a posse de gado bovino, é privilégio do próprio rei.” (1890: 150). A colecção etnográfica de Büttner foi entregue à “Afrikanische Gesell-

schaft in Deutschland” que, por sua vez, a vendeu em 1891 ao Museu de Etnologia de Berlim (89 objectos).

Textos

1. *“Brief von Dr. R. Büttner an Prof. Bastian” [Carta do Dr. R. Büttner ao Prof. Bastian], 1883-1885a: 309-310*

Carta do Dr. R. Büttner ao Prof. Dr. Bastian.

San Salvador, 7 de Janeiro de 1885.

Tenho o prazer de lhe enviar os cumprimentos de Sua Majestade Dom Pedro V, rei do Congo, e de lhe transmitir a calorosa alegria manifestada por Sua Majestade, quando lhe relatei que o tinha deixado [a si] há uns meses de boa saúde.

Esse seu encontro com Dom Pedro, ocorrido há quase 30 anos, ficou na memória do rei e o facto de eu o conhecer [a si] e de ter podido dizer que o tinha visto recentemente no nosso país e falado consigo contribuiu grandemente para afastar a suspeita do povo de que seríamos mandatários de Bulla Matadi, isto é, de Stanley, vindos para conquistar o seu país. Esta suspeita fora transmitida ao rei pelo seu secretário Don Alvaro d’Agua Rosada que aqui se encontra ao serviço da missão portuguesa como professor.

O rei sempre se mostrou amável para nós. Quando chegámos, mandou um dos seus conselheiros dar-nos as boas vindas, oferecer-nos algumas cabras como presente, festejar a nossa chegada com salvas e, a 19 de Dezembro, recebeu-nos numa grande audiência de estado, aceitou os nossos presentes com muito prazer, visitou-nos pessoalmente durante os nossos acessos de febre – o ten[ente] Schulze já se encontra acamado desde o primeiro dia da quadra do Natal – e tem-nos enviado algumas coisas insignificantes para venda, que nos sentimos naturalmente obrigados a honrar com preços elevados.

Apesar da sua boa vontade, o rei dificilmente tem a autoridade necessária para nos ajudar, pois não lhe é possível disponibilizar vinte homens, se estes não se dispuserem voluntariamente a viajar. Teria contudo autoridade suficiente para nos criar obstáculos, o que certamente não irá fazer, mediante a amizade que nos tem demonstrado. Pelo contrário, as nossas perspectivas de alcançar o Quango e os domínios do rei Kiamvu são favoráveis.

O rei não possui, de facto, de qualquer autoridade. Esta nem chega à aldeia mais próxima. Pelo contrário, ainda hoje a família de Don Rafael de Ikunga questiona o seu direito ao trono – e, como tal, é provável que surjam desavenças imediatamente após a sua morte.

Dom Pedro encontra-se inteiramente sob influência das duas missões, ora da portuguesa, ora da inglesa e, muitas vezes, uma missão diz-lhe que ele é um rei estúpido, porque faz tudo o que a outra exige dele. [...]

O rei é saudável, mas muito corpulento, de modo que, ao visitar-nos, teve dificuldade em entrar pela nossa porta e também não se sentiu muito seguro na cadeira em que se sentou. A propósito, um dos seus filhos é meu *boy*. Passou alguns anos na missão baptista e prestará, a meu ver, um bom serviço como intérprete na expedição.

Por fim, permito-me observar que Dom Pedro ficaria certamente muito contente, se eu lhe enviasse notícias dele ou se elas lhe chegassem por nosso intermédio.

2. “*Über seine Reise von S. Salvador zum Quango und zum Stanley Pool (5. Juni 1886)*” [*Sobre a sua viagem de S. Salvador ao Quango e ao Stanley Pool, 5 de Junho de 1886*], 1886b: 300-302

A 27 de Junho deixei San Salvador e em poucos dias cheguei a Kisulu, onde atravessei o rio Ambriz, admirando já pela segunda vez as grandiosas cataratas com mais de cem pés de altura que, quando o tempo está limpo, até se conseguem avistar de San Salvador. Daí prossegui viagem, por terrenos nunca dantes pisados, em vigorosas caminhadas, por entre as regiões de Madimba, Sombo e Kongo dia lase, alcançando em três semanas o território dos Majacalla [Yaka] e o Quango. Toda esta área está repleta de grandiosas montanhas difíceis de atravessar e os trilhos são por vezes assustadoramente íngremes; a região é extremamente miserável, à semelhança do Kongo inferior; uma savana estéril coberta de capim alto e duro, com pequenas árvores e arbustos atrofiados e isolados. Os pequenos cursos de água não são raros e só junto destes ou, por vezes, nas zonas planálticas das montanhas é que se encontra mato rasteiro, frequentemente misturado com palmeiras de óleo. É aqui que se situam sempre as aldeias dos nativos, a fim de aproveitar a exígua mancha de solo mais fértil para o cultivo das suas pouco exigentes plantas alimentícias, como a mandioca, a banana e o amendoim. De um modo geral, a população é amigável, curiosa e tímida, mas por vezes também importuna e atrevida, o que se aplica em especial aos Sombo que encararam com desconfiança o primeiro branco e que frequentemente o ameaçaram com guerra e hostilidade, caso eu tivesse vindo prejudicar o seu comércio de marfim, ou seja, o comércio intermédio, praticado por eles entre o Quango e o litoral, quase em termos de monopólio. Trata-se aliás de um povo de comerciantes zelosos, em cujo território se encontram numerosos locais de mercado, um dos quais me ficou especialmente na memória, o de Bansa Mbusu, onde encontrei vários milhares de pessoas. A travessia decorreu sem incidentes de maior, embora sob forte júbilo e gritaria por parte da multidão que se comportava de forma demente. Apesar de pequenas, as regiões têm os seus próprios usos, costumes e mesmo trajes, embora o último consista em pouco mais do que no arranjo do cabelo que é encarado com grande seriedade e a que se dedica muito tempo. Uma grande

extensão de terreno inóspito, com aldeias desertas e queimadas em consequência das guerras fronteiriças, separaram o Kongo dia lase de Majacca. Ainda tive de fazer uma caminhada de dois dias ao longo da margem esquerda do Quango, pela região dos Majacalla, para atravessar esse rio junto ao local onde desagua o Quilu e montar o meu acampamento na cidade do Kiamvo Bungi, situada não muito longe do embarcadouro. O destino da minha expedição ficou decidido logo naquela altura e naquele local, sem que na verdade eu próprio tivesse a noção disso. No seu pavor indescritível ao grande Kiamvo, a minha gente ter-me-ia seguido na altura para Leste sem relutância e penso também que Kiamvo Bungi e os habitantes das aldeias não teriam posto obstáculos à minha partida para lá, ao passo que mais tarde, tanto ele como os outros chefes, passaram a agir a mando de Muene Putu Kassongo; se já na altura eu tivesse tido conhecimento do perigo que os grandes soberanos representam para o viajante, teria partido sem demora rumo a Leste, apesar do meu desejo de encontrar o ten[ente] Kund junto ao Quango e de estar ansioso por ver um governante verdadeiramente poderoso a pôr e dispor na sua residência, depois de tantos reis africanos miseráveis. Dirigi-me então para montante pela margem direita do Quango, primeiro até junto do Nima Kiamvo – a propósito, Kiamvo não é um nome próprio, mas significa rei, tal como *mfumu* – e depois ao encontro do Muene Putu Kassongo, junto ao Ganga, com quem o Major von Mechow já tinha estado cinco anos antes, vindo do Sul. A caminhada da cidade de Bungi até à residência de Muene Putu Kassongo levou cinco dias e trouxe, algumas vezes, problemas de falta de água e, muitas vezes, aborrecimentos, tanto com a minha própria gente como com a população da região. A minha gente causava-me constantemente problemas com os seus furtos; os Majacalla são uma raça forte, vigorosa e petulante, sempre armada e pronta à provocação e a actos de violência. Já na cidade de Bungi tinham batido na minha gente, mas ainda consegui obrigar Bungi a pagar uma indemnização. Pelo caminho, eu próprio sofri por vezes com a deslealdade e a falta de confiança nos guias e com a arrogância do povo que se recusava a dar-me qualquer informação sobre o trajecto, fazia tudo para retardar a minha caminhada e, em Kingungi, chegou a tentar expulsar-me da aldeia, de armas na mão, com a justificação de que estava presente uma mulher de Muene Putu Kassongo. À medida que nos aproximávamos da residência era decerto menos a petulância que o medo que os levava a recusarem-me informações, pois a justiça do rei estendia-se até muito longe e ele podia quiçá mandar cortar a cabeça a quem tinha mostrado ao branco o caminho para a sua cidade. A 27 de Junho, poucos dias antes de se completar um ano após a nossa partida de Hamburgo, avistei a cidade de Muene Putu Kassongo na sua inesperada grandeza.

3. *Reisen im Kongolande [Viagens em terras do Kongo], 1890: 146-149*

A cidade [de Mwene Mputu Kasongo] – a única (sem excluir San Salvador) a que não hesito em dar essa designação – não difere de outras localidades no Kongo e em Majakka apenas pelo número mais elevado de habitantes, que eu estimo em 7000 a 10000, mas também pela organização das suas cubatas e das suas ruas. Tal como em San Salvador, existem aqui várias cubatas aglomeradas num espaço que ali é cercado por sebes de vegetação viva e aqui por cercas feitas de paus, folhas de palmeira e suas nervuras. Enquanto que lá esses espaços se encontram dispersos e separados entre si por jardins e áreas não cultivadas, na Mussumba (capital) eles confinam uns com os outros, formando com as suas vedações caminhos fechados, muitos dos quais rectilíneos e bastante compridos. Em San Salvador os aglomerados isolados são ligados por meras veredas; na Mussumba existem, pelo contrário, ruas com uma certa largura – se bem que muito arenosas – muitas das quais com vastos largos providos de árvores que dão sombra. Nas lumbas encontram-se, é certo, algumas bananeiras, bem como plantas de algodão, pimenta, tabaco e liamba (em toda a região entre o Kongo e o Quango fumam-se os caules e as folhas novas desta planta), mas a configuração estreita da cidade não oferece espaço suficiente para verdadeiros jardins.

As casas ou cubatas – à excepção das da cidade dos escravos e do armazém real – quase não se distinguem das casas típicas do Kongo. Têm uma forma quadrada, possuindo quase sempre duas divisões e somente uma porta situada a uma altura tão grande, que o acesso se faz com alguma dificuldade. Por cima do vão da porta e no interior está pendurado todo o tipo de tralha feiticeira, como plantas e frutos secos, peles e ossos de animais, penas e cabeças de aves e alguns outros objectos – tal como em todos os outros locais que atravessámos.

Na cidade dos escravos não existem aglomerados delimitados por cercas; as cubatas estão isoladas e são todas de forma circular, o que constitui uma referência sobre a proveniência, do Leste e do Sudeste, dos seus habitantes.

No dia 29 de Julho, o terceiro da minha estadia na residência, fui convocado para a recepção na lumba real. Festivamente trajado de branco, fiz-me transportar pela cidade numa tipóia coberta com uma colcha tigrada até à entrada real da vedação de estacas que delimitava todas as ruas. Esta só se abriu passados alguns minutos e eu entrei num grande átrio, em que se encontravam dispostos, de ambos os lados, numerosos chefes e sub-chefes, bem como outros homens ilustres, cada um dos quais fazia soar duas barras de ferro curtas, batendo uma na outra. Encontravam-se neste átrio decerto umas centenas de homens, a maioria dos quais pareciam grandes e imponentes, trajados com panos multicolores sobre os ombros e com penas nos altos e artísticos penteados que faziam lembrar a forma dos capacetes bávaros. Neste átrio, existia um grande edifício em forma de pêra com uma cobertura pendente de capim, que inicialmente pensei ser a residência do rei; trata-se porém, como mais tarde me

informaram, do seu armazém. O rei mantém um comércio prolífero com os indígenas dos territórios situados mais a Leste, a quem vende, em troca de marfim, principalmente sal e outros produtos da costa, mas também prisioneiros de guerra, que são sempre apreciados pelas tribos praticantes do canibalismo.

Depois de ter passado pela galeria de indivíduos, encontrei-me subitamente frente ao rei, por detrás de um biombo separador; este estava sentado no chão sobre uma pele de leopardo, em frente à porta da sua cubata que – pelo menos exteriormente – não se distinguia em nada das outras cubatas da cidade. O rei bateu também com duas barras de ferro uma na outra; eu tirei o meu chapéu e sentei-me então na cadeira que [a minha gente] tinha trazido, frente ao rei, a alguns passos [de distância]. Este trajava uns panos de cor vermelha, com a medida de vários lenços, à cintura, usava um boné vermelho de malha na cabeça, sobre o cabelo que mantinha curto, e usava ornamentos insignificantes ao pescoço, nos pulsos e nos tornozelos. A seu lado, encontrava-se um enxotamoscas feito de barbicha de cabra, uma caixa de rapé europeia e uma pequena cabaça, para dentro da qual ele cuspiam com frequência. O rei é aparentemente um grande homem, mas a sua magreza é doentia, a sua face muito magra com um nariz atrofiado e uma barba rala. Depois de nos termos observado por uns instantes, exprimi-lhe o meu prazer em vê-lo, através do meu intérprete que reproduziu o discurso ao secretário do rei. O secretário transmitiu a minha alocução ao rei, de joelhos. Muene Putu Kassongo agradeceu e perguntou como eu estava. No decurso da conversa, queixou-se da sua doença, um tumor canceroso na laringe que também já começava a afectar o órgão auditivo e perguntou pelo Major von Mechow que, vindo do Sul no ano de 1880, fora o primeiro branco que tinha estado na residência. Eu falei sobre o objectivo da minha viagem e o meu propósito de partir para Leste, ao que ele respondeu nada saber sobre os países situados nessa área, pois, devido aos numerosos rios, não era possível viajar para lá. Por fim, mandei apresentar os presentes que lhe eram destinados: um grande e belo tapete, o paletó de um uniforme, algumas peças de tecido, uma faca com bainha prateada, uma caneca de metal, uma sombrinha, uma caixa de rapé, algumas caixas de fósforos e uma oleografia do nosso Kaiser. O rei agradeceu os presentes com muita elegância e mandou expô-los perante os chefes reunidos no exterior, para que fossem admirados, excepto o retrato do Kaiser, que enrolou rapidamente, depois de lhe ter dado uma vista de olhos. Creio que o retrato de uma pessoa viva, tal como a imagem num espelho, é encarado pelos indígenas como feitiçaria. Depois de me ter despedido, deixei a lumba real ao som das barras de ferro, a fim de regressar ao meu acampamento. Nas ruas, o povo formava alas.

Uns dias depois desta audiência, o rei mandou convocar o cabo principal da minha expedição, David Kornelius [o africano David Cornelius Bardo, ver Introdução, cap. 12], e os dois jovens intérpretes, para os questionar sobre os meus planos. Desejava que eu construísse uma casa na sua residência e me

dedicasse ao negócio. Kornelius, porém, disse-lhe que o nosso objectivo não era esse e que tínhamos vindo para caçar animais, coleccionar plantas, observar a região e a sua gente e apresentar aos outros brancos em Mputu (Europa) um relato sobre o assunto; talvez mais tarde, comerciantes brancos viessem ter com os Majakkalla. O rei abanara a cabeça, oferecera-lhes um quarto de antílope e despedira-os.



6 Coleção J. Chavanne: “M'bumba foengi”, feitiço de guerra; figura humana em madeira, enrolada em tiras de pele. De Tschella”. Museum für Völkerkunde, Viena.

JOSEF CHAVANNE

O geógrafo austríaco Josef Chavanne nasceu a 7 de Agosto de 1846 em Graz. Depois de ter finalizado os seus estudos universitários em Graz e Praga, viajou entre 1867 e 1869 para a América Central e a América do Norte, Marrocos e o Saara argelino. De 1869 a 1870, trabalhou para o Instituto Meteorológico do “Reich”, em Viena. Em 1872, fez o doutoramento em Filosofia com uma dissertação sobre “Religion und Moral im Lichte der Geschichte” (Religião e Moral à Luz da História). Em 1875, tornou-se chefe de redacção da revista *Mitteilungen der k.k. Geographischen Gesellschaft* (*Participações da Imperial e Real Sociedade de Geografia*), em Viena, e em 1881 da revista *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik* (*Panorama sobre Geografia e Estatística*).

De 23 de Abril 1884 a 18 de Outubro de 1885 (com uma interrupção entre finais de Outubro de 1884 e finais de Abril de 1885, altura em que se deslocou a Bruxelas para tentar alcançar – sem sucesso – um maior apoio para os seus trabalhos topográficos), viajou para a região do baixo Congo, em parte para fazer registos topográficos por ordem da “Association Internationale du Congo”, em parte para instalar plantações destinadas à casa Roubaix de Antuérpia, na referida região. O registo detalhado deste rio até Vivi, com o apuramento de mais de cinquenta ilhas que faltavam nos mapas até então, constituiu o resultado principal das suas pesquisas. De 21 de Agosto a 2 de Outubro de 1885 viajou com o seu acompanhante Eugen Zintgraff (a ele se devem as xilografuras da obra principal de Chavanne, feitas a partir das suas fotografias) a convite do superior da Missão Católica em Mbanza Congo, na muito percorrida rota das caravanas para o planalto do Zombo, de Nóqui para Mbanza Congo (a que os portugueses chamavam São Salvador) e depois um pouco mais para Oriente até à aldeia Kizulu (cf. Büttner*), para investigar “a viabilidade da instalação de estações agrícolas e a existência de jazidas de minerais úteis – em primeira linha malaquite – assim como goma copal fósil (1887: 254). No caminho para Mbanza Congo, encontrou diariamente comitivas comerciais que compreendiam até duzentas pessoas. Depois de Adolf Bastian* (1857), Eduard Schulze* e Richard Büttner (1884), assim como Willy Wolff* (1885), Chavanne era o quinto alemão a visitar a antiga capital do reino do Kongo neste século. Como Bastian e Büttner, ele descreveu o seu encontro com o rei D. Pedro V. (no tempo de Bastian ainda príncipe e pretendente ao trono) (ver texto 1). Chavanne tinha planeado chegar a Bembe, mas pelo caminho foi chamado de volta à Europa. Por essa altura e em consequência da fundação do Estado Livre do Congo, a língua inglesa foi substituída, por decreto de Bruxelas, pela francesa como língua oficial e uma grande parte dos ingleses e alemães ao serviço da “Association Internationale du Congo” foi gradualmente substituída por funcionários e oficiais belgas (1890: 251). Em 1888, Chavanne

emigrou para a Argentina, onde trabalhou, a partir de 1895, no Instituto Hidrográfico, em Buenos Aires. Faleceu nessa cidade a 7 de Dezembro de 1902.

Para o geógrafo Chavanne, como para a maior parte dos outros exploradores do seu tempo que viajaram por Angola e pelo Congo, os relatos etnográficos tiveram apenas um papel secundário em relação aos seus verdadeiros interesses. Mas mesmo sem se interessar muito pelas pessoas, encontramos repetidamente informações etnográficas espalhadas pelas suas duas obras mais importantes sobre estas pesquisas. Um dos capítulos do seu livro é dedicado exclusivamente aos “indígenas desta região”. Infelizmente as suas informações são geralmente muito superficiais e bastante generalizantes, para além de não serem de maneira alguma dignas de confiança. Os críticos provaram a existência de mais de cem plágios da obra de Pechuël-Loesche na publicação do livro. Assim, Chavanne descreve p.ex. “uma trovoadas, que ele pretende ter presenciado em 1884, em Duketown, com as mesmas palavras com que Pechuël-Loesche descreve uma, no seu livro ‘die Loango-Expedition’ [A expedição ao Loango] e que ele observou no dia 5 de Maio de 1875, na costa do Loango” (*Globus* 52, 1887: 240). A longa lista de passagens copiadas à letra torna obrigatoriamente todas as restantes informações suspeitas. Até mesmo a sua afirmação completamente inexacta, de que o seu livro seria uma “primeira contribuição para a pesquisa da região” (1887: VI) não o torna simpático.

Apesar de Chavanne censurar bastante os castigos corporais desumanos praticados na feitoria de Boma e de repudiar juízos europeus extremos, a sua imagem dos africanos é fortemente dominada por lugares comuns e desagradavelmente arrogante e pretensiosa (cf. também texto 1): “A despedida dos meus acompanhantes de viagem de pele escura e dos trabalhadores da plantação na ilha Matéva fortaleceu a minha ideia de que, apesar dos inúmeros juízos depreciativos de muitos viajantes em África sobre a raça negra e independentemente de algumas falhas graves difíceis de extinguir no carácter natural do negro, o futuro deste continente está directamente ligado à conservação e desenvolvimento do mesmo e convenceu-me que o negro é receptivo aos benefícios da cultura e, tirando a casca grossa, possui uma essência saudável, um tesouro de boas qualidades que se forem bem cuidadas e tratadas prometem a toda a raça as auras da verdadeira civilização.” (1887: 303). Em todo o caso, acabou por condescender que os africanos estariam acima do “nível da rudeza” (p. 85), mesmo que, por exemplo, “tribos do mato de Tschiyómbe” tivessem uma aparência “terrivelmente parecida com símios antropóides” (p. 394) e que “na maior parte das vezes se menosprezasse bastante” as suas capacidades espirituais (p. 395). Eles teriam uma natureza interesseira e leviana, mas seriam também caracterizados por um bom coração e um sentido de justiça bastante desenvolvido (p. 395). No entanto, desconheceriam sentimentos como a compaixão, caridade, gratidão e amor (p. 397). Chavanne considera negativa a influência europeia e constata como

consequência desta um “vício de imitação amacacada de comportamentos europeus”, tais como a cleptomania, a mentira, a burla, o alcoolismo e a prostituição (p. 216). É possível que todos estes juízos apressados reflectam igualmente leituras mal digeridas.

Chavanne tem um gosto especial por estatísticas, razão pela qual ele dedica grande atenção à densidade populacional (ver textos 2 e 3) e fez levantamentos em mais de 400 localidades. Resumindo e concluindo, os seus registos são uma fonte de proveito muito limitado devido às deficiências já esboçadas.

Cerca de cem objectos etnográficos recolhidos nesta viagem, na costa do Loango, no baixo Congo e Mbanza Congo, encontram-se no Museu de Etnologia de Viena (ver imagem 6).

Textos

1. Reisen und Forschungen im alten und neuen Kongostaate [Viagens e pesquisas no antigo e no novo Estado do Congo], 1887: 271-278

Neste planalto situado a 562 m acima do nível do mar, estende-se o aglomerado de cubatas da cidade [*i.e.* Mbanza Congo/São Salvador], dividido por duas vielas longitudinais e uma transversal, em cujo extremo Sul se erguem as construções feitas de caules de ráfia da feitoria francesa e, na extremidade Norte os edificios de madeira e ferro da feitoria portuguesa, enquanto que a construção com travejamento de madeira da missão católica e as cubatas de bambu da missão inglesa se situam muito perto da residência real, no centro da cidade. Uma cerca alta formada por troncos de “mingen” delimita a residência do rei, constituída por 10 “tschimbeks” [*chimbek*; abrigo] que servem para albergar os numerosos membros da corte, masculinos e femininos, e por uma decrépita construção em madeira, a habitação e sala de audiências do rei. Contudo, durante a nossa permanência, ficou quase pronta a construção de um edificio com travejamento de madeira, paredes caiadas de cor clara, janelas de vidro e portas com fechadura, que estava mais de acordo com as exigências de uma representação digna e com os requisitos da civilização. Na extremidade Leste da cidade erguem-se as ruínas de um polígono bastionado e de um edificio do comando da guarnição portuguesa, dos anos de 1859-61.

San Salvador tem uma população residente de 690-700 habitantes e 9 europeus, entre os quais 3 missionários e 6 comerciantes, distribuídos por 212 cubatas e pelas construções europeias referidas. Contudo, mais de metade da população local raramente se encontra presente o tempo todo, uma vez que os restantes prestam, ano após ano, serviços de carregador. Dada a eminente importância de San Salvador como ponto de confluência de todas as rotas comerciais vindas do Nordeste, do Leste e do Sul em direcção ao Kongo, a

cidade alberga constantemente uma população flutuante de 4-500 pessoas, de modo que, por altura das feiras semanais maiores, o número de pessoas que habita o planalto chega aos 900. O inegável aumento da população residente nessa localidade não é porém uma consequência do crescimento local, mas sim da afluência de pessoas de fora (escravos), já que, segundo informações do nosso anfitrião, se constatava há mais de dez anos que o número de mortes excedia o dos nascimentos.

Dom Pedro V, que já havia recebido um aviso de N'gulungu sobre a nossa chegada, enviou nessa mesma tarde uma legação a fim de saber como nos encontrávamos e de nos dar as boas vindas. Porém, o sossego dominical do dia seguinte não me pareceu coadunar-se com a observância do aviso implícito nesse cumprimento. Isto parece não ter agradado ao rei, visto que no domingo de manhã chegou uma segunda embaixada para se informar, com mais insistência ainda, sobre o nosso estado, ou seja, para nos convidar a satisfazer finalmente a curiosidade do rei, o que aconteceu dois dias depois, quando fizemos anunciar a nossa visita ao monarca, por um pupilo da missão. Na companhia do nosso anfitrião, do superior da missão, e do verdadeiro governante de San Salvador, do meu intérprete e de algumas pessoas que levavam os presentes destinados ao rei, transpusemos a entrada da residência real, frente à qual um alegre rebanho de cabras fazia divertidas cabriolas e, passando por um labirinto de caminhos ladeados de sebes, chegámos à cubata real.

Uma semi-obscuridade devida à falta de qualquer tipo de janela impediu que, ao entrar na sala, avistássemos imediatamente a figura do rei sentado num trono, ao fundo da cubata. Só depois de termos avançado por entre várias fileiras de cortesãos espojados no solo e aberto respeitosa e caminhar até às poltronas que nos tinham sido reservadas para a audiência – duas peças de mobiliário rococó que provavelmente já tinham conhecido melhores dias no palácio real em Lisboa – tivemos o privilégio de ver o semblante da negra majestade. Depois de uma troca de apertos de mão com a mesma, sentámo-nos e, enquanto o intérprete proferiu o discurso de apresentação de que fora incumbido e durante o qual deu a conhecer o objectivo da nossa viagem e a nossa necessidade de guias para prosseguir a expedição, tive tempo para observar de perto N'totila ou Dom Pedro V e a sua corte, o local de audiências, etc.

Se o volume corporal fosse um dado decisivo para o direito ao trono, Dom Pedro V seria o mais legítimo governante da actualidade. Em qualquer concurso de corpulência teriam, sem dúvida, de lhe atribuir os louros da vitória, uma vez que o seu peso devia rondar os 200 quilogramas. Plenamente consciente da solenidade do momento, o rei esforçou-se por mostrar, também a nível da postura, a dignidade de um governante; infelizmente não conseguiu prolongá-la por muito tempo: a lei da gravidade revelou-se mais forte do que a sua determinação e o seu enorme volume requeria o apoio do espaldar do trono.

Não podia negar-se uma certa inteligência a este rosto largo e inchado pela gordura e o olhar inquiridor e meditativo com que disfarçadamente nos observava, provava que o seu cérebro trabalhava incansavelmente, enquanto o seu rosto volumoso exprimia benevolência. Com a sua cabeça grisalha avermelhada descoberta – Dom Pedro já tem mais de 60 anos –, os pés escuros cobertos por umas pantufas de veludo bordadas com várias cores e o corpo por uma vestimenta de veludo vermelho decorada com motivos estampados e um paletó cinzento com matizes prateados, tomado de empréstimo a uma moda feminina pré-histórica, foi assim que se apresentou o lado transitório do herdeiro de Dom Afonso I, o mais glorioso rei daquela dinastia. Segurando na mão esquerda um utensílio semelhante a um ceptro, o rei acompanhou o discurso do intérprete com repetidos acenos de cabeça. O discurso não deve ter sido pouco lisonjeiro para a sua vaidade, uma vez que, no final, um sorriso aflorou no seu semblante.

Os membros da corte, acocorados ou ajoelhados no chão de terra, em fileiras provavelmente ordenadas segundo a posição política e social, e os enviados estrangeiros das regiões de M'pumbu, Makuta, Marimba, Zombo, etc., olhando alternadamente para nós e para o rei, exprimiam a sua aprovação ao discurso através de repetidas exclamações de “M'bote”. Reparei que nas paredes não muito altas da sala de audiências havia, para além de diversos fragmentos de espelho que o tempo tornara baços, uma colecção de imagens de santos, recortes de revistas portuguesas e inglesas e uma litografia do Kaiser alemão, representado ainda no auge da sua virilidade, provavelmente um presente do Dr. Bastian aquando da sua visita ao rei no ano de 1857. Um candeeiro suspenso altamente defeituoso completava o mobiliário da sala de audiências. No novo palácio residencial, a sala de audiências será certamente mais confortável e não prescindirá com certeza da decoração muito especial constituída pelos dois retratos a óleo do rei e da rainha de Portugal, com metade do tamanho real, cuja remessa testemunhámos no nosso regresso, não longe de Nokki.

Com um sorriso satisfeito, o rei aceitou o presente que lhe foi entregue pelo seu *major domus* e mestre de cerimónias após o final do discurso do intérprete e que consistia em diversos tecidos, entre os quais cerca de 20 metros de um brocado de meia seda estampado de cor escarlata e honrou-nos, contornando as regras habituais de etiqueta, com um longo e directo discurso de resposta, cujas partes determinantes eram repetidas em unísono e em voz de estentor pelos membros da corte e após cujo final a assembleia rompeu em altos gritos, três vezes repetidos, o que provavelmente correspondia a um aplauso tradicional da região. Então, erguemo-nos dos nossos assentos, apertamos mais uma vez a mão ao sorridente rei e abandonámos o palácio. Quando chegámos à missão, já deparámos com o presente real de retribuição, dois bodes gordos que constituíram uma grande alegria para a nossa gente do Loango.

Dom Pedro V é cristão e muito afeiçoado à missão católica. Ele cumpre, segundo me contou o P. Barroso, bastante escrupulosamente os ditames da religião católica, à excepção de um – a monogamia. Todas as tentativas, incluindo as do tão influente P. Barroso, de questionar a instituição da poligamia, herdada dos seus antepassados e usual na região, teria apenas levado à expulsão da missão. Claro que a poligamia concede ao rei a mais completa liberdade e Dom Pedro é também um gourmand neste aspecto, pois, paralelamente às suas seis mulheres legítimas, assinaladas num bastão guarnecido com pregos de estofador amarelos, e a algumas dúzias de concubinas, não há uma rapariga bonita de passagem por San Salvador que não receba um convite da corte, para alegrar os olhos do rei com a sua presença. Dom Pedro manifesta uma paixão pelas conservas e pelas frutas em calda do longínquo M'putu (Europa), assim como pelo presunto de York e de Westfalen, e não perde uma oportunidade de lembrar, quase sempre pessoalmente e com benevolência, os europeus albergados na sua residência, leigos ou religiosos, da conveniência de uma nova remessa, evidentemente gratuita. De acordo com as suas inclinações e com a dignidade do seu cargo, o rei manda preparar as suas refeições na missão católica e estas são-lhe trazidas pelo mestre cozinheiro da corte, tapadas, uma vez que, segundo o costume local, os súbditos estão proibidos de ver e de saber o que Sua Majestade come, mas o que também me parece é que, com isto, ele quer evitar a gulodice das suas mulheres, legítimas e ilegítimas, e por essa razão come sozinho.

A majestade negra dispõe de proventos muito respeitáveis que perfazem anualmente o valor de 20-22000 francos em artigos europeus. Além disso, encontram-se à sua disposição na *Banca d'ultramar* em Loanda vários contos de reis (1 conto de reis = 5500 francos) e ele mesmo guarda ciosamente uma pequena colecção de cintilantes guinéus ingleses. Em comparação com os seus pares africanos, ele é, em todo o caso um Kroisos, o que se pode confirmar pelo elevado número de cortesãs femininas, que aliás se traduz numa despesa considerável, uma vez que a vaidade e a mania dos enfeites, embora alterados pelos costumes locais, não são estranhos às damas desta região; só que os trofeus da moda são pesados e os ornamentos – argolas de latão nas duas pernas, que chegam a pesar 6 quilogramas – um incómodo.

Os antigos costumes cruéis dos Muschicongo, como por exemplo, o de enterrar vivos os adúlteros de ambos os sexos, o de decapitar e empalar [os acusados] a seguir ao ordálio do comer [*sic*] da casca, etc. foram abolidos por Dom Pedro V, o que foi sem dúvida um acto digno de mérito. Como político, o rei não é um incompetente e, com a esperteza inata dos negros, consegue perceber muito bem o antagonismo disfarçado entre a igreja de Roma e a de Lutero e a harmonia simulada entre as duas missões, tirando grande proveito disso; pois embora o superior da missão católica tenha uma influência maior e mais determinante sobre o rei e este não aja sem o seu conselho, há por vezes

alturas em que as ofertas do missionário baptista constituem uma forma cómoda de chantagear o súbdito de Roma. Ambos são assim filões explorados e a concorrência entre as feitorias não o é menos, já que por cada troca comercial realizada elas têm, tal como os intermediários indígenas, de pagar uma contribuição. Do mesmo modo, o rei também cobra um tributo às caravanas de passagem pela região e, embora o tráfico de escravos tenha diminuído, graças aos esforços dos missionários, um ou outro dente de elefante, cobrado como imposto pessoal pela venda de escravos, continua a entrar na conta privada do rei.

Fora dos limites da comarca de San Salvador e da região tributária de Marimba, que tem como governador um filho do rei, a autoridade do rei do Congo é quase só nominal, conquanto que este denomine, por exemplo os príncipes de Palaballa, frente a Vivi, de seus vassallos. Fora da região de San Salvador, os direitos reais limitam-se por vezes a aspectos insignificantes, como por exemplo, a autorização para a queima do capim e para a caça. Apesar de toda a sua benevolência, Dom Pedro não deixa de ser um pequeno tirano, cioso do respeito que lhe é devido. Exige p. ex. aos europeus residentes que lhe comuniquem as suas ausências de San Salvador, mesmo que estas sejam curtas, e muitas vezes molesta-os com todo o tipo de exigências disparatadas. O mais atingido é evidentemente o P. Barroso que chega a ser convocado duas ou três vezes por dia para audiências privadas que terminam geralmente com o envio de uma lata de conservas ou de uma peça de tecido à residência real.

A missão católica, enviada e subvencionada por Portugal, uma vez que o rei do Kongo é desde há muito um vassallo do rei de Portugal, obteve, durante os seus meros quatro anos de actividade – recentemente, em 1882, essa actividade foi reestabelecida após uma interrupção de 90 anos – resultados relativamente satisfatórios, se bem que os sucessos, objectivamente encarados, sejam apenas aparentes. Os esforços dos missionários católicos conseguiram convencer o rei e parte da população a aceitar o baptismo e a apoiar a criação, a par da sede em San Salvador, de uma filial da sua escola na região de Marimba, de modo que, entre os Muschicongo, já se contam 2000 almas convertidas ao Cristianismo. Mas, na verdade, o resultado principal consiste apenas na abolição dos bárbaros ordálios já referidos. De qualquer modo, há que atribuir à missão católica, apesar do seu curto período de actuação, grande parte daquilo que até à data se conseguiu realizar, ao passo que a missão baptista (subsidiária dos americanos), criada pelo rev. Comber e actualmente dirigida pelo rev. Camerun, não conseguiu, apesar de usufruir de meios financeiros superiores, ultrapassar as mais modestas tentativas de sucesso. Esta diferença deve-se principalmente ao facto de os pupillos da missão católica (por altura da nossa estadia existiam em San Salvador 58 pupillos e em Kinganga 39) consistirem em grande parte em crianças compradas aos traficantes de escravos e declaradas livres, provenientes das regiões dos Makuta e dos Zombo, que paralelamente a um ensino utilitário

elementar que revelava surpreendentes progressos, recebiam instrução directa no sentido de realizar um trabalho regular e o cultivo dos campos, actividades que ocupam grande parte do dia e em que o ensino só é feito de madrugada e ao fim da tarde; a missão baptista só acolhe alunos voluntários (na altura, 11) que passam grande parte do dia a recitar versos da Bíblia e a desempenhar as funções de criados de mesa.

2. *“Reisen im Gebiete der Muschi-congo im portugiesischen Westafrika”*
[*Viagens pela região dos Muschi-congo na África ocidental portuguesa*], 1886:
105-106

A grande incerteza quanto ao número de habitantes e à densidade populacional das regiões tropicais africanas, patente nas informações dos exploradores, que na maioria das vezes conduz à sobreestimativa dos seus valores, levou-me a conceder uma atenção especial à estatística populacional para além da parte puramente geográfica, dando-me ao trabalho não só de contar as cubatas de todas as povoações que eu mesmo atravessei, mas também de me informar junto aos indígenas sobre as povoações e sua dimensão (número de cubatas), situadas de ambos os lados do trajecto até uma distância de 5 km. Quanto às povoações por mim visitadas, o número de habitantes pode apresentar uma oscilação de 2%, no máximo; quanto àquelas sobre as quais me informei e que em grande parte vi de longe, a probabilidade média de erro pode ser estimada em 8-10%. Considerando então que, por exemplo, numa aldeia com 40 cubatas, uma média de 15-20% dos alojamentos que consistem parcialmente em cubatas de feitiços, armazéns, sala do conselho, quartos de hóspedes para europeus de passagem ou habitantes locais de estatuto elevado, fica desabitada, é possível calcular com bastante exactidão, tendo em conta um agregado familiar médio de 3 a 4 membros (de facto, a poligamia entre os negros está, tal como no Oriente, intimamente relacionada com a riqueza do homem e constitui apenas a excepção e não a regra, como pude confirmar entre as tribos Bafiote) por cubata habitada, a população sedentária e residente no local, que deve ser diferenciada da população efectivamente presente, ou seja, uma parte muito mais reduzida. Com excepção de San Salvador, cuja população residente conta com 690-700 almas (europeus incluídos), aldeias como Vunda, Lao, N’gulungu, Gozella Vondemba, Banza Gozella, Funkilla, Muinga, Banza Tanda e Kizulu, com mais de 50 cubatas, são muito pouco numerosas em toda a região dos Muschi-congo; o número médio e altamente recorrente de cubatas oscila entre 20 e 30 e o número de habitantes residentes, tendo em conta os condicionamentos referidos, entre 64 e 96. Com base nesta estimativa, encontro em termos de população, na área de 1520 km coberta entre Nokki e San Salvador (inclusive), 62 localidades com 2074 cubatas e 6521 habitantes. Para evitar uma subestimativa, acrescento à população de aglomerados isolados de cubatas (cabanas inkimba, cabanas de

caçadores e agricultores temporariamente habitadas, cabanas de pescadores, etc.) 10% da soma total, o que perfaz um número de 7173 habitantes e, como tal, 4,8 habitantes por km². Calculando na mesma base a população dos arredores de San Salvador num raio de 10 km, obtêm-se 11 localidades com 547 cubatas e uma população de 1804 almas, ou seja, 18 almas por km². No que respeita à área de 320 km coberta entre San Salvador e Kimiala (contando com a população da primeira) são 34 povoações com 1102 cubatas e 3606 habitantes, ou seja, 11,2 habitantes por km². Finalmente, na área de 620 km, entre San Salvador e Kizulu (incluindo San Salvador) contam-se 61 povoações com 2008 cubatas e 6083 habitantes e por isso, 9,8 habitantes por km². Estes números devem ser suficientes para demonstrar o carácter inadmissível de uma estimativa superficial da densidade populacional africana.

3. Reisen und Forschungen im alten und neuen Kongostaate [Viagens e pesquisas no antigo e no novo Estado do Congo], 1887: 508

Os números referentes à densidade populacional mostram claramente quão erróneo seria um cálculo esquemático da densidade populacional de toda a região, baseado apenas nas estimativas para qualquer segmento isolado ou para os locais situados ao longo de cada uma das rotas. Deste modo obter-se-ia, por exemplo, no trajecto entre Kabinda Point e Povo Grande, uma densidade populacional relativa de 47.2 por km², 12.5 para os arredores de M'Boma e 18.0 para San Salvador. Uma generalização com base neste tipo de condições puramente locais e muito limitadas em termos de espaço daria contudo um valor surpreendente para a população absoluta da totalidade da região do Kongo.

Na região do Kongo inferior, no triângulo situado entre o Kuilu, o Loge e o Stanley pool, a densidade populacional varia fortemente entre faixas da região muito próximas umas das outras. Assim, segue-se, por exemplo, à faixa densamente povoada da região de Landana-Muanda, ao Sul de Kabinda, uma faixa do declive do planalto com cerca de 10 quilómetros de largura com um povoamento muito esparso. Num sentido mais restrito, o vale do rio Kongo é muito pouco povoado, mas as acidentadas terras do planalto a Norte de M'Boma tem um povoamento relativamente denso (cerca de 10 habit. por km²) com uma densidade 4-5 vezes maior do que as ermas regiões de laterito do território dos Mussorongo, que se estendem para Oeste da rota das caravanas para San Salvador até ao oceano, entre o Lelundo e o Kongo. Contrariamente à região de Marimba, a Sul de San Salvador, que tem um povoamento bastante denso, as terras selvagens de ambos os lados da rota das caravanas a Norte de San Salvador são quase completamente desabitadas, etc.

JULIUS FALKENSTEIN

Julius Falkenstein nasceu a 1 de Julho de 1842 em Berlim, filho de um médico de clínica geral. Em 1867, acabou os seus estudos de Medicina (e paralelamente de Zoologia) na Academia Médico-Cirúrgica das Forças Armadas (1863-1867) com o doutoramento em Medicina. Participou nas campanhas contra a Áustria (1866) e a França (1870/71), como médico militar. Mais tarde foi “médico chefe no Medicinisch-chirurgischen Friedrich-Wilhelm-Institut” (Instituto médico-cirúrgico Friedrich-Wilhelm), em Berlim e chefe de serviço na principal Academia de Cadetes, em Großlichterfelde. Em 1897, foi nomeado conselheiro de saúde.

Falkenstein tomou parte na expedição interdisciplinar alemã à costa do Loango (ver também Adolf Bastian*, Paul Güssfeldt*, Herman Soyaux*, Eduard Pechuël-Loesche*), cujas pesquisas se estenderam, principalmente, à zona costeira da actual Cabinda. A exploração do rio Kouilou, situado fora deste enclave, foi declarada como sendo de interesse prioritário e tentada várias vezes, mas não passou da fase inicial devido a circunstâncias exteriores. Falkenstein, que era o zoólogo da expedição, devia dar apoio médico aos participantes, sendo também responsável pelo sector da Antropologia Física e pelas Ciências Naturais. Devia realizar medições e angariar colecções zoológicas. Para além disso, era o fotógrafo do empreendimento. Obteve especial atenção o facto de ele ter trazido o primeiro gorila vivo para a Europa, o que foi considerado pelo próprio Falkenstein como “um dos resultados principais da viagem” (1878: 61) ao Kouilou.

Depois do seu regresso de África, fundou em 1881 a associação escolar “Allgemeiner Deutscher Schulverein”. Falkenstein faleceu a 1 de Julho de 1917, em Berlim-Lichterfelde, com o título de “Geheimer Sanitätsrat Oberstabsrat a.D.” (ex-conselheiro de saúde do Estado-Maior).

A sua inclusão na enciclopédia *Meyers Großes Konversations-Lexikon* deve-se à sua viagem de exploração a África. Falkenstein desembarcou a 5 de Novembro de 1873 em Landana. O seu quartel era a estação de pesquisa alemã de Chinchoxo (também conhecida por Tschintschotscho), situada a norte do rio Chilungo, a partir da qual ele viajou por toda costa, do Kouilou até ao baixo Congo/Zaire. Numa deslocação para Sul chegou até Boma e visitou, em S. António do Zaire, as ruínas de uma igreja antiga, cujo sino, ainda existente, tinha sido fundido no ano de 1700. Numa palhota, construída recentemente, ainda se encontravam, além disso, um crucifixo, esculturas da virgem Maria e de Santo António, castiçais, incensário e livros antigos, carcomidos pelo bicho. Estes estavam, porém, de tal maneira deteriorados que já não era possível abri-los (Falkenstein 1879: 53-54).

Em 1874, Falkenstein fez uma pequena excursão à Angola portuguesa para ir buscar os carregadores que Güssfeldt ali tinha contratado anteriormente.

Depois de uma paragem intermédia em Quinsembo e Ambriz, chegou a Luanda (onde permaneceu de 27 de Novembro a 13 de Dezembro). As suas impressões (ver texto 1) constituem um complemento interessante às descrições de outros viajantes. Também de Novo Redondo, hoje Sumbe, (onde permaneceu de 14 de Novembro a 22 Dezembro), recebemos informações valiosas. É de salientar uma indicação no seu relato – talvez até mesmo a primeira – sobre as famosas sepulturas de pedra da região: “Um panorama mais simpático do que esses complexos de palhotas é o que é constituído pelas elevações em pedra das sepulturas, feitas de blocos de pedra cuidadosamente empilhados em forma de quadrado, que são tão numerosas que quase todas as linhagens maiores parecem utilizar um espaço próprio, enquanto que o chefe da aldeia encontra a sua última morada no meio da aldeia.” (Falkenstein 1879: 74)

Os objectivos originais da expedição ao Loango não se conseguiram atingir. O problema maçador de ter de encontrar carregadores em todo lado e em número suficiente foi uma das razões principais para o fracasso da exploração do interior do território. Alguns resultados individuais, como demonstram p.ex. os trabalhos de Pechuél-Loesche, foram no entanto impressionantes. Muitos desses trabalhos seriam hoje ainda de maior valor, se a documentação original ainda existisse. As ambições do projecto não foram todavia concretizadas, de modo que nos finais de Fevereiro de 1876 chegou finalmente da Alemanha a ordem de dissolução definitiva da estação de pesquisa. A 5 Maio de 1876, Julius Falkenstein embarcou em Landana de regresso à Europa.

A sua avaliação final, realizada com distanciamento temporal, demonstra muita compreensão para com a atitude de rejeição dos Africanos em relação a este empreendimento, que acabou por ser responsável pelo seu insucesso. Muitas passagens revelam igualmente alguns aspectos do efeito da exploração europeia nos seus “objectos de estudo”, um reflexo que, com esta clareza, só raramente se encontra noutros relatos da altura (ver citação no cap. 7 da introdução).

Tirando algumas observações e informações pontuais valiosas, os trabalhos publicados sobre as pesquisas de campo de Falkenstein têm hoje um interesse fundamentalmente histórico-científico. O seu encargo com a realização de medições antropológicas está de acordo com o estado da pesquisa na altura. As suas informações sobre essa prática são elucidativas a este respeito e principalmente em termos éticos. A rejeição por parte dos africanos era geral: “Quando era para usar o compasso, a fita métrica e outros instrumentos, só se conseguia, depois de uma longa argumentação, convencer o pessoal ao serviço da casa a manter-se quieto, enquanto que os estranhos, nem mesmo com uma grande quantidade de aguardente, se convenciam a deixar-se tocar em todas as partes do corpo possíveis pelas pontas frias e aguçadas dos compassos ou com a régua de metal, provida de sinais estranhos. A antipatia em relação a esta actividade era tão evidente, que a tínhamos que levar em conta [...]” (1879: 15)

Falkenstein atribuía, por isso, à fotografia o principal papel no conhecimento antropológico e era de opinião que os estudos principais só deveriam ser feitos num esqueleto. Só que aí surgiam barreiras ainda maiores: “Contudo, não devemos cair no erro de pensar que na terra dos selvagens se consegue arranjar facilmente ossadas humanas por todo lado, como foi possível em alguns lugares onde estiveram determinados viajantes. Quando [...] só se pode contar com os mortos da própria tribo, tem de se ultrapassar muitas dificuldades até tais objectos, até à data insólitos, serem postos à venda; assim, no início, foi-nos impossível satisfazer os nossos desejos, mesmo em troca de um bom pagamento e mesmo mais tarde, um negócio deste tipo só podia ser fechado em grande segredo, visto que os vendedores estavam muito interessados em que o assunto não se tornasse público. O desenterrar de um esqueleto que pertencia a um escravo de uma casa situada a duas horas de distância pertence ainda agora às minhas recordações mais melindrosas e depois disso eu nunca quis tentar exumar os nossos próprios mortos, mesmo para o bem da ciência; pois nunca nos teria sido possível alcançar aquela solidariedade que, apesar de tudo, depois de muito esforço, nos ligava à nossa gente.” (1879: 16)

Por mais contestáveis que nos pareçam hoje esses métodos, é de realçar que Falkenstein tenha ficado sensibilizado para a sua problemática e que não tenha omitido nem ridicularizado as reacções de defesa dos habitantes locais. Também nas suas conclusões, se esforçou por apresentar uma avaliação objectiva, escrevendo repetidamente e de forma muito clara contra preconceitos europeus (ver texto 2). Na sua opinião, a condição indispensável era não se deixar influenciar pela própria raça ao julgar uma raça estrangeira: “Quem, no entanto, vier para África com a ideia de se reencontrar a si próprio só que de outra cor, ficará tão desiludido como aquele que procura ali as nossas ideias de administração, moral e jurisprudência. Quem quer julgar países estrangeiros tem que sair da sua pele e tornar-se objectivo, ver no negro só o negro, pôr-se no seu lugar e imaginar-se na sua situação e tentar vivê-la, e não fazer exactamente o contrário e colocar a bitola das regras da cultura em povos primitivos” (1876d: 11). Cuidado e rigor científicos foram as linhas orientadoras do seu levantamento e avaliação de dados. Ergueu-se decidido contra uma escolha não sistemática das pessoas a comparar: “Se o princípio de comparar apenas coisas semelhantes tivesse sido seguido por mais pessoas, as ideias fantásticas que ainda hoje existem sobre o negro não teriam conseguido ganhar terreno.” (1877c: 174). De resto, Falkenstein refutou a afirmação de que havia uma diferença entre o comprimento dos membros dos brancos e dos negros – entre outros, existia o preconceito de que os africanos possuíam braços compridos “à semelhança dos macacos” – e de que em princípio tinham uma outra temperatura corporal.

O esforço para abarcar, não só as particularidades antropológicas e etnográficas, como também as qualidades espirituais e psíquicas induziu

também Falkenstein (seguindo um padrão de pensamento do seu tempo) a fazer frequentes generalizações e julgamentos moralizantes, apesar de toda a “objectividade” apregoada. Assim, para ele, “o carácter do negro” é, como para muitos dos seus contemporâneos, “o de uma criança bondosa, amável, inteligente, mas ao mesmo tempo caprichosa e mal-educada, que está muito estragada por maus exemplos. Por isso não devemos de maneira alguma subestimá-lo, pois ele compartilha com todos os povos selvagens, naturalmente, esperteza, astúcia e cobiça.” (1876d: 11). Segundo Falkenstein, o negro passa os seus dias numa “alegria despreocupada”, na “abundância opulenta da sua terra solarenga. Não precisa da civilização e deixa-a passar perto de si sem inveja. Se ele quisesse aproximar-se dela, teria que trabalhar e trabalho, tanto físico como intelectual, é demasiado difícil nos trópicos” (1876d: 14). Aliás o conceito de trabalho ser-lhe-ia desconhecido e também não existiria nenhuma necessidade premente que o obrigasse a alguma actividade. “Vemo-los muito a fumar e a cavaquear, a trabalhar também, mas de que maneira! Com efeito já nos vamos tornando mais justos no nosso julgamento, um trabalho como nós o conhecemos é completamente impensável nos trópicos, depois a ferramenta é má e a madeira tão rija como ferro; porém ainda sobra um grande resto de preguiça natural inata.” (1885a: 139). “Ao negro” faltaria também coragem moral, ele não seria “valente no nosso sentido”. Mas “[a]lgumas coisas, que consideramos cobardia, são apenas produto da sua superstição, do seu medo do fantástico e do incompreendido.” (1885a: 138). No que respeita ao “culto do feitiço da África Ocidental” tratar-se-ia somente “das convicções imperfeitas de um povo selvagem, que já alcançou o reconhecimento da existência de um ser superior, mas ainda não se conseguiu decidir por uma fé uniforme” (1885a: 205).

Por outro lado, “o negro” é também descrito como “pudico e extremamente decente”, “honesto por necessidade” e “por estranho que pareça também sóbrio e moderado. Apesar das múltiplas oportunidades, só muito raramente se vê um indígena embriagado. A comunicação entre eles é mais alta e mais barulhenta porque ainda não lhes foram impostos nenhuns limites próprios da comunicação de massas.” (1885a: 12). A bondade e o sentido de hospitalidade do africano são, em contrapartida, “mais características ocasionais de um indivíduo do que qualidades inerentes à tribo, como nós, por exemplo, as encontramos nos povos germânicos antigos” (1885a: 141). Para Falkenstein, o africano é todavia caracterizado por “uma facilidade de compreensão e um espírito vivo” e tem, no que diz respeito às esculturas em marfim, “um sentido artístico considerável” (1885a: 144). Na obra abrangente sobre a costa ocidental de África (*Afrikas Westküste*), cujo título se refere principalmente à zona por onde o próprio Falkenstein viajou, do Loango até Novo Redondo (Sumbe) e seu *hinterland*, encontram-se paralelamente a essas generalizações e às informações etnográficas dos seus contemporâneos uma quantidade de observações

etnográficas próprias, que constituem um complemento para o nosso conhecimento não muito vasto da região na altura em questão.

Tendo em conta a atenção que hoje é dispensada à fotografia histórica e ao contexto da sua realização, as observações detalhadas de Falkenstein sobre o assunto são de interesse especial. Ele relata, não só as reacções dos africanos em relação a esta técnica nova – Falkenstein chegou mesmo a ter a fama de poder fazer chuva com a máquina fotográfica – e a mudança da atitude deles para com o objecto, assim que se familiarizavam mais com ele (ver texto 3), mas também dá múltiplas indicações técnicas e conselhos sobre a forma de fotografar, revelar e empacotar, que dão uma ideia clara das condições concretas, sob as quais este meio era utilizado em África no seu tempo. Paralelamente às razões apresentadas por Falkenstein para a recusa nítida por parte da população, com a qual ele foi confrontado no início, há que ter também em conta que ele, sendo médico, se interessava principalmente pelas características físicas do ser humano. Embora ele também tenha escolhido como tema factos etnográficos, entre outros, predominavam as fotografias antropológicas realizadas de uma forma padronizada e impessoal, característica daquela altura: três pessoas nuas de cada vez, fotografadas de frente, em perfil e por trás, ao pé de uma vara de medição. Retratos individuais eram raros. Falkenstein estava totalmente convencido do valor científico da fotografia e da sua objectividade e aconselhou-a a todos os exploradores. O desenho constituía o termo de comparação para a sua avaliação positiva da fotografia: “O desenho só raramente se mantém totalmente livre de idealização e quando o consegue realmente, o observador não deixa de ter a dúvida, sobre se a natureza foi fielmente reproduzida; só muito dificilmente se deixará convencer de que tudo aquilo que lhe parece estranho numa imagem, tenha sido copiado fielmente da natureza. A fotografia é completamente diferente, reproduz objectivamente qualidades e defeitos sem se deixar enganar pelas regras da beleza e estética e, por isso, parece a mais apropriada para evocar ideias precisas sobre regiões estrangeiras.” (1879: 63-64). Foram publicados dois álbuns de fotografias de Falkenstein (1876c,d), que representam hoje uma grande raridade. 63 fotografias são apresentadas como gravuras na sua obra *Afrikas Westküste* (1885). Muitas provas originais encontram-se hoje nos Museus de Etnologia de Berlim e Lípsia.

Textos

1. Die Loango-Expedition [A expedição ao Loango], 1879: 70-71

A primeira impressão favorável que Loanda produz num europeu há muito desabitado da civilização é atenuada logo após algumas caminhadas pela cidade, nomeadamente durante a maré baixa. O lixo doméstico levado para a

praia e posto a descoberto pelo afastamento das águas enche a atmosfera de exalações horríveis, particularmente na zona que se estende para os lados do Forte Penedo; acresce a isto o calor insuportável nas ruas, em cuja areia escaldante os pés se enterram a cada passo até quase ao tornozelo. Contudo, as ruas principais são calcetadas e se tivermos em consideração a sua largura, a sua arborização de ambos os lados com acácias de belas flores vermelhas, pimenteiras da Índia, tamarindos e coqueiros, a instalação de espaços livres e a construção já iniciada de um cais, temos de concordar que, num futuro longínquo de gerações vindouras, a cidade pode vir a tornar-se um local agradável.

Muitas casas possuem apenas um piso térreo, outras, não poucas, tem um primeiro andar. Graças aos degredados que continuam a chegar todos os meses em navios do governo e que inundam a região, as casas são bem construídas e os quartos muitas vezes decorados com pinturas artisticamente executadas, uma vez que, entre a massa de gente inútil, se encontram sempre algumas mãos e cabeças competentes, por cuja vinda voluntária para esta terra longínqua se teria esperado em vão. A maioria das janelas havia sido provida de vidros, mas a inexistência de muitos deles parece querer provar quão desnecessários eles são neste clima. Do mesmo modo que não há pressa em substituir os vidros partidos por vidros novos, também não se pensa em limpá-los; pois o asseio é algo que tanto falta nas casas como nas ruas, sem dúvida porque a presença da mulher branca é ainda muito escassa.

Extremamente desagradável é a forma como os mulatos e os negros se evidenciam pela aparência exterior e pelo comportamento, tentando os mais ricos neutralizar a diferença de cor através de uma elegância ridícula na escolha do vestuário e de uma atitude arrogante; o negro comum usa também aqui apenas um pano à volta das ancas e, além disso, um casaco e um boné ou um chapéu de palha.

Para as mulheres, o traje usual consiste numa vestimenta colorida até aos pés, atada por cima do peito e sobre ela um grande pano preto que cobre a cabeça à laia de capuz, enquanto que uma das pontas é lançada de modo pitoresco sobre o ombro do lado oposto. Tanto um sexo como o outro parecem sentir pouca necessidade de ocupação: os homens podem ver-se nos largos, deitados ao sol, na sua posição preferida, de costas voltadas para o céu, ou então carregando a “machila”, que consiste, por assim dizer, num coche em miniatura que, em vez de andar sobre rodas, é pendurado numa vara e que, mesmo para pequenas voltas, serve de meio de transporte ao branco que quase nunca anda a pé. As mulheres, ou estão sentadas à beira das ruas, frente a uns artigos de comércio quaisquer à espera de compradores, ou ganham as parcas moedas para as suas necessidades com o tratamento de roupa. No entanto, quer estejam ocupados ou não, homens e mulheres produzem constantemente um barulho tão horroroso com as suas sonoras e incansáveis vozes, que mesmo o ouvido de um

habitante de uma grande cidade não se habitua a ele e espera ansiosamente a nona hora, altura em que, tirando aqueles que trabalham para europeus, nenhum negro pode ser visto na rua. A vigilância dos guardas é tão atenta, que depois dessa hora todos os brancos são também interpelados e só podem passar depois de responder “bom amigo”.

Loanda é o principal local de depósito dos artigos de comércio que também aqui consiste num comércio de permuta e que, desde que foi criada uma carreira regular de barcos a vapor, recebe as principais remessas de café, borracha, cera, azeite e marfim do Kuansa. A maior parte do tráfico da região está porém confinado à margem Norte, onde se situam as colónias, enquanto que a margem Sul é evitada, devido ao comportamento hostil dos indígenas. O cultivo regular de café e açúcar só começou há doze anos, mas dada a sua crescente expansão e a progressiva consciencialização da população sobre as vantagens do seu cultivo sistemático, promete vir a ter uma influência vastíssima na situação da região. A vida é extraordinariamente cara. Os artigos europeus, nomeadamente, são pagos a preços exorbitantes, o que, segundo as afirmações dos comerciantes, explica suficientemente a taxa de mais de 30% sobre o valor muitas vezes arbitrário de todos os artigos. A repartição de impostos é consequentemente odiada de forma inacreditável [...]

2. Die Loango-Expedition [A expedição ao Loango], 1879: 41

Se, depois de termos procurado descrever cada uma das partes do corpo do negro do Loango, observarmos mais uma vez a sua aparência global, justifica-se certamente a afirmação de que, para negros, se trata de uma tribo bela, forte e bem constituída. Na sua terra natal, o europeu nunca lhe perdoará o nariz achatado, as maçãs do rosto salientes, os lábios cheios e grossos, mas raramente protuberantes, e nunca julgará o negro como negro, mas sempre em função da sua própria pessoa; porém, quando se encontra entre eles durante mais tempo, o tom de pele escuro e adequado ao meio, a graciosa ligeireza dos movimentos não limitada por um excesso de vestuário, a frescura elástica da juventude ou a ingenuidade natural da maturidade obriga-o a fazer justiça à raça em si mesma e a não a ver como um reflexo da sua própria constituição que considera tão nobre, como foi necessário fazer aqui, a fim de a apresentar a um círculo mais alargado. Existe no seu ser, no seu carácter, nas suas formas de relacionamento e de expressão algo de primordial, de natural, que necessariamente nos faz simpatizar com eles. Só poderemos zangar-nos com eles ou odiá-los no dia em que deixarmos de cultivar uma objectividade serena e os quisermos considerar responsáveis por tudo aquilo que, no país deles, não nos correu tão bem como esperávamos.

3. *Die Loango-Expedition [A expedição ao Loango], 1879: 16-17*

A melhor prova disto [*i.e.* “de que as tribos ainda pouco familiarizadas com a cultura têm igualmente de se habituar primeiro aos fenómenos que lhes são desconhecidos e só muito gradualmente os encaram com confiança”] foi-nos dada pela fotografia, para a qual tivemos dificuldade em encontrar objectos aquando da nossa chegada, ao passo que nos últimos tempos nem conseguíamos satisfazer todas as ofertas; também foi muito negativo o facto de três pessoas terem morrido pouco depois de terem sido fotografadas, vitimadas pela epidemia de varíola que, no ano de 1873, grassou no litoral. Embora a máquina [fotográfica] não tivesse sido pública e directamente relacionada com aquelas mortes, tornou-se evidente, pela forma assustada como todos a evitavam, que tal relação não podia ser completamente excluída. Talvez supusessem que, com a aparição da imagem na placa, que era vista com muda admiração, uma parte da força viva do indivíduo fosse transferida para ela, ficando ele privado da mesma.

Quando há tempos parti com a máquina em direcção à aldeia de Makaya, perto da estação [Chinchoxo], para fotografar algumas das cubatas admiravelmente situadas à beira de um verdadeiro bananal, os habitantes da aldeia reuniram-se durante o trabalho, expuseram primeiro individualmente, depois em conjunto e com uma intensidade progressiva, a sua desaprovação, até que por fim, com a excitação, se foram acercando cada vez mais da tenda usada como câmara escura, tentando alcançá-la, de modo que fui obrigado a partir e a voltar para trás quase sem resultados positivos. Maior ainda foi a rebelião em Tschibona, uma aldeia situada a cerca de duas horas e meia para Norte, onde tencionava fotografar o famoso feitiço de crânios, um amontoado de caveiras de todo o tipo de animais mortos no local da floresta onde o espírito da terra costuma surgir à superfície para conversar com o sacerdote. A minha intenção tornara-se conhecida e, pelo caminho, cruzei-me com uma procissão encabeçada pelos dignitários e o sacerdote da região, que aos gritos e aos saltos, na maior exaltação, se dirigia ao posto comercial, de onde me foi enviado pouco depois um mensageiro, pedindo-me para desistir das minhas intenções, a fim de evitar desavenças e perturbações nas relações comerciais.

Mais tarde, quando o carácter inofensivo da máquina se tornou conhecido, não precisei mais de me preocupar com esse tipo de coisas; pelo contrário, a alegria por cada retrato conseguido era enorme, nomeadamente quando este, devido à luz favorável e a muitos reflexos, ficava claro; a cópia dentro da pequena moldura dourada era mostrada com orgulho e satisfação, após o que lhe era conferido um lugar de honra na cubata ou no caixote onde se guardavam todos os tesouros. Se, devido a uma exposição demasiado curta, a cópia ficasse pouco nítida e escura, as críticas eram muito severas e a pessoa em questão ia embora decepcionada, com um semblante que não denotava qualquer reconhecimento.

CURT von FRANÇOIS

Curt von François, filho do general Bruno von François, nasceu a 2 de Outubro de 1852, na cidade de Luxemburgo. Como seu pai e seu avô, também ele ingressou na carreira militar e participou como voluntário na guerra de 1870/71. Entre 1883 e 1894, esteve em África exercendo diversas funções, mas só a sua primeira viagem de exploração, que realizou como Geógrafo sob a chefia de Hermann von Wissmann*, o conduziu, de início, através do território angolano. As suas principais tarefas consistiam no registo cartográfico das regiões percorridas e na realização de medições meteorológicas. Os restantes participantes eram o médico Ludwig Wolf*, os tenentes Franz e Hans Müller, assim como três artesãos. No dia 23 de Janeiro de 1884 chegou a Luanda, de onde seguiu o caminho usual para Malanje: até ao Dondo de barco a vapor, continuando, depois de uma estadia de três semanas, o trajecto a pé para Malanje que alcançou no dia 24 de Fevereiro e onde encontrou Paul Pogge*. De Malanje chefiou a partir de meados de Junho de 1884 uma das três secções da expedição para o Muquengue junto ao Lulua, onde chegou em meados de Novembro. Enquanto Wissmann fundou nos arredores a estação de Luluaburg (perto do actual Kananga), von François fez uma incursão ao território dos Kaniok. Juntamente com Wissmann, Wolf e Hans Müller – Franz Müller tinha morrido a 9 de Janeiro, em Muquengue –, sessenta carregadores de Malanje e cem de Lulua fez-se ao caminho de regresso a 28 de Maio de 1885. Por via fluvial, alcançaram, com dezasseis canoas e o barco de aço trazido da Europa, o Cassai e, finalmente, a 9 de Julho o Congo. Em seguida, von François empreendeu ainda uma viagem com o missionário George Grenfell pelo Congo acima, para exploração do Lulonga e Chuapa. A 22 de Outubro encontrava-se de volta a Léopoldville (Kinshasa) e a 17 de Dezembro de 1885 de novo na Europa.

Promovido a capitão, Curt von François foi, em 1887, ao serviço do governo, para a colónia alemã de Togo e empreendeu lá uma expedição aos Moose. A partir de 1889 foi comandante das tropas de protecção e a partir de 1891 vice capitão-mor da “Deutsch-Südwestafrika” (Sudoeste Africano Alemão). As suas viagens levaram-no em 1891 ao Cubango e em 1892 ao deserto do Calahari. No dia 12 de Abril de 1893 dirigiu um ataque ao chefe dos Nama, Kaptein Hendrik Witbooi, no monte Hornkrans. Voltou para a Alemanha, como major, em 1894, e no ano seguinte reformou-se. Em seguida visitou Tunis e, em 1896, Tripoli. Em Dezembro de 1931, Curt von François faleceu em Königswusterhausen, perto de Berlim.

Sobre o trecho das suas viagens na África portuguesa, von François não relatou muito, visto que entretanto esse território se tinha tornado conhecido na Europa. Existe um itinerário com algumas impressões superficiais e apontamentos sobre a história dos Mbangala e Lunda (ver texto). Este relato é

interessante porque mostra a rede de informação dos viajantes de então, em África. Como informante principal, esteve ao seu serviço, a par do intérprete Cunha que era casado com uma mulher mbangala, o intérprete Germano que não só acompanhou Paul Pogge*, como também Otto Schütt*. Não se pode, por isso, falar de uma nova fonte independente, sobretudo porque von François conhecia as publicações de Schütt e usou literalmente, não só informações a nível do conteúdo, como também partes de frases e expressões qualificativas (p.ex.: “pobre diabo”, “cruel e ávido de sangue”, “atrevido”) (cf. Schütt 1881: 79-83) da autoria daquele. No entanto, restam divergências, especificações e informações complementares suficientes, que fazem com que esta versão não seja dispensável, desde que haja uma crítica cuidadosa das fontes. Para von François, os Africanos tinham permanecido no “seu estado primordial” e não eram “no sentido restrito da palavra, povos históricos”. Vê também confirmado o chavão do “negro preguiçoso”: “Ele vive no paraíso, não trabalha, mas colhe”. Já os seus contemporâneos se sentiram incomodados com os juízos categóricos e a altivez arrogante deste explorador de África. Curt von François considera porém negativa a já imparável influência do Branco: “[N]ão levará muito tempo até que o inofensivo indígena descubra, em seu prejuízo, que, entre os brancos omniscientes, também existem indivíduos que não são deuses nem boas pessoas.” (1888a: 276)

Texto

1. *“Geschichtliches über die Bangala, Lunda und Kioko” [Sobre a História dos Bangala, dos Lunda, e dos Kioko], 1888a: 273-276*

História de um povo natural selvagem. Em certas pessoas isto pode provocar dúvidas. Muitos dos meus leitores perguntarão: “Será que se pode falar de História a respeito de um povo que ainda se encontra na fase mais primitiva do seu desenvolvimento cultural? Será que entre os povos do interior africano existem tradições que o explorador pode registar com alguma certeza?”

Sem dúvida que o devir, o desenvolvimento e os progressos culturais das tribos do interior africano serão difíceis de verificar. O homem natural no seu estado selvagem é somente um filho do presente; não pensa no futuro ou no passado; conhece o seu senhor, as suas esposas e os seus escravos, os seus parentes e amigos mais próximos e sabe qual o vizinho mais fácil de saquear e qual a árvore ou a planta que lhe fornece os melhores frutos. Numa palavra: “ele vive” e é um egoísta crasso. A vida interessante e variada que as tribos devem ter atravessado, a partir do momento em que os negros filhos de Eva entraram na região, está, por esse motivo, enterrada para sempre no seio do passado. Aqui não se encontram, como no Egipto, ruínas de uma cultura elevada de outrora, nem monumentos fúnebres que testemunham a existência de gerações

anteriores; só se vêem produções do presente e as sepulturas anónimas da última geração falecida. A História destes povos subdesenvolvidos é recente, muito recente e mal chega ao século passado do nosso calendário. É uma História sem desenvolvimento da cultura, sem os altos e baixos da inteligência humana, uma História que consiste, pelo contrário, no domínio sanguinário e no vício do extermínio implacável.

O interior africano e conseqüentemente a História dos povos aí residentes só começa a ser do conhecimento geral, desde que os portugueses se instalaram em Malanje; aliás, parte dessa História está estreitamente relacionada com a chegada dos brancos portugueses e foi fortemente condicionada por ela. É o que acontece com a História dos Bangala. Os relatos que se seguem não se baseiam, de forma alguma, em relatos de colonos portugueses ou nas informações oficiais sobre as campanhas dos portugueses, mas assentam em tradições orais de âmbito geral, que me foram transmitidas por Germano e pelo intérprete Kunha [Cunha], cuja mulher é uma negra bangala. No essencial, posso apoiar-me também nos relatos do senhor Otto Schütt que, na sua viagem no país dos Bangala, teve como intérprete o mesmo Germano que esteve ao meu serviço.

Dizem que, há cerca de 300 anos, o grande reino dos Lunda era governado por um rei que encarava o seu fim com apreensão, por estar muito insatisfeito com a atitude dos seus dois filhos. Por diversas vezes, estes tinham tido um comportamento pouco respeitoso para com ele e tinham também demonstrado um comportamento arrogante para com o povo, pelo que o pai decidiu retirar-lhes o direito ao trono. Como isso só podia ser realizado com astúcia, quando sentiu a morte a aproximar-se, o rei mandou chamar a sua filha e deu-lhe as insígnias do reino com a indicação de que ela seria a detentora das mesmas e deveria governar o reino. A jóia do reino, uma pulseira feita com os dentes dos antepassados, transforma o seu proprietário num ser semelhante a um deus aos olhos dos negros lunda e faz dele o soberano incondicional do reino dos Lunda. Pouco tempo depois desta ocorrência, o pai fechou os olhos e a sua filha Lukokescha [*rukonkesh*] tomou posse do governo. O povo reconheceu-a como regente legítima, uma vez que ela detinha os símbolos sagrados; um dos seus irmãos também lhe prestou homenagem, mas o segundo, Bangala-Kinguri, insurgiu-se e fugiu, pois temia a vingança da irmã. Uma parte dos seus seguidores partiu com ele, adoptando o nome de Bangala em sua honra. Partiram para o Ocidente e chegaram à fronteira de Angola, numa altura em que os portugueses lutavam com a rainha Ginga [*i.e.* Njinga a Mbande Ana de Sousa, 1582?-1663] e os Pende, habitantes da margem esquerda do Kuango, pelo domínio da região. Bangala ofereceu aos portugueses o seu apoio e foi aceite como aliado, com regozijo. Diz-se que nesta ocasião ele teria exteriorizado que possuía uma arma capaz de derrubar qualquer boi e a verdade é que, com a sua flecha, conseguiu atingir um touro que lhe tinham trazido, com uma tal perícia, que este tombou no mesmo instante. A rainha Ginga foi

subjugada, os Pende fugiram para o interior e fundaram, na margem esquerda do Kassai, um reino que ainda hoje subsiste.

Bangala obteve dos portugueses o antigo território dos Pende, que a Leste fazia fronteira com Angola e, pouco tempo depois, a bandeira portuguesa, sinal da sua nacionalidade, esvoaçava frente à sua residência. Preocupou-se como ninguém com o bem-estar do seu país e adoptou algumas práticas dos seus vizinhos civilizados, mandando cultivar extensas plantações de milho, mandioca, feijão e legumes. Certo dia, encontraram os campos prontos para a colheita devastados pelos elefantes. Bangala organizou imediatamente uma grande caçada. Vinte caçadores bem equipados seguiram a pista até ao vale do Ndalla-Mukongo. Nesse local, não encontraram elefantes, mas em compensação, encontraram boa água, uma bela região e muito tabaco, sal e madeira. O pequeno território era muito mais convidativo do que a zona em que viviam na altura. Os caçadores voltaram muito entusiasmados até junto de Bangala e este mostrou-se logo disposto a uma mudança de residência. Não lhe seria porém concedida a oportunidade de conhecer aquele prezado paraíso. Bangala tornara-se cruel e sanguinário. A fim de mostrar a sua autoridade, dizem que, ao lado da sua cadeira, mantinha sempre um rapaz do lado direito e uma rapariga do lado esquerdo, cada um com uma grande faca na mão. Quando se levantava, apunhalava primeiro o rapaz e depois a rapariga com a arma sangrenta. Esta tirania desencadeara uma revolta do povo contra ele. O povo desejava a sua morte e decidiu pôr em prática o seu plano durante a mudança para o novo local de residência. Os conspiradores construíram, para o temido soberano, uma habitação sólida, que seria o seu futuro palácio na nova pátria. Contudo, mal Bangala entrou nele, barricaram-lhe a porta e deitaram tanto *fuba* (farinha de mandioca) por um buraco existente em cima, que Bangala morreu asfixiado.

Kulanjingo, sobrinho do assassinado, ocupou o trono e conduziu o seu povo mais para Leste, em direcção a uma zona muito afamada, que pertencia a Hamba, o chefe dos Pende. Este cedeu, sem questionar, uma parte do território aos Bangala e, em pouco tempo, surgiu Kassandsche [Cassange], a nova capital. Porém, a relação com a população local não se revelou favorável. Diversos atritos transformaram a situação numa catástrofe. Por isso Kulanjingo associou-se, cada vez mais estreitamente, a N'gongo de Libollo, de cuja família ele tinha desposado diversas mulheres influentes, e a Kalunga, um chefe Bondo. Esta coligação amigável conduziu a uma conspiração contra Hamba, que decorreu de forma semelhante à conspiração contra Bangala. Foi organizada uma cerimónia e, numa sala aprontada para a ocasião, o trono de Hamba foi colocado sobre um buraco com cerca de 3 m de profundidade, ligeiramente tapado. No momento em que o infeliz se sentou, desapareceu nas profundezas com a sua cadeira e os assassinos lançaram terra e proferiram maldições sobre a sepultura aberta.

O povo foi então informado de que a sucessão ao trono verificada até então, fora revogada e que a partir daquele momento o governo do reino caberia alternadamente a um membro da família de N'gongo, de Kalunga e de Kulanjingo. Por ora, o povo teria de obedecer ao último, enquanto este estivesse vivo, depois seria a vez de N'gongo e por fim de Kalunga. Kulanjingo mantivera a relação com os portugueses, pagando-lhes anualmente um pequeno tributo em marfim, em troca do qual o governo enviava comerciantes para o local, a fim de instalarem feitorias. Para protecção destas feitorias, os portugueses criaram a Feira em Kassandsche e instalaram aí um pequeno regimento de soldados. Diz-se que, nas guerras que se seguiram, os soldados portugueses morreram muitas vezes à fome. Após o assassinato de Hamba, os seus apoiantes defenderam-se, pelo que se seguiram várias guerras acirradas em que os partidários do assassinato foram derrotados. Kulanjingo foi solenemente coroado e todos os vassallos, incluindo os filhos de Hamba, lhe prestaram homenagem. Porém, desde essa altura, existe entre os Bangala uma facção conservadora e uma facção revolucionária, a última das quais pretende reinstalar a sucessão dos sobrinhos. A Kulanjingo sucedeu N'gongo e a este Kalunga-Kamassa, após o que o trono teria sido ocupado pelo grande Bumba.

Bumba quis emancipar-se dos portugueses da Feira; exigiu ao director aí colocado um tributo em aguardente e tabaco e, quando este lhe foi recusado, mandou rufar os tambores na sua residência e proibir a venda de quaisquer artigos aos brancos.

Nesse mesmo tempo, um português fora assassinado na aldeia bondo de Ndalla-Kissua. O governo enviou o tenente Almeida com 50 homens, a fim de cobrar uma multa ao chefe. Este [tenente] conseguiu obter as cabeças de gado exigidas, só que as perdeu durante a viagem, voltando imediatamente para trás, a fim de cobrar de novo o mesmo tributo. Desta vez, foi porém escarnecido e reenviado para Malange, com pouca delicadeza. O incidente ocorreu em 1848. O governador enviou então o major Salis, com um regimento mais poderoso. Ndalla-Kissua foi cercada e o seu chefe foi levado como prisioneiro para Malange. Amarrado ao cano de um canhão, o pobre diabo foi obrigado a ouvir o trovejar de vários tiros de canhão para o ar, tendo regressado aleijado e meio surdo à sua terra natal. Os habitantes da Feira pediram então ao major Salis para infligir um castigo semelhante ao arrogante Bumba. Salis deu seguimento ao pedido. Os seus soldados avançaram, confiscaram violentamente o gado bovino, mas o próprio Bumba fugiu para o país dos Dongo. Foi destituído do trono e Kalunga-Kakistango ocupou o seu lugar. Ao fim de dois anos de governo pacífico, este ouviu falar de Bumba e considerou que era sua obrigação encontrá-lo e assassiná-lo. O director da Feira e outros brancos escoltaram-no nesta campanha. Contudo, toda a companhia sucumbiu às facas dos apoiantes de Bumba e este regressou ao seu país natal como soberano. Nesta altura, um terror generalizado apoderou-se dos brancos. Fugiram para Malange e, pouco

tempo depois, partiu de lá um pequeno exército para fazer frente a Bumba. Este conseguiu evadir-se de novo, atravessando o Kuango, e desapareceu completamente durante uns tempos. Os portugueses nomearam Kambollo la N'gongo como sucessor, após cuja morte prematura Kameije alcançou o poder. Contudo, também este morreu passado pouco tempo. Bumba apareceu subitamente, pediu perdão, na Feira, pelas suas faltas e foi reconhecido como soberano. Governou sem incidentes, satisfazendo ambas as partes até 1861. Nesta data, rebentou um conflito violento entre dois subchefes da zona de N'Donje sobre o tema da sucessão, no qual os portugueses se imiscuíram e Bumba também participou. Durante o combate, um importante chefe pertencente à família Kalunga foi preso pelos portugueses e decapitado. Num instante, a mais viva insurreição tomou conta do país. Os brancos fugiram, os Bangala assaltaram as feitorias, pilhando e matando, devastaram toda a área em redor e todo branco que caiu nas suas mãos foi morto sem piedade.

O governo português enviou o major Casal com 150 homens para a reposição da ordem contra os Bangala. Estes fugiram, mas Casal, deixando uma parte dos soldados com o chefe N'gunza, partiu com a outra parte no encalço dos fugitivos, para a região do Kuango. Numa localidade perto do Kuango, Casal teve de montar acampamento. A aldeia fora abandonada e não existiam alimentos, mas, na savana, andavam algumas cabras isoladas. Casal ordenou que a sua gente corresse para fora e apanhasse os animais. De repente, os Bangala irromperam do seu esconderijo, Casal foi abatido a tiro do seu cavalo e a sua gente foi chacinada. As mãos de Casal e o seu escalpe foram entregues a Bumba. Os vencedores avançaram contra os restantes portugueses, mas foram derrotados e, quando poucos dias depois, o major Serra chegou com reforços, os portugueses reapoderaram-se da Feira. Durante três meses foram cercados pelas hordas selvagens dos Bangala e quase morreram à fome. Serra viu que estava perdido e pediu aos adversários que lhe permitissem a livre retirada para Malange, retirada essa que lhe foi concedida, uma vez que, depois de tão prolongado período de guerra, os Bangala tinham empenho na reposição das relações pacíficas e para eles lucrativas com os brancos.

O governo português não ficou satisfeito com a situação e enviou, por isso, o capitão-tenente Borga com o mulato Mendes para fazer frente aos Bangala. Só que os dois se deixaram subornar e mandaram relatos tão favoráveis sobre os Bangala, que não foram tomadas outras medidas. Mendes, que mais tarde seria nomeado juiz e governador de Ambakka, instalou-se ali com uma arbitrariedade desavergonhada, até que o governo achou que era demais e mandou soldados para o prender. Como ele resistiu, os soldados mataram-no à paulada como a um cão. O filho de Mendes, que tomara parte nas chantagens e patifarias do pai, ainda se encontra detido na prisão estatal em Loanda.

Após os subornos de Borga e de Mendes, os Bangala adoptaram uma atitude singular para com os brancos. Assaltavam-nos assim que eles surgiam no seu

território e impediam-lhes completamente a passagem pela região. Por outro lado, eles próprios vinham para os territórios portugueses com os produtos do interior, podendo aí dedicar-se ao comércio sem perigo. Atendendo aos lucros, os comerciantes portugueses tratavam-nos com a maior das amabilidades.

A sucessão dos Bangala continua a resumir-se às três famílias descendentes dos três varões Kulanjingo, N'gongo e Kalunga. A pessoa em causa é eleita de cada uma das vezes e, neste processo, a decisão cabe aos quatro chefes poderosos que não têm direito ao trono e que são Kalandula, Kilamba-kia, Moanda [*sic, i.e.* Kilamba-kia-Moanda], Anzanguele, um importante chefe da região do Dongo, e Kunga. Estes dão a consagração ao governante e, nas cerimónias misteriosas, talvez lhe dêem por vezes também um veneno de acção lenta, uma vez que o número de familiares com direito ao trono é elevado e muitos deles anseiam pelo momento em que eles próprios deterão o ceptro. Por essa razão, é desejável que os regentes não reinem durante demasiado tempo e, na verdade, não houve um único governante, para além do grande Bumba, que tivesse ocupado o trono por mais de três anos. Mas Bumba nunca recebeu a consagração dos chefes. Era mais esperto do que eles e não os deixou recuperar a influência que detinham junto ao seu antecessor. Contentou-se com a sua autoridade efectiva, prescindindo de boa vontade da glória de uma instalação oficial. Após a morte de Bumba, Malengue e Muhungo disputaram o trono. Ambos dominavam o país e saqueavam-se mutuamente. Esta vida de saque e a maior liberdade dos chefes deve agradar-lhes, pois, até agora os Bangala não tomaram medidas para a nova eleição de um chefe supremo.

No que respeita à História dos Lunda, retrocedo até à altura já referida em que Bangala escapou à perseguição da sua irmã Lukokescha.

Aconteceu que um caçador itinerante, de nome Kibinda-Jlungo, chegou ao reino lunda, vindo do longínquo Sul, a fim de caçar nas vastas matas dos Lunda que, naquele tempo, não conheciam ainda a nobre actividade da caça. A sua força e o seu talento grangearam-lhe grande fama e um elevado prestígio entre os Lunda e quando, ao ser convocado por Lukokescha, lhe depôs aos pés um magnífico animal acabado de caçar, o coração da jovem rainha incendiou-se para com este belo e imponente homem e ela desposou o audacioso estranho. Passado pouco tempo, Lukokescha ficou de esperanças e, como aos olhos dos Lunda a mulher grávida é considerada impura, transferiu as insígnias do reino para o seu marido. Foi deste modo que ele ascendeu ao poder, concedendo todavia à sua mulher, por gratidão para com ela, os mesmos direitos de soberania. Kibinda-Jlungo faleceu após um longo e venturoso reinado e o seu filho Jamvo ascendeu ao trono. Lukokescha, como rainha-mãe, conservou porém o seu poder e dignidade.

Os títulos de Muata Jamvo [Mwant Yav] e de Lukokescha datam deste tempo. A última é sempre a rainha-mãe, embora não tenha necessariamente de ser a mãe do regente, sendo sim eleita. Tem a mesma posição hierárquica que o

governante, mas deve-lhe obediência em toda e qualquer situação, tal como qualquer outra mulher do reino. O Muata-Jamvo (Matiamo) é visto como um deus; não tem defeitos, é belo e não pode ser morto, uma vez que, dada a sua condição sobrenatural, não pode ter parentes. Deste modo, a sucessão processa-se de forma irregular. Quando morre a Lukokescha, muita gente a acompanha ao reino das trevas, o que significa que o carrasco da corte abate todos os que encontra no seu caminho. Seguidamente, a falecida é sepultada, de corpo inteiro, no grande cemitério dos soberanos, perto de Kababe. Aquando da morte do Muata-Jamvo, não são realizados morticínios em massa, porque se depreende que, ao longo da sua vida, este já terá enviado bastantes almas para o além. Apenas quatro pessoas, geralmente escravos, são executadas; porém, além destes, são sepultados um homem e uma rapariga com as pernas partidas, numa cova em que, do falecido chefe, se encontram apenas os cabelos, os dentes e as unhas. O corpo é imerso no ribeiro Kalanji [Calanhi], situado a três horas de distância da capital, já que os Lunda acreditam que, se assim não for, o falecido se transforma num animal selvagem. O novo Muata-Jamvo ascende ao trono imediatamente após a morte do seu antecessor.

A dinastia conta já com muitos outros governantes que se seguiram ao primeiro Muata-Jamvo e cujos nomes foram registados por Schütt no seu relato de viagem. O último Muata-Jamvo [*i.e.* Noéji Ambumba, conhecido por Xanama (Mbumb Muteb a Kat, *sanam* Nawej)] foi assassinado no ano de 1883, como já relatei anteriormente, em consequência da sua regência sangrenta, o que constitui uma prova de que os Lunda se afastaram da crença na condição divina do seu tirano. O novo regente [*i.e.* Ditenda, conhecido por Chibinda (Chibindw Ditend a Kasang), 1883-1884] e o seu sucessor [*i.e.* Noéji Cangápua (Kangapw Nawej), 1884] foram também vítimas da faca do assassino, num curto intervalo. Com o actual Muata-Jamvo [*i.e.* Qui(m)bamba, conhecido por Muriba (Mudib), 1884-1885], a paz e a ordem parecem ter regressado ao reino dos Lunda, bem como uma tirania menos sanguinária.

Nos locais fronteiriços ao reino dos Lunda em que estivemos, encontravam-se aldeias dos Kiokos [*i.e.* Cokwe ou Chokwe] dispersas entre as aldeias dos Lunda. A mudança para esta zona ocorrera há poucas décadas. A sua terra natal situa-se no Sul, mas não consegui descobrir onde; o povo de que descendem, os Lunda, como alguns afirmam, ou uma outra tribo, também permanece na obscuridade. Em todo o caso, eles continuam a avançar cada vez mais para Norte e para Nordeste, obrigando as populações locais a retirar-se. Por isso, é quase certo que os vivos e inteligentes Kioko tenham um grande futuro à sua frente.

Isto é tudo o que posso dizer sobre a História dos Bangala, dos Lunda e dos Kioko, não consegui descobrir absolutamente nada sobre as outras tribos. Mas também face às primeiras estas têm uma importância secundária. O historiador é capaz de se sentir bastante insatisfeito com estes fragmentos desconexos,

precisamente porque no interior africano não existem povos históricos, na acepção mais restrita do termo.

Entre os nossos povos de cultura, conhecemos alguns que percorreram rapidamente as etapas do desenvolvimento e outros que só avançaram a pouco e pouco. Assim, os chineses já há 2000 anos se encontravam na fase de desenvolvimento que os nossos estados europeus alcançaram há poucas décadas. Só que estagnaram e foram ultrapassados. Ora os negros estagnaram no seu estado primitivo. Continuam a ser caçadores e pescadores como há tempos atrás e, ao longo dos seus milhares de anos de existência, só conseguiram ascender à condição de agricultores medíocres. Porém, para as necessidades do negro, isso é mais que suficiente. Ele não deseja coisa melhor que a natureza, em que pode viver a seu bel-prazer e que lhe põe os alimentos na boca, sem que ele os tenha de extrair do solo com o suor do seu rosto. Vive no paraíso, não trabalha, mas colhe e continuará o mais feliz e satisfeito possível, enquanto se mantiver resguardado dos interesses comerciais, das intrigas comerciais e da influência dos brancos. Chegou contudo o momento de viragem no seu destino. Há comerciantes negros que já percorrem há décadas as regiões do interior, em certas rotas e o homem branco penetra, por todos os lados, no coração do continente obscuro. O pioneiro branco da ciência é, para o homem natural negro, um prodígio; o seu fato, os artigos que trás e os talentos que demonstra fazem dele um deus aos olhos dos negros, mas não levará muito tempo até que o inofensivo indígena descubra, em seu prejuízo, que, entre os brancos omniscientes, também existem indivíduos que não são deuses nem boas pessoas.

PAUL GÜSSFELDT

Nascido a 14 de Outubro de 1840, em Berlim, Paul Güssfeldt fez o seu pós-doutoramento no ano de 1868, em Bona, depois de ter estudado Ciências Naturais e Matemática em Heidelberg, Berlim, Gießen e Bona (1859-1865). Nos anos de 1870/71 participou na campanha militar contra a França como voluntário. Pouco depois, a “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas” (Sociedade Alemã para a Investigação da África Equatorial), fundada no início de 1837, nomeou-o chefe da expedição interdisciplinar que ela enviou à costa do Loango e que era composta por oito pessoas (cujos membros não estiveram todos ao mesmo tempo em África; ver também Julius Falkenstein* e Eduard Pechuël-Loesche*; os restantes membros eram o agrimensor von Görschen, tenente H. von Hattorf, o mecânico Otto Lindner, Herman Soyaux* e o major Alexander von Mechow*; ver também Adolf Bastian*). Güssfeldt era responsável pelas observações e determinações topográficas e geográficas e tinha de realizar as principais tarefas organizatórias, nomeadamente a construção de uma estação de pesquisa como ponto de apoio e armazém – montada em Chinchoxo ou seja Tschintschotscho (5°9' S) – e o contrato de carregadores para a exploração do interior do território. Pretendia-se ir o mais longe possível em direcção a Oriente e fazer um reconhecimento geográfico do terreno. A realização das ambições mais elevadas, instigadas pelos sucessos de Henry Morton Stanley, teria consistido em atingir a costa oriental partindo do Loango e seguindo uma rota pelo norte.

Güssfeldt deixou a Europa a 30 de Maio de 1873. Infelizmente, perdeu num naufrágio ocorrido na viagem de ida, perto de Freetown, a 14 de Junho, todo o equipamento, em cuja aquisição tinha participado pessoalmente com uma quantia significativa. Outros objectos do equipamento da expedição perderam-se mais tarde noutros barcos. Güssfeldt só chegou, por isso, a 25 de Julho ao seu destino, Banana. Durante o período entre a sua chegada e 7 de Julho de 1875, dia em que, resignado, deixou África, viajou sobretudo pela costa do presente enclave de Cabinda, empreendeu viagens pelo Kouilou (16.10.-2.12.1873, ver texto 1; Junho/Julho 1874, ver texto 2), pelo Chilungo (início de Março de 1874) e pelo curso inferior do Nyanga (10.8.-29.10.1874). No final de Março de 1874, partiu para uma viagem de dois meses por Luanda até Quicombo e Novo Redondo (o actual Sumbe) para arranjar cem carregadores, impossíveis de obter no Loango (Falkenstein foi lá buscá-los no fim do ano). Durante a sua curta estadia em Luanda, realizou uma viagem pelo Kwanza até ao Dondo e aos rápidos de Cambambe.

No livro publicado conjuntamente com Falkenstein e Pechuël-Loesche sobre os resultados da pesquisa, calhou-lhe a parte da descrição do decurso da expedição. Escolheu a forma de diário: “Uma das três razões que podem ser apresentadas [para tal], tem a ver com a forma como a matéria foi dividida entre

os três editores: a mim não me calharam os capítulos sobre Etnologia e Geografia Física do Loango, passíveis de um tratamento mais geral. A segunda razão é que sem a descrição das experiências pessoais não se pode esperar que o leitor compreenda as singulares dificuldades que até hoje não foram vencidas [...]. A terceira razão está na pouca profundidade dos conhecimentos que se podem adquirir na breve passagem por uma região.” (1879: preâmbulo). Este carácter da sua narração tem como consequência uma descrição/exposição mais concreta do que em qualquer um dos outros autores das dificuldades incontáveis, com que os europeus se depararam, os seus insucessos e doenças, que surgem aos nossos olhos de forma extremamente plástica (ver textos 1 e 2). Devido a estas circunstâncias, é francamente surpreendente ler o ensaio de Pechuël-Loesche e verificar como apesar de tudo a expedição foi tão produtiva. Em Güssfeldt, a exposição das adversidades está em primeiro plano, outras informações, por exemplo de carácter etnográfico, só se encontram espalhadas aqui e ali, apesar de poderem ser facilmente localizadas, o que não acontece em Pechuël-Loesche, dado o seu pendor generalizante. O facto de Güssfeldt não dar mais informações desse tipo e de praticamente não referir as suas impressões acerca da Angola portuguesa parece, por isso, intencional. Assim, escreve o seguinte sobre a sua excursão a este país: “Não posso oferecer uma descrição do país que acabei de conhecer e que parece tão estranho depois da longa estadia no território situado a Norte do Congo, pois não se enquadraria nos objectivos deste livro.” (1879: 145). Porém as suas descrições de viagens anteriores não mostram muito mais observações etnográficas ou uma penetração e compreensão mais profundas, pelo que as justificações apresentadas por ele têm de ser vistas, em parte como pretexto, mas em parte também, como resultantes das circunstâncias da viagem. Informações etnográficas resumidas com alguns pormenores interessantes podem ser encontradas sobretudo nas suas palestras publicadas posteriormente.

Güssfeldt, que foi repetidas vezes abalado por fortes ataques de malária, parece ter sido o que sofreu mais intensamente e durante mais tempo com o facto de não se ter conseguido alcançar os objectivos preconizados: “‘frequentemente o explorador encontra no final da sua carreira, em vez de uma coroa de louros, uma coroa de espinhos.’ A mim, a última foi-me cravada na cabeça. – Eu sinto as feridas dolorosas causadas por ela, mas cabe-lhe a si julgar, se preciso de me envergonhar delas.” (1875b: 218). Críticos europeus consideraram haver uma co-responsabilidade por parte dos organizadores em Berlim, por não terem concedido a Güssfeldt autonomia incondicional e liberdade de planeamento e também por não terem sido muito felizes na escolha dos participantes. O facto de Adolf Bastian ter voltado a partir em viagem, já em Maio de 1875, e por isso a correspondência de África ter de ser enviada primeiro para América do Sul e depois para a América do Norte, antes de poder

ser respondida a partir de Berlim, foi igualmente considerado prejudicial para o empreendimento.

Güssfeldt sentia-se responsável e foi o mais confrontado com a atitude defensiva dos africanos, devido à sua posição de chefia e também devido à sua maneira de ser e ao seu comportamento (ver também *supra*, a introdução). Não encontrou forma de se aproximar deles. O mundo dos africanos permaneceu-lhe fechado (ver texto 3), o que não se deveu somente a problemas de língua. A colisão entre duas visões do mundo completamente diferentes e as consequências negativas da interação entre europeus e africanos durante séculos na costa do Loango (comércio de escravos!) espelham-se nas experiências de Güssfeldt (ver texto 4). Além disso, ele provinha também de um meio europeu, dominado pela “ideia tradicional da pouca inteligência do negro” (1879: 84), de que Güssfeldt, apesar de todos os esforços, não se conseguiu libertar completamente e menos ainda do que os seus companheiros. Assim, embora se opusesse aos “preconceitos sobre a constituição simiesca dos negros do Loango” (p. 49) e os achasse uma “raça bem formada”, para ele “o chefe de Nkondo”, no seu uniforme europeu vermelho, tinha uma “parecença arrepiante com um macaco antropóide” (p. 74). Marcado pelas suas experiências negativas, não viu nos traços fisionómicos dos Yombe senão “astúcia manhosa, cobiça e insolência” (p. 106). Para ele estavam também fora de questão, como era normal na altura, “a diferença de capacidades” e a “desigualdade” entre Europeus e Africanos. Güssfeldt estava fascinado por Stanley e pelo empenho colonial da Bélgica, mas tinha dúvidas sobre a legitimidade de uma “missão civilizadora” europeia (ver texto 5). Respostas como as seguintes devem ter desencadeado essas dúvidas: Quando ele e os seus acompanhantes perguntaram aos habitantes da localidade Osoba “o que é que eles fariam, se os Brancos se fossem todos embora e aqui não chegasse nem aguardente nem tecidos nem pólvora, eles responderam muito bem que os seus antepassados não tinham conhecido nada dessas coisas, mas tinham sido felizes da mesma forma.” (p. 85)

Influências exteriores adversas, como por exemplo, uma epidemia de bexigas e a ausência quase total das chuvas em 1873/74, com seca e fome como consequência, agravaram a situação geral. Os africanos responsabilizaram os missionários franceses em Landana pela falta de chuva e tentaram em vão expulsá-los do território. Lindner foi ferido com um tiro numa caçada. Uma outra vez correu o boato de que os participantes da expedição teriam tido culpa da morte (na verdade causada por uma doença) do influente Mamboma de Yenga que também desempenhava as funções de agente comercial e intérprete. O cozinheiro deles foi vítima de um ordálio de veneno e queimado numa fogueira. Dos carregadores contratados em Novo Redondo (Sumbe), em Abril de 1875, só vinte estavam em condições de serem utilizados, 25 tinham morrido, onze fugido e dez a vinte estavam sempre doentes. Quando, finalmente, em Junho de 1875, deveria ser feita uma última tentativa de partir

para o interior, fugiram não só quase todos os carregadores, como também os seus vigilantes. Pelos vistos, [os nativos] tinham tentado convencê-los de que iriam ser levados aos canibais. Entretanto, faltavam também todos os intérpretes e só havia um único africano que compreendia português. Mesmo a língua fiote (vili) era conhecida por muito poucos. Assim, Güssfeldt não viu outra saída senão voltar a Berlim para lá se aconselhar sobre o destino do empreendimento, ou seja, aconselhar o seu fim. Ali chegou a 24 de Agosto de 1875. A decisão proposta foi tomada, a estação dissolvida e todos os participantes que ainda tinham ficado na costa do Loango foram chamados a regressar.

As observações etnográficas de Güssfeldt são, na maior parte das vezes, superficiais, mas como existem poucas deste primeiro período, acabam por ser interessantes, tanto a nível do conteúdo, como do ponto de vista histórico-científico (ver texto 3). A conclusão que Güssfeldt tirou dos seus dois anos em África mostrava resignação e pessimismo: “Ultrapassar a desconfiança dos indígenas é impossível; como não conseguem compreender os verdadeiros objectivos dos viajantes, atribuem-lhes desejos de conquista e, dada a sua fidelidade fanática ao culto do feitiço, vêem no Branco que se aproxima um portador de violências fatais.” (1879: 221-222). As medições e observações meteorológicas e astronómicas desconhecidas (ver texto 1) ainda aumentaram decerto esta impressão. E: “talvez um explorador que se tivesse decidido a ir sozinho, sem carregadores, sem criados, sem armas, sem mercadorias para troca, alcançasse o que até agora todos os equipamentos meticulosos e aconselhamentos oficiais não conseguiram alcançar. Dada a maneira de ser dos negros, não é impensável que eles tratem bem os Brancos inofensivos que não lhes causam medo nem despertam a sua inveja. [Saber] se a ciência ganharia muito com esse tipo de procedimento, é uma outra questão” (p. 221).

Cerca de 300 objectos etnográficos comprados pela expedição do Loango ou recebidos como presente pela mesma foram vendidos ao Museu de Etnologia em Berlim (*CAG* I, 1874: 133-134; 1875: 202; 1876: 299).

Depois do seu regresso do Loango, Güssfeldt empreendeu ainda outras viagens. Em 1876, foi ao Egipto e visitou com Georg Schweinfurth o deserto árabe. Em 1882, foi à América do Sul para explorar os Andes centrais e os planaltos da Bolívia. Era um alpinista extraordinário e escalou sozinho, em 1883, o vulcão Maipo e o Aconcagua, entre outros (até uma altitude de 6560 m). É considerado mérito seu, o facto de ter familiarizado a Ciência com o maior maciço americano. Güssfeldt foi pioneiro na exploração das regiões altas dos Andes chilenos e argentinos, entre os paralelos 32 e 35, a Sul. Entre 1883-1885, foi secretário geral da “Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin” (Associação Geográfica de Berlim). Nos anos de 1889-1910 acompanhou o “Kaiser” Wilhelm II nas suas viagens aos países do Norte. Em 1892, foi nomeado Professor catedrático e leccionou no Seminário Oriental em Berlim,

principalmente a disciplina de orientação astronómica. Pouco antes do deflagrar da Primeira Guerra Mundial, reformou-se.

Entre as suas obras, que não se ocupam de África, encontram-se os seguintes títulos *In den Hochalpen (Nos Alpes Superiores)* (Berlim 1886), *Reisen in den Andes von Chile und Argentinien (Viagens nos Andes do Chile e da Argentina)* (Berlim 1888), *Kaiser Wilhelms II. Reisen nach Norwegen in den Jahren 1889 und 1890 (Viagens do Imperador Wilhelm II à Noruega nos anos de 1889 e 1890)* (Berlim 1890), *Der Montblanc (O Monte Branco)* (Berlim 1894) e o compêndio *Grundzüge der astronomisch-geographischen Ortsbestimmungen auf Forschungsreisen (Princípios da localização geográfica e astronómica em viagens de exploração)* (Braunschweig 1902). Em data desconhecida, foi-lhe atribuído o título de “Geheimer Regierungsrat” (Conselheiro de Estado). A 17 de Janeiro de 1920, Paul Güssfeldt faleceu em Berlim.

Textos

1. “*Bericht über die von ihm geleitete Expedition an der Loango-Küste*”
[“*Relato da expedição por ele chefiada à costa do Loango*”],
1875b: 202-204

O meu percurso está registado num mapa já publicado; conduziu-me – mais ou menos paralelamente ao curso do Quillu – da cintura de floresta de Majombe até à região arborizada de Jangela que é habitada pelos Bakunias; a partir de uma cadeia montanhosa com 2000 pés, que a minha pequena caravana atravessou, tive a oportunidade de contemplar uma grande extensão do continente desconhecido – em direcção ao local onde esperávamos encontrar a solução do grande enigma; a possibilidade de aceder a esse local encontrava-se aqui claramente perante mim, pelo que essa visão me encheu de sensações muito novas até aí desconhecidas, sob cujo poder os pressentimentos muitas vezes negativos se transformavam na chama viva do entusiasmo; perante isto, todos os incómodos da viagem desapareciam. E a verdade é que não havia falta destes últimos, como poderá constatar, quando lhe descrever o curto decorrer de um dia de marcha. Tinha de me levantar ao alvorecer, para acordar a minha gente; as canseiras do dia anterior e o leito duro e pouco saudável no chão raramente me permitiam sentir a benção de um sono reparador. Ingeria um chá e uma insípida banana grelhada, enquanto incitava os carregadores a pegar nos fardos e recusava as últimas exigências do chefe da aldeia. Começava então a marcha, na maioria das vezes a um ritmo tão veloz, que a anotação [dos dados] da bússola, do relógio e frequentemente também do aneróide, que de 5 em 5 minutos se tornava necessária, só era exequível com uma grande experiência; quatro horas depois, fazia-se uma pausa e preparava-se os mantimentos comprados; a pausa era aproveitada [por mim] para completar e tornar legíveis as breves notas tiradas pelo caminho. Depois, seguíamos viagem – mais quatro

horas e eu alcançava finalmente o destino estabelecido. Em vez de poder gozar o descanso que o clima tropical e as oito horas de marcha dificultadas por atalhos horrorosos tornam desejável, eu era imediatamente rodeado por todos os habitantes da aldeia e observado em cada um dos meus gestos. Pouco depois surgia o chefe da aldeia numa procissão, envolto na sua melhor vestimenta e seguido pela sua corte; iniciava-se a habitual conversação de boas vindas, em que eu mandava recitar o meu discurso que tinha de ser repetido todos os dias e recebia de presente bananas, mandioca ou galinhas, talvez até uma cabra. Começava então um período de relativo sossego, enquanto se preparava a minha refeição. É raro, um negro do mato incomodar o branco durante a refeição e eu insisti sempre rigorosamente para que todos os espectadores se afastassem enquanto comia, até porque isso aumentava o meu prestígio. Assim que a refeição terminava, que começava a anoitecer e eu fazia todos os preparativos para a observação astronómica, aparecia mais uma vez o chefe da aldeia, com um séquito ainda maior, sentava-se à entrada da minha cubata, iniciando-se então as conversações sob a assistência de toda a população que se encontrava reunida ao fundo. As dificuldades colocadas ao meu avanço mais para o interior são maiores ou menores, dependendo do local onde me encontro; na maioria das vezes destinam-se apenas à obtenção da maior quantidade possível de tecidos e outros artigos de troca. Porém, em África também se aplica o provérbio que diz que tempo é dinheiro – o número limitado de carregadores só permite levar uma quantidade limitada de mercadorias, ou seja, de dinheiro, sem eles, não é possível [fazer] uma viagem e a extensão desta depende de até quando chegam os artigos. Por isso, tenho de lutar com todas as minhas forças para conseguir escapar com a menor quantidade de compras possível. Posso estar certo de que, se num dos dias anteriores dei de presente mais do que agora estou a oferecer, isso será tomado como um precedente. Estas conversações podem levar horas; o corpo está cansado, a disposição enervada pelas febres frequentes, o céu cujo aspecto pode mudar em pouquíssimo tempo, está talvez limpo nesse momento; contudo, as conversações estendem-se, até que, a uma hora avançada, fico finalmente sozinho. Apresso-me então a fazer as minhas observações astronómicas; afasto-me de mansinho da aldeia, como um ladrão na noite, a fim de escapar à desconfiança dos indígenas que vêem os procedimentos necessários à observação como prática de feitiçaria nefasta. Frequentemente, a mão treme ainda de tal maneira, devido à agitação anterior, que às primeiras observações tem de se apor um ponto de interrogação no próprio local onde são feitas; os mosquitos lançam-se sobre o observador que não pode defender-se deles, o orvalho cai com tanta intensidade que as roupas ficam completamente encharcadas, enquanto o esforço da actividade põe todo o corpo a transpirar fortemente. Muitas vezes, a noite já vai avançada, antes de o viajante poder cair na cama, para conceder a si mesmo poucas horas de descanso, a fim de ganhar forças para enfrentar os acontecimentos incertos do dia seguinte.

2. *“Bericht über die von ihm geleitete Expedition an der Loango-Küste”*
[*“Relato da expedição por ele chefiada à costa do Loango”*],
1875b: 207-209

Já se passaram mais de 16 meses desde aquele tempo; só agora voltei a dar uma vista de olhos ao relato que, por precaução não foi ainda publicado. Os acontecimentos ressurgiram com nitidez no meu espírito, mas eu teria de saber usar a linguagem ardente e verdadeira de um Schiller, para poder ter a pretensão de conseguir dar-lhe uma imagem fiel dos meus padecimentos e desilusões.

Logo em Chinchoxo, os meus procedimentos necessários à escolha e empacotamento dos objectos a transportar foi interrompida quase diariamente por um acesso de febre, de forma que o mínimo esforço requeria um dispêndio desproporcionado de energia. No primeiro dia de viagem fiquei a meio caminho, porque o esforço excessivo e o desgosto com as mudanças de pessoal entretanto necessárias na expedição deram origem a uma violenta febre biliosa que se manifestou entre Massabi e Uinga. Abriguei-me, para pelo menos escapar ao sol ardente da praia, na última feitoria referida, que poucos meses mais tarde foi incendiada pelos indígenas, depois de terem assassinado o proprietário e ferido gravemente o seu assistente. – Nas feitorias do Loango, a 4 horas de distância a Sul do Quillu, encontrei-me com Lindner que me anunciou que grande parte das nossas coisas tinham sido danificadas pelas vagas da calema e que duas valiosas malas tinham caído à água. Porém, a febre acometeu-me tão violentamente, que não estava em condições para ir verificar o sucedido naquela mesma noite. – Lancei-me sobre a cama, atormentado pelos pressentimentos sombrios ainda mais intensificados pela febre e, enquanto me encontrava deitado no meio de sonhos confusos, um negro roubou-me a peça de vestuário que albergava muitas das minhas coisas mais preciosas. – Perdi, por exemplo, todas as minhas chaves do relógio, uma vez que também a mala que continha a chave de reserva tinha ido borda fora; o cronómetro cuja exactidão eu testara durante semanas a fio, para ser utilizado no registo do tempo, por meio de observações astronómicas, parou; as chaves da mala dos instrumentos tinham-se perdido e foi necessário enviar um mensageiro expressamente a Chinchoxo, para que, ao menos, as chaves do relógio fossem substituídas. Toda a bagagem teve de ser desencaixotada e vistoriada, enquanto que eu estava tão fraco, que mal podia caminhar sem ajuda. – Apesar disso, incitei [o pessoal] a apressar-se e tirei o máximo proveito da minha desventura. – Cheguei apenas com um dia de atraso à embocadura do Quillu, onde o senhor Reis, um experiente amigo português, me recebeu com a cordialidade de outros tempos.

Só então pude começar a formar um grupo de carregadores. Conseguí juntar cerca de 30 pessoas do Loango e tive de me contentar com a expectativa de contratar os restantes em Majombe. – Enviei pessoas e coisas rio acima, até à feitoria de Majombe, situada um pouco abaixo do portão de rochas de Gotu. O único intérprete que conseguí arranjar encontrava-se doente e a sua chegada

prevista atrasou-se 4 dias. Ao chegar à feitoria de Majombe, tive de entabular novas negociações com os príncipes bajombe, a fim de conseguir os carregadores que ainda me faltavam. Após intermináveis discussões, tudo ficou finalmente resolvido ao meio-dia de 5 de Julho, de modo que a partida poderia iniciar-se na madrugada do dia 6; os carregadores do Loango pregaram-me então uma partida pérfida ainda no final da tarde do dia 5, declarando que nenhum deles me acompanharia, se eu não desse a cada um deles um presente extra. Esta gente tinha vivido quase 8 dias à minha custa, sem ter realizado qualquer trabalho em troca; eu podia estar certo de que eles levavam a sério a intenção de fugir, uma vez que só teriam a ganhar com isso; se não queria desistir da expedição, tinha de ceder e chamar de volta os carregadores que já tinham começado a afastar-se.

No dia 6 de Julho realizou-se então efectivamente a partida com 52 carregadores e outros 8 negros e a minha caravana avançou em fila indiana pelas florestas de Majombe. Porém, logo no dia seguinte, os carregadores bajombe disseram-me que não prosseguiriam viagem, se eu não lhes desse também um presente. Perdi um dia inteiro com as negociações mais adversas, que foram suficientes para que eu receasse não poder concretizar a minha viagem.

Mantivemo-nos primeiramente do lado direito do Quillu e, ao fim do 5º dia de marcha, a expedição atravessou o Quillu no local onde as suas águas são delimitadas por margens rochosas. As minhas únicas horas de repouso e recolhimento eram aquelas em que a caravana estava de facto em movimento. – Todo o tempo restante era desperdiçado com as exigências descaradas dos carregadores para que lhes pagasse rações exageradas e com a necessidade recorrente de fazer face ao comportamento quase hostil e desdenhoso da população bajombe. – Era óbvio que os carregadores e a população partilhavam os mesmos interesses. – A anterior estação das chuvas tinha sido tão pouco pluviosa, a epidemia de bexigas tinha despovoado de tal modo aldeias inteiras, que mesmo os alimentos mais essenciais eram extremamente difíceis de conseguir. Eu perdia quase um dia em cada dois, por ter de enviar alguma da minha gente às aldeias circundantes, a fim de comprar mandioca e amendoins. Este tempo livre forçado era depois aproveitado pelos príncipes e chefes de aldeias indígenas para todo o tipo de exploração. – A consciência que esta gente tinha sobre do seu poder sobre mim, pode ser exemplificada pelo seguinte trecho do meu diário, que diz: “Antes de eu ter ultrapassado esta nova dificuldade respeitante à ração para o pessoal, surgiu o Mankaka-Vindo, o chefe da aldeia miserável, com um segundo dirigente da mesma e um terceiro companheiro, cujo título não me foi dado a conhecer. – O Mankaka ofereceu-me uma cabra e uma galinha; eu ofereci-lhe 12 jardas de tecido e 2 bonés em troca como presente; ele não ficou satisfeito com isso e exigiu 16 jardas de tecido e 2 bonés; quando me recusei a aceder, ele exigiu 24 jardas e 3 bonés e,

quando finalmente eu disse que ele só me tinha dado um presente pequeno, ele prometeu trazer-me 2 galinhas, exigindo então 30 jardas e 3 bonés. – Tive de me decidir a pagar essa quantia e, quando tudo estava pago, os miseráveis exigiram aguardente – que eu por princípio não levava comigo – e todo o tipo de coisas possível. Eu fiquei muito irritado e já estava com uma disposição capaz de enfrentar quantos negros me surgissem pela frente, recusando-me, com uma atitude hostil, a pagar-lhes mais o que quer que fosse. Perante isto, o grupo retirou-se descontente. O meu desejo mais veemente é sair deste antro de ladrões, mas tenho de esperar pela minha gente que saiu para procurar mandioca.”

A minha situação tornou-se cada vez mais insuportável, porque os carregadores bajombe me abordavam diariamente com novas exigências, apresentadas da forma mais descarada. – Quando, após a travessia do Quillu, chegámos ao território dos Bakunias e, mais uma vez, me fizeram esperar em Chitabe, com o pretexto de que não havia mantimentos disponíveis, os 23 carregadores bajombe revoltaram-se e fugiram. – Como não podia confiar em nenhum dos restantes carregadores, cuja fuga era esperada a qualquer momento, como o meu intérprete se mostrou completamente inútil, a população me enfrentava com uma desconfiança hostil e não se encontrava pessoas que quisessem substituir os desertores, fui obrigado a voltar para trás, se pretendesse, pelo menos, salvar a bagagem da expedição. Após fatigantes caminhadas, alcancei as primeiras cataratas do Quillu e, a partir delas, a foz do Quillu, depois de uma ausência de três semanas.

3. Die Loango-Expedition [A expedição ao Loango], 1879: 51-54

[No vale do Chilungo:] A manhã seguinte trouxe um espectáculo singular. Do mato vinha o murmúrio de pessoas, interrompido pelo agitar rítmico de chocalhos de madeira e o bater de sinos metálicos e, pouco depois, vi um grande bando de indígenas vindo da mata desfilar pelo terreno livre da feitoria. Pareciam agrupar-se em redor de um objecto que era carregado por alguns membros da sua gente. Uma parte dos negros estava fabulosamente enfeitada com penas, o seu corpo estava pintado com listas brancas e, por sobre o ombro esquerdo, pendiam pequenos objectos ornamentados com pedaços de pano. Outros brandiam espingardas de pederneira ou grandes facas e outros ainda tinham na mão garrafas de vidro vazias, mas todos contribuíam para o ruído surdo, com que o cortejo se aproximava da feitoria. Ainda antes da estranha comitiva se ter imobilizado, foi possível notar que o verdadeiro centro da mesma era constituído por uma tipóia. Dentro dela parecia estar estendido um corpo humano imóvel e o meu primeiro pensamento foi que se tratava de um cortejo fúnebre ou de um acto de vingança pelo assassinato de alguém. Foi grande a minha surpresa, quando o cortejo parou de frente da casa, a multidão

se apartou e dois feitiços [em forma de] grandes bonecos de madeira foram içados da tipóia e pousados no solo com desvelado cuidado. Tinham alturas diferentes, ambos lembravam anões malfeitos, pintados de vermelho e preto, com olhos amendoados e pernas curtas. Tinham um aspecto horroroso e, de acordo com uma hierarquia organizada segundo critérios estéticos, ficariam atrás do quebra-nozes das nossas vendas de natal. O peito e o abdómen mostravam-se completamente cravados de pregos de ferro, a cabeça coberta por uma coroa de penas. Preso à parte da frente do feitiço mais pequeno, encontrava-se um espelho, sob o qual pendia uma espécie de bolsa escocesa correspondente ao avental de couro do traje da elite nacional; a mão do braço direito erguido empunhava uma faca. Achas em brasa foram trazidas e depositadas aos pés do feitiço maior, enquanto o ruído diminuía, dando lugar a um relativo silêncio.

Entretanto, os numerosos crumanos [Kru] e o lingster [*i.e.* intérprete e agente comercial] da feitoria tinham-se reunido à volta do meu hóspede [um português] que olhava para aquilo com a expressão de um espectador entediado de uma peça de teatro. Ele entregou ao lingster, perante o povo reunido, quatro pregos de ferro, com os quais este foi até à frente da fogueira e proferiu um discurso na língua dos Bafiote – é assim que se chamam os habitantes da costa do Loango – em parte dirigido aos feitiços e em parte aos negros à sua frente. Estes últimos escutavam-no com toda a atenção e, de vez em quando, interrompiam o lingster, intrometendo-se no seu discurso; por mais de uma vez, os quatro pregos foram postos perante os olhos de espelho amendoados dos feitiços, aos quais então se falava ao coração de modo particularmente penetrante. Durante a conversa, não pude deixar de admirar, tanto a volubilidade da língua como a fluência do discurso. O conteúdo ficou por conta da minha fantasia e tive de me desenvencilhar da melhor maneira. De qualquer modo era óbvio que se tratava de uma comunicação aos feitiços, para que eles soubessem o que iria ser feito com eles. É que o lingster pôs os pregos sobre o fogo, guardou dois deles para o seu senhor e cravou os outros dois em cada um dos feitiços. Esse momento constituiu o sinal para o início de um tumulto selvagem. Todos se viraram contra os feitiços, começando a falar e a gritar para eles, ameaçando-os com gestos irados e eu pensei que tinha chegado a sua última hora. Mas não! Logo que a tempestade amainou, eles foram novamente guardados com cuidado; as garrafas vazias que se encontravam nas mãos dos recém-chegados foram enchidas com aguardente, ao que se acrescentou uma abundante dádiva de tecido, e o estranho cortejo desapareceu no mato, com feitiços e tipóia, sob o matraquear dos seus tschingongo.

Qual seria o significado desta cena, em que aparentemente se desenrolava uma cerimónia religiosa, em parte sob forma grotesca e em parte apaixonada? Os meus conhecimentos de português não chegavam para compreender inteiramente a explicação dada pelo meu hóspede. O que eu consegui entender

na altura foi que alguns indígenas da região do rio tinham uma dívida para saldar, resultante de uma transgressão contra o agente de Tschimfime (haviam apanhado uma canoa que lhe pertencia, carregada de produtos) e que agora os feitiços mandados vir deveriam assumir a obrigação de encontrar os malfeitores. As pessoas que haviam trazido os feitiços eram habitantes da aldeia onde estes eram guardados; apareciam sob a orientação dos feiticeiros e estes recebiam o pagamento pelos serviços que nunca eram prestados gratuitamente. As ruidosas invectivas [dirigidas] aos feitiços tinham como finalidade elucidá-los sobre o seu dever e a retenção dos dois pregos deveria provar que o branco detinha um penhor obrigatório.

Em todo o caso, esta explicação capta o sentido da coisa, mas não afirmo que ela seja absolutamente exacta. Ao permanecermos mais tempo neste país, verificamos quão difícil é descobrir o verdadeiro significado das cerimónias de feitiço. À investigação pormenorizada a partir da qual se podem seguramente deduzir os princípios gerais opõem-se dificuldades, na medida em que os indígenas são muito avessos à informação, mantendo o silêncio ou dando propositadamente indicações falsas. O parecer que formei durante a minha permanência na África ocidental sobre os sentimentos e as necessidades religiosas dos negros da região resume-se ao seguinte: eles acreditam numa entidade suprema, chamada Nsambi, mas precisamente por se tratar de uma entidade suprema, o ser humano necessita de uma mediação e é justamente esta que constitui o cerne da crença feiticista. Conferiam a determinadas coisas, configurações materiais de origem natural ou artificial, poderes que deveriam proteger as pessoas contra a hostilidade tanto de outras pessoas como da natureza, e chamaram-lhes feitiços (simkissi). Utilizando as palavras do poeta, poderíamos designá-los de “salvadores astuciosamente imaginados de um mundo doente!” [Friedrich Schiller], já que foi a consciência da própria impotência e a sua exploração por intrujões intrujados que os criou. Não se trata aqui de uma religião alegre, rodeada de poesia; pelo contrário, é triste e repulsiva, pois só serve para repelir o mal, não ensinando contudo a praticar o bem.

4. Die Loango-Expedition [A expedição ao Loango], 1879: 140-141

A falta de vias comerciais tem desde logo como consequência o facto de não existir uma casta de carregadores no Loango. O transporte de carregamentos em caminhadas que se sucedem umas às outras num breve espaço de tempo é uma arte que mesmo o mais forte só com a experiência consegue dominar; no entanto, é possível aprendê-la tanto mais rapidamente, quanto mais a forma dos fardos a carregar se adaptar aos hábitos vigentes. Pior do que isso é o já referido facto de não sermos capazes de indicar aos negros a contratar um determinado destino de viagem. Um destino determinado, isto é, conhecido, funciona como

um magneto que atrai; quanto mais perto se chega dele, maior a força de atracção; um destino desconhecido assemelha-se ao polo que repele; cada passo na sua direcção torna o negro mais renitente; pois a sua fantasia identifica o desconhecido com a morte e o aniquilamento. Poder-se-ia então presumir que a perspectiva de um lucro elevado conseguiria deitar por terra o medo. Contudo o viajante descobre em pouco tempo que tal só é o caso em condições muito determinadas. É verdade que a avidez por lucro e posses se desenvolveu muito fortemente entre os negros do Loango, mas só é satisfeita quando é possível fazê-lo sem um esforço pessoal extraordinário, ou seja através do comércio e da prestação de serviços nas feitorias europeias. Quando se exige algo de extraordinário, tem de se lutar contra a indolência e a resistência passiva, ambas as quais são incentivadas pelo facto de as condições de subsistência facilmente satisfeitas permitirem concluir que o trabalho é [para eles] a excepção e o ócio a regra. Um trabalho em que tenham de arriscar a vida ou simplesmente a comodidade da vida não está à venda por preço algum. Todavia, para o indígena do Loango, a noção de afastamento da costa está ligada, não apenas à ideia de perigo de vida, mas também de morte certa; para ele é evidente que todas as tribos desconhecidas são canibais, monstros desfigurados cujo mero vislumbre inflige pavor mesmo ao mais corajoso. A isto acresce ainda o facto de os negros do litoral, sob o peso omnipresente da sua crença feiticista, atribuírem qualquer acção incompreensível a causas sobrenaturais hostis. Para uma pessoa que durante toda a sua vida se preocupou apenas em satisfazer as suas necessidades materiais e sensuais, haverá coisa mais inexplicável e portanto mais atemorizador do que um branco que, em troca de nada, se expõe a todos os perigos de uma viagem ao desconhecido? O que pretende o forasteiro? Será que pretende trazer magias secretas para aquela terra, indispor os feitiços contra o povo? Será que pretende trazer-lhe bexigas, seca ou inundações? Será que pretende abrir o caminho da conquista aos europeus que venham posteriormente, ou dirigir-se aos canibais distantes, a fim de voltar com eles e atacar de surpresa e afligir o território do litoral? A única explicação que resta ao negro para a aparição do branco é a ganância, ou seja o comércio; no entanto, seria errado supor que o comerciante branco teria mais facilidade em avançar que o explorador científico. Apenas se substitui um obstáculo por outro. Desaparece o [carácter] inexplicável da acção, mas não o [carácter] indesejável, prejudicial aos interesses indígenas. Os negócios para lá da zona da costa, na região imediatamente contígua, são considerados pelos negros do Loango como monopólio seu; pretendem que os mesmos sejam conduzidos por etapas para o litoral e concedidos aos brancos por seu intermédio.

Tendo em conta estas explicações, não podemos surpreender-nos com o facto de a costa do Loango não disponibilizar carregadores ao viajante.

5. *“Die Loango-Expedition”* [*“A expedição ao Loango”*], 1879: 222-224
(*Vortrag am 9.10.1875 in der Gesellschaft für Erdkunde in Berlin*
[*Palestra na Sociedade de Geografia de Berlim em 9.10.1875*])

Os condicionamentos impostos à minha investigação independente não fizeram com que eu ficasse cego em relação aos problemas gerais que ainda têm de ser resolvidos em África. Estes chegam-nos de forma tripartida: civilizacional, comercial e puramente científica. A nossa educação e os conhecimentos adquiridos decidem, conjuntamente com as nossas inclinações pessoais, sobre qual destas actividades a incidência dos nossos esforços deve recair. É quase impossível realizá-las totalmente em separado, mas uma delas irá alcançar os seus objectivos antes da outra. Tenho a impressão de que as perspectivas da nossa missão civilizadora em África são muito reduzidas e duvido mesmo da sua legitimidade. É uma questão de fé e não de ciência [decidir] se se deve procurar a felicidade do mundo na divulgação uniforme da nossa cultura, se a determinação dos povos implica que, apesar das suas diferentes predisposições e desigualdades, atinjam o mesmo objectivo. De que nos servirá partilhar com o continente negro as verdades que conquistámos, as nossas maiores necessidades, os nossos prazeres da vida mais refinados? Estes não irão actuar como uma chuva fertilizante, mas transformar-se-ão em rios selvagens e, em vez de serem uma benção, irão espalhar a destruição.

Quão mais grata e inteligível é a missão comercial e científica! Aqui a legitimidade não oferece dúvidas. Cabe ao comércio fazer o levantamento dos tesouros de África; os seus rastros pioneiros são seguidos pela ciência e só assim esta poderá aspirar aos seus objectivos finais. A investigação científica em África deveria poder ser sempre uma grata devedora do comércio; e foi-o muitas vezes. Contudo, esta grande ajuda não nos deve fazer esquecer o que devemos à actividade de nobres e abnegados missionários. Quando porém não acontece uma coisa nem outra, quando o viajante científico é obrigado a tornar-se pioneiro, a sua melhor força esgota-se na luta pela sobrevivência. Infelizmente, é o que acontece na cintura equatorial da África ocidental que ainda aguarda os Núbios e os Árabes para igualar o Oriente. Por isso ainda vamos ter de aguardar pacientemente durante muito tempo até que a construção do nosso conhecimento geográfico de África esteja concluído. A expedição de Stanley, que garante a imortalidade de quem a realizou, que trouxe à geografia conhecimentos incalculáveis, e que dá à humanidade sua contemporânea o exemplo edificante da grandeza antiga, inaugura uma nova era na história dos descobrimentos de África. As pegadas de Stanley deverão ser a força magnética que atrai e determina a orientação de todos os esforços dos próximos tempos e é com alegria que saudamos a iniciativa tomada recentemente por um monarca magnânimo e perspicaz, o rei dos Belgas, no sentido de unir os povos de cultura ocidental para que participem activamente nesta obra. A fundação da

“Afrikanische Gesellschaft in Deutschland” [Sociedade Africana na Alemanha]
é a prova de que a nossa pátria está pronta a seguir esse apelo.



7 Coleção A. von Homeyer: “Feitiço dos Luba esculpido em madeira”. Na realidade: Ceptro de um chefe dos Cokwe. Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 778.

ALEXANDER von HOMEYER

O ornitólogo, Alexander von Homeyer, nasceu em 19 de Janeiro de 1834 perto de Grimmen em Neuvorpommern. De 1852 a 1878, pertenceu ao exército prussiano e viveu como alferes nas guarnições de Mainz, Trier, Frankfurt am Main e Rastatt, entre outras; e a partir de 1861, em Glogau e Schweidnitz. Em Frankfurt am Main, tornou-se também chefe do departamento da Colecção ornitológica da associação “Senckenbergsche Naturforschende Gesellschaft” (Associação de Pesquisa Científica de Senckenberg), tendo administrado a sua colecção de pássaros de 1854 a 1860. Mais tarde, a associação tomou conta da colecção de von Homeyer, composta por 14000 ovos de pássaro. Em 1861, investigou a fauna e em especial as aves das Baleares e dos países do Mediterrâneo Ocidental. Mais tarde dedicou-se também à investigação dos lepidópteros. Publicou inúmeros artigos para revistas de ornitologia. Em 1878, deixou o exército por motivos de saúde, com o grau de major e viveu até 1882 em Wiesbaden, posteriormente em Anklam e a partir de 1889 em Greifswald, Neuvorpommern, onde faleceu a 14 de Julho de 1903.

Em 1874, Alexander von Homeyer foi encarregue pela associação “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas” (Sociedade Alemã para a Investigação da África Equatorial) da chefia e dos trabalhos zoológicos da expedição a África, a chamada expedição de Cassange, cujos restantes membros foram Herman Soyaux*, Anton Erwin Lux* e Paul Pogge*. O fotógrafo von Roskowsky foi mandado de volta para a Europa logo no dia da sua chegada a Luanda. Como von Homeyer não autorizou Lux a utilizar os aparelhos deixados pelo referido fotógrafo, esta expedição ficou sem documentação fotográfica.

Alexander von Homeyer chegou a Luanda a 3 de Fevereiro de 1875 com Paul Pogge, deixando a cidade duas semanas mais tarde com este e com Herman Soyaux de barco a vapor pelo Kwanza em direcção a Dondo. A partir desta localidade, a viagem prosseguiu a pé. A 7 de Março, alcançaram Pungo Andongo. Aqui, von Homeyer adoeceu tão gravemente com malária e reumático nas articulações (“*tulatula*”), que não teve outra saída senão abandonar os seus planos de exploração e, a 27 de Agosto de 1875, iniciar a viagem de regresso a Luanda, juntamente com Soyaux, também doente. Nos finais de Setembro deixou a costa angolana no vapor português que transportava correspondência. Trouxe para a Europa uma colecção de lepidópteros de cerca de 5000 peças que, devido à sua doença, foi recolhida sobretudo pelos seus colegas, e a cuja preparação científica ele se dedicou depois em casa.

Sobre a sua viagem a Pungo Andongo, von Homeyer informou a associação “Deutsche Afrikanische Gesellschaft” através de cartas à direcção, mas a publicação, prometida por ele, de um relato de viagem com base nos seus diários não chegou a ser realizada, possivelmente, devido à carência de factos dignos de nota. Um artigo fanfarrão, cheio de lugares-comuns e histórias

inventadas, com as quais ele tentava compensar esta falta, deu origem a que a sua pretensão científica caísse em descrédito: “Em Bom Jesus, várias vacas foram conduzidas ao bebedouro pouco depois do pôr-do-sol. Quando estas tinham saciado a sua sede e regressavam a terra, alguns crocodilos saltaram-lhes em cima e morderam-lhes as caudas. Uma vaca teve que ser logo abatida, tinham-lhe arrancado o úbere.” E: “O meu acompanhante de viagem, o senhor botânico H. Soyaux, atirou da canoa, a pouca distância, vários tiros aos bichos enormes adormecidos [crocodilos]. As balas pequenas do revólver acertaram-lhes bem e houve uma cena maravilhosa. Todos mergulharam; só um bicho enorme, atingido na cabeça, dava voltas e reviravoltas à superfície, tentando em vão mergulhar.” (citação de *Aus allen Welttheilen [De todas as partes do mundo]* 9, 1879: 233). Segundo Soyaux, nunca se realizara tal viagem. Também os conhecimentos de Astronomia, Geografia e Zoologia de von Homeyer foram criticados como escassos e antiquados. Não fez observações etnográficas.

A falta de carregadores, com a qual também esta expedição teve que se debater, foi justificada por von Homeyer com “a chuva deste ano, que causou tantos danos, razão pela qual as pessoas estavam ocupadas em arranjar as suas casas, jardins, campos.” (*CAG I*, 1876: 295). Também relatou o seguinte sobre umas pessoas de Lunda que passaram por lá de visita, durante a sua presença em Pungo Andongo: “Um deles era oficial do Muata-Yambo e tinha estado várias vezes em Luba. O mesmo disse, que Muata Yambo [deve tratar-se ainda de Muteba (Muteb a Chicomb), 1857-1872/74 e não do seu sucessor Noéji Ambumba (Mbumb Muteb a Kat, *sanam* Nawej), 1872/1874-1883] era um homem idoso, muito agradável, que nos receberia de braços abertos. Ele pagaria a nossa estadia ricamente, exigiria contudo grandes prendas!” (*CAG I*, 1876: 296-297). De acordo com ordens do rei de Portugal, esta expedição de pesquisa alemã recebeu do lado português todo o apoio desejado. Depois do regresso de von Homeyer, a expedição foi primeiro chefiada por Anton Lux e posteriormente por Paul Pogge quando, em Quimbundo, Lux também foi obrigado a regressar por motivos de saúde.



8 Coleção F. e W. Jaspert: “Luena, escultura profana feminina. Kaluena (Loakano)”.
Lwena. Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 33706

FRITZ e WILLEM JASPERT

Willem Jaspert nasceu a 2 de Setembro de 1901 em Gevelsberg, na Vestefália. O seu pai, August Jaspert, tinha sido deputado da Dieta prussiana e reitor da escola, mais tarde baptizada com o seu nome, em Frankfurt am Main. Willem, que também viveu algum tempo em Frankfurt, foi primeiramente empregado bancário e tornou-se anos mais tarde escritor e editor. Depois da sua viagem a Angola, foi director da editora Reimar Hobbing. Aí, publicou também as obras de Hans Schomburgk sobre Angola. Mais tarde fundou editoras próprias: a editora “Freiheitsverlag Karl Siegismund” e a editora “Verlag für Sozialpolitik, Wirtschaft und Statistik” (Editora para Política Social, Economia e Estatística) em Berlim. A família Jaspert foi, desde o início, convictamente contra o movimento nacional-socialista. Willem e a sua mulher Isolde arriscaram-se, transportando judeus seus conhecidos para a Suíça por motivos de segurança. Também os seus irmãos, Fritz (14.3.1900-1995), arquitecto, e Reinhard (1904-1990), igualmente editor, salvaram vidas humanas do regime nacional-socialista. Willem pagou este seu posicionamento com o campo de concentração, onde foi morto a 30 de Abril de 1941 (Cartas do filho mais velho de Willem, W. Pinkus Jaspert, de 24.2., 12.3. e 15.3.2000).

Fritz e Willem Jaspert empreenderam, de 1926 a 1927, uma viagem de pesquisa aventureira a Angola, financiada por meios próprios, na qual foram acompanhados em algumas etapas pela esposa de Willem e pelo seu filho pequeno. Como o dinheiro poupado não chegava, eram constantemente obrigados a ganhar dinheiro durante a viagem. Exceptuando algumas excursões, o seu itinerário estendeu-se principalmente ao longo da linha de caminhos-de-ferro acabada de construir e na construção da qual eles também participaram. Tinham deixado Lisboa a 1 de Julho de 1926 e chegaram quatro semanas depois a Luanda e, passado pouco tempo, ao Lobito. A partir daí viajaram de comboio para a Ganda e depois, a pé, mais para o Sul, para a plantação de uma prima, na região dos Ovimbundu, onde trabalharam como agricultores durante alguns meses. No início de Janeiro de 1927, deixaram a fazenda e partiram por Caconda para o Huambo. Nesta localidade, apanharam o comboio até à última estação de Camacupa perto do Kwanza, para procurar trabalho na companhia inglesa de construção de caminhos-de-ferro. Primeiro, foram contratados como maquinistas, depois, Willem foi encarregado da construção de um grande troço de via em aterro. Aí, tiveram contactos até aos finais de Fevereiro com os Lwimbi (texto 3; “Descobrimos um povo novo!”) e a seguir com os Lwena, Cokwe (uma “nova tribo de negros descoberta”) e Lucazi. Durante uma viagem mais para o interior, Willem e a sua família conseguiram chegar ao lago Dilolo, onde um chefe lhes contou uma lenda com o conhecido motivo “vineta” (ver texto 1). Fritz Jaspert realizou, mais tarde, uma viagem ao Lungué-Bungo. Uma outra excursão dos dois irmãos teve como destino a nascente do Cassai. No

entanto, contrariamente às afirmações de Willem, parece só terem alcançado a nascente do Munhango, que não é idêntica à do Cassai. Os irmãos Jaspert sofreram repetidos ataques fortes de malária e outras doenças tropicais, de modo que decidiram regressar a casa. Depois de uma série de outras dificuldades, em relação às quais não terão estado completamente isentos de culpa, e sem vintém, deixaram o Lobito a 3 de Novembro de 1927. A 2 de Dezembro chegaram a Antuérpia e alguns dias depois à sua cidade natal, Frankfurt.

O resultado principal desta viagem é uma bonita colecção etnográfica que o Museu de Etnologia (o actual Museum für Weltkulturen) de Frankfurt comprou aos irmãos Jaspert, no início de 1928. Uma parte dos objectos foi cedida pouco depois ao Museu de Etnologia de Berlim (ver imagem 8). Alguns dos objectos etnográficos estão documentados um pouco mais detalhadamente na edição de 1930 (cf. texto 2). No entanto, não se encontra a “verdadeira sistematização” pretendida (Prefácio F. e W. Jaspert 1930: V). Apesar disso, trata-se de uma série de peças únicas notáveis. Aliás, um dos principais interesses dos irmãos era o artesanato local, da a escultura à pintura e ao desenho. Neste aspecto, o leitor encontrará ainda algumas indicações informativas, se ignorar os conceitos e os juízos valorativos usados.

A publicação dos resultados etnográficos da pesquisa de campo dos irmãos Jaspert teve uma recepção bastante crítica, embora merecida. Alfred Schachtzabel* que tinha, ele próprio, feito pesquisas durante vários meses em Angola, acusou-os de não terem resistido à tentação de “quererem dar mais do que aquilo que se pode esperar dos resultados de uma viagem que segundo as suas descrições terá sido [...] ‘aventureira’, pelo que durante a mesma não puderam dedicar o tempo e força de trabalho exclusivamente à pesquisa” (1931: 322). É por isso compreensível “que, no prefácio, a directora do Museu de Etnologia de Frankfurt, assinando como editora, salientasse expressamente que não podia assumir qualquer responsabilidade pelas alterações, acréscimos e exposições teóricas realizadas [pelos autores] depois da cuidadosa revisão do manuscrito, feita por ela.” (*ibid.*). Ressalvas semelhantes foram feitas por Hermann Baumann* depois das suas próprias pesquisas na mesma região: O livro, que também inclui observações superficiais sobre os Cokwe “relevou-se extraordinariamente duvidoso. De acordo com os dados dos meus informantes em Angola – oficiais e não oficiais –, que conheciam a forma de observação dos irmãos Jaspert, não se pode falar de trabalho de campo no verdadeiro sentido da palavra.” (1935: 8 nota de rodapé 2). O livro deles não teria, por isso, qualquer “relevância a nível etnológico” (Baumann 1932b: 311).

O objectivo da viagem a Angola, motivada pelos trabalhos de Lévy-Bruhl, fora, segundo declarações dos Jaspert, “estudar a cultura e a língua das organizações sociais ali residentes [!]”. Apesar de todo o empenhamento, não resultaram dali mais do que umas incursões com observações superficiais e algumas anotações linguísticas. Além disso, os irmãos Jaspert publicaram os

seus “resultados” de uma forma tão generalizante, que só em casos isolados se pode tirar deles uma ou outra informação de interesse (textos 1 e 3). Um efeito especialmente incomodativo, é produzido pelos julgamentos precipitados e as considerações teóricas sobre os “Primitivos” (texto 4), que já naquela altura levaram o editor a distanciar-se. Não surpreende que o mundo espiritual dos africanos tenha permanecido uma incógnita para os autores, influenciados pelo postulado de Lévy-Bruhl sobre um pensamento “pré-lógico”: “Todo o sistema religioso é difícil de esquematizar, pois nunca foi pensado e não corresponde à lógica europeia” (F. e W. Jaspert 1930: 82). A conclusão tirada das suas experiências em Angola também não mostra, por isso, esforço algum em penetrar mais profundamente num mundo que lhes era desconhecido, para já não falar de um reconhecimento diferenciado ou de laivos de compreensão (cf. textos 4 e 5). A “preparação científica” da viagem, que teria seduzido o Museu de Etnologia de Frankfurt no sentido de apoiar a obra dos irmãos Jaspert (Prefácio in Jaspert 1930: IV), revelou-se por consequência totalmente insuficiente.

Textos

*1. W. Jaspert: Afrikanisches Abenteuer
[Aventura africana], 1929: 194-197*

Estávamos sentados à volta da fogueira sobre bancos baixos de madeira, todos nós fumávamos e olhávamos fixamente para o fogo, zumbiam mosquitos à nossa volta e a noite estava morna. E subitamente, calaram-se todos. O chefe africano pigarreou e começou a narrar de modo lento e triste

A história do lago Dilolo

“!Há muito tempo, havia uma aldeia rica no local onde agora se estendem as águas do lago Dilolo. Os seus campos avançavam pela terra fora. E, onde hoje cresce a cana-da-Índia, junto à margem, uma alta paliçada protegia os campos e a aldeia dos intrusos inimigos e do leopardo. Os habitantes da aldeia eram riquíssimos. Os celeiros de sorgo estavam cheios até ao telhado com gordos grãos de ‘painço’ [sorgo], nas eiras secava farinha de mandioca branca como a neve. Das árvores pendiam colmeias repletas de mel doce, inúmeras cabras pastavam na succulenta erva do canavial. E, nunca se passava pela aldeia, sem ouvir o troar dos almofarizes, em que eram pisadas as raízes de mandioca.

O chefe da aldeia tinha quarenta e uma mulheres que viviam todas em casas especiais. Os tornozelos destas estavam densamente guarnecidos com argolas de cobre, de modo que tilintavam a cada passo, e quando elas erguiam os braços, as braceletes chocalhavam como algemas.

Todos os anos, o chefe equipava uma caravana, a fim de pagar tributo ao Muata Jambwo [Mwant Yav], o rei do reino da Lunda. Não havia ninguém que não participasse voluntariamente na expedição; pois o Muata Jambwo oferecia-lhes sempre presentes principescos e eles tinham prazer em levar ao seu chefe os presentes de retribuição. O Muata Jambwo era amigo do chefe. Nunca aconteceu alguém regressar com as mãos cortadas, como nas caravanas dos outros chefes que haviam pago um tributo demasiado pequeno ao Muata Jambwo. Da mesma forma como castigava os faltosos, o Muata Jambwo mantinha a sua mão protectora sobre este chefe.

Não admira que os habitantes da aldeia rica ficassem cada vez mais abastados e que até olhassem com arrogância para os pobres das redondezas. Um dia, já ao anoitecer, um velho mendigo entrou a coxear na aldeia. Os seus pés estavam feridos de tanto caminhar e a sua roupa rasgada. Com humildade, pedia às pessoas que por ele passavam um prato de papas de ‘painço’ [sorgo] e um gole de água. Mas ninguém atendia os seus pedidos lamentosos. E, quando chegou à residência do chefe, este insultou-o com as mais duras pragas, lançou os cães no seu encalço e mandou-o seguir imediatamente o seu caminho.

O velho faminto continuou a arrastar-se. Nem mesmo as mulheres e crianças tiveram compaixão. Fizeram troça do mendigo e atiraram-lhe excrementos.

Quando chegou ao exterior da aldeia e começou a caminhar tristemente pelos campos, aproximou-se um homem pelo caminho, que regressava do trabalho no campo. Quando viu o mendigo, desejou-lhe ‘boa noite’ e perguntou-lhe para onde ia àquela hora tão tardia. O mendigo respondeu, que queria ir até à aldeia seguinte, embora estivesse faminto e cansado, mas na aldeia rica não lhe tinham dado guarida nem esmola. O homem teve pena e convidou-o para ir com ele a sua casa. Também não tinha muito, mas havia de chegar e se, para o jantar, a sua mulher pusesse um pouco mais de ‘painço’ [sorgo] do que de costume na panela, ele também estava de acordo. O mendigo agradeceu e foi com ele. Pararam junto de uma pequena cubata no limite da aldeia e a dona de casa deu-lhes as boas-vindas.

Embora todas as pessoas da aldeia fossem ricas e possuíssem muitos porcos, cabras e galinhas, a situação destes dois não era tão boa. O homem era um escravo do chefe. Depois de o mendigo se ter fortalecido, pediu que lhe indicassem um leito, pois estava bastante cansado. A mulher ajeitou a esteira e pouco depois perceberam, pela sua respiração regular, que ele adormecera. Então também eles se acomodaram o melhor que puderam no chão duro, pois tinham cedido a cama deles ao velho mendigo.

A meio da noite, quando reinava um silêncio de morte na aldeia, o homem sentiu, de repente, que alguém lhe punha a mão no ombro. Ergueu-se sobressaltado, ao mesmo tempo que ouviu uma voz sussurrante que lhe dizia: ‘Escuta e presta bem atenção às minhas palavras. No quarto dia a contar de hoje vai levantar-se uma nuvem no céu, que se aproximará a uma velocidade enorme

e, num instante, o céu ficará tão negro como um túmulo. Então, arruma as tuas coisas, leva tua mulher pela mão e, à tua frente, as cabras, os porcos e as galinhas que te pertencem. Cairá uma chuva do céu, como nunca viste. E toda a aldeia será engolida pela água como castigo pela sua arrogância. Como foste o único a ter compaixão para comigo, quero salvar-te.’

De manhã, o leito do mendigo estava vazio. E, quando o homem falou à sua mulher da aparição nocturna, riram-se os dois. É que a estação seca tinha começado há pouco. Contudo, no quarto dia, surgiu no horizonte a nuvem negra e começou a cair uma chuva do céu, que o homem pensou que as águas do Cassai estavam a inundar a terra. Então lembrou-se das palavras do mendigo e disse à sua mulher: ‘Olha, está a acontecer o que o velho falou.’ Arrumaram as suas posses, levaram à sua frente as cabras, porcos e galinhas e deixaram o mais depressa possível a aldeia amaldiçoada.

No outro dia, já nada restava da aldeia e, no local onde ela se situara, estendia-se um grande lago. E ainda hoje, quando se está no denso canavial da margem a apanhar peixe, ou se navega numa canoa por sobre a extensa superfície de água, se ouve muitas vezes um estranho canto, como o da dança dos indígenas, e o balir das cabras, o grunhir dos porcos e o bater do pilão. Frequentemente também se vê, nas noites escuras, o brilho de uma luz vinda da água. São as fogueiras da aldeia afundada. Esta é a história do lago Dilolo.” – Aliás, lago Dilolo significa “o lago do diabo”. –

*2. F. e W. Jaspert: Die Völkerstämme Mittel-Angolas
[As tribos da Angola central], 1930: 43-44*

No que respeita aos usos e costumes, os objectos de feitiçaria ocupam um lugar importante. São utilizados em cerimónias, em casos de doença, em danças ou outras circunstâncias ligadas ao culto; durante o tempo restante, permanecem na casa do chefe da aldeia ou numa cubata construída especialmente para o efeito. Também as mulheres ou os homens idosos, a quem por vezes se pedem conselhos em assuntos religiosos, podem guardar tais objectos. O mais belo e mais valioso feitiço que encontrámos, é o que está reproduzido na imagem 6,1 [*i.e.* o dos Cokwe de Salimina; não reproduzido aqui], cujo bastão é bordado com missangas pretas, brancas e vermelhas, e de cuja extremidade pende uma cauda de zebra de comprimento pouco comum. Presos ao cabo, estão uma carapaça de tartaruga, um chocalho de dança e um saquinho de veneno. A cauda de zebra é aqui considerada preciosa e sagrada, enquanto que a própria zebra não possui, de modo algum, essas características. O cabo do bastão de feitiço é oco e contem quatro recipientes separados com quatro venenos mortais distintos. Só com muita persuasão e uma quantidade de artigos de troca, é que conseguimos adquirir esta peça. O chefe guardava-a numa casinha especial ao lado da sua cubata, debaixo do telhado. Os habitantes da aldeia perseguiram-

-nos, durante horas a fio, a fim de comprar de volta a preciosidade. O chefe usa o bastão em ocasiões festivas, como sinal da sua dignidade religiosa, cura doentes com ele, mata inimigos seus (o que na verdade acontece por causa do veneno), faz chover e evoca os espíritos. A principal utilidade destes bastões era trazer de volta escravos fugitivos. Era o bem mais precioso de toda a região.

*3. F. e W. Jaspert: Die Völkerstämme Mittel-Angolas
[As tribos da Angola central], 1930: 33, 35-36*

Já não é possível provar, até onde se estendia inicialmente o território dos Kaluimbi [Lwimbi]. Em todo o caso, hoje em dia eles já só habitam na estreita faixa entre o curso médio do Quanza e do Cuiba. Em termos paisagísticos, trata-se de uma planície tropical pantanosa, composta por densa floresta. Nas aldeias luimbi reina uma permanente semi-obscuridade que, de certa maneira, desperta uma sensação [semelhante à] dos locais sagrados. Há um sem-número de papagaios empoleirados nas densas lianas e mangues; o macaco, animal totêmico, povoa as copas das árvores em grandes bandos. O povo dos Kaluimbi conta hoje com menos de algumas centenas de membros, embora deva ter sido bastante numeroso outrora. Encaixado como uma cunha entre os poderosos Watschiwokwe [Cokwe] e os Kimbundu [Ovimbundu], teve de suportar violentos ataques de ambos os lados. A estes juntou-se ainda a invasão dos ávidos Jagga [Mbangala] que, segundo nos foi convincentemente assegurado por portugueses e negros, quase dizimaram a população. Uma revolta contra o governador português levou Portugal a preparar uma expedição para punir os Kaluimbi, que fez inúmeras vítimas. Por fim, a doença do sono que grassava fortemente na região do Quanza contribuiu com a sua parte, para que o povo ficasse à beira da extinção.

Os que restaram, umas poucas centenas, vivem como pescadores ao longo do rio Quanza. Plantam alguma mandioca e uns pés de batata-doce, cujos rebentos verdes são simplesmente enfiados na terra como estacas, a partir das quais se desenvolvem as novas plantas. Criam galinhas em quantidade modesta, sem contudo comerem os ovos, tal com os restantes povos ngangela. [p. 33]

A aldeia dos Kaluimbi é caracterizada pela residência do chefe, situada no interior da povoação. A casa do chefe e as cubatas das suas mulheres estão separadas por uma paliçada, atravessada apenas por uma estreita passagem com estacas. Os ministros moram fora da residência propriamente dita, em cubatas individuais dispostas em semicírculo à volta do terreiro das reuniões. A comunidade da aldeia e a família já quase se fundiram aqui numa unidade; além de que quase todos devem ser mais ou menos aparentados entre si. A cubata em que as mulheres se recolhem durante a menstruação e no período após o parto – até seis meses – situa-se fora do complexo da aldeia por detrás de uma paliçada.

As mulheres do chefe têm, durante este tempo, uma casa especial à sua disposição, no interior do recinto residencial do chefe.

No centro da praça das reuniões arde a fogueira eterna, que é mantida em chama por todos em conjunto. Imediatamente ao lado desta, apoiado em dois ramos bifurcados espetados no solo e rodeado por uma cerca baixa de madeira, encontra-se o chamado “okasa ja tschilulu”, uma taça oblonga em forma de barco, que, para além da sua qualidade de totem da aldeia, serve de lavatório ao chefe: todas as manhãs, ao nascer do sol, o ministro respectivo tira água de um determinado local do rio, para um jarro de barro de dois bicos. Com este, ele verte para dentro da taça de madeira a água com que o chefe molha a face e o peito: um acto de remissão diariamente repetido. O dia-a-dia do negro é muito monótono. Ao nascer do sol, levantam-se todos, os homens sentam-se à porta a fumar, as mulheres vão trabalhar para o campo, com o filho às costas. Aí cavam e plantam ou sacham, com pequenas interrupções, até quase ao pôr-do-sol, vão depois procurar umas achas de lenha seca – muitas vezes têm de ir buscá-las bem longe; são muito rigorosas na escolha da lenha – e preparam a comida. Nesta ocasião, reúnem-se todos à volta da fogueira; o cachimbo de tabaco ou de ópio [*i.e.* cachimbo para fumar *liamba*] entra em actividade e eles conversam, cantam e fumam até altas horas da noite. Os homens, geralmente, pouco fizeram até ao fim da tarde, talvez tenham feito uma visita, ou foram à pesca ou à caça. Julgamentos ou festas interrompem, de quando em quando, a monotonia do quotidiano. [pp. 35-36]

4. F.e W. Jaspert: *Die Völkerstämme Mittel-Angolas*
[*As tribos da Angola central*], 1930: 107-108

Para concluir os diversos factores determinantes para a construção das habitações e a disposição da aldeia, já mencionados no início deste capítulo, há que referir aqui mais uma vez, em termos gerais, a concepção formal estética e artesanal das quatro tribos. Os Kimbundu [Ovimbundu] são rudes e desorganizados tanto na edificação das suas cubatas, como das suas aldeias. Falta-lhes a capacidade criadora rigorosa e esmerada de um povo com um sentir colectivo absoluto, intocado por culturas estranhas. A forma da casa como um ancestral e pátrio bem cultural próprio está a desaparecer lentamente. Um traço de carácter imputável sobretudo aos Kimbundu é a mania da imitação que, em menor escala, é aliás própria de muitos negros. Falta-lhes também o esmero e o rigor na execução técnica das suas casas, algo que iremos observar ainda melhor em relação à escultura. As casas e as aldeias dos Watschiwokwe [Cokwe] mostram claramente o carácter e a maneira de ser dos seus moradores. As bem construídas cubatas erguem-se depuradas e sólidas numa aldeia de construção fechada. O povo de caçadores selvagem constrói aposentos firmemente assentes no solo, o povo com o indomável apelo da liberdade faz cubatas relativamente

grandes. A construção de argila é um tipo de construção que pode ser atribuído aos Watschiwokwe. É difícil de dizer, até que ponto eles próprios estiveram sujeitos, neste campo, a outras influências de povos mais antigos. As paredes de capim dos Kimbundu são indubitavelmente uma característica do Sudoeste de África. O elemento da varanda encontra-se mais frequentemente nas casas dos Kaluena [Lwena]. Neste caso, a luta das duas culturas pela forma ainda está aparentemente em curso. A linha acentuada da cumeeira é familiar tanto aos Kaluena (na sua forma mais perfeita), como aos Watschiwokwe e aos Kaluimbi. O mesmo facto, [ou seja], que, no geral, os três povos acima referidos revelam frequentemente elementos exteriores semelhantes, enquanto que os Kimbundu, nos casos em que ainda os podemos observar na sua cultura pura, criam formas substancialmente diferentes, foi várias vezes constatado por nós. Estas similaridades revelam-se mais nítidas no capítulo da escultura.

As aldeias dos Kaluena são habitadas por um conjunto de negros sossegados e amantes da paz, que, a nível espiritual e artístico, superam os seus vizinhos (aparentemente opressores). As casas são configuradas e construídas com esmero, há canteiros de flores e parques a embelezar as povoações. As proporções das casas são agradáveis e bonitas, até para os olhos de um europeu. A forma como o telhado e a parte inferior se conjugam, como o telhado cheio de luz e a varanda sombria se harmonizam, surpreendem sempre de novo. O carácter nacional é sempre preservado, apesar dos numerosos tipos de construção e da diversidade das formas. A crença nos deuses e a religiosidade imprimiram a sua marca na forma exterior dos locais de culto.

A alternância constante entre ruína e reconstrução, incêndio e reedificação, determinada pelo material utilizado, madeira, capim e uma fina camada de argila, impede uma linha de evolução construtiva e ascendente da arte. As casas e aldeias dos negros são facilmente destruídas e facilmente reconstruídas; uma nova construção à maneira dos seus antepassados nunca pode ser uma evolução. Por isso, é provável que a forma dos seus melhores e mais naturais exemplos se tenha mantido a mesma desde há milénios, caso não tenha havido misturas e alterações provocadas por influências de outras tribos, vindas do exterior. Investigar isto constitui uma tarefa progressiva da História da cultura africana.

*5. F. e W. Jaspert: Die Völkerstämme Mittel-Angolas
[As tribos da Angola central], 1930: 89-90*

A índole do negro é demasiado alegre e infantil, para que ele possa pensar na morte ou até na condenação eterna. Tem a calma contemplativa de uma criança e não reflecte sobre o sentido e o objectivo da vida. O que passou, passou. O arrependimento é bom, mas não é absolutamente necessário. Os males espirituais são curados pelo feiticeiro e as privações materiais são facilmente suportadas [pelo negro], graças à sua energia e ao seu autodomínio. O seu

desprendimento é completamente impossível de ultrapassar e não exageramos quando dizemos que vimos muitas vezes negros a sorrir perante o incêndio da sua casa e a bater palmas pela bela chuva de faúlhas, em frente à sua propriedade em chamas.

Eles não olham para a frente nem para trás e, por isso, estão sempre satisfeitos com o que têm e com o que são. Vivem em total comunhão com a natureza e cumprem as leis e prescrições naturais que, embora não sejam universalmente válidas, aqui, pela sua consciência colectiva, passaram a ser algo evidente. “Pois como os infiéis que não têm a lei, cumprem por natureza as obras da lei, as mesmas são para eles uma lei, porque eles não têm a lei” (Carta aos Romanos 2,14).

Algumas coisas podem não ser em pormenor exactamente como tentámos explicar acima. Um conhecimento conclusivo não nos é possível, pois estamos habituados a uma outra maneira de pensar e não conseguimos compreender almas colectivas pré-lógicas.



9 Coleção O. Jessen: “Figura, representando clérigo; ao km 6,9; Monte-Mocco”. Ovimbundu. Rautenstrauch-Joest-Museum für Völkerkunde, Colónia, n.º inventário 39574

OTTO JESSEN

Otto Jessen nasceu a 18 de Fevereiro de 1891 em Sophienkoob, perto de Marne, em Holstein. Estudou Geografia, Geologia, Biologia, Física e Meteorologia em Munique, onde fez o seu doutoramento, em 1914, com uma tese sobre “Morphologische Beobachtungen an den Dünen von Amrum, Sylt und Röm” (Observações morfológicas das dunas de Amrun, Sylt e Roem). Depois da Primeira Guerra Mundial, na qual participou como geólogo de guerra na Alsácia-Lorena, tornou-se assistente científico em Tübingen. Ali fez o seu pós-doutoramento em Geografia no ano de 1921 e leccionou a partir de 1924 como professor contratado. Em 1928, foi encarregado da regência de um curso de “Ciência Geográfica Estrangeira com especial incidência sobre as possessões alemãs no estrangeiro, Geografia Económica e Cartografia” em Tübingen e, em 1929, de um curso de Geografia Física em Colónia. A 30 de Abril de 1931 chegou ao Lobito vindo de Antuérpia e, de 4 de Junho a 16 de Dezembro de 1931, realizou, com a sua mulher, uma viagem de exploração por todo o território angolano. Em onze etapas, escolhidas de acordo com aspectos sistemáticos do planalto à costa, Jessen explorou o território, de uma perspectiva botânica e geomórfica. Realizou sete perfis morfológicos (cada um dos quais cobria uma distância de 300 a 400 km) e completou-os com pequenos itinerários. A 6 de Janeiro de 1932, embarcou no Lobito para voltar à Alemanha, passando pela África Oriental. Os resultados desta viagem foram apresentados por Jessen no seu livro *Reisen und Forschungen in Angola (Viagens e pesquisas em Angola)* (1936). Em 1933, foi chamado para a Universidade de Rostock. Em 1946, foi para Würzburg e acabou por assumir, em 1949, a cátedra de Geografia na Universidade de Munique. Faleceu nesta cidade a 9 de Junho de 1951.

A exploração de Jessen em Angola, financiada pela “Deutsche Forschungsgemeinschaft” (Associação Alemã de Investigação), entre outras, seguia um objectivo científico e prático. Paralelamente à investigação geográfica e morfológica das vertentes em socacos do planalto central de Angola, também deveriam ser investigadas as possibilidades de construção e de colonização, visto que Angola se tinha tornado, depois da Primeira Guerra Mundial, num destino procurado pelos emigrantes alemães. Em 1931, contavam-se no planalto, só nas circunscrições de Ganda e Caconda, entre 35 e 40 empresas alemãs independentes (Jessen 1936: 151). Por esta razão, Jessen interessava-se igualmente pela população africana e pelas condições da colonização portuguesa. Devido à rede de estradas, que tinha sido muito desenvolvida nos anos anteriores no ocidente de Angola, o viajar tinha-se tornado muito mais confortável. Jessen já quase que não precisava de carregadores. Pelo contrário, podia fazer a maior parte dos itinerários de camião. Isto explica os 8000 km percorridos por ele em pouco mais de meio

ano. Desde há pouco funcionava também a ligação ferroviária para o interior. Do Lobito, podia chegar-se a Elisabethville (hoje Lubumbashi) em três dias e de lá chegava-se em sete dias à costa oriental portuguesa (1936: 237). Além da mulher de Jessen, que o ajudava a fotografar e que desenhava e do condutor, acompanhavam-no apenas dois “Negerboys” (ajudantes negros) que eram responsáveis pelo carro e pelo serviço pessoal. As “expedições” aventureiras do século XIX, nas quais a actividade científica ficava, na maior partes das vezes, aquém do desejado, tinham dado lugar a pesquisas modernas, que se podiam concentrar no verdadeiro objectivo do empreendimento.

Devido ao seu projecto de pesquisa geográfica, Jessen não permaneceu em nenhum local mais do que algumas horas ou até menos do que isso. Ele viajava depressa e esteve em todo lado só de passagem. No entanto, é impressionante a quantidade de coisas que conseguiu ver e anotar e o rigor e a variedade das suas observações, sobretudo se compararmos os resultados da sua viagem com as informações fornecidas pouco tempo antes pelos irmãos Jaspert*. As suas indicações etnográficas limitam-se, normalmente, àquilo que ele próprio conseguia observar, sem ter que fazer grandes perguntas ou seja, às formas das casas ou de povoamento, ao tipo de plantas cultivado, aos penteados, adornos, vestuário e utensílios domésticos (ver textos 1, 4 e 5). Não se deve acreditar, todavia, na sua afirmação de que o limar dos dentes incisivos superiores entre os Sele e a Norte do curso inferior do Queve indicavam vestígios de “canibalismo anterior” (1936: 47). Jessen aludiu várias vezes às famosas sepulturas de pedra, tanto na região dos Sele, junto ao Nhia (com fotografia) como no Libolo, sem, no entanto, as descrever mais pormenorizadamente (ver p.ex., textos 2 e 5).

O estilo de Jessen é objectivo e neutro, os termos usados por ele são, geralmente, muito menos carregados de apreciações valorativas do que os dos exploradores anteriores. Na maior parte dos casos, encarava os africanos com objectividade e simpatia (textos 4 e 5), o que todavia não afectou a sua aceitação do colonialismo e do direito de soberania dos portugueses e dos brancos em geral, na sua opinião legítimos (texto 5). Os habitantes da “floresta aberta” são para ele “como crianças: tão depressa desanimados e infelizes, como felizes de novo, mais dispostos à boa disposição do que à seriedade, vivendo o presente, esquecendo depressa o passado e sem preocupações com o futuro”, totalmente entregues ao prazer e difíceis de educar para o trabalho regular (1936: 149-150). Na sua opinião, os “Bihenos” estavam corrompidos pela sua vida de carregadores e comerciantes, pelo que lhe pareceram inteligentes e produtivos, mas ao mesmo tempo de carácter inferior (p. 241). O trabalho obrigatório “naturalmente pouco apreciado” de mulheres e crianças é constatado por Jessen, bem como o facto de mesmo os doentes terem de pagar o imposto em dinheiro, de difícil obtenção, mas “não se tem a impressão de que eles [*i.e.* os trabalhadores contratados] sejam muito atormentados ou se sintam infelizes.” (texto 1). De acordo com as disposições legais, os africanos usufruiriam de

“protecção judicial ampla”. Devido aos custos de produção e aos salários baixos, os contratos de trabalho seriam bastante vantajosos para o colono (p. 56). Contudo, o português saberia melhor do que o alemão “lidar e negociar com os indígenas” (p. 299), e seria superior ao alemão também na sua simplicidade e capacidade de adaptação. No entanto, Jessen não consegue deixar de notar uma atitude hostil e reservada dos africanos para com os brancos (textos 3 e 4). Também o seu desejo de fotografar africanos é frequentemente confrontado com uma atitude defensiva (textos 1 e 3) que, no entanto, representa mais uma reacção ao aparelho ainda desconhecido, do que à pessoa do europeu.

Entre os brancos e os negros estão os mestiços, que se “sentem sem dúvida como brancos” e se vestem de uma forma completamente europeia: “eles próprios designam-se como ‘Africanos’, querendo dar expressão ao facto de que se verem como os fundadores e portadores das raças e culturas africanas futuras. A designação ‘mulato’ é sentida como uma grande ofensa.” (p. 58)

Apesar de esta viagem de pesquisa se ter centrado em interesses e questões completamente diferentes, a publicação do livro de Jessen é, também do ponto de vista etnográfico, uma fonte importante e ainda hoje útil. Visto que o registo escrito dos seus resultados segue passo a passo o itinerário da viagem, as suas informações são quase sempre facilmente localizáveis, o que aumenta o seu valor.

Otto Jessen trouxe consigo uma documentação fotográfica composta por 1250 fotografias e recolheu, paralelamente a uma colecção de espécimes mineralógicos e botânicos, uma colecção etnográfica que o museu Rautenstrauch-Joest de Colónia recebeu em 1932 (191 peças do Centro de Angola: ver imagem 9). Desconhecem-se pormenores sobre a sua aquisição (cf., no entanto, texto 3). Só uma vez, aquando da sua compra de um banco e de uma cabaça ornamentada na aldeia Dunduma, perto de Quingenge, Jessen refere que as pessoas só muito dificilmente se dispunham a vender estas coisas, “não tanto por temerem ser prejudicados, mas com a justificação de que este tipo de coisas já não é feito hoje!” (1936: 215). Apesar de todas as tentativas de persuasão, não conseguiu comprar um “instrumento mágico, até agora nosso desconhecido, um enxota-moscas” (p. 205). Jessen achou, porém, a população nativa, “surpreendentemente pobre em cultura material e intelectual” (1932b: 89), pelo que a sua produção etnográfica não era muito avultada. Coleccionar era para ele apenas uma ocupação secundária: “parece-me mais importante registar a influência da paisagem e da cultura estrangeira sobre os indígenas” (1931: 318).

Textos

1. Reisen und Forschungen in Angola [Viagens e pesquisas em Angola], 1936: 8-12

Perto do nosso acampamento, no sopé da cadeia Humbi, mora um indígena que foi contratado pelos portugueses como cantoneiro. Como tal, tem o dever de vigiar os trabalhos dos indígenas numa determinada parte da estrada, comunicar ao chefe do posto eventuais estragos na estrada e ajudar europeus em viagem. Veio com as suas mulheres, trazer-me uma galinha, alguns ovos e um cesto com farinha de milho de presente, uma atenção que eu retribuí com sal, fósforos e tabaco europeu – três artigos muito cobiçados. O lugarejo onde morava consistia numa instalação ampla e bem concebida. Cada uma das suas quatro mulheres tinha a sua própria cubata, sendo a da mulher principal especialmente espaçosa. Eram construções rectangulares com paredes de pau-a-pique e com um telhado de capim de duas águas, com uma inclinação de 45° e arestas chanfradas, carregado com alguns troncos para fazer peso. Na cumeeira, as extremidades das hastes de capim estavam atadas em molho, pelo que a linha da cumeeira adquiria o aspecto de uma crista de galo recortada, uma construção muito imitada pelos europeus. O telhado avança meio a três quartos de metro a toda a volta e está apoiado em alguns troncos. A maior das cubatas denunciava influência europeia. Era dividida em duas, na medida em que o quarto de dormir, com a esteira disposta sobre um estrado baixo de aproximadamente um pé de altura, estava separado da sala de estar com o sítio da fogueira no centro, por meio de dois tabiques como bastidores. Ao lugarejo pertencia ainda uma cozinha composta por um telheiro simples e também a bem construída casa do fogão, a única construção circular da aldeia, com uma base cilíndrica baixa e um telhado cónico alto, e o curral das cabras. Toda esta instalação, com o espaço aberto da fogueira no meio, estava circundada por uma cerca de paliçada com cerca de 3 m de altura, feita de paus dispostos na vertical com um pau transversal no meio, que servia como reforço. Num dos lados, havia uma faixa separada por uma segunda cerca, que estava cultivada com cana de açúcar. Além disso, também se encontravam, num local escondido deste espaço, duas pequenas casinhas de espíritos redondas, feitas de capim e ramos entrançados e assentes em estacas, que estavam repletas de diversos tipos de oferendas, incluindo figuras, e ainda uma cubata rectangular um pouco maior, na qual, se fui bem informado, se faziam sacrifícios aos demónios, nos casos de doença. Ao lado do lugarejo, havia uma pequena horta e grandes campos de milho. Pela horta e pelo terreiro, corria um ribeiro desviado artificialmente.

O número de mulheres e toda aquela residência faziam com que o cantoneiro parecesse muito abastado. Ele próprio tinha um ar desembaraçado e inteligente e revelava também fantasia e sentido estético na maneira como tinha decorado algumas cabaças com todo o tipo de ornamentos e cenas gravadas, geralmente

tiradas da vida dos europeus. Para a comunicação com as aldeias espalhadas pelo mato, usava um tambor de fenda que ele sabia manusear com muita habilidade. Nas paredes laterais do tambor com cerca de 1 m de altura estão inseridas três tábuas de cada lado, de diferentes tipos de madeira e de diferente grossura e comprimento, que com o toque de uma baqueta provida de um botão de borracha, produzem sons abafados de diversas alturas. O mesmo género de tambor de sinalização existe, segundo Schachtzabel*, na zona dos Tjivokve [Cokwe] do Sul; provavelmente está difundido pela generalidade da floresta seca, mas não se encontra na savana.

No seguimento da viagem para Luimbale encontrámos um grupo de 50-60 mulheres e crianças que estavam a ser conduzidas para o trabalho na estrada. O capataz negro usava um chicote de hipopótamo revestido de arame de latão, como símbolo da sua autoridade. O facto de mulheres e crianças serem recrutadas para a construção de estradas pela administração portuguesa, foi por mim frequentemente observado, nas minhas viagens em Angola. São enviadas para o trabalho pelos seus maridos ou pelos pais e têm de ganhar para eles o imposto restante. Os trabalhos forçados são evidentemente muito pouco apreciados, uma vez que, por vezes, o recrutamento é feito de forma arbitrária e violenta pelos chefes de posto e oficiais subalternos negros. Porém, quando se observa os indígenas a trabalhar, não se tem a impressão de que eles sejam muito atormentados ou se sintam infelizes. É com alegria e meio a brincar que carregam areia e pedras; só é preciso que se junte um grupo grande de indígenas, pois trabalhar individualmente, ou mesmo estar sozinho é, para o habitante da savana habituado à vida em comunidade da aldeia, um castigo pesado. O nosso grupo também estava bem disposto. As mulheres palravam que nem um bando de macacos e dispersaram aos gritos, quando quis fotografá-las. À cabeça levavam cestos bem feitos e ornamentados, com os utensílios mais importantes, como a enxada, cabaças, panelas de barro, cachimbo de tabaco e algumas provisões. O cabelo é entretecido, a partir da risca, em tranças finas e estas são comprimidas de encontro à cabeça com muita terra e azeite, de modo a formarem uma fita de cabelo. Enquanto que as crianças vestem apenas um pano à volta das ancas, as mulheres cobrem o seu corpo, do peito aos joelhos, com panos de cor acastanhada. O mesmo pano segura o bebé que é carregado às costas, encavalitado, e que só é colocado sobre a anca durante a amamentação. Tirando a cabeça e os pés, a criança é completamente embrulhada [no pano]; de frente não se vê mais nada senão duas solas dos pés cor-de-rosa. Os ornamentos das mulheres são bastante escassos: algumas argolas de latão gravadas com decorações simples no pulso, um amuleto ao pescoço, preso numa fita de couro ou entrançada, alguns botões de latão no cabelo e é tudo. Uma das mulheres e o seu filho estavam completamente pintados com pintas e ornamentos brancos e vermelhos na testa, bochechas, antebraços e peito; tratava-se de um feitiço contra doenças. Muitas mulheres estavam deformadas por pesados bócius.

2. *Reisen und Forschungen in Angola [Viagens e pesquisas em Angola]*,
1936: 22, 66

Inicialmente o caminho mantém-se a uma altitude de Niv[el] IV, chegando mesmo a atingir, uma vez mais, os 1654 m acima do nível do mar, na linha divisória hidrográfica entre os sistemas do Queve e do Cubal, junto à loja dos portugueses de Ndumbi, 32 km depois de Cassongue. Pelo caminho vimos, numa grande placa rochosa livre, alguns túmulos de indígenas em forma de montes de pedra arredondados e empilhados sem arte, com 1½ m de altura. Os indígenas desta região sepultam os seus mortos de cócoras sob pilhas de pedra, ao passo que entre os Vimbundu [Ovimbundu] é costume enterrá-los em posição horizontal e em sepulturas, sobre as quais se faz uma campa rasa de terra. Junto aos túmulos, tinham construído um pequeno local de sacrificio, constituído por quatro estacas com um telhado por cima. Sobre ele encontravam-se ossadas de animal, caveiras e chifres de boi, restos das oferendas aos espíritos dos mortos. [p. 22]

Os indígenas [da margem do Nhia] constróem as suas aldeias de preferência perto dos rochedos que parecem ilhas na paisagem, mas, tanto quanto pude observar, não no cimo dos rochedos, como os Selles. É um costume generalizado, sepultar os mortos em rochedos de difícil acesso e sob pilhas de pedra circulares ou quadradas, cuidadosamente empilhadas. [p. 66]

3. *Reisen und Forschungen in Angola [Viagens e pesquisas em Angola]*,
1936: 180

Os indígenas são muito tímidos. Enquanto que na região de Caconda os indígenas afluíam curiosos a cada local de paragem e se deixavam fotografar da melhor vontade em troca do costumeiro “Matabisch” [mata-bicho] (gorjeta), aqui [entre Negola e Cacula] fugiam imediatamente para o mato, quando nos viam aproximar ao longe. Perdemos muito tempo a acalmá-los e até que eles compreendam que a fotografia não está ligada à feitiçaria, nem é de forma alguma perigosa. Algumas mulheres gemem de medo e agarram a cabeça com as duas mãos. As rapariguinhas tremem por todo o corpo, de medo e excitação, e logo elas que são tão bonitas com as numerosas argolas de ráfia e palha à volta do pescoço e dos tornozelos e com as originais trancinhas oleadas. Os homens são mais corajosos, embora reservados, quase hostis. Quanto mais longe se encontram do chefe de posto, mais altivos e hostis parecem ser. Um dos homens atirou-nos aos pés o dinheiro que lhe tínhamos oferecido pela argola de pescoço da sua mulher. As mulheres têm os incisivos superiores do meio limados em forma de \wedge .

4. *Reisen und Forschungen in Angola [Viagens e pesquisas em Angola], 1936: 248-250*

Desde a travessia do rio Qué, alterou-se não só o clima e a flora, como também as condições etnológicas. Os indígenas, com os quais entrámos em contacto, os Quipungo, não são Vimbundu, mas pertencem aos Banhaneca, uma tribo populosa que habita no planalto do Sul de Angola, do rio Qué até Gambos aproximadamente e, para Oeste, até à [Serra da] Chella. Os Quipungo são pessoas imponentes, grandes, esbeltas e bem nutridas. Antigamente eram nómadas criadores de gado, hoje são geralmente sedentários, embora façam grandes excursões com os seus rebanhos. Raramente vi em Angola, quer entre os homens, quer entre as mulheres, figuras tão bem proporcionadas e bem tratadas e, mesmo a nível de carácter, pessoas tão simpáticas como nestas savanas. É certo que, se possível, evitam o branco, mas na sua relação com ele não são de modo algum tímidos, mas seguros de si e de uma franqueza e uma alegria naturais. Os homens são musculosos, de ancas estreitas, pernas vigorosas, tórax robusto, mas com uma musculatura dos braços relativamente fraca. Isto deve-se provavelmente à sua actividade como caçadores e pastores. Estão mais bem alimentados do que os agricultores do mato, mas nunca apresentam uma grande camada adiposa; aliás não vi em Angola negros gordos em lado nenhum, mas em compensação vi muitos subnutridos. O único vestuário dos homens consiste num pano à volta das ancas ou de um avental de couro. Para caçar e guardar os rebanhos, calçam umas sandálias de couro. Como armas usam arco e flecha, e também o assagai, uma lança com uma ponta comprida em forma de folha de louro, com uma fina haste de ferro e com uma borla de longo pêlo de animal no punho. Metida no cinto ou pendurada numa fita de couro, ao pescoço, está uma faca parecida com um punhal, com a sua bainha de couro. Para descansar, os pastores têm o costume de apoiar o peso do corpo numa perna e fincar o pé da outra no joelho da perna que está de pé, coisa que nunca vi nos Vimbundu.

Entre as mulheres também se vêem belas figuras; no entanto envelhecem rapidamente, pois cabe-lhes a elas todo o trabalho do campo e da casa. Tipos de características não negróides, com olhos enviesados, aparecem com frequência em ambos os sexos. As mulheres andam de tronco nu e só o cobrem durante o fresco da manhã e da noite. No traje e nos ornamentos apresentam grande semelhança com os habitantes das savanas da região do Quilengue e do Hanha. À volta do pescoço usam numerosas argolas entrançadas de palha, junco ou ráfia, nos braços argolas de latão. O ventre é decorado com desenhos cicatrizados, tendo o umbigo como centro. Pendurado ao peito usam a concha conus omba, um ornamento muito apreciado e valioso, preso numa fita de couro. Mas o principal enfeite das mulheres são os penteados artísticos e sempre diferentes, que umas vezes têm a forma de imponentes toucados ou de edifícios capilares em formato de capacete, outras vezes caíem em numerosos tranças

entretecidas de missangas. A maneira de pentear os bebês consiste em rapar-lhe a cabeça, deixando apenas uma estreita tira de cabelo, que vai da testa até à nuca, como uma crista de galo.

O formato típico da aldeia da savana é a libata, lugarejo familiar chefiado pelo sekulu. As cubatas estão dispostas em círculo e todas elas têm apenas acesso pelo pátio interior. À volta existe uma sebe de espinheiro, cujo acesso pode ser encerrado por um arbusto de espinhos puxado pelo interior. As cubatas erguem-se isoladas no interior do lugarejo, estando ainda ligadas entre si por uma paliçada. O espaço no interior do duplo círculo é utilizado para pequenas hortas de legumes e tabaco, que deste modo ficam protegidas das cabras e galinhas que andam à solta pelo casario. Ao lado da zona habitacional e com acesso a partir desta, encontra-se o cercado do gado que tem uma segunda abertura para o exterior. Nas proximidades ficam os campos de milho e “painço” [pode referir-se a um género de sorgo, *pennisetum spicatum* ou *eleusine coracana*]. O formato original da libata é provavelmente o da aldeia familiar com a zona do gado no meio, tal como existe ainda hoje entre os criadores de gado nómadas da região dos Ambo e dos Herero. Desenvolveu-se a partir deste nos locais onde a população se tornou sedentária e se dedicou à agricultura, para além da criação de gado.

Contrariamente ao que acontece na floresta seca, as cubatas têm aqui, sem excepção, uma base cilíndrica com um telhado cónico. As paredes são feitas de paus colocados ao lado uns dos outros e as frestas são tapadas com argila. No interior das cubatas encontram-se os utensílios domésticos mais importantes: o pilão do milho, cabaças, recipientes de barro, enxada, latas de gasolina, cestos para apanhar peixe, tarros de madeira para o leite e grandes cestos para o “painço”. O leito encontra-se a uma altura de meio pé do chão e consiste numa trama de ramos coberta de peles de animais. No exterior encontram-se altas armações de estacas em forma de mesa, para a secagem de carne, milho, tabaco, etc. Em lugar dos almofarizes de madeira para o milho, utilizam-se na savana, com frequência, mós de pedra.

*5. Reisen und Forschungen in Angola [Viagens e pesquisas em Angola,]
1936: 302-303*

Os indígenas (Libolo) vivem em grandes aldeias de formato irregular. São trabalhadores e pacíficos. Antigamente gostavam, como os Selles, de construir as suas casas sobre picos rochosos ou outras elevações difíceis de atacar, mas desde a completa pacificação da região fazem-nas em sítios mais confortáveis. Apenas as cubatas do milho e do “painço” [pode referir-se ao sorgo, *peniseto* ou *eleusine*] continuam a ser construídas sobre rochedos, devido às térmitas. Os mortos são sepultados sob montes de pedra feitos sobre rochas para os proteger das hienas. A construção das casas não apresenta nada digno de nota. A forma

quadrada [das casas] da savana e a forma oblonga rectangular [das] da floresta seca interpenetram-se. Já pouco resta da cultura original. Os indígenas parecem não estar, ou melhor, hoje já não estar aptos, a realizar trabalhos técnicos ou artísticos excepcionais. Apercebi-me claramente do ponto a que chega a influência europeia, ao ver há tempos, numa festa de aldeia, que utilizavam latas de gasolina vazias como tambores.

Os indígenas cultivam milho, mandioca, algum amendoim, feijão, batata-doce, “painço”. O “painço” [*eleusine coracana*] (“malufu”), de um tipo miúdo, não se come, mas serve para o fabrico de cerveja. O milho, ou é comido sob forma de fuba (papas de farinha de milho), ou então as maçarocas são grelhadas inteiras e comidas. Só é cultivado o milho graúdo, que leva 5 meses a amadurecer; por isso só é possível uma colheita por ano. O milho que é uma planta bastante exigente é cultivado num bom solo florestal acabado de arrotear; em solo de savana o rendimento é muito mais reduzido. A raiz de mandioca é menos exigente; cresce efectivamente em todo o lado. É plantada na pequena estação das chuvas, para que se desenvolva bem e lance rebentos na grande estação das chuvas. Ao fim de um ano, dá a primeira colheita; no total, permanece no solo durante 3-4 anos. Juntamente com a mandioca, cultiva-se frequentemente feijão, que trepa pela mandioca, e amendoins. Conhecem-se aqui dois tipos de mandioca, uma com um caule avermelhado e outra com um caule verde. As duas são utilizadas na preparação do fuba. As raízes da mandioca amarga são primeiro colocadas em água durante 2-3 dias, depois descascadas grosseiramente, partidas em pequenos pedaços e colocadas ao sol para secar, após o que são pisadas em almofarizes (“kino”) e coadas. Todos estes trabalhos são feitos preferencialmente sobre lajes lisas de granito. Os amendoins são cultivados pelas mulheres em Outubro; coloca-se em cada buraco uma noz, a que foi retirada a casca. A batata-doce é plantada em Janeiro.

O alimento principal consiste em fuba de mandioca ou milho com um pouco de azeite de palma. Para acompanhar, há bananas e todo o tipo de legumes. Nem os brancos, nem os indígenas criam gado bovino, mas em compensação há mais porcos aqui do que no Sul. Os ovos não servem de alimento, mas somente para criação. Nas plantações, os negros obtêm, para além de fuba, azeite e tabaco, peixe seco ou carne seca de búfalo e de outro tipo de caça. Não existe cera nem mel na região de Luati, pois há falta de abelhas que são tão frequentes na floresta seca da Angola central. O café não é cultivado, nem apreciado pelos indígenas. Tomar café deve ser praticamente o único costume europeu que eles não copiam. Embora os pretos sejam muito dados a todos os outros venenos estimulantes como álcool, liamba, ou tabaco, desprezam o café, a cuja ingestão reagem com fortes palpitações cardíacas. Por isso também não roubam café. Para os colonos europeus o café é uma bebida verdadeiramente indispensável no clima tropical; constitui um excelente refresco para a fadiga e o calor. Eu mesmo tomei-o sem leite nem açúcar, como extracto 3-4 vezes ao dia.

Existem trabalhadores indígenas em número suficiente à disposição dos plantadores. A pouco e pouco também já se conseguiu instruir uma tribo familiarizada com o tratamento do café. Os salários são baixos (dois angolares por dia, um dos quais para alimentação). Na colheita do café, ajudam também mulheres e crianças; senão, só os homens é que trabalham nas plantações. Em compensação, as mulheres têm de realizar todos os trabalhos na aldeia e nos campos dos indígenas, com excepção da construção de casas e do arroteamento da mata.

Segundo a opinião de todos os plantadores, é fácil de lidar com as autoridades portuguesas, desde que a pessoa se comporte com delicadeza, respeite os portugueses como os senhores do país, se reja pelas leis do país e pague pontualmente aos indígenas. Até por uma questão de esperteza, o colono deveria tratar as autoridades com uma correcção impecável, pois o português é muito sensível. Nada seria mais estúpido do que pensar que se pode tratar os portugueses como europeus de segunda e que se está acima das determinações do governo. Se se cumprir todas as formalidades, como a licença, a agrimensura, a inscrição de trabalhadores, o título de propriedade, etc., as autoridades deixam o colono totalmente em paz. Tirando o título de residência que se requer uma vez, não há outras contribuições a pagar. No que respeita ao tratamento dos indígenas, as autoridades portuguesas são também muito sensatas. Não conferem ao negro mais direitos do que aqueles que necessariamente lhe têm de ser concedidos e fazem muita questão de que o branco permaneça o senhor no país.

Segundo a opinião de todos os plantadores, é fácil de lidar com as autoridades portuguesas, desde que a pessoa se comporte com delicadeza, respeite os portugueses como os senhores do país, se reja pelas leis do país e pague pontualmente aos indígenas. Até por uma questão de esperteza, o colono deveria tratar as autoridades com uma correcção impecável, pois o português é muito sensível. Nada seria mais estúpido do que pensar que se pode tratar os portugueses como europeus de segunda e que se está acima das determinações do governo. Se se cumprir todas as formalidades, como a licença, a agrimensura, a inscrição de trabalhadores, o título de propriedade, etc., as autoridades deixam o colono totalmente em paz. Tirando o título de residência que se requer uma vez, não há outras contribuições a pagar. No que respeita ao tratamento dos indígenas, as autoridades portuguesas são também muito sensatas. Não conferem ao negro mais direitos do que aqueles que necessariamente lhe têm de ser concedidos e fazem muita questão de que o branco permaneça o senhor no país.



10 Coleção A. E. Lux: Indicação no catálogo: “Ceptro de um chefe dos Cowke em Angola”. Museum für Völkerkunde, Viena.

ANTON ERWIN LUX

O austríaco Anton Erwin Lux nasceu a 23 de Dezembro de 1847 em Veneza. Concluiu os seus estudos na Academia de Artilharia em Weisskirchen (Mähren) e entrou, em 1868, para o exército austríaco como oficial de artilharia. Dedicou-se a estudos geográficos e de Ciências Naturais e sobretudo também a trabalhos cartográficos, dos quais alguns foram expostos e premiados, em 1873, na Exposição Mundial em Viena e publicados em revistas geográficas. Isto atraiu a atenção da “Gesellschaft zur Erforschung Äquatorial--Africas” (Sociedade para a Investigação da África Equatorial). Ao seu serviço, Lux participou na terceira expedição organizada por esta instituição, que o deveria levar ao interior de Angola. Para chefiar esta expedição estava previsto o ornitólogo Alexander von Homeyer* que, no entanto, adoeceu logo em Pungo Andongo, tal como o botânico Herman Soyaux*, pelo que ambos foram obrigados a regressar. Lux teve igualmente que desistir em Quimbundo por motivos de saúde, acabando a pesquisa por ser realizada apenas por Paul Pogge*.

Lux deixara Hamburgo no início de 1875, tendo chegado a Luanda a 2 de Maio. Na companhia de Soyaux que se deslocara mais uma vez de Pungo Andongo à costa, para ir buscar dinheiro, Lux partiu dali, a 12 de Maio, em direcção ao interior. O seu caminho levou-o pelo Kwanza ao Dondo e depois a pé para Pungo Andongo e Malanje. Foi aí que, no dia 14 de Junho, após a aquisição do restante equipamento e a contratação de 75 carregadores e mais 39 africanos (entre eles também escravos), como arrieiros para oito bois-cavalos, num total de 114 homens, se iniciou a verdadeira expedição, depois de uma estadia de quatro semanas. Esta chegou ao enclave dos Kosa, na terra dos Cokwe, cuja localidade Quimbundo constituía a última estação comercial portuguesa a Oriente, a 26 de Agosto, depois de ter atravessado o Cuango e passado pelos territórios dos Songo e Minungo. Porém, o estado de saúde de Lux tinha piorado, de tal maneira que ele não pôde continuar a viagem e Pogge teve que prosseguir sozinho. A 14 de Setembro Lux iniciou, por isso, a viagem de regresso, mas com um itinerário diferente, que o conduziu desta vez pelos territórios dos Shinje e Mbangala. A 2 de Novembro, chegou a Luanda e, depois de uma viagem de regresso na companhia de Alexander von Mechow*, à sua casa, na Áustria, a 14 de Janeiro de 1876.

Após o seu regresso de África, Lux foi professor de Geografia na Escola Militar em Güns e mais tarde em Eisenstadt. Em 1876, participou, a convite do rei da Bélgica, nas sessões de consulta em Bruxelas, que conduziram à fundação da *Association Internationale Africaine*. De 1883 a 1886, Lux realizou longas viagens nos Balcãs, cujos resultados publicou no seu livro *Die Balkanhalbinsel mit Ausschluß Griechenlands. Physikalische und ethnographische Schilderungen und Städtebilder (A Península Balcã com excepção da Grécia. Descrições físicas e etnográficas e imagens de cidades)* (Freiburg 1887).

Elaborou também um guia geográfico intitulado *Geographischer Handweiser (Manual geográfico)* (Estugarda 1885). Depois de ter desempenhado postos de comando militar em Viena e Peterwardein, passou em 1900 a comandante do Regimento de Artilharia de Praça nº 3, em Przemýsl. Em 1903, reformou-se e faleceu cinco anos mais tarde, pouco depois de lhe ter sido conferido o título de major-general, no dia 31 de Maio de 1908, em Stockerau.

Lux foi o topógrafo da expedição a Cassange e, como o fotógrafo contratado para este empreendimento teve de regressar à Europa no navio seguinte, pouco depois da sua chegada a Luanda, o trabalho fotográfico ficou igualmente a seu cargo. No entanto, não chegou a desempenhá-lo porque o equipamento tinha ficado em Luanda. Posteriormente, em Malanje, o comerciante português Saturnino de Sousa Machado convenceu os participantes da expedição, do valor e necessidade da realização de fotografias, mas a tentativa de mandar vir o equipamento falhou. Elucidativo é o preconceito expresso por Lux a este propósito – um lugar-comum ainda hoje muito citado na Etnologia: “O receio de que me pudessem surgir complicações durante o acto de fotografar ou o manejar dos aparelhos, junto a uma população que acreditava tanto em magia, o que poderia pôr em causa o sucesso de toda viagem, foi desmentido pelo conhecido *Saturnino*, que no pior dos casos teria dado às pessoas os esclarecimentos necessários.” (Lux 1880: 57). Isto constitui, mais uma vez, um alerta em relação a generalizações feitas de ânimo leve e mostra que a investigação deve anteceder a formulação de conclusões. Mais tarde, quando Pogge mostrou pequenos retratos aos Lunda, estes gritaram de “júbilo indescritível” (1880: 81).

Lux não se interessou verdadeiramente pelas pessoas que encontrou em África. Também não foi um observador esmerado, curioso no bom sentido da palavra. Isto torna-se bem claro, se compararmos as suas descrições às dos seus colegas de viagem. Para ele “os pretos” são ladrões de ocasião “aqui, como em todo lado” (1880: 55); os “indígenas” (Shinje) “são preguiçosos e sem o menor interesse em trabalhar, só quando ouvem dizer que uma grande caravana comercial vai atravessar sua região, então apressam-se para a poderem assaltar” (p. 136); os Minungo são “brutos, traiçoeiros e insolentes até ao excesso, o que não se pode dizer dos Massongos.” (p. 99). Raramente se interroga sobre as possíveis causas do comportamento africano. Constata, no entanto, o ódio aos Portugueses, principalmente entre os Mbangala e, como Pogge, atribui a responsabilidade pela sua revolta bem sucedida no ano de 1860, unicamente à forma de tratamento demasiado cruel que os comerciantes portugueses tinham para com eles. Noutra passagem acaba por admitir que “o falatório que circula em Angola sobre a tendência dos Maschinschis [Shinje] e Bangelas [Mbangala] para o roubo é extremamente exagerado relativamente a ambos os povos, principalmente, no que diz respeito ao último. É verdade que todos os indígenas se aproximavam de mim com desconfiança e receio, da mesma forma que o

fazem em relação a todos os brancos, comportamento esse, para o qual certamente se encontrariam razões. Mas se os conhecermos melhor, então, verificamos que eles na realidade são pessoas muito bondosas.” (1880: 153, cf. também texto). Lux também vê nos mestiços “a escória da população” (1880: 6) como quase todos os outros exploradores seus contemporâneos. Contudo, o seu relato não permite deduzir das suas próprias experiências a confirmação deste juízo.

Lux não se interessou verdadeiramente pelas pessoas que encontrou em África. Também não foi um observador esmerado, curioso no bom sentido da palavra. Isto torna-se bem claro, se compararmos as suas descrições às dos seus colegas de viagem. Para ele “os pretos” são ladrões de ocasião “aqui, como em todo lado” (1880: 55); os “indígenas” (Shinje) “são preguiçosos e sem o menor interesse em trabalhar, só quando ouvem dizer que uma grande caravana comercial vai atravessar sua região, então apressam-se para a poderem assaltar” (p. 136); os Minungo são “brutos, traiçoeiros e insolentes até ao excesso, o que não se pode dizer dos Massongos.” (p. 99). Raramente se interroga sobre as possíveis causas do comportamento africano. Constata, no entanto, o ódio aos Portugueses, principalmente entre os Mbangala e, como Pogge, atribui a responsabilidade pela sua revolta bem sucedida no ano de 1860, unicamente à forma de tratamento demasiado cruel que os comerciantes portugueses tinham para com eles. Noutra passagem acaba por admitir que “o falatório que circula em Angola sobre a tendência dos Maschinschis [Shinje] e Bangelas [Mbangala] para o roubo é extremamente exagerado relativamente a ambos os povos, principalmente, no que diz respeito ao último. É verdade que todos os indígenas se aproximavam de mim com desconfiança e receio, da mesma forma que o fazem em relação a todos os brancos, comportamento esse, para o qual certamente se encontrariam razões. Mas se os conhecermos melhor, então, verificamos que eles na realidade são pessoas muito bondosas.” (1880: 153, cf. também texto). Lux também vê nos mestiços “a escória da população” (1880: 6) como quase todos os outros exploradores seus contemporâneos. Contudo, o seu relato não permite deduzir das suas próprias experiências a confirmação deste juízo.

Não são só as suas observações etnográficas que são pobres, imprecisas e superficiais. Já os seus colegas especializados consideraram contestáveis algumas das suas indicações geográficas. Sobretudo as suas altimetrias que apresentavam em parte uma diferença de 800-900 m em relação às de Schütt* e Buchner*, suscitaram enérgicas dúvidas. Um crítico expressou, por isso, o desejo urgente de “que, dentro em breve, o senhor Lux dê informações acerca dos fundamentos sobre os quais construiu as suas indicações de altitude e explique a contradição evidente, que existe entre a sua barometria e a suposta altitude dos locais de observação” (Ermann 1880-1881: 14). A crítica ao seu livro, afirmando que nele “não se distingue uma preferência por uma disciplina

científica” (Behm 1879: 467), é igualmente válida, sobretudo em relação às suas observações etnográficas (ver texto). Lux fez, na verdade, uma excursão suplementar (demasiado curta) à antiga Feira de Cassange. Apesar desta indicação, não é possível encontrar nos seus trabalhos uma descrição ou informações mais concretas sobre o assunto. Também não fornece uma imagem clara e informativa do seu encontro com 32 “reis” dos Songo.

A mesma superficialidade está presente na sua descrição de objectos etnográficos, como por exemplo, do instrumento musical “lubembe”, que ele representa bem, como um sino duplo, mas só descreve como “um sino de ferro fundido para vacas (porém sem badalo)”. A sua incapacidade de compreender o que tinha visto torna-se bem clara na sua descrição de um “mukishi” dos Songo, na qual ele usa “feitiço”, talismã, ídolo e divindade arbitrariamente como sinónimos. Caracterizadora da sua atitude interior é a sua explicação sobre a diluição de aguardente com água. Enquanto Soyaux descreve a mesma prática como uma tentativa de burla para encobrir a tiragem e o aumento secreto de provisões pelos intermediários e os consumidores finais, Lux afirma nunca se poder “dar ao negro a aguardente no estado em que esta é comercializada”. “Os indígenas gostam muito de beber e bebem depressa, mas só aguentam pequenas quantidades de bebidas alcoólicas. Ainda para mais, gostando eles de beber muito, é necessário tentar atenuar o efeito da bebida e isso consegue-se, enchendo apenas metade da garrafa destinada ao negro com aguardente e acrescentando o resto com água.” (1880: 59)

Lux traça ainda uma imagem muito lisonjeadora da escravatura (em Angola só extinta oficialmente em 1875): “O negro não se dá, ou não se deu, mal com a escravatura – refiro-me às possessões portuguesas na África Ocidental. As pessoas tinham que comer e beber, tinham roupas, bons tratos, não tinham preocupações e às vezes até acabavam mesmo por receber dinheiro. Sobretudo, tinham menos trabalho do que o que têm agora de realizar em liberdade, se quiserem continuar a viver do mesmo modo como até aqui. O negro, normalmente, pouco trabalhador e, sem dúvida, também fácil de satisfazer, só trabalha de livre vontade em caso de necessidade extrema e agora, como homem livre, irá exigir preços exagerados pelo desempenho da actividade como “cargadores” [*i.e.* carregadores], o que implicará um grande aumento de preços dos artigos de exportação nos próximos tempos, uma vez que a falta de outro meio de transporte exclui qualquer concorrência.” (1880: 26)

Contudo, também se encontram no relato de viagem de Lux algumas informações interessantes sobre o seu itinerário no sentido mais restrito e que vão além das suas condições de viagem. Assim, descreve bastante pormenorizadamente os castigos drásticos na Angola portuguesa e os meios de transporte mais importantes para os Brancos, dá indicações sobre os dois sistemas monetários e sobre as moedas, menciona alguns preços e produtos comerciais, por vezes também algumas plantas e outras coisas óbvias que

conseguia obter sem muitas perguntas. Interessantes, são os seus reparos sobre as missangas para negociar, afirmando que na maior parte dos casos eram produzidas em fábricas de vidro na Boémia e que chegavam todas a Angola vindas de Inglaterra. Ainda segundo Lux, os “avelórios” vermelhos eram também chamados “corais” na costa ocidental. Úteis são também as suas listas de palavras do kimbundu, kisongo e umbundu (mbailundo). Por outro lado, as litografias incluídas no seu livro já foram qualificadas no seu tempo como um “retrocesso”.

Existem várias razões para estas falhas lamentáveis. Uma delas é certamente o mau estado de saúde de Lux, os ataques de febre constantes e outros sofrimentos. Numa passagem rápida pelas localidades ou até mesmo ao largo destas, não era possível fazer observações pormenorizadas ou efectuar investigações e em Quimbundo, a única localidade, na qual Lux permaneceu mais algum tempo, esteve tão doente que naquela altura lhe foi mesmo impossível fazê-lo. Mas, também Pogge não se sentiu nada bem inicialmente e, no entanto, o seu diário é para esta altura bastante mais rico em informação. Há pois que ter em conta que o tenente (posteriormente primeiro-tenente) Lux era, em primeira linha, um militar e que no geral lhe faltava a sensibilidade para aceder a mundos estranhos. Foi, obviamente, uma má escolha para este empreendimento.

Um bastão de chefe dos Cokwe trazido por Lux (comp. 1880: 87 com Bastin 1969) foi comprado em 1949 pelo Museu de Etnologia de Viena, numa casa de leilões, e ainda hoje se encontra ali (ver imagem 10).

Texto

1. “*Unter den Bangelas in Westafrika*” [*Entre os Bangelas na África ocidental*], 1879b: 182-185

Foi no ano de 1875 que, por ocasião da minha viagem de regresso de Kimbundo [Quimbundo] (10° 13,6' Sul lat. e 19° 37,1' Este de Gr.), atravessei os territórios dos Maschinschi [Shinje] e Bangelas [Mbangala]. O interesse que especialmente este último povo está a despertar, agora que o senhor Schütt viaja por aquelas regiões, torna oportuno o meu relato dos acontecimentos e experiências que colhi entre os Bangelas.

Os Bangelas habitam no vale de Cassandsche [Cassange], numa área que vai desde as montanhas de Talamongongo [Tala Mugongo] a Leste até ao Quango e Cucumbi e que a Sul faz fronteira com o território dos Songo. A fronteira Norte permaneceu-me desconhecida. Viajei por esta região no período entre 24 de Setembro e 5 de Outubro de 1875 e achei que, no geral, o falatório que circula em Angola sobre a tendência dos Bangelas para o roubo, é extremamente exagerado. É verdade que todos os indígenas se aproximavam de mim com

desconfiança e receio, mas isso acontece com todos os negros e, naquela região em particular, existem as mais válidas razões para tal. Como já é do conhecimento geral, os Bangelas tiveram experiências bastante tristes com os portugueses outrora ali instalados. No entanto, se os conhecermos melhor, verificamos que, no fundo, são pessoas bastante bondosas.

A minha caravana era pequena nessa viagem. Fora os meus seis carregadores de tipóia e dois escravos (Tom e Manú), eu tinha apenas onze negros que carregavam o meu reduzido equipamento, bem como sete escravos que transportavam a carga dos meus carregadores, ou seja, no total apenas 26 homens; realmente não era uma força com a qual poderia eventualmente ter enfrentado possíveis ataques dos indígenas. As viagens com grandes caravanas provocam aliás, em trajectos curtos, muito mais dissabores do que aquelas com menos gente. De resto, já é demasiado fácil surgirem desavenças entre os carregadores e os indígenas, que têm, na maioria das vezes, ou mesmo sempre, de ser resolvidas pelo viajante, daí que uma caravana pequena seja evidentemente mais vantajosa, porque é mais fácil vigiar o pessoal. Porém, quer a caravana seja grande, quer seja pequena, o princípio fundamental do viajante – e isto também entre os Bangelas – consiste em adaptar-se o mais possível às circunstâncias. É certo que por vezes isso será muito, muito difícil e que frequentemente a paciência atingirá os limites. Mas quem conseguir ultrapassar esta dificuldade, terá sucesso.

A comunicação com os negros é provavelmente o que, em primeira linha, torna tão difícil viajar em África, não excluindo a região dos Bangelas, e que, apesar da melhor vontade do viajante, muitas vezes deita por terra as mais arrojadas e justificadas expectativas.

A comunicação é iniciada, na maioria das vezes, através do comércio e, neste sentido, os Bangelas devem ser abordados de forma diferente de outros povos. Se não se lhes dá, num negócio, rapidamente aquilo que eles exigem, vão-se embora e já não voltam atrás; tudo está completamente perdido e eles procuram então, por outros meios, entrar em posse dos objectos por eles cobichados, seja por furto ou outro meio qualquer. Um exemplo diferente são os Massongos que eu conheci na minha viagem a Kimbundo; é possível negociar com este povo; tal como com os Kiokos [Cokwe].

Aos Bangelas dei tanto quanto pude, dentro das possibilidades do meu escasso equipamento, e se os sobas queriam mais, dava a entender, com sucesso, a impossibilidade de fazer mais ofertas, referindo a reduzida quantidade de artigos que ainda possuía, bem como o trajecto que ainda tinha pela frente e eles contentavam-se com aquilo que já tinham obtido.

No vestuário e na alimentação, são tão parcos como os outros povos negros não civilizados e também untam os seus corpos com óleo de rícino. As mulheres dão especial valor às missangas e outras bagatelas e os homens à fundanga

(pólvora de espingarda). As velhas espingardas de pederneira têm uma divulgação significativa entre este povo.

Este povo distingue-se fundamentalmente dos Massongos, Kiokos, Maschinschis e Minungos pelo seu penteado. Isto porque rapam o cabelo de tal maneira, que a parte que fica forma os mais variados desenhos. As mulheres fazem por vezes algumas trancinhas e rapam o cabelo à volta em forma de círculo. Também se vêem crânios completamente rapados. Como ornamento especial muito frequente entre as mulheres bangelas, refiro uma fina tira de latão, que usam à volta da testa.

Vindo do Leste, pisei, no dia 24 de Setembro de 1875, o território dos Bangelas, depois de um “*piloto*” negro numa canoa nos ter, a pouco e pouco, transportado por sobre o Cucumbi, e cheguei, por volta do meio dia, a bansa Cassandsche, onde acampeei. Bansa significa aldeia entre os Bangelas, assim como sansala ou kilombo entre os Massongos. Foi neste local, que não deve ser confundido com a localidade de Cassandsche (Feira) [...] que conhecemos através de Livingstone, situada perto da foz do Cucumbi, na bifurcação entre este rio e o Quango, ou seja, ainda na margem direita do último, que como “Inglese” tive a melhor recepção.

Antes de o soba vir em pessoa, mandou oferecer-me uma *cubata* (esta é a designação dos Bangelas para as sólidas cabanas dos negros) disponível para habitação; porém, eu agradei o prazer de reencontrar *mawatas*, que existem em grandes quantidades nas cabanas de negros e que eu e o Dr. Pogge já tínhamos tido oportunidade de conhecer na nossa viagem a Kimbundo, e recusei a oferta. Os *mawatas* são designados pelos portugueses de “persevejos dos pretos” e por vezes também de “*carapatos*” (o mesmo que carraças, o que no entanto é errado). Portanto mandei o meu pessoal construir outra vez um arejado *fondo* com ramos frescos.

Pouco depois veio o soba, rodeado por muita da sua gente, para uma visita; a esteira de palha que aqui é chamada de *dischisa*, foi estendida à frente da minha cabana e o chefe acocorou-se nela. Era o primeiro soba que eu encontrava em toda a minha viagem de Kimbundo e assim esperava obter dele alguns alimentos como presente, como é hábito entre os Massongas [*sic*], ainda mais porque desde Kimbundo eu tinha geralmente passado fome. No melhor dos casos tinha conseguido adquirir um frango num sítio ou noutro. Contudo enganei-me na minha suposição, uma vez que o soba não trouxe coisa alguma, mas exigiu logo alguns presentes; consegui satisfazê-lo e ganhar a sua amizade.

O soba de bansa Cassandsche é o mais poderoso e, por isso, o mais temido chefe do vale de Cassandsche e a sua influência é muito grande. A ele pertencia também a canoa com que deveria atravessar o rio Quango na continuação da minha viagem, por isso a nossa conversa também girou logo em torno da questão do pagamento da travessia. Finalmente entrámos em acordo e estipulámos uma peça de *riscado* de 8 jardas como preço. O soba pretendia

receber este pagamento imediatamente, coisa que, no entanto, eu não quis aceitar; contudo, dada a sua insistência e a garantia de que nada mais seria exigido, uma vez que o barqueiro era seu súbdito e tinha de realizar o serviço por ordem sua, tive de aceitar o pagamento adiantado. Irmão, o meu intérprete, aconselhou-me a fazê-lo, senão só conseguiríamos avançar ao fim de alguns dias. Veio então o muito falado “*piloto*” e, tal como suspeitei desde logo, a coisa assumiu uma forma diferente. O barqueiro não quis saber absolutamente nada das combinações do seu rei, começando por pedir ao último a totalidade das 8 jardas e quando este o despachou com uma risada escarninha, veio ter comigo e exigiu 6 jardas. Isto desencadeou um muito vivo falatório geral, que só terminou, quando eu lhe concedi 4 jardas. Aproveitando o barulho e a confusão, o rei tinha-se posto em fuga, com os seus acólitos e a peça de *riscado*.

Depois de me ter despedido do soba no dia seguinte, com a oferta de uma garrafa de aguardente, deixei bansa Cassandsche com a minha caravana, na companhia do “*piloto*” e, após uma curta caminhada, alcancei o rio Quango, onde se iniciou imediatamente a travessia do meu pessoal.

A travessia (9° 48,6’ Sul lat. E 18° 28,6’ Este de Gr.) deste rio foi mais difícil e lenta do que a do Cucumbi, porque a canoa era tão pequena que, além do barqueiro, cabiam apenas duas pessoas muito agachadas e uma peça de carga. O rio tem neste local uma largura de cerca de 120 a 140 passos e uma profundidade de 2 a 4 metros.

Metade do meu pessoal já tinha sido transportado para a margem esquerda e eu ainda me encontrava do outro lado, porque o viajante tem de ser sempre o último, quando o nosso barqueiro começou com novas reivindicações com vista a um pagamento melhor. Chegou a recusar-se a transportar o resto da caravana e fez menção de partir rio abaixo. Isto gerou um grande tumulto em ambas as margens e só com ajuda do meu revolver, consegui obrigar o barqueiro desleal a cumprir o seu dever, sem ter de lhe pagar mais. Às 10 horas, a travessia terminou e nós acampámos por volta do meio-dia na terra de Muhica.

Entretanto a estação das chuvas já ia muito avançada e por isso eu decidi tanto quanto possível, fazer grandes caminhadas. Nesta época, os aguaceiros diários começam à mesma hora com uma exactidão considerável. Pouco depois do nascer do sol, o céu está geralmente limpo e sem nuvens, o que faz com seja essa a melhor altura para iniciar a caminhada. Por volta do meio-dia, as nuvens vão-se acumulando a pouco e pouco e, antes de nos darmos conta, a chuva começa a cair. Portanto, nesta altura já temos que estar em segurança no nosso fondo. Embora o aguaceiro não dure muito tempo, a chuvada é tão forte e intensa, que após 10 minutos, há autênticos ribeiros a correr por todos os terrenos íngremes. Depois de um intervalo de uma hora a hora e meia, há um novo aguaceiro e assim por diante ao longo de toda a tarde e noite. É muito difícil fazer uma ideia da densidade e da força da chuva tropical, quando não se passou pessoalmente pela experiência.

Nos dias seguintes, passei por bansa Camalanga, bansa Muconda, terra di [sic] Caschimba, Pafu, Calunga a Kilombo, um magnífico palmeiral perto de N'Gama, bansa Cansambe, onde começam grandes *matos* e o rio Cueji (pronunciado Kueschi, provavelmente para distingui-lo do Cuiji, um afluente da margem direita do Quanza) que corre por um imponente leito de rocha. A 29 de Setembro acampe em N'Bungu (9° 44,9' Sul lat. e 18° 7,8' Este de Gr.).

Em N'Bungu, o único (1875) português residente no vale de Cassandsche, José Joaquim Barreiros Callado, que também possui uma filial em Pafu, tem uma grande casa e uma fazenda notável que se distingue especialmente pelo seu gado abundante. Callado só raramente está em casa; eu também não o encontrei lá.

O seu empregado é um mulato chamado Antonio Manuele Lemus. Não encontrei da sua parte a hospitalidade portuguesa, geralmente tão grandiosa em todo o lado, pelo que preferi morar num fundo que mandei construir à frente da casa. Nesta altura, Irmão, o meu intérprete, falou-me da inimizade entre conhecido comerciante de marfim Saturnino [de Sousa Machado] e Callado. Isto aumentou o meu interesse em conhecer o último, pelo que decidi visitar a Feira (a Cassandsche de Livingstone), onde se supunha que Callado se encontrava.

No dia 30 fiz então a excursão, na companhia do empregado de Pasu (íamos ambos montados em bois, como é costume cá) e de dois negros a pé. Contudo, não consegui os meus intentos, pois também não encontrei Callado na Feira. Pelo que disseram, tinha partido pouco antes da minha chegada; ninguém sabia para onde.

A cavalgada até à Feira (9° 37,9' Sul lat. e 18° 3,5' Este de Gr.) durou quatro horas e à tarde regresssei novamente a N'Bungu.

Callado possui na Feira uma pequena feitoria, dirigida por um mulato. Como se sabe, os brancos, caso sejam portugueses, não gozam da amizade da gente da Feira. Callado deve saber como atizar esta antipatia entre os indígenas, em interesse próprio; particularmente contra Saturnino, seu inimigo, que além disso também conta pessoalmente com a inveja dos Bangelas, uma vez que também esteve instalado no Cassandsche de então (Feira) até 1860 e, juntamente com outros brancos, deve ter contribuído para despertar a aversão daquele povo para com os portugueses [...].

A 1 de Outubro iniciei a subida dos suaves barrancos da vertente oriental [das montanhas] de Talamongonga [Tala Mugongo] e passei por Wuanga. Na continuação da minha viagem, o meu caminho levou-me a passar pelo sopé do "Monte Cassala" no território do soba de Caboco. Este maciço rochoso ergue-se cerca de 500 metros acima do terreno circundante. O local é geralmente propício à abundante caça do marabut (*Leptoptilus crumenifer*), porque grandes bandos destas aves procuram muitas vezes abrigo nas rochas do Cassala. Os

negros caçam estes animais apenas pela sua carne, as preciosas penas não têm para eles qualquer valor.

A partir do Monte Cassala, tive de atravessar, no meu caminho para Leste, numerosos ribeiros e riachos resultantes dos aguaceiros intensos e passei pela sansala Cambollo e sansala Lucalla. Após ter atravessado a vau o rio Luhy [Lui], acampeí na margem esquerda e, pouco tempo depois, estava na companhia do soba de Lucalla, com quem travei amizade. Ficou comigo o dia todo até à noitinha e mesmo no dia seguinte, apareceu de manhã cedo, para a despedida. De todos os negros, foi este soba que me causou a melhor impressão. A 4 de Outubro prossegui viagem. Alcancei Mucamba, Gudi e Kissamba e atravessei o Loari, um notável e magnífico rio profundamente encastrado nas suas esplendorosas margens. A viagem continuou com grande variedade [de cenários], umas vezes por imponentes palmeirais ou por profundos precipícios, outras por montes e vales, por entre árvores e trepadeiras, ribeiros e novamente pelas muito belas, mas horrivelmente mal cheirosas plantações de tabaco.

Em algumas regiões fuma-se também *ariamba* em vez de tabaco. Esta planta do género da liamba cresce em todo o lado, especialmente junto ao Congo, e diz-se ser mais narcótica do que o tabaco.

Passando por Museca, Budinschi, Uari a M'Bambi, Ganambelenge e Cambondo, sempre a subir, alcancei finalmente, a 5 de Outubro às 9 h 30 m da manhã, o ponto mais alto do percurso das [montanhas de] Talamongonga, chegando assim à fronteira dos Bangelas. A precisa zona em que completei a subida chama-se as montanhas de Catenia, de cujos desfiladeiros provém também o pequeno rio Catenia, afluente do Quango. Uma vez que percorri ambos os trajectos de Sansa até Kimbundu, penso que devo fazer especial referência à rota que atravessa as regiões dos Bangelas. É consideravelmente mais curta e os indígenas não têm uma natureza pior que os Massangos. Muito daquilo que se diz em Angola sobre os Bangelas é exagerado.

Partindo de Catenia, também é possível chegar directamente a Feira por um percurso paralelo. Neste caso, o itinerário seria: Kinsaschi, Caschinga, Kimboa, Cucumulombe, Candungo e finalmente a Feira.

No dia 6 de Outubro de 1875, a minha caminhada levou-me novamente à região dos Massangos [*sic; i.e.* Songo].

Güns, 20 de Janeiro de 1879.

WILHELM MATTENKLODT

Wilhelm Mattenklodt, que terá nascido a 20 de Maio de 1887, possivelmente em Lippstadt, onde a família explorava uma herdade (“die alte Mattenklodtsche Scholle”, 1942: 226), emigrou em 1908 para a colónia alemã do Sudoeste Africano (Namíbia) e comprou uma fazenda perto de Grootfontein com cinco mil hectares de terreno, sessenta vacas e quarenta ovelhas. A partir dela empreendeu grandes caçadas nos anos seguintes, para ganhar algum dinheiro complementar e para conhecer o território. Elas conduziram-no ao sudeste de Angola e, ao longo do Zambeze, até às cataratas Victória. O deflagrar da Primeira Guerra Mundial mudou radicalmente a sua vida. Mattenklodt juntou-se às tropas alemãs no Sudoeste Africano e participou na tomada e destruição do forte português de Naulila (14 de Dezembro de 1914). Depois da capitulação da Alemanha, prontificou-se a conduzir cinco oficiais alemães que queriam fugir à prisão, em segurança, até ao leste de África. O plano foi descoberto, Mattenklodt foi preso na sua fazenda, mas decidiu fugir ainda na mesma noite. Com isto, desistiu não só das suas terras e de todos os seus bens, como também do tipo de vida que levava até aí. A partir de então, passou quatro longos anos em fuga. Sob o nome de “Freischütz” (“Franco Atirador”) correu de um esconderijo para outro com diferentes companheiros – algum tempo com Joachim Helmuth Wilhelm* – por caminhos cheios de aventura e privação, com grande audácia, pelo Sudoeste Africano e Angola, onde ingleses e portugueses o procuravam. O seu destino era a colónia espanhola neutra de Rio Muni. Mas muito antes de lá chegar, foi apanhado perto de Calulu na região do Libolo, em 1919. Foi levado para Luanda e, depois de três meses de prisão, deportado para Lisboa.

Regressou à Alemanha que ele via “explorada pelo impiedoso inimigo exterior, sugada pela escória vermelha de vampiros” que “no interior chamava o poder a si e preparava o caminho sangrento a Moscovo” (1942: 136), onde não permaneceu muito tempo. Voltou ainda três vezes a Angola e ganhou lá a sua vida como caçador. Esteve, principalmente, perto do rio Queve para caçar hipopótamos e búfalos e, por ocasião de uma destas caçadas, chegou até ao Kwanza. Joachim Helmuth Wilhelm, acabado de chegar da Alemanha, e que pretendia radicar-se em Angola, voltou a juntar-se a ele por mais algum tempo. Mattenklodt foi uma vez mais ao Sudeste de Angola. Ataques fortes de malária obrigaram-no, todavia, a fazer frequentemente grandes intervalos para descansar.

Numa destas viagens posteriores a Angola, visitou os Kisama e estudou-os. Em 1929, o Museu de Etnologia em Berlim recebeu dele, entre outras coisas, uma pequena colecção de objectos etnográficos desta região (46 números – num total de 59 peças de Angola –, dos quais agora só dois números – um cesto e três colheres de madeira – estão registados como ainda existentes),

conjuntamente com notas etnográficas, que Hermann Baumann* reviu e publicou em 1944. Desconhece-se a altura em que Mattenklodt terá reunido as informações. Das indicações publicadas pode deduzir-se pelo menos que, numa altura qualquer entre 1920 e 1929, viveu cinco meses com os Kisama. Deve ter-se tratado de uma das caçadas mencionadas. As suas notas baseiam-se no trabalho de Bernhard Ankermann “Anleitung zum ethnologischen Beobachten und Sammeln” (Instruções para a Observação e a Recolha Etnológicas) (1914). Sendo elas fruto do trabalho de um leigo, as observações de Mattenklodt fornecem uma visão de conjunto sobre a cultura deste povo, que, embora não seja muito profunda, é extraordinariamente multifacetada e rica em detalhes. São as observações mais precisas e mais completas que possuímos sobre os Kisama (textos 1 e 2), apesar de serem apenas poucas páginas. Porém, quanto ao estilo e à forma de descrição, elas contrastam de tal maneira com os seus relatos das caçadas e da fuga, que nos sentiríamos inclinados a acusar Baumann de ter feito intervenções substanciais, se este não as tivesse negado declaradamente. Assim sendo, há que procurar a razão de ser da acutilância da visão etnográfica de Mattenklodt na sua relação com Wilhelm que se interessava pela Etnologia, na referida instrução e nos seus contactos com o Museu de Etnologia em Berlim. Também recolheu objectos para este museu junto ao Queve, pois relata como uma vez conseguiu obter dos habitantes de uma aldeia, em troca de “trinta quintais da melhor carne” de um hipopótamo morto, “alguns objectos importantes para o Museu de Berlim”, havendo depois uma “pequena briga”, “mas da qual eu saí vencedor.” (1942: 232)

Já durante a sua primeira estadia junto ao Queve, quando se encontrava ainda em fuga, Mattenklodt deparou com as sepulturas de pedra, hoje tão famosas: “*That evening we slept on the banks of the Kueve on a big tomb on a shelving rock. Two negroes who, passing in the dusk, caught sight of us in the shrine took to their heels with every manifestation of superstitious alarm. We found tombs of this kind, in which chieftains and great hunters are buried, all over the country on rocky hills and slopes. They were circular in form and cleverly constructed of innumerable larger and smaller stones to the height of some five feet. This tomb was one of the largest we came across; it was probably over forty feet in diameter.*” (“Nessa noite, dormimos nas margens do Kueve sobre um grande túmulo sobre um rochedo inclinado. Dois negros que por ali passaram ao anoitecer e nos viram no túmulo sagrado desataram a correr, com todas as manifestações de alarme supersticioso. Encontrámos túmulos deste tipo, nos quais são sepultados chefes e grandes caçadores, por toda a região, sobre colinas e declives rochosos. Eram de forma circular e inteligentemente construídos com inúmeras pedras maiores e menores e tinham uma altura de cerca de cinco pés. Este túmulo foi um dos maiores que encontrámos; tinha provavelmente mais de quarenta pés de diâmetro.”) (1931: 268-269). Mais tarde, ao descrever a sua terceira viagem a Angola, Mattenklodt

escolheu um desses monumentos para uma despedida enfática: “De olhos sedentos bebo toda esta maravilha no meu coração e penso naquele que me protegeu durante esta longa, longa viagem através das imensidões de África. Em cima deste monte de pedra imponente, sinto-me parente daquele que dorme debaixo dele já há muitas centenas de anos: É uma sepultura de um chefe ou de um caçador de tempos remotos, tempos em que os Ovaselle ainda eram senhores da sua terra rica em caça; está em ruínas e, no entanto, ainda tem dois metros de altura e dez de largura, tem juntas bem construídas, é redondo em forma de círculo, sem ter sido até agora revolvido por nenhuma pá.” (1942: 242). Esta passagem proporciona, igualmente, uma ideia sobre o estilo um pouco excessivo do aventureiro e caçador Mattenklodt, que se diferenciava muito claramente do estilo do etnógrafo.

Quando Baumann encontrou Mattenklodt em Huambo, no Verão de 1930, durante a sua quarta estadia em África, este já estava muito doente. Estava nessa altura de partida para mais uma caçada no Sudeste de Angola, que o deveria levar ao Zambeze. Foi encontrado pouco depois gravemente paralisado junto ao Cuando e levado por Vila Luso (o actual Luena) e Lobito para o hospital de Swakopmund (na actual Namíbia), onde faleceu em 1931, devido a uma doença grave, possivelmente, a doença do sono.

Textos

1. “Die Kisama” [*Os Kisama*], 1944: 95-97

A morte de uma pessoa é imediatamente anunciada. Envia-se logo mensageiros a todos os familiares e conhecidos, pois o velório é a festa mais importante. O cadáver das pessoas comuns, sejam homens ou mulheres, fica 1 a 3 dias na cubata, até chegarem todos os parentes alcançáveis; o cadáver de um soba fica 10 dias, o cadáver do chefe de toda a tribo, o soba de Demba, 20 dias. Com excepção dos cadáveres do último e dos sobas de Nduri, de Ngombe, de Moxima [Muxima], de Kimona Kasonga, de Kazimo e de Kitombolo, que possuem um estatuto mais elevado do que os outros sobas, todos os cadáveres são colocados todos os dias à frente da cubata, na posição em que ficarão na sepultura – sentados, de pernas fechadas, braços junto ao corpo, mãos sobre as coxas – e então realizam-se as exéquias, entre cantos fúnebres e danças. Quanto mais ilustre for a pessoa e mais numerosa a sua família, mais se come, gasta, dança e lamenta; no caso da morte de um soba, isto dura dia e noite. A dança frente ao cadáver e em volta dele só se realiza de dia; à noite é levado para o interior da cubata e os lamentos continuam lá dentro.

As exéquias por morte do soba de Demba decorre da seguinte forma: Se possível, todos os homens e todas as mulheres participam. No primeiro dia reina um silêncio total. Na segunda manhã, são dados três tiros de espingarda para o

solo a cerca de 50-100 m da cubata do morto. Este é o sinal do início. Logo a seguir são entoados cantos fúnebres, nos quais todo o povo participa em coro, carpindo e chorando. Então, uma após outra, as pessoas aproximam-se da cubata que está aberta para, de joelhos, saudarem o soba com a saudação dos Kisama; depois voltam novamente ao largo que fica afastado, para se lamentarem. Entretanto, preparam-se alimentos no fogo e comem-se. Depois começa a dança que dura até à meia-noite, mas que é repetidamente interrompida por lamentações. Tudo isto se repete da mesma forma durante 20 dias. No 21º dia, o cadáver é transportado para a sepultura; a sepultura situa-se em frente da cubata. O cadáver é embrulhado em panos e enterrado até à altura das ancas em posição sentada. Sobre o tronco é enfiado um recipiente de barro gigantesco, como os que se encontram nas cubatas, para armazenar água. No recipiente é feito um orifício à altura do peito, pelo qual se passa o esqueleto da mão do chefe. Esta mão volta a ser tocada diariamente por todos os presentes e recém-chegados, durante a saudação dos Kisama. Ao longo dos oito dias em que se realizam estas exéquias, ficam três homens a dormir ao lado da sepultura. No nono dia, o cadáver é colocado, em posição sentada e com o rosto virado para o pôr-do-sol, na sepultura circular com 1,50-2 m de profundidade, sobre a qual é feito um monte de terra circular com 1 m de altura. Desconhecem-se as oferendas ao morto. Terminadas as exéquias, o novo chefe, filho do falecido, assume as suas funções. No que respeita aos seis grandes chefes acima referidos, as exéquias realizam-se de forma semelhante.

Só que não duram tanto tempo e o povo enlutado é menos numeroso. No caso destes sobas, como no caso do chefe supremo, a esposa principal dorme durante a noite sozinha na cubata mortuária.

As exéquias não se repetem.

Quando as hienas desenterram o chefe morto, a terra não dá frutos no Outono seguinte.

2. “Die Kisama” [*Os Kisama*], 1944: 101-102

(entre parênteses curvos: *acrescentos de H. Baumann*)

Os Kisama não sabem para onde vai a alma depois da morte. Pensam que a sua morada é a própria sepultura, pois passado cerca de um ano ou mais, limpam a sepultura e bebem ali vinho de palma ou cerveja de mel, tal como os Muhombe, a pequena tribo vizinha na margem sul do Longa. Eu fui testemunha das exéquias de uma dessas exumações e faço o relato que se segue:

Cinco homens e seis mulheres apanharam pedras no terreno e empilharam-nas sobre uma elevação de capim circular, com 1,5 m de diâmetro, que anteriormente tinham limpo de capim e arvoredo com a enxada. Quando o trabalho ficou concluído, um dos homens, o filho do falecido, aproximou-se da sepultura, despejou o suco doce da palmeira de leque, de uma cabaça para um

chifre de boi e derramou-o três vezes sobre as pedras. Enquanto isso, com o rosto virado para a sepultura, proferiu um pequeno e bem apresentado discurso, reforçado várias vezes pela aprovação dos que se encontravam atrás dele e ao seu lado. Seguidamente, o conteúdo da cabaça e o de uma segunda foram vertidos no chifre que era passado em redor do círculo. Primeiro bebiam os homens e depois as mulheres sentadas à parte, até não restar nada. Segundo a tradução de um Kisama, as palavras do filho foram as seguintes: “Mãe, saúdo-te! Quando ainda vivias, davas-me de comer e de beber e davas-me roupa. Agora estás debaixo da terra e estás morta. Mas vê, estou bem. Para mostrar que penso em ti, limpei hoje o monte da tua sepultura e coloquei pedras sobre ela. Para que tu vejas melhor, que eu penso em ti e que sou um bom filho teu e para que eu não seja atingido pela doença e pela miséria, derramo este chifre cheio de *malowu* [*malavu?*] (vinho de palma) sobre a tua sepultura. O resto, vou bebê-lo com aqueles que aqui estão. Vê, tu conheces todos eles.” Depois dançaram todos ao som de cantos e de música (xilofone com cabaças de ressonância) e finalmente retiraram-se todos.



11 Coleção A. von Mechow: “Ceptro de chefe. Majakalla”. Yaka. Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 1605

ALEXANDER von MECHOW

Friedrich Wilhelm Alexander von Mechow nasceu a 9 de Dezembro de 1831 em Lauban, na Silésia e enveredou, como o seu pai Heinrich Wilhelm Gotthelf Mechow (1789-1865, casado com Friederike Svenderop, apelido de solteira, 1797-1869) e outros membros da família, pela carreira militar. A 23.1.1861, foi-lhe concedido, a ele e ao irmão, um título de nobreza. Como oficial prussiano, fez a campanha de 1866 e foi ferido com um tiro num ombro e num pulmão, em 1870, perto de Wörth. Depois de ter sido aposentado, como major, viveu em Berlim.¹ Em 1874, a “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas” (Sociedade Alemã para a Investigação da África Equatorial) enviou-o como reforço da expedição de Güssfeldt (ver Güssfeldt*, Falkenstein*, Pechuël-Loesche* e Soyaux*) para o Loango (1874-1876). A sua tarefa era “treinar” os carregadores contratados em Novo Redondo (hoje Sumbe) e dar-lhes “uma ideia de disciplina” (Hanemann 1875: 4). O projecto fracassou desde logo, pela simples razão de que estes africanos tinham problemas de saúde provocados pelo clima e alimentação, a que não estavam acostumados, mas certamente também devido à ideia que os europeus e especialmente este oficial tinham da “disciplina militar”. Com ajuda destes carregadores fez também uma plantação para auto-abastecimento da expedição com diferentes alimentos básicos. Sobre esta sua primeira estadia curta em África (de Janeiro a Novembro de 1875) parece não ter publicado nada. A sua destituição teve lugar ao que parece devido a desentendimentos com os restantes membros da expedição e à sua pretensão de chefia participada a Berlim sem os outros terem disso conhecimento.

Ao contrário da maior parte dos exploradores de África do seu tempo, Alexander von Mechow era um topógrafo diplomado. Sabia lidar com os instrumentos e possuía por isso uma segurança maior na observação do que, por exemplo, Max Buchner* e Hermann von Wissmann*, “os quais só começaram a sua actividade como astrónomos em Malange.” (*PM* 1881: 186). A experiência de von Mechow em África e estes conhecimentos e qualidades, aos quais na altura era atribuído um especial valor nas “viagens de descobrimento”, foram certamente decisivos para o facto de ele ter recebido pouco depois o apoio financeiro do “Reich” alemão para chefiar, ele mesmo, entre 1878-1881, uma expedição ao rio Cuango. Sobre os seus acompanhantes Teusz e Bugslag, um carpinteiro naval, não se conhece muito. Bugslag acompanhou, mais tarde, também a expedição de Wissmann ao Cassai e permaneceu depois, junto ao Lulua, na nova estação de Luluaburg. Nos anos de 1886/1887, participou na segunda travessia de África chefiada por Wissmann e foi, em 1888, com

¹ Lista genealógica da família ‘von Mechow’, antes ‘Mechau’, antes ‘Machau’ de 7.11.1936, Espólio de Alexander von Mechow, Frobenius-Institut, Frankfurt a. M.

Ludwig Wolf* para o Togo. Um outro viajante de África, Dr. O. Kersten, providenciou uma preparação científica sólida para o empreendimento de von Mechow. Este incluía um barco a vapor desmontado em seis partes, cujo transporte causou muitos problemas no início. Só depois de Bugslag ter voltado a desmantelar as diversas partes, os carregadores se dispuseram a transportar a volumosa carga. Como se pode deduzir pelo mapa de rotas, este barco acabou posteriormente por prestar bons serviços à expedição.

A 19 de Setembro de 1878, Alexander von Mechow partiu para Angola e parece ter chegado a Luanda no princípio de Novembro. Partindo deste ponto, seguiu primeiro o trajecto habitual para o interior pelo Kwanza, tendo chegado até ao Dondo, onde Max Buchner o encontrou a 23 de Dezembro. Quando este voltou a deparar-se com von Mechow em Pungo Andongo, a 26 de Janeiro de 1879, o seu estado de saúde estava afectado. Finalmente, também von Mechow alcançou Malanje, a 25 de Junho de 1879. Uma doença do seu carpinteiro, que durou semanas, e os problemas do transporte do barco atrasaram, então, o início do empreendimento por mais um ano; durante esse tempo, von Mechow deslocou-se algumas vezes a Luanda.

Só a 12 de Junho de 1880, conseguiu fazer-se ao caminho com 115 carregadores. Depois de superar as “dificuldades indescritíveis, provocadas principalmente pelo transporte do barco através do terreno muito acidentado” (*MAGD* I, 1878-1879: 156) e de uma visita ao Catala Canginga, o irmão do “rei Ginga” no território dos Njinga ou Ngola (texto 1), von Mechow chegou ao Cuango, abaixo da confluência do Cambo, a 19 de Julho. Depois de ter prestado as honras a Tembo Aluma aí residente, “o grande chefe dos Hollo que tinham má reputação em todo lado” (1882: 479), e de ter deixado todos os equipamentos desnecessários com ele, voltou a partir a 25 de Agosto, explorou, de barco, o rio a jusante deste ponto, com uma excursão à residência do “Muata Yamvo Muëne Cassongo, rei dos Ma-Jakalla [*i.e.* Yaka]” (8.-10.9.1880, texto 2), até à embocadura do afluente direito Luhemba (3.-9.10.1880), onde a muralha de pedra Kiñgungi ou Kingunshi (5°5' S), bem como a recusa dos seus carregadores “de o acompanharem em direcção a Norte para o território dos povos canibais” (Büttner 1890: 176) o impediram de continuar a exploração do rio.

O caminho de regresso processou-se a pé, pelas margens dos rios Cuango e Cambo, através do território dos Yaka, Holo, Ngola, Mbondo e Ambundu. No final de Fevereiro, von Mechow estava novamente em Malanje, onde se encontrou com Paul Pogge*, Hermann von Wissmann e mais uma vez com Max Buchner. Em Abril, iniciou o caminho de regresso a Luanda, tendo chegado a Berlim, depois de uma viagem marítima com Anton Erwin Lux*, em Agosto de 1881. Passado algum tempo, soube-se ali que, pouco tempo depois da partida de von Mechow, Tembo Aluma fôra destituído e morto pelo seu sobrinho, por ter oferecido ao explorador um pequeno machado, usado como ceptro, que se

acreditava poder vir a ser usado para conquistar o território. Em consequência disto, teriam jurado matar todos os brancos (*VGEB* 1884: 180).

A obra principal resultante da expedição é um mapa com 25 folhas, numa escala de 1:81200, que causou sensação devido ao seu “preço exorbitante”, mas que ficou famoso por ter sido feito “com o maior zelo e a mais meticulosa exactidão” e por ter possibilitado “o mais rigoroso delineamento possível do trajecto percorrido, nomeadamente do curso do Kuango”. As observações meteorológicas das localidades conhecidas de Pungu Andongo e Malanje foram também as mais completas até então registadas. Seria desejável que o seu relato de viagem (1882, ver textos 1 e 2) fosse mais detalhado, principalmente por carecer dos insultos, com que muitos dos seus contemporâneos ridicularizavam os africanos. Este explorador adquiriu também alguns objectos etnográficos, que, em 1882, foram para o Museu de Etnologia em Berlim (ao todo 31 objectos, ver imagem 11).

Alexander von Mechow viveu junto de Marksburg, à beira do Reno, e, mais tarde, em Jugenheim na Bergstraße, onde morreu a 14.3.1904.²

Textos

1. “*Bericht über die von ihm geführte Expedition zur Aufklärung des Kuango-Stromes*” [Relato sobre a expedição por ele chefiada para a exploração do rio Cuango], 1882: 477-479

Como pouco antes da partida [de Malanje], o último acompanhante que me tinha sido enviado se demitiu das suas funções, iniciei a minha caminhada para o interior no dia 12 de Junho de 1880, acompanhado apenas por Bugslag e Teusz, com o intérprete e com 110 carregadores, aos quais se tinham ainda juntado muitos amigos, depois de o pagamento dos salários ter sido negociado de forma a que os carregadores que, na sua totalidade, já haviam recebido previamente em *Malange* a maior parte do seu salário, recebessem, para além da ração semanal para custear o seu sustento, uma segunda parte à chegada ao rio *Kuango* e o restante após o regresso a *Malange*.

Logo ao terceiro dia, pisámos território desconhecido, primeiro a região da nascente do *Lucalla*, depois a linha divisória das águas entre *Kuanza-Lucalla* e *Kuango-Cambo*, um terreno em forma de alongadas e graciosas ondas separadas por depressões, vales e correntes de água, e cuja vegetação arbórea magnífica tem um efeito altamente benéfico para o viajante.

O caminho cai depois a pique até ao vale profundo do rio *Cambo* que aqui se revela um companheiro montanhês completamente indomável, sobe a pique o extremo Leste do vale e conduz ao território de *Catala Canginga*, o irmão do rei *Ginga*, cujo reino faz fronteira com os territórios portugueses a Oeste e a Sul e

² *Ibid.*

com a tribo dos Hollo a Leste. – Catala Canginga, tal como outros chefes poderosos residentes junto à fronteira, furta-se cada vez mais à autoridade do rei Ginga e, dada a impotência do último, é praticamente independente. – O povo deste rei Ginga que anteriormente possuía toda a região até ao litoral, mas que foi obrigado a recuar pelos portugueses e erradamente designado Ginga como o seu rei, pelos últimos, usa o nome Gola, de onde provém também o nome “*AnGola*.”

Tal como acontecera anteriormente com cada um dos chefes, em cujos domínios acampeei, também aqui mandei informar Catala Canginga, cujo poder parecia ser muito significativo e que já tinha travado muitas batalhas pela sua independência, contra o seu real irmão, de que o meu alegado objectivo era verificar pessoalmente, se a má reputação da totalidade do povo *ginga* aos olhos de todos os comerciantes brancos tinha ou não fundamento; que se contava que eles tratavam mal e saqueavam o homem branco, que eram más pessoas e ladrões, com os quais não se podia fazer negócio; que eu não era comerciante, viera sem mercadorias e não podia acreditar que eles me maltratassem, sendo eu um velho de barba grisalha.

Como em todo o lado, também aqui obtive como resposta a garantia do contrário; [foi alegado que] os indígenas locais eram pessoas bem comportadas e honestas; na verdade, aqueles das regiões já atravessadas eram gentalha em quem não se podia confiar, mas ali os comerciantes brancos estavam em segurança, bastava virem com os seus artigos, para fazerem negócio com eles.

É bem possível que a amabilidade que me foi demonstrada em todo o lado e a autorização muito natural para atravessar o território se tenha devido ao meu grande número de armas, especialmente às espingardas Mauser de tiro rápido, e à minha atitude determinada mas amável, que nem deixou sequer que surgisse a ideia de oposição, mas pelos vistos as descrições veementes da crueldade dos indígenas locais não passam de patranhas ocas, talvez resultantes apenas da inveja e do ciúme.

Catala Canginga tinha até, segundo me informou, enviado gente, a fim de cortar a cabeça a um chefe que me quis assaltar e saquear duas noites antes; e prometeu-me o seu apoio caso eu me visse envolvido algures numa guerra, dizendo até que chamaria o chefe português de *Malange* em meu auxílio.

Tratava-se aliás de um homem que, pela sua aparência exterior abastada e bem nutrida, bem como pelo seu comportamento equilibrado e digno, causava a melhor impressão, confirmando-a também através dos actos. – Mostrou um vivo interesse pelo barco, não conseguiu parar de olhar para os brancos ombros hercúleos de Bugslag e despediu-se, após prolongada conversa, da mesma forma como tinha chegado, sob o júbilo da sua comitiva que contava mais de cem pessoas, e antecedido por 14 músicos e o estalar selvagem de muitos tiros de espingarda.

Entre as suas mulheres e filhas que, após a sua partida, ainda me honraram com a sua presença durante muito tempo, destacava-se em especial uma das últimas pela harmonia das suas belas formas perfeitas – belos caracóis longos desciam-lhe pelos bonitos peitos cheios, ombros e costas, que pareciam cinzelados em mármore negro; sem constrangimento mas com a dignidade de uma filha de rei, pousou a sua pequena mão na minha sem timidez; com fino decoro aceitou os meus presentes de missangas, bebeu metade de um pequeno copo de aguardente, deixando o resto às suas escravas, pousou em mim, o homem branco, muito agradecida os seus grandes e fogosos olhos negros e, quando partiu, convidou-me a segui-la, com o encanto mais insinuante e uma atitude graciosa.

2. “*Bericht über die von ihm geführte Expedition zur Aufklärung des Kuango-Stromes*” [Relato sobre a expedição por ele chefiada para a exploração do rio Cuango], 1882: 482-485

Encontrávamo-nos na terra dos *Majakalla*, cujo reino faz fronteira, a Sul, com Tembo Aluma, na margem esquerda do *Kuango* e, na margem direita, com a tribo dos *Mussuku* cujo grande rei Muata Jamvo (apenas um título que significa “entidade elevada”) Muëne Puto Kassongo (nome) reside alegadamente mais abaixo na margem direita, a cerca de três horas de distância daquele rio, junto do pequeno afluente *Ganga*.

A 7 de Setembro alcançámos o primeiro embarcadouro, a partir do qual se pode chegar à *Mussumba* (residência) e logo no dia seguinte parti, carregado de presentes, com Bugslag e umas poucas pessoas, a fim de visitar aquele poderoso príncipe negro. Um hatta (chefe) da aldeia seguinte serviu de guia.

Depois de uma caminhada de seis horas, alcançámos a grande aldeia situada numa serra agradavelmente arborizada que se estendia ao longo da margem direita do rio *Ganga*, precisamente na altura em que uma chuva intensa nos encharcava sem piedade.

Apesar disso, fomos rodeados num instante por centenas e centenas de negros que pretendiam admirar o milagre branco, enquanto que nós estávamos igualmente admirados com a calma e o decoro desta gente, com a graciosidade de todas as cubatas que se erguiam em conjuntos de duas a três, em pátios cercados a toda a volta, bem como com o asseio das ruas e a disposição regular das plantas.

O nosso guia tinha-nos antecedido e ido ao encontro do Muata Jamvo (pronunciado diferentemente nos diversos dialectos, umas vezes Mat Jamvo, outras Tiamvo ou Kiamvo), a fim de anunciar a nossa visita e, pouco depois, o último mandou que nos indicassem duas casas para nos alojarmos, onde, apesar da falta dos bens mais essenciais que havíamos deixado no acampamento, por pensarmos regressar ainda no mesmo dia, nos acomodámos da forma mais

doméstica possível, e eu, por precaução, mandei imediatamente comprar alguns alimentos.

O nosso guia voltou pouco tempo depois com um enviado do Muata Jamvo, para nos dar as boas-vindas em seu nome e para exprimir a sua grande alegria em relação à nossa visita. Mandou garantir que todos os negros eram seus escravos e que, por eu ser também um rei como ele, tinha à minha disposição, como escravos, todos as mulheres e homens, conforme me aprouvesse. Deveríamos descansar da nossa longa caminhada e visitá-lo na manhã seguinte, para o que ele nos mandaria buscar.

A perspicácia da minha precaução em relação aos alimentos confirmou-se em breve, pois o Muata Jamvo mandou anunciar publicamente que ninguém poderia vender-nos coisa alguma ou falar connosco, antes que ele falasse comigo. – Quando, pouco depois, o sol se pôs, o tumulto popular que eu nunca tinha visto em África em tamanha dimensão, desapareceu com igual rapidez e um profundo silêncio abateu-se sobre a aldeia, cujas ruas ninguém pode pisar desde o pôr do sol até ao amanhecer. – Apesar da roupa molhada e do chão duro, também nós sucumbimos rapidamente a um doce repouso, despreocupados com as coisas que a manhã seguinte nos poderia trazer.

Já não era muito cedo, quando um ministro nos foi buscar; aclamados e sob o signo das mais calorosas boas vindas por parte da massa popular, que eu hoje poderia avaliar em cerca de 2000 pessoas, atravessámos as ruas asseadas e regulares da aldeia, passámos por um portão de madeira de uma extensa cerca, atrás da qual se encontrava uma guarda poderosa, munida de sólidas espingardas de pederneira, entrando, neste ponto, numa segunda aldeia fechada, com ruas igualmente regulares, nas quais se encontravam, em pátios cercados, as mais graciosas casas, cujo asseio quase excessivo me causou a melhor impressão. – Não verifiquei, em lugar algum, o mais pequeno sinal de instinto sanguinário ou de crueldade, mas pelo contrário, encontrei em todo o lado a imagem da satisfação e da paz profunda.

Após um longo passeio, chegámos a uma cerca alta e, numa estreita passagem por detrás de uma pequena casa, a um segunda cerca de madeira muito baixa e foi através desta que eu entrei num espaço quadrado, no qual, meio à minha direita, se encontrava uma casa em forma de pêra, com cerca de 25 pés de altura, cuja cobertura de junco descia até três pés do solo e à qual se acedia através de uma entrada dupla muito baixa que chegava precisamente ao final da cobertura.

Em linha recta, à minha frente, sentada de pernas cruzadas sobre uma pele de leão, encontrava-se uma figura gigantesca, uma aparição que contrastava fortemente com todo o ambiente circundante; de ambos os lados, usando as insígnias da sua dignidade, encontravam-se os ministros e uma guarda com cerca de 40 homens, cujo ar robusto e armamento sólido me agradou enormemente. – O gigante tinha de ser o Muata Jamvo. – Dirigi-me a ele,

estendi-lhe a minha mão que ele agarrou sem hesitar e mandei-lhe dizer pelo meu intérprete: “Muëne Puto Majolo (foi assim que os indígenas me chamaram até agora) saúda o seu amigo Muata Jamvo Muëne Puto Kassongo”, após o que me sentei na mala de chapa que eu trouxera e que continha no seu interior os meus presentes.

O Muata Jamvo, uma figura hercúlea, usava na sua cabeça, de dimensões regulares, rodeada de pequenas tranças de cabelo grisalho, um barrete vermelho e sobre este, um segundo barrete multicolor. O rosto, com os grandes olhos negros e os dentes bonitos, aparentava benquerença e bondade, mas também uma firme energia que não admite brincadeiras. O pescoço, ombros, costas, peito e braços estavam desnudos, salientando a mais magnífica musculatura, infelizmente um pouco sobrenutrida. À volta das ancas, usava, como todos os outros negros, um avental largo que lhe chegava aos pés e que cobria quase completamente aqueles membros que aparentavam uma dimensão enorme. À volta dos tornozelos, usava argolas de latão muito grossas, mas não usava qualquer outro adorno, para além de um pauzinho atrás da orelha esquerda e uma pena de papagaio atrás da direita. A seu lado, encontrava-se a espada dos negros aqui utilizada e atrás dele a sua espingarda. –

Mandei acrescentar à explicação dos motivos de toda minha viagem o propósito de procurar caminhos que, partindo daquele local, conduzissem ao mar pelo lado inferior do *Kuango*, para que os comerciantes brancos pudessem chegar até à sua pessoa por esse trajecto, sem terem de percorrer o caminho muito mais longo de *Loanda*, passando pelo malvado povo ginga. Após a concretização das minhas intenções, prometia voltar para junto dele, para uma estadia mais prolongada. – O Muata Jamvo que já uma vez tinha enviado para *Malange* marfim para vender, que todavia tinha sido roubado pelo caminho pelos Ginga, compreendeu isto, pedindo no entanto que eu ficasse junto dele, pelo menos durante um certo tempo, ou então que deixasse lá um branco até ao meu regresso. Abaixo do seu *Zaidi Kuango* já não existiria Muata Jamvo algum, além de que a continuação da minha viagem fluvial seria impedida por uma catarata mais alta do que a sua casa; para lá dessa catarata até ao mar viveriam canibais que nos matariam, além de que iríamos morrer à fome antes de lá chegar, porque os *Majakalla*, por terem medo de mim, não nos venderiam alimentos, mas fugiriam.

Como a sua proposta de deixar umas pessoas com ele até ao meu regresso já estava na minha mente há algum tempo, dada a grande lentidão da nossa progressão até ao momento, concordei com ela, na condição de o Muata Jamvo cuidar do sustento e segurança daqueles, o que foi prontamente aceite.

Os presentes que então foram oferecidos, incluindo os que eram para as mulheres e filhas, provocaram a admiração geral, excepto a do Muata Jamvo que, apesar da grande alegria que sentiu sobretudo em relação a um magnífico Dollmann vermelho, o olhou sem pestanejar, com desdenhosa dignidade, mas

não lhe tocou e mandou logo levá-lo para um local seguro. Meia hora depois, parti. –

Saudados e aclamados por grandes e pequenos, chegámos ao nosso alojamento, onde agora reinava a mais viva agitação e aperto e onde nos ofereceram para compra tudo o que era possível.

Pouco depois chegou também um enviado do Muata Jamvo. O último mandava pedir-me a pequena arma que eu teria levado por baixo da casaca durante a minha visita. Isto tinha a sua verdade; com a intenção de não deixar que vissem o meu revólver, eu levava-o por baixo da casaca; apesar disso, não escapara ao seu olhar penetrante.

Recusei redondamente o pedido, alegando que o Muata Jamvo ainda não me tinha oferecido nada e então não decorreu muito tempo até que chegaram alimentos em grande abundância; e também “garappa” com um sabor muito agradável. A sua primeira mulher mandou-me bananas tão bonitas como eu nunca vira ou comera e, à tarde, chegou até um magnífico javali. Esta atenção amoleceu o que restava da minha intransigência; mandei dizer-lhe que, na visita seguinte ele obteria o revólver como presente, após o que rapidamente chegou a notícia de que o Muata Jamvo estava satisfeito. Pouco depois chegaram também as suas mulheres, para visitar o branco. – Se o primeiro não tem outras, ninguém precisa de invejá-lo por causa destas beldades; apenas uma delas constituía uma perfeita excepção; lembrava-me a bela filha de Catala Canginga, mas era muito mais graciosa, eu diria mais doce e ingénua, apesar das belas formas perfeitas que, na sua opulência, tirando um pequeno avental muito curto, estavam apenas cobertas pela cor negra e pela inocência inconsciente. Se aquela era uma Vénus perfeita, esta era a verdadeira imagem de Psyche. Também ela tinha um comportamento livre, embora tímido; deu-me a sua mão com fino decoro e aceitou os meus presentes com muita graciosidade. – Passámos ainda a noite seguinte junto desta gente tão amigável e chegámos ao meio-dia seguinte ao nosso acampamento, com a agradável consciência de termos contornado com sucesso o tão temido obstáculo representado por Muëne Puto Kassongo.

Três dias depois, apresentei Teusz na *Mussumba* como a pessoa que iria ficar com o Muata Jamvo durante a continuação da minha viagem, ofereci ao último o revólver prometido com munições incluídas, com o que ganhei toda a sua amizade e confiança, escolhi os carregadores que me iriam acompanhar, no novo acampamento junto ao *Kuango*, levei Teusz novamente para a *Mussumba*, com o seu pessoal e a carga necessária, visitei o Muata Jamvo pela 3ª vez, encontrando a pequena casa que tanto estreitava a entrada para o portão do grande santuário derrubada em atenção a mim, por sua ordem, para que o branco o pudesse visitar com mais conforto, e no dia 2 de Setembro iniciei a viagem fluvial, de barco e apenas com uma canoa com Bugslag e 19 negros.

EDUARD MOHR

Nascido em Bremen a 19 de Fevereiro de 1828, o comerciante Eduard Mohr levou, a partir de 1848, uma vida agitada de aventureiro e caçador, através da qual conheceu muitos países do globo. Primeiro foi para a América onde, após uma viagem aventureira circundando o Cabo Horn, trabalhou durante alguns meses numa mina de ouro na Califórnia e se dedicou depois ao comércio, até 1851. A seguir realizou várias viagens de negócios, que o levaram às ilhas Sandwich, a Kamtschaka e ao Estreito de Behring; dirigiu durante dois anos com sucesso um negócio mexicano de sal e entrou, em 1855, para o negócio de arroz do seu irmão, na Índia. Em 1859, voltou à Europa por Aden e pelo Canal do Suez. Em 1861, encontrava-se novamente a Nova Iorque, de onde partiu para Java. A partir de 1863, frequentou, em Bremen, a escola de pilotos para aprender a determinar a posição através dos astros e, após uma interrupção devida a uma viagem que o levou ao Natal, frequentou também a escola de pilotos mar, a partir de 1867. O relato de parte das suas primeiras viagens encontra-se na sua obra *Reise- und Jagdbilder aus der Südsee, Kalifornien und Südostafrika (Imagens de viagem e de caçadas dos mares do Sul, Califórnia e Sudeste de África)* (Bremen 1868).

Depois desta formação complementar, uma viagem maior conduziu-o, na companhia do engenheiro de minas e metalúrgico Ad. Hübner, de Dezembro de 1868 até 1870, ao Sul de África, nomeadamente, ao Zambeze. A descrição desta viagem, *Nach den Victoriafällen des Zambesi (A caminho das Cataratas Victoria do Zambeze)* (Lipsia 1875), teve uma recepção positiva e tornou-o conhecido do grande público. Principalmente as observações astronómicas chamaram à atenção dos especialistas. Todavia, as suas determinações de longitude provaram posteriormente ser inúteis e foram consideradas um retrocesso relativamente às medições de um Livingstone.

Quando Mohr “por culpa de outrem perdeu toda a sua fortuna, pôs-se à disposição da Associação Africana na Alemanha” (Focke 1885: 67) que o encarregou de continuar as investigações começadas a partir de Angola por Anton Erwin Lux* e Paul Pogge*. O seu destino inicial era, tal como o dos seus antecessores, a residência do rei dos Lunda, mas posteriormente tencionava “avançar o mais possível em direcção a Nordeste” (1877-1878: 42). A sua principal missão era realizar medições meteorológicas e astronómicas.

Eduard Mohr deixou Berlim a 16 de Maio de 1876 e chegou a Luanda a 28 de Agosto. Dali, seguiu com de barco a vapor pelo trajecto habitual via Kwanza para Dondo, que alcançou a 16 de Setembro. Depois de uma pequena excursão rio acima até à altura do forte de Cambambe, iniciou a caminhada de regresso com a comitiva de carregadores, que aí tinha contratado, em direcção a Malanje. Pelo caminho encontrou Paul Pogge que regressava da Lunda. A 16 de Novembro, Mohr chegou a Malanje, o seu acampamento base para a partida em

direcção ao interior. Faleceu, inesperadamente, nesta cidade, dez dias mais tarde, no dia 26 de Novembro de 1876. Acusações anónimas ao seu anfitrião, um conhecido comerciante português que teria provocado o seu envenenamento levaram a investigações, ao longo de vários meses, durante as quais duas testemunhas morreram na prisão. O processo acabou por ser abandonado por falta de provas. A causa da morte, assumida pela parte alemã como a mais provável, foi uma dose excessiva de morfina ingerida propositadamente, ou por descuido, pelo viajante, propenso a depressões.

Max Buchner* mandou colocar uma lápide em 1879, em Malanje e providenciou uma “reparação digna da sua sepultura” (*MAGD* I, 1878-1879: 158). O seu diário, que continha “notas sobre as suas caminhadas e um esquema da rocha preta de Pungo Andongo” (*VGEB* 4, 1877: 43), não deve ter sobrevivido.

Como sucessor de Mohr, foi nomeado Gustav Nachtigal. Por razões desconhecidas (e, há que reconhecê-lo em retrospectiva, lamentavelmente) este plano não chegou a ser realizado, pelo que Otto H.

EDUARD PECHUËL-LOESCHE

Moritz Eduard Pechuël-Loesche nasceu em Zöschen, perto de Merseburg, a 26 de Julho de 1840, filho primogénito de Ferdinand Moritz Pechuel, dono de um moinho e da residencial ‘Zum blauen Stern’, e de Wilhelmine Lösche.¹ Depois da escolaridade em Halle e do falecimento prematuro dos pais, entrou para a marinha mercante nos anos 60 e viajou por todo o mundo, como marinheiro. Em pequenos veleiros, aprendeu tudo, começando pelos aspectos mais elementares, e viajou para locais, como por exemplo, os Açores, as Ilhas de Cabo Verde, a costa da América do Norte e da América do Sul e o Oceano Pacífico. Nas regiões polares acompanhou baleeiros. Uma primeira grande série de artigos (1871/72) foi, por isso, dedicada às baleias e à pesca destes mamíferos. Registou as suas impressões em diários de viagem, dos quais publicou alguns excertos, sob vários pseudónimos. Regressado à Alemanha, estudou, no princípio dos anos 70, Ciências Naturais e Filosofia em Lípsia, assistiu ali a aulas leccionadas por professores como o geógrafo Oscar Peschel, entre outros, e fez o seu doutoramento, em 1872, com uma tese sobre Zoologia.

A expedição de pesquisa enviada pela “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas” à costa do Loango (veja Paul Güssfeldt*) deu-lhe a primeira oportunidade de conhecer também a África (de 19 de Agosto de 1874 a 5 de Maio de 1876), mas desta vez não como marinheiro e aventureiro, mas sim como investigador com uma sólida formação. Pechuël-Loesche ficou encarregado da estação meteorológica (40 000 levantamentos de dados no total), realizando paralelamente estudos sobre a flora e a fauna, mas sobretudo investigações etnográficas e linguísticas. Estas constituíram mais tarde a base da sua grande obra sobre a costa do Loango, que foi publicada em dois volumes, com um intervalo de um quarto de século (1882/1907), e que representa a obra principal de todo o empreendimento. Pechuël-Loesche fez uma viagem de reconhecimento mais longa pelo Kouilou, com Julius Falkenstein*, de meados de Julho a finais de Setembro de 1875. As suas condições de viagem revelaram-se bastante mais favoráveis do que as do chefe da expedição nos anos anteriores (ver texto 1). Pechuël-Loesche deu conta, igualmente, dos motivos subjacentes a outras dificuldades, com as quais os exploradores europeus se debateram frequentemente, quando tentavam avançar mais para o interior (texto 2).

O pedido urgente, enviado a Berlim, devido à alteração da situação, para continuar o empreendimento e não dissolver a estação, não foi todavia atendido. As numerosas colecções recolhidas durante a exploração do Kouilou consistiam principalmente em preparações zoológicas, vinte crânios de africanos e alguns

¹ Registo no livro da igreja (nº 4, 1840, p. 175 nº 13) da comunidade de St. Wenzel em Zöschen, transmitida por Editha Schaabe a 14.6.2006.

objectos etnográficos. Com base nas medições e observações de Güssfeldt e Pechuël-Loesche, foi posteriormente realizado um mapa sobre o curso do rio (1882). Nesta viagem, Pechuël-Loesche recolheu também no Loango e Ponta Negra bom material etnográfico e tradições orais. Contudo, às últimas atribuiu na altura, “provisoriamente”, apenas um valor poético. No geral, o trabalho etnográfico não era fácil. Havia muitos subterfúgios e reclamações por parte dos africanos e uma vez, ele chegou mesmo a ser repellido com a afirmação de que “os Brancos estavam na costa para fazer comércio e não para visitar os ‘feitiços’ e os mortos” (1876b: 281).

Pechuël-Loesche só pôde investigar o Congo/Zaire a partir do barco a vapor. Mais tarde, na sua segunda viagem a África, teve a possibilidade de navegar nele uma segunda vez até Boma. De 12 de Março até 17 de Abril de 1876, empreendeu ainda uma viagem bem sucedida à lagoa de Banya, junto à Baía de Mayumba. De resto esteve principalmente na estação alemã de Chinchoxo (Tschintschotscho, 5°9' S). Recusou a oferta da “Afrikanische Gesellschaft” (Sociedade Africana) de partir com Otto Lindner e trinta carregadores, mais uma vez em direcção ao interior, tendo esta organização também chamado de volta os restantes participantes. Juntamente com Falkenstein, Soyaux* e Lindner deixou África e chegou a Berlim, na companhia deles, a 30 de Junho de 1876.

Em 1881, Pechuël-Loesche foi nomeado pelo rei belga, o presidente do empreendimento do Congo (do qual resultou em 1885 o Estado do Congo Belga), representante de Stanley no Congo. Foi encarregado de abrir uma nova rota acima do 5º grau de latitude, do Stanley-Pool (Pool Malebo) até ao Oceano Índico, de fundar uma ou duas estações no trajecto para o interior e uma na costa e de procurar pedras preciosas. Além disso, devia fechar contratos com os chefes que habitavam a região ao longo do caminho, de modo a assegurar direitos alargados ao empreendimento do Congo, entre eles a exploração de todas as “riquezas vegetais e minerais”, assim como, “o direito de aconselhamento e envolvimento nos assuntos dos indígenas”, “para que seja possível conduzi-los imperceptivelmente para o caminho do progresso, melhorar o seu comportamento e eventualmente destruir as causas da contenda e das guerras de extermínio, as quais presentemente se dão com demasiada frequência entre povos vizinhos.” (1887: 1-3, Instrução I de 15.1.1882).

Durante esta segunda estadia de Pechuël-Loesche em África, nos anos de 1882/83, no decorrer da qual ele foi assaltado e ferido com um tiro, o explorador esteve pela segunda vez na costa do Loango. Divergências graves com Stanley, obstáculos ao seu trabalho e desilusão sobre o espírito geral do empreendimento conduziram a uma desistência prematura e ao regresso à Europa. O seu livro *Kongoland (Terras do Congo)* (1887) constituiu uma tentativa de tirar conclusões destas experiências, analisou a aptidão do Congo

como região económica, mas serviu sobretudo como medida de auto-legitimação e defesa de todas as acusações contra sua pessoa.

Em 1881, uma nova viagem levou Pechuël-Loesche, com a sua mulher Elsbeth (apelido de solteira von Leubnitz), com quem tinha casado a 21 de Outubro de 1881, ao serviço de uma Associação privada renana, novamente ao continente africano, desta feita à nova colónia alemã do Sudoeste Africano e à Terra do Cabo. Já nessa altura alertou para uma possível revolta dos Herero. A receita aconselhada por ele não ia, todavia, além da colocação de um forte contingente de tropas de protecção alemãs (Dreyer 1917: 181).

Em 1886, Pechuël-Loesche escreveu a sua tese de pós-doutoramento, em Jena, candidatando-se a docente de Geografia. Depois de ter sido professor independente e extraordinário (dando também aulas de Etnologia) em Jena durante algum tempo, foi convidado, em 1895, a leccionar na Universidade de Erlangen onde, a partir de 1903, regeu a primeira cátedra de Geografia. Depois da sua reforma prematura, no ano de 1912, devido a um problema cardíaco grave, mudou-se para Munique. Aí faleceu no dia 29 de Maio de 1913.

As publicações de Pechuël-Loesche revelam uma grande variedade de temas de diferentes áreas de especialidade, correspondentes à sua vasta formação. Para além da Etnologia, que ocupa um lugar de relevo neste trabalho, dedicou-se a questões gerais e específicas da Geografia, Geomorfologia, Botânica e Zoologia. A sua especial atenção foi sempre para com as denominações locais, razão pela qual também se dedicou intensivamente ao estudo da língua fiote (vili). A sua capacidade de observação e perspicácia, a sua atitude crítica em relação a observações alheias e o seu estilo claro continuam a ser enaltecidos mais de cinquenta anos depois da sua morte. As suas observações sobre a ciência meteorológica nos trópicos tiveram grande repercussão e as suas investigações levaram a que o nome e conceito de “calema” fosse introduzido na literatura oceanográfica (Linnenberg 1963: 345). Trata-se de uma rebentação típica da costa ocidental da África central, que muitas vezes dificultou o desembarque dos descobridores, conquistadores e comerciantes portugueses e que Pechuël-Loesche descreveu magistralmente (1877d, 1882: 18-39). O apreço em relação também à sua competência no campo da Zoologia pode ser deduzido do facto de ele ter sido encarregado da terceira reedição da obra de Brehm, *Tierleben (Vida Animal)* (1891-1893). A essência das observações sobre Ciências Naturais de Pechuël-Loesche estão contidas no primeiro volume dos resultados das suas explorações na costa do Loango (1882), no qual tanto o historiador como o etnólogo encontram muitas informações importantes, por exemplo sobre plantas úteis e suas denominações locais (ver texto 4).

O segundo volume é integralmente dedicado aos habitantes da costa do Loango e constitui, verdadeiramente, a obra principal do autor. O essencial resumido numa breve descrição encontra-se nos seus artigos “Loango und die Loangoküste” (Loango e a costa do Loango), (1876a, ver texto 3), “Aus dem

Leben der Loango-Neger” (Sobre a vida dos negros do Loango), (1877a) e “Handel und Producte der Loangoküste” (Comércio e produtos da costa do Loango), (1879b). A sua grande obra *Die Volkskunde von Loango (A Etnologia do Loango)* (1907) inicia-se com um capítulo sobre “a natureza das gentes”, dedicado à riqueza e características específicas das suas expressões linguísticas, bem como a uma variedade de aspectos antropológicos que não só englobam a sua aparência física, como também a sua mentalidade e as suas supostas particularidades morais. Noutra publicação ele descreve-as [as gentes africanas], por exemplo, como “inteligentes e vivas, mas indecisas e incapazes de um esforço prolongado; joviais, comunicativas e barulhentas, bem-educadas, hospitaleiras e benévolas, mas ao mesmo tempo caprichosas e teimosas de forma infantil; capazes de sentir dedicação e afeição até mesmo pelos Brancos”, mas também pouco dignas de confiança e de uma ganância sem limites. A embriaguez, uma acusação então frequente contra os Africanos, seria para eles uma vergonha e pelo que só raramente era observada (1879b: 296-297). Tal como alguns dos seus companheiros de viagem, Pechuël-Loesche escreve claramente contra as opiniões sobre os Africanos dominantes na Europa, embora não o faça, surpreendentemente, em relação à sua alegada fealdade (ver Falkenstein*), mas em relação à ideia de ver neles “exemplos de obras-primas da arte” (ver texto 5).

Apesar das formulações de Pechuël-Loesche não excluïrem explicitamente a defesa de um evolucionismo cultural paralelamente a um evolucionismo biológico, os seus princípios baseavam-se na unidade e na igualdade de todos os seres humanos. Os “chamados selvagens” africanos estariam separados dos europeus “apenas por uma cultura milenar” (ver texto 7; cf. também texto 6). Eles seriam por princípio capazes de aprender e de “se tornar civilizados”. Os Africanos encontrar-se-iam sem dúvida num “nível de civilização inferior” (1887: 407), mas a sua situação não era tão má “que tenhamos de pensar que a nossa missão principal é ajudá-los” (1887: 417, ver texto 7). As comparações de Pechuël-Loesche com a própria cultura são muito críticas e relativizam nitidamente a diferença entre “bárbaros” e povo cultural (ver textos 5-7). Chama também a atenção para “as influências fatais”, às quais os Africanos estariam expostos na costa do Loango, por exemplo, através dos comerciantes de escravos europeus e dos proprietários de escravos, afirmando o seguinte sobre o assunto: “A dureza da escravatura, tal como foi criada por povos cristãos, nomeadamente por aqueles povos que se designam com orgulho de portadores da cultura, era e é desconhecida dos Africanos. Estes consideram os escravos como membros da família e não completamente destituídos de direitos. Só o Branco ensinou às pessoas de cor o verdadeiro tráfico de escravos. Estas sentiram-no, pouco tempo depois, no próprio corpo, quando a ganância por tesouros daqueles estranhos, vindos pelo mar ou, como também se acreditava, do mar levaram os seus chefes a abusar do poder.” (1907: 178)

Mas Pechuël-Loesche censura sobretudo e repetidamente a presunção, o palavreado e o desconhecimento de muitos viajantes e autores europeus, um uma opinião que foi influenciada especialmente pelas suas experiências no âmbito do empreendimento do Congo: “As acusações constantes que – como o palavrorio sobre o súbito cair da noite tropical, sobre a mulher como animal de carga do homem, sobre o venerador de feitiços – , sem provas, continuavam a ser repetidas, pertencem as lamentações sobre a ingratidão das gentes. Como se não nos lamentássemos sobre os civilizados! [...] Bastava pormo-nos na situação dos nossos indígenas. Porque haveriam eles de estar gratos aos europeus? O que é que os queixosos haviam feito por eles?” (1907: 56-57).

Pechuël-Loesche critica também a desonestidade da informação, o sensacionalismo e uma grande tendência para a generalização: “A partir do momento em que a exploração de África começou a causar grande sensação e as revistas e jornais diários começaram a trazer constantemente novas informações, os descobridores de África passaram a ser, para o povo, autoridades em Geografia, não apenas em relação aos territórios efectivamente visitados por eles, mas também para quaisquer grandes regiões que nem eles nem outros conheceram. Isto deu origem a uma considerável mudança nos relatos de viagem: passou-se a dar importância ao impressionante, a consciência da rectidão desapareceu; em vez da capacidade para fundamentar, da força persuasiva aparece a segurança no afirmar.” (1887: 424).

Pechuël-Loesche indigna-se sobretudo com a postura dos europeus activos em África, em relação a este continente e aos seus habitantes, como testemunhou durante a sua estadia no Congo. Visto que, em publicações oficiais e noutras, se acentuara, durante muito tempo, os “esforços científicos, desinteressados e filantrópicos” do empreendimento do Congo e se negara qualquer intenção de praticar o comércio (1887: XX), não admira que Pechuël-Loesche se tenha deixado enganar. As circunstâncias que ele depois veio a encontrar não estavam de maneira alguma em harmonia com estes sonhos. Consequentemente, a desilusão foi enorme e acabou por levá-lo a retirar-se: “As verdades mais aflitivas dizem menos sobre a obra realizada, sobre aventuras, perigos terríveis, etc., sobre o clima, sobre o território e os seus habitantes do que sobre assuntos de carácter mais pessoal. A história da expedição constituirá um relato ininterrupto sobre o esquecimento do dever, a imprudência, o desperdício indesculpável de meios excessivos, de mal-entendidos propositados, de desobediência e incapacidade [...]” (8º relato de Pechuël-Loesche ao coronel Strauch, 8.9.1882 in 1887: 93).

“Para além disto, a indiferença que existe em relação à aquisição de conhecimentos positivos no sector das coisas respeitantes a África revela-se particularmente estranha para o observador. E, no entanto, a estreita familiaridade com a natureza das tribos africanas, com as suas relações políticas, os seus usos e costumes é uma condição indispensável para que o

empreendimento tenha uma evolução fecunda. Só esses conhecimentos nos possibilitam ganhar amizade e influência junto dos indígenas, fornecer-lhes uma ideia das nossas boas intenções para o seu próprio bem e combater a sua desconfiança, bem como as disposições desfavoráveis, logo desde o início, de modo cuidadoso.” (*ibid.*: 94; cf. também p. 89)

Apesar de toda a compreensão em relação à singularidade africana, Pechuël-Loesche defendia integralmente a ideia do colonialismo. Se os Africanos não precisavam dos Europeus, ele não deixava dúvida alguma de que os Europeus precisavam dos produtos africanos e de que aí o fraco tinha de dar o lugar ao forte. Com a mesma naturalidade, partilhava a opinião dos seus contemporâneos sobre o Africano mandrião e estava convencido da possibilidade de civilizar o “selvagem” através do trabalho (ver texto 7): O “negro preguiçoso” foi um chavão típico de todo o período colonial. Mas a educação para o trabalho poderia perfeitamente ser realizada devagar e de uma forma confortável, durante a qual se dessem a conhecer aos “indígenas” novas “necessidades, cuja satisfação os reconciliasse com os meios para atingir os fins.” (1887: 407).

Ao contrário dos dirigentes do novo Estado do Congo, ele não via contudo neste país quaisquer riquezas de obtenção rápida e barata, comentando sarcasticamente: “O Estado do Congo já não se afigura a ninguém como o ideal, erigido para o bem de toda a humanidade, como sendo uma obra totalmente altruísta, como um centro do comércio livre. Mesmo considerado como aquilo que na realidade é, um empreendimento comercial, é um fiasco [...] Os verdadeiros senhores do território e do Estado desenhado no mapa, os selvagens, na sua maioria ainda desconhecidos, teriam então de decidir ser governados a partir da ‘rue Bréderode’, abandonar a doce preguiça, tornar-se prontamente cidadãos pacíficos e contribuintes solícitos e vestir conforme a posição social, com as quantidades enormes de tecidos europeus, antecipadamente calculadas com uma exactidão espantosa. Não há dúvida nenhuma que os Africanos aceitarão tudo aquilo que a Europa lhes quiser trazer; a sua capacidade de absorção neste sentido é ilimitada. Mas o Europeu tem igualmente de perguntar ao Africano que contrapartidas ele lhe quer dar em troca. A resposta vinda do interior fá-lo-á perder o gosto por todo o resto.” (1887: 478-479).

De todas as suas considerações, Pechuël-Loesche extraiu a seguinte conclusão: “África é um país pobre e continuará a sê-lo por toda a parte, onde a sua verdadeira riqueza, a força de trabalho dos seus habitantes, não for desenvolvida.” (1887: 494). Porém, o seu alerta veemente tinha como alvo a ignorância arrogante: “Quem não possui conhecimentos precisos sobre as leis do país, os pormenores da sua situação política e não tem habilidade diplomática suficiente, não há-de conseguir gerir permanentemente a situação de uma forma pacífica; mas quem pensa que pode até ignorar a opinião dos

indígenas, não só será prejudicado, mais cedo ou mais tarde, a nível dos seus haveres, mas será também envolvido em conflitos sangrentos.” (1879b: 300)

Pechuël-Loesche via-se como um cientista e como tal alcançou resultados excelentes. A perspectiva de poder continuar as suas investigações geográficas e etnográficas no Congo e de poder voltar mais uma vez à costa do Loango, acabou por ser decisiva para o seu empenho colonial. A nova expedição acabou por decorrer de uma forma inteiramente contrária aos seus planos. Os resultados científicos dessa viagem foram integrados na sua importante obra sobre a *Volkskunde von Loango* (1907).

Devemos a Pechuël-Loesche sobretudo as descrições rigorosas, repletas de pormenores e também de sensibilidade, da costa do Loango. Contudo, o que ele nos oferece é aquilo que durante décadas caracterizou as monografias etnográficas, ou seja, uma amálgama das suas observações e notas avulsas para toda a região da costa. Não ficamos, por isso, a saber onde e como ele recebeu as ditas informações. As fontes escritas usadas por ele (p.ex. Battell, Dapper, Merolla, Proyard e principalmente Degrandpré) também são apenas mencionadas muito por alto.

Pechuël-Loesche fez um grande esforço para adquirir conhecimentos linguísticos e também o aconselhou a outros: “Tanto o comerciante como o explorador [...] deviam tentar aprender o idioma local, rico e sonoro, o fiote; só na própria língua deles, se consegue falar convincentemente com os indígenas, receber deles informações fidedignas.” (1879b: 336). Infelizmente o seu projecto do “estudo da língua fiote” não foi realizado, bem como “a história dos reinos do Loango, do descobrimento da África ocidental e do comércio de escravos”.

Pechuël-Loesche tinha plena consciência das dificuldades psicológicas em conseguir respostas dignas de confiança dos seus informadores: “Se já não é fácil obter esclarecimentos concretos sobre determinadas coisas de membros de nações de cultura, é quase impossível arrancar aos indivíduos dos povos naturais uma resposta directa, pois estes não conhecem muitos conceitos, frequentemente não compreendem o sentido de uma pergunta feita em língua estrangeira e formulam a informação de uma forma despreocupada. A isto ainda acresce o inconveniente de a pura desconfiança ou inclinação os conduzir a prestar informações cientificamente falsas. A qualidade das observações, a segurança da combinação (que pressupõe conhecimentos especializados e uma imparcialidade desigualmente difícil de obter) aumenta à medida que as estadias se tornam mais longas junto de um povo, através da familiaridade com a língua e com todo o modo de vida do mesmo. Mas, para que isto se dê, são precisos anos. Os resultados atabalhoadamente obtidos em contactos curtos (que, tal como tudo o que é observado de forma superficial, são geralmente considerados tanto mais valiosos quanto mais as relações que os apoiam ou abalam permanecem por nomear, e que obtêm um reconhecimento tanto mais rápido

quanto melhor se deixarem encaixar num sistema já existente) têm para a Etnologia um valor semelhante ao das pedras encontradas à beira do caminho, para a determinação das condições geológicas.” (1878b: 19-20)

Digno de menção especial é o nítido discernimento de Pechuël-Loesche em relação a desenvolvimentos, mudanças e novidades de cariz histórico, por exemplo em consequência do missionarismo no Congo (ver texto 9, ver também 1907: 275-276, 349) ou da acção dos comerciantes de escravos na costa: “Alguns aspectos da tschina [lei, proibição] vigente na casta dos mfumu, só foram possivelmente introduzidos depois da chegada dos Europeus. [...] Tratava-se de defender os poderosos das tentações dos comerciantes europeus de escravos.” (1907: 178). “No tempo de Battell, no início do século XVII, a tschina, válida para o rei e príncipe, não era tão severa como mais tarde. Battell ainda teve contacto com o mtotila sem quaisquer problemas. Mas, segundo o padre Merolla, por volta do ano de 1663, já era proibido aos chefes da costa do Loango usar coisas europeias no seu corpo ou à sua volta. Mais tarde ainda, o Ma Loango foi impedido de qualquer tipo de relacionamento com homens brancos [...]” (1907: 185)

Ao contrário de tantos etnólogos posteriores em busca da cultura “tradicional”, Pechuël-Loesche não escondeu as influências europeias. Também não ocultou variantes de tradições orais (ver texto 8). As suas percepções e descrições etnológicas orientavam-se, sem dúvida, pelas categorias vigentes na altura. Isto dificultou-lhe, apesar de uma pesquisa cuidadosa, sobretudo o acesso ao mundo espiritual e religioso dos Africanos. Acima de tudo, a invenção europeia do feiticismo, com a sua história longa e difusa, funcionou forçosamente como um colete-de-forças que obstruiu a sua visão das relações mais complexas e profundas (ver texto 9). A certa altura tomou consciência desta problemática sem que, no entanto, este facto o levasse a repensar os seus critérios: “Mkíssi, pl. simkíssi, significa feitiço [“Zauber”] e a coisa do feitiço [“Zauberding”], o feitiço; nssí [significa] terra, região. Pelo que Mkíssi nssí teria de ser visto como feitiço da terra ou feitiço da região, se não houvesse nada em contrário. Um feitiço não é venerado. Mkíssi nssí é venerado. Um feitiço é palpável e pode ser destruído. Mkíssi nssí é intocável e é tão pouco visível para o ser humano como o próprio Nsambi. [...] De acordo com o exposto, mkíssi nssí deveria ser assumido como um espírito da terra. Mas também isto não deve corresponder ao pretendido.” (1907: 276)

Nas suas publicações etnológicas, Pechuël-Loesche não se cansa de escrever contra as opiniões depreciativas na Europa e chama à atenção dos leitores para comportamentos e acontecimentos europeus, que de maneira nenhuma seriam superiores aos descritos ou atribuídos aos Africanos (ver texto 10). Em resumo e para concluir, Pechuël-Loesche era um explorador cuidadoso e consciencioso, cujos resultados excedem os que foram apresentados por muitos dos outros viajantes da época. Para além disso, ele tinha dotes artísticos, testemunhados

ainda hoje pelas mais de cem aguarelas, com motivos essencialmente paisagísticos e florais, que ele pintou nas suas viagens a África e das quais só algumas foram publicadas em forma de gravura. Devido à sua desilusão relativamente à direcção da “Afrikanische Gesellschaft” e para desgosto de Bastian, as suas colecções pessoais, etnológicas, zoológicas, geológicas e botânicas foram oferecidas “aos institutos da Universidade de Lúpsia e ao Museu de Etnologia de Lúpsia” (Pechuël-Loesche, espólio em Munique). Os objectos etnográficos existentes em alguns museus de etnologia (Berlim, Lúpsia, Munique) sob o seu nome ou da “Deutsche Afrikanischen Gesellschaft” não foram todos recolhidos pelo próprio. Caso não tenham sido comprados, foram, com excepção de um dente de marfim trabalhado e de cinco figuras de marfim que só vieram para Lúpsia mais tarde ou seja indirectamente, e também das poucas peças de Munique (que só recentemente foram transferidas como empréstimo por prazo indeterminado para o Museu de Etnologia desta cidade, pela Universidade de Pechuël-Loesche, em Erlangen), resultado da actividade colectiva de recolha dos membros da expedição ao Loango.

Textos

1. “*Bericht des Herrn Pechuël-Loesche an den Vorstand über seine zweite Quillu-Reise*” [Relato do Sr. Pechuël-Loesche à direcção, sobre a sua segunda viagem ao Quillu], 1876b: 274-275

Com os nossos dez acólitos bem armados, constituíamos uma força considerável, em termos locais; nem mesmo os chefes influentes nos incomodaram com um simples pedido e muito menos se atreveram a exigir alguma coisa. Compreendíamos agora como a nossa situação era favorável comparativamente à da do Dr. Güssfeldt, na altura em que ele partiu daqui para a sua primeira viagem: ele teve de maçar-se com mercenários rebeldes e negociar com chefes de aldeia gananciosos – nós tivemos liberdade de acção; ele foi impotente e apenas encontrou má vontade em todo o lado – nós éramos poderosos e encontrámos em toda uma parte a disposição amigável correspondente. Isto deveu-se exclusivamente ao importante facto de viajarmos com o nosso próprio pessoal. Em Chinchoxo havíamos perdido, com inteira razão, toda a confiança no mesmo, [mas] durante a viagem viríamos a recuperá-la em grande medida. Só aqui é que as gentes estavam no seu ambiente, a vida nómada agradava-lhes. Na floresta sentiam-se em casa; caçavam com sucesso e faziam grandes excursões com esse objectivo; habitualmente de compreensão tão lenta, desenvolviam agora, como verdadeiros “negros do mato”, numerosas qualidades completamente inesperadas e altamente úteis. O estreito convívio connosco e algumas aventuras superadas em conjunto prendiam-nos cada vez mais à nossa pessoa; com o sucesso da viagem, crescia também a sua autoconfiança e conseguiam granjear o respeito dos outros negros. Sabía-se

muito bem que eles “remavam” o “branco” sem medo por entre os hipopótamos, algo que os negros locais não teriam ousado em circunstância alguma e talvez também se soubessem mais coisas que nem sequer eram verdadeiras.

2. *“Handel und Produkte der Loangoküste” [Comércio e produtos da costa do Loango], 1879b: 275-276*

Embora tradicionalmente as fronteiras e as instituições dos antigos reinos do Congo e, em especial, do Loango ainda se mantenham de pé e a parentela de cada uma das tribos ainda se considere pertencente ao mesmo povo, falta-lhes a todos um chefe detentor de uma autoridade correspondente. Todos os territórios que se estendem por uma área de seis graus de latitude, cuja parte central é constituída pela costa do Loango, estão fragmentados em inúmeras grandes e pequenas regiões, com chefes cujo poder varia consoante os seus laços familiares e a sua riqueza, que se consideram rivais entre si, aspirando, se possível, a uma relação comercial directa com o branco, a um contacto com os seus cobiçados tesouros, e que são partidários de um sistema de direitos proibitivos muito simples mas de observação rigorosa. Dada a multiplicidade dos poderes independentes, este último aspecto, nomeadamente, revela-se muito perturbador tanto para as caravanas em trânsito, como para o comércio intermédio; os produtos encarecem extraordinariamente devido aos impostos arbitrariamente estipulados; a sua entrada é periodicamente interrompida por completo. Para além disto, os europeus vêem a instalação por vezes ardentemente desejada de postos comerciais avançados extraordinariamente dificultada, devido a esta situação, pois o transporte dos seus artigos de e para o interior, através das regiões intermédias, que encaravam como um dado adquirido, é visto pelas suas populações, não sem motivo, como um atentado ao direito particular, uma vez que ficam privadas de uma fonte de rendimentos considerável, se concederem aos forasteiros aquilo que não autorizam aos [habitantes] locais. Desta colisão de interesses resultam quase todos os problemas que se tornam ainda mais complicados, visto que, dada a responsabilidade legal do indivíduo pelos actos de familiares e da parentela, vigente no país, também os europeus são considerados responsáveis uns pelos outros. Os indígenas que vivem em contacto permanente com o branco já aprenderam, até certo ponto, a fazer uma distinção entre as nacionalidades e sobretudo entre os concorrentes, mas nas zonas mais afastadas pode dar-se o caso de um europeu, em conformidade com a lei local, ter de pagar pelos actos de alguém que ele talvez nem conhecesse. A memória do africano é extraordinária neste ponto. Para além disto, a tradição conta pouca coisa favorável sobre os brancos e é do interesse dos tributadores dar àqueles que moram mais longe a pior imagem possível dos estrangeiros; daí que os europeus

que ultrapassam a zona de contacto directo mais afastada raramente sejam bem recebidos.

3. “*Loango und die Loangoküste*” [*Loango e a costa do Loango*],
1876a: 37-38

Loango é um termo histórico, Costa do Loango é um termo geográfico; este é mais abrangente do que o primeiro e os seus limites naturais são apoiados por factos etnográficos.

O nome Costa do Loango serve para designar a faixa de território banhada pelo oceano Atlântico a Oeste, separada do interior pelas montanhas de xisto da África ocidental a Leste e que se estende desde o Congo, no sentido Norte, até à baía de Mayumba². Como as montanhas distam cerca de 50 milhas náuticas da foz do Congo, se aproximam da costa no sentido Noroeste e, na baía acima referida, se prolongam até ao mar através das colinas de granito situadas mais adiante, a região assim delimitada tem a configuração de um triângulo, cujo vértice é formado pelo Cabo Matuti (ponto Sul da baía de Mayumba) e cuja base é formada pelo Congo. A linha de costa do mesmo [triângulo] estende-se assim entre os 3°28' e os 6° de latitude Sul.

O antigo reino do Loango³ situava-se no coração do território acima esboçado. Limitado a Norte pelo pequeno rio Numbi que desagua na baía de Chilunga (4°17' lat. Sul) e a Sul pelo Chiloango⁴ (foz 5°12' lat. Sul), é possível que, em direcção ao interior, tenha englobado as regiões que se estendem até às montanhas.⁵ Para lá do Chiloango tinham nascido dois outros reinos: Kakongo e Angoy⁶. Kakongo, a região mais oriental, tinha apenas a pequena faixa costeira de Landana-Malemba⁷, Angoy possuía a bela e importante baía de Cabinda⁸ e a costa até ao Congo. Perto da costa, o ribeiro de Mbele que desaguava no mar perto de Futila, um pouco a Sul de Malemba, servia de fronteira entre os dois reinos. Os governantes dos mesmos parecem ter reconhecido a hegemonia do

² Nota de Pechuël-Loesche: Mais correctamente Yumba ou Tschiyumba [...]; os habitantes chamam-se Ba-si-Yumba ou apenas Bayumba (sg. Myumba), Mayumba seria o título do governante, que, tal como em outros locais, foi também aplicado à região pela maioria dos comerciantes e se manteve de uso corrente.

³ Nota de Pechuël-Loesche: Mtinu Luango.

⁴ Nota de Pechuël-Loesche: Tschilunga. Tschiluango.

⁵ Nota de Pechuël-Loesche: [...]

⁶ Nota de Pechuël-Loesche: Kakuango. Ngoyo. [...].

⁷ Nota de Pechuël-Loesche: Landana é designada Bansa pelos negros, mas Malemba é designada Nkotschi, o último nome designa também toda a faixa costeira entre ambas. Os primeiros nomes [*i.e.* Landana e Malemba] provêm dos europeus e são utilizados pelos indígenas nos contactos comerciais, para um melhor entendimento.

⁸ Nota de Pechuël-Loesche: Buete li Ngoyo.

Loango, tendo-se tornado todavia independentes (há cerca de três gerações), após o declínio daquele reino, ou da morte do último rei do Loango.

Não é possível determinar se as regiões a Norte do Numbi, bem como Mayumba, estiveram alguma vez subordinadas ou integradas no Loango.

4. *Die Loango-Expedition [A expedição do Loango], 1882: 162, 163-164*

A mais imponente entre as palmeiras pinuladas é indiscutivelmente palmeira vinífera (ráfia) – ntombi, pl. matombi, sem tronco, geralmente denominada de palmeira de bambu na África ocidental. [...] [p. 162]

Embora o miolo do pretenso tronco pudesse fornecer um alimento semelhante à tapioca, os indígenas não encaram a ráfia como uma planta alimentícia e nem sequer extraem dela o mosto de palma, uma vez que o seu sabor fica muito atrás do das restantes espécies. Em compensação, dão um uso diversificado às hastes – likúlukúlu, pl. makúlukúlu – aos longos alburnos delas descascados – mbansa, libansa, pl. mabansa – e às folhas – nkunsa, pl. sikunsa – dos leques – tschyéle, pl. bityéle – na construção, no fabrico de utensílios e de belas roupas. O miolo muito fibroso e maleável dá boas rolhas de garrafa. [...] Da camada exterior das folhas – mpusu, pl. simpusu –, que é muito resistente, são tecidos os panos quadrados – lubongo, pl. simbongo e mfúla, pl. simfúla –, hoje só raramente utilizados como “moeda de palha” no comércio de permuta, e fabricadas as vestimentas – ngombo, pl. singombo. O mais fino destes tecidos, uma fazenda maleável, lustrosa como a seda e com um brilho dourado, só pode ser usado por princesas e é actualmente tão raro como valioso, já que o fabrico dos panos ricamente franjados – ngombo nimba – leva vários anos, devido à difícil obtenção do material. Vi apenas uma destas obras-primas e, por fim, consegui adquiri-la.

Os indígenas fazem distinção entre três espécies de ráfia que ainda aguardam a classificação científica, mas que também podem certamente ser reconhecidas pelos botânicos. Os ntombi li kongo, a variedade mais divulgada, têm sólidas hastes elásticas de cor amarela avermelhada, pequenos frutos oblongos e fornecem uma fibra reduzida que facilmente se torna quebradiça; trata-se provavelmente de *R. vinifera*. A ntombi li voá tem o mais gigantesco leque – é a espécie endógena de Yumba, a que eu chamarei *Raphia maxima* – mas as hastes amarelas ou amarelo-esverdeadas partem-se com muita facilidade e suportam apenas uma carga reduzida; no entanto, as fibras são boas e os frutos oblongos são grandes. As partes secas e fendidas das hastes, em forma de pincel, constituem ótimas tochas. A ntombi li nimba, provavelmente *R. textilis*, é a todos os níveis a melhor: as suas finas hastes verdes escuras, frequentemente com nuances roxas, que por vezes são cilíndricas e sem folhas até meia altura, possuem uma solidez extraordinária, os grandes frutos são quase esféricos e as pinulas fornecem as melhores fibras para os tecidos. [pp. 163-164]

5. *Volkskunde von Loango [Etnologia do Loango], 1907: 10-12*

Aqueles que visitam regularmente os nossos balneários públicos e que aproveitam outras oportunidades para exercitar o olhar, aprendem a dar valor às queixas dos nossos artistas e apercebem-se de que existe uma grande quantidade de seres civilizados que estão tão pouco de acordo com o nosso sentido estético como quaisquer selvagens.

Em todos os estratos sociais e em todos os graus de evolução temos a alegria de encontrar seres particularmente dotados pela natureza. Só que estas qualidades não são comuns a povos inteiros, ou, se quisermos, características de raças, mas sim de famílias. [...]

Da mesma forma, a tendência para ver constantemente os selvagens como exemplos de obras-primas da arte, é errónea. Muitos são bastante bonitos, mas nem sempre igualmente nobres; as proporções deixam muito a desejar. As formas apresentam muitas vezes uma estética rigorosa, mas frequentemente são demasiado duras, demasiado arcaicas, as articulações demasiado evidentes, os membros demasiado arredondados, sem o traço desigual dos contornos, as cabeças e as faces geralmente demasiado grandes, os ventres demasiado cheios. [...]

Pessoas perfeitas da cabeça aos pés, de constituição harmoniosa e bela, tão pouco as encontramos entre os Bafióti como entre os civilizados, embora tivéssemos visto ali figuras bastante bonitas, se bem que, geralmente, fossem daquelas que não ferem nem satisfazem o olhar. A juventude encanta, a velhice não.

6. *Volkskunde von Loango [Etnologia do Loango], 1907: 48-50*

Há não muito tempo, um perito explicava literalmente no seu manual, que os negros tinham uma capacidade espiritual muito menor do que a restante Humanidade, pelo que se conseguia treiná-los, mas só raramente educá-los.

Como estas afirmações são prejudiciais. Parece que estamos a ouvir defensores dos antigos proprietários de escravos e de outras pessoas que têm alguma coisa a ocultar. Há sempre quem se justifique, falando mal daqueles que violenta. A condição espiritual, as aptidões dos primitivos têm sido tão pouco investigadas, que não se pode proferir julgamentos conclusivos sobre o assunto, nem se pode falar de raças mais ou menos elevadas, de uma relação típica entre características físicas e psicológicas, ou mesmo de uma predestinação. O civilizado também tem ainda muito de selvagem. Entre ambos existe apenas uma fracção de tempo. Os nossos antepassados também assassinaram missionários. E outrora, quando outros povos já tinham realizado aquilo que hoje constitui o fundamento da nossa formação, aquilo que ainda hoje é diligentemente analisado e admirado, dificilmente eles [os nossos antepassados] constituíam um povo selvagem melhor do que o que actualmente existe na terra.

O que os seus descendentes fizeram, não obstante o Cristianismo e a afamada civilização, ensina-nos a História.

Tal como não se podem condensar séculos e milénios em décadas, tão pouco os africanos se deixarão converter mais rapidamente do que os antepassados dos seus críticos a uma visão do mundo e a uma forma de vida diferentes, mesmo que se façam esforços sensatos nesse sentido. Só mesmo o missionário vai ter com eles por amor ao próximo.

Como é grande a tarefa de ensinar os nossos próprios filhos, de formar os nossos recrutas. Como é difícil, aliás, transformar pessoas em personalidades através da educação, apesar de estas já terem nascido entre nós e crescido no meio das nossas instituições. Como é que uma pessoa simples há-de compreender uma pessoa complexa, o primitivo há-de compreender o civilizado, como é que ele há-de satisfazer exigências que geralmente são inconciliáveis com a sua existência e com a sua imaginação? Assim sendo, os insucessos são muito naturais, mas não são, de maneira alguma, prova de incapacidade. Devem-se mais à inabilidade do proceder e às circunstâncias do que à aptidão das pessoas. O que parece bem a um, não serve necessariamente o outro da melhor maneira, nem sequer dentro, quanto mais fora da própria comunidade e aquilo que lá fora é diferente, não significa que por isso seja rejeitável. Na nossa terra, onde isso tem muito mais peso, ainda há problemas suficientes, ainda há muito que melhorar.

Se tentássemos contabilizar a quantidade de pecados praticados a toda a hora entre os civilizados contra a justiça, a humanidade, a ordem e a moralidade! E independentemente de todo o mal que em grande parte permanece oculto: Como as pessoas se queixam entre nós, na vida quotidiana, de preguiça e estupidez, de rudeza e perfídia, de falta de confiança, desonestidade e más intenções. Como suspiram por causa da criadagem que, embora tenha crescido entre escolaridade obrigatória e condições propícias à formação, tem tão pouca tendência e capacidade para se adaptar à vontade dos patrões e fazer o que lhe foi ordenado, o que o simples entendimento humano exige.

Os lamentos das pessoas irritadas, tanto lá fora como cá, são surpreendentemente parecidos. Isto deveria ser dito em benefício dos africanos. Os casos tornam-se tão mais difíceis e complexos nos sítios onde o conflito de interesses é agravado por grupos de ideias divergentes e por uma comunicação insuficiente. Como é fácil errar um juízo, nos sítios onde o contraste entre o esperado e o alcançado é muitas vezes desanimadoramente grande, onde a privação e as influências climáticas aumentam a irritabilidade, criando mau humor e azedume e até aversão e ódio.

É impossível que os africanos, ou os primitivos, não aprendam a desconfiar do civilizado, que se submetam à vontade de quaisquer desconhecidos, mesmo quando os compreendem. Quem perturba o seu meio, tem de contar com resistência, ainda mais quando o que está em causa é a pátria e a propriedade,

são os direitos tradicionais. Queixar-se disso equivale mais a embelezar e culpar do que a julgar. Sem prejuízo para as boas intenções, é preciso saber lidar com as pessoas, adaptar-se às situações, bem como libertar-se das ideias feitas, da magnificência europeia e da autocontemplação, e comparar com imparcialidade. Os conceitos bem formulados sobre moralidade são muito bonitos. Infelizmente não servem tanto para fomentar o autodomínio, mas induzem [os seus autores] a avaliar a própria excelência pelo discurso e a imperfeição dos outros pelas acções.

As situações humanas são extremamente complexas e estão abertas à interpretação parcial. Dependendo da disposição. Não é difícil descrever o mesmo povo como bom ou como mau. As coisas de que se acusam dois civilizados quando se desentendem, dizendo cobras e lagartos um do outro, e como voltam a elogiar-se, quando tudo corre pelo melhor, quando precisam um do outro. O que acontece com as pessoas, acontece com os povos. Só que os primitivos não têm voto na matéria. Estão tão indefesos perante a difamação como perante as armas mortíferas aperfeiçoadas. Por isso, não se trata apenas daqueles sobre os quais se escreve, mas também daquele que escreve. Então damo-nos conta de que, regra geral, o que tem uma opinião mais branda sobre os indígenas é o que viveu mais tempo com eles. Pois enquanto os primitivos não foram tratados com injustiça, foi possível conviver bastante bem com eles e estes foram sempre amáveis para com os descobridores. Só os visitantes mais recentes é que têm de pagar pelos pecados dos antecessores.

7. Kongoland [Terra do Congo], 1887: 417-418

Tal como o rápido alargamento espacial do comércio ambicionado numa base pouco saudável, também a desejada propagação brusca da civilização só pode ser positiva para aqueles que não estão familiarizados com a situação real. A civilização não é algo que se possa injectar nos povos que se encontram num nível baixo de civilidade, mas sim algo que eles próprios têm de conseguir pelo esforço. Tentativas ocasionais são infrutíferas. Porque os que foram alvo delas voltam a cair, em pouquíssimo tempo, na sua antiga barbárie e ficam pior que antes. Na verdade, a situação dos ditos selvagens não é por si tão má, que tenhamos de pensar que a nossa missão principal é ajudá-los. A sua vida não decorre em condições tão horríveis, que tenhamos de considerar a sua sorte particularmente infeliz, quando comparada à da grande massa de um povo de cultura.

Ao fim e ao cabo, o que se passa com eles é muito parecido com o que se passa connosco e também eles são movidos pelo que nos é comum a todos. Apenas lhes falta uma cultura milenar. Em todos os sítios do mundo, as pessoas vivem umas vezes em paz e amizade, outras em conflito e zaragata entre si.

Assim foi e assim é; a nível empírico, a civilização não consegue mudar esta situação.

Os africanos aqui estudados também fazem guerras entre si, com grande gritaria e grande desperdício de pólvora, mas habitualmente a uma distância tão cuidadosamente calculada, que os efeitos são poucos. Se, por acaso, alguns combatentes são feridos, ou mesmo se um deles é morto, durante um ataque bem sucedido, então pensa-se que se tratou de uma guerra que abalou o mundo. Quando, pelo contrário, a civilização chega ao país, com as suas inevitáveis armas de fogo e canhões, os indígenas descobrem muito rapidamente que as suas guerras não passavam de uma brincadeira de crianças, quando comparadas com as guerras travadas contra os representantes da civilização. Se tivessem acesso às colunas dos nossos jornais, os dois lados seriam ouvidos e os acontecimentos seriam julgados de forma um pouco diferente. À excepção de algumas tribos conhecidas do Leste e do Sudeste, os africanos não travam guerras de massacre e extermínio entre si, a não ser que sejam instigados e equipados por “civilizados” estrangeiros. Os actos dos maometanos devem ser incluídos neste tipo.

Não devemos censurar os africanos por se defenderem, instintivamente ou por experiência, da entrada da civilização. Na melhor das hipóteses, conseguem entender a definição de civilização que lhes trouxe o comerciante que lhes dá mercadorias em troca dos seus produtos e que conclui o negócio nas suas feitorias; pois aí o seu interesse pessoal adquire um valor inteligível. Aquela [civilização] porém, que entra na sua terra de uma forma brusca e poderosa, e adquire ou confisca parte dela, através de tipos de compra ou contrato, que frequentemente são celebrados em condições muito diferentes das nossas, essa eles não entendem. O que eles vêem é apenas a alteração das suas realidades tradicionais e valiosas, sem que dela advenha qualquer vantagem compreensível.

Digamos simplesmente: o habitante de África, de pele escura, não precisa da nossa civilização; mas nós precisamos da dele. Nós precisamos tanto dos produtos do seu país, como o seu próprio país, a fim de permitir à economia mundial uma expansão cada vez maior. O passivo sucumbe ao activo, o fraco ao forte. A perspectiva do processo pode e deve ser muito diferente, conforme o lado que julga é o vencedor ou o vencido; mas “expansão da civilização” seria a última expressão a utilizar neste caso. Civiliza-se os africanos, educando-os para o trabalho. Quem satisfaz esta tarefa, quem persegue este objectivo, ao longo de décadas e gerações, com uma motivação benévola, com uma pressão usada com compreensão e com uma infinita paciência promove de facto a civilização em África. Mas, também esta obra deve ser iniciada na costa, onde existem as condições mais favoráveis, de onde os artigos de grande consumo ainda podem ser expedidos com lucro para os mercados mundiais.

8. *Volkskunde von Loango [Etnologia do Loango], 1907: 165-166, 167-169*

Deparamo-nos aqui com múltiplas e complexas tradições, nas quais podem estar entretrecidos diversos aspectos da actividade missionária no reino a Sul do [rio] Kongo. Há que salientar também que os Bafióti afirmam que os seus antepassados teriam outrora chegado à sua pátria actual vindos do Norte, de muito longe, e que a sua linhagem de governantes teria vindo do Sul.

Na lenda de origem e chegada do primeiro Ma Loango, um ou o elefante, bem como um ou o barqueiro desempenham um papel importante. Digo propositadamente um ou o elefante e barqueiro. Pois trata-se aqui do sentido de palavras, cuja pesquisa deveria constituir uma das mais gratas tarefas da investigação futura.

De uma forma geral, nsau, nsáo é o nome que designa o elefante, mas ocasionalmente também um homem que supervisiona um embarcadouro no rio. Um tal barqueiro é, ou era, uma pessoa de respeito, reivindica o privilégio do importante negócio da travessia e exerce as suas funções – também se encontram vestígios disto na canção dos Nibelungos – com uma autoridade considerável. [...] [pp.165-166]

A lenda começa com Nkungu ou Nkongo, o grande pai.

Nkungu tinha muitos, muitos filhos. Mandou-os viajar pelo país. Eles partiram, cada um por si. Nos sítios a que chegavam, chovia, havia caça e frutos, as gentes não passavam fome nem necessidade. Nos sítios onde descansavam, a fogueira crepitava, a água brotava, a terra ficava boa e a erva, as hortaliças, os arbustos e as árvores floresciam permanentemente.

Um dos filhos de Nkungu alcançou a margem do Tschiloango, onde o rio desagua no mar. Era noite. Chamou por Nsau, para que ele o levasse para a outra margem; chamou e voltou a chamar. Nsau dormia profundamente e não o ouviu. Mas a sua mulher, chamada Mbúta, ouviu o chamamento. Correu para a cubata do seu marido, bateu na parede, e foi batendo com uma força cada vez maior, até ele acordar. Nsau levantou-se e foi lá fora. Respondeu e perguntou quem estava ali. A resposta foi: o filho de Nkungu, o grande pai. Então o barqueiro atravessou o terreiro e foi até à margem, desencalhou um barco da areia e remou até ao outro lado. Estava escuro, mas aquele que o tinha chamado brilhava intensamente e, no local onde ele se encontrava, havia uma claridade semelhante à do dia. O barqueiro conduziu a sua piroga naquela direcção. O filho de Nkungu aproximou-se e entrou para a canoa, mas ao entrar, afundou o bote. Nsau gritou, a sua gente que estava na outra margem do rio gritou e muito, muito povo acorreu e gritou também. Nsau retirou a água, voltou atrás e foi buscar um barco maior; mas este também não conseguiu transportar o filho de Nkungu. Nsau voltou a retirar a água, atravessou o rio e, com o auxílio do povo, aprontou a sua maior embarcação. O estranho acontecimento repetiu-se pela terceira vez.

Não longe do local onde isto aconteceu encontrava-se um minúsculo bote pesqueiro na praia, junto ao mar. O filho de Nkungu dirigiu-se para lá. O bote acolheu-o e não se afundou. O filho de Nkungu, brilhando como um farol, atravessou o mar, contornando a foz do Tschiloango, e chegou à praia. Ali havia um fervilhar de gente. Ofereceram-lhe guarida, alimentação e bebida. Mas ele não entrou em cubata alguma, não pernitoou em aldeia alguma, não aceitou qualquer alimento ou bebida, mas continuou o seu caminho. As gentes foram com ele e, a cada passo, juntavam-se-lhe novas multidões.

Isto porque havia uma grande agitação no país e uma grande algazarra por causa do estranho acontecimento. Corriam mensageiros em todas as direcções. Onde quer que o filho de Nkungu descansasse, o fogo crepitava, havia água, os frutos amadureciam e a erva mantinha-se verdejante. Foi o primeiro Ma Loango.

Outras testemunhas afirmam, por outro lado, que, depois das embarcações se terem revelado impraticáveis por três vezes, o reluzente filho de Nkungu teria caminhado sobre as águas, como se tratasse de terra firme. Outros disseram que ele teria ido por terra, contornado as nascentes do rio. Outros ainda afirmavam que este caso com as embarcações teria ocorrido de forma diferente. Ou seja, assim: Uma princesa do Loango ter-se-ia apaixonado por um nobre proveniente de Kakongo em visita à sua [*i.e.* da princesa] terra natal. Quando este regressou à terra dele, ela teria tentado segui-lo, atravessando o Tschiloango. Só que isso estava-lhe vedado, como já sabemos. Apesar disso, o barqueiro dispôs-se a transportá-la, mas as embarcações afundaram-se durante a travessia. Ou: o fiel barqueiro, sabendo das intenções da princesa, ter-se-ia refugiado, com os seus barcos, na margem Sul do Tschiloango, recusando-se a fazer a travessia. Então, a princesa que errava pela margem mergulhou no rio, para, de alguma forma, o atravessar. Desapareceu nas águas e nunca mais foi vista. Desde essa altura, o pássaro encantado canta junto ao Tschiloango. [...]

As testemunhas que contavam esta história diziam que o filho de Nkungu chegara ao seu país de outra forma. De acordo com ela, ele teria surgido montado em *nsau*, o elefante, saindo das grandes águas, do mar, cuja visão foi posteriormente interdita ao Ma Loango, de tal forma que ainda hoje muitos dos príncipes do Loango o temem. Porém, também se afirma que o elefante teria transportado o filho de Nkungu através do Tschiloango e ainda através do Nsongolo onde, aquando do cortejo de coroação, tinha sido construída a ponte. Aí o futuro governante teria encontrado a bela rapariga Mbúta de Luandschili, com o jarro de água à cabeça, que lhe teria dado a primeira saudação de todo o reino. Ela ter-lhe-ia agradado tanto, que ele, como símbolo da sua graça, lhe teria oferecido o anel de marfim, prendendo-a deste modo a si. Depois disso, Mbúta ter-se-ia tornado a primeira mulher do primeiro Ma Loango. [...]

De outras lendas pode ainda concluir-se que a grande água não deve ser entendida como o mar, mas sim o Kongo. Encontram-se vestígios desta lenda

junto ao próprio Kongo. Acima de Boma, onde o leito do rio se estreita, situa-se perto da margem Norte, a ilha de Tschissala, frente à qual se encontra um ilhéu que os europeus não devem pisar, porque nele se encontram os túmulos dos grandes chefes. Também o antepassado destes se diz ter atravessado o rio em cima de um elefante e descansado no ilhéu. Quando, durante a minha segunda visita, no ano de 1882, um elefante solitário atravessou o Kongo a nado nesse local, o povo encarou isso como um acontecimento significativo.

Estas e outras histórias apontam para o Sul e para as relações que podem ter existido, como relata [Duarte] Lopez, antes da chegada dos europeus, entre a nossa região [*i.e.* o Loango] e o reino maior do Kongo que se desintegrou com o ataque dos portugueses. Só que a semelhança do nome Nkungu ou Nkongo com o nome usado pelos europeus e mais recentemente também pelos indígenas, para designar o rio principal e o reino a Sul, não deve, de modo algum, induzirmos a associar Nkungu, o grande pai, ao Kongo, o grande rio, ou o grande reino.

Na língua nativa, o Kongo chama-se Nsadi [...]

Nkungu ou nkongo, em casos isolados também nkunga, designa um caçador diligente, um Nimrod. [pp. 167-169]

9. *Volkskunde von Loango [Etnologia do Loango],*
1907: 354, 358, 364, 396-397, 397-398

Um feitiço é um material produzido artificialmente e um objecto portátil, ao qual foi incorporado, através de ritos mágicos, um determinado poder, de que dispõe o iniciado, poder esse que é destruído juntamente com o material e o objecto.

Um ídolo é o representante concreto de um poder divino, ou pelo menos considerado espiritual, que não está ao serviço de pessoa alguma e cuja existência não é afectada pela destruição da imagem.

Por conseguinte, o feitiço distingue-se essencialmente do ídolo. É o engenho humano e não um acaso, um espírito ou uma divindade, que faz do objecto um feitiço. O poder não entra, nem sai dele, por acaso ou de forma arbitrária. Está-lhe indissolúvelmente ligado e produz um efeito benéfico para o proprietário, desde que este utilize correctamente o objecto e cumpra certos requisitos necessários à manutenção do poder. Se ele intentar contra estas regras, o feitiço deixa de fazer efeito, tal como acontece com um utensílio que ficou rombo ou se partiu. [...]

Os Bafióti não têm ídolos, apenas têm feitiços. Portanto, não conhecem a idolatria, nem qualquer tipo de veneração, apenas a produção e a utilização especializadas. [p. 354]

Consequentemente, para os Bafióti, um feitiço é, nem mais nem menos do que um instrumento ou um utensílio artificialmente dotado de um poder condensado – sobrenatural não seria o termo adequado – para a luta pela

sobrevivência. É um produto da arte e não um produto qualquer da natureza: não é uma árvore, uma rocha, nem uma pedra colorida, um pedaço de metal, madeira, marfim ou algo desse género. Quando eles chamam mkíssi a qualquer coisa que não é dotada de ngílingíli, isso significa que ela está ou esteve encantada ou enfeitiçada [...].

É verdade que também se pensa que alguns arbustos e ervas que são mantidos com cuidado têm poderes secretos. Neste caso trata-se somente de uma transferência de poderes. Esse género de plantas era ensalmado pelos mestres. Nas suas raízes é enterrado ngílingíli; são cuidadas de acordo com os costumes da feitiçaria e temporariamente regadas com água, em que se haviam mergulhado feitiços. [...] [No entanto], estas plantas, tão pouco se tornaram autênticos feitiços, como as espingardas que era suposto não falharem, por terem sido alvo da benção das balas. [p. 358]

Nas figuras zoomórficas e antropomórficas, o ngílingíli aloja-se muitas vezes na cabeça, mas geralmente num vistoso apêndice em forma de caixa, ou em vários, na barriga ou no peito. Pois, sem combustível, estas partes, quer sejam grandes ou pequenas, também não são, naturalmente, feitiços. [p. 364]

Embora os feitiços não sejam venerados, nem alvo de verdadeiros sacrifícios, alguns deles obtêm ocasionalmente uma baforada de fumo de tabaco, ou um pequeno esguicho de aguardente, diante do povo reunido. Contudo, isto acontecia, da mesma forma que nós depositamos coroas de flores nos monumentos, exclusivamente com feitiços antropomórficos e apenas pela sua aparência exterior, ou talvez também por uma questão de memória. Muitos feiteiros faziam-no, outros não.

De acordo com as suas informações que eles conseguem ajustar habilmente às perguntas, seria possível concluir que eles presumiam que as suas reproduções de madeira tinham sentimentos e desejos humanos, o que não seria de admirar. Nisso, assemelhar-se-iam às nossas crianças a brincar com bonecas [...] [pp. 396-397]

Também em relação ao cravejar das figuras antropomórficas com pregos existem circunstâncias especiais. Trata-se, tal como acontece provavelmente em relação ao bafejar com fumo, de uma apropriação, ou seja, de uma repercussão da antiga actividade missionária para lá do rio Kongo: a imagem de [Cristo] crucificado levou esta gente a ter essa ideia. Como também puseram uma coroa de espinhos à volta da cabeça do feitiço Mangóssu, em cuja parte superior do crânio estão espetados três espinhos de porco-espinho.

Aliás, o costume de espetar pregos e pedaços de ferro em feitiços antropomórficos, praticado nos nossos tempos nas regiões do Sul do país, só deve ter surgido num tempo relativamente recente, talvez há um século. Pelo menos, os relatos antigos não mencionam esse cravejamento, sem dúvida estranho e digno de reparo, embora descrevam diversos feitiços e feitiçarias. [...] E em Tschintschotscho começaram, pela primeira vez, perante os nossos

olhos, a espetar pregos em figuras de animais, a primeira delas, com um grande garfo usado fornecido por nós. Para lá do Kongo, já há muito que se cravejava todo o género de feitiços.

Aliás, não é de pôr de parte a possibilidade de as imagens introduzidas no reino do Kongo pelos devotos padres terem contribuído para a recente antropomorfização dos feitiços. Eu possuo uma bela obra de arte mais antiga, uma figura em marfim com um palmo de altura, que representa a santa Madalena, reproduzida por um artista nativo com um rigor extremo. [pp. 397-398]

10. Volkskunde von Loango [Etnologia do Loango], 1907: 471-472

[Seguem-se] mais algumas observações sobre os próprios banganga. Aqueles que insistem na noção geral da predisposição desigual e na consequente determinação diferenciada das raças humanas, sentir-se-ão inclinados, até por uma questão de legitimação e autoestima, a descobrir nos primitivos, apenas ou principalmente, traços feios e baixos. Como se eles não existissem entre os civilizados. Deste modo, os feiticeiros são classificados unicamente como charlatães, impostores ou, na melhor das hipóteses, como impostores intrujados, embora esta classificação não seja justa nem científica, por falta de conhecimentos suficientes. Pelos nossos critérios, muitas das suas práticas podem parecer absurdas e desonestas. Mas isso não faz com que estejam em contradição com a sua realidade. O que é muito pior, é que existem entre os civilizados, muitos banganga de mau carácter, que não existiriam se não houvesse clientela. E como é que os nossos ferozes livres-pensadores falam sobre os ensinamentos e os usos dos religiosos e os nossos encarniçados praticantes de medicina natural falam dos remédios e da prática dos estudiosos?

Tal como os nossos padres e os nossos médicos, também os banganga crêem empenhadamente na sua tradição, nas suas capacidades, na sua profissão. Como o seu povo, estão convencidos de que o bem e o mal são determinados por um poder superior, que a alma, os espíritos, a feitiçaria e as doenças ameaçam o ser humano, acreditando também que é possível dispor a vontade superior em seu benefício, dominar entidades perigosas e combater todo o tipo de mal. Tudo se insere nas suas concepções. Será que connosco as coisas seriam diferentes? Eles aprenderam, conjugaram aquilo que lhes foi transmitido, em termos da arte e da ciência, com as suas capacidades e sentem-se à altura dos seus deveres, tal como as outras pessoas.

Assim, ajudam o temente e o sobrecarregado, fortalecidos e apoiados pela necessidade do povo, a vencer aflições sentidas até mesmo pelos cépticos, quando a sua coragem os abandona. É claro que isto não exclui o que é universalmente humano, ou seja, que os mestres se permitam fazer aquilo que condenam nos outros e que, de vez em quando, iludam ou enganem, um pouco,

o povo. Este apercebe-se bastante bem deste jogo. Contudo, a feitiçaria é aceite, por tradição, por dar exemplos pedagógicos, por divertimento ou por necessidade. Não possuem coisa melhor. Só que às vezes se impõe, como se disse, um juízo contraditório, e uma iconoclasia grassa por certo tempo, mas, no fundo, não consegue modificar nem mesmo as formas.

A crítica de que os banganga exerceriam a sua actividade ou a sua arte de uma forma profissional, sendo por isso mesmo repreensível, é inteiramente derrubada pela mera referência à nossa própria realidade. Decerto que não faltarão mestres corruptos que, para manter o sistema, ou por outros motivos, condenam inocentes à infelicidade. Pessoas com tão vis inclinações e com um carácter tão volúvel sempre existiram em todo o lado e continuarão a existir. Não são só entre os ditos selvagens que, por vezes, perante influências poderosas, têm dificuldade em manter-se no estreito caminho certo.



12 Coleção P. Pogge: “Caixa de rapé, feitiço dos Quiocos”. Cokwe. Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 975

PAUL POGGE

Paul Pogge nasceu a 27 de Dezembro de 1839 na fazenda do seu pai, em Ziersdorf, Mecklenburgo. Tencionava ser agricultor, mas acabou mais tarde por estudar Direito em Berlim, Heidelberg e Munique, de 1858 a 1860, para alargar a sua cultura geral. Já depois de se ter doutorado em Direito, administrou, durante algum tempo, a propriedade do pai, após o que a alugou em 1865 e, como caçador apaixonado que era, empreendeu uma viagem à África do Sul (Terra do Cabo e Natal). A seguir ao seu regresso, trabalhou mais alguns anos como agricultor.

Quando a “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas” (Sociedade Alemã para a Investigação da África Equatorial) foi fundada em Berlim, ele ofereceu-se para acompanhar as expedições como caçador por conta própria. Foi autorizado a acompanhar a terceira expedição, a chamada Expedição a Cassange, Angola, como “estagiário”. A chefia deste empreendimento, composto no total por cinco pessoas, caberia a Alexander von Homeyer*. Pogge chegou a Luanda no início de Fevereiro de 1875. Já antes da viagem ao interior ter efectivamente começado, três dos seus companheiros de viagem tiveram de regressar por motivos de saúde, entre eles o Major von Homeyer e o botânico Herman Soyaux*. O quarto, o tenente Anton Erwin Lux* só conseguiu ir um pouco mais longe, nomeadamente, até Quimundo, a última estação comercial portuguesa no Leste, de forma que Paul Pogge acabou por continuar a viagem sozinho, a partir de 15 de Setembro. No dia 5 de Dezembro de 1875 chegou a Mussumba (*musumb*), a capital e residência principal do Mwant Yav, o grande rei dos Lunda, situada entre os rios Calanhi e Luiza e transferida para um local diferente sempre que ocorriam mudanças na chefia (ver texto 3). A cidade visitada por Pogge chamava-se, segundo ele, Quizememe (segundo Buchner* correctamente *ku Issuamäm*, “junto ao rio Issuamaem”).

Há muito tempo que as primeiras notícias pormenorizadas sobre a Lunda haviam sido publicadas (Joaquim Rodrigues Graça 1846). Pogge teve dificuldade em fazer compreender ao rei dos Lunda que só reinava desde Maio de 1874 (ver texto 3; Mbumb Muteb a Kat, *sanam* Nawej, segundo Hoover), que não tinha vindo como comerciante e muito menos como comerciante de escravos, mas simplesmente como caçador. A sua liberdade de movimentos foi fortemente limitada pelo soberano desconfiado, de tal maneira que, só com muita persistência, Pogge conseguiu que lhe fosse autorizada pelo menos uma curta caçada nos territórios a Sudoeste (de 28 de Janeiro a 28 de Fevereiro de 1876). Como a autorização para avançar em direcção ao Norte e ao Leste (sobre as razões desta proibição ver texto 3) lhe continuou a ser terminantemente negada, Pogge acabou por forçar o seu regresso, depois de esgotar quase todos os seus mantimentos e presentes. Deixou a capital dos Lunda a 17 de Abril de

1876 e a 30 de Julho estava de volta a Quimbundo. Depois de uma interrupção para descansar, chegou a Malanje no princípio de Outubro e, algum tempo depois, ao litoral. Trouxe colecções de plantas, borboletas, escaravelhos, amostras de metais e de diferentes tipos de madeira, utensílios e 16 “crânios de negros” para a Europa. A sua obra principal sobre a viagem é o seu diário de viagem reformulado *Im Reiche des Muata-Jamwo (No Reino do Muata Yamvo)* que, depois do seu regresso a Rostock, foi preparado para publicação pelo Dr. W. Koner. O diário foi mais tarde elogiado como “o melhor livro em língua alemã sobre os territórios situados para lá de Loanda em direcção ao interior”, porque o sucessor de Pogge, “Max Buchner, que tinha muito melhor formação científica e literária, não forneceu qualquer descrição da sua expedição à Lunda, realizada a seguir à viagem de Pogge [...]” (Ratzel 1888: 361)

Em 1879, Pogge pôs-se outra vez à disposição da “Afrikanische Gesellschaft” (Sociedade Africana), desta vez com um projecto de viagem próprio. Planeava voltar à capital dos Lunda e aí fundar uma estação, “segundo o modelo da Internationale Afrikanische Association zu Brüssel” (Associação Internacional Africana de Bruxelas) que deveria funcionar como ponto de apoio para outros colonos e comerciantes alemães. Como topógrafo da expedição, acompanhou-o Hermann von Wissmann*, cuja missão era, partindo da Mussumba, alcançar regiões ainda desconhecidas para Norte e Leste, enquanto que Pogge queria ficar na sua nova estação. Ambos deixaram Hamburgo a 18 de Novembro de 1880 e chegaram a Luanda a 7 de Janeiro de 1881. A expedição propriamente dita, apoiada pela chancelaria do “Reich” e pela “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland” (Sociedade Africana na Alemanha), começou no fim de Maio de 1881, com a partida de Malanje, onde Pogge e Wissmann se encontraram com Max Buchner e Alexander von Mechow*. A partir daqui a bandeira alemã “foi transportada com orgulho à frente da caravana” (Wissmann 1892: 14). Depois de Buchner, acabado de regressar da Mussumba, os ter desaconselhado veementemente de seguir o seu destino de viagem, devido às suas más experiências, eles decidiram mudar os seus planos e virar para Norte em Quimbundo, visto que a situação política geral no Leste se tinha agravado bastante, em consequência das hostilidades desencadeadas entre Lunda e Cokwe e da rota pelo Sul ter sido cortada.

A viagem decorreu então sem grandes percalços e, a 30 de Outubro de 1881, instalaram-se na capital e cidade residencial do chefe chilangue (luluwa) Muquengue, junto ao Lulua, que até então ainda não tinha sido pisada por nenhum investigador europeu (o comerciante português Silva Porto do Bié, que se dirigia para Norte, praticamente na mesma altura da expedição de Pogge e Wissmann, tinha seguido com a sua caravana até Cabau, ao longo da margem oriental do Cassai, por um trajecto mais a Norte). Acompanhados pelo Muquengue e por uma grande comitiva, Pogge e Wissmann partiram novamente, a 30 de Novembro de 1881, e chegaram em meados de Abril de 1882 ao Lualaba

perto de Nyangwe. Daí, Wissmann seguiu sozinho para a costa oriental, Pogge voltou para o Lulua, onde chegou a 21 de Julho de 1882, para concretizar o seu plano de erigir uma estação científica perto de Muquengue.

Quando, ao fim de mais de um ano, os seus meios se encontravam quase esgotados, sem que tivesse chegado um sucessor da Alemanha, Pogge levantou definitivamente o seu acampamento em Muquengue e a 9 de Novembro de 1883 fez-se ao caminho de regresso para o seu país. Em Malanje ainda se encontrou mais uma vez com Wissmann (e os seus acompanhantes) que, entretanto, já se encontrava na sua segunda expedição ao Congo. Esgotado e doente, Pogge chegou finalmente à costa, a 28 de Fevereiro de 1884. Pouco tempo depois, a 17 de Março, faleceu de pneumonia em Luanda, tendo sido aí sepultado no mesmo dia, no cemitério protestante.

Em 1885, foi erguido em Rostock um monumento em sua honra. Informações sobre a segunda expedição de Paul Pogge tornaram-se conhecidas através das suas cartas e das de Wissmann, assim como da publicação de extractos (muito trabalhados e em parte apenas resumidos) de alguns dos seus diários de viagem. Antes de morrer, Pogge tinha ordenado a sua destruição, mas o cônsul alemão em Luanda considerou-os demasiado valiosos, para lhe conceder esse desejo. Os capítulos correspondentes do livro publicado por Hermann von Wissmann *Unter deutscher Flagge quer durch Afrika von West nach Ost (Sob a Bandeira Alemã através de África de Ocidente a Oriente)* (Berlim 1889) constituíram um complemento importante. Os objectos etnográficos que Pogge adquiriu nas suas duas viagens foram entregues ao Museu de Etnologia de Berlim (ver imagem 12).

Paul Pogge não era um cientista e nunca se viu a si mesmo como tal. Foi por mero acaso que, no final, a execução de todo o empreendimento acabou por ficar a seu cargo, quando ele se tinha apenas ligado à expedição científica (cujos restantes membros – na sua maioria militares – também não tinham, evidentemente, a formação adequada) pelo espírito de aventura e pelo amor à caça. Apesar destas condições e de todos os défices científicos, que de certa maneira também já no seu tempo se lamentavam, Pogge realizou um trabalho notável para a investigação do continente. Só o facto de, como “civil”, ter avançado tanto em direcção interior, sem conhecer o território (na maior parte das vezes a pé ou montado num boi-cavalo) e sem intenção de participar no negócio de escravos, marfim ou borracha, constituiu um grande feito na altura. O destino dos seus companheiros, os numerosos dias de baixa por acessos de febre, tosse e disenteria, agravados na segunda viagem por um caso de fractura de um maxilar, testemunham os perigos e a determinação inabalável de Pogge, que foi uma condição indispensável para o êxito do empreendimento.

Estes pressupostos incluíam igualmente a capacidade de se adaptar às estruturas existentes, isto é, a um contexto por três séculos de comércio de escravos e marcado sobretudo pela dissolução das antigas estruturas políticas,

por uma maior agressividade nas regiões afectadas, pelo sistema angolano de recrutamento de carregadores, por sistemas locais de tributos de passagem, pela defesa egoísta de interesses de todas as partes e pelo banditismo ocasional. Só a pouco e pouco o tráfico de escravos foi substituído pelo comércio de outros produtos, mas na Lunda, ele ainda era perfeitamente normal na altura, conduzindo permanentemente a assaltos, rixas ou chantagens. Por este motivo, Pogge teve também muita dificuldade, apesar dos seus desmentidos, em devolver os escravos oferecidos pelo Mwant Yav, sem o ofender. Fê-lo menos por condenar o negócio de escravos em África (texto 1), do que por não ser, nem querer ser, um comerciante de escravos.

Pogge, cuja modéstia ficou conhecida na sua terra natal, não pretendeu nem conseguiu desenvolver uma relação pessoal com os Africanos e muito menos com os habitantes locais ao seu serviço. Ele impunha respeito (para o que a sua barba imponente também contribuía), mas mantinha sempre uma distância, consciente da sua superioridade. Nunca perdeu a sua concepção fundamentalmente negativa: “No que diz respeito ao carácter do negro em Angola, como também, na restante África, o europeu imparcial só pode no geral censurar o mesmo. O negro é covarde, preguiçoso, não é digno de confiança, é mentiroso, leviano, imprudente, espertalhão e supersticioso; ele mente, rouba e engana sempre que pode. Só vive para o presente e não pensa no futuro; apenas se sente bem onde tem [o suficiente] para viver, não conhece patriotismo nem saudade, se bem que tenhamos de admitir que respeita muito o bando de parentes e que estes se ajudam uns aos outros em caso de necessidade. A favor dele conta-se também uma espécie [!] de hospitalidade e a sua tendência para dar presentes a parentes e amigos. Qualquer carregador comum divide, de boa vontade, as suas raízes de mandioca com o seu patrão em situações de necessidade, como também defende a segurança do seu patrão e da sua caravana, em caso de luta, desde que, no momento de perigo, não perca a cabeça, por saber que tem as costas quentes, nem se ponha em fuga. Mesmo não tendo recursos para viver, ele é moderado e feliz, é duro e resistente aos efeitos exteriores.” (Pogge 1880: 6). Nem a longa estadia posterior de Pogge em Muquengue conseguiu mudar a sua imagem dos Africanos: “O negro não é intrinsecamente mau – pois os grandes crimes, como o assassinio, não ocorrem com frequência e não se conhece o suicídio –, mas ele não possui qualquer sentimento de honra ou de dever, nenhuma virtude e não é um homem de palavra [...] Eu defendo [...] que não se deve tratar bem um negro. Pois quanto melhor for tratado, mais atrevido se torna e quando se lhe dá alguma coisa, logo quer mais.” (1883-1885c: 244; cf. também texto 4)

A forma como Pogge tratava os seus carregadores, com os quais inicialmente não tinha conseguido qualquer entendimento, estava também em conformidade com isto: “Eu não consigo refrear esta gente; partem quando querem e quando não querem, dão como pretexto a chuva ou a doença [...] O viajante está aqui

completamente nas mãos dos carregadores (*i.e.* [dos carregadores] livres). Se os castiga, fogem; por isso, [haja] paciência, quando é possível. Palavras bonitas e advertências não servem para nada, ralhar não adianta nada, quando muito ainda me gozam.” (Pogge 1880: 75). A posição de Pogge, como principiante em Angola, com os seus objectivos diferentes e uma noção de tempo diversa, que provocaram reacções correspondentes, não deve ser menosprezada (ver também texto 2).

Por outro lado, também há que ter em conta, neste contexto, os costumes severos da sociedade escravagista luso-africana e a sedução que uma comitiva apetrechada de mercadorias europeias exercia por onde passava. Uma vez que, além disso, o equipamento de Pogge era escasso em relação aos seus planos e não se apoiava em cálculos comerciais de valor e contravalor, devendo simplesmente servir para o seu avanço e subsistência, bem como para os presentes, ele via-se constantemente a braços com situações difíceis e desagradáveis perante os Africanos, cuja regulamentação do tráfego, quase desconhecida daqueles exploradores (chamados “ingleses”), assentava essencialmente no comércio e na troca de produtos.

No entanto, Pogge evitava sempre que possível o uso de armas, recusava a autorização para queimar aldeias inimigas e lutava contra os ordálios de veneno, pelo que parece até ter tido a fama de grande pacifista e homem de especial benevolência.

Apesar disso, o seu julgamento posterior é desmedidamente duro, sendo marcado tanto pelos seus princípios patriarcais e racistas, como também pelas circunstâncias desgastantes da viagem: “Não se podendo estipular regras determinadas para lidar com os carregadores, aproveito a ocasião para aconselhar ao viajante que, sempre que possível, seja brusco para com os negros, e falo por experiência própria, quando afirmo que fui muito mal tratado pelo meu pessoal, quando não os deixava sentir o bastão, mas pelo contrário tentava alcançar alguma coisa através de advertências ou até mesmo de presentes. O viajante não deve falar muito, mas tem de agir com determinação. Tem de tratar o seu pessoal severamente, mas, ao mesmo tempo, tem de providenciar para que eles tenham o suficiente para viver. Nomeadamente, deve defender os interesses da sua gente no interior [do continente] e deve ser benevolente no que respeita a pequenos conflitos com os indígenas, que acontecem com frequência, desde que estes se revelem vantajosos para a sua gente. Para muitas tribos, o patrão é responsável pelos delitos do seu pessoal e, em tais casos, deve ser tolerante e não ralhar muito, mas pura e simplesmente pagar.” (Pogge 1880: 21-22)

Os relatos de Pogge mostram nitidamente o choque constante entre dois mundos diferentes e a forma como as duas partes permaneciam fechadas uma em relação à outra. Alguns dos episódicos mal-entendidos, foram mais tarde esclarecidos, como por exemplo um incidente com um Cokwe que quis avisar a

expedição sobre uma cilada dos Minungo, pedindo dois carregamentos de pólvora como compensação, mas, como as suas boas intenções não foram bem compreendidas, foi mandado embora como qualquer pedinte maçador. Os intrusos brancos, que pareciam nunca ter reflectido sobre a sua situação, ainda tinham muito que aprender. Mas era impossível dissipar alguns juízos errados, quer do lado de Pogge quer do dos Africanos, como demonstra a relação entre Pogge e o Mwant Yav, caracterizada principalmente por uma latente incompreensão e desconfiança mútuas, que ficaram bem claras num discurso divulgado no final da estadia de Pogge: “Ele [dizia] desejar saber porque eu teria vindo ao seu território e o que eu queria na sua terra, se não era comerciante, nem comprava escravos e marfim. Ele ficara aborrecido comigo por eu ontem lhe ter devolvido a escrava. Eu respondi que já lhe tinha dito a razão da minha visita e que ele já sabia que eu não comprava nem escravos nem marfim. Depois desta declaração da minha parte e sem ter recebido quaisquer presentes, o chefe deixou a minha casa com os seus guerreiros.” (Pogge 1880: 174). Pogge, por seu lado, teve muita dificuldade em compreender os juízos de valor e os conceitos de justiça locais.

Parte dos juízos de Pogge foi muito agravada por impressões imediatas. Outras afirmações demonstram-nos, por comparação, que mais tarde, de volta ao seu país e num contexto completamente diferente, ele foi capaz de se abstrair um pouco mais das situações por ele vividas (texto 2).

Na Alemanha esperava-se naquela altura, dos exploradores, sobretudo medições topográficas, para se poderem elaborar mapas bastante exactos de regiões até então desconhecidas. Pogge não conseguiu fornecê-las, devido à sua falta de formação e de instrumentos. Na sua segunda viagem, Hermann von Wissmann tomou conta desta tarefa. Colecções do âmbito das Ciências Naturais, às quais Pogge se dedicou dentro das suas possibilidades, ocupavam um lugar mais importante do que colecções etnográficas. Para as últimas, faltavam a Pogge os meios. Nem a maneira de viajar, nem as concepções de Pogge, nem frequentemente o seu estado de saúde, proporcionaram a realização de observações etnográficas mais pormenorizadas durante o caminho. Na capital lunda, onde, mesmo assim, esteve três meses e meio, verificaram-se outras restrições, como ele deixou transparecer por ocasião da caçada que realizou no Sudeste. Esta seria para ele muito útil, “porque me pude informar tranquilamente junto de vários chefes, sobre a geografia do Reino do Matiamwo, algo a que não me podia atrever em Mussumba. Pois tudo o que me dizia respeito era imediatamente contado ao Matiamwo, o qual é um negro infinitamente desconfiado e supersticioso.” (PM 30, 1876: 343)

Com excepção das observações bastante superficiais, mas apesar de tudo muito interessantes, que realizou pelo caminho, Pogge recebeu as informações históricas e etnográficas, principalmente dos seus intérpretes, nomeadamente do muito viajado Germano, um moçambicano com grande talento linguístico, que

já tinha estado, durante quatro anos, na terra dos Songo e durante dois em Cassange e que depois também acompanhou Otto Schütt*, assim como, do Ambaquista Joanes Bezerra (apelidado de Caxavala) que segundo Pogge era um “dos intérpretes mais inteligentes da colónia” (ver Heintze 2002a e 2004, cap. II.1 e cap. II.2). Devido à sua posição de extrema confiança ao serviço dos Brancos, a concepção do mundo dos seus intérpretes pode muito bem ter potenciado os preconceitos de Pogge. Visto que o comércio a longa distância condicionava e influenciava consideravelmente os acontecimentos quotidianos e políticos nas regiões por onde Pogge passou ou que visitou para uma estadia mais longa, os seus relatos sobre muitos aspectos relativos a este comércio são particularmente numerosos, detalhados e informativos. Eles dão uma ideia clara da grande transformação ocorrida em pouco tempo relativamente aos produtos, da decadência e do florescer de estações comerciais e da curta validade das mercadorias trazidas como moeda de troca, que limitavam decididamente a liberdade de negociação dos viajantes e os submetiam a pressões que hoje são muitas vezes esquecidas: “Para negociar géneros alimentícios e pequenas coisas utilizam-se na Mussumba, principalmente, missangas, ou seja: 1) uma vermelha, esmaltada de branco por dentro (conhecida na costa pelo nome de ‘Maria segunda’; 2) uma missanga branca muito vulgar de porcelana, que parece ser feita de osso, conhecida na costa pelo nome de ‘Missanga branca’. Da primeira, é aconselhável comprar uma de tamanho grande, da segunda, uma de tamanho médio. Os dois tipos de missangas encontram-se à venda em vários tamanhos; contudo, as missangas demasiado grandes ou demasiado pequenas quase não têm valor.” (Pogge 1880: 141)

A presença do comerciante de marfim luso-africano “Deserra” (*i.e.* Lourenço Bezerra Correia Pinto) na Lunda constituiu, sem dúvida, uma sorte para Pogge. Aquele era do Golungo e já vivia há muitos anos na Mussumba (ver também Introdução, cap. 12; Heintze 2002a e 2004 cap. II.1). Pogge ficou a dever-lhe a maior parte das informações que posteriormente publicou sobre a História e Etnografia deste território (texto 3) e que, em grande medida, fazem com que o seu livro seja ainda hoje uma fonte valiosa e insubstituível. Por outro lado, era muito difícil obter informações, principalmente de cariz geográfico, dos habitantes da cidade residencial.

A actividade de Pogge não se limitou todavia à sua paixão pela caça e à sua tendência para a pesquisa. Desde o início que também acalentou ideias coloniais, manifestadas no plano de fundação de uma estação alemã no interior. Como ex-proprietário de terras e agricultor, Pogge sentia-se à vontade nesta área. No decorrer da sua viagem à Lunda, estas reflexões parecem ter adquirido contornos cada vez mais nítidos. Todas as experiências negativas passaram para segundo plano, após o seu regresso à pátria, de tal maneira que, por fim, acabou por ver na Mussumba a localidade ideal para a fundação de uma dessas estações. Os Lunda passam então a ser elogiados como um povo bondoso,

pacífico e amigo dos europeus, cujo comportamento para com o branco seria geralmente amigável e respeitoso; haveria muitas possibilidades para desenvolver uma actividade etnológica, uma “vida popular divertida e barulhenta” e, na capital, todas as manhãs, um mercado importante. Para Pogge, as constantes intrigas e “suspeitas de feitiços” eram com efeito, aspectos sombrios, “no entanto, todo o Branco estava, à partida, livre da suspeita do crime de feitiço, pois, dada a sua superioridade intelectual, encontrava-se ao mesmo nível do chefe.” (1880-1881a: 136). Segundo Pogge, constava que nenhum comerciante da costa tinha sido morto na Lunda e que ali se orgulhavam muito de fazer comércio com os europeus há tanto tempo. Além disso, em Mussumba, os comerciantes e as suas mercadorias não só estariam sob protecção especial do Mwant Yav, como também fora das leis rígidas do país (ver texto 3). No entanto, como aí os produtos destinados ao comércio de longo curso se limitavam a escravos e marfim, uma estação “não poderia deixar de comprar alguns escravos ao Muata Jamvo, por altura da sua fundação, para não provocar logo ressentimentos e desconfiança junto do soberano. As pessoas seriam de utilidade para a estação como trabalhadores e carregadores.” (*ibid.*: 138-139).

Apesar de todas as suas experiências em contrário, Pogge acreditava também que não seria difícil para os exploradores que viajavam na Lunda “seguir para Norte sob a protecção do Muata Jamvo, ou seja, aproveitando-se das campanhas de saque deste último, para fins geográficos.” (*ibid.*: 139). A pouco e pouco o soberano dos Lunda também “perderia, como acontece com todos os indígenas, a sua desconfiança em relação aos Brancos e, depois de tomar juízo, acabaria por se deixar dirigir e conduzir pelos Brancos. Chegaria então a altura de, em prol da humanidade, suavizar os castigos severos, aplicados pelo Muata Jamvo aos seus súbitos e de limitar, se possível, os seus saques para captura de escravos.” (*ibid.*: 140).

A perspectiva de uma estação alemã no coração da Lunda induziu Pogge, um homem habitualmente tão realista, a pronunciar palavras francamente emotivas, que, todavia, revelam claramente os seus verdadeiros objectivos, nos quais os Africanos só aparecem como marionetas – e isto em vésperas da Conferência de Berlim: “Assim, o território ficaria aberto à ciência e, se depois, com o tempo, colonos independentes e comerciantes brancos se estabelecessem na Mussumba, seguindo a pegada dos pioneiros, caberiam certamente à nação que tinha tomado a iniciativa de explorar este bonito e abençoado território, as maiores vantagens no aproveitamento dos seus tesouros, se a estação fosse dirigida com mais tacto e mais respeito pelos direitos dos indígenas e se os esforços começados fossem apoiados de uma forma eficaz pela pátria.” (*ibid.*: 140)

Como se sabe, Pogge acabou por não fundar a estação na Mussumba, mas sim em Muquengue, junto ao Lulua (nas proximidades imediatas da localidade mais tarde chamada Luluaburg, perto do actual Kananga). Também aqui, Pogge

viu reunidas, no início, as condições ideais (ver texto 4). O local era procurado com relativa frequência por caravanas comerciais do Sul (Ambaquistas, Cokwe, Mbangala, Bienos) que aqui compravam escravos (exclusivamente mulheres) e borracha. O marfim já quase que não existia, pois, após cerca de quinze anos de comércio, que se sucederam à introdução das armas de fogo, o elefante já se encontrava extinto ou abandonara a região. O *kalamba* que governava na altura, mostrou-se aberto aos conselhos de Pogge, a hospitalidade geral para com este era grande, Pogge “não era incomodado de forma alguma” pelos nativos “com visitas ou pedinchices” e a “humildade e simpatia” destes contribuíam muito para a “paz e conforto” da sua estadia ali. Da Europa, havia introduzido o trigo de Verão, a cevada e o trevo vermelho, de Malanje, havia importado batatas e, de Nyangwe, arroz e algum sésamo. Bananas, couves, tomates e tabaco cresceram de imediato nos campos da nova estação, por ele cultivados. Além disso, Pogge levou o *kalamba* a revogar a proibição da posse de animais domésticos, decretada há dez anos, no seguimento da introdução do culto da liamba (*cannabis*).

Mas estas circunstâncias idílicas não duraram muito tempo. Embora Pogge continuasse a ter todo o apoio do *kalamba*, começaram a surgir cada vez mais vozes críticas contra a sua prolongada presença. O chefe foi várias vezes avisado de que viriam cada vez mais brancos que acabariam por se apossar do seu território. Chegaram até a ameaçá-lo de que lhe bloqueariam as rotas do Cassai. Mas, naquela altura, o *kalamba* ainda respondeu “que os Brancos não o prejudicariam e, se as gentes do Mukanjanga [Cokwe] impedissem a travessia do rio, só se prejudicariam a si próprios, acabando por empobrecer, uma vez que o comércio acabaria.” (1883-1885c: 244). Todavia, o *kalamba* não parece ter ficado completamente alheio à situação, sentindo inteiramente a ambivalência da sua posição. Durante muito tempo, Pogge conseguiu tirar partido desta situação: “Kalamba sabe, que o sucesso da estação pode terminar se ele não tratar os enviados do Mona Puta [*i.e.* Mwene Mputu, o Rei de Portugal; aqui: o Branco] de acordo com os desejos deles e, a verdade é que teme cair em desgraça perante o senhor dos Brancos (por conta do qual eu realizo aqui todas as negociações), o grande detentor do poder sobre todos os oceanos e países, que vive temporariamente sobre as águas e também debaixo delas. O chefe tem toda a razão em assegurar a estadia permanente de um Branco no seu território. O seu poder e autoridade aumentaram consideravelmente, depois da viagem [conjunta] ao Lualaba, de tal maneira que ele pode mesmo ser considerado o chefe Baschilangue mais poderoso. Para enaltecer o seu grande feito, ele passou a usar genericamente o nome Lualaba [...], construiu uma casa maior no estilo de construção de Nyangwe [...] e fez tudo o que pôde, até agora sem resultados, para instalar aí os seus inúmeros Bena Katschia e fundar um segundo grande Nyangwe.” (1883-1885b: 181-182). O seu rival Quinguengue imitá-lo-ia mais tarde. Por altura de uma visita à sua residência, em Junho de 1883, Pogge

encontrou todas as pequenas aldeias vizinhas abandonadas. O explorador alemão tornou-se assim, depois dos Cokwe e os Mbangala, num promotor de mudanças duradouras entre os Luluwa.

Tentou compensar a sua posição, que no fundo era fraca, envolvendo-se em intrigas políticas. Quando mais tarde se tornou problemático arranjar géneros alimentícios, ameaçou *kalamba*, de que iria ter com Quinguengue para “assim aumentar o ciúme de Calambá e levá-lo a mandar-lhe géneros alimentícios.” (*ibid.*: 250). Quando o *kalamba* proibiu os carregadores de fazerem comércio nos territórios situados para lá do Lulua, para não perder o seu monopólio comercial, Pogge ameaçou-o de que, assim, mais nenhum Branco viria de Malanje ter com ele.

Algumas ideias religiosas do seu anfitrião puderam também ser instrumentalizadas para proveito próprio. Assim, o intérprete de Pogge convenceu os ouvintes em Muquengue, de que os sons provenientes de uma caixa de música que haviam trazido, eram “a voz do Fidi-Muculo, o Deus dos Kasselange [Chilangue]” e Pogge sobe tirar partido disso, passando “a figurar aqui como Kassongo, o irmão de Kalamba, ressuscitado das grandes águas como branco, o grande reformador da liamba e fundador desta pequena dinastia, que enquanto chefe dos Bena Katschia, morreu de doença numa viagem em Kioko [no território dos Cokwe].” (1883-1885b: 184)

Mas, a ideia de receber, sem que houvesse uma retribuição palpável não deu certa. Já no final de 1882, Paul Pogge encontrava-se numa situação desesperada. As suas provisões estavam esgotadas, os géneros alimentícios encontravam-se estragados e em quantidade insuficiente, a sua saúde arruinada. Mesmo aqui em África, a hospitalidade unilateral para com um branco, inicialmente muito bem-vindo, não podia durar eternamente. Quando Germano, o intérprete de Pogge, veio, em Julho de 1883, com uma comitiva de Malanje, trazer reabastecimento, isso não foi suficiente para oferecer ao *kalamba* os presentes de recompensa devidos. Para Pogge que passou, em Muquengue, de portador de esperança de uma riqueza futura, a pobre diabo e que não tinha conseguido (naquilo que escreveu) abandonar, pelo menos teoricamente, a sua perspectiva eurocêntrica, desvaneceu-se assim, no fim da sua vida, uma grande miragem.

Textos

1. Im Reiche des Muata-Jamvo [No reino do Muata-Jamvo], 1880: 52-53

Durante o transporte, os escravos levam uma vida miserável. Geralmente são acorrentados em grupos de 4 a 8 homens, de forma a que as correntes fiquem algemadas aos pulsos com guizos. Quando o guia desconfia que eles podem fugir, põem-lhes ainda correntes à volta dos tornozelos, durante a noite. Apesar disso, dá-se por vezes a fuga de um grupo de acorrentados, principalmente

quando são obrigados a passar fome. Nessa altura, aproveitam geralmente uma oportunidade adequada e correm para o mato, escondendo-se até à noite, a fim de encontrarem abrigo temporário algures numa aldeia de negros. Aí são sempre bem-vindos e geralmente o traficante de escravos não os consegue recuperar no país dos Kioko [Cokwe], mesmo que os persiga com o faro de um cão de caça. Um Kioko não os restitui, ou então exige uma recompensa tão grande, que o negociante dá graças por comprar o escravo pela segunda vez. – No geral, não é frequente os chefes [das caravanas] castigarem os escravos; no entanto, muitas vezes os mantimentos são tão reduzidos durante a viagem, que eles não conseguem fornecer às gentes, as rações necessárias. Por um lado, [porque] as caravanas são muito grandes e por outro, [porque] após as suas transacções comerciais, restam aos chefes muito poucos artigos para a viagem de regresso. Os escravos vestem-se de forma muito precária. Um bocado de pele de animal ou algumas folhas servem-lhes [...] de indumentária. Porém, esta gente contenta-se facilmente com o seu destino, nomeadamente quando tem o suficiente para viver, pois, na realidade é comparável a uma peça de gado. Pode presumir-se que um escravo que se tenha habituado de tal forma ao seu amo, que já não receie ser comido por ele, não aceite de boa vontade a liberdade que lhe é oferecida, caso isso implique o cessar, por parte do seu amo, de o alimentar ou até de o vestir com fazenda. O senhor Saturnino [de Sousa Machado] mantém os seus escravos em Kimbundo [Quimbundo], dando-lhes comida e vestuário, quando eles executam pequenos trabalhos leves, de acordo com as suas orientações. Os seus escravos levam uma vida completamente livre, fazem até negócios, por iniciativa própria, com os indígenas e casam-se entre si; além disso, aceitam tacitamente o direito penal vigente em cada uma das regiões, de forma que entre si expiam todo o tipo de transgressões. Com o seu salário que geralmente consiste em fazenda, deslocam-se entre as localidades da sua região, fazendo negócio. Como gozam de tantas liberdades, estas gentes são muito fiáveis, pelo que, muitas vezes, são enviadas, como mensageiros, com cartas, para Malange. Por vezes acontece ausentarem-se durante meses, pelo que se infere que elas se evadiram; contudo, quando a fazenda se acaba, regressam muitas vezes com todo o vagar e com uma desculpa esfarrapada. A escravatura encontra-se na carne e no sangue dos negros; a abolição da mesma representaria o fim de toda a vida negra na sua forma actual. O meu prognóstico em relação aos missionários que queriam tentar pôr fim à escravatura a Leste do rio Quango, é desfavorável. Se a Europa civilizada quiser extinguir a escravatura no interior de África, terá de extinguir o próprio negro, ou então misturar o seu sangue original com outro.

2. “*Ueber die Verwendung von Elephanten bei Afrika-Reisen und Anlage von Stationen*” [*Sobre a utilização de elefantes nas viagens em África e na fundação de estações*], 1879a: 120

Aconselho os viajantes em África a deslocar-se segundo o costume da região, ou seja, na África equatorial, com carregadores. Muitas expedições africanas falharam e continuarão a falhar, por causa da grandiosidade do seu equipamento. De facto, estas mais parecem expedições de guerra do que de viagem. Eu por mim tenho muito mais confiança nas pequenas expedições mal equipadas do que nas grandes. Uma pequena expedição que leva consigo apenas o equipamento estritamente necessário: artigos para troca, vestuário, armas, instrumentos, etc., será comparativamente mais bem recebida por todas as tribos e viajará sem obstáculos, se os seus membros respeitarem as leis do país e tratarem as pessoas com sensatez e paciência, do que as grandes que, sem excepção acabam por despertar a suspeita dos desconfiados indígenas, ou dos seus chefes, e, valendo-se do seu poder, impõem a vontade através da força. O viajante que acate a minha opinião, poderá viajar a partir do Oeste, ou seja, de Angola, com meios bastante escassos, enquanto que as grandes expedições terão todas as hipóteses de gastar desnecessariamente grandes quantias de dinheiro.

Na Europa, corria ou talvez ainda corra o boato de que os europeus de nacionalidade portuguesa seriam malquistos pelos indígenas do interior e não poderiam viajar por esses territórios. O boato é falso. O africano do interior só conhece *uma* nação europeia, ou seja, “o homem branco, o senhor das grandes águas”, que é bem-vindo em toda a parte, desde que aja em conformidade com as leis do país e, se possível, traga consigo artigos europeus. Embora só muito poucos portugueses europeus partam de Angola em direcção ao interior (os comerciantes negros em Angola também se dizem portugueses), são precisamente estes que podem servir de modelo a um viajante. Viajam, mais ou menos, de um modo tão simples como os comerciantes indígenas. Prescindindo de todo o conforto, viajam para o interior por longos períodos de tempo, levando consigo os habituais artigos para troca, em caravanas mal equipadas com mosquetes. Conhecem e respeitam as leis das diferentes regiões; tratam bem a sua gente e os indígenas, são tolerantes e, em caso de conflito, não insistem nos seus princípios, mas são mais espertos e cedem quando é preciso.

Por isso, o negro do litoral tem confiança no viajante português que lhe é familiar e prefere, de longe, acompanhá-lo em viagens ao interior, do que ao novo europeu, cujos costumes e formas de tratamento lhe são estranhas.

3. *Im Reiche des Muata-Jamvo [No reino do Muata-Jamvo], 1880: 224-236*

História das origens do reino do Muata Jamwo e do reino de Kasembe

A história destes dois reinos é retirada dos relatos do velho Dezerra [*i.e.* Lourenço Bezerra] na Mussumba, que afirmava que o falecido Muata Jamwo [Muteba resp. Muteb a Chicomb, 1857-1873/74], com quem tinha uma relação de amizade, gostava muito de aproveitar qualquer oportunidade para lhe contar as origens do seu reino.

1. A Leste da Mussumba, entre os rios Lubilasch e Lualaba, vivia o grande chefe Tombo-Mokulo. Este tinha quatro filhos, o primeiro dos quais se chamava Kanjika, o segundo Kassongo-Nomuimbo, o terceiro Kibinda-Illunga e o quarto Maju. Kanjika tinha o título e a dignidade de ministro e, como tal, era chamado Mona Auta, ou seja, primeiro filho do estado. O segundo tinha o cognome de Chana-Mulopo [Nswan Mulapw], ou seja, filho das armas [está trocado: este é que é o “Mona Auta”]. O terceiro filho, Kibinda(caçador)-Illunga, não tinha título nem dignidade, levando uma vida de caçador livre e sem compromissos. Como Tombo-Mokulo viveu muito tempo e os filhos estavam a envelhecer, Kanjika e Maju partiram para o Norte, onde conquistaram territórios e fundaram o actual reino do grande chefe Kanjika. É provável que a região de Maju [Mai], a Norte de Kimbundo, esteja também relacionada com este chefe Maju.

Na Lunda, junto ao rio Kalangi [Calanhi], vivia o chefe Jamwo com dois filhos e uma filha. O seu povo era fraco e desajeitado; mas ele sabia preparar vinho a partir da palmeira “bourdão” [bordão] e fazer kikanga’s (esteiras de palha). A primeira destas duas artes, só a praticava para si mesmo, para aborrecimento dos seus dois filhos. Quando, um dia, estava a fazer uma kikanga, tinha à sua frente uma panela com água, que é necessária a esta actividade. Os dois filhos apareceram e pensaram que o que o pai tinha diante de si era vinho, pois tinha chovido e a água pareceu-lhes um pouco turva. A pedido dos filhos, o pai deu-lhes o pretensio vinho. Mas, quando estes viram que se tinham enganado e que tinham sido ludibriados pelo pai, ficaram furiosos e desentenderam-se de tal forma com o pai, que acabaram por fugir com receio do castigo. Em consequência disto, o pai repudiou os filhos e, como sinal de que deveria ser a filha a suceder-lhe no governo do estado, deu-lhe o lukano: uma bracelete composta por um aro de cobre envolto por uma camada muito grossa de tendões de elefante e talvez também da pele deste animal, que parece uma pequena salsicha redonda.

Após a morte do velho Jamwo, o governo ficou a cargo da princesa ainda solteira. Estando uma expedição de caça desta princesa a caçar entre o rio Kalangi e o Lubilasch, encontrou-se aí com o terceiro filho de Tombo Mokulo, o Kibinda-Illunga, e a habilidade do Kibinda atraiu a atenção das gentes lunda. Estas convenceram o filho do chefe a ir com eles ter com a sua rainha, após o que ele se casou com ela e assumiu o governo do estado sob o nome de Jamwo. Como chefe Jamwo, Kibinda travou muitas guerras vitoriosas contra outros

chefes na região da Lunda, conquistando os territórios deles, e a sua gente passou a chamá-lo Muata Jamwo, ou seja, grande pai Jamwo. Este Muata Jamwo deu origem ao nome de “Matiamwo” actualmente usado no reino da Lunda, uma vez que os Kalunda efectuam a contracção dos dois nomes num só termo. Um chefe do reino da Lunda que não se quis submeter, fugiu com a sua gente para Oeste do rio Quango, para o território dos europeus. Quando o governo português se encontrava junto ao rio Quanza, numa situação de conflito com a rainha Ginja [*i.e.* Njinga a Mbande Ana de Sousa, 1582?-1663], este chefe fugido, de nome Kinguri, pediu ao governo que lhe desse terras onde se pudesse estabelecer, e o governo indicou ao Kinguri e à sua gente a actual região de Kassange, como local de fixação.

2. Como na região da Lunda havia pouco sal, um Muata Jamwo que então governava, enviou uma grande expedição para Leste do seu local de residência, a fim de procurar sal. A expedição, conduzida por numerosos grandes senhores, descobriu, após prolongada viagem, uma região habitada onde existia muito sal. Durante a viagem de regresso, os kilolo's, nome que aqui se dá aos grandes senhores, decidiram não contar a sua descoberta ao seu governante, uma vez que a sua terra natal era a mais fértil e bonita que alguma vez haviam visto e que temiam que o Muata Jamwo pudesse mudar o seu local de residência, para se estabelecer lá, assim que lhe contassem o achado de sal. Quando regressaram, mentiram ao seu chefe, dizendo que não tinham encontrado sal. Contudo, um escravo que tinha participado na expedição, denunciou os kilolo's e participou o achado ao Muata Jamwo. Como recompensa, o Muata Jamwo fez do escravo um kilolo e nomeou-o chefe da zona do sal a conquistar. Foi-lhe confiada a chefia de um grande poder armado e ele conquistou o território e estabeleceu-se no local como chefe tributário do Muata Jamwo. (Ao fim de três anos sem pagar tributos, o actual grande chefe Muata Kasembe enviou, em Dezembro de 1875, uma caravana com escravos, sal e cobre para Mussumba. No ano anterior, um animal feroz tinha provocado repetidos prejuízos e dilacerado pessoas, na localidade de Kasembe. Os adivinhos locais haviam alegado que a fera estaria a punir a desobediência do chefe Kasembe para com o Muata Jamwo. Esta foi a razão por que a dita caravana apareceu na Mussumba).

O reino e a corte do Muata Jamwo

O reino da Lunda está dividido em diversas grandes e pequenas regiões, governadas por chefes mais ou menos poderosos, denominados muata's, mona's e muene's. Estes estão, na sua totalidade, subordinados ao chefe supremo da Lunda, de modo que a sua organização pode ser comparada com a de um estado feudal da Idade Média. O Muata Jamwo é o governante supremo da região e tem o direito de conceder aqueles territórios a quem lhe aprover e de demitir ou nomear chefes. Estes têm de lhe pagar tributos, de pôr à sua disposição

tropas auxiliares em caso de guerra e de satisfazer sem demora qualquer pedido do senhor feudal, enquanto que eles, por sua vez, dependem dos tributos dos chefes subalternos dos seus distritos. Estes tributos não obedecem a uma regulamentação fixa. Cada habitante de uma aldeia dá o que pode, por exemplo, a quarta parte de um animal caçado ou a presa de um elefante, peles de leão ou leopardo, alimentos, etc. Além disso, a comunidade costuma realizar trabalhos forçados, ajudando o chefe na construção ou reparação das suas casas, bem como nas plantações. Tão pouco existem regulamentos fixos em relação a como e quando os chefes devem pagar o seu tributo ao Muata Jamwo, pelo que não podemos, ou devemos basear-nos num determinado princípio jurídico ou legal, quando falamos de uma comunidade negra em sentido lato ou estrito. Se quisermos, apesar de tudo, traçar uma analogia em relação à realidade europeia, [constatamos que] em relação ao negro, só se pode falar de direitos costumeiros, que, às vezes, não são rigorosamente cumpridos. Os habitantes de uma aldeia costumam denominar-se os filhos do seu chefe e, em conformidade com isto, a relação entre eles é uma relação inteiramente patriarcal.

De uma maneira geral, pode admitir-se que os grandes chefes são obrigados a enviar todos os anos a sua caravana de tributos para a Mussumba. Estas caravanas partem em diversas alturas, mas, na maioria das vezes fazem-no na estação seca ou no início das pequenas chuvas, a fim de alcançarem a capital antes da grande estação das chuvas. Os chefes menores que vivem nas proximidades da residência real costumam enviar tributos mais de uma vez por ano, uma vez que estão expostos a um controle mais apertado e eventualmente a castigos. Os que vivem em regiões mais afastadas costumam ser mais desleixados, chegando, por vezes, a desistir das suas obrigações, apoiando-se no seu poder ou na grande distância em relação à capital. O tipo de tributo depende dos produtos de cada região. Algumas regiões fornecem marfim, outras, como Kasembe, sal ou cobre, o Norte do reino, artigos de verga feitos de capim, outras caravanas ainda, fornecem peles de animais e escravos e os chefes que vivem mais perto da costa talvez forneçam pólvora e fazenda de vez em quando.

Se um chefe for fiel ao seu senhor feudal, o Muata Jamwo preocupa-se pouco, ou nada, com a situação do seu território e deixa-o agir à vontade. Assim, as diferentes tribos do reino da Lunda têm diferentes usos e costumes e a determinação dos cargos de chefia ocorre de acordo com as leis tradicionais, sem a intromissão do senhor feudal. Num distrito kioko, por exemplo, o sucessor é o filho da irmã mais velha do falecido chefe, enquanto que, num distrito kalunda, é o filho mais velho que sucede ao seu pai.

O rei supremo, ou Muata Jamwo, está rodeado por um séquito composto pelos grandes dignitários do reino, bem como por numerosos negros livres e abastados, denominados kilolo's. A mais alta dignitária é a lukokescha [*rukonkesh*] da altura, uma senhora solteira que, desde que existe o reino da Lunda, governa de modo absoluto e isento de tributos, ao lado do Muata

Jamwo. Ela é considerada a mãe de todos os Muata Jamwo's e suas famílias e tem o poder de decisão na eleição destes. Possui também a sua própria corte e domina certas aldeias e distritos que só a ela pagam tributos. Em termos hierárquicos, os que lhe estão mais próximos são os kannapumba's, ou seja, os kilolo's que são conselheiros do rei. Quatro deles têm o dever de escolher o novo Muata Jamwo, bem como a nova lukokescha, em caso de morte; são eles:

1. Mona Auta, o primeiro filho do estado;
2. Chana Mulopo, o segundo filho;
3. Mona Kalala, o filho das armas [cf. acima];
4. Muari Vaueji, o cozinheiro do estado.

Além disso, o rei tem ministros especiais, também chamados kannapumba's, que possuem um estatuto inferior e cujo conselho só é pedido em ocasiões de somenos importância. Os restantes kilolo's, ou grandes senhores, que moram na Mussumba, são utilizados pelo rei ou pela lukokescha, como enviados ou como funcionários policiais (kaquata's), como dirigentes das expedições de caça aos elefantes (kibinda's), ou como chefes de distrito (mona's ou muene's). Muitos dos kilolo's e nomeadamente os kannapumba's principais recebem do rei distritos como feudo, mesmo que vivam na Mussumba.

Quando morre um Muata Jamwo, os quatro conselheiros principais acima referidos elegem o seu sucessor que, antes de tomar posse do cargo, tem de conquistar a anuência da lukokescha que tem em suas mãos o poder de decisão. O novo Muata Jamwo tem sempre de ser filho de outro Muata Jamwo e, mais precisamente, de uma das suas duas mulheres principais, da amari ou da temena. De igual modo, uma nova lukokescha é também eleita pelos mesmos quatro conselheiros, tendo estes que pedir o consentimento do Muata Jamwo. Também ela [a lukokescha] tem de ser filha de um Muata Jamwo e de uma das suas duas principais mulheres. As vagas para os quatro conselheiros são preenchidas pelo rei que, no entanto, é condicionado pelo facto de só um filho de um antigo kannapumba e de uma das suas mulheres livres ser elegível. Também o kilolo é escolhido pelo rei, de modo que os filhos dos kilolo's e das suas mulheres livres são apenas negros livres comuns. Contudo, os filhos do Muata Jamwo e das suas mulheres livres são kilolo's *ipso jure*.

A capital da Lunda e sede da residência real é a Mussumba, que significa "grande acampamento". Esta muda de localização sempre que há uma mudança de governante, uma vez que, após a morte do rei, a velha kipanga (cerca) é demolida e se constrói uma nova. Isto explica os diversos nomes e as diferentes localizações da capital do reino de Kabebe, como por exemplo, Lumbatta [*sic*], Quizememe, etc. Todas estas residências reais situam-se, porém, na planície muito fértil entre os rios Kalangi [Calanhi] e Luisa e, na maioria das vezes não se encontram muito afastadas do primeiro, porque o primeiro dos 13 Muata

Jamwo's existentes até agora, vivia num local não muito distante a Leste deste rio que, de certo modo, é considerado sagrado. Um pouco mais a Norte, na margem Leste do rio, situa-se o cemitério de todos os falecidos reis, denominado "Enzai", cuja localização influenciou desde sempre a escolha da Mussumba pelos sucessores. Essa escolha sempre lhes foi facilitada, já que toda a planície é fértil e irrigada por ribeiros que fornecem água potável fresca e salutar.

A actual Mussumba, situada a 1¼ milhas a sul do Enzai, chama-se Quizememe ou Kauilla e tem o comprimento de cerca de meia milha alemã. O seu extremo Sul é composto por residências afastadas entre si, muitas das quais estão rodeadas por uma cerca de 5 a 6 pés de altura e se situam de um lado e de outro de um caminho com 3-4 pés de largura. Este estende-se de Sul para Norte, em linha recta e, a cerca de 10 minutos da residência do Muata Jamwo torna-se tão largo como uma estrada normal, sendo mantido limpo com a enxada. As residências e cubatas vão-se tornando cada vez mais próximas entre si até pouco antes de um terreiro livre com 200 passos quadrados, atrás do qual se situa a residência do rei. Esta é delimitada por uma cerca muito densa e acabada de fazer, com 10 pés de altura, que, no sentido de Sul-Norte, abrange uma extensão de cerca de 500 passos e no sentido Este-Oeste abrange uma extensão de 250 passos.¹ No lado ocidental deste quadrado fechado situa-se a residência da mulher principal, a amari; frente a esta, do lado oriental, a da temena, ambas delimitadas por cercas com a altura de 10 pés. No meio, encontram-se grandes terreiros individuais quadrados, rodeados por cercas, nos quais se erguem cavaletes de madeira, com cabeças humanas rudemente talhadas em madeira, que servem de feitiço. Atrás destes, encontram-se então as diversas cubatas do governante, cada uma com a sua cerca particular. Todas elas são muito grandes e altas, e algumas são guarnecidas com torreões de capim, com 2-3 pés de altura. Contudo, a sua entrada é tão baixa como a da cubata de qualquer negro kalunda comum, de modo que só se consegue entrar nela de gatas. De ambos os lados destas cubatas reais, existem longos corredores, paralelos às cercas, em que, do lado ocidental vivem alguns kilolo's com os seus escravos que prestam serviços de camareiros, enquanto que, do lado oriental residem as mulheres escravas do rei, cada qual na sua própria cubata.

A kipanga do Muata Jamwo é um verdadeiro labirinto, de modo que a orientação na mesma é quase impossível sem um mapa. A kipanga actual ainda não estava totalmente pronta, já que ainda se trabalhava na construção de alguns

¹ Nota de Paul Pogge: Como estacas da cerca, separadas por uma distância de 15-20 passos, utilizam-se aqui, como em muitas cercaduras dos grandes senhores da Mussumba, árvores vivas plantadas mais ou menos da mesma maneira que nós plantamos novos vimeiros, ou seja, enterrando simplesmente hastes cortadas no solo durante a época das chuvas. Pouco tempo depois, [estas hastes] dão folhas e ramos e crescem até se tornarem árvores de porte considerável, que dão bastante sombra. Na terra dos Kalunda, planta-se sempre este tipo de árvore para o efeito.

fundo's. A entrada e saída oficial situa-se no extremo Sul e consiste numa porta com 8 pés de altura e 5 de largura, feita de ramos de palmeira "bourdão"; sobre a porta pende um feixe de ramos secos e, de cada um dos lados, encontram-se cerca de 100 a 200 crânios humanos colocados ou afixados sobre o muro. Dois guardas estão aí de sentinela, permitindo ou negando o acesso das visitas. No lado Norte existe também um portão que, contudo, se destina apenas ao rei e ao seu séquito. Frente a este, existe igualmente um grande terreiro utilizado como local de mercado e para a realização de execuções, enquanto que o terreiro do lado Sul serve para as assembleias populares e para as danças.

De ambos os lados da kipanga do rei, existem caminhos largos, orientados de Sul para Norte. A Leste, junto ao caminho, situa-se a residência da lukokescha e a Oeste, as habitações dos negros. Para lá do terreiro, no extremo Norte da kipanga, o caminho largo continua por entre as habitações do povo que se seguem densamente umas às outras e que terminam ao fim de cerca de 600-800 passos. O caminho prossegue em linha recta, durante mais 10 minutos, em direcção a uma segunda residência da lukokescha. 10 minutos mais adiante, no sentido Norte, começam as florestas da margem do rio Kalangi [Calanhi].

O número de habitantes da Mussumba estima-se por alto em 8000-10000 almas, residentes não só nas proximidades imediatas da kipanga do Muata Jamwo e do caminho largo, mas frequentemente distribuídas por uma área de ¼ de milha ou mais do centro.

O Muata Jamwo é um autocrata e senhor da vida e da morte dos seus súbditos, com excepção da lukokescha. O governante está sempre rodeado por numerosos kilolo's que zelam pela sua protecção e que simultaneamente cuidam para que ele não se embebede e não fume.² Por outro lado, ninguém pode assistir à ingestão de comida ou bebida pelo governante e qualquer súbdito que inadvertidamente surpreendesse o monarca durante essas actividades, seria incondicionalmente condenado à morte. O Muata Jamwo tem as suas próprias cozinheiras, os seus feiticeiros, ferreiros, cabeleireiros, os seus próprios ajudantes e criados, os seus próprios músicos, um determinado algoz, etc.³ Quando o Muata Jamwo deixa a sua kipanga, é carregado na sua tipóia ou às costas de um escravo.

Em caso de acontecimentos ou planos importantes, o Muata Jamwo tem, por tradição, de pedir conselho à lukokescha e aos quatro membros do conselho superior do estado; para as coisas sem importância, costuma aconselhar-se com dois kannapumba's subalternos, seus ministros. Além disso, em assembleias populares, qualquer kilolo tem o direito de exprimir o seu ponto de vista, sendo

² Nota de Paul Pogge: Estas medidas de precaução são observadas, para impedir actos de crueldade motivados por um possível estado de irresponsabilidade do governante.

³ Nota de Paul Pogge: Este último fazia muitas vezes parte do séquito do governante, a fim de executar de imediato possíveis ordens. O mesmo chamou a minha atenção pelo bigode que eu nunca vi em nenhum outro indígena da Mussumba.

que estas práticas são, na maioria das vezes, seguidas piamente pelos governantes, uma vez que estes têm de ter em grande conta, por uma questão de popularidade, a conservação deste antigo costume sagrado. As suas políticas contemplam principalmente o bem-estar e as carências da Mussumba, a prevenção em relação aos feitiços e à feitiçaria, a vigilância dos bons costumes das mulheres casadas, a punição de faltas, roubos, etc. Quando não, reportam-se à guerra, ao roubo e caça aos escravos, à protecção de caravanas comerciais e ao envio das suas próprias caravanas para Kimbundo e Kassange, do outro lado do Quango, tendo como objectivo a troca de mercadorias.

No que respeita aos assuntos externos, encontram-se em primeira linha, as expedições com 200 a 400 homens armados, na sua maioria filhos de alforriados e escravos da Mussumba, enviados para a zona situada entre os rios Kalangi e Lulua, onde reside a tribo canibal dos Kauanda. Sob o comando de um grande senhor e, em parte, armados com armas de fogo, enquanto que a maioria possui apenas a assegaia, o arco e as flechas, procuram roubar pessoas e gado no território dos Kauanda. Estas quadrilhas de ladrões beneficiam do facto de o próprio Muata Jamwo ser considerado invencível e sagrado pelos seus inimigos residentes nas proximidades da Mussumba, de tal modo que o mero aparecimento dos seus soldados é suficiente para causar o pânico. A região Sul de Kauanda, situada até uma distância de 4 dias de viagem da Mussumba, acabou por se submeter ao Muata Jamwo e paga tributo, enquanto que o Norte, para lá da confluência do Luisa no Lulua, é considerado como o verdadeiro território inimigo.

O saque obtido pelos escravos do governante nestes assaltos pertence ao último, bem como metade dos prisioneiros feitos por outros soldados. O seu antecessor [*i.e.* Muteba resp. Muteb a Chicomb] fora mais modesto, satisfazendo-se com 30% do saque. Este tipo de expedição continua provavelmente a fazer-se, embora o governante em pessoa só costume participar uma vez por ano, durante a estação seca, após a queimada do capim alto, ou seja, em Junho, num assalto ou expedição militar. Estas expedições são preparadas com grande pompa. Primeiro, o Muata Jamwo anuncia a sua intenção numa grande assembleia popular, após o que parte, acompanhado pela lukokescha, por todos os grandes senhores do reino e pelo seu séquito de escravos, sendo carregado numa tipóia, tal como a lukokescha e os grandes senhores. Como estas expedições, segundo me disseram, duram apenas 8-14 dias, podemos presumir que o Muata Jamwo não se afasta muito da Mussumba, assaltando provavelmente a região Sul do território dos Kauanda, ainda habitada e que lhe paga tributos. Em épocas anteriores, os Muata Jamwo's terão empreendido verdadeiras grandes guerras, nomeadamente contra o Muata Kanjika que residia a cerca de 20 dias de viagem a Norte da Mussumba. Depois de uma guerra que durou anos, junto ao rio Lubilasch, na qual, num ano morreu um Muata Kanjika

em combate e, no seguinte, um Muata Jamwo, os dois chefes fizeram um acordo de paz e passaram a viver em boas relações.

As caravanas comerciais que se instalam na Mussumba encontram-se sob a protecção, mas não sob as rigorosas leis do país, obtendo do Muata Jamwo e da lukokescha o fornecimento de mantimentos. Em caso de conflito entre estas e os indígenas, o rei costuma tomar o partido dos primeiros. Geralmente é ele que decide o local onde essas caravanas devem montar o acampamento na Mussumba e elas só podem deixar o local com a expressa autorização dele, uma vez que tanto ele como os grandes senhores da Mussumba empreendem todos os esforços para atrair as caravanas comerciais. Além disso, o Muata Jamwo prepara as suas próprias caravanas, enviando-as geralmente para Kimbundo, sob comando de um kaquata, a fim de adquirir artigos europeus através da troca. Estas expedições, tal como as que são enviadas com o objectivo de punir pequenos chefes, são obrigatoriamente acolhidas e recebem alimentação gratuita em todas as aldeias, um privilégio de que os kaquata's abusam regularmente, nomeadamente nos territórios em que a autoridade do seu rei não é muito respeitada. As aldeias mais pequenas são pura e simplesmente saqueadas e roubadas por estes kaquata's e, se um viajante tem a infelicidade seguir imediatamente atrás deles, depara-se muitas vezes com aldeias abandonadas, já que, na maioria das vezes, os habitantes das mesmas fugiram.

Aqueles kaquata's que, muitas vezes, são enviados para locais situados a uma grande distância da Mussumba, a fim de punir outros chefes, são regularmente incumbidos de executar os mesmos, conseguindo habitualmente atingir o seu objectivo, mesmo quando são acompanhados apenas por um pequeno grupo mal armado, uma vez que, como enviados do Muata Jamwo, estão envolvidos pela aura deste. Contudo, essa aura termina a Oeste do rio Kassai. Os kaquata's, nomeadamente os que são enviados para Kimbundo, enganam muitas vezes o seu senhor, desaparecendo frequentemente sem deixar rasto, com toda a reserva de marfim e escravos que lhes fora confiada.

Quando um Muata Jamwo está a morrer, os quatro conselheiros superiores reúnem-se na kipanga, enquanto o povo é incitado a afugentar os espíritos malévolos do leito do governante enfermo, através de cerimónias feiticistas. Em seguida, o sucessor designado, sobre cuja pessoa a lukokescha e o conselho real já haviam chegado a acordo, muitas vezes com vários anos de antecedência, dirige-se à residência da lukokescha, acompanhado pelos conselheiros, a fim de obter o seu consentimento definitivo. Quando se dá a morte, soa a mullanque para sinalizá-la: dois instrumentos de ferro, semelhantes aos nossos badalos das vacas, que se batem de encontro um ao outro. Logo na manhã seguinte, o cadáver adornado pelos kannapumba's com fazenda, missangas e outros ornamentos, é transportado em posição sentada, como se ainda existisse vida nele, na habitual tipóia, até à margem oriental do Kallangi [*sic*], ao local onde outrora viveu o fundador da dinastia. Ao lado do cadáver, está sentado um

kannapumba, para o segurar, e o cortejo sai da kipanga por uma porta secreta. Entretanto o novo governante é solenemente investido das insígnias do estado pelos kannapumba's, as quais são transmitidas pelos Muata Jamwos e a lukokescha. Estas consistem no lukano, uma bracelete feita de fibras de elefante; na krinda-tschinga, um peitilho de missangas e metal; na sala-kalongo, um grande penacho feito de penas de papagaio vermelhas; na lubembo, um ceptro de ferro em forma de foice e na lukonso, um tapete.

Logo após ter chegado ao caminho, o cadáver, rodeado por um grande cortejo, à cabeça do qual se encontram o novo governante e os seus conselheiros, é levado até ao rio Kalangi, onde permanece por algum tempo, durante o qual o cortejo realiza todo o tipo de cerimónias, com a participação do sacerdote feiticeiro. Só então o corpo é transportado para o Enzai, enquanto o novo governante permanece junto ao Kalangi, com um kannapumba e o seu escravo, tendo de passar uma noite ao relento naquele local. Só na manhã seguinte é que ele manda construir as cubatas, onde, de oito em oito dias, chora solitariamente o seu antecessor e observa certas tradições. Entre outras coisas, acende um novo fogo através do friccionar de paus de madeira, visto que o antigo fogo já não pode ser utilizado. Só ao nono dia é que a lukokescha e o conselho o vão buscar para a Mussumba, onde a antiga kipanga real foi queimada e em lugar da qual se ergue agora uma nova kipanga provisória. Ao chegar ao Enzai, o cadáver é colocado, em posição sentada, numa cova quadrada, com uma cobertura de ramos de palmeira “bourdão”, sobre a qual se atira terra. Durante o funeral, são executados pela espada um rapazinho e uma rapariguinha, à entrada do santuário. Os doze Muata Jamwo's falecidos até agora jazem aqui, lado a lado, na periferia de um círculo.

O actual Muata Jamwo [Mbumb Muteb a Kat] ocupa o cargo desde Maio de 1874, após ter vivido anteriormente, como Mona-Chanama [*sanam*], alternadamente em Tenga e em Mulemba junto ao Kassai. Embora o povo preferisse o muito amado filho primogénito do falecido Muata Jamwo, de nome “Umballo” [Mbala Kamong Iswot, 1874], para sucessor, o conselho e a lukokescha escolheram o Chanama e enviaram uma grande expedição para o trazer à Mussumba, porque Chanama se encontrava em constante conflito com a Mussumba e porque as caravanas comerciais vindas do Sul e do Oeste em direcção à Mussumba haviam fechado a rota pelo Kassai.

Após a sua chegada à Mussumba, Chanama que alimentava um rancor especial contra o falecido Muata Jamwo e que devia saber muito bem que Umballo, o filho dele, era apoiado pelo povo para sucessor, mandou imediatamente executar a Amari do falecido Muata Jamwo e o Umballo. O Muata Jamwo não conseguiu que lhe trouxessem as cabeças dos executados, por estar ocupado com as habituais cerimónias de coroação junto ao Kalangi. Por isso, o Muata Jamwo manifestou particular desconfiança, quando eu quis partir, como referi acima, para Leste da Mussumba; isto porque, durante a minha estadia, se

tinha espalhado o boato de que a amari e o Umballa não teriam sido executados, mas que teriam fugido para o Leste do Lubilasch, para a residência do grande chefe Kassongo, parente do Muata Jamwo. O Muata Jamwo, uma pessoa muito desconfiada, tinha confessado aos seus cortesãos mais próximos a possibilidade de, a Leste do Lubilasch, o Umballo pedir o meu auxílio e de conseguir ocupar o trono na Mussumba como favorito do povo. O velho Deserra assegura que tanto a amari como Umballo foram positivamente executados e que este boato não passava de um fantasma do Muata Jamwo.

Durante a sua estadia junto ao Kassai, o Muata Jamwo entrou em contacto com três europeus, nomeadamente com Saturnino [de Sousa Machado], com Dom Antonio, um espanhol, e com um negociante branco de Benguela. Em virtude destas visitas e das suas anteriores estadias nas proximidades das colónias dos brancos, o Muata Jamwo considera-se um parente dos brancos e procura incutir este laço de sangue entre os seus súbditos, através de uma certa semelhança física. Ao que parece, o comerciante de Benguela forneceu aguardente ao Muata Jamwo, de forma que, durante a minha estadia, o grande chefe, lembrando-se dessa bebida, não parou de me importunar com pedidos de aguardente.

4. “*Bericht über die Reise von Mukenge nach Nyangwe und zurück*”
[*Relato da viagem de ida e volta de Mukenge até Nyangwe*],
1883-1885a: 70-71 [Carta de 20.9.1882]

Quanto ao resto, não tenho razão de queixa. Pelo contrário, a região e as suas gentes correspondem, em todos os sentidos, aos desejos e às exigências da estação. Os *Tusselange* [Chilangue ou Luluwa], fumadores de liamba, ou seja, a facção da tribo que tem mais relações comerciais com os *Kioko* [Cokwe] e os *Bangela* [Mbangala], têm a meu ver maiores possibilidades de desenvolvimento, no que respeita às suas capacidades espirituais, comparativamente a todas as outras tribos que conheci no interior de África. Têm os seus grandes defeitos; o seu despudor e a sua devassidão são francamente revoltantes e a sua avidez comercial é tão grande, que é possível que o pai venda mulher e filho, a fim de adquirir algumas jardas de chita ou uma arma de fogo; porém, têm uma certa ambição. Pretendem ir um pouco mais longe, adquirir um estatuto mais elevado; e aqueles que conheço melhor já me colocaram, várias vezes, questões religiosas que revelam vestígios de fantasia. Os *Tusselange* locais são um povo que parece ter sido talhado para uma actividade missionária de sucesso. As suas leis penais são leves e não se tornam incómodas para o viajante, e a sua crença feiticista manifesta-se, compara-tivamente à dos *Kioko* e dos *Bangela*, de um modo brando, sendo que a cerimónia habitual de beber veneno é substituída pelo fumo de liamba. Os povos que não negoceiam com os *Kioko* ou com os europeus são considerados bárbaros pelos *Tusselange* e os usos e costumes,

instrumentos, armas, etc. que não se assemelham aos dos seus parceiros comerciais causam-lhes horror. [...] O chefe Kalamba Mukenge é efectivamente um bom homem; eu, pelo menos, não conheço um chefe negro melhor. Os viajantes de visita a Mukenge, não devem porém pensar que vão encontrar aqui um anjo de um chefe. Isso, ele não é. Trata-se sim de um verdadeiro negro, mas se, a propósito da sua caracterização, se pudesse falar daquelas qualidades de espírito, a que nós chamamos virtudes, eu diria talvez que Kalamba possui uma ou outra. Mas, para a estação, é o suficiente. Ele está aberto aos conselhos de um branco, até agora não tem sido descarado e incómodo no que respeita à pedincha e mostra-se pronto a disponibilizar pessoal, quando lhe é pedido, para o viajante branco e as suas viagens – naturalmente perante uma remuneração correspondente, que, por enquanto ainda pode ser considerada uma bagatela.



13 Coleção A. Schachtzabel: “*O mbueti*. Bengala de madeira castanha escura com um punho em forma de duas cabeças em cima do qual está sentada uma mulher com a cabeça apoiada nas mãos, com um colar de missangas ao pescoço. Ovimbundu (Ndalla).” Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 31694

ALFRED SCHACHTZABEL

Alfred Schachtzabel foi o primeiro etnólogo profissional que empreendeu pesquisas de campo em Angola. Nascido a 24 de Abril de 1887, em Halle junto do rio Saale, estudou primeiro na sua terra natal e mudou-se depois para Lúpsia, para estudar com Karl Weule que detinha ali a primeira cátedra independente de Etnologia. Schachtzabel fez o doutoramento sob a sua orientação, em 1911, com uma dissertação sobre “Die Siedlungsverhältnisse der Bantu-Neger” (As povoações dos negros bantu). Ainda no mesmo ano, conseguiu um emprego no Museu de Etnologia de Berlim, onde, com o decorrer do tempo, acabou por chegar a chefe de departamento. O acontecimento mais importante na carreira profissional de Schachtzabel foi a sua viagem de pesquisa e de recolha a Angola, ao serviço do Museu de Etnologia de Berlim, nos anos de 1913-1914, que terminou abruptamente com o eclodir da Primeira Guerra Mundial. Schachtzabel foi desterrado para Portugal e esperou pelo fim da Guerra em Espanha. Só em 1919 pôde regressar à Alemanha e, a 21 de Outubro, retomar o seu trabalho em Berlim. Em 1945, teve de abandonar antecipadamente o serviço, por estar politicamente comprometido com o regime nacional-socialista – era membro do partido NSDAP, desde 1933, – e a partir daí nunca mais se expressou publicamente sobre temas etnológicos. Schachtzabel fez parte dos etnólogos coloniais alemães, mas como as suas pesquisas em Angola não tiveram uma missão colonizadora e as suas ideias foram pouco divulgadas quer nos meios científicos, quer junto do público em geral, a sua influência foi quase nula. Schachtzabel faleceu com uma idade avançada, a 15 de Janeiro de 1981, em Saarbrücken.

O seu projecto para Angola ocorreu ainda numa época de intensas viagens de exploração, que, a partir de 1884, permitiu à Alemanha integrar-se no grupo das potências coloniais e que durou até à Primeira Guerra Mundial. Era porém um projecto atípico, pois não se orientava por princípios pronunciadamente nacionalistas, *i.e.* a pesquisa de campo não era realizada numa colónia alemã. Apesar do próprio Schachtzabel apontar como principal tarefa o “estudo dos indígenas no distrito” (de Benguela), a colecção etnográfica para o Museu de Etnologia de Berlim encontrava-se em primeiro plano.

No fim de Abril de 1913, o explorador chegou ao Lobito, de onde partiu de comboio para Benguela. Após uma estadia de alguns dias, partiu a 6 de Maio, no comboio de Benguela, para o Huambo, o fim da linha ferroviária de então. Tinha planeado seguir para Menongue por Caconda, Fortaleza Amélia e Galangue, e depois para Norte, até ao Bié (hoje Kuito). O seu destino principal era o território dos Ngangela do Sul. A rota da viagem acabou posteriormente por decorrer de outra forma, mas, no essencial, ele conseguiu concretizar o seu plano.

A 13 de Maio de 1913, Schachtzabel deixou a localidade de Huambo, numa carroça designada por “carro bóer”, puxada por oito bois, com duas toneladas de bagagem, três espingardas, um animal muar e a “equipa de acompanhamento”. Isto foi o verdadeiro começo da sua pesquisa de campo. Alguns trajectos foram mais tarde percorridos apenas com carregadores, dos quais eram necessários cinquenta ou sessenta, por vezes muito difíceis de arranjar, por ser altura do cultivo dos campos, ou porque os carregadores ngonyelu tinham medo dos Cokwe e os carregadores ngangela em redor da missão de Cubango, dos Kwanyama. Para as suas excursões em Catoco, Schachtzabel utilizou um boi-cavalo e, na região cokwe, deslocou-se num animal muar.

O seu itinerário levou-o primeiro a atravessar a região dos Ovimbundu – com uma pequena excursão a Feti (2.6.1913) – a Galangue (até 17.6.1913), depois à estação missionária de Cubango e aos Ngangela do Sul (até 8.10.1913), a seguir para Norte até aos Ngonyelu (até 17.12.1913) e finalmente para Oriente à região dos Cokwe, onde montou o seu acampamento durante o período das chuvas, junto ao rio Candala (até 8.5.1914). No caminho de regresso, passou por Menongue, pela missão de Cuchi junto ao rio Sendje (até 24.6.1914) e novamente pela missão de Cubango (até 6.8.1914) e depois de atravessar a região dos Nyemba, alcançou Caconda a 17.9.1914.

A missão de Cubango constituiu para Schachtzabel o primeiro alojamento fixo, já que ele foi obrigado a sair precipitadamente de Galangue, ao fim de uma semana, ou seja, mais cedo do que tinha planeado, por ter morto duas hienas, devido ao seu desconhecimento dos costumes locais (ver texto 1). Nos três meses e meio, em que esteve em Cubango, beneficiou bastante dos conhecimentos linguísticos e etnográficos dos missionários e da confiança que estes possuíam junto da população. Também levou ex-alunos da missão como empregados durante as suas outras viagens.

Já no início da viagem, entre os Ovimbundu, Schachtzabel teve a experiência de que, principalmente, as mulheres se comportavam de uma forma muito tímida e reservada. Por exemplo, quando ele foi “à aldeia mais próxima Mokambala para tirar algumas fotografias da festa das colheitas, a *tshikalanga*, ali realizada, as mulheres desapareceram todas para dentro das palhotas com a minha chegada e só voltaram a aparecer depois de me ter ido embora.” (1923: 26). Pouco depois verificou que “as mulheres mbundu [...] em Ndalla, assim como já em Capula, [eram] muito reservadas ao contrário dos seus homens, pelo que só muito dificilmente era possível pô-las à frente da máquina fotográfica.” (1923: 32)

Mais tarde, Schachtzabel evitou propositadamente, durante a sua viagem, os postos de administração europeus e fez questão de viver ele próprio nas aldeias africanas, o que provocou surpresa não só junto dos europeus, como também dos africanos. Mas os seus problemas para ganhar a confiança dos aldeões, repetiam-se. O mundo religioso e ideológico deles manteve-se praticamente um

enigma para ele: “Embora os Ngangela sejam certamente antigos portadores de cultura [...], não me foi possível vir a saber mais pormenores sobre os resultados dos processos espirituais dos povos primitivos e a construção do seu sistema religioso, aspectos altamente valiosos, do ponto de vista científico.” (1923: 106).

Ainda mais difícil foi a sua situação entre os Cokwe. Estes explicaram-lhe categoricamente que “nenhum Branco tinha vivido até agora nas proximidades imediatas das aldeias tjivokwe [cokwe] e que esta situação não deveria ser alterada.” Mas Schachtzabel não se deixou intimidar pela informação de que eles de outra forma não poderiam garantir a vida do seu pessoal. Nem a ameaça de que mudariam as suas aldeias para longe dele, o fez mudar de ideias. A sua reserva inicial desapareceu “quando eles compreenderam que o seu receio de eu ser um funcionário do Estado português disfarçado, querendo abrir uma estação no seu território, não tinha fundamento.” (1923: 130-131). Assim, ele acabou por poder alojar-se mais tarde, junto ao Candala por quatro meses, no seu acampamento da estação das chuvas, o segundo alojamento fixo desta viagem. Explicou [aos africanos] que não os “queria prejudicar como comerciante, mas sim viver no seu seio como um deles [...] fui ter com eles junto à fogueira nocturna na casa de reuniões e fumei do seu cachimbo de liamba que era passado de mão em mão ou pelo menos, fiz de conta que fumava, abanando os ombros e torcendo o corpo no meio deles como um verdadeiro Tjivokwe a dançar nas misteriosas noites de luar” (1923: 157) – uma tentativa de “observação participante” *avant la lettre*.

Depois de Schachtzabel se ter estabelecido entre os Cokwe, mandou os seus carregadores ngonyelu de volta para casa. Durante os meses seguintes ficou completamente afastado do mundo. Infelizmente a sua colecção e parte dos seus apontamentos desta região perderam-se, pelo que hoje o rendimento destes meses parece diminuto. Os carregadores que ele mandou para Menongue durante este período só no princípio de Maio lhe levaram dinheiro e o primeiro correio da Europa desde Novembro de 1913. Foi também nessa altura, após o fim da estação das chuvas, que regressaram os seus 62 carregadores ngonyelu, para o levarem a ele e às suas coisas de volta.

Depois de um caminho de regresso sem grandes interrupções, em que conseguiu evitar o confronto directo com quinhentos guerreiros kwanyama – que se encontravam precisamente na região por onde passava a rota, numa expedição militar –, Schachtzabel fez ainda uma paragem durante um mês, perto da aldeia de Maúve, entre os Nyemba. Foi aí que lhe chegou a notícia do começo da Primeira Guerra Mundial. Schachtzabel levantou imediatamente o seu acampamento e seguiu, por Caconda, até à estação ferroviária de Ganda, onde apanhou o comboio para a costa.

A 22 de Outubro de 1914, estava de volta a Benguela. Nesta cidade, pretendia esperar pelo fim da guerra, uma vez que a partir de Portugal já não

haveria possibilidade de regressar à Alemanha. Por isso, tencionava continuar as suas pesquisas em Angola. Mas a realidade foi outra. Entretanto, as pretensões alemãs em relação ao território angolano, o grave incidente de Naulila (19.10.1914) e suas consequências tinham aumentado de tal maneira a tensão entre alemães e portugueses, que qualquer alemão em território angolano se tornava rapidamente suspeito. Desta forma, também Schachtzabel esteve sob suspeita de espionagem. Foi preso provisoriamente no início de Novembro, levado para Luanda e expulso do território. As suas colecções que ainda não tinham sido enviadas para a Europa tiveram de ficar para trás.

Schachtzabel tinha originalmente planeado duas espécies de publicações: um “relato de viagem de carácter popular”, com base nos apontamentos do diário e nos mapas com as rotas, e uma “publicação científica”, para a qual tinha feito “apontamentos científicos”. O atraso e as circunstâncias do seu regresso à Alemanha, o facto de a sua elaboração ter sido iniciada ainda em Espanha, apenas com alguns documentos fragmentados, a penosa tentativa de descobrir as suas coisas deixadas em Angola, que se arrastou durante anos e, finalmente, a perda definitiva dos seus apontamentos e colecções impossibilitaram a concretização destes projectos. Talvez os seus planos também não se tivessem realizado sob circunstâncias mais propícias, uma vez que, pelos vistos, Schachtzabel não tinha muito jeito para o trabalho estritamente científico. A prova é que a partir de 1923 nunca mais publicou algo de essencial. A sua obra principal, *Im Hochland von Angola (No planalto de Angola)* (1923), na qual registou os acontecimentos da sua viagem de exploração, era apenas um misto de descrição de viagem e de monografia etnográfica, em que predominava uma forma de descrição científica de carácter popular. Ao lado de sete capítulos de relatos de viagem, estão três capítulos sobre a cultura dos Ngangela, um capítulo sobre a cultura dos Cokwe e um capítulo sobre “Angola sob domínio português”.

Possivelmente para salientar o seu carácter lúdico, as descrições de viagem são escritas num tom muitas vezes acentuadamente “divertido”, com uma ironia benevolente e alguma auto-ironia (ver texto 1). O estilo dos capítulos etnográficos é completamente diferente (textos 2-4). Aqui os resultados da pesquisa são resumidos de uma forma mais objectiva, embora na maior parte das vezes muito generalizante, evitando pormenores, certamente para não exigir demais dos leitores, principalmente daqueles a quem eram destinados e para quem eram pensados, ou seja, os leigos interessados. Só aqui e ali aparecem denominações locais (ver texto 4). Parte do material etnográfico que não foi tido em conta no livro de Schachtzabel pode ser encontrado nos seus apontamentos póstumos. Este material foi integrado nas passagens correspondentes de uma nova edição e editado juntamente com as suas fotografias e os objectos etnográficos ainda existentes (Heintze 1995).

Dezassete meses de pesquisa de campo em Angola não conseguiram despertar em Alfred Schachtzabel uma compreensão mais profunda pelos Africanos. Os estereótipos, trazidos da Europa e compartilhados com tantos dos seus contemporâneos e colegas europeus, eram demasiadamente fortes. Só em casos isolados lhe foi possível uma aproximação, como por exemplo, com Mucanga, o chefe dos Ngonyelu. Schachtzabel descreveu-o como um “potentado que se diferenciava positivamente dos seus colegas pela superioridade e pelo lucidez das suas ideias, pela reserva e justiça perante os seus súbitos, pela prontidão e abertura de espírito em relação aos europeus em viagem por aquelas paragens, de maneira que o contacto com ele se desenrolou de forma muito agradável.” (1923: 124). Mesmo neste caso o julgamento de Schachtzabel foi nitidamente influenciado pela sua experiência altamente pessoal. De um modo geral, os Africanos permanecem para ele “filhos da natureza, natureza levianos” que gastam dinheiro “sem pensar” em “futilidades inúteis”, “indígenas pueris” com uma “capacidade de apreensão infantil”, uma “índole simples” e com uma “mentalidade extremamente diferente” da dos europeus. “A irreflexão na forma de agir” é, para ele, uma característica comum “do Negro” que só excepcionalmente age desinteressadamente, embora “dentro dos limites traçados pelo carácter egoísta dos negros” (texto 1). “Os processos judiciais extremamente apreciados” pelos Africanos são para Schachtzabel meras “possibilidades de fazer chantagem justificada judicialmente”, que preenchem sobretudo “o imenso tempo livre dos homens”. Em sua opinião, trata-se de uma gente simples que, no entanto é digna de confiança, se for “tratada de forma conveniente”. Todavia, faz troça do hábito dos portugueses e dos Africanos ao seu serviço de chamarem “desdenhosamente gentio[s]” aos africanos ainda não aculturados “interpretando mal as realidades”.

“Trabalho regular” tem para Schachtzabel (como para a maior parte dos outros europeus) um valor especial, razão pela qual ele gosta especialmente dos Ngangela, elogiando-os como “agricultores laboriosos”. Por outro lado, o governo português ainda não teria conseguido levar o “povo orgulhoso” dos Cokwe a “trabalhar regularmente”. Raramente tenta aprofundar as razões que estão na origem de determinadas condições da vida. Só uma vez mostra compreensão e contraria a opinião geral, quando observa que numa das regiões povoadas pelos Cokwe “o flagelo da fome obrigou os habitantes a ganhar penosamente a vida como salteadores, assaltando comitivas que por ali passavam”. No essencial, pode dizer-se que Schachtzabel descreve os Africanos como simpáticos, embora com o distanciamento superior do europeu consciente da sua cultura mais elevada.

As categorias raciais, que permanecem completamente imprecisas, têm para Schachtzabel, no princípio dos anos vinte, um papel secundário. É verdade que ele refere uma vez as feições “nobres, quase arianas, do nariz fino” de um chefe e a “filiação racial” dos Nyemba, mas acaba por estabelecer diferenciações

baseadas em pontos de vista culturais e linguísticos, sublinhando, por exemplo, o sentido de estilo desenvolvidíssimo dos Cokwe.

Manifestamente negativa é a sua opinião sobre os “mulatos” de Angola, “descendentes dos expatriados – Angola foi durante muito tempo uma colónia penal – que, sem preconceitos sociais, se misturavam com os negros.” Schachtzabel via nesses “mulatos”, que se encontravam principalmente na costa, um verdadeiro perigo político, pois as suas ânsias de independência e o seu posicionamento ao lado dos Africanos contra os Brancos poderiam conduzir a uma revolta aberta na colónia.

Mas também os portugueses em Angola são vistos por Schachtzabel de uma forma crítica. Ele enaltece a sua grande hospitalidade, mas acha que eles dormiam à sombra dos louros dos seus antepassados. Visto que nenhum deles teria a intenção de ficar definitivamente em Angola, mas só estaria empenhado em “enriquecer rapidamente e regressar à sua terra”, contentar-se-ia com o que havia, não colocando grandes exigências à vida e mantendo uma indiferença perante o trabalho. A administração política não era, de forma alguma, capaz de “tomar medidas consequentes para o desenvolvimento dos indígenas”. O seu objectivo era apenas a cobrança dos mais variados impostos. Os representantes das autoridades eram quase todos de “segunda classe” e só queriam enriquecer depressa à custa da extorsão de impostos sobre as palhotas. Crueldades e injustiças em relação aos Africanos eram por isso frequentes. E os comerciantes portugueses que, na maior parte das vezes, provinham das classes mais baixas de Portugal ou eram criminosos deportados ou seus descendentes, só desejavam, sob o pretexto do sistema de empréstimo, enganar e roubar os Africanos. Daí que a experiência de Schachtzabel, ao longo da sua viagem, lhe tenha mostrado que só era bem-vindo depois de esclarecer que não era um funcionário ou comerciante português.

Em compensação, o seu juízo sobre o trabalho da missão foi quase exclusivamente positivo. Esta seria próspera porque os missionários estavam preparados para um trabalho por toda a vida neste país e porque “não competiam ou ambicionavam acabar com os costumes populares à força, mas, pelo contrário, convertiam lentamente os negros ao cristianismo, através de uma instrução compreensiva, baseada na sua capacidade de raciocínio tão diferente da nossa.” Coube aos missionários em Angola “a maior parte da educação e instrução dos indígenas”. Estes tentaram cultivar plantas úteis nos seus campos e ensinavam aos Africanos profissões úteis, nas suas oficinas. Forneciam “uma imagem positiva do desenvolvimento europeu” e, como factor cultural mais importante, realizavam um “trabalho de preparação muito útil à necessária ocupação” por parte dos europeus. Por outro lado, a cultura europeia também teria uma acção destrutiva sobre a cultura tradicional, provocando uma degeneração do bom gosto, patente de forma extremamente negativa no vestuário (texto 2). Isto seria também “um efeito secundário imprevisível” do

trabalho missionário. Pois “a tentativa de impor ao negro o vestuário europeu, como primeiro sinal visível do início [!] da sua cultura, não se enquadrava harmoniosamente no contexto africano” (1923: 58, 121).

Mas neste aspecto ele constata também preconceitos entre os Africanos. Assim, também o “negro [...] olharia de forma desdenhosa aqueles que, por convicção ou por pobreza, se mantinham fiéis às tradições antigas. Avaliava o valor do ser humano pela sua riqueza que se manifestava na sua roupa e desprezava os outros membros da tribo, que só envergavam um pequeno avental à frente e atrás.” (1923: 77)

Torna-se bem claro que Schachtzabel está em constante luta contra os seus próprios preconceitos que, apesar de tudo, não consegue esconder completamente, e muito menos ultrapassar. No entanto, as suas considerações dirigem-se conscientemente contra os preconceitos considerados, não sem motivo, ainda maiores, dos seus leitores posteriores. Não há dúvida que pretende também agradar a estes com os seus episódios de viagem divertidos e, por isso, as descrições são às vezes um pouco exageradas, por motivos humorísticos. No entanto, pretende-se apenas que elas produzam um riso bem intencionado, na pior das hipóteses condescendente, mas de forma alguma desdenhoso. Por esta razão, ao falar sobre um petisco dos Ngangela, que consistia em ratazanas cozidas na própria pele, Schachtzabel advertiu que não se deveria falar dos “selvagens sem costumes”, pois tudo isto seria “apenas uma questão de gosto e este, em relação à comida, não depende exclusivamente do paladar, mas essencialmente de determinadas ideias”, lembrando aos leitores o prato europeu muito apreciado de coxas de rã e relatando o horror dos Africanos em Benguela, quando uma vez o viram comer ostras com prazer. Mas às vezes fica-se com a impressão de que Schachtzabel não fala só para os outros, mas também para si próprio, como quando, na despedida dos Cokwe sublinha, por exemplo, que estes negros “eram *seres humanos* e tinham coração como um qualquer de nós” (1923: 159).

Por último, Schachtzabel encara as colónias e os seus habitantes sobretudo como um factor económico, como se depreende claramente da quinta-essência das suas experiências em Angola do ano 1920: “Com um tratamento apropriado devido ao conhecimento pormenorizado das características do povo e da história da tribo, os indígenas do Sul de Angola, como também em todas as outras colónias fora da Europa, são parte indispensável da vida económica, cuja importância, lamentavelmente, tem sido quase sempre reconhecida demasiado tarde. Também, em Angola se poderiam ter evitado muitos dos fiascos da política colonial, se a pesquisa científica tivesse andado a par da exploração prática do país.” (1920: 206)

Mais tarde, estas opiniões consolidaram-se, amalgamando-se com o ideário nacional-socialista. No entanto, mesmo nessa altura, os argumentos de Schachtzabel mantiveram-se ambiguos. Assim, sublinhou que “se tratava de

seres humanos, sem dúvida muito diferentes, mas não de ‘seres inferiores’.” Os negros não eram “parvos, preguiçosos ou sem honra”. As fronteiras de África teriam que ser determinadas novamente “com base nos complexos linguísticos e culturais realmente existentes”. Schachtzabel considerava que isto constituía uma grande tarefa para os etnólogos e defendeu categoricamente presença de etnólogos do governo. Até aqui a Etnologia “tinha realizado um trabalho pioneiro importante através da investigação histórico-cultural”. Mas teria estado voltada para o passado e agora era preciso olhar para o futuro. Partilhando as teorias dos nacionais-socialistas, Schachtzabel parte do princípio da “eterna distinção das raças” e vê a função dos etnólogos do governo como “acompanhamento das pessoas de cor, com base no sistema de organização tribal próprio da sua raça, fazendo-o convergir com outro, o sistema colonial apoiado pelo europeu, se possível num contacto positivo, mas sem se tornar parte deste sistema.” O “indígena” tinha, segundo Schachtzabel, de conservar “as suas tradições étnicas, embora mantendo uma evolução ascendente, para preservar as características autóctones” e o patrão branco do Africano – o que estava em causa era a utilização da mão-de-obra africana e a manutenção da alegria no trabalho – tinha “de fazer ou apoiar tudo aquilo que impedisse um afastamento dos costumes populares usuais.” O africano tinha de viver “dentro da ordem social que lhe era imposta pelos brancos, como ajudante feliz e confiante”. Mas isto pressupunha que todos os europeus “considerassem o negro como ser humano” (Palestra 1940).

Mais importante do que as ideias de Schachtzabel, foi a sua colecção etnográfica com peças dos Ovimbundu (ver imagem 13), Ngangela, Nyemba, Cokwe, Mbwela, Lucazi, Lwena e Kwanyama. Esta deveria documentar todo o espectro da cultural material e foi uma das primeiras e mais bem documentadas de Angola. A documentação fotográfica de Schachtzabel (mais de 400 chapas) constituiu, neste contexto, não só uma das primeiras, mas também a mais sistemática, realizada até então neste território. Mais de três quartos dos seus objectos – entre os quais a colecção completa sobre os Cokwe –, todas as chapas fotográficas e parte das suas anotações perderam-se, na sequência das duas Guerras Mundiais. O que resta em Berlim e que inclui também rolos gravados com canções e mais algumas peças em Lípsia, constitui hoje um dos poucos testemunhos culturais subsistentes que ainda nos restam de uma Angola central praticamente destruída por uma guerra civil de dezenas de anos.

Textos

1. Im Hochland von Angola [No planalto de Angola], 1923: 41-44, 46-47

Quando ele [*i.e.* Chipala, o grande chefe dos Ngalange] descobriu, no decorrer da conversa, que eu pensava ficar com ele durante algum tempo, por causa das

minhas pesquisas, tornou-se lacónico e não me foi difícil detectar nele uma grande inquietação interior. Só mais tarde, já depois da minha partida de Galange, consegui descobrir o motivo [dessa inquietação]!

Os Mbundu acreditam que, quando morre um chefe, a sua alma sobrevive numa hiena. Por isso, estes animais são considerados sagrados e existem em grande número em Galange. Todos os anos, Tshipalla sacrifica quatro escravos, cujo coração, pulmões e entranhas são atirados às feras, para que os espíritos do falecido governante não se indisponham contra o portador transitório da autoridade profana e não o atormentem com enfermidades. Quando eu cheguei a Galange, estava em curso um desses sacrifícios, o que fez com que Tshipalla ficasse tão pouco entusiasmado com a minha permanência. Eu ignorava tudo isso e vivi, entre os Mbundu, em perigoso desconhecimento das suas concepções.

Senti-me atraído pelas numerosas hienas que eram tão ousadas que, de noite, comiam as tiras de pele que prendiam os bois à canga do meu carroção de viagem que se encontrava mesmo em frente da minha tenda. Então, uma noite, instalei-me no carroção e matei a tiro dois desses antipáticos animais. Quando, na manhã seguinte, os habitantes da aldeia, alertados pelos tiros nocturnos, visitaram o meu acampamento mais cedo do que de costume e viram a presa, a expressão dos seus rostos e o seu tímido murmúrio revelava grande perturbação. Um após outro desapareceram todos e, ao longo do dia, o acampamento ficou deserto.

À tarde, dirigi-me à aldeia principal que parecia estar morta, já que a maior parte das pessoas estavam a trabalhar nos campos; isto porque, nesta região, o homem também trabalha na época do cultivo das terras, enquanto que, habitualmente, o seu tempo é despendido em actividades secundárias como passatempos, ingestão de cerveja ou jogos de tabuleiro.

Galange é a única localidade de grande dimensão incluída na rota dos carroções que vão do Huambo ao Kuvangu central; as restantes aldeias ficam longe da estrada, para que o seu quotidiano não seja perturbado pelo tráfego. Situada numa colina, a capital da região assemelha-se a uma fortaleza de montanha. Protegida, a Norte, por uma cordilheira que se estende no sentido Este-Oeste, a colina cai, na direcção Sul, a pique sobre o ribeiro Vavila que corre por uma larga planície. Quando se entra na cidade, é difícil a pessoa orientar-se, no meio da confusão de quintas, cubatas isoladas e blocos rochosos. No cume do monte situam-se as cubatas do grande chefe que, daquele local, consegue vislumbrar toda a planície. A grande povoação que inclui cerca de 20 000 habitantes está rodeada por uma paliçada de sólidas estacas.

Tshipalla é o mais rico chefe das redondezas. Esta riqueza manifesta-se, como sempre, pela posse de uma grande manada de bois e pelo número de mulheres que são valorizadas principalmente em termos de mão-de-obra. O chefe de Galange tem tantas mulheres, que construiu uma aldeia inteira como

harém – coisa que não voltei a ver, na qual as suas 150 mulheres viviam sob a protecção de um parente que, devido a uma circuncisão mal feita, fôra transformado num eunuco. Era aqui em Tschikalla que, frequentemente, o governante gostava de recuperar forças das numerosas lides do governo.

No dia seguinte deveria realizar-se uma dança de máscaras da circuncisão, que, segundo as palavras de Tshipalla, seria uma festa em minha honra. Quando entrei na residência do governante, os seus dignitários já se encontravam reunidos, mas, contrariamente ao que era habitual até à data, cumprimentaram-me de forma muito reservada. Esperei durante muito tempo; um a seguir ao outro, os nobres foram desaparecendo e Tshipalla não aparecia. Ao meu pedido de esclarecimento, mandou finalmente responder que já era demasiado tarde para a dança e que, por isso, também já não poderia falar comigo. Ficou claro que estavam a preparar alguma coisa contra mim, que eu não consegui perceber, mas que visivelmente dificultava o meu trabalho entre os Mbundu e que, através de uma resistência passiva, tornava inúteis todos os esforços."

Tshipalla tinha proibido terminantemente a sua gente de nos vender quaisquer outros alimentos, de modo que já não nos poderíamos aguentar por muito tempo. O acampamento estava deserto, a corda que servia para bloquear a entrada da multidão de mirones, tinha-se tornado supérflua, toda a gente fugia de nós.

Apenas duas pessoas mantiveram a sua atitude amável para connosco, Katuma, a mulher preferida do chefe e Tschimoko, o seu adivinho. Naturalmente, a mulher não podia permitir que a vissem no acampamento, senão teria de pagar com a vida a sua desobediência; porém, mandava-nos mantimentos às escondidas e, para além disso, o seu invisível espírito bondoso pairava sobre nós."

Também Tschimoko demonstrou, embora a sua expressão facial denunciasse manha e astúcia, muito empenho humano e simpatia prática pela nossa causa, sob a forma de mantimentos. Várias vezes por dia, esgueirava-se da mata ali perto até à minha tenda e, generosamente, oferecia farinha, feijões e batata"-doce. Apesar de ele não desprezar, naturalmente, os meus presentes de retribuição, eu fiquei convicto de que – dentro dos limites traçados pelo carácter egoísta do negro – ele agia de forma altruísta.

Sentava-se perto de mim, durante horas a fio, falando abertamente do seu ofício que era o que mais me interessava. Por isso, tive oportunidade de conhecer profundamente a sua área de actividade que tem um representante em todas as aldeias e possivelmente em todas as tribos africanas. Em todo o caso, tudo o que Tschimoko me contou, correspondeu, na generalidade, àquilo que posteriormente reencontrei junto dos Ngangela. [pp. 41-44]

Como senhor do território, [Chipala] praticava no seu estado um severo regime autocrático, segundo o modelo dos antigos reinos centro-africanos que

floresceram no século XV e que agora definham entre violentas deslocações populacionais. Tratando-se provavelmente de um herdeiro dos povos conquistadores que, vindos do reino da Lunda na bacia do Kassai, avançaram em direcção ao Sul e que mais tarde constituíram a classe dominante no planalto de Bengella [Benguela], na área de expansão dos actuais Mbundu, [Chipala] pareceu-me um indivíduo para quem a governação constituía uma herança natural, não só em termos da sua aparência exterior, pela nobreza das suas feições, como sobretudo pelos seus dons intelectuais, sem dúvida excelentes. Ele mandava e os seus súbditos obedeciam, com receio da sua intransigência, se necessário cruel, ou reconhecendo voluntariamente a sua superioridade intelectual. Embora consciente do seu estatuto de grande chefe, nunca era abertamente hostil em relação ao homem branco, aproveitando-se sim dos seus equipamentos modernos, através de uma diplomacia subtil, quando estes lhe pareciam proveitosos para a manutenção do seu estado. Por outro lado, [Chipala] era verdadeiramente um filho da sua raça e das suas tradições. Todos os anos sacrificava alguns escravos aos espíritos dos seus antepassados falecidos e considerava sagradas as hienas como portadoras das almas destes durante a sua existência no além. Sem saber, eu fui contra estas concepções; cheguei na altura prevista para a realização dos sacrifícios humanos e, por ter morto duas hienas, privei as almas de dois chefes falecidos de Galange da sua morada! A isto se devem os obstáculos que, de repente, surgiram em relação à minha permanência! Quando, mais tarde, me apercebi claramente da conjugação destes acontecimentos durante a minha estadia em Galange, já não havia nada a fazer, senão lamentar a minha falta de tacto e dar graças pelo facto da calculada reserva de Tschipalla ter impedido o fracasso antecipado e violento da minha viagem. [pp. 46-47]

2. Im Hochland von Angola [No planalto de Angola], 1923: 69-71

Quando se atravessa o território densamente povoado [dos Ngangela do Sul], é fácil saber onde se encontram as aldeias. Dois cursos de água confluentes estão separados por uma cordilheira escarpada, da qual se avistam livremente os vales cobertos de capim; é aqui que reside o Ngangela. É possível extrair água de dois lados e alcançar a floresta pelo terceiro. A proximidade da água é o factor decisivo para a localização das aldeias. Só depois é que vêm as terras férteis das margens dos ribeiros, onde são instaladas as hortas, e o acesso ao bom solo florestal para os campos de cultivo. Três factores que condicionam regularmente a instalação de uma comunidade e que constituem uma imposição da natureza para um povo cuja economia assenta na agricultura.

Podemos chegar por um lado qualquer, vindos da floresta ou dos rios, que encontramos sempre uma entrada; pois as aldeias são circulares e têm quatro portas, viradas para os quatro pontos cardeais, na paliçada que as cerca. Nas

aldeias antigas da região central e setentrional da tribo a cercadura encontra-se sempre ligada a um círculo denso de altos sicômoros, cujas fortes raízes aéreas patenteiam uma idade venerável e em cuja sombra profunda o viajante recém-chegado se sente envolvido por uma frescura revigorante, por volta do meio-dia, quando lá fora o sol queima e as correntes de ar quente tremem sobre a planície. No Sul da região, no território dos Mbuëla, não existem as figueiras selvagens, mostrando assim que estamos perante aldeias recentes. Efectivamente, os Mbuëla residentes no extremo Sul da região ngangela foram empurrados do Nordeste para as terras que antecedem a orla do planalto.

O centro de cada uma das aldeias é constituído pela residência do chefe, que também é construída de forma circular e cercada por uma paliçada. As residências dos aldeãos estão dispostas em redor desta, num círculo concêntrico que frequentemente é delimitado pela paliçada exterior. As quatro portas [da aldeia] estão ligadas ao “*lilombe*” do chefe por caminhos principais que deste modo dividem a aldeia em quatro.

É na residência do chefe que os anciãos se reúnem para os seus conselhos e audiências de tribunal e que o visitante estrangeiro é recebido e servido. O espaço livre até ao círculo habitado constitui, na verdade, a praça pública da aldeia, onde se dança e onde os homens e as crianças fazem os seus jogos. Em caso de mau tempo, existem, na residência do chefe e nas quatro áreas da aldeia, telheiros sob os quais os homens também se reúnem à volta do calor da fogueira, durante o frescor da noite.

Tal como a aldeia, também as residências individuais são construídas em forma de círculo ou de elipse e separadas dos vizinhos por uma cerca alta de estacas. O acesso é feito por uma porta basculante semelhante à da entrada na aldeia: numa travessa da moldura da porta estão afixadas três a quatro ripas perfuradas que, quando necessário podem ser levantadas e assentes numa forquilha, ou ficar pendentes e trancadas em baixo com um trinco accionado com o pé. As cubatas encontram-se no interior desta cercadura. De frente da habitação encontra-se a cubata da mulher ou, no caso de haver várias mulheres, a da mulher principal.

No Norte da região, em especial no território dos Ngonyelu, onde a cintura de sicômoros impede a expansão dos aldeamentos, modificou-se a disposição tradicional das residências, a fim de poupar espaço. As delimitações são irregulares, feitas de acordo com o espaço disponível e as cubatas são construídas dentro da cercadura.

3. *Im Hochland von Angola [No planalto de Angola], 1923: 121-122*

Nestas regiões [*i.e.* no território dos Ngonyelu em redor da localidade de Cachingue] e sobretudo em Luimbe, a região fronteiriça a Norte, a tecelagem teve outrora o seu apogeu. Embora conhecida por certos indivíduos em todo o

território ngangela, a arte da tecelagem tinha-se desenvolvido tão extraordinariamente aqui no Sul do Biye [Bié] que certas medidas de tiras de tecido são utilizadas como moeda corrente e o Luimbe goza de grande reputação em toda a Angola do Sul como país de origem deste dinheiro. Infelizmente, também aqui a influência europeia teve efeitos negativos em toda uma cultura tradicional. As chitas com padrões de mau gosto suplantaram os sólidos tecidos de algodão de cores naturais, porque foram lançados em massa no mercado, sendo, por isso, mais baratos do que os artigos de tecelagem locais. Uma degeneração do bom gosto foi inevitável e hoje as belas mulheres ngangela acham-se especialmente elegantes, quando conseguem envolver o seu corpo esbelto mas vigoroso num grande pano de fabrico europeu, de modo a que a parte da frente fique decorada pelo estampado de um candeeiro a petróleo, enquanto que, atrás, o traseiro é iluminado por uma face do sol ou da lua!

O algodão utilizado na tecelagem é cultivado nas hortas das aldeias e colhido no final da época das chuvas. Enrolando a matéria prima entre o polegar e o dedo do meio, obtém-se a ponta inicial de um fio, cujo extremo se mantém esticado pelo peso de um fuso feito com um bocado de abóbora ou uma espiga de milho, e que, ao longo da tecelagem, é obtido por meio do movimento giratório deste peso. A armação do tear, através do qual se trabalham os fios assim obtidos, consiste em duas estacas bifurcadas, enterradas no solo, em cima das quais está apoiada uma trave. A esta está presa uma ripa transversal de madeira, enquanto que uma ripa semelhante está atada à armação, a vinte centímetros do solo. Estas ripas constituem a moldura do vai-vem do fio, sendo que estes fios se cruzam em cima e em baixo, seguros por pentes introduzidos.

4. *Im Hochland von Angola [No planalto de Angola], 1923: 137-138*

Nestas aldeias [*i.e.* dos Cokwe], que geralmente são tão pequenas que a designação mais adequada para elas seria lugarejo e que têm sempre o nome do chefe, residem apenas famílias de parentesco masculino, com um chefe eleito à cabeça. Vários lugarejos com ligações familiares entre si situam-se perto uns dos outros e estão ligados por uma associação familiar. Esta também é liderada por um chefe escolhido pelos chefes das outras aldeias. Esta escolha é sempre determinada pela riqueza de cada um.

A escolha do governante está porém sujeita a certas limitações; o sucessor provém sempre da família mais chegada do falecido chefe, o "*muanagana*". O primeiro é o seu irmão; quando este não existe, ou quando é demasiado pobre para o desempenho de um tal cargo, recorre-se aos filhos do sexo masculino dos filhos [masculinos] do falecido, independentemente da sua idade. Contudo, um filho consanguíneo não pode nunca suceder ao pai no cargo de chefe.

Estes condicionamentos restritivos, em que assenta a vida política dos Tjivokve [Cokwe] determinada por laços de parentesco, têm também

repercussão nas leis de casamento que são endogâmicas. Se não for possível encontrar uma mulher adequada na própria aldeia, na “*tjibunda*” ou no “*mayatu*” – quando se trata do domicílio do chefe, o pretendente procura a sua companheira fora dela, mas sempre no interior do “*vusoko*”, o grupo mais alargado de parentes. Em consequência da severidade destas leis matrimoniais, há muito pouca poligamia; em vez disso, existe sim, uma considerável falta de mulheres, pelo que frequentemente se encontram homens novos ainda solteiros, numa idade em que os negros já costumam ter uma família própria, com vários filhos.

Se um casal, ou um homem que tenha várias mulheres, tiver mais de dois filhos, os dois filhos mais velhos ficam na aldeia do pai. Todos os outros rebentos mudam-se, quando atingem uma certa idade, para a aldeia natal ou para a residência da mãe.



14 Coleção O. Schütt: “Feitiço, esculpido em madeira. Figura com barba entrançada, segurando nas mãos uma espingarda e uma lança; no barrete estão sentadas duas pequenas figuras humanas.” (Segundo Marie-Louise Bastin trata-se da representação de Chibinda Ilunga, o “herói da cultura” dos Cokwe. A figura segura na mão uma espingarda de sílex e um bastão. As duas pequenas figuras representam espíritos protectores.) Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 1255.

OTTO H. SCHÜTT e PAUL GIEROW

O engenheiro Benedictus Ludwig Heinrich Otto Schütt nasceu, em Husum a 6 de Janeiro de 1843, filho do co-reitor da „Gelehrtenschule“ (Escola superior humanista) de Husum, Dr. Johannes Karl Gottfried Schütt e de sua mulher Sophie Wilhelmine Catharina, cujo nome de solteira era Wriedt. Obteve o seu primeiro diploma em Görlitz, onde, em 1854, o seu pai foi nomeado reitor de uma escola secundária, depois de colocações em Meldorf e Plön. Em seguida, Schütt frequentou o Instituto Politécnico de Berlim e, após o fim do curso, foi contratado como cartógrafo para trabalhar na construção do caminho-de-ferro da Turquia. Esta actividade foi interrompida pela guerra franco-alemã (1870-1871), mas mais tarde retomada, com diversos projectos, sobretudo na Síria e na Mesopotâmia, prosseguindo até 1877.¹ Os seus “excelentes e extensos registos topográficos [...] para o governo turco, por ocasião da elaboração dos traçados para os caminhos-de-ferro nos países do Tigre e do Eufrates e no Norte da Síria” (*Globus* 32, 1877: 240), realizados nesse contexto chamaram a atenção da “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland” (Sociedade Africana na Alemanha). Esta enviou-o para Angola depois da morte de Eduard Mohr*, para aí continuar as investigações alemãs ao seu serviço, iniciadas por Paul Pogge*, Anton Lux* e o falecido Mohr.

O reconhecimento da topografia da região percorrida, através da elaboração de mapas rigorosos, constituiu sua tarefa principal e mais tarde o aspecto central da sua pesquisa de campo. Schütt foi acompanhado pelo arquitecto Paul Gierow, de Rügen, cujas incumbências neste empreendimento e cujo percurso de vida permanecem uma incógnita. Sabe-se que após o seu regresso, Schütt foi incumbido da direcção de uma comissão topográfica no Japão (até 1882).² Morreu em Constantinopla em 1888.³

Schütt e o seu acompanhante chegaram a Luanda a 10 ou 12 de Dezembro de 1877. A 4 de Janeiro de 1878, partiram para o interior pela rota habitual, via Kwanza. Passando por Dondo e Pungo Andongo, chegaram a Malanje a 22 de Fevereiro, onde começaram os verdadeiros preparativos para a viagem, com a contratação de carregadores e a compra do equipamento e de todas as mercadorias necessárias. Inicialmente, Schütt tinha sido encarregado de registar a topografia de uma zona alargada em redor de um local da costa que lhe parecesse adequado, mas ele preferiu fazer “uma grande viagem pelo interior

¹ Devo estas informações a Uwe Iben (carta e manuscrito de 28.8.2006) que, entre outras indicações, se baseia no registo de casamentos da cidade de Husum nº 11 (1843), num registo do arquivo da cidade de Görlitz (24.3.1997) e no jornal *Husumer Wochenblatt* de 4.11.1880.

² Indicação de Uwe Iben, de acordo com informações no catálogo do antiquário de gravuras de Harlinghausen, Osnabrück 1985.

³ Indicação de Hugo Owen, bisneto de Otto H. Schütt (este era o pai da mãe do seu pai) (e-mail de 31.10.2007).

desconhecido” e se possível chegar à confluência dos rios Congo e Cassai. Isto revelou-se tão impossível de realizar como os planos posteriores menos ambiciosos. Uma primeira tentativa de atravessar o Cuango junto à região dos Mbangala falhou, de forma que eles decidiram tentar novamente a sua sorte, optando pelo trajecto mais conhecido, pelo Sul. Desta vez tiveram sucesso e conseguiram aproximar-se do seu novo destino, a residência do Mai Munene, na confluência dos rios Luachimo e Cassai, ficando apenas a poucos dias de distância. No entanto, aí foram definitivamente impedidos de prosseguir para o interior. Voltaram a Malanje por uma rota bastante mais a Norte daquela que tinham utilizado na ida.

As etapas principais destes nove meses de explorações topográficas foram as seguintes: Partida definitiva de Malanje a 4 de Julho de 1878, após a realização de pequenas excursões nos arredores. Avanço em direcção ao Nordeste para a região dos Mbondo e do seu chefe Ndala Quissua (15.7.). Travessia do rio Lui e passagem pela região dos Mbangala (Baixa de Cassange) até ao Cuango (30.7.), pela região dos Mbangala, sob ameaças e chantagens por parte da população. Os Mbangala impedem-nos de atravessar o rio e assaltam-nos (texto 1). Regresso à terra dos Mbondo (19.8.) na outra margem do Lui. Partida de Ndala Quissua por uma rota mais a Sul, que correspondia aproximadamente à rota de Lux e Pogge, através das terras dos Songo e Minungo pelo Cuango (14.10.) até Quimbundo (12.11.-1.12.). Nesta altura Hermenegildo Capello e Roberto Ivens estão na Feira de Cassange. Partida de Schütt e Gierow de Quimbundo para Norte através da região dos Cokwe, primeiro ao longo do Luele, depois do Chicapa até junto dos Lunda e dos Bena Mai, que fazem parte dos Luba, junto ao rio Luachimo. Nos domínios do Quiluata, um chefe que se rebelou contra Mai Munene (19.-24.1.1879), alcançam o ponto mais setentrional da expedição. Daqui à residência do Mai Munene, nas proximidades da confluência dos rios Luachimo e Cassai seriam apenas 6-7 milhas, o que segundo Gierow, na altura, teria significado aproximadamente quatro dias de viagem. Mas a continuação da caminhada até lá, para não falar do encontro esperado com Muquengue, o chefe dos Chilangue (Luluwa), que Paul Pogge e Hermann von Wissmann* conseguiriam concretizar pouco tempo depois por outra rota, não é possível, devido à atitude hostil da população. Schütt e Gierow são forçados a voltar ao Sul, na companhia do chefe dos Lunda, Mwant Musevo, para a sua residência na margem direita do Luachimo (3.-9.2.). A viagem de regresso é realizada a partir daqui, primeiro em direcção a Noroeste pela região dos Lunda, atravessando o Chicapa até ao Caungula do Lóvua (28.2.-6.3.), que alguns anos mais tarde seria visitado pela grande expedição de Henrique Dias de Carvalho, e o Luxico. Daí a viagem prossegue em direcção a Sudoeste, através das terras dos Lunda, Shinje e Kari até ao Cuango que é atravessado no dia 14 de Abril. Voltam a passar pela terra dos Mbangala e, utilizando uma rota mais a Sul do que a do início da sua viagem, pela terra dos Mbondo. A 12 de Maio de 1879

estão de novo em Malanje (até 24.5.), onde se encontram com Max Buchner* e lhe podem fornecer conselhos práticos para a sua viagem ao reino dos Lunda. Na viagem de regresso à costa deparam-se em Pungo Andongo com Alexander von Mechow*, que está a caminho do Cuango. A 21 de Junho estão em Luanda e a 24 de Junho de 1879 deixam ambos o continente africano em direcção à Alemanha.

A expedição de Schütt e de Gierow começou por ser elogiada pelos seus contemporâneos como “o empreendimento mais bem sucedido de todos os realizados até agora pela Sociedade Africana na Alemanha”, ultrapassando mesmo a viagem de Pogge, já que antes deles “nunca um europeu culto tinha chegado junto de Mai” (*PM* 1879: 466) e até então apenas László Magyar tinha conseguido, no ano de 1850, aproximar-se da sua região. Só que a história está mal contada: Os dois exploradores não chegaram – ao contrário do que Schütt tinha afirmado e cartografado (ver textos 2 e 3) – ao Mai Munene, mas pelo contrário foram obrigados a voltar para trás a alguns dias de caminho (ver texto 4). Pode compreender-se a sua grande desilusão. Mas mesmo assim, a viagem de descobrimento poderia ter sido um feito pioneiro digno de admiração, se Schütt não tivesse destruído o sucesso com a falsificação dos resultados: “Como o acompanhante de Schütt, o senhor Paul Gierow declarou, infelizmente só depois da publicação do relato, vários parágrafos sobre as rotas estão falsificados [...]. Schütt e Gierow não chegaram de maneira alguma junto do grande chefe Mai, mas, pelo contrário, só chegaram junto do filho do antigo Mai, inimigo do actual Mai, o Quiluata, cuja aldeia não fica situada no local, assinalado nos mapas como sendo o fim da rota e com as palavras ‘*Quiluata, Mai Munene*’, mas sim junto ao *Nambanza* indicado no mapa. Para poder formar uma ideia tão independente quanto possível, o crítico comparou os diários originais de Schütt e as indicações de Gierow pareceram-lhe, decididamente, confirmadas nos pontos principais. [...] Torna-se claro que Schütt não esteve junto do Mai; o *soba* de onde ele teve de regressar, chama-se no diário apenas ‘*Muene Quiluata*, igualmente conhecido por *Muene Quimbundo*’ e existe uma diferenciação clara entre ele e o Mai.” (Ermann 1881: 386). Estas falsificações atingem infelizmente também o diário de viagem de Schütt, publicado por Paul Lindenberg, a fonte mais conhecida e principal desta viagem de exploração: “Altamente repreensível é a atitude do senhor Lindenberg relativamente às contradições entre a posterior afirmação de Schütt, de que tinha estado junto do Mai, e o teor original do seu diário. Ou omite completamente as frases problemáticas [...] ou generaliza-as de tal maneira que a contradição desaparece. Ao chefe, junto do qual Schütt fracassou, chama ‘o rei Mai, o grande Muene Quiluata, também conhecido por Muene Quimbundo’, quando este aparece pela primeira vez e a seguir apenas, ‘Mai’.” (*ibid.*: 386-387). Esta fraude é tanto mais lamentável, quanto, à excepção da curta parte da viagem que antecede o regresso, se reporta comprovadamente apenas a

pequenas excursões, de modo que, por causa de uns acrescentos inventados relativamente pequenos, que só no caso mencionado são graves, todo o empreendimento ficou injustamente mal visto.

As informações de Schütt sobre esta viagem estão contidas em algumas pequenas e muito sumárias cartas de África, num relatório preliminar (*MAGD* 1878-1879) e nos seus diários de viagem. De Gierow nada foi publicado a não ser o seu resumido itinerário que apenas contém poucas observações complementares sobre a terra e as gentes das regiões percorridas. Como Schütt passou a Primavera de 1880 a trabalhar para o governo japonês, encarregou Paul Lindenberg da reformulação e publicação (1881b) dos seus diários. A recepção desta obra foi muito crítica. Reconheceu-se que “Schütt tinha tido que viajar nas condições mais desfavoráveis e lastimáveis” (Andree 1881: 174), mas censurou-se o pouco tempo permanecido em cada um dos lugares e, principalmente, a existência de um “desequilíbrio gritante” entre as regiões há muito conhecidas e as regiões totalmente desconhecidas: Assim, à rota de viagem conhecida até Quimbundo correspondem 137 páginas, “enquanto a viagem de descobrimento propriamente dita para Norte, incluindo a viagem de regresso até ao Quango, se resume a 35 páginas.” (Ermann 1881: 385). Repetições, contradições, superficialidade e falta de registos são outras objecções críticas. Sobretudo a atitude negativa de Schütt em relação aos Africanos foi notada já então por um crítico da época: “O seu julgamento sobre os negros é extremamente duro e é quase em vão que se procura a descrição de um aspecto favorável. Deparamo-nos apenas com traços negativos – no entanto, não queremos acreditar que apenas estes constituam a imagem certa.” (Andree 1881: 174)

O ponto forte de Schütt e o aspecto central do seu trabalho de pesquisa foi a topografia. Por isso, os seus detalhados esboços de mapas, elaborados com muita aplicação e habilidade técnica tornaram-se famosos com razão e, através da sábia versão de Richard Kiepert, alargaram substancialmente os nossos conhecimentos geográficos. Mas mesmo neste aspecto o elogio foi reduzido, porque Schütt determinou a fixação das distâncias “não através de observação, mas sim em consequência dos seus registos das rotas” (Kiepert 1880-1881: 15), o que originou um certo desvio para Oriente. Para além dos mapas, ele trouxe igualmente colecções abundantes de ornitologia e mineralogia para Berlim. O Museu de Etnologia de Berlim comprou uma colecção etnográfica de Schütt à “Afrikanische Gesellschaft” (Sociedade Africana) e mais algumas peças a Paul Gierow. Entre os objectos etnográficos comprados por Schütt encontra-se também um dos objectos mais valiosos da colecção africana do museu, uma escultura dos Cokwe, que representa o herói da cultura e fundador da dinastia dos Lunda, Chibinda Ilunga (Bastin 1965, ver imagem 14).

Sem dúvida que os dois exploradores tiveram, principalmente na região dos Mbangala (ver textos 7 e 8), de lutar contra circunstâncias políticas especial-

mente adversas, extremamente negativas para o seu empreendimento. Tal como os outros exploradores alemães na África Central, não conseguiram fazer compreender à população o seu objectivo científico. Eram tidos como comerciantes pela população local que, para manter o seu monopólio, não os autorizava a avançar mais para o interior sob ameaças sérias. Como estavam bem armados, também se receava que fossem “soldados e quisessem escravizar os habitantes” (1881b: 101), ou que pretendessem levar “pólvora e armas aos Lubucos [Chilangue/Luluwa], um povo que o Matiamvo ameaçava com guerra” (p. 150). As informações especialmente numerosas sobre a existência de “canibais” nas regiões situadas para lá daquelas que conseguiram alcançar testemunham estas tentativas de dissuasão. Schütt também se apercebeu desta estratégia: “Até aqui os Quioco [Cokwe], os únicos negros, que fizeram viagens aos territórios do Norte, sempre nos tinham mentido o mais possível e, receando que lhes roubássemos o comércio com os povos daquelas regiões, tinham procurado descrevê-los de uma forma terrível.” (1878-1879c: 183).

Os dois alemães tornaram-se suspeitos por todo o lado e só na viagem de regresso, Schütt conseguiu convencer alguns mensageiros de um chefe que “não tinha nada de mal em mente, pelo contrário, que só teria tomado nota de todos os nomes para poder mais tarde abrir ali feitorias e para fazer negócio com eles.” (1881b: 157). Os seus tormentos indescritíveis nesta viagem são perfeitamente visíveis nos diários, sobretudo no diário de Schütt. Praticamente todos os dias havia problemas com os carregadores e em todas as aldeias havia uma guerra de nervos acerca da quantidade e qualidade dos presentes e da autorização para prosseguir viagem.

Embora uma parte destes problemas possa ter sido criada por obstáculos e impedimentos reais e por vezes impossíveis de transpor, motivados pelas relações luso-africanas específicas deste período de transformação do final da escravatura, impõe-se a pergunta se parte deles não teria sido causada pela maneira de ser de Schütt. Nenhum outro alemão, dos que na altura viajaram por aquela região, compreendeu tão mal as pessoas que encontrou. Para ele, estas não passavam de funcionários, peças de xadrez que tinham de movimentar-se de acordo com a sua vontade. Era esta a sua escala de valores que nunca foi relativizada por qualquer reflexão ou relação pessoal. Como Schütt não voltou a publicar as suas impressões de viagem, numa versão revista, após o seu regresso, não se sabe se, com o distanciamento em relação aos seus sérios aborrecimentos, as suas recordações adquiriram mais tarde uma tonalidade diferente. Inquestionável é o seu julgamento extremamente superficial e negativo, já criticado pelos seus contemporâneos (ver também texto 5): Só consegue ver “corja”, “patifes” e “salteadores” por todo o lado. Em sua opinião, os Chilangue (Luluwa) teriam vivido até há alguns anos “ao Deus dar, como todas as tribos de negros, mandriando, roubando, saqueando e matando segundo a necessidade ou o desejo” (1881b: 145). Noutras passagens “os homens eram

preguiçosos e sujos e as mulheres sujas e preguiçosas” (p. 110). Os Minungo eram caracterizados por ele como “parvos, gatunos, sórdidos, feios e sem qualquer traço de carácter digno de ser mencionado como tal.” (p. 119); os Ambaquistas (cf. Buchner) são para ele o “tipo de gente mais ridículo, mais vaidoso, que a meia-civilização fora capaz de criar.” (p. 3) e uma determinada “região era bastante monótona, as pessoas tão estúpidas que ultrapassavam quaisquer limites e esta gente ainda ousava ameaçar um viajante.” (p. 68). Segundo ele, “toda a brutalidade” e “animalidade dos negros da África equatorial” manifestava-se sobretudo na forma como as mulheres eram tratadas e nas cerimónias de fúnebres (1881c: 317).

Por isso, não nos surpreende que ele se refira às visitas costumeiras do chefe das aldeias percorridas como “praga diária” e que para ele a melhor parte da viagem fosse aquela sem africanos: “Mas o melhor foi que nós só raramente encontrámos selvagens e em número tão reduzido que não era possível pensar em tramóias.” (1878-1879c: 190). Schütt conseguia entrever o jogo de poker de ambas as partes, uma apreciação que talvez contenha em si – independentemente de todas as barreiras reais de natureza cultural, política comercial e de poder político – o fulcro da desconfiança mútua: “Claro que o viajante só diz o que pretende dizer, raramente diz toda a verdade, quase sempre diz muitas mentiras. O ouvinte sabe muito bem, o que é verdade e o que é mentira, mas aceita [as afirmações] com muita dignidade e sem pestanejar. Depois vinga-se nas questões relacionadas com o caminho, distância, segurança e coisas semelhantes, dando informações falsas que o inquiridor também não toma à letra, como é óbvio.” (1881b: 46)

A seguinte conclusão de Schütt não é por isso surpreendente: “Não faz ideia da corja terrível que são os negros, aqui entre a costa e o Quango: Os Songo, Bangala, Ambacca, Hollo, Ginga, todos eles competem entre si, para ver quem é que consegue fazer a pior vilania. Quem conhece estes africanos é forçado a perder todas as esperanças na utilidade das missões.” (1878-1879a: 66)

Os princípios de Schütt e seu desinteresse generalizado pelos os africanos marcaram também as descrições das suas – poucas – observações etnográficas, o que se torna claro se as compararmos com o itinerário do seu acompanhante (cf. textos 5 e 6). Estes apontamentos de Gierow são – infelizmente – muito curtos e esquemáticos, mas distinguem-se dos de Schütt por patentarem uma objectividade reconfortante e usarem uma linguagem simples e neutra que geralmente se abstém de fazer qualquer avaliação. Nos seus textos, não existem “selvagens”, mas somente Mbangala, Mbondo, etc. ou o príncipe, o chefe ou o soba fulano-de-tal, e acerca de um chefe que inicialmente colocou “exigências muito elevadas” e depois se contentou com menos e retribuiu com um porco gordo, Gierow constata até (sem qualquer ironia): “Este senhor preto foi aquele que melhor nos tratou” (1881-1883: 107).

Apesar de tudo, os relatos de viagem de Schütt são, também do ponto de vista etnográfico, uma fonte importante que não deve ser ignorada. Eles contêm não só inúmeras informações soltas sobre a distribuição, a história do povoamento e da migração de uma série de etnias – o avanço migratório dos Cokwe merece novamente uma menção especial – mas também informações mais completas e valiosas sobre as tradições históricas dos Mbangala e Lunda (ver texto 7-9; cf. cap. Pogge, texto 3 e cap. Buchner, texto 3; Cf. Heintze 2007b). Só que, ao utilizarmos fontes deste tipo, esquecemo-nos muito facilmente de que estas não podem ser equiparadas aos resultados da pesquisa de campo actual que implica que, em relação a um tema, se procure encontrar os mais bem informados da família, grupo, estrato social específico ou etnia em questão, isto é, os seus “especialistas” respectivos ou “sábios tradicionais”. Schütt só raramente obteve informações de pessoas envolvidas, ou seja, de fontes competentes. Na maior parte das vezes, os seus (muito viajados) carregadores (ver texto 8), intérpretes e guias transmitiam-lhe os conhecimentos “recolhidos” que naturalmente estavam marcados pela sua própria perspectiva (em regra luso-africana) (ver texto 7 e 8, cf. Heintze no prelo, 2010). É também de acordo com esta que a causa e os efeitos dos acontecimentos são descritos. A este tipo de informadores pertencia nomeadamente um Mbangala, conhecedor de caminhos, que “tinha vivido muito com os portugueses” e que era casado com uma mulher de Malanje, assim como os intérpretes Germano e Gomez. Um era proveniente de Moçambique, já tinha acompanhado Pogge e serviu mais tarde a von François* como informante, o outro entrou a seguir para o serviço de Buchner. Em Quimbundo, Schütt deparou-se com os irmãos Bezerra, dois Ambaquistas que tinham passado muitos anos como comerciantes na corte do Mwant Yav. O mais velho, Lourenço Bezerra (cf. Heintze 2002a e 2004, cap. II.1; 2007a), fora, entre outras coisas, a principal fonte de Pogge sobre a história dos potentados Lunda (Pogge, texto 3, ele chama-lhe Deserra) e é certamente a ele que se deve a lista dos reis dos Lunda citada por Schütt (texto 9). O mais novo dos irmãos, Joanes (Caxavala), acompanhou a expedição de Schütt ao Luachimo como guia e foi também um informante importante, por exemplo sobre os Luluwa (ver também cap. Wissmann e introdução, cap. 12; Heintze 2002a e 2004, cap. II.1; 2007a). Este tipo de recolha de informações e as suas múltiplas premissas e implicações advertem-nos contra a tentação de “confirmar” precipitadamente uma informação com uma outra supostamente “independente”. Apesar de estas fontes serem para nós especialmente valiosas, devido à data da sua origem e à sua raridade, as regras da crítica às fontes não devem ser esquecidas.

Textos

1. Schütt: *“Im Reich der Bangala”* [No reino dos Bangala],
1881a: 381-384

Na verdade, as nossas mágoas só começaram a 27 de Julho [de 1878].

Nesse dia, por volta do meio dia, mandei a minha caravana composta por cerca de 100 pessoas descansar numa mata, regozijando-me por ter conseguido libertar-me, pelo resto do dia, da ralé negra de uma aldeia, em cujas imediações havíamos construído sempre os nossos abrigos de folhagem. Infelizmente, a minha alegria foi de pouca dura, porque, apenas uma hora depois, surgiram mensageiros do m’banza (equivalente a senhor, chefe) la n’ganga, que me transmitiram o profundo desgosto do seu senhor, por eu estar acampado no mato e não na sua residência próxima, dizendo que ele estava até indignado com isso e que certamente esperava que eu o visitasse em breve.

Através do intérprete, informei-os de que poderiam sossegar o seu digno senhor; que eu é que decidia onde queria pernoitar e que ele não precisava, de modo algum, de preocupar-se com isso. Despedi-os com esta informação e alguns presentes. Passadas algumas horas, devolveram-me os presentes, dizendo que o seu chefe se recusava a aceitar algo de tão mesquinho, que tinha direito a muito mais. Por isso, dei ao mensageiro mais quatro garrafas de aguardente e outras ninharias, para além dos presentes anteriores, pelo que estes iniciaram a sua viagem de regresso aparentemente satisfeitos.

Pouco depois, ouvi-os regressar novamente. Ao que diziam, o seu soba voltara a recusar os presentes, por serem, em sua opinião, demasiado insignificantes. Este mandava dizer que o grande Calandula (que tinha o título de príncipe) tinha vindo em pessoa à sua aldeia, exigir o tributo que lhe era devido. Por enquanto, mandava-me ficar no meu acampamento e depois continuaria as suas negociações.

Compreende-se facilmente que essa noite tenha decorrido de forma muito agitada e que tenha sido impossível pensar em dormir.

Na manhã seguinte, surgiram logo cedo os mensageiros dos sobas menos importantes das redondezas, com exigências modestas que eu satisfiz prontamente. Mande então o meu intérprete Germano ter com o grande soba, para que negociasse pessoalmente com ele; enquanto isso, parti para uma caçada nas proximidades do acampamento.

Quando regressei pouco tempo depois, ouvi de longe uma gritaria enorme e outros ruídos. Acorri imediatamente ao local e avistei vinte negros gritando e clamando. Eram indivíduos insolentes, todos eles armados, que reclamavam, com palavras e gestos ameaçadores, os presentes para o grande soba. Exigiam vários fardos de tecido, uma espingarda, um barril de pólvora, bem como uma grande quantidade de aguardente. Mande satisfazer estas exigências, mas isso só fez com que eles comessem a exigir mais e mais, reclamando também

presentes para si. Que outra alternativa me restava, para além de satisfazer os pedidos deles? No entanto, não se afastavam. Porferindo palavras insultuosas e trocistas, andavam pelo acampamento, procurando iniciar um conflito, fosse como fosse. Isto tinha porém de ser evitado por todos os meios, já que o disparo de um tiro teria sido suficiente para soltar a besta nos negros hostis e para que todos nós fôssemos assassinados.

Logo após a minha chegada, eu levava a minha arma para a cubata e andava desarmado por entre as cubatas, tentando acalmar e reconciliar toda a gente. De repente, um negro irrompeu à minha frente, estacou a poucos passos de mim e apontou a arma com a intenção de disparar. Encarei-o calmamente durante alguns segundos, embora o meu coração batesse com força, e depois passei por ele, como se não tivesse nada a temer da sua parte. Esta aparente serenidade deve tê-lo impressionado, pois depôs a espingarda e seguiu vociferando o seu caminho.

Distribuí pela minha gente as rações de chita, arame de latão, etc, a que têm direito ao fim de determinado tempo; todos revelaram uma lamentável indiferença, o que era natural, pois sabiam muito bem o que haviam de fazer depois do primeiro disparo – fugiriam! Aqueles carregadores que o exigiram, receberam pólvora – provavelmente comprariam qualquer coisa na aldeia hostil com esses artigos!

Germano voltou por fim, acompanhado de um grande grupo de negros; o soba Calandula mandava dizer que não queria mais do que tudo aquilo que possuíamos, mas que nós teríamos de regressar imediatamente a Malange.

Este seria então o fim inglório da nossa expedição!

Depois desta notícia e depois de eu ter percebido que nada, mas mesmo nada nos poderia livrar da concretização do que fora anunciado, caí num estado de apatia quase total e disse aos mensageiros que levassem tudo.

Estes haviam-se reunido, ou melhor acororado em conjunto, sendo que um orador os aconselhava a ter calma, enquanto que muitos outros se voltavam contra ele, dizendo que nós, os brancos, ou seja Gierow, o meu companheiro de viagem e eu, tínhamos de morrer, que os carregadores poderiam ir para onde quisessem e que eles mesmos se encarregariam dos artigos. A assistência manifestou o seu assentimento com uma gritaria selvagem.

Diversos canos de carabina apontaram na nossa direcção, sem que os gatilhos fossem accionados, além disso, um negro armado com uma faca andou a rondar-me, parecendo aguardar o momento oportuno para me dar o golpe de misericórdia.

Nós pensámos que chegara a nossa hora e verificámos mais uma vez as nossas armas, porque também não queríamos morrer sem oferecer resistência.

Pairava um calor sufocante sobre a terra, nas árvores não bulia uma folha. Nenhum pássaro cantava nas imediações, apenas se ouvia “o coração dos homens bater no seu peito”. Tínhamo-nos colocado de costas para as nossas

tendas, do lado encontravam-se os carregadores com um semblante assustado, mas sem a menor intenção de nos ajudar, a alguma distância de nós estava reunido o inimigo, a quem se continuavam a juntar hordas de negros vindas de aldeias próximas.

Foram minutos penosos e terríveis. –

Felizmente, à última da hora dar-se-ia uma mudança para melhor. A pequena facção pacífica entre os nossos inimigos pareceu impor-se, ou pelo menos, a assembleia concordou em ficar com um carregamento integral de cada um dos nossos artigos, bem como com os presentes que lhes tinham sido dados anteriormente. Mandaram levar tudo para a aldeia, após o que se foram afastando lentamente.

Pouco depois, reapareceu Germano, o intérprete que tinha ido novamente encontrar-se com o soba, dizendo que poderíamos continuar viagem no dia seguinte. Nós não nos fiámos na paz e pensámos que nos estavam a enviar para uma nova cilada. A noite passou-se assim muito lentamente, foi uma noite horrível, em que nenhum de nós pregou olho e em que mais que nunca pensámos na nossa pátria distante.

A manhã rompeu quente e clara.

Voltámos a enviar um mensageiro ao soba e ele convidou-nos a ficar até ao dia seguinte, assegurando-nos de que depois poderíamos partir em paz.

Perante isto, tivemos de esperar.

O dia e a noite passaram-se calmamente e, na manhã seguinte, chegou, logo cedo, um mensageiro do “grande soba” ao nosso acampamento, um indivíduo pequeno e ridículo, envergando uma longa saia preta debruada a ouro, que nos comunicou que o seu senhor nos deixaria prosseguir, se lhe déssemos todas as fazendas e todas as nossas provisões.

Isso não era possível, nem praticável, visto que desse modo teríamos morrido à fome logo nos dias seguintes. Por isso, rejeitámos a exigência e enviámos ao soba várias garrafas de aguardente “para o acalmar”.

[Este procedimento] parece ter apaziguado o seu coração negro, pois em seguida juntou-se muito povo em frente do nosso acampamento e alguns indivíduos informaram-nos de que o soba estava satisfeito e que nos autorizava a prosseguir viagem.

Houve ainda um soba, de nome N’Zanza, que se ofereceu para nos acompanhar e nos conduzir em segurança até ao Quango que poderíamos atravessar perto da sua aldeia. Aceitámos [a sua proposta] e pusemo-nos a caminho na madrugada do dia 29 de Julho. Contudo, não iríamos longe, pois logo por volta do meio-dia, fomos rodeados por novos bandos de negros que pretendiam apoderar-se dos poucos artigos que nos restavam.

Achámos que já era demais; retorqui-lhes que lhes daria aquilo a que tinham direito, mas que não permitiria que eles me roubassem, depois de ter obtido do Calandula a autorização para prosseguir viagem. Até mesmo o meu pessoal – e

isto diz muito, parecia zangado com o atrevimento daquela gente e ter ganho coragem, pelo menos alguns deles vieram ter comigo, pedindo-me para não dar nada, que, se fosse necessário, eles defenderiam os artigos e disparariam. Eu pessoalmente não acreditei na coragem deles, mas, apesar disso, recompensei esta manifestação de valentia com algumas garrafas de aguardente dos negros.

A minha recusa enérgica só fez com que os Bangala ficassem ainda mais irritados. Entre gritaria e alvoroço, rodearam o acampamento, proferindo ameaças de luta e saque. Para nos conseguir livrar deles, reuni um certo número de carregadores à minha volta e precipitei-me ao encontro deles. Quando viram que a nossa intenção era séria, a sua famosa coragem desapareceu rapidamente e puseram-se em fuga o mais depressa possível.

Pouco tempo depois, o soba das aldeias das imediações mandou mensageiros ao meu encontro, que disseram que o seu senhor ficaria satisfeito com o que eu lhe quisesse oferecer. Eu fiquei igualmente satisfeito com isso, pois não tinha nada a ganhar em lutas com os negros. Qual era a vantagem de vencer este soba, se logo no dia seguinte podia ser atacado pelos sobas vizinhos, saqueado e por fim massacrado? –

O soba N’Zanza que nos acompanhava também não nos podia proteger; se pudesse, talvez o tivesse feito, embora não por razões filantrópicas, mas sim para mais tarde nos ter na mão, a nós e aos nossos poucos artigos. É que não demorámos muito a saber que ele era um dos piores ladrões e que só se tinha oferecido para nos acompanhar, a fim de nos conduzir à sua aldeia, para lá nos roubar e matar.

Tivemos então de ficar novamente parados. No decorrer do dia seguinte, apareceram muitos Bangala da outra margem [*i.e.* a margem direita] do Quango e disseram-me que junto à sua aldeia eu não poderia atravessar de certeza, que não me deixariam de modo algum avançar mais para o interior e que não iriam deixar que eu lhes arruinasse aí o comércio que lhes pertencia.

Eu sabia que eles poriam estes discursos em prática, logo que eu atravessasse o rio e que todas as promessas e garantias de não pretender fazer negócio não serviriam de nada. À tarde chegou outro grupo de negros vindo de regiões mais a Sul, que disse o mesmo que os seus predecessores: não deixariam passar nenhum branco, no interior ninguém excepto os Bangala poderia fazer negócio.

Eu compreendi que era impossível atravessar o Quango nesta zona e decidi voltar para trás.

2. Schütt: “*Bericht über die Reise von Malange zum Luba-Häupling Mai, und zurück*” [*Relato da viagem de ida e volta de Malange até ao território do chefe luba Mai*], 1878-1879c: 184-185

Oito dias depois entrámos na residência do Mai, situada num ângulo formado pelo Cassai e os seus dois afluentes, Luaximo e Quihumbue, que aí desembo-

cam perto um do outro. Não imaginávamos que a nossa viagem iria terminar prematuramente neste local e que no final havíamos de nos sentir felizes por conseguirmos sair sãos e salvos da residência deste chefe desleal.

3. *Schütt: Reisen im südwestlichen Becken des Congo*
[Viagens pelo Sudoeste da bacia do Congo], 1881b: 155

O certo é que a despedida me custou bastante. O almejado objectivo principal da viagem, a que eu sonhara dar o nome do nosso Kaiser, [i.e.] a enorme catarata M'Bimbi, que o N'Zaire formava perto da residência do Mai, na qual existe um grande “feitiço” e que, segundo as descrições, tem mais de 35 metros de altura e lança em arco uma enorme massa de água a grande distância, fracassara: “Quando voltares meu amigo”, prometeu-me mais tarde Musevo, quando me queixei. E perto do Mai, apenas 6 horas nos separavam dela, por vezes ouvíamos-la rumorejar, poderia tê-la alcançado num dia, mas abandonar clandestinamente a minha caravana e as minhas coisas, para decerto não as voltar a encontrar – era um risco demasiado grande!

4. *Gierow: “Die Schütt'sche Expedition” [A expedição de Schütt],*
1881-1883: 121

19/1. [1879]. Em apenas uma hora de marcha, chegámos à residência do kiluata, o último ponto da nossa viagem, a 7° 6' de lat. Sul e cerca de 22° 8' de long. Este de Greenwich.

O soberano do povo luba intitula-se Mai; a sua residência fica perto da catarata que o Cassai forma pouco depois da confluência do Luatschimo. A catarata situa-se, segundo as nossas informações, a uma distância de 6 a 7 milhas do local de residência do Kiluata, pelo que a poderíamos ter alcançado em cerca de 4 dias de viagem.

Tal como [o] Mai renegou o Muata Jamvo, também [o] Kiluata renegou [o] Mai, só que [o] Kiluata não se pode manter perante [o] Mai, sem o apoio dos Lunda.

5. *Schütt: Reisen im südwestlichen Becken des Congo*
[Viagens pelo Sudoeste da bacia do Congo], 1881b: 106

O soba [Cambunge, dos Songo] esteve naturalmente sentado na nossa cubata durante algum tempo. O seu irmão, um velho abjecto com cem anos, também não chegou de pé, mas sim de gatas, e poucas vezes vi coisa mais repugnante que este indivíduo aleijado, esfarrapado e completamente decrépito. Uma outra visita que recebemos ao fim da tarde consistiu num M'Quichi que envergava

um fato de malha pintado com riscas castanhas e amarelas e que usava diante da cara uma larva esculpida em “binda”, pintada de vermelho e castanho; o seu enfeite de cabeça consistia em numerosas penas dispostas na vertical e numa armação feita de ramos, em forma de aro; à volta do ventre usava [um cordão de] ráfia, da qual pendiam os filamentos isolados, formando assim um avental. Era um farsante à caça de presentes e o pessoal riu-se dele. Saturnino [de Sousa Machado] disse-me que se tratava de um *divindada* [i.e., (portug.) *divindade*] que presidia à Aundanda, a circuncisão, após a qual os rapazes com cerca de dez anos tinham de permanecer no mato onde a circuncisão fora realizada, sem verem qualquer um dos seus parentes, durante os três meses que durava o cacibo [i.e. *cacimbo*, a estação seca]. No final deste prazo, é organizada uma grande festa, em que também participa o *divindada* ridiculamente trajado, que executa uma dança a solo. Nesta festa, os rapazes são vestidos com novas peles que usam penduradas à frente e atrás, após o que regressam cheios de orgulho e autoconfiança à aldeia dos seus pais, uma vez que, de agora em diante estão aptos a casar-se.

6. Gierow: “*Die Schütt’sche Expedition*” [*A expedição de Schütt*], 1881-1883: 107

26/9 [1878]. *Kipepe*, dia 27, junto de *Kambunche*. Pratica-se aqui entre os negros o costume da circuncisão. Em *Kambunche* reparei em numerosos rapazes que exibiam cintos enfeitados com caurim e novas peles de antílope e ouvi dizer que, neste local, eles são entregues a um artista talentoso que os prepara, por meio de artes mágicas, que executa a operação da circuncisão e lhes rapa a cabeça. Depois, dão-lhes banho, untam-nos e vestem-lhes roupas novas, após o que eles regressam à sua aldeia como homens feitos.

7. Schütt: *Reisen im südwestlichen Becken des Congo* [*Viagens pelo Sudoeste da bacia do Congo*], 1881b: 60-61

Esta fértil bacia [i.e. do Lui e do Cuango, a Baixa de Cassange] é habitada por um povo que imigrou há 300 anos, vindo do reino da Lunda, sob a direcção de Quinguri quia Bangala, um nobre fugido à ira do governante, que ajudou os portugueses na sujeição e expulsão dos habitantes da actual província de Angola, e que, por isso, foi ajudado pelos portugueses na conquista da bacia do Quango, então habitada pelos Pende. Os Bangala, nome que haviam adoptado em honra do primeiro Cassange (príncipe), mantiveram sempre boas relações com os portugueses que construíram feitorias e uma fortaleza na sua capital. A esta última, os portugueses deram até o nome oficial de “Feira”, considerando, com alguma razão, todo o território como possessão sua, dando-lhe o nome de Cassange, o título do soberano, decerto por equívoco.

No ano de 1861, reinava na região um Cassange, de nome Bumba, que, em certos aspectos, repudiava as tradições ancestrais da sua tribo e que por fim se insurgiu também contra o anterior bom relacionamento com os brancos. Começou por ser expulso e teve de ficar escondido no mato durante bastante tempo, já que, como foi referido, também não possuía muitos apoiantes entre o seu povo. Contudo, acabou por voltar ao poder e por fim foram os portugueses os prejudicados; tiveram de abandonar a Feira cobertos de vergonha, a sua fortaleza nessa localidade foi arrasada e, depois de o sangue começar a correr e os instintos dos selvagens serem libertados, não foi preciso incentivá-los muito para que eles se atirassem aos seus anteriores amigos como bestas à solta, queimassem as feitorias e matassem todos os brancos que não conseguiram fugir. A vida selvagem deve ter-lhes agradado, [pois] começou a haver guerras civis entre eles e, mesmo depois de estas terem terminado, os Bangala mantiveram os seus novos hábitos em relação aos brancos: assaltavam os que apareciam na terra deles e sobretudo impediam-nos de viajar pelo território em direcção ao interior, a fim de aí fazer negócio. No entanto, estavam demasiado habituados aos produtos da cultura, especialmente aguardente, pólvora e chita (fazenda), para poderem prescindir totalmente dos brancos e quando, de vez em quando, um deles tinha a coragem de ir até lá e construir uma casa, eles nos últimos tempos já não lhe roubavam tudo com flagrante violência, mas exigiam-lhe tantos tributos, que o pobre não conseguia ter lucro e ia embora logo que podia. Enquanto isso, os Bangala, por sua vez, entravam calmamente nos territórios portugueses com os produtos do interior. Na verdade, uma tal situação só foi possível, devido à falta de espírito de equipa e à inveja profissional dos comerciantes portugueses que, como se sabe, eram, na sua grande maioria, excluídos da sociedade, ou seja, degredados. Nunca agindo de forma minimamente ilegal ou desumana, só teriam precisado de mandar de volta uma caravana bangala com os seus artigos, de Malange com o recado: “Enquanto os comerciantes não puderem viajar pela vossa terra, sem serem importunados, também não queremos fazer negócio com vocês aqui.” Tentar que o destinatário compreendesse devidamente a mensagem com a ajuda de um valente pau, seria pagar com a mesma moeda e teria ampliado o efeito! Em vez disso, os comerciantes tinham já em Malange colocado as suas sentinelas no caminho para Cassange e quando avistavam uma caravana, caíam-lhe literalmente em cima, esmagavam-na com demonstrações de afecto e procuravam atraí-la para o *quintal* de cada um. Em consequência disto, os selvagens diziam rindo que “branco não tem ciúme”; o que, na opinião deles que entre si responsabilizavam o parente mais longínquo ou até outro membro da tribo, pela culpa de um deles, era decididamente uma vergonha!

8. Schütt: *Reisen im südwestlichen Becken des Congo*
[*Viagens pelo Sudoeste da bacia do Congo*], 1881b: 79-83

Neste local [na região dos Mbangala, junto à aldeia de M'Banza Ca Nganga, nos domínios do Jaga Calandula], descobri também, através dos carregadores e dos negros das imediações que se encontravam de visita no nosso acampamento, mais algumas coisas sobre a História dos Bangala.

Os Bangala pertencem ao povo lunda espalhado por toda a região e a posse do seu território data apenas da altura em que os portugueses e a rainha de [sic] Ginga ou N'Gola disputaram essas terras. Nesse tempo, um parente nobre do Matiamvo, de nome Bangala Quinguri, havia fugido de uma ameaça de vingança do imperador, em direcção a Oeste, onde encontrou os portugueses em guerra contra os Ginga e os Pende vizinhos, habitantes da margem esquerda do Quango. [Quinguri] participou nessa guerra do lado dos portugueses e ajudou a expulsar o rei Pende [sic]; este último fugiu para o interior, onde se instalou junto à margem esquerda do Cassai e fundou um poderoso reino que ainda hoje existe e que, em termos de poder, é equiparável ao reino dos Lunda.

Como recompensa, Bangala Quinguri recebeu dos portugueses o antigo território dos Pende. Todavia, era um tirano tão cruel e sanguinário que todos os dias mandava matar pessoas, que acabou por ser assassinado na sequência de uma conspiração surgida repentinamente. Os seus sobrinhos – os filhos são escravos, como se sabe – foram os seus dignos sucessores e uma boa parte da sua selvajaria transmitiu-se a todo o povo. Sobre o assassinato de Quinguri, conta-se que a sua gente escolheu um novo local para a sua aldeia e decidiu matar o chefe por ocasião da mudança para a nova residência. Mas isto não era fácil de conseguir com Quinguri que, segundo o que me contaram, tinha uma tal sede de sangue, que não se sentava nem levantava sem apunhalar com duas facas uma pessoa à sua direita e outra à sua esquerda! Os conspiradores construíram, por isso, uma sólida cubata na nova aldeia, que podia ser trancada e barricada num ápice, e na altura da mudança incitaram o soba a ser o primeiro a entrar nela; mal isto aconteceu, fecharam todas as aberturas e deitaram tanto fuba por um pequeno buraco feito no cimo, que o [chefe] trancado acabou por morrer asfíxiado.

Primeiramente sucedeu-lhe, no governo, o seu sobrinho Culachingo que, através do casamento com algumas mulheres libollo poderosas, aumentou ainda mais a sua autoridade, travou amizade com o soba dos Pende, iniciou uma relação amorosa com uma das mulheres deste e que, instigado por ela, acabou por mandar assassinar o soba, da mesma maneira que outrora o seu respeitável tio tinha sido morto. Depois de este nobre rebento ter assim ampliado consideravelmente o seu reino, o povo, proveniente de três grandes tribos lunda decidiu, após a morte dele, que quem deveria ser chefe não era o sobrinho do falecido soba, mas sim, em primeiro lugar, o soba mais velho da segunda tribo, depois o da terceira e, só depois, o sucessor legítimo de Culachingo, de modo

que ainda hoje os Jaga's provêm de três famílias – Culachingo, N'Gonga e Calunga. Esta é também a razão pela qual M'Bumba, um Culachingo, não pode ser Jaga a seguir ao seu tio, sem que antes tenha havido governantes das duas outras tribos. Só que isto, para além de não agradar a M'Bumba, não agrada a muitos Bangala, pelo que se formaram duas facções na região, uma conservadora e uma revolucionária, a última das quais pretende reintroduzir a sucessão dos sobrinhos.

Voltando ao próprio Culachingo, este tinha-se comprometido na sua juventude ao pagamento de um determinado tributo em marfim etc. aos portugueses, em troca do qual o governo mandaria comerciantes para o seu território e construiria aí feitorias. Desta forma tinha surgido a já referida Feira no meio do mato, na qual os soldados portugueses foram mortos à fome pelos negros, nas diversas guerras.

A Culachingo sucedeu N'Gonga e a este Calunga Camassa, após o que chegou ao poder o assim chamado grande M'Bumba. Contudo, Bumba [*sic*] foi ficando arrogante e exigiu ao director da Feira nomeado pelos portugueses um tributo de aguardente e tabaco, que deveria ser pago duas vezes por ano. Isto foi evidentemente recusado. Bumba fez rufar os tambores na sua residência e ordenou que não se vendesse mais nada aos portugueses.

Por essa altura, um português tinha sido assassinado numa aldeia de N'Dalla Quissua e o tenente Almeida fora enviado de Malange, a fim de cobrar a multa ao soba. Este pagou um certo número de vacas que no entanto fugiram durante o regresso do oficial e seus acompanhantes. Almeida voltou imediatamente para trás e exigiu novo pagamento. Todavia, riram-se dele e talvez o tenham tratado de forma um pouco rude, pois ele apresentou queixa disso em Malange. Então, – decorria o ano de 1848 – foi enviado o major Salis com um contingente de tropas; este cercou as aldeias e não descansou enquanto não prendeu o N'Dalla Quissua. Como castigo, o pobre diabo foi amarrado a um canhão e este foi disparado, após o que o castigado pode prosseguir o seu caminho meio coxo e quase surdo. Aquele tiro teve no entanto a vantagem de o soba se ter tornado muito mais manso desde então.

Quando os habitantes da Feira ouviram dizer que estavam soldados nas imediações, mandaram pedir ao major que desse também uma lição ao arrogante M'Bumba. O seu pedido foi ouvido, o gado foi requisitado à força pelos soldados e M'Bumba fugiu para a região dos Yongo. Na sequência disto, Calunga Caquistanga foi nomeado chefe. Depois de ter governado em paz durante dois anos, Calunga, para defender os seus interesses de regente, achou-se no dever de procurar o antigo Jaga M'Bumba e matá-lo. Para esta expedição, requereu a presença do director da Feira e de alguns outros brancos que acabaram por acompanhá-lo. Contudo, as coisas não se passaram como se esperava; não foi M'Bumba quem foi morto, mas sim aquele que pretendia matá-lo e, com ele, todos os seus acompanhantes, ou seja, também os brancos.

M'Bumba regressou então a Cassange como governante e todos os brancos fugiram do seu território. Foi imediatamente requerida a ajuda de Loanda e o major Salis foi novamente enviado [para lá], a fim de trazer o próprio M'Bumba, ou pelo menos a sua cabeça, para Malange. Infelizmente isto não pôde ser realizado, porque, ao saber da aproximação dos soldados, M'Bumba fugiu rapidamente para longe da outra margem do Quango, desaparecendo completamente por uns tempos.

Por intervenção dos portugueses, Cambollo Ca N'Ganga foi então nomeado Jaga e após a morte deste, ao fim de pouco tempo, chegou ao poder Cameiji; mas, também este morreu pouco depois. De repente, M'Bumba voltou a entrar em cena. Pediu e obteve o perdão na Feira e voltou a ser nomeado Jaga pelos portugueses.

[M'Bumba] governou de forma bastante satisfatória até ao ano de 1861; nesse ano rebentou um conflito em N'Donge entre dois sobas que disputavam o poder, no qual os portugueses se envolveram; uma das facções pediu auxílio a M'Bumba, este acedeu ao pedido e, no decorrer da batalha, o soba da família de Camungo, Ilunda, foi feito prisioneiro e decapitado. Então, num instante, toda a região foi assolada pela mais viva revolta. Todos os brancos fugiram, os Bangala roubaram e saquearam as feitorias, chegando até a matar alguns portugueses, e devastaram todas aquelas regiões.

Para restabelecer a paz foi enviado o major Casal com um contingente de 150 soldados; os Bangala fugiram e Casal perseguiu-os, deixando no entanto com o soba N'Gunza Ca M'Bamba metade das tropas que se encontravam a caminho, e, na região do Quango, foi atraído por M'Bumba para uma armadilha, em que todos caíram.

Os Bangala atacaram então o outro contingente, mas foram derrotados; poucos dias depois chegou o major Serra com reforços e fixou-se na Feira. Neste local, foi cercado pelos Bangala durante três meses, tendo de enfrentar, ao longo desse período, a fome mais atroz; como não obteve auxílio, acabou por pedir aos Bangala que lhe permitissem a retirada, tendo estes condescendido, na esperança de que este procedimento lhes granjeasse o perdão pelos seus múltiplos delitos.

Porém, o governo não concordou com esta decisão, pelo que enviou o tenente-coronel Borga que, juntamente com o seu acompanhante Mendes, se deixou todavia subornar e que só relatou coisas positivas sobre os Bangala. Mendes, que posteriormente foi nomeado juiz em Ambaca, portou-se como um reles ladrão e um tirano nos distritos que lhe eram subordinados, pelo que, quando o próprio governo achou que ele já estava a ultrapassar os limites e enviou soldados para o prenderem, estes mataram-no à paulada. O filho de Mendes, que participou nas chantagens e patifarias do seu pai, cumpria, ainda no meu tempo a sua justa pena na cadeia de Loanda.

Como infelizmente acontece connosco, os Bangala caracterizam-se ainda hoje pela sua rudeza e pela sua natureza beligerante; fazem pouco comércio, contentando-se, como já referi, com a venda do sal e com os assaltos, para eles ainda mais lucrativos, aos comerciantes e viajantes.

O motivo porque Bangala Quinguri teve de abandonar o reino da Lunda está intimamente ligado à história dos Matiamvo (Muata Jamvo). O rei que naquele tempo se encontrava no poder na Lunda tinha dois filhos, um dos quais era Bangala Quinguri que no entanto tinha, tal como o seu irmão, um comportamento tão arrogante, que o pai decidiu deserdar os seus filhos. Como só o podia fazer por meios astuciosos, ele deu secretamente, antes de morrer, as insígnias do reino que consistiam nos dentes dos antepassados, etc. e que transformavam qualquer negro num ente quase divino, à sua filha Lukokescha, nomeando-a sua sucessora. Pouco depois morreu e os seus súbditos reconheceram então a Lukokescha como rainha, uma vez que esta estava em posse dos símbolos sagrados; apenas um dos seus irmãos, Bangala Quinguri, se opôs a ela e fugiu com receio da sua vingança.

Então aconteceu que, um dia, surgiu no reino da Lukokescha um caçador vindo da terra dos cafres, um jovem belo e forte que dizia chamar-se Quibinda Ilungo e que caçava nas distantes matas da Lunda onde a nobre actividade da caça ainda era desconhecida. A sua força e agilidade granjearam-lhe em pouco tempo uma grande reputação e quando ele ofereceu à rainha algumas das melhores peças de caça, o amor dela passou do estômago para o coração e ela fez do valente desconhecido o seu esposo.

Durante a sua gravidez, os nobres do reino pediram-lhe que ela desse as insígnias do reino a outra pessoa, para que esta as conservasse até ao parto, pois uma mulher grávida é impura aos olhos de todos os negros e tem também de viver sozinha. Lukokescha acedeu a este pedido, deu ao seu marido os símbolos sagrados para sempre e foi assim que ele se tornou o governante de um povo poderoso que, a partir de então, passou a chamá-lo Muata Ilungo. Em sinal de gratidão para com a sua esposa, ele fez dela regente com igualdade de direitos; quando, após um longo e venturoso reinado lhes sucedeu o filho, de nome Jamvo, a mãe manteve evidentemente a sua dignidade e foi assim que surgiram os nomes ainda hoje usados de Muata Jamvo (Matiamvo) e Lukokescha. A lukokescha [*rukonkesh*] é sempre a rainha-mãe, sendo no entanto nomeada e não precisando de ser a verdadeira mãe do regente; está ao mesmo nível que ele, mas, tal como qualquer outra mulher da terra, seja a própria mãe, a irmã ou a filha, tem de lhe obedecer e estar à sua disposição no que respeita a relações íntimas. Isto porque o Matiamvo é um deus, não tem parentes e, como tal, a sucessão não se processa de modo regular.

Quando morre a lukokescha, a sua gente acompanha-a até ao reino das sombras, o que significa que os carrascos do reino matam tudo o que lhes aparece pela frente, seja grande ou pequeno, rico ou pobre. A digna princesa é

então sepultada de corpo inteiro no grande cemitério dos reis perto de Cabebe. Quando morre o Matiamvo, presume-se – não sem razão, na maioria das vezes – que ao longo da sua vida ele já tenha morto gente suficiente para o servir no Além, pelo que são executadas apenas quatro pessoas, embora se coloque também um homem e uma rapariga vivos, com os pés decepados, na sepultura, um deles à cabeça e outro aos pés do sarcófago, no qual não se encontra contudo o corpo do falecido, mas apenas as suas unhas, dentes e cabelos; o corpo é atirado ao rio Calanyi que corre a três horas da Mussumba, uma vez que, se isto não acontecesse, o falecido transformar-se-ia num animal selvagem.

*9. Schütt: Reisen im südwestlichen Becken des Congo
[Viagens pelo Sudoeste da bacia do Congo], 1881b: 136*

Os fardos foram também empacotados de novo [em Quimbundo] e prosseguiu-se com o desenho dos mapas; utilizei além disso algumas horas livres para fazer anotações de natureza genealógica que aqui se seguem.

O pai de Quibinda Ilungo era Mutombo Mucalla, um príncipe cafre do Sudeste de África. Dois irmãos mais velhos eram: Muene Canchica cujos herdeiros do nome e do cargo de governante ainda hoje dominam alegadamente um grande reino junto ao Lualaba, e Muata Cassongo que também rege um reino bastante grande junto ao Lualaba. Estes dois são mais velhos que Ilungo. O terceiro irmão, mais novo, era Mai que governa o reino luba. Os filhos do Matiamvo eram 1) Cassongo Mane Patta, 2) Cazequita Mane Cambana, 3) Muquelengue Milanda. Estes três eram bastante insignificantes e durante o tempo da sua governação pouco contribuíram para a ampliação do reino. Um quarto filho, Nanêge Yamvo, morreu na guerra e não chegou sequer a governar, tendo sido igualmente substituído pelo seu filho, chamado Yamvo Nanêge como o pai, que continuou as guerras e fez vassallos muitos muata's que então governavam no reino da Lunda. Depois da sua morte, o cargo foi ocupado pelo seu filho Mutteba, ao qual sucedeu o seu irmão Mucanza. Ligados por graus de parentesco, seguiram-se então Mulage, M'Balla Nanêge, Mucuaquengo, Nanêge Yamvo, Mulage II [Mulaj a Mbal], Quia Cassaquina [o usurpador Cassequena, Nawej a Chikomb], Mutteba II [Muteb a Chicomb], e Mutteba III [Mbumb Muteb a Kat, *sanam* Nawej], o actual regente que é alegadamente muito velhaco e ladrão. Entre o anterior Muata Yamvo e o actual, M'Balla Nanêge II [Mbala Kamong Iswot], filho de Mutteba, foi imperador durante alguns dias, mas a Lukokescha que actualmente ainda se encontra no poder hostilizou-o e dada a sua poderosa influência, aquele teve de fugir. Dizem alguns que ele ainda vive junto de Canhica no interior profundo do Nordeste, outros que ele morreu. Isto aconteceu em 1873 ou 1874. Todos os Lunda referem o Matiamvo no poder no meu tempo e provavelmente ainda hoje, como sendo o 13º da dinastia, apesar de ser o 16º. Isto deve-se ao facto de os três

primeiros referidos não contarem, por não terem feito nada pelo reino. O irmão do belicoso Nanêge, o ainda mais belicoso e lendário Yamvo Nanêge, é considerado o segundo Matiamvo, podendo também ser visto como o verdadeiro fundador do reino.

EDUARD SCHULZE

Eduard Schulze, nascido a 12 de Abril de 1852 na povoação silesiana de Reinerz, estudou até 1879 nas academias militares de Wahlstatt e Berlim e, quando a guerra rebentou, foi colocado no 2º regimento de infantaria da Baixa-Silésia, nº 47, como alferes porta-bandeiras. Ferido a 19 de Janeiro de 1871, foi pouco depois promovido a segundo-tenente. Desde muito cedo mostrara um interesse entusiástico por países e povos estrangeiros. Em visitas curtas, conheceu a Dinamarca, a Suécia, o Norte da Itália, Viena e Paris. Em 1880/81, uma licença de meio ano proporcionou-lhe mais viagens, apesar dos seus meios modestos, que o levaram a Itália, ao Norte de África, à Grécia, à Turquia e à Roménia. A sua transferência para a Academia de Cadetes Gr[öß]-Lichterfelde, no ano de 1883, serviu-lhe para adquirir todos os conhecimentos e competências necessários a uma viagem de exploração maior.

Devido a estes antecedentes, a “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland” (Sociedade Africana na Alemanha) encarregou-o da chefia de uma expedição maior para exploração do Sul da bacia do Congo. Os outros participantes foram o Dr. Richard Büttner*, o médico Willy Wolff*, o tenente Richard Kund e o tenente Hans Tappenbeck. A partida conjunta de Hamburgo teve lugar a 1 de Agosto de 1884. A 3 de Setembro encontraram-se nos Camarões com Max Buchner*, o comissário local do “Reich”. Enquanto Wolff em Cabinda e Kund em Banana procuravam um local próprio para uma base de apoio ao empreendimento e se informavam acerca da possibilidade de contratar carregadores, Tappenbeck viajou com a mesma incumbência por Ambrizette (N’zeto) até Ambriz, e Schulze até Luanda (chegada no dia 27 de Setembro 1884) e Novo Redondo (Sumbe). Aqui Schulze conseguiu arranjar 200 carregadores para a expedição planeada ao Norte, mas estes não puderam sair do território português devido a novas instruções vindas de Lisboa. Também o plano original que consistia em avançar até ao Cuango a partir de Ambrizette fracassou, devido à falta de carregadores e à atitude hostil dos africanos locais. Schulze viu-se obrigado a transferir o acampamento base da expedição para Nóqui no baixo Congo/Zaire. A partir daí planeou avançar em direcção ao Cuango e para junto do chefe dos Yaka, Mwene Mputu Casongo, perto do rio Ganga (onde Alexander von Mechow* tinha estado no ano de 1880) e dali até ao chefe dos Chilangue, Mukengue, que Paul Pogge* (1881), vindo do Sul, juntamente com Hermann von Wissmann*, tinha visitado e junto do qual tinha fundado uma estação alemã. Depois de mais algumas paragens intermédias em Ambriz, Banana e Vivi, Schulze partiu com Büttner a 12 de Dezembro de 1884 de Ango-Ango na margem esquerda do rio Congo (em frente a Vivi) para Mbanza Congo (port. São Salvador), ficando os restantes participantes da expedição de ir ter com eles mais tarde com o resto da bagagem. Algumas semanas depois, a 15 de Fevereiro de 1885, Eduard Schulze faleceu em Mbanza Congo vitimado

pela malária. A sua morte e outras circunstâncias adversas levaram ao desmembramento definitivo da expedição. Wolff e Büttner viajaram um após o outro, por diferentes rotas, de Mbanza Congo para o Cuango e até ao Mwene Mputu Casongo, Kund e Tappenbeck exploraram o Congo e o Luquénia, a partir de Stanley-Pool (Pool Malebo).

O relato das viagens de Eduard Schulze resume-se a seis cartas que se limitam a descrever o decurso exterior das mesmas. O paradeiro dos seus registos fotográficos é desconhecido.

HERMAN SOYAux

Herman Soyaux nasceu a 4 de Janeiro de 1852 em Breslau. Depois de ter estudado Botânica em Berlim, juntou-se em 1873, a conselho de Georg Schweinfurth, à expedição alemã ao Loango (ver também Adolf Bastian*, Julius Falkenstein*, Paul Güßfeldt*, Eduard Pechuël-Loesche*). Deixou Berlim a 24 de Novembro do mesmo ano e, a 24 de Janeiro 1874, chegou a Landana, na costa do Loango. Dali seguiu viagem para a estação alemã de Chinchoxo, onde parece ter permanecido durante a maior parte dos meses seguintes. Uma excursão levou-o com Julius Falkenstein ao rio Chilungo, cabendo como sempre a este último as tarefas fotográficas e zoológicas e a si próprio as botânicas. Em Setembro de 1874, realizou uma viagem ao rio Kouilou e, subindo o rio, conseguiu chegar até às florestas do Mayombe. Ali escutou as “histórias sobre os Abongos anões e os contos sobre os Lilalumbinde, os homens cabaça, que – como chegou a ser confirmado – viviam em grandes cascas de abóbora, os N-gamitschita, seres com cauda, os Mimfatingito, seres sem vestuário, com um avental feito com a pele da barriga; os Magamitu cabeçudos, os Mindallamassi, seres aquáticos, os Tschimbundi, seres com casco, e outras curiosidades.” (1877a: 1038). Ao longo da viagem, comprou também alguns objectos etnográficos para o Museu de Etnologia de Berlim (1879a, I: 312).

Pouco depois recebeu da “Deutsche Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas” (Sociedade Alemã para a Exploração da África Equatorial) a incumbência de acompanhar Alexander von Homeyer*, Anton Erwin Lux* e Paul Pogge* na sua expedição ao interior de Angola. Soyaux deixou o Loango no início do ano de 1875 e chegou a Luanda a 21 de Janeiro, depois de algum tempo de estadia em Landana, Banana e Ambriz. A 15 de Fevereiro pôs-se a caminho, com Pogge e von Homeyer, no barco a vapor, pelo Kwanza acima, em direcção ao Oriente. Mas só conseguiu chegar a Pungo Andongo, que alcançou após uma paragem no Dondo (e uma excursão às cataratas de Cambambe), no dia 7 de Março. De Abril a Junho, empreendeu a partir dali uma viagem a Luanda para ir buscar dinheiro para a expedição. Entretanto, o seu estado de saúde, bem como o de von Homeyer tinham-se deteriorado, pelo que Paul Pogge e o tenente Lux, que entretanto se lhes tinha juntado, tiveram de continuar sozinhos a expedição ao interior.

Soyaux acabou por regressar à costa do Loango, ao fim de dez meses em Angola, tendo chegado muito doente a Landana, a 3 de Outubro de 1875. Depois do seu restabelecimento, iniciou, a 5 de Maio de 1876, juntamente com os restantes participantes da expedição ao Loango, a viagem de regresso a Berlim, tendo recolhido colecções botânicas significativas (com 196 espécies de plantas em 1038 amostras). De algumas plantas, Soyaux fizera também “desenhos analíticos”.

Em 1879/80, Soyaux viajou para o Gabão, ao serviço da Casa Comercial C. Woermann, sediada em Hamburgo, a fim de iniciar uma plantação de café. Após o seu regresso de África entrou, em 1885, ao serviço da Associação Colonial Alemã e foi nomeado director da sua agência de informações em Berlim. Ao serviço da associação, foi ao Brasil em 1886, onde realizou registos do baixo Camaquam. Depois de uma curta estadia na Alemanha, voltou a este país em 1888, ao serviço da Comunidade de colonos Hermann, para assumir a chefia de uma colónia no Rio Grande do Sul. A partir de 1904, foi secretário-geral do *Centro Económico do Rio Grande do Sul*, em Porto Alegre. Não se sabe ao certo, quando e onde Herman Soyaux faleceu.

Embora o botânico Herman Soyaux não tenha feito estudos etnográficos sistemáticos, devemos-lhe um elevado número de impressões, observações e informações importantes sobre o “país e as gentes”. Como permaneceu, principalmente em localidades administrativas e comerciais ou em pontos de apoio às expedições alemãs e não esteve no interior do território, junto das populações locais, os seus relatos carecem de informações mais pormenorizadas sobre a vida dos Africanos. Em compensação, Soyaux fornece-nos informações detalhadas sobre mercadorias e preços comerciais (ver texto 1), sobre plantações e animais domésticos, sobre a diferença no trato dos escravos praticado por Europeus e Africanos e muitos pormenores sobre a realidade colonial. A sua descrição de um “debate” entre os Africanos (ver texto 2) é clara e compreensiva. Igualmente compreensivas são outras descrições suas, como por exemplo a dos ordálios de veneno presenciados por ele (1876a). O livro que Soyaux escreveu sobre a sua estadia de dois anos e meio em África combina o relato de viagem com o resultado das suas experiências. Mas, mesmo no que respeita a estadias curtas (p.ex., dois dias em Ambriz), o explorador não se abstém de fazer juízos bastante decisivos.

Como outros dos seus companheiros de viagem, também Soyaux se expressa claramente contra os preconceitos europeus em relação aos Africanos. Isto torna-se especialmente óbvio num capítulo intitulado “Só um negro”, no qual ele dá a palavra ao seu amigo africano (ver texto 3). Este diálogo imaginário com os seus leitores perpassa todo o livro. Nele Soyaux desmente as opiniões, segundo as quais os Africanos teriam uma “beleza negativa” e um mau carácter. A seu ver, estes juízos exteriorizados por outros viajantes, poderiam ser facilmente explicados pelo facto de terem sido proferidos imediatamente após uma experiência negativa. Só em consequência do contacto com os Brancos se teriam desenvolvido nos Africanos a astúcia, a cobiça e a desconfiança. Os comerciantes europeus residentes na costa do Loango eram, segundo Soyaux, os principais culpados pelo comportamento antipático dos africanos. Os conflitos entre ambos eram constantes. Na realidade e longe destas estações costeiras, o Mfiote teria sentimentos de vergonha e honra, moderação no comer e no beber, um grande asseio e caracterizar-se-ia pela hospitalidade, bem como pelo amor

às crianças e aos pais. Na opinião de Soyaux, o Mfiote desconhecia, sem dúvida, o valor do tempo e era “infantil, sendo mesmo ingenuamente alegre”. Caracterizar os Africanos como preguiçosos era para Soyaux um outro grande erro que se cometia. Quando muito eram indolentes. No ardor do sol paralisador, sem animais de tiro, as mulheres trabalhavam os campos com a enxada: “Sem dúvida que só o ser humano que se encontra num nível superior de civilização encara o trabalho como uma necessidade, um objectivo de vida, só ele vive para trabalhar; o ser natural considera o trabalho apenas como um meio de obtenção do estritamente necessário para o seu sustento, só trabalha para viver.” (1879a, I: 172). E como resultado das suas observações Soyaux verifica: “Eu acho que a raça negra não é especificamente pior ou menos organizada do que a branca e que o negro não deve ser apenas amestrado, mas sim, efectivamente, educado. Se toda a raça fosse de capacidade inferior, então não poderiam surgir dela indivíduos com grandes qualidades intelectuais. Mas isto é inegavelmente o caso [...]” (1879a, I: 153).

Soyaux atribuía aos europeus a culpa de, até ao momento, se ter alcançado tão pouco no que respeita ao trabalho de educação, em sua opinião necessário: “A causa do insucesso das tentativas de civilização não reside na incapacidade de aprendizagem ou na rudeza dos povos naturais, mas sim na rudeza dos Europeus e na sua incapacidade de educar aqueles povos; e não por falta de severidade, mas infelizmente apenas pelo motivo apontado pelo grande etnólogo Waitz: Aquelles povos naturais eram rudimentares, mas não eram moralmente degradados, os seus civilizadores, pelo contrário, eram moralmente degradados, mesmo não sendo rudimentares. Por que razão o trabalho civilizador está tão raramente aliado a humanidade!” (1879a, II: 33).

A forma como muitos africanos tinham também interiorizado este ponto de vista fica exemplarmente demonstrada, embora as palavras utilizadas sejam as de um explorador europeu, através dos pensamentos do amigo angolano de Soyaux (ver texto 3): “A civilização que vós trazeis aos negros é para mim, como uma bonita viola que se oferece a uma criança pequena. A criança fará sons horríveis com o instrumento harmonioso; tem de aprender primeiro a tocar. Assim, o negro não sabe o que há-de fazer com a vossa civilização, porque vós a trazeis já pronta. Vós adquiristes a vossa civilização actual ao longo de muitos séculos, gradualmente e através do trabalho. Dai mais tempo ao negro, dai-lhes exemplos melhores, ensinai-lhes trabalhos úteis e arranjai-lhes salário para o seu trabalho. Mandai-nos homens e missionários honestos que, na sua actuação, também pensem em nós e não só em si!” (1879a, II: 125-126).

Soyaux enaltece o artesanato local, principalmente o da costa do Loango e está convencido de que os baixos-relevos em marfim, assim como as esculturas em madeira “merecem por vezes ser consideradas obras de arte” (1879a, II: 179). Todas as suas observações acabam por levá-lo a acentuar “a irrefutável falta de fundamento da afirmação constantemente repetida de que o negro

apenas conseguia imitar aquilo que tinha visto o branco fazer” (1879a, II: 180): “Aquele que lhes nega uma criatividade independente e um gosto próprio nos seus trabalhos, fecha propositadamente os olhos perante as realidades evidentes, ou então é o desconhecimento das mesmas que o impossibilita de fazer um julgamento competente. É preciso ter observado de perto a forma de viver de um povo e, principalmente, ter estudado a sua língua, antes de alguém se ver no direito de pronunciar um juízo válido sobre o seu carácter, os seus talentos e capacidades.” (1879a, II: 180-181)

Não admira que, numa recensão pormenorizada do seu livro, Soyaux tenha sido acusado pelos seus contemporâneos de ser “negrófilo” e “de ter modificado completamente as opiniões existentes até à data sobre os pretos”. Dizia-se que as suas descrições contribuía, sem dúvida, para corrigir as descrições bastante pejorativas anteriormente formuladas, mas era necessário saber se com isso ele “não teria caído no extremo oposto ao da negrofobia”. De resto, ele só teria podido estudar “uma fracção pequena” do “mundo dos negros” (*Ausland* 52, 1879: 901).

Soyaux expressa-se de uma forma muito crítica em relação à administração colonial portuguesa. Uma síntese das suas impressões e os conhecimentos que adquiriu são expostos em dois capítulos: “A Colónia de Angola” e, principalmente, “Como é a Angola colonizada”. Comparativamente aos outros europeus ele tem, no geral, uma opinião muito má acerca dos portugueses. Acusava-os de tentar enriquecer à custa da população nativa de múltiplas maneiras e também de tratar os seus escravos de forma mais “desumana do que os próprios comerciantes de escravos espanhóis” (1879a, II: 108). A corrupção dos funcionários de estado ultrapassava, a seu ver, tudo o que se poderia pensar. Soyaux apresenta exemplos sobre a exploração dos chefes africanos sob administração portuguesa, que não era legitimada por qualquer lei (1877c).

Aniquiladora é a sua opinião sobre os mestiços em Angola, que se viam a si próprios como brancos: “geralmente herdaram dos seus pais de raças diferentes apenas os traços de carácter negativos: traição, perfídia, maldade subtil, falsidade, cobardia e ao mesmo tempo uma índole insolente e desavergonhada. O mulato odeia a sua mãe por ser negra e o seu pai por ter tomado uma negra como mulher. Nenhum branco, por mais cruel que seja, trata os seus escravos de forma tão desumana como o mulato; por essa razão ele é não só odiado pelos negros, como temido pela sua manha.” (1879a, I: 348-349).

Na opinião de Soyaux, as causas fundamentais dos inúmeros males que ele regista em Angola consistem: “em primeiro lugar, na utilização de Angola como colónia penal para criminosos; em segundo, na persistência do comércio de escravos e da escravatura, de forma velada ou aberta; em terceiro, na reunião da autoridade militar e civil sob a mesma tutela, na atribuição dos mais altos cargos a funcionários subalternos incapazes, só por serem conterrâneos, nos salários manifestamente insuficientes, na falta de qualquer controlo e consequentemente

a opressão e exploração arbitrária dos indígenas; em quarto, nos óbices e impedimentos ao desenvolvimento do comércio através de taxas e tributos elevados; em quinto, na falta de protecção e auxílio por parte do governo a colonos europeus no interior do território.” (1879a, II: 111-112). Na sequência destas circunstâncias, “os indígenas afastavam-se timidamente de qualquer europeu moreno, porque o tomavam por português, ao passo que olhos claros e cabelo louro bastavam para lhes incutir mais confiança em relação aos estrangeiros.” (1879a, II: 111)

Soyaux definiu-se mais tarde “como um dos maiores adeptos da colonização alemã”, à qual ele tinha dedicado o resto da sua vida. Mas apesar de, em sua opinião, o continente africano não se adequar ao estabelecimento de colónias agrícolas alemãs, ele defendeu expressamente, “a educação da população indígena para o trabalho regular e constante”, embora, se possível, sem coacção. A condição necessária para tal seria um conhecimento efectivo do povo, ao qual não deveria ser imposto nada de estrangeiro de forma violenta. A influência indispensável ao trabalho de educação só poderia ser conquistada através da personalidade individual, através da sinceridade, justiça e imparcialidade absolutas: “É precisamente esta última [qualidade] que falta a muitos dos que, ainda inexperientes, chegam à costa africana. Quantas vezes ouvi a esses novatos os juízos mais incríveis sobre os ‘negros’, antes mesmo de terem avistado uma pele preta! O negro rouba, o negro é preguiçoso, o negro mente, o negro cheira mal – estas afirmações transformaram-se em dogmas que frequentemente não têm outro fundamento senão leituras mal digeridas e a imagem [reproduzida] numa embalagem de charutos.” (1888: 113)

A conclusão que Herman Soyaux tirou da sua experiência em Angola está patente nas palavras do seu amigo africano por ele resgistadas: “Aliás, não se pode julgar os negros apenas com base nos que vivem aqui em Angola; ao julgá-los, o branco julga-se a si próprio, porque as características negativas que encontra nos africanos são as que estes aprenderam com ele!” (1879a, II: 125; ver texto 3)

Textos

1. Aus West-Afrika [Da África ocidental], 1879a, II: 167-172

O comércio entre os negociantes brancos e os indígenas corresponde no Loango exclusivamente a um comércio de troca e o mesmo acontece ainda na maior parte de Angola. A determinados artigos consumidos pelos negros em geral corresponde um determinado valor que é adoptado na compra e venda dos produtos locais. Entre os artigos geralmente mais cobiçados encontram-se as *fazendas*, desde o tecido de algodão mais vulgar, até à seda, ao brocado e ao veludo, na sua maioria de fabrico inglês, francês e suíço. Por isso, uma peça

quadrada com determinadas dimensões, um lenço, serve de medida principal: 2 lenços deste tipo correspondem a um *panno*, 4 *pannos* a um *cortado* e o *cortado* do tecido de algodão mais corrente tem o valor de cerca de 1000 reis *fracos* = 2 Mark 73 Pf[ennig]. Os tecidos brancos, ou brancos com motivos em azul são mais apreciados pelos negros do que os tecidos de cor ou multicolores; no entanto, as suas mulheres também gostam da chita brilhante ou da que é usada na decoração, estampada com cores vivas e com motivos grotescos. Relativamente aos tecidos, há que referir também: a “baieta”, uma flanela azul e vermelha, com riscas finas, cortada em faixas, as camisas tecidas em lã colorida e os barretes em forma de saco azuis com forro vermelho, muito usados sobretudo pelos indígenas da costa do Loango.

O segundo artigo de importação mais importante consiste em velhas tiras de ferro que são trabalhadas pelos ferreiros locais e em artigos de ferro, como machetes em forma de sabre com punho de madeira, facas de mesa, articuladas e de trinchar com cabo branco de chifre, cadeados e fechaduras de lingueta, anzóis de pesca, agulhas e alfinetes, correntes de ferro, ferramentas básicas de carpintaria. Também se importa latão para fazer braceletes e argolas para os tornozelos.

Seguem-se as espingardas de pederneira. Embora sejam da pior qualidade – o cano das armas francesas consiste muitas vezes num velho tubo de gás – têm o valor de 5 *cortados* (13 Mark 65 Pf[ennig]) cada uma. A pederneira é habitualmente fornecida gratuitamente nos negócios de troca de maior vulto; a pólvora grosseira, designada por pólvora dos negros, é comercializada em pequenos barris de 2 quilogramas; como balas são utilizadas pequenas pedras nomeadamente de manganésio ou magnésio, pregos, botões e coisas do género; em Angola também se pode comprar ferro-velho; disseram-me que, por exemplo, em M-pungu an dóngo [Pungo Andongo] se vende por ano cerca de 450 kg desse material. Geralmente o negro carrega demasiado a sua espingarda, razão pela qual ela produz uma grande detonação ao disparar e o atirador recebe um enorme coice; para o evitar, o negro não a encosta ao ombro, quando dispara, mas sim à anca, virando a cara para o outro lado. Claro que o tiro quase nunca acerta no alvo, pelo que se ouve falar de grandes batalhas entre os indígenas, em que a totalidade das baixas consistem num morto ou num ferido. Apesar disso, a arma não é completamente inofensiva nas mãos dos negros; as balas têm força suficiente para matar um búfalo e chegaram mesmo a furar as placas de ferro do vapor Fanny.

Além disso, encontramos objectos importados e artigos de barro em quase todas as cubatas de negros, mesmo nas regiões do interior: garrafas, copos, espelhos, pratos, tigelas, panelas e jarros e também colheres de zinco, embora não destinados ao uso corrente, mas sim guardados como propriedade de valor monetário.

O rum, *agoardente*, é geralmente importado em grandes quantidades, mas isso não significa que devamos concluir que os negros são bêbados. Os negros apreciam o seu cálice de aguardente, mas nenhum dos que conheci era dependente da bebida. Um pequeno copo de aguardente serve de gorjeta ou *matabisch* [mata-bicho] para trabalhadores, carregadores de tipóia, mensageiros e como suplemento de um preço de compra estabelecido. Sem aguardente, não há negócio; se o artigo é valioso, uma parte maior ou menor do seu valor é paga em aguardente em vez de ser paga em outros produtos; quando se trata de montantes menores, nomeadamente de mantimentos, o preço é pago exclusivamente em aguardente. A nossa estação [*i.e.* Chinchoxo, na costa do Loango] despendeu inicialmente, enquanto precisámos de comprar todos os nossos mantimentos aos indígenas, devido à falta de uma produção própria, um barril de aguardente com 60 a 65 galões por semana. Uma *garrafa* que contém 8 cálices, *copos* tem o valor de cerca de 60 Pfennig; 5 *garrafas* perfazem um *galão*, 4 *galões* [*sic*] um *garrafão*. Quanto mais se avança em direcção ao interior, menos a aguardente é utilizada como moeda de troca; ao negociante sai demasiado caro o seu longo transporte em pequenos barris e as populações locais preferem trocar os seus produtos por artigos vitais mais úteis: fazendas, artigos de ferro e sal. É claro que a qualidade da chamada aguardente dos negros já não é a melhor à partida; só que depois, cada um dos negociantes por cujas mãos ela passa acrescenta-lhe uma maior ou menor porção de água, a fim de aumentar o seu volume, pelo que o consumidor obtém, por fim, um líquido amarelado e escuro com um gosto acre feito de um misto de doce, ácido e amargo. A maior parte dela provém da Alemanha, da Inglaterra e da América. Em Loanda vi muitas vezes barris vazios nas ruas com a marca “*João Schulze, Hamburgo*”; pode depreender-se destes barris de aguardente que, para os angolanos, a Alemanha é conhecida por Hamburgo. A aguardente branca, denominada taffia, servida pelos negociantes como *matabisch* aos seus melhores clientes, é mais agradável. Para suprir as necessidades de consumo dos brancos, importa-se genebra, *gin*, da Holanda, habitualmente em garrafas quadrangulares (*frasco de genebra*) e Cognac, da França ou da Inglaterra, em quantidades consideráveis, ao qual se acrescenta geralmente um pouco de Angostura.

As missangas, brincos, anéis e corais são artigos de importação particularmente lucrativos; os últimos são comercializados nomeadamente em pedaços oblongos da grossura de um dedo e têm muita procura entre os negros que conseguem distinguir perfeitamente os verdadeiros dos falsos. Os países mais a Norte importam sal e Angola sabão, óleo para o cabelo e perfume, com grandes lucros.

O meio de transporte mais caro é a expedição pelas caravanas de carregadores. A tabela que se segue mostra a influência deste meio no preço dos artigos

transportados; os preços contabilizados em *Marcos* alemães [*M.*] são os seguintes:

	<i>Lisboa:</i>	<i>Loánda:</i>	<i>M-pungu</i> <i>An dóngo:</i>	<i>Kassandsche:</i>
15 kg açúcar (granulado)	13,10 <i>M.</i>	20.– <i>M.</i>	35,10 <i>M.</i>	80.– <i>M.</i>
½ kg farinha de trigo	0,22 <i>M.</i>	0,56 <i>M.</i>	0,95 <i>M.</i>	2,33 <i>M.</i>
1 garr. vinho (<i>tinto</i>)	0,33 <i>M.</i>	0,68 <i>M.</i>	1,30 <i>M.</i>	2,33 <i>M.</i>
½ kg biscoitos	0,31 <i>M.</i>	0,67 <i>M.</i>	1,30 <i>M.</i>	2,33 <i>M.</i>
1 peça de algodão	9,50 <i>M.</i>	13,30 <i>M.</i>	19,10 <i>M.</i>	26,70 <i>M.</i>

Para além do salário e do subsídio para o sustento dos carregadores e de possíveis desvios e prejuízos, há que ter em conta a enorme perda de tempo que tudo isto implicava.

Segue-se uma lista dos principais produtos exportados a partir da costa ocidental de África:

Azeite de palma e coconotes de toda a costa, desde a Serra Leoa até muito para o Sul.

Borracha *elasticum* ou caucho, obtida a partir da seiva da *trepadeira landolphia florida* e cuja qualidade quase não fica atrás da melhor borracha brasileira (do Pará). Só há cerca de 10 anos é que se iniciou o comércio da borracha em Angola; desde essa altura, a quantidade [de borracha] comercializada aumenta de ano para ano, embora a recolha seja efectuada com o máximo cuidado possível. O preço do kg no local varia entre 40 Pfennig e 3 *Marcos*.

Marfim, em toda a costa da Guiné Inferior, especialmente em Ponta Negra (Blackpoint) e Kinsémbo, trazido para Angola maioritariamente via *Malandsche* [Malanje] e Duque de Bragança. Quanto mais pesado é um dente de elefante, mais caro é o quilograma do seu peso total. Por isso, os preços são muito variáveis, variando entre 10 e 20 *Mark* por quilograma.

Cera de abelha, em pedaços (*gamellas*) de 50 a 60 kg, sendo o preço do quilo: de 1,60 até 2 *Marcos*. Contudo, também chegam a Angola grandes quantidades de cera através de *Malandsche* e *M-pungu an dóngo*, cujo principal local de exportação é Bengéla [Benguela].

Amendoim (*jinguba, ground-nut*), de toda a costa da Guiné Inferior e em especial de Angola e das ilhas do golfo da Guiné.

- Café, em Kaséngo, Huila, Golungo Alto, produzido em Ambáka e exportado de Angola ou das ilhas da Guiné. A qualidade do café de Kaséngo pode ser comparada à do café brasileiro.
- Resina de copal, desde 1807, exportada do Dánde, de Ambris, do Kuánsa e de regiões mais a Sul em quantidades consideráveis.
- Algodão; o algodão produzido em Angola dá uma pilha maior que o da costa da Guiné Superior.
- Açúcar, de Angola e das ilhas da Guiné.
- Cacau, de Fernando Pó e ilhas adjacentes, embora em quantidade reduzida.
- Coco, o fruto de casca dura e o seu grosso revestimento fibroso, exportado da costa da Guiné Superior. No Loango tivemos de pagar 50 Pfennig por um coco fresco.
- Urzela, de Angola, das ilhas da Guiné e Cabo Verde.
- Ébano, pau-brasil, a Norte e a Oeste do Gabão.
- Gengibre, pimenta, indigo, diversas oleáceas e ouro, da costa da Alta Guiné.

2. *Aus West-Afrika [Da a África ocidental], 1879a, I: 208-211*

Observemos agora algumas características específicas da vida dos negros do Loango. Entre elas encontra-se, em primeiro lugar: o debate [*Palaver* em alemão], (derivado do termo espanhol *palabra* ou do português *palavra*; ou seja, o *n-sanu*, *m-kanu* ou *m-páka* dos indígenas); uma reunião para resolução de todo o tipo de questões de conflito entre duas ou mais facções, para discussão de assuntos importantes de ordem pública, ou para recepção solene de estrangeiros. Esta última, por ser menos importante e de natureza mais privada, é presidida pelo chefe da aldeia em que se realiza a recepção. Este tipo de audiência pacífica não traduz o verdadeiro carácter de tal debate. Porém, quando se trata da resolução de conflitos ou da discussão de assuntos públicos, os interesses dos participantes vêm mais à tona, o que confere à reunião um cunho popular característico. Quando há várias regiões do país implicadas, comparecem os chefes de todas essas regiões e o M-bóma preside [à assembleia] como juiz supremo; todavia, se as facções envolvidas residirem na mesma aldeia, é o M-fumu nsi ou príncipe do distrito que toma as decisões.

Nos casos de conflito, são tomados em consideração sobretudo os depoimentos das testemunhas convocadas; no entanto, [estes depoimentos] não justificam por si só as decisões, nem constituem material de prova definitivo, mas conduzem sim à discussão entre as diversas facções. Contradizendo totalmente as habituais descrições acerca da gritaria e do barulho dos negros, justificadas noutros casos, os contendentes comportam-se da maneira mais calma possível, observando rigorosamente um cerimonial parlamentar completamente desenvolvido. Em especial nos debates mais importantes, em

que os discursos ininterruptos se prolongam durante vários dias, é mantido um decoro e uma dignidade que habitualmente não se atribui ao negro de sangue quente, facilmente excitável. As únicas armas permitidas aos partidários das facções envolvidas consistem na palavra usada para conseguir uma descrição vantajosa e na esperteza necessária ao emprego de todos os argumentos utilizáveis. Numa luta acesa, as diversas opiniões, cortantes e aguçadas como espadas bem conduzidas, entram em colisão, os adversários medem-se com olhares faiscantes e cada um deles tenta aproveitar-se das fraquezas do inimigo. Contudo, nunca um orador é interrompido ou incomodado pelos participantes. Depois de a sua boca se calar e de o apoio ou a insatisfação da multidão se manifestar através de um murmúrio surdo, segue-se o discurso igualmente imperturbado do outro. Para manter a ordem parlamentar e também para conferir pompa exterior aos procedimentos, estão presentes arautos especiais, usando as insígnias da sua dignidade, aos quais é prestada obediência incondicional.

O observador fica surpreendido não só com esta observação de formalidades cortesias, mas também com a habilidade com que o orador encurrala o seu adversário. A eloquência, a presença de espírito, a capacidade de persuasão e a gesticulação comedida de cada um dos negros e particularmente a sua graciosidade digna, associada a um decoro e uma autoconfiança quase majestosos, com os quais os homens mais idosos interpelam os ouvintes silenciosos, por vezes durante horas sem interrupção, expõem os seus prós e contras, propõem ou rejeitam castigos e discutem as suas razões, tudo isto é verdadeiramente admirável e constitui a melhor forma de abalar integralmente a noção da reduzida inteligência do negro. Frequentemente, o discurso inflamado transforma-se numa récita que é secundada pela assistência sempre muito numerosa nestes debates, através da repetição esporádica da última palavra de uma frase murmurada em coro. De vez em quando fazem-se pausas curtas, quando as negociações atingem uma nova etapa, em que as facções se isolam, para reflectir sobre a situação momentânea ou para discutir os argumentos legais e as provas que devem ser apresentados em seguida. Durante todo o debate quase não se bebe aguardente, não se come e só muito raramente se fuma; os participantes só mastigam de quando em quando um pouco de noz de cola que constitui um artigo de comércio muito procurado em toda a região. A cola contém uma maior percentagem de cafeína do que o café e é mastigada com sucesso para evitar a fome e o cansaço.

O final do debate é anunciado pelo árbitro que, caso se trate do M-boma, pousa no chão a tschimpapa, insígnia da dignidade de juiz supremo, semelhante a um ceptro, para sinalizar o encerramento da assembleia. O veredicto é determinado com base em casos precedentes e é sempre seguido; habitualmente consiste em multas pagas em aguardente, escravos, armas de fogo e fazendas, pela facção derrotada à facção vencedora. A certeza da observância da sentença

é tão grande, que se alguém não estiver temporariamente em condições de pagar, a multa é lhe creditada e ele pode sair em liberdade.

3. *Aus West-Afrika [Da a África ocidental], 1879a, II: 116-118, 121-125*

Depois de ter aprendido a ler, escrever e fazer contas com o seu pai, [o africano João Gonçalves d’Azevedo das imediações de Pungo Andongo] procurara continuar a sua formação, por conta própria, através de livros portugueses, estivera com expedições comerciais em Loándo, no Sul junto dos Mbalundu, Kissáma e Libólo, no longínquo Oriente junto das tribos que habitavam no interior, aliando uma ambição modesta a um discernimento claro e uma observação penetrante.

Seguem-se algumas informações do meu amigo negro, tal como eu as costumava transcrever logo a seguir; talvez não seja desinteressante a visão que elas nos dão acerca da vida espiritual dos negros e nomeadamente da ideia que formaram acerca dos brancos através da sua relação com eles.

“Porque nos colocam, a nós os negros, numa posição tão baixa na vossa escala de valores? Nada fizemos, dizem vocês, para merecer a vossa consideração. Bom, pela forma como os europeus se têm mostrado aqui em Angola, a sua consideração não nos pode interessar; por isso pretendemos apenas as vantagens materiais que vocês nos podem trazer, mas que nos fazem pagar mil vezes. Vocês chamam-nos ‘negro’, o que quer dizer o mesmo que ‘animal’. Mas será que o animal é apenas uma criatura sem alma, um bocado vivo de carne com instintos de alimentação, sobrevivência e reprodução? Creio que não. Olhe para o meu cão: ele sabe que eu estou a falar dele; está contente porque sabe que estou a falar bem dele. Veja aquela termiteira: eu só conheço as belas casas e palácios da Europa através de algumas imagens que vi; no entanto, não creio que tenham sido construídas com mais mestria, engenho e labor. Vocês dão valor ao animal, porque ele vos é útil ou porque vos diverte. E nós, não vos somos úteis com o nosso trabalho, cujos frutos vocês colhem sem esforço e que avaliam sabe-se lá como? Então, porque não nos apreciam?” –

“Vocês dizem que nós temos tantas características negativas. Eu não conheço nenhuma que vocês também não tenham; só que vocês disfarçam as vossas – por amor ao aperfeiçoamento, como dizem. Contudo, esse amor ao aperfeiçoamento talvez não passe inicialmente de um receio de ser castigado – tiro esta conclusão daquilo que vi nos filhos dos brancos – e depois da consequência das vossas condições de vida ordenadas. Nós temos falta de condições de vida ordenadas, desde que vocês estão na nossa terra. No interior, onde ainda nenhum branco chegou, ou onde a vossa influência ainda não se faz sentir, vivem tribos felizes de modo organizado, parecido com o vosso. A nossa língua tem uma palavra para Deus: *zambi*, para vício: *kiffua*, *kiaiba*, para castigo divino: *ilungi*. Sim, nós temos uma religião, só que não é como os vossos padres

a interpretam. Também temos promessas de misericórdia, *okukana gua ukamba*, como vocês na vossa religião, só que vocês precisam de medidas correctivas, tais como ameaças e promessas. É verdade que nos falta a história da redenção, mas ainda não sentimos a necessidade de uma redenção. Aqui a religião confere poder aos sacerdotes que a utilizam como um meio para atingirem os seus fins; será que isso não acontece com os vossos? Eu oiço os vossos sacerdotes na igreja dizer que a varíola é um castigo divino; os nossos sacerdotes negros atribuem-na à maldade de um feiticeiro. Não acreditam que um tal sofrimento possa provir de um grande Deus. Vocês chamam aos nossos feitiços bocados de madeira mortos; será que as imagens dos santos da igreja cristã têm mais vida? Apesar disso, muitos dos vossos irmãos rezam a essas imagens, uns poucos porque acreditam realmente nelas, outros porque fazem de conta que acreditam, e a maioria por um hábito que lhes foi inculcado. É o hábito que vos faz superiores; o vosso conhecimento, a vossa formação assenta na tradição dos antepassados. O vosso cérebro pode ter uma constituição diferente do deles – Aprendi isto há pouco tempo de Você; no entanto, tudo o que vos distingue e que vos dá tanto orgulho é herdado dos outros. Cortem com o vosso passado e serão selvagens. A vossa civilização assenta nas informações sobre aquilo que milhões de pessoas conseguiram alcançar ao longo de vários séculos. Quem é que nos fornece informações? Ninguém. Ou será que considera que esses missionários são divulgadores da sua civilização? Eu não. O que eles nos ensinam são auto-recriações dos dogmas e fórmulas de uma religião; é como se quisessem implantar num cafezeiro os rebentos de uma figueira. A religião é uma questão de crença, como é que vocês sabem que a vossa religião é a religião certa? Foi Deus que vos disse isso? Conosco, ele nunca falou, mas também nós temos uma religião que, para nós, tem tanto valor como a vossa tem para vós. Ouvei dizer que os vossos doutores conseguem reconstituir membros perdidos, que conseguem colocar um novo nariz na cara de um indivíduo. Só que, se o novo nariz não se conseguir ligar à carne e ao sangue do local onde foi implantado, cairá em pouco tempo. Só que, como desde há muito cresce no homem um nariz naquele local, a carne e o sangue adquiriram, por uma questão de hábito, a capacidade de aí fazer crescer um nariz. Assim, os vossos filhos têm uma facilidade cada vez maior em aprender o que vocês lhes ensinam. Riem-se da minha conversa, o que pode não ser correcto; eu digo aquilo que penso por mim próprio. Desde que o conheço, falo mais correctamente; aprendi certas coisas com a sua conversa, que anteriormente não podia saber, por falta de informação. [...]” [pp. 116-118]

“Como será o cristianismo daqui a alguns milhares de anos? O cristianismo de hoje é obra dos seus sacerdotes; julgo que se Cristo voltasse agora à terra, ficaria muito triste e zangado com os seus sacerdotes que eu conheço aqui em Angola. Na vossa terra, na Europa, podem ser melhores, mas os melhores não seriam necessários precisamente aqui? Sabe quem é que me faz pensar em

Cristo? O vosso – ou o nosso – Livingstone. Como admiro esse homem! Luta sozinho com a sua palavra e o seu exemplo contra as sombras malélicas que os seus irmãos brancos lançam sobre a nossa terra. Há anos, vi-o passar pela nossa aldeia; subiu aquela rua acompanhado apenas por alguns acólitos negros, carregando algumas malas de alumínio amarelas. A sua arma de protecção mais segura é o seu bom coração. Ouvi falar do ‘branco de boné’ no Sul e no Leste; todos os negros gostavam dele; porque é que os brancos não são todos como ele?” –

“De que nos servem as missões? As crianças negras educadas nelas não servem para nada; escrevem, lêem e rezam os seus padre-nossos; mas não querem trabalhar. Têm vergonha de ter uma pele negra e desprezam os mais velhos e os seus irmãos, embora se deixem alimentar por eles. Têm orgulho na sua formação, mas nem sequer aprenderam a amar o próximo! Porque, para Cristo, sem dúvida que nós os negros também fazemos parte do próximo.” –

“Vocês atribuem-nos muitos defeitos, de que não estão de forma alguma isentos. As vossas convicções elevadas também não conseguiram impedir-vos de queimarem hereges e bruxas; mesmo assim reprovam os nossos ordálios e as nossas condenações à morte. Como se um ordálio não constituísse para nós uma manifestação da divindade. Também na Europa existiram sacrificios humanos. A nós acusam-nos de canibalismo. Apenas poucas tribos isoladas comem pessoas por prazer. Os M-balundu comem os seus inimigos mortos, porque um inimigo caído em combate deve ter sido corajoso e eles acreditam que, juntamente com o seu sangue, lhes é transmitida a sua coragem. As razias de caça aos escravos só se tornaram habituais entre nós por vossa influência. Ao que parece, antigamente os prisioneiros de guerra eram também escravizados pelos vencedores; mas, a partir do momento em que vocês precisaram de escravos, passaram a ser feitas guerras apenas com o intuito de capturar escravos. E como vocês tratam mal os vossos escravos! Entre nós, o escravo é um membro da família do seu senhor, chamam-lhe filho, e se o senhor morrer sem deixar herdeiros consanguíneos, todas as suas propriedades ficam para os seus escravos. Vocês insurgem-se contra a poligamia dos negros. Eu conheço europeus aqui em Angola, que têm várias mulheres negras apenas para satisfazer a sua volúpia, o que é tanto mais abjecto, quanto se sabe que para eles o estatuto do negro não está acima do de um animal. Na maioria das vezes, o negro tem apenas uma mulher; se ele toma várias, é porque precisa de trabalhadoras fiéis. Não é verdade que sejamos preguiçosos. O comércio da borracha só é explorado em Angola há alguns anos: no entanto, veja-se a quantidade [de borracha] que já actualmente é reunida e posta á venda pelos negros! O número de carregadores de caravana que passam anualmente por M-pungu an dóngo consiste, no mínimo, em 250 000, cada um dos quais com uma carga de 50 libras: o que corresponde a uma carga de 25 milhões de libras. Isto não é trabalho? E quão reduzido é o pagamento! Veja os nossos grandes

campos de mandioca, sorgo, milho, feijão, batata: todos eles são trabalhados com a enxada na mão. Só na nossa localidade, são vendidos 30000 matemos (enxadas de ferro) fabricados pelos M-balundu. Os brancos que vivem na nossa terra não são certamente tão aplicados como nós.” – [...]

“[...] todos os brancos que chegam à nossa terra querem enriquecer à nossa custa. Vocês lucram cem vezes mais com o nosso trabalho, do que nós.” –

“Vocês acusam os negros de gostarem de se embebedar com aguardente. Isso é muito exagerado. Você sabe muito bem que aqui a aguardente não é um grande artigo de comércio. Já viu muitos negros bêbados? Os brancos na nossa terra bebem muito mais bebidas alcoólicas do que nós os negros. Podemos encontrar brancos bêbados quase todos os dias. Quem é que nos dá a aguardente? Vocês. [...]” – [...]

Às vezes, a sua cultura lembra-me o fumo do tabaco numa sala bonita: ao princípio tem uma linda cor azul e um cheiro agradável; mais tarde, a sala cheira mal.” –

“Como é injusta a maneira como avaliam o nosso povo, quando a bitola são as suas concepções religiosas! Como é que podem conhecer as concepções deles, se nem sequer conhecem bem a sua língua? Qualquer branco que tenha vivido alguns meses ou anos em Angola e aprendido algumas palavras na nossa língua, como *baka mana* (traz-me água), *baka tubia* (traz-me fogo), *enda* (vai), *yssa* (vem), *lusolo!* (depressa!), profere juízos sobre nós e diz: trata-se de um povo que ocupa uma posição muito baixa, que rouba e mente e que não presta para mais nada, senão para a escravatura! Aliás, não se pode avaliar os negros apenas com base nos que vivem aqui em Angola; ao avaliá-los, o branco avalia-se a si próprio, porque as características negativas que encontra neles, são as que estes aprenderam com ele!” – [pp. 121-125]

GEORG TAMS

Georg Tams de Altona, sobre cuja vida na sua terra natal nada se sabe, acompanhou como médico de bordo a expedição comercial a Angola do Cônsul Geral português na Alemanha, José Ribeiro dos Santos. Partiu de Hamburgo a 28 de Junho de 1841 e chegou à costa angolana a 10 de Outubro. Nos quatro meses e meio que se seguiram viajou para as localidades costeiras mais importantes do país (Benguela, Novo Redondo [hoje Sumbe], Luanda, Ambriz), mas não conseguiu avançar para o interior do território, com excepção de uma pequena excursão ao Bengo. Depois começou a viagem de regresso a casa, a partir de Ambriz. Tanto o chefe da expedição, como também dois cientistas alemães que haviam acompanhado o empreendimento, tinham morrido entretanto. A 31 de Maio de 1842, Tams chegou de novo a Hamburgo (cf. Wissenbach 2009).

Da sua viagem trouxe alguns objectos etnográficos (armas – compradas, segundo parece, total ou principalmente em Ambriz, cf. Tams 1850, II: 130 –, cestos, pentes, peças de vestuário, adornos e “feitiços”) que acabaram por ir parar ao Museu de Etnologia de Lípsia. Actualmente, parece que já só existem poucas peças. Bastante mais significativo é, todavia, o extenso relato de viagem (1845, edição em português 1850) de Tams, injustamente esquecido. Paralelamente a descrições repletas de pormenores das cidades visitadas, as anotações sobre as principais plantas usadas na alimentação, outras plantas e animais úteis, riquezas do solo e mercadorias comerciais, a obra contém também inúmeras observações etnográficas e informações sobre a cultura e a forma de vida dos angolanos, chegadas ao conhecimento do autor por outros meios. O autor cita as fontes publicadas que utilizou, mas mostra-se céptico em relação a testemunhos orais (ver *supra*, introdução, cap. 5).

Um valor especial, têm as descrições precisas e francas de Tams sobre o comércio e o tratamento dos escravos, que não se encontram noutros relatos sobre a Angola daquele tempo. Ele critica severamente estas duas realidades, como se pode ver pelo que diz em relação a Benguela (ver texto 1). Tams não foi apenas um bom observador. Até certo ponto, tinha também consciência dos seus próprios preconceitos. Por isso, chegou rapidamente à conclusão de que, contrariamente a todos os relatos parciais que tinha ouvido e lido no seu país e, apesar de em Angola os africanos serem geralmente chamados “macacos” pelos europeus (1850, I: 214), eles eram na verdade seres humanos “completos” principalmente no que respeita ao carácter e às capacidades espirituais. O “nível baixo”, no qual Tams, a seu ver, os encontrou na costa angolana, dever-se-ia somente à perda da liberdade e a séculos da mais “terrível escravatura”. Infelizmente a sua conclusão não encontrou uma repercussão expressiva no seu país de origem (ver texto 2).

Textos*1. Visita ás possessões portuguezas na costa occidental d’Africa, 1850, I: 108-110*

Quando de casa se lança a vista pelo exterior, a atmosphéra parece agitar-se resplandecente, e a vista não pode tolerar o brilho da sua claridade; e ainda mesmo com o sol sempre toldado, o thermometro collocado á sombra sobe geralmente a 93.º e 94.º – e muitas vezes a 102.º e 105.º Far: Todo o vivente está então mergulhado em um tão profundo repouso, que os sitios mais solitarios podem sem perigo visitar-se; porque o animal feróz não deixará a sua jasida, nem a serpente recolhida sahirá do seu escuro retiro. Só aos infelizes escravos, legitimos senhores do terreno, lhes é negado repouso pelos seus crueis possuidores europeos, naquelle tempo, em que a natureza mesmo o parece ter determinado. Naquelle morbido silencio do meio dia, se ouviam ignominiosamente tinir as cadêas dos que hiam passando pelo seu penoso caminho, acarretando agua do distante rio Catumbella, ou fazendas da costa do mar. Estes miseros êntes, presos aos oito – dez – e até aos quinze á mesma cadêa, apresentavam um quadro da mais lastimosa miseria. Muitas vezes elles conservavam ainda os enfeites e vasta guedelha de que tanto se ufanavam nos seus felizes dias, as quaes com o uso e qualidade dos seus trabalhos e melancolicas physionomias, tão triste aspecto lhes davam. Alguns pareciam já acostumados á sua actual condição, não sendo ainda provavelmente aquella em que elles teriam de permanecer; porque os seus avarentos possuidores tão depressa os compravam como procuravam dispôr delles por um preço mais subido. Outros, que desde longo tempo tinham vivido na escravidão, pareciam resignados com a sua sorte desnatural; mas os seus corpos apresentavam provas evidentes do barbaro tratamento que haviam soffrido; e meio mortos de fome, ou quasi reduzidos a esqueletos, traziam muitas vezes nas costas nuas os signaes positivos da tyrannia dos seus possuidores. Entremos, porem, nos pateos delles que a pintura se tornará ainda mais medonha. Estes pateos, que eram geralmente de sessenta pez quadrados, frequentemente continham cento e cincoenta a duzentos negros. No meio desta massa de sêres humanos, a miudo se encontravam porcos e cabras, e para protecção destes animaes se viam pequenos cobertos, ao passo que o homem se achava afrontosamente exposto pelo seu semelhante á poderosa influencia do orvalho, da chuva e do sol.

“No ceo, nuvem alguma abafa os raios que o sol dardeja;
Na terra, nenhum abrigo teem que os proteja.”

Quando a malvada indolencia dos traficantes de escravos portuguezes, conduz o estrangeiro dentro destes pateos ou armazens onde elles encerram a sua humana mercadoria, e quando a vista destas dolorosas scenas que cortam o coração e magoam as almas generosas, mas que não inspiram áquelles traficantes senão a diabolica alegria de possuirem uma semelhante riqueza, – é

então que aquelles sordidos avarentos lançam alegremente a vista para a accumulção das suas hordes.

Todos os negociantos [*sic*] de escravatura em Benguela eram portuguezes, exceptuando dous ou tres italianos; e o seu iniquo commercio estava tão florescente, que no anno de 1838 perto de 20.000 escravos se haviam exportado: – contaram-me isto muitos daquelles proprios negociantes, e era bem sabido que este numero não tinha diminuido no decurso dos ultimos annos, mas antes augmentado. Com tudo, era mui difficil saber-se com exactidão o estado deste commercio, porque muitas vezes elles faziam embarcar os escravos em outros pontos da costa; e, honra seja feita ao governo britannico, a vigilancia dos seus vasos de guerra tornava muito arriscada a sahida do porto de Benguela áquelles traficadores; tanto, que em alguns casos extremos, todas as carregações de escravos mandavam elles a marchas forçadas para a nova colonia portugueza de Mossamedes, que distava perto de noventa milhas, e diziam ter um excellente porto.

2. *Visita ás possessões portuguezas na costa occidental d’Africa, 1850, II: 92-94*

Se contemplamos assim os negros do Norte da Africa, qual não é o estado dos escravos europêos?... Elles apresentam um péssimo caracter, e são de menos merecimento ainda do que os proprios negros, pela sua infidelidade e traições! A Europa nos pode de per si fornecer bastantes exemplos desta natureza; os quaes provam claramente, que se a escravidão não é uma barreira insuperavel, com tudo, ella estorva demasiadamente todos os desenvolvimentos intellectuaes, e todo o adiantamento moral e religioso d’um povo qualquer. Até os mesmos animaes, como é bem notorio, degeneram no captiveiro se se não procuram encaminhar ao seu melhoramento por algum meio judicioso. Com tudo, as qualidades mais sublimes do homem, nunca se deixam totalmente aniquillar, mesmo no peito do escravo negro ; e ainda que =

“No seu olhar estúpido, em sua alma embrutecida,
Não brilhe de esperança a fásca electricida,
Supportando dos brancos a iniqua oppressão
Sentem a infamia vil da sua escravidão.”

Ha, com tudo, milhares de casos interessantes, em que estes escravos vilipendiados teem dado as mais sinceras provas do magnanimidade, affeição, fidelidade, e amor.

A crença geral, de que a capacidade intellectual dos negros, é por natureza mesmo immensamente inferior á dos brancos; – supposição pela maior parte baseada no facto de ser a conformação dos seus corpos algum tanto differente, – e, que por essa cauza deverão ser considerados como um élo intermediario na

creação dos brutos e dos homens, – é, na minha opinião, destituida de fundamentos scientificos, não sendo mais do que o resultado d'uma especulação commercial. Innumeraveis, calamidades teem resultado desta falsa crença, e immenso é o numero das pessoas a quem ella tem servido, para abafar as exprobrações de suas inquietas consciencias, que de quando em quando, erguem brado admoestador, e até aos mais preocupados requerem tranquillização.

JOACHIM HELMUTH WILHELM

Não se sabe muito acerca de Joachim Helmuth Wilhelm. Nascido em 1892, frequentou o liceu Bartenstein até ao nono ano e tornou-se depois agricultor. O seu pai era chefe do tribunal regional e, em 1919, vivia com a sua família em Elbing, na Prússia Ocidental. Com vinte anos, Wilhelm foi para a colónia alemã do Sudoeste Africano (actual Namíbia), onde, durante quase dois anos, foi administrador de uma propriedade rural. Contudo, a partir de 1914, decidiu viver a seu modo, nomeadamente como caçador e comerciante. Com o tempo, aprendeu, segundo informações próprias, a falar três dialectos khoisan e desenvolveu fortes interesses etnográficos. Durante três anos viveu perto de Otjituo, nos limites do Calahari do Norte, viajou – temporariamente na companhia do agricultor e caçador Wilhelm Mattenklodt* – pela região dos Kaukauveld e Omaheke e, em 1917, participou numa caçada, na região povoada pelos Hukwe, no Sudeste de Angola. Foi nesta altura que realizou os seus trabalhos sobre os !Kung e Hukwe (ver textos 1 e 2), publicados postumamente. Em consequência da Primeira Guerra Mundial, teve que deixar o Sudoeste Africano, tendo perdido nessa altura uma parte da sua colecção etnográfica.

De volta à Prússia Ocidental, estabeleceu contactos, a partir de 1919, com o Museu de Etnologia de Lípsia (que depois ficou com o que restava da sua colecção khoisan), pois planeava recomeçar as suas pesquisas etnográficas logo que fosse possível, desta feita em Angola. Leu todos os estudos relevantes que conseguiu obter e acabou por conseguir uma encomenda de pesquisa formal paga pelo museu (na qual Berlim também participou com uma quantia mais pequena, em 1928). Em contrapartida, comprometia-se a trazer “de Angola colecções etnográficas, fotografias e registos etnográficos” (18.6.1921).

Em Junho de 1923, Wilhelm chegou a Angola, alegadamente na companhia da mulher e da filha. Planeava estabelecer-se definitivamente neste país. Depois de uma estadia de quatro semanas em Benguela, seguiu para Namba Luimbale na região dos Mbailundu, onde, como tinha sido combinado, se encontrou com o seu antigo companheiro de caça Wilhelm Mattenklodt. As suas expectativas não se concretizaram. Wilhelm foi obrigado a ganhar a sua subsistência penosamente como professor particular, caçador, agricultor e camionista. A situação política, a burocracia e as novas leis constituíram uma barreira ao seu plano de encontrar em Angola uma forma permanente de ganhar a vida. Estas circunstâncias também afectaram o seu trabalho etnográfico. De tempos a tempos, enviava algumas fotografias para Lípsia, cuja realização e revelação lhe davam grandes problemas, de modo que chegou a haver reclamações por parte do museu acerca da falta de qualidade das mesmas. Nas suas viagens, Wilhelm comprou ainda alguns objectos etnográficos. Mas uma pesquisa sistemática não era possível nas condições referidas. O seu trabalho incidiu principalmente sobre a região dos Sele e Ovimbundu (Mbailundu). Junto dos últimos constatou

já uma forte influência europeia, mas acabou por considerar que os resultados das suas pesquisas tinham excedido as suas expectativas iniciais. Wilhelm recolheu provérbios, contos, canções para dança, estudou os funerais, a criação de gado, os “cultos de magia” e os remédios, e procurou saber tudo o que era possível sobre os anciãos e o *soba* (chefe). Por outro lado, não conseguiu informações sobre os jogos e achou extremamente difícil verificar alguma coisa sobre a história. Na sua opinião, era impossível fazê-lo com base na tradição. O questionário, que lhe fora enviado para as suas pesquisas, demonstrou ter pouca utilidade. Com o decorrer do tempo, Wilhelm produziu uma descrição “dos costumes e forma de vida” dos Sele, cem páginas manuscritas sobre os “Kimbundu” (Ovimbundu) e um relato de viagem. Os dois últimos foram enviados por ele para Lúpsia em duas partes, em 1926 e 1927 respectivamente. Infelizmente, todos estes documentos desapareceram sem deixar rasto. Mais tarde, Wilhelm foi parar novamente ao curso superior do Okavango. Sobre esta fase, menciona a existência de um manuscrito volumoso com mais indicações (principalmente sobre os Cokwe, Lucazi e Mbwela) e de colecções provenientes das mesmas regiões, assim como, dos Hukwe (que eram chamados pelos Mbukushu, Omakwengo, e pelos Mbwela, Wasuma).

Em 1930, Wilhelm voltou desanimado e desiludido para o Sudoeste Africano e, no ano seguinte, acabou por receber finalmente a autorização para se estabelecer perto de Andara no pico de Caprivi. Mas isto também não constituiu uma mudança para melhor. A sua mulher adoeceu gravemente e ele continuou a ter de lutar pela mera sobrevivência. A correspondência com o museu de Lúpsia foi interrompida. Em resposta a indagações feitas através do consulado em Windhoek, Wilhelm volta a dar notícias em 1934: uma quarentena e um bloqueio das exportações, em vigor há dois anos, em consequência da febre aftosa que assolava os países vizinhos, teriam impossibilitado o reinício das suas tarefas de pesquisa para o museu e “numa altura destas não faria sentido algum realizar uma colecção”. A partir daqui perde-se a pista de Wilhelm. Anos mais tarde, chega a Lúpsia o boato que ele teria adoecido com malária numa dada altura e morrido de fome.

O pouco que restou do trabalho de Wilhelm mostra-o como um observador sóbrio e esmerado, que evita qualquer julgamento precipitado. Mesmo em relação ao conflito luso-alemão, carregado de emoções, permanece invulgarmente objectivo e neutro. Nos anos cinquenta os editores dos seus trabalhos elogiam o seu talento para a observação, notável para uma pessoa pouco versada em etnologia, a sua “verdadeira familiaridade com a vida do homem do mato”, a sua grande objectividade, assim como os seus conhecimentos botânicos, meteorológicos e astronómicos. Por outro lado, nem sempre se consegue depreender claramente das suas informações, se elas se apoiam em obras alheias ou em observações ou interpretações próprias. No que diz respeito aos seus manuscritos de Angola hoje desaparecidos, Wilhelm participou ao

museu que não queria fornecer “escritos apressados”, pretendendo, pelo contrário, reler tudo novamente com calma e eliminar erros através de averiguações. Dizia ter também “tentado evitar ao máximo, colocar quaisquer hipóteses ou, em certos casos, fazer considerações, já que estas não teriam qualquer utilidade para o Instituto de Investigação”. De acordo com as suas informações, os seus registos consistiam em “factos e observações verdadeiros, confirmados mais do que uma vez pelos mais variados informadores.” (10.10.1927). A perda dos registos deste aventureiro culto e etnograficamente empenhado é, por isso, de lastimar.

Textos

1. “Die Hukwe” [*Os Hukwe*], 1954: 23-24 (de 1917)

A alimentação não se limita aos frutos recolhidos e à caça. O petisco mais apreciado é a farinha “tumbi” de sorgo ou de milho. Nos locais onde existe, esta farinha é negociada em troca de carne e de peles. Mesmo os terrenos pequenos são aproveitados para o cultivo deste alimento apetecível. O mato é arroteado à maneira dos Owambo, ou seja, mantendo os troncos, aos quais se podam todos os ramos. Em seguida, libertam-se os campos de todo o matagal e procede-se à sua cercadura. Antes da sementeira, as mulheres cavam os terrenos para eliminar as raízes daninhas, retirando-as em pequenos cestos. A sementeira é feita após as primeiras chuvas. A colheita faz-se, de acordo com o costume bantu, por malhação com paus e o joeiro pelo sacudir ao vento. O grão é pisado em almofarizes de madeira.

O único representante dos animais domésticos é o cão. Este serve sobretudo como animal de guarda e só em segundo lugar para a caça, uma vez que a raça criada na região é demasiado pequena para enfrentar caça grossa. Os homens do mato mantêm uma terna relação de amor com os seus cães. Uma família hukwe em viagem tem um aspecto deveras cómico. O homem caminha na frente com os seus filhos mais velhos carregados com as cabaças e panelas, ou outros utensílios domésticos semelhantes. Segue-se a mulher e frequentemente a mãe desta, carregando as esteiras de capim enroladas. Às costas da mulher vai uma criança pequena, em íntimo convívio com alguns cãesinhos, e cada um dos filhos adolescentes carrega ainda, com esforço, um pequeno cão. À sua esquerda e à sua direita, seguem alguns cães velhos. A doença de um cão é motivo de paragem e o seu estado é acompanhado com a maior apreensão. Apesar disso, em tempos adversos, estes fieis companheiros passam muita fome, arrastando-se pelo acampamento nativo reduzidos a esqueletos e alimentando-se do lixo. Isto é desagradável para o branco que montou residência temporária perto de um desses acampamentos. Durante a noite, estas criaturas famintas roubam-lhes qualquer bocado de carne de dentro da panela, lambem

integralmente o seu conteúdo, chegando mesmo a tentar apossar-se da carne pendurada nas árvores.

2. *“Die Hukwe” [Os Hukwe], 1954: 26 (de 1917)*

Não pretendendo fornecer um juízo definitivo, posso afirmar o seguinte sobre o carácter e os costumes de cada indivíduo. A vida e as actividades dos Hukwe são fortemente influenciados pelo seu estatuto em relação aos Mbukuschu. Destituído de qualquer direito e obrigado a obedecer às ordens dos seus senhores, sob ameaça de morte, [o Hukwe] mostra-se submisso em relação a estes, disposto a obedecer às suas ordens e a aceitar qualquer serviço. Consequentemente, [o Hukwe] faz muita coisa por sua ordem [*i.e.* dos Mbukushu], que não faria por iniciativa própria. Muitas vezes, estes homens do mato foram incumbidos de nos roubarem munições e artigos para troca e de os entregar aos Mbukuschu. O homem do mato gosta de trabalhar para os brancos e é capaz de os acompanhar durante meses, mas é igualmente capaz de desaparecer subitamente, mesmo sem motivo aparente, e voltar para o seu acampamento. Na qualidade de criado, tem sempre uma atitude solícita e modesta, como qualquer outro homem do mato. Nutre um grande amor pelos filhos e pelos familiares e reparte as suas posses pela parentela.

HERMANN von WISSMANN

Hermann von Wissmann nasceu a 4 de Setembro 1853 em Frankfurt/Oder, filho de um Conselheiro de Estado. Depois de ter passado a sua juventude em Langensalza, Kiel e Neu-Ruppin, decidiu-se pela carreira militar e, em 1874, foi tenente num regimento de infantaria, em Mecklenburgo. Na sequência de um duelo cumpriu uma pena de prisão em Magdeburgo, onde encontrou Max Buchner* que estava detido na cela ao lado pela mesma razão. Na praça militar de Rostock conheceu, em 1879, Paul Pogge* que lhe transmitiu o entusiasmo por África, lhe aconselhou uma boa preparação e o propôs à “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland (Sociedade Africana na Alemanha). Wissmann acompanharia Pogge na sua segunda viagem a África na qualidade de geógrafo. Apesar de já possuir conhecimentos topográficos inerentes à sua formação militar, ainda se preparou para as novas tarefas em África, na escola naval de Rostock, durante meio ano, estudando Astronomia e Meteorologia e assistindo a seminários sobre Ciências Naturais, Geografia e Etnologia na Universidade.

Wissmann e Pogge deixaram Hamburgo a 19 de Novembro 1880 para, a partir da costa angolana, alcançar a residência do chefe dos Lunda, erguer aí uma estação científica, recolher colecções botânicas e zoológicas e avançar mais para Norte. No dia 7 de Janeiro 1881, chegaram a Luanda e a 25 de Janeiro alcançaram Malanje, a última povoação portuguesa, viajando pela rota habitual, via Dondo. Aí encontraram Alexander von Mechow* que regressava do Cuango e Max Buchner que tinha estado na capital e cidade-residência dos Lunda. Os relatos destes exploradores convenceram Pogge e Wissmann de que os seus planos iniciais eram inexecutáveis, pelo que decidiram dirigir-se para Nordeste e escolher como destino a região dos Chilangue (Bena Kachia, mais tarde Luluwa).

Deixaram Malanje a 3 de Junho de 1881 e, a 20 de Julho, chegaram a Quimbundo, pelo caminho entretanto conhecido, que os conduziu pelos territórios dos Songo, Minungo, Cokwe e Kosa. Aqui, abandonaram definitivamente os seus planos iniciais, uma vez que a influente *lucuoquexe (rukonkesh)*, muito dedicada aos brancos, tinha sido envenenada há pouco na capital lunda, e dirigiram-se, a 1 de Agosto, para Norte, na companhia do intérprete Germano, (que já tinha acompanhado Paul Pogge e Otto Schütt* e que também tomou parte na segunda viagem de Wissmann, cf. Heintze 2002a e 2004, cap. II.2), e do Ambaquista Joannes Bezerra (Caxavala; ver Introdução, cap. 12, Heintze 2002a e 2004, cap. II.1, 2007), com 69 carregadores. A sua rota conduziu-os ao longo do Luele e do Chicapa pelo território dos Cokwe e mais tarde dos Pende. A 2 de Outubro atingiram o Cassai. Chegados à região dos Chilangue sem grandes problemas, Wissmann separou-se de Pogge a 23 de Outubro. Este seguiu para o *kalamba* Muquengue, enquanto que Wissmann se dirigiu para o território do Quinguengue, um chefe dos Chilangue que se tinha tornado

independente do *kalamba* Muquengue há cinco anos. A ideia aí vigente de que os viajantes – os primeiros brancos vistos na região – eram os antecessores dos seus chefes Cassongo Munene e Cabassu Babu a Mohamba, ressuscitados do mar, favoreceu o seu bom acolhimento. Ao fim de algumas semanas, Pogge e Wissmann voltaram a partir para Oriente, na companhia de Muquengue. Atravessaram o Lubilash/Sankuru e chegaram a 17 de Abril a Nyangwe, a última povoação árabe no interior, junto ao rio Lualaba. Aqui as suas rotas divergiram. Enquanto que Pogge regressou, a 5 de Maio, com *kalamba* Muquengue à povoação e residência deste com mesmo nome, Wissmann prosseguiu o seu caminho para Oriente a 1 de Junho. Depois de uma viagem aventureira, repleta de perigos, Wissmann chegou ao lago Tanganyika, visitou Mirambo, o rei Nyamwezi, e partiu de Tabora, fazendo uma parte do percurso sob a protecção da grande caravana do famigerado comerciante de escravos Hamed ben Mohammed ben Juma el-Murjebi, mais conhecido por Tippu Tip. A 14 de Novembro de 1882 chegou finalmente à costa oriental perto de Saadani. O seu livro *Unter deutscher Flagge quer durch Afrika von West nach Ost (Atravessando a África de Ocidente a Oriente, sob a Bandeira Alemã)* (Berlim 1889) narra esta travessia do continente africano.

A 13 de Novembro do ano seguinte, Wissmann iniciou a sua segunda expedição a África, ao serviço do rei Leopold da Bélgica e da *Association Internationale Africaine*, por não ter conseguido arranjar apoio oficial alemão para os seus projectos. O rei belga autorizou, no entanto, que todas as colecções fossem destinadas aos museus alemães. Os companheiros de viagem de Wissmann foram desta vez o médico militar Dr. Ludwig Wolf* (como médico e antropólogo) e o tenente Curt von François* (como geógrafo), Franz Müller (Müller I que viria a morrer a 9 de Janeiro de 1885 em Muquengue, como meteorologista e fotógrafo) e Hans Müller (Müller II, como zoólogo e botânico e, depois da morte do seu irmão, como fotógrafo), assim como Bugslag, o carpinteiro naval que já tinha acompanhado Alexander von Mechow* e os armeiros Schneider e Meyer (este último falecido a 26 de Março de 1884 em Malanje). Publicamente e sobretudo perante Portugal, tratava-se de uma expedição estritamente científica que tinha como objectivo o estudo do rio Cassai. Na realidade, o objectivo do empreendimento era a “subjugação dos territórios junto ao rio Cassai, desde o sexto grau de latitude Sul até à foz, a subjugação dos territórios da África central que fossem de fácil acesso a partir da estação de Muquengue, verificar a navegabilidade do Kassai e tornar os Tuschilange (Baluba) úteis para a *Association Internationale du Congo* e para a civilização.” (Luwel 1993: 9). Para não levantar desconfiança e para encobrir este verdadeiro objectivo da melhor maneira foram usados na correspondência, ainda que temporariamente, pseudónimos. Em Julho de 1884, Wissmann ainda considerou necessário sublinhar perante Leopold II.: “Penso que é do interesse de Vossa Majestade eu autorizar os senhores que me acompanham a realizar

trabalho científico, desde que este seja compatível com o objectivo principal do empreendimento.” (in *ibid.*: 12).

Este novo avanço rumo ao interior de África teve também o seu ponto de partida em Luanda (chegada a 17 de Janeiro de 1884) e Malanje, onde Wissmann e os seus companheiros se encontraram com Paul Pogge, já então gravemente doente e acabado de regressar do Lulua, e onde a expedição de Henrique Dias de Carvalho, enviada pelo Estado português, fazia os preparativos para a partida. Wissmann acabou por deixar Malanje a 16 de Julho de 1884 com 320 carregadores. Em três caravanas independentes, chefiadas por Wissmann, von François e Franz Müller respectivamente, seguiram por uma das principais rotas comerciais dos Mbangala, através dos territórios dos Mbondo, Holo e Kari, até ao rio Cuango que atravessaram a 17 de Agosto. Depois de passarem pelo território dos Shinje, chegaram à região dos Lunda, passando por várias das múltiplas aldeias cokwe espalhadas por essa região. Pelo caminho encontraram, a Ocidente do Cuango, uma caravana de sal dos Holo, que pretendia vender a sua mercadoria aos Mbondo, mais tarde, a Leste do Cuango, entre outras, uma caravana dos Pende com tecidos de fibra de palmeira e azeite de palma e ainda uma dos Mbangala vinda da capital dos Lunda com quarenta escravos. Depois de atravessar a região dos Pende – a memória da expulsão deste povo da Baixa de Cassange pelos Mbangala ainda estava alegadamente muito viva por todo lado (cf. textos 1, 2 e 5) –, Wissmann alcançou as primeiras aldeias dos Luluwa e, a 18 de Outubro de 1884, o rio Cassai. A partir daí a marcha continuou para Oriente até que, a 8 de Novembro, entraram finalmente em Muquengue, onde alguns dias depois, chegaram também as restantes partes da expedição. Junto ao rio Lulua, Wissmann fundou a estação Luluaburgo (perto da actual Kananga), iniciando aí, a 28 de Maio de 1885, a sua viagem rio abaixo, no barco de aço desmontável trazido da Europa e em 28 canoas mais pequenas, viagem que o levaria a 5 de Junho ao rio Cassai, a 9 de Julho ao rio Congo e finalmente, a 17 de Julho de 1885, a Léopoldville (Kinshasa). Esta sua segunda expedição a África está descrita no seu livro *Im Innern Afrikas (No Interior de África)*.

A este empreendimento seguiu-se, após uma estadia prolongada em Luluaburgo e uma curta viagem de investigação à região dos Luba, em que os conflitos foram constantes, uma segunda travessia de África, nos anos 1886/1887. Esta não passou por Angola, tendo partido de Luluaburgo em direcção a Nyangwe pela sua rota antiga e daí, pelo lago Nyasa e através do rio Shire, até à costa oriental que Wissmann alcançou em Agosto de 1887, na companhia de Bugslag, perto de Quelimane, no actual Moçambique. Esta expedição foi descrita na obra *Meine zweite Durchquerung Aequatorial-Afrikas vom Kongo zum Zambesi während der Jahre 1886 und 1887 (A minha segunda travessia da África Equatorial do Congo ao Zambeze nos anos de 1886 e 1887)*.

De 1888 a 1893, Wissmann esteve várias vezes na África Oriental Alemã, em serviço oficial, com procurações especiais muito abrangentes. Foi nomeado comissário do “Reich” para essa região, com a função de abafar as revoltas árabes e combater o comércio de escravos. Wissmann atacou, entre outras localidades, o acampamento fortificado de Bushiri, perto de Bagamoyo, a 8 de Maio de 1889, e levantou o bloqueio dos árabes nos portos de Saadani, Pangani e Kilwa. Os seus méritos foram recompensados com uma promoção a major, inúmeras condecorações e um título de nobreza. O seu brasão é decorado com “um africano selvagem, segurando na mão direita um arco e na esquerda uma lança, com uma coroa de penas coloridas, um colar dourado e uma tanga vermelha” (Carta nobiliárquica de 24.6.1890 in Perbandt *et al.* 1906: 340). Em 1894, a Universidade de Halle concedeu-lhe o grau de Doutor honoris causa. A “Deutsche Kolonialgesellschaft” (A Associação Colonial Alemã) nomeou-o membro honorário em 1890 e, em 1895, Wissmann entrou para a direcção. Temporariamente caído em desgraça, foi nomeado governador da África Oriental Alemã, a 1 de Maio de 1895, mas só desempenhou este cargo entre Agosto de 1895 e Dezembro de 1896, data da sua renúncia antecipada por motivos de saúde. Não publicou quaisquer textos sobre este período da sua vida. Em 1897, foi eleito presidente da Sociedade de Geografia Alemã, mas pouco tempo depois retirou-se completamente da vida pública. Em 1898, ainda empreendeu uma caçada na colónia alemã do Sudoeste Africano (Namíbia) e, a partir de 1899, viveu na sua herdade de Weißenbach, perto de Liezen (Estíria), onde viria a falecer a 16 de Junho de 1905, na sequência de um acidente de caça.

As viagens realizadas por Wissmann em território angolano tiveram um carácter marginal na sua carreira e constituíram apenas o ponto de partida para a concretização dos seus verdadeiros objectivos de investigação. Embora a sua primeira viagem tenha aberto um novo caminho para os Europeus em direcção ao interior, os primeiros troços desse percurso já não eram rotas completamente desconhecidas; os olhares estavam voltados para diante e o que se pretendia era alcançar rapidamente territórios verdadeiramente desconhecidos. Por esta razão não existem, nas obras de Wissmann, descrições e relatos pormenorizados sobre as primeiras etapas. Além disso, como militar incumbido de uma missão, Wissmann preocupou-se sobretudo com os registos topográficos da região percorrida. E, se bem que tenha sido, ao que se diz, o mais popular explorador de África do século XIX, depois de Stanley e Livingstone (após a sua morte e até meados dos anos trinta do século XX Wissmann foi mesmo considerado o “maior Africano da Alemanha”), a verdade é que esta fama se referia mais ao pioneiro do que ao investigador. Apesar disso, as suas publicações incluem também indicações etnográficas e históricas sobre Angola, transformando-as assim numa fonte que não deve ser menosprezada.

As descrições da sua segunda viagem são, neste âmbito, mais ricas do que as da primeira. Isto deve-se não só ao facto de o segundo relato de viagem, incluído numa obra conjunta, ter sido escrito e publicado antes do primeiro, mas também ao facto de os capítulos não atribuídos a um escritor particular, não terem sido escritos por Wissmann: “Como meu representante, Wolf preparara entretanto a presente obra, sob a minha orientação, e trabalhara já, com os antigos membros da expedição, o capitão Curt von François e o estagiário de silvicultura Hans Mueller, uma edição conjunta, em cuja revisão eu participarei depois do meu regresso.” (*Im Innern Afrikas* 1888: X).

O estilo dos textos etnográficos é objectivo (ver textos) e abstém-se, no geral, de fazer juízos de valor moralizantes e de procurar determinar os traços característicos das diferentes etnias, que abundam noutras descrições da época. Isto não significa que Wissmann nunca fizesse este tipo de avaliações, mas ele fazia-as noutra contexto, isto é, num contexto colonial. De acordo com elas, o africano só conheceria o conceito de lealdade “de uma forma mais escravagista ou patriarcal do que o Europeu”, não seria “capaz de um sentimento profundo e duradouro”, seria ingrato, mas não rancoroso, possuiria um bom sentido de justiça e um grande nível de camaradagem, seria de uma modéstia surpreendente em relação ao Europeu, que para ele seria um ser superior, o que lhe tornava fácil a obediência. A coragem seria o ponto fraco dos africanos, visto que implicava um alto nível de autodomínio. (1895: 62-64). Mas, também as definições generalizantes, como “pedinchão, ladrão e cobarde”, usadas nos seus relatos de viagem, reflectem por vezes preconceitos, uma reputação desfavorável transmitida pelos carregadores e intérpretes ou o resultado de experiências negativas (cf. texto 2). O maior peso recaía naturalmente sobre os aspectos que podiam ser observados durante a viagem; a recolha das informações suplementares era mais esporádica do que sistemática, cabendo aos intérpretes um papel determinante, nomeadamente nas conclusões tiradas a partir do que ouviam dizer. “Selvagens” só raramente aparecem nos relatos de Wissmann e a designação de “corja” surge quando muito aplicada aos carregadores enervantes. De resto, fala-se de etnias particulares ou do “Negro” em geral. A relação com eles foi sempre distanciada, o que se deveu ao elevado número de participantes na viagem e à estrutura do empreendimento, em que os brancos permaneciam corpos estranhos com um nível hierárquico e cultural muito distinto. Os africanos ao seu serviço são alvo de um tratamento severo, mas correcto, de acordo com os parâmetros prussianos: “Se, no decorrer da nossa viagem, tivemos relativamente poucas baixas por deserção ou assalto, isso deveu-se à nossa forma de actuação enérgica e rigorosamente justa em tais situações. A nossa gente compreendia por fim que não estávamos para brincadeiras e soube adaptar o seu comportamento em conformidade com isso. Como nos orientámos sempre pelas leis e concepções jurídicas dos indígenas, foi possível em todos os casos uma resolução pacífica dos inúmeros conflitos

inevitáveis, a contento de ambas as partes.” (1888: 60). A opinião da outra parte não é, obviamente, do nosso conhecimento.

Mais tarde, Wissmann sublinhou, expressamente, que a “religião, usos e costumes dos Africanos deveriam ser rigorosamente respeitados”, partindo porém do pressuposto de que “o selvagem tinha de aceitar primeiro a superioridade [do Europeu] antes de este lhe mostrar bondade, caso contrário ele encararia a última como fraqueza.” (1895: 69).

Como os Africanos são, para ele, “uma raça ainda muito verde”, é pois necessário educá-los. O meio educacional mais eficaz consiste, segundo Wissmann, em “reconhecê-lo até certo ponto [!] como semelhante, como ser humano, ao qual se deve compaixão. Eu não sou de maneira alguma da opinião de que se deve apertar a mão a qualquer ‘black brother’, pelo contrário, penso que é preciso haver um limite na aproximação, principalmente, em relação a um oficial.” (*ibid.*: 67). “Primeiro, ele [*i.e.* o branco, o Europeu] sobrestima-o [*i.e.* ao negro], como frequentemente acontece em relação a todos os estranhos; depois reconhece que estava muito enganado e cai habitualmente no oposto – e essa é a fase mais perigosa –, até encontrar o meio-termo certo.” (*ibid.*: 68). No que diz respeito aos castigos a aplicar, Wissmann é pouco condescendente, embora a sua atitude esteja de acordo com a prática colonial habitual de então: “Descontos na remuneração ou reduções na alimentação (carne), serviço de castigo, amarração a um pau, pancada, trabalho acorrentado, pena de morte. A privação da liberdade não constitui um castigo para o negro, que gosta pouco de trabalhar e tem poucas necessidades.” A pancada nunca deve ser dada pelo europeu, mas sim pelo superior preto. “50 chibatadas já são um castigo forte, 100 devem ser o máximo por dois ou três dias.” (*ibid.*: 65-66)

O relato sobre a segunda expedição de Wissmann fornece muitas informações, do ponto de vista europeu, sobre as condições de viagem naquele tempo, sobre o comércio nativo de escravos ainda existente (cf. texto 3) e sobre as rotas (ver texto 1), mercadorias, costumes e mudanças comerciais. Na obra deste viajante, também se encontram indicações sobre o papel pioneiro dos Cokwe na abertura de novas rotas comerciais, por exemplo, para além do Cassai: “Os primeiros a pisar este caminho foram os Quioque que, como caçadores, seguiam a pista de um elefante durante semanas, ou mesmo meses, até ele sucumbir às suas múltiplas flechas. Seguiram-se-lhes os Bangala que se deslocavam a estas regiões para ir buscar marfim e borracha e, há dez anos, os primeiros comerciantes pretos de Angola (os Ambaquistas) utilizaram este caminho.” (1888: 72). A obra [de Wissmann] está repleta de indicações históricas (ver textos 1, 2, 5) e episódios (ver texto 4), fragmentos da tradição e notícias actuais do reino dos Lunda. Mas também eles têm de ser submetidos a uma análise rigorosa das fontes, como mostram não só as condições diversificadas da sua obtenção (insuficientemente conhecidas), mas também, por exemplo, os anacronismos, como nos textos 2, 4 e 5. A leitura actual é

facilitada pelo facto de não existirem especulações ou afirmações teóricas sobre o desenvolvimento da humanidade; a referência a um empobrecimento cultural secundário, como o que os autores postulam para os Pende (texto 2), constitui uma excepção.

A própria carreira de Wissmann mostra que ele apoiava totalmente a noção colonial. Estava especialmente empenhado no combate ao comércio de escravos. Questionado sobre o “horror colonial” exercido por certos funcionários coloniais, lastimou-o de um ponto de vista “puramente moral”. Mas isso não o levou a aceitar a conclusão de que “um povo decente não deveria continuar a ocupar-se com a colonização”, porque as suas consequências seriam “a destruição, a ruína dos indígenas”. Wissmann concordou que, no início, tais consequências nefastas talvez se tivessem verificado até certo ponto, mas encarou-as como parte do difícil caminho que haveria de conduzir a um futuro melhor (1897: 3-4).

Entre os objectos etnográficos de Wissmann no Museu de Etnologia de Berlim não parecem existir peças de Angola.

Textos

1. *Wissmann: Unter deutscher Flagge quer durch Afrika von West nach Ost [Atravessando a África de Ocidente a Oriente sob a bandeira alemã], 1892: 34, 36-37, 38*

Tínhamos cegado à terra dos Makosa, que constitui um enclave no território dos Kioque [Cokwe]. O chefe supremo Mona-Kimbundu é tributário do Muata-Jamvo. Os Makosa consistem alegadamente numa parte das hordas kalunda que ficou para trás, quando estas, em conjunto com os filhos de um Muata-Jamvo anterior, expulsos pelo pai, conquistou Kassange e, cruzando-se com alguns dos Tupende subjugados, deu origem aos Bangala. Contudo, adoptaram os usos e costumes dos Kioque, [entre os quais viviam,] e misturaram-se de tal forma com eles, que não é possível detectar qualquer diferença exterior. Só mantiveram a forma de governo tradicional da Lunda; a Lukokescha e a Moari dos Makosa têm praticamente os mesmos direitos que o chefe supremo. [p. 34]

O nome Kimbundo engloba a aldeia onde reside o Mona-Kimbundu, o governante dos Makosa, e o mercado, denominado *feira* e localizado a uma distância de 5 km para Sul. Como se tratava de um dos pontos mais importantes para o comércio no centro da África ocidental, o nome de Kimbundu refere-se geralmente a esse local [de mercado]. A feira situa-se a 20°10' de longitude Este, 10°1' de latitude Sul e a uma altitude absoluta de 1250 m, na margem esquerda do Luvo, [um rio] pantanoso, ladeado de uma floresta pouco densa, e que desagua no Luschiko [Luxico]. Em redor da cidade, constituída por propriedades muito dispersas, há árvores gigantescas que sobreviveram ao abate da floresta para extracção de lenha e de madeira para a construção e que

ensombram a área. A localidade consiste em algumas centenas de cubatas e casas de barro dispersas, com uma disposição muito ordenada, todas elas cobertas, naturalmente, de capim e construídas de acordo com a tradição angolana. Apenas a residência de Saturnino [de Sousa Machado] e a de um dos degradados [*sic*] contratado por ele, que havia sido deportado para Angola por causa de um crime militar, se encontravam num estado aceitável, enquanto que muitas das grandes casas de barro semi destruídas faziam recordar os tempos mais antigos, em que o lucrativo comércio de escravos chegou a atrair até 20 europeus para a região. Mais um sinal de que, apesar da circulação intensa e da mão-de-obra barata, este comércio monstruoso conseguiu subsistir durante centenas de anos, sem deixar qualquer benefício cultural. [pp. 36-37]

Kimbundu é o local de encontro das mais importantes rotas comerciais provenientes dos quatro pontos cardeais da África ocidental. Vinda do Sul, termina neste ponto a rota de Bié, terra natal dos melhores carregadores do Ocidente que, sob a direcção do velho português Silva Porto, fizeram até agora as maiores viagens em direcção ao interior e que serviram de medianeiros do comércio com Benguela. As rotas de Oeste e de Leste ligam o reino da Lunda a Loanda, o porto de Angola, e o caminho para Norte, inaugurado mais recentemente, dirige-se ao território virgem do Sul da bacia do Kongo, de onde provém borracha e marfim em quantidades consideráveis.¹ [p. 38]

2. *Wissmann: Unter deutscher Flagge quer durch Afrika von West nach Ost*
[*Atravessando a África de Ocidente a Oriente sob a bandeira alemã*],
1892: 59-60

No dia 30 [de Setembro 1881], a constituição tribal dos indígenas voltou a mudar. Entrámos na terra dos Tupende. Há 60 anos este povo ainda residia no vale do Quango, na actual [Baixa de] Kassange, território dos Bangala. Quando [os Tupende] foram expulsos dessa região pelas hordas lunda invasoras, deslocaram-se para Nordeste, encontrando a margem esquerda do Kassai abundante e desabitada, embora Mai-Munene reivindicasse a posse da mesma e cobrasse desde então um tributo regular. O vestuário dos Tupende consiste num pano de tecido mabele muito pregueado, com 0,7 m de largura e 2 a 10 m de comprimento, que é fervido juntamente com aparas de pau-brasil e que por isso adquire um tom vermelho. O tecido é fabricado a partir das fibras da palmeira mabondo, colocadas numa grande moldura e tecidas com uma agulha de madeira que substitui a lançadeira. O cabelo não é submetido a penteados artificiais, mas coberto com a pele de pequenos gatos selvagens ou de zibetas e

¹ Nota de Wissmann: Segundo a minha pesquisa sobre o Kassai realizada nos anos 1883-1895 *Im Inneren Afrika's* [*No interior de África*], esta rota comercial de Kimbundu para norte está arruinada, uma vez que o Kassai com os seus afluentes constitui o meio de escoamento natural do comércio naquelas regiões.

preso com ganchos de ferro; as penas coloridas são também muito utilizadas. Os ornamentos mais apreciados são as argolas de cobre ou latão e uma missanga do tamanho de um ovo de pomba (roncalia), bem como conchas de caurim tingidas de vermelho. As flechas são transportadas numa aljava feita de pele de antílope e o arco é resistente e feito de boa madeira. As armas de fogo são raras, enquanto que os cacetes de arremesso são armas banais. Os homens têm uma constituição alta e musculosa e uma expressão facial esperta e insolente. São selvagens, inconstantes, pedinchões, ladrões, cobardes e muito dados à bebida, uma vez que a abundância de palmeiras lhes fornece grande quantidade de vinho com pouco esforço. As mulheres são surpreendentemente pequenas, bem constituídas e com traços agradáveis. Cobrem-se apenas com um pequeno avental decorado com conchas de caurim, que atrás pende das ancas e é atado à frente. As pequenas aldeias são ensombradas por palmeiras oleíferas, as casas são quadradas, excedem em pouco a altura de uma pessoa e são cobertas de capim. As suas paredes verticais são feitas de casca de árvore amarrada a estacas de madeira interiores. O armazenamento do milho e do sorgo é feito em celeiros de capim entretecido.

Os Tupende constituem uma prova interessante de que o negro acaba por esquecer uma cultura mais elevada, quando a influência continuada da civilização deixa de existir. Quando os encontramos, eram a tribo mais selvagem com que alguma vez nos deparamos, ao passo que antigamente mantiveram, no vale do Quango, um vivo comércio com a vizinha Angola, possuindo alegadamente um nível cultural semelhante ao dos Bangala.

3. *Wissmann et al. [fundamentalmente Ludwig Wolf]:
Im Innern Afrikas [No interior de África], 1888: 43-45*

Foi numa destas aldeias *maschinsche* [shinje] em território lunda, na localidade de Ngunsa-Mukisch, a meia milha do nosso acampamento, que, no ano transacto [1883], Kapenda-Kamulemba, o governante dos *Maschinsche*, se exilou, para fugir às intrigas da sua irmã mais velha que tinha pretensões ao trono. Kamafu, assim se chamava a irmã, pedira auxílio aos Bangala contra o irmão, o que constituiu provavelmente o motivo principal para que Kapenda tenha trocado o seu local de residência pelo distante Ngunsa-Mukisch. A sua vingança em relação aos Bangala consistiu em proibir a passagem das caravanas deles [pelo seu território] e em roubar os artigos que elas transportavam. Os Bangala tentaram então estabelecer relações amigáveis com ele, incitando-o a voltar para a sua terra e a retomar o poder, como amigo deles, ou então a renunciar à regência a favor da sua irmã. Kapenda acatou a primeira sugestão e ainda hoje é o chefe incontestado dos *Maschinsche*.

Era frequente encontrarmos grilhões de madeira à beira do caminho ou pendurados nas árvores, perto dos locais de acampamento mais concorridos.

Estes consistem num toro de madeira, com uma abertura de 40 cm no sentido do comprimento e uma largura de 8 cm, através das quais o escravo tem de enfiar os pés durante a noite. Depois deste procedimento, o espaço livre é apertado por meio de cunhas ou estreitado com paus transversais, de tal modo que o homem não consegue desfazer-se voluntariamente da tormentosa moldura de madeira. As mãos também são inutilizadas por meio de instrumentos semelhantes, embora mais pequenos. De manhã cedo, antes da partida, os grilhões dos pés são novamente retirados e deixados no local onde foram utilizados, pois o seu transporte iria aumentar desnecessariamente o peso da carga. Raramente se colocam algemas nas mãos dos escravos comprados; só se recorre a esta medida, quando se receia que o contingente de acompanhantes seja minoritário, ou quando se teme tratar-se de indivíduos particularmente renitentes. Assim, tivemos a oportunidade de observar, num transporte de escravos, dois rapazes robustos, cujas mãos tinham sido algemadas a título preventivo. Os negociantes de escravos, nesta região maioritariamente Bangala, fazem naturalmente questão de que a sua mercadoria bem paga chegue à sua terra natal com saúde; por isso tentam reduzir ao mínimo os incómodos que possam causar a esta gente nas caminhadas cansativas. Apesar disso, é frequente, nomeadamente na região de fome de Kundungulu, que alguns infelizes se sintam destituídos de forças e não consigam mesmo prosseguir viagem. Quando, por uma questão de sobrevivência, não é possível às caravanas fazer um descanso suficientemente longo para que os seus membros esgotados recuperem forças, estas recorrem a um meio muito difundido também noutras regiões de África: matam impiedosamente os infelizes, pois o comprador não admite deixar a sua mercadoria a outrém, preferindo destruí-la, quando está em risco de a perder. Na floresta de Kundungulu, vimos muitas vezes os restos mortais dessas vítimas lamentáveis.

4. *Wissmann et al. [fundamentalmente Ludwig Wolf]:
Im Innern Africas [No interior de África], 1888: 48-50*

Pelo caminho, ao sair da floresta para uma clareira artificial, deparamo-nos com uma vara com cerca de 10 m de altura, no topo da qual se encontram uma caveira e partes de um esqueleto humano. Interpelado por nós acerca do significado daquilo, um experiente intérprete de origem bangala, que, na sua juventude, já tinha percorrido esta rota com os seus conterrâneos, contou-nos o seguinte:

Há cerca de 30 anos, Kapassa, um caçador *maschinsche* [shinje] do Kuango perseguiu a pista de um elefante, que o conduziu para Nordeste, muito para lá do Luschiko [Luxico], até uma aldeia kalunda. Katimbo, o chefe dessa aldeia, acolheu-o de forma hospitaleira e falou-lhe da existência de uma ligação entre aquele local e a terra dos Tupende que viviam mais para Nordeste, onde se

podiam fazer negócios vantajosos, sobretudo em troca de sal, marfim e escravos. Depois de ter abatido um elefante, Kapassa regressou à sua terra natal com as presas do mesmo e relatou a sua experiência ao grande chefe Kapenda-Kamulemba. Kapenda enviou-o ao seu amigo, o chefe bangala Kissango, a fim de organizar uma caravana conjunta ao território dos Tupende. Quando até Bumba, o rei bangala, deu prontamente o seu consentimento, os dois chefes, Kapassa e Kissango partiram em direcção ao Nordeste, com numerosos acompanhantes carregados de sal e tecidos coloridos da costa, para os trocar por escravos e marfim. Embora, há cerca de 300 anos os Tupende tivessem sido os donos dos territórios dos Bangala junto ao Kuango e tivessem sido expulsos por eles, [os referidos chefes] acreditavam que a velha inimizade já estava mais que esquecida e que nada impedia a existência de um comércio pacífico.

A caravana foi recebida cordialmente pelo chefe Katimbo, tendo também obtido guias, incumbidos de os levar até junto dos Tupende. Pouco depois, depararam-se contudo com Kisanga, um chefe hostil, que não quis deixar que os Bangala, seus inimigos mortais, entrassem no território. Deu-se uma batalha e, por fim, a caravana vitoriosa seguiu caminho até ao Kassai, onde foi recebida com a amabilidade esperada pelo chefe tupende Gulunga e onde trocou vantajosamente os seus artigos por sal e marfim. Na viagem de regresso, contornaram a região do Kisanga hostil e chegaram à sua terra sem problemas.

Iniciaram-se logo os preparativos para uma segunda viagem, na qual Kapassa não pôde participar, devido à sua idade avançada. Para além de Kissango, participaram [nesta viagem] mais quatro chefes bangala com 800 homens armados. Foram novamente recebidos com amabilidade por Katimbo e, confiantes no seu poderio, decidiram atravessar a região do hostil Kisanga. Este exigiu deles, como tributo, um homem e uma rapariga da tribo dos Bangala e rejeitou todos os outros presentes. Por conseguinte, houve uma batalha, em que os Bangala foram derrotados e o próprio Kissango foi feito prisioneiro pelo chefe tupende. Os derrotados ofereceram um homem e uma jovem rapariga da tribo, pelo resgate do seu chefe, mas a proposta foi rejeitada [pelos Tupende] e estes deceparam, na sua presença, um membro do prisioneiro após outro. Ginamatele, a bela e jovem esposa do chefe bangala detido, não quis sobreviver à morte pavorosa do marido e ofereceu-se para receber os golpes mortais de Kisanga. Furibundos, os Bangala tentaram então um novo ataque, para levar o corpo do seu chefe, morto de uma forma tão cruel, para a sua terra natal, mas a única coisa que conseguiram obter foi uma mão do mesmo, sendo obrigados a capitular perante a superioridade [do inimigo]. Durante o trajecto de retirada, a mão foi enterrada na floresta de Kundungulu, com grande solenidade, e, como desagravo, foram mortos sobre a sua campa dois prisioneiros tupende, um homem e uma rapariga. Após a sua chegada à terra natal, o Jaga (rei dos Bangala) determinou que todos os anos, no final da época das chuvas, altura em que Kissango foi morto, se sacrificasse, naquele local, um escravo e uma

escrava, preferencialmente tupende, aos manes do chefe assassinado. – Há quatro anos, o último Jaga dos Bangala enviou para Kundungulu um chefe acompanhado do seu séquito, a fim de assinalar, com uma grande clareira, o local onde descansa a mão de Kissango. O trabalho foi realizado. Chamaram um Kalunda que seguia calmamente o seu caminho e, quando ele se aproximou despreocupadamente dos Bangala, estes cortaram-lhe a cabeça e colocaram-na no cimo de uma vara com 10 m de altura. Foi a cabeça deste infeliz que, aquando da nossa passagem, encontrámos a torrar sob o sol africano.

5. *Wissmann et al. [fundamentalmente Ludwig Wolf]:
Im Innern Afrikas [No interior de África], 1888: 141-147*

O Kassai constitui uma importante fronteira etnográfica. Na nossa viagem de Malange até aqui, conhecemos os Bondo, Hollo, Kamawu, Mananga, Bangala, Maschinsche, Kalunda, Kioque [Cokwe] e Tupende.

Encontrámos os mesmos costumes em todos eles, com excepção de uns poucos desvios. Isto pode ser explicado, em parte, pelas relações de parentesco que existem entre estas tribos, em consequência do permanente comércio de escravos, e em parte pelas suas migrações.

Assim, os Bangala junto ao Kuango migraram do reino da Lunda, os Kioque vieram do Sul e introduziram-se entre as diversas tribos lunda e os Tupende que há 300 anos residiam junto ao Kuango e que foram expulsos desse local pelos Bangala, encontram-se agora junto ao Kassai. O número de habitantes é reduzido em todas estas regiões, o que se explica pelo facto de, ao longo de mais de 200 anos, se ter verificado uma intensa exportação de escravos desta região para Angola, que não eram utilizados apenas nas plantações de café, mas que saíam todos os anos, aos milhares, de Loanda e Benguella com destino ao Brasil.

Todos os povos têm um sistema de governo de carácter inteiramente patriarcal. Cada localidade tem o seu chefe e diversas aldeias estão subordinadas a um chefe supremo que exige o pagamento regular de um tributo que nem sempre é pago pelos chefes das regiões mais afastadas. Os Kalunda são governados por um Muata-Jamwo e os Bangala por um Jaga, reis que governam todo o povo. Os Kioque são tributários dos Kalunda. Todos os chefes governam de forma absolutista, embora estejam rodeados por um certo número de anciãos que os aconselham em assuntos importantes e que exercem uma grande influência sobre as suas decisões.

No entanto, apesar do poder incondicional exercido pelos chefes sobre os seus súbditos, existem outras personalidades que detêm uma influência ainda maior sobre os negros e que são mais importantes em termos do seu bem-estar e dos seus infortúnios. Trata-se dos curandeiros, dos adivinhos e dos juizes. A crença no poder destes indivíduos encontra-se profundamente enraizada entre os

negros. O curandeiro não se ocupa apenas do tratamento de doenças, mas possui também feitiços contra acidentes, animais selvagens, inimigos, para dar sorte na caça e na guerra, protecção dos campos, etc. Os mais variados objectos, como ossos de animais, dentes ou caveiras, chifres de antílope ou de cabra, panelas, imagens esculpidas e coisas do género podem servir de feitiços e ser utilizadas pelo feiticeiro. Muitas vezes, não é possível discernir, se um objecto é ou não um desses ídolos ou feitiços e a crença nos mesmos depende inteiramente da imaginação de cada indivíduo. Um feitiço pode ser vantajoso para uns e prejudicial para outros. Diz-se até que o dono de um feitiço pode causar uma doença no seu inimigo ou mesmo matá-lo, através do poder desse feitiço.

Em Angola existem determinados locais, onde os curandeiros aprendem a sua arte, como Komulumbi e Masassa di Lomba. A aprendizagem feita longe do país de origem, sob orientação de professores mais velhos, dura neste caso cinco anos e, só ao fim deste tempo, o discípulo volta para a sua tribo, a fim de iniciar a sua actividade. Para além desta “classe culta”, há talentosos autodidactas que, sem uma formação racional na área, conseguem granjear a estima e a confiança dos seus conterrâneos nesta actividade.

Aliás, o que não falta é o conhecimento de alguns remédios eficazes. Assim, a raiz amarga da *Cassia occidentalis*, depois de fervida e seca ao sol, é utilizada como antipirético, ou então faz-se uma infusão com as folhas muito amargas do malulo (*Vernonia senegalensis*) que é dada como medicamento para a febre. O muito prezado *Chenopodium ambrosioides*, conhecido em Angola como *Herba Santa Maria*, também familiar entre os brancos, é uma espécie de medicamento universal. Qualquer parte deste arbusto com cerca de 0,5 m de altura é altamente aromática. As folhas podem ser submetidas a uma fervura e ingeridas, ou então aplicadas frescas sobre uma parte do corpo dorida. A dor de cabeça é tratada pela a inserção dos pecíolos [desta planta] nas narinas, e as úlceras malignas na parte inferior da coxa são cobertas com as suas folhas e ligadas. As cólicas são combatidas com folhas frescas de tabaco, mergulhadas em água a ferver e colocadas sobre o baixo-ventre. Também é conhecida a utilização da planta de rícino (*Jatropha Curcas*) como laxante. Para além destes remédios que não são ineficazes e cuja utilização no litoral foi registada por Monteiro no seu interessante relato sobre Angola² e cuja divulgação e conhecimento se estende já à outra margem do Kassai, as ventosas desempenham um papel importante no tratamento de todas as doenças internas dolorosas. É raro ver-se um adulto, em cujas costas não existam cicatrizes de ventosas, mais ou menos evidentes, que, sem uma observação mais detalhada, não se distinguem dos desenhos das tatuagens.

Ao mais pequeno sintoma de mal-estar, é frequente fazerem-se cortes profundos na pele com uma faca comum, colocando-se sobre eles um chifre de

² Nota da editora: Trata-se da obra *Angola and the River Congo* de Joachim John Monteiro, Londres: MacMillan e Co. 1875, 2 vols.

antílope, ao qual se retira todo o ar através de sucção e cuja abertura é depois rapidamente tapada. Quando a abertura se encontra cheia de sangue, utiliza-se um outro [chifre].

O aspecto fundamental da administração do remédio, é a sua preparação que tem como objectivo aumentar a aura e fortalecer a crença na eficácia do medicamento.

Os adivinhos têm um papel mais fatídico do que os curandeiros, no que respeita aos bens e à vida dos negros. Uma vez que as doenças, os acidentes, ou mesmo a morte não são encarados como acontecimentos naturais, esta gente dispõe de um grande campo de actividade. Aquele que sofre um revés do destino e quer saber quem lhe provocou a infelicidade dirige-se ao adivinho que começa por untar-se com barro nas fontes, na testa, nos cantos da boca e no peito, a fim de sinalizar que, a partir de então, não é ele, mas sim Hamba, o grande espírito, a falar.

Em seguida, reúne à sua volta os amigos e conhecidos mais chegados do doente ou do morto e, após longos preliminares, revela às vezes, entre cantorias e chocalhos, que o feiticeiro maligno é uma pessoa já falecida.

Para o apaziguar, é necessário levar presentes ou alimentos para um determinado local, onde supostamente o espírito maligno os irá buscar durante a noite.

Mas uma consulta deste género nem sempre tem um final tão inofensivo. Muitas vezes, o feiticeiro acusa uma pessoa viva de ter provocado a infelicidade e que então é condenada a beber o m'bambu. Esta beberagem é preparada pelo juiz (kassange-ka-m'bamba) a partir da casca amarga do *Erythrophlaeum* e dada a beber ao acusado. Alguns deles têm imediatamente vômitos e expelem a beberagem; fica assim provada a sua inocência e o queixoso tem então de pagar frequentemente uma indemnização avultada. Outros, porém, detentores de uma constituição mais fraca, são acometidos por convulsões e morrem, o que constitui para todos a prova de que tinham sido os autores do delito. Uma vez que é o próprio Kassange que prepara em segredo esta bebida venenosa, não é de excluir que, no cumprimento do seu dever sinistro, este seja influenciado por considerações de ordem pessoal. Os negros estão convencidos de que alguém que se sente inocente pode beber o m'bambu à vontade, sem morrer. Assim, certo dia, após uma excursão de Malange, demos por falta de uma faca no nosso acampamento. Inicialmente pensámos que ela fora roubada por um dos numerosos indígenas que costumavam estar acorados perto do nosso acampamento. No entanto, todos eles se disponibilizaram prontamente a beber o m'bambu, para provar a sua inocência, antes mesmo de nós termos exteriorizado a nossa acusação. Não acedemos, como é óbvio, e, após uma procura mais perseverante, acabámos por encontrar a faca perdida.

Os feitiços comprados ao curandeiro são preservados com grande cuidado pelos proprietários e o seu valor aumenta, especialmente se os empreendimentos

dos seus detentores forem bafejados pela sorte. Reconhecidamente agradecidos, atribuem qualquer sucesso ao poderoso feitiço.

É frequente verem-se perto das habitações numerosas pequenas cubatas ou casotas, nas quais se guardam as kitecas (feitiços). Ora se encontra uma pequena cubata com um feitiço para manter a saúde, ora uma outra consagrada a Ceres, cuja função é proteger o seu proprietário contra a falta de mantimentos. No seu interior são depositados mandioca e sorgo. Não longe dali, encontra-se uma casota, na qual se guardam crânios e chifres de animais abatidos, que constituem trofeus de caça e relíquias auspiciosas. Uma outra pequena cubata contém o feitiço que garante uma descendência abundante. O sucesso de uma viagem comercial também é amplamente contemplado; para isso prende-se uma pequena panela com água numa estrutura de madeira e introduz-se-lhe determinadas plantas. Antes de iniciar a sua viagem, o proprietário lava-se com este líquido e convence-se de que, à semelhança de um “Siegfried de pele de chorno” fica protegido contra qualquer acidente.

Também não faltam os penates, em geral figuras de madeira esculpida, que são mantidas na própria casa, num local especial, e que, na ausência do proprietário, servem para proteger a casa e a terra. Além disso, existem ainda pequenos feitiços protectores (schilu) sob forma de figuras talhadas ou de pequenos chifres de antílope, repletos de uma qualquer poção mágica desconhecida, que são usados num cordão à volta do pescoço ou, mais raramente, das ancas.

Entre os procedimentos que o negro costuma efectuar com uma certa seriedade, encontra-se o cumprimento. Ao entrar no círculo dos seus semelhantes, [o negro] agacha-se, toca primeiro no chão e em seguida no peito com as palmas das mãos e depois bate com uma na outra dando estalos. Os presentes retribuem o cumprimento, batendo também palmas por diversas vezes, primeiro energicamente e depois cada vez com menos força. Se estiver presente uma personalidade elevada, o recém-chegado beija ainda o solo no início.

Quando tem de cumprimentar um chefe poderoso, [o negro] inclina-se perante ele, rodando de forma a que o seu ombro direito toque no solo, beija o chão e põe as palmas das mãos sobre o peito. Os Kioque [Cokwe] pegam, além disso numa mão cheia de terra, que deixam cair ou esfregam no peito, dependendo do estatuto da pessoa cumprimentada. Os Hollo tocam também com a testa no solo, depois de o terem beijado. No caso de um encontro, o cumprimento realiza-se fazendo um grande desvio em torno da pessoa mais elevada e batendo palmas ao mesmo tempo. Os Massongo costumam rastejar ao lado dela numa posição curvada, estalando os dedos. Embora existam estas cerimónias formais de cumprimento, a despedida parece não ser costumeira em sítio algum.

A poligamia era habitual em todas as tribos. Todo o homem se esforça por ter o maior número possível de mulheres. Uma família numerosa garante-lhe

uma posição influente entre os seus conterrâneos. As mulheres cuidam da lida da casa e dos campos. Os filhos são os seus criados, vão à caça e fazem a guerra por ele, enquanto que as filhas lhe trazem lucro através do casamento. Quanto mais filhos uma mulher tem, mais valor tem para o seu marido. As mulheres adquiridas como escravas não têm a mesma posição das mulheres da tribo. Podem, entre outras coisas, ser negociadas à vontade, ao contrário das últimas. No entanto, nem umas nem outras se deixam instrumentalizar passivamente pelo marido, mas mantêm sempre uma certa independência, pelo que somos levados a crer que o tratamento e a posição das mulheres é, em muitos aspectos, melhor do que na civilização. Por exemplo, nunca se ouve falar, de mulheres ou crianças vítimas de maus tratos físicos. Pelo contrário, o que acontecia por vezes, era que alguns dos nossos homens eram dominados pelas suas mulheres adquiridas como escravas, chegando até a ser soçados por elas, sem opor resistência.

O nosso intérprete Kaschawalla [Caxavala, *alias* Joanes Bezerra] era inteiramente tiranizado pelas suas mulheres e, no entanto, não tinha coragem para recusar os seus anseios por missangas e tecidos coloridos, fazendo, pelo contrário, tudo para satisfazer as vontades das suas belas.

No caso do marido se fartar de uma das suas mulheres, manda-a de volta para junto do pai dela ou do seu tio materno. Este não o leva a mal, porque assim tem perspectivas renovadas de fazer um bom negócio com a sua protegida. Contudo, neste caso, há que respeitar a livre escolha da mulher para efeitos de novo casamento, mesmo que o seu marido tenha falecido. Dado o grande respeito que os membros da família têm por aquele que os sustenta, a decisão deste é em geral determinante.

Enquanto que algumas tribos castigam o adultério das suas mulheres com a pena de morte, outras fazem vista grossa ou até o favorecem, se ele lhes trouxer vantagens. Os Hollo, por exemplo, mandam as suas mulheres para o acampamento [dos europeus], para mais tarde exigir uma indemnização ao seduzido.

A frouxidão dos laços matrimoniais explica o facto de em certas tribos, por exemplo, entre os Bondo e os Kalunda, o direito ao trono recair sempre sobre os filhos da irmã mais velha e não sobre os filhos do chefe.

Se um chefe se casar com uma sobrinha consanguínea, os filhos dela têm prioridade sobre os filhos das outras mulheres.

Após a travessia do Kassai, entramos em contacto com povos, cujos usos e costumes são completamente diferentes e que têm maior interesse etnográfico.

LUDWIG WOLF

Heinrich Ludwig Wolf nasceu a 30 de Janeiro de 1850, em Hagen. Estudou Medicina em Greifswald e Würzburg e, depois do seu doutoramento, realizou várias viagens à América do Norte e do Sul, de 1874 a 1878, na qualidade de médico de bordo ao serviço da firma Norddeutscher Lloyd. A seguir, alistou-se como médico militar no exército saxónico. Depois de uma formação especial na Clínica Oftalmológica de Lúpsia e na América do Norte, foi nomeado médico do Estado-Maior. De 1883 a 1886, participou como médico e antropólogo na expedição ao Cassai, subvencionada pelo rei belga, sob a chefia de Hermann von Wissmann* (ver também Curt von François*). Em 1884, empreendeu uma expedição independente à região habitada pelos Kuba e, durante a ausência de Wissmann, motivada por doença (Setembro de 1885 a Abril de 1886), explorou os rios Sankuru e Lomami. Em Julho, embarcou em Banana e, em Setembro de 1886, estava de volta à Alemanha, depois de uma ausência de quase três anos. Sobre a parte da rota relativa a Angola, não publicou nenhum trabalho exclusivo. No entanto, foi o principal autor da obra conjunta sobre essa expedição (1888; ver cap. Wissmann: textos 3-5). Tudo leva a crer, que se devem a Wolf as informações etnográficas mais importantes, o espírito e a forma de descrição. Mais tarde, foi reintegrado no exército saxónico e mandado para Lúpsia como médico do Estado-maior, onde ainda teve tempo para assistir às aulas de Friedrich Ratzel. Em Fevereiro de 1888, Wolf foi para o Togo, ao serviço do governo alemão, e fundou aí a estação de Bismarckburg. Numa viagem a Dahomey, sucumbiu a um ataque de febre, a 26 de Junho de 1889, em Ndali perto de Mpelele.

A atitude discreta de Ludwig Wolf e o seu esforço por compreender cada uma das partes envolvidas estão bem patentes numa passagem sua, sobre o tratamento apropriado dos carregadores e dos Africanos (ver texto). No entanto, os objectivos próprios, os interesses científicos, “civilizadores” e colonialistas são tão pouco questionados como pela maioria dos outros viajantes em África.

Texto

1. Reisen in Central-Afrika [Viagens na África Central], 1886b: 80-81

Infelizmente, os confrontos hostis nem sempre se conseguem evitar, embora prejudiquem mais o explorador e os seus objectivos do que os indígenas. Então, as mais exageradas notícias de guerra costumam chegar depressa às tribos vizinhas que geralmente adoptam também uma atitude hostil, ou, quando sentem que não têm força suficiente para tal, se comportam de forma reservada, por receio, não permitindo uma aproximação amigável. A relação que o primeiro explorador, o primeiro branco, criou com os indígenas costuma

transferir-se para os sucessores destes. Visto que o explorador tem como missão abrir à civilização territórios desconhecidos para os missionários e negociantes vindouros, através do estabelecimento de laços amigáveis com os indígenas, ele não deve naturalmente poupar tempo nem esforços para evitar conflitos armados. Muitas vezes, os indígenas recebem o primeiro branco a pisar o seu território de modo ameaçador com a lança apontada e o arco tendido. Salvo raras excepções, este género de ameaças não passa contudo da exteriorização do medo. O que também se explica facilmente. Muitas tribos da África central estão de tal forma habituadas aos assaltos e à caça aos escravos que defrontam o aparecimento inesperado de uma expedição ou até de um branco nunca visto com justificada desconfiança e tomam medidas de protecção. Quando [o explorador] é obrigado a fazer uso da arma, tem de estar preparado para, após o castigo apropriado, fazer um acordo formal de paz com os vencidos. De acordo com a minha experiência, também os indígenas africanos têm um sentido de justiça desenvolvido que costuma condenar a parte agressora, facilitando assim um acordo de paz.

WILLY WOLFF

Doutor em Medicina e especializado em Otorrinolaringologia, Wilhelm (Willy) Albert Wolff nasceu a 6 de Março de 1852 em Berlim. Levado pelo prazer da descoberta e pelo espírito de aventura, pôs-se à disposição da “Afrikanische Gesellschaft in Deutschland” (Sociedade Africana na Alemanha) para participar numa eventual expedição em África, sendo encarregado de se juntar à expedição chefiada por Eduard Schulze*, cuja missão era explorar o Sudoeste da bacia do Congo, na qualidade de médico, zoólogo e antropólogo. A 1 de Agosto de 1884 Wolff deixou Hamburgo na companhia dos restantes participantes, Eduard Schulze, Richard Büttner*, Richard Kund e Hans Tappenbeck.

Depois dos esforços infrutíferos, feitos em Cabinda e noutras localidades, para conseguir carregadores para a caminhada ao interior, a base provisória de partida foi transferida para Ango-Ango (em frente à estação Vivi) na margem esquerda do rio Congo. A falta de carregadores acabou por conduzir à divisão da expedição em três grupos. Schulze e Büttner partiram para Mbanza Congo (portug. São Salvador) a 12 de Dezembro, mas Wolff só pôde segui-los com outra parte da bagagem, no final de Janeiro de 1885, pois entretanto os caminhos entre o rio Congo e Mbanza Congo tinham sido cortados com a justificação de “que os brancos impediam a chuva” (1886: 47). Pouco depois da chegada de Wolff, a 2 de Fevereiro, o chefe da expedição morreu. Kund e Tappenbeck, detidos com o resto da bagagem junto ao rio Congo, exploraram a partir daí o restante curso do rio, assim como o curso inferior do Luquénia.

Büttner e Wolff não conseguiram arranjar carregadores em Mbanza Congo para a sua viagem planeada ao Mwene Mputu Casongo, junto ao rio Cuango. Como os carregadores trazidos da costa do Loango tinham fugido todos e os exploradores não conseguiram convencer os carregadores locais a fazer esse serviço, Wolff decidiu ir à região de Ndamba, a Leste, a fim de contratar os duzentos carregadores necessários. Algumas pessoas de Ndamba, que na altura se encontravam em Mbanza Congo, recusaram-se categoricamente a conduzi-lo àquela região “porque temiam problemas junto das suas gentes por levarem um branco ao seu território” (1886: 52). Wolff deixou, por isso, Mbanza Congo, a 27 de Fevereiro de 1885, sem o seu companheiro, apenas com seis jovens da costa do Loango, com idades compreendidas entre os dez e os dezassete anos, um intérprete que pouco depois o abandonou, dois caixotes de mercadorias, um burro e um cão. Este plano também fracassou, mas Wolff decidiu prosseguir viagem com a sua comitiva reduzida a cinco pessoas que, de maneira nenhuma, o acompanhavam voluntariamente. Depois de ultrapassar múltiplos obstáculos e perigos, atormentado por ataques de febre e dias inteiros sem guia, acabou por ser o primeiro explorador vindo do Ocidente, a chegar, a 8 de Abril de 1885, à residência do Mwene Mputu Casongo (ver texto 3) junto ao rio Ganga, um

afluente da margem direita do Cuango. Quase cinco anos antes dele, o seu conterrâneo, Alexander von Mechow*, já ali tinha chegado vindo do Sul, tendo sido o primeiro europeu a alcançar este potentado. Wolff teve conhecimento de “que as gentes do Kiamwo teriam migrado da margem direita [do Cuango] para a margem esquerda [*sic*, mas cf. texto 2] [...] e teriam expulsado dali os habitantes originais daquela região” (1886: 59). A continuação da viagem para Oriente revelou-se impossível a partir dali, pelo que, a 21 de Abril, Wolff foi obrigado a tomar o caminho de regresso para Mbanza Congo, onde chegou, depois de grande esforço, a 15 de Maio. Wolff decidiu-se então pelo regresso à Europa. No caminho para a costa encontrou junto ao rio Congo o seu antigo companheiro de viagem Büttner que se preparava para realizar os seus próprios planos respeitantes ao Cuango. Nada mais se sabe sobre a vida de Willy Wolff.

Desde o início, a questão dos carregadores dominou todo o empreendimento. De Angola, onde o sistema de carregadores era usual e estava bem organizado desde há muito, não lhes era permitido importar nenhuns e na costa do Loango também não era possível obtê-los, como a expedição ao Loango tinha demonstrado. Só um pouco mais tarde, na sequência de uma epidemia de fome na região, os africanos se convenceram a aceitar este tipo de trabalho e a juntar-se a Büttner. Posteriormente, Wolff acabou por mostrar compreensão por esta recusa “de deixar o seu lar acolhedor e de receber uns bocados de tecido e missangas em troca de árduo trabalho diário, quando, o que os esperava nesses locais distantes, era pancada do branco, de quem não gostavam ou talvez até odiavam; para além disso, ainda tinham de fazer grandes caminhadas a territórios desconhecidos, onde havia o risco de serem mortos ou comidos. Como reagiríamos nós a uma exigência destas?” (1889a: 46).

O destino de Mwene Mputu Casongo, junto ao rio Cuango, era especialmente intimidante para os carregadores, porque sobre este potentado circulavam muitas histórias horripilantes, espalhadas propositadamente pela população que queria defender o seu monopólio comercial. Precisamente por esta razão, não era de esperar que os africanos que viviam ao longo deste trajecto fornecessem carregadores ou apoio: “Como os indígenas não se atreviam a impedirem-me abertamente de continuar o meu caminho, tentavam intimidar a minha gente e levá-la a abandonar-me. Eles tinham boas razões para não quererem que eu avançasse mais para o interior, uma vez que todos eles lucravam com o comércio, temendo por isso que eu quisesse estabelecer ligações comerciais directas, evitando os intermediários. Além disso, aquilo que eu não tinha conseguido realizar poderia vir a ser feito pelos exploradores que viessem a seguir. Por isso, não tardaram a intimidar os meus jovens com mentiras, dizendo que não iríamos encontrar água ou uma aldeia durante dez dias, pelo que também não teríamos comida [o que se confirmou no caminho de regresso durante cinco dias horríveis]; outra vez, contaram como o rei Kiamwo, junto ao Quango, era cruel; outros mentiram, dizendo que nós iríamos ter com

canibais, etc. Sempre que os meus jovens ouviam este tipo de notícias horríveis, vinham ter comigo e pediam-me para regressar.” (1889a: 165).

Os exploradores alemães em África, com as suas exigências pouco comuns, não se enquadravam nas regras e usos existentes, pelo que só podiam despertar desconfiança. Temia-se até que Wolff “quisesse aliciar, com falsas ilusões, 200 homens a irem com ele para São Salvador, a fim de os pôr a ferros como escravos.” (*ibid.*: 136). Além disso, de um modo geral, a reputação do branco no interior não inspirava confiança. Um escravo que foi oferecido a Wolff na região do Cuango tinha medo dele, porque estava convencido de que “o homem branco comia carne humana e dormia na água” (*ibid.*: 215) – uma inversão muito corrente na África central das ficções europeias sobre canibais, respeitantes ao continente “das trevas”. Só posteriormente Wolff conseguiu compreender a mudança de comportamento do Mwene Mputu Casongo: “Eu nunca compreendi a razão que levou Kiamwo a enganar-me, na altura não entendi bem o seu procedimento. Por que razão não me voltou a receber? Porque não respondeu às minhas exigências? Agora acho que já consigo entender melhor a sua linguagem muda. A minha exigência para que fornecesse a um homem branco estrangeiro 200 homens para [uma viagem a] um território desconhecido por tempo indeterminado era tão exorbitante, que ele não quis nem pôde satisfazê-la, já que, em todas as regiões que atravessei, as caravanas comerciais costumam fazer apenas percursos pequenos, efectuando habitualmente o comércio entre dois povos vizinhos. Teria Kiamwo a certeza de que alguma vez voltaria a ver um destes 200 homens? Pois bem, Kiamwo não me quis responder que não poderia satisfazer as minhas exigências para não diminuir o seu poder perante mim, tanto mais que um potentado como Kiamwo gostava de transmitir a impressão de onnipotência. Por outro lado, Kiamwo também não pretendia dizer-me que não queria realizar o meu desejo; uma resposta destas seria sinal de má-criação, dada a grande delicadeza e formalidade dos negros e ainda para mais dos príncipes dos negros. Assim, ele preferiu adiar a resposta até ao momento em que perdi a paciência e continuei a viagem sem a sua resposta.” (*ibid.*: 217)

Como porém nada conseguiu convencer Wolff a abandonar os seus planos, ele deparou-se constantemente com uma oposição clara ao longo do trajecto. O guia e o intérprete abandonaram-no, ficando ele essencialmente dependente da ajuda da população das regiões percorridas. Às suas perguntas sobre o caminho certo “respondiam com um encolher de ombros, sorriam ironicamente ou afastavam-se de mim sem dizer nada. Eu era obrigado a seguir um caminho qualquer, que me levasse para fora da aldeia.” (1889a: 155).

Gostavam também de lhe dar informações vagas sobre as distâncias. À pergunta, quanto faltaria ainda para chegar ao Cuango, ter-lhe-ia um aldeão “respondido muito correctamente: alguns vinte dias, um outro corrigiu imediatamente e disse três meses, um terceiro afirmou até mesmo três anos, e

por fim, um quarto chegou ao cúmulo de afirmar que, se ele partisse dali enquanto rapazinho e andasse diariamente do nascer ao pôr-do-sol, chegaria ao rio Quango quando fosse um homem velho. Ninguém pretendia conhecer um caminho para o rio Quango, embora, como vi mais tarde na viagem de regresso, partisse daqui o caminho mais próximo para o Quango.” (*ibid.*: 149-150)

Tal como muitos outros, Wolff não conseguiu explicar claramente o objectivo da sua viagem, para assim aumentar a confiança: “Eles perguntavam-me para onde é que eu queria viajar, eu dizia-lhes para o rio Quango. O que é que eu queria ir lá fazer? Pois bem, dizia eu, queria desenhar um mapa semelhante ao que tinha à minha frente, do caminho até lá. Estes ingénuaos aldeões desatavam a rir às gargalhadas alto e bom som e diziam: [que] eu não podia considerá-los tão parvos e crédulos que fossem acreditar numa história daquelas. Eles [os africanos] queixavam-se de que já estavam na miséria, devido à falta de chuva, porque quase que já não tinham colheita; e se eu também lhes tirasse o comércio intermediário, teriam de morrer à fome.” (1889a: 153). Tendo em conta que, mais tarde, Wolff considerou que o êxito da sua viagem residiu no facto de que “finalmente também tinha sido aberto um caminho para o interior por este lado da costa ocidental, contornando a antiga via fluvial do Congo”, há que reconhecer que a população nativa tinha feito uma avaliação correcta das consequências negativas de tal “acto pioneiro”. O futuro deu-lhes razão.

Tentaram convencer Wolff a regressar, não lhe vendendo mantimentos. De vez em quando, ele valia-se da ameaça de que era o “Deus da chuva” e que “nunca mais faria chover”, o que surtia efeito. (1889a: 159). Às vezes tentavam barrar-lhe o avanço através da violência armada, forçando-o a abrir caminho à força. O seu equipamento insuficiente, que na realidade só estava previsto para uma viagem de quinze dias, obrigava a grande poupança, o que não melhorava a sua situação e conduzia à infracção de regras com consequências desagradáveis. Assim, o não aceitar um presente de boas-vindas era considerado uma ofensa, mas Wolff não tinha mercadorias suficientes para dar um presente de retribuição, sempre que era necessário. Em relação à costumeira portagem fluvial, aconteceu algo de semelhante.

Por outro lado, Wolff contestava a necessidade de se adaptar ao sistema nativo e ao código de comportamento vigente: “um branco podia andar por todo o lado e não precisava de pagar portagem. Como poderia eu pagar portagem, se não tinha praticamente nada com que viver; além disso achava indigno de um europeu deixar que lhe fosse imposto um tributo por estes salteadores pretos. Não era possível existirem leis nestes países que obrigassem um explorador a pagar tributo, tanto mais que os nativos nunca tinham visto um branco antes de mim.” (*ibid.*: 163). Por este motivo, Wolff sentia-se muito orgulhoso por não ter pago portagem em sítio nenhum ao longo de toda a viagem.

Para com os chefes das aldeias nativas, Wolf procedeu de forma igualmente autoritária e sem se preocupar com os costumes dos seus anfitriões. Quando se admirou por Kiamvo Bungi não ter vindo dar-lhe as boas-vindas e recebeu a resposta de que este estaria, por sua vez, à espera da sua visita indignou-se e ameaçou “deixar rapidamente a aldeia, se o Kiamwo não me vier procurar ainda antes do sol apontar o meio-dia. Não seria costume, o homem branco ir ter com o preto. Pelo contrário, o último teria o dever de vir à minha casa dar-me as boas-vindas.” (1889a: 177). Estas atitudes não tornaram a viagem mais fácil (ver também texto 3).

Também aos seus carregadores Wolff incutiu, desde o início, mais receio do que confiança, de tal maneira que ele teve de contar constantemente com o seu abandono. Isto conduziu a uma maior severidade e vigilância. Quando, após a fuga de sete dos seus carregadores do Loango, apenas conseguiram “apanhar” cinco que depois ainda tiveram de transportar o carregamento dos outros dois, a consequência foi “que, a partir desse momento, passei a tratá-los com uma severidade férrea, direi mesmo, de forma bárbara, de tal maneira que tudo aquilo que os indígenas lhes pudessem contar de horrível sobre a continuação da viagem era excedido pelo medo provocado por mim” (1886: 59). Às vezes, Wolff só conseguia convencê-los a seguirem-no de pistola em punho. Mais tarde, depois do seu regresso, reconheceu a dimensão da sua má fama, quando no caminho de Mbanza Congo para o rio Congo vários carregadores fugiram e os carregadores de Büttner pediram a este para não serem obrigados a viajar com Wolff. Não sem autoconsciência, Wolff decidiu, por isso, abdicar de outros planos em África: “Além disso eu tinha-me tornado uma pessoa tão nervosa que a mais pequena negligência da minha gente me punha na maior agitação e me levava a impôr castigos severos. Esta maneira de agir, própria da viagem, espalhava um receio de tal modo grande entre os pretos, que não era fácil que quisessem voltar a viajar comigo para o interior.” (1889a: 235)

Ao que parece, Wolff não apresentou resultados científicos da sua viagem, no verdadeiro sentido da palavra. O seu esquema de rotas revelou-se muito impreciso. Pelo caminho adquiriu alguns objectos etnográficos. Após a chegada a uma nova aldeia, a aquisição processava-se da seguinte forma: “Todos os tesouros foram desembrulhados como de costume e mostrados para levar os indígenas a pôr à venda, se possível, muitos géneros alimentícios e, quiçá, alguns objectos valiosos do ponto de vista etnológico. Eu ficava ali sentado, como um proprietário de uma barraca de feira, deixando deslizar pelas minhas mãos os diversos colares de missangas ou fazendo realçar o brilho dos anéis de latão ao sol, brincando com facas, examinando ostensivamente o tecido colorido mais bonito, bem como linhas de várias cores e agulhas de coser. Propagava-se então rapidamente a noticia de que tinha chegado um homem branco com toda a espécie de tesouros e cada um deles trazia uma pequena coisa, da qual podia prescindir, para troca.” (1889a: 225)

Wolff manteve um diário que, ao que parece, não chegou até aos nossos dias, mas que constituiu a base para o seu relato de viagem escrito num estilo popular. Para além da narração viva do decurso da sua viagem com todos os seus imprevistos e canseiras, o relato contém observações dispersas, entre as quais algumas de carácter etnográfico (ver textos 1 e 2), que constituem um complemento aos relatos de outros viajantes (cf. p.ex. Büttner). Estas são, todavia, muito superficiais, o que se deve, em parte, ao facto de Wolff ter sido obrigado a prescindir totalmente de um intérprete, pelo que a sua comunicação com os africanos foi muito deficiente.

Contrariamente àquilo que o seu comportamento ao longo da expedição, descrito com grande abertura, deixaria supor e cuja causa se encontrava, principalmente, na sua ambição impiedosa (“Sim, nós os descobridores também temos as nossas ambições e não gostamos de ser os segundos a descobrir”, 1889a: 12), as ideias fundamentais de Wolff reflectem uma imagem distinta, que se demarca claramente de muitos dos preconceitos e lugares-comuns então dominantes, e em especial dos chavões utilizados pelos exploradores de África seus contemporâneos.

Apesar de ter feito as medições de crânios que a sua missão previa, sobretudo na região de Boma, Wolff contestou o seu valor para o conhecimento, partindo do princípio de que existiriam mais misturas do que “pureza racial”. “Devido à insignificância das diferenças, é muito difícil elaborar, por enquanto, um princípio correcto de divisão dos seres humanos em diferentes raças. Assim, [os cientistas europeus] apresentam, como diferença racial, por exemplo, o formato do crânio e principalmente o maior comprimento ou largura do mesmo. [...] Depreender a existência de três raças distintas, a partir dos três tipos de crânios diferentes, não me parece correcto, pois esta divisão em dolicocefalo, mesocéfalo e braquicéfalo é arbitrária, uma vez que dá pouco ou nenhum valor a determinadas características do formato do crânio, ou seja, não designa diferenças físicas reais do formato do crânio, mas sim um grau diferente de uma determinada relação [entre essas características], cuja constância ainda terá de ser provada.” (1889a: 81-82). Partindo do princípio da unidade do género humano, ele era da opinião de “que qualquer ser é o produto de uma longa cadeia de desenvolvimento” (*ibid.*: 80) e de que os seres humanos actuais se diferenciam muito pouco uns dos outros. Também a cor negra, branca ou vermelha não era, em sua opinião, uma característica original, mas sim, o resultado de uma longa diferenciação, devida a factores muito diversos dependentes da predisposição, clima e alimentação.

Em relação à classificação dos Africanos como “selvagens”, Wolff questiona terminantemente a legitimidade dos padrões de avaliação europeus, falando, quando muito, dos “ditos selvagens” (ver textos 4). Por isso, o objectivo principal do seu livro consistia em aproximar um pouco mais de nós, a nível humano, os Africanos “que normalmente só conhecemos como tribos selvagens

e sem cultura”. O leitor ficaria assim “altamente surpreendido por encontrar, também em África, seres humanos tão sensatos como na Europa.” (1889a: IV)

De igual modo, Wolff contradisse a ideia comum de que o Africano só vivia para o momento presente. Reconheceu as suas concepções diferentes de propriedade e compreendeu o verdadeiro carácter da compra alegadamente pacífica de terras, por parte dos europeus através de contratos (ver texto 5). Constatando porém que o mundo não era governado pela benevolência, mas sim pelo “egoísmo [e] pelo instinto da sobrevivência”, Wolff aceitava estas práticas como realidades do procedimento humano. A sua opinião sobre o colonialismo não era muito diferente. Principalmente no que respeita à concorrência verificada entre os Estados europeus, ele pensava que a Alemanha tinha feito bem em adquirir colónias, avisando porém que não se deveria acalentar muitas esperanças em relação a elas. Neste contexto, Wolff utilizou também o cliché do “negro preguiçoso”, pensando, no entanto, ter encontrado razões que não só relativizavam este preconceito, como também lhe retiravam grande parte da sua conotação negativa (ver texto 6).

Ligada a este chavão estava, na altura, a tarefa colonial da “educação do negro pelo trabalho”. Também Wolff via esta necessidade, mas advertiu em relação ao entusiasmo exagerado dos colonialistas e exigiu “uma reflexão calma e permanente”, pois era suficientemente perspicaz a este respeito, para reconhecer a discrepância entre humanidade e realidade: “Mas, para preencher estas condições é preciso trabalho e isto leva-nos à questão fundamental sobre a colonização da África tropical. Quem é que deve fazer o trabalho? O indígena ou o imigrante? Será que o indígena se vai adaptar ao trabalho enérgico e que o imigrante europeu é capaz de realizar trabalhos cansativos neste clima? Podemos habituar os indígenas ao trabalho de duas maneiras; ou fazemos uso da lei do mais forte e obrigamo-los a trabalhar, recorrendo à violência pura, ou despertamos neles o desejo pelos produtos da nossa cultura, obrigando-os assim moralmente a ganhar esses produtos através do trabalho. O primeiro método não corresponde à nossa ideia actual de humanidade, mas até há pouco tempo era perfeitamente usual, na medida em que transformámos os indígenas africanos em escravos e os obrigámos a trabalhar para nós tanto na sua terra como noutras partes do mundo. O método referido por último corresponde sem dúvida à nossa ideia actual de benevolência, mas está ainda muito longe da verdadeira humanidade [...]” (1889a: 244-245)

Pouco se sabe acerca da vida de Willy Wolff, após o regresso à sua terra natal, e o mesmo acontece em relação à data do seu falecimento. Sabe-se que foi nomeado cavaleiro da Ordem militar de Cristo portuguesa e detentor da condecoração de mérito militar de 1ª classe. A partir de Julho de 1889 foi médico do Estado-Maior na reserva.

Textos*1. Von Banana zum Kiamvo [De Banana ao Kiamvo], 1889a: 105-108*

San Salvador é uma localidade com cerca de 400 almas, situada num planalto cerca de 400 m acima do nível do mar. Existem ainda as ruínas da fortaleza e igreja antigas, construídas pelos portugueses há aproximadamente 400 anos. Totila, o actual rei de San Salvador, não é o legítimo governante de San Salvador, mas sim um dos seus primos, a quem ele terá conquistado o poder com o auxílio dos portugueses. Por este motivo, existem ainda hoje aldeias vizinhas tão hostis ao rei, que este não poderia aparecer por lá, sem correr o risco de ser assassinado. A autoridade efectiva do rei não ultrapassa actualmente as fronteiras de San Salvador, embora ainda pare sobre ele uma certa aura e o Totila do Congo seja conhecido em toda a região; é bem possível que, quando morre o mfumu, *i.e.* o chefe de uma aldeia vizinha, [o parecer do rei] ainda seja solicitado para a eleição de um novo chefe.

Os indígenas desta região vivem em propriedades cercadas constituídas habitualmente por uma pequena horta, uma casa para o seu proprietário e diversas casas para as suas mulheres, cada uma das quais exige uma habitação própria. No geral, as gentes daqui não têm mais de duas a três mulheres, só o rei tem algumas vintenas delas. O negro ou compra uma mulher livre aos pais dela, ou uma escrava que, pelo casamento, adquire os mesmos direitos, ou ainda mocinhas que permanecem em casa da sua mãe até serem adultas. O vestuário das mulheres de San Salvador ainda se encontra naquela fase feliz cuja simplicidade não permitiria que florescessem [casas de moda como as de] Gerson e Hertzog; é composto por uma peça de tecido amarrada à volta das ancas e aberta por uma racha de um ou dos dois lados. Este avental de anca é ornamentado com franjas na orla inferior que chega quase até ao joelho, e com cordões de missangas na orla superior; as mulheres casadas também usam geralmente um lenço a tapar o peito. Em vez de brincos vêem-se muitas vezes pauzinhos da grossura de um dedo mindinho, enfiados nos lóbulos distendidos das orelhas. O antebraço é enfeitado com muitas argolas finas de ferro e de latão. Cordões de missangas usados à volta do pescoço e, por vezes, em viés sobre os peitos completam a vestimenta das negras em toda aquela região. As senhoras de San Salvador apresentam ainda uma particularidade; usam nas pernas, dos tornozelos para cima, argolas de latão com um diâmetro de cerca de 3 cm e um peso de 4 a 5 libras, fundidas e polidas em San Salvador. Assim, é frequente verem-se aqui mulheres que carregam constantemente consigo 50 libras de latão nas pernas. Directamente sobre os tornozelos usam uma argola grosseiramente envolvida em trapos, para impedir que os tornozelos fiquem em ferida com a fricção. Os homens usam o habitual avental de anca e, consoante a sua riqueza, um pano pitorescamente lançado sobre os ombros.

No meu tempo, existiam duas feitorias, uma filial do estabelecimento português Rosa e uma do [estabelecimento] francês Beraud; entretanto deve ter-se instalado mais uma filial da firma holandesa da Handelsvennootschap, pelo menos falava-se nisso na altura. Além disso existem aqui duas missões, uma portuguesa católica e uma estação da missão baptista inglesa. O que significa que a concorrência aqui não é só entre comerciantes, mas também entre as missões. Não pretendo com isto afirmar que os indígenas beneficiam [desta concorrência]. Quantas vezes assisti, meneando a cabeça, aos jogos selvagens dos rapazes negros da missão, comparando estes rapazes mal-educados com os moços negros sossegados e humildes, educados em casa, sob a vigilância dos seus pais. Quantas vezes Cornelius [*i.e.* o africano David Cornelius Bardo, ver *supra*, Introdução, cap. 12] me chamou a atenção, com secreto contentamento, para um ou outro rapaz que, sendo castigado numa missão, agora engorda na outra. O que será que as missões pretendem, costumava ele dizer, será que nos querem ensinar uma religião que eles próprios não entendem, será que nos querem explicar a trindade? Eles proibem-nos de ter várias mulheres – e porquê? Será que também temos de esperar até aos 30 anos, para podermos casar com uma rapariga de 20? O que será das outras raparigas, se cada homem só puder ter uma mulher? Nós casamo-nos quando somos adultos e casamos as nossas filhas quando estas se tornam mulheres, o que é natural, ou pelo menos é o que observamos em toda a natureza. As nossas mulheres raramente nos dão mais de dois ou três filhos e, além disso ficam rapidamente feias e pouco atraentes – por que é que não podemos arranjar então uma nova mulher? Uma religião que nos proíba de ter as nossas mulheres, nunca há-de ter muitos adeptos por aqui. Se há alguma religião com futuro nesta região, é o islamismo; esta [religião] propaga-se silenciosamente por muitas localidades, sem que seja necessário construir missões, [a divulgação faz-se] de cubata a cubata. Por que razão haveriam os negros de trair os seus antigos costumes; será que os europeus são melhores, será que são mais felizes do que nós? As velhas solteironas que tricotam grossas meias de lã para as pobres crianças negras, entre outros sacrifícios, deveriam cuidar dos seus conterrâneos, onde vi mais necessidade e miséria a precisar de um lenitivo do que aqui junto dos pobres filhos dos gentios.”

2. *Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamvo], 1889a: 207-208*

Mesmo nos domínios do Kiamwo não consegui detectar quaisquer vestígios de uma escravatura opressiva, embora este seja um conquistador africano que conseguiu ascender da posição de um pequeno chefe da margem esquerda do Quango à de um grande governante. Temido por todo o lado, expandiu a sua autoridade em todas as direcções, incluindo a margem direita do Quango [*sic*, mas cf. *supra*], de onde afugentou os habitantes originais, transmitindo o seu

nome ao povo. A tribo que outrora terá sido designada de Majakka, chama-se hoje, nada mais que Muntu Kiamwoe, ou seja, “as gentes do Kiamwo” e o orgulho com que se fala dos homens do Kiamwo é evidente. Eles sabem bem o quanto devem ao Kiamwo, o velho guerreiro. Foi o seu nome que fez vacilar as alas inimigas, que transformou as mães em viúvas e os filhos em órfãos, mas que lhes concedeu uma grande quantidade de escravos e muitas propriedades. Hoje em dia, o Kiamwo é um velho doente que dificilmente se decidiria a de fazer novas guerras de conquista. Ele e o seu povo colhem agora os frutos das vitórias de outrora, abençoados pela paz. As gentes do Kiamwo podem viajar livremente em todas as direcções, para longínquas terras estranhas, a fim de fazer negócio. Compram tecido, missangas, ferro, latão, armas de fogo, pólvora e sal aos habitantes do litoral, consomem parte deles e negociam a outra parte mais para Leste. Eles próprios produzem sobretudo borracha. O rei Kiamwo é o maior negociante da região; encontram-se frequentemente as suas gentes em viagem de negócios, ao atravessar aquelas regiões. As gentes do Kiamwo são fáceis de reconhecer, primeiro porque usam quase todos o mesmo penteado, parecido com um capacete bávaro e com um penacho no alto da cabeça. Os dentes são mantidos na sua beleza natural, não partem alguns deles, nem os limam como os povos residentes mais a Oeste. Além disso, todos os homens usam uma espada de configuração muito particular. Raramente se separam desta espada: envergam-na logo quando saem de casa, mesmo para dar apenas uma volta pela aldeia. Quando vão para mais longe, levam a sua espingarda de pederneira, cuja coroa é habitualmente ornamentada com uma profusão de pregos de latão.

3. Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamwo], 1889a: 185-188

[Audiência com Mwene Mputu Casongo:] Estávamos a acabar de nos instalar, quando chegaram enviados do rei, que me perguntaram de que forma ele nos poderia ser útil e o que eu queria comer; eu requeri bananas maduras e um porco. Pouco depois, trouxeram-me bananas que já tinham ultrapassado o grau de maturidade; por isso mandei devolvê-las. Disseram que não me poderiam dar um porco antes da manhã do dia seguinte, uma vez que ele não se deixava apanhar; pedi então, provisoriamente, uma galinha que me foi trazida sem demora, com uma grande cabaça de vinho de palma. Na manhã seguinte, fui acordado pelos grunhidos de uma bécora gorda que se encontrava amarrada de frente da minha porta. Procedemos imediatamente ao seu abate, à fervura e ao corte. Quando nos encontrávamos na melhor parte do trabalho e eu já me preparava para saborear um bom bocado, chegaram enviados do Kiamwo, pedindo-me para ir ter com ele. Não me apetecia ser incomodado e respondi que iria, quando tivesse acabado de comer. Quando, algumas horas depois, fui ter com ele, o grande senhor não me recebeu, mas mandou entregar uma cabaça de

vinho de palma e comunicar-me que dormia, pelo que eu deveria voltar no dia seguinte. Irritado, tive de voltar para trás. Pouco depois, fiquei com febre. No dia seguinte, o acesso de febre repetiu-se. Enquanto eu me debatia com a febre mais intensa, chegaram novamente os enviados do Kiamwo, pedindo-me para ir ter com ele; como é evidente, não me encontrava em estado de ir visitá-lo.

No dia seguinte, já me sentia melhor. Mandeí um dos meus Loangos perguntar, se ele me queria receber. O meu rapaz trouxe-me uma resposta afirmativa. Mas, ou o Loango não compreendeu bem [a resposta], ou o rei quis mostrar claramente a sua autoridade, resumindo, voltou a não me receber. Como facilmente se compreenderá, eu fiquei muito irritado com tal comportamento e quis então lograr a entrada através da força. Cortei a corda que mantinha a porta fechada e quis entrar no espaço da corte, mas um numeroso grupo de homens armados barrou-me o caminho, não se deixando, de modo algum, intimidar por mim. Ao ver que não conseguiria nada através da força, mandei dizer ao Kiamwo que esperaria em frente da sua porta, até ele me receber; pois estava demasiado fraco e doente para percorrer constantemente o caminho até à sua residência em vão. Pouco depois recebi a resposta: devia esperar um instante, pois o Kiamwo iria apenas mandar chamar os seus altos [dignitários] e, quando estes estivessem reunidos, me receberia. Deitei-me então na minha cama de campanha, que tinha mandado trazer, uma vez que aqui os negros ainda não conhecem as cadeiras. Passado cerca de meia hora, os portões do palácio real abriram-se também para mim, já depois de terem deixado entrar um grande número de negros distintos. Passei a cerca e encontrei-me então num espaço muito amplo; à minha direita e à minha esquerda encontrava-se, de cada lado, uma grande casa redonda com um telhado alto e bicudo. Quando entrei na corte, soou um carrilhão produzido pelo bater de curtas varas de ferro umas nas outras. Avancei então por entre um círculo composto maioritariamente por pacatos negros mais velhos, provavelmente os dignitários do reino, encontrando-me, de repente, frente ao temido Kiamwo que estava sentado no chão de pernas cruzadas sobre uma pele, separado das suas gentes por um tabique feito de tecido local. Ao seu lado, encontrava-se apenas um negro.

Kiamwo é um homem magro e idoso, desfigurado por cicatrizes no nariz, que fala de forma nasalada e muito pouco compreensível; é provável que um tumor lhe tenha destruído o palato. O acompanhante repetia as palavras pouco inteligíveis do seu amo. Começámos por trocar as habituais cortesias, dizendo que era um grande prazer travarmos conhecimento um com o outro. Em seguida expus-lhe o verdadeiro objectivo da minha viagem: precisava que ele me disponibilizasse 200 pessoas, para voltarem comigo para San Salvador e levarem a minha bagagem de San Salvador até ao Quango. A partir daí, deveriam continuar a acompanhar-me, o mais para Leste possível. O rei não pestanejou diante desta exigência que para ele era no mínimo um tanto surpreendente, respondendo apenas que tinha tomado conhecimento e que me

daria uma resposta dentro de alguns dias. Eu pedi ainda diversas ninharias, tais como sal que já se me tinha acabado completamente, e também cana-de-açúcar, café que infelizmente não havia aqui, e finalmente exprimi o desejo de ver as casas do Kiamwo. Este pedido foi recusado pelo Kiamwo com a observação de que se encontrava doente; de qualquer modo não queria confiar as chaves às suas gentes! Em seguida, deu-me a entender amavelmente que era tempo de me despedir, o que eu fiz obedientemente.

A residência do Kiamwo não é uma das grandes casas redondas, como pensei inicialmente, mas uma pequena casa, como a que têm todos os negros. Infelizmente não consegui saber para que servem os dois grandes edifícios, se são câmaras do tesouro ou salões de festas. Separada dos edifícios do Kiamwo por uma rua, encontra-se uma grande área residencial, também circundada por cercas altas, onde residem as mulheres e filhos do Kiamwo.

4. Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamwo], 1889a: 197-199

Como o Kiamwo demorava a responder-me, tive vagar suficiente para conhecer melhor os ditos selvagens aqui do Quango. Digo propositadamente os “ditos selvagens”, porque só a presunção e arrogância europeias permitem chamar selvagens a estas gentes pacíficas, decentes e talentosas. A maioria dos escritores que descrevem os indígenas africanos gosta de salientar as limitações dos negros e a inferioridade da sua aptidão intelectual e da sua capacidade de evolução, em relação a outras raças. Habitualmente sublinham certas características que, à primeira vista podem parecer estranhas e infantis, e ridicularizam-nas. Na comparação com outras raças, em especial com a raça branca, os negros não são geralmente equiparados à maioria [da população] do outro povo, [ou seja] à sua população rural. No geral, o termo de comparação que os viajantes e os escritores têm em mente é a sua própria pessoa e a sua classe social. O que também acontece habitualmente é que a capacidade de formação é confundida com a formação propriamente dita e as críticas não têm suficientemente em conta o facto de que um baixo grau de formação, ou melhor, aquilo a que nós chamamos formação, se pode dever a outras razões, para além de uma capacidade de formação deficiente.

A configuração do continente africano, deste poderoso colosso, com as suas costas pouco acessíveis, impediu que os indígenas entrassem em contacto mais estreito com outros povos, ou será que os assaltos e a caça aos escravos perpetrados pelos representantes dos diversos povos altamente civilizados podem ser considerados um contacto importante para o desenvolvimento cultural dos negros? O solo estéril da maior parte da África central, a pobreza dessa região em minerais e finalmente o clima esgotante: foi este conjunto de circunstâncias que contribuiu, de forma não desprezível, para o baixo nível de formação dos africanos. Além disso, o facto de os negros não conseguirem

fabricar armas mortíferas tão sofisticadas como as nossas e de viverem em paz uns com os outros, sem polícia, sem um exército permanente, etc., não significa necessariamente que sejam inferiores a nós em todos os aspectos. Certos europeus com formação superior, poderiam mesmo aprender boas maneiras com um rapaz negro, certos membros enfadonhos da sociedade, que não conseguem associar três palavras, poderiam aprender com o mais comum dos negros como se mantém uma conversa, e inversamente, certos palradores inveterados poderiam aprender com qualquer negro a calar-se enquanto o outro está a falar. Aquilo que aqui [no nosso país] não conseguimos inculcar às pessoas, utilizando todos os métodos pedagógicos, corresponde, em parte, a características inatas dos negros. Surpreendente é por exemplo a lógica do negro. A prova do raciocínio lógico e correcto do negro é, entre outras, a sua resposta precisa a uma pergunta negativa. Se lhe perguntarmos, por exemplo: Não viste as minhas gentes?, ele responde sim, complementando sempre a negação da pergunta. Nós fazemos precisamente o contrário, o que é menos lógico.

O principal traço de carácter do negro é a tranquilidade serena; no entanto, pode ser facilmente acometido de alegria, já que habitualmente não é atormentado com grandes preocupações; mas mesmo nestes casos, raramente esquecerá a sua dignidade.

5. *Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamwo], 1889a: 200-202*

A ideia de que o negro, tal como uma criança, vive apenas para o momento e não pensa no futuro, está amplamente divulgada; contudo, não é assim, caso contrário como poderia ele poupar e até acumular grande riqueza em artigos. Existem no interior muitos grandes negociantes, cujas casas estão repletas de artigos, como tecidos, ferro, latão, pólvora, etc. Também para os negros, a riqueza é poder.

No geral, os produtos agrícolas não são armazenados; cultiva-se apenas a quantidade necessária ao sustento; uma vez que esses produtos são artigos de comércio, o excedente é vendido habitualmente logo a seguir à colheita. Por este motivo, uma má colheita pode facilmente dar origem a uma grande fome. Só que a responsabilidade por este tipo de calamidade não deve ser atribuído à falta de visão ou à leviandade dos negros, mas mais às condições climáticas, na medida em que é muito difícil conservar os frutos [da colheita] em bom estado durante a época das chuvas. Um segundo factor que dificulta a conservação dos alimentos é a avidez dos insectos. É impossível salvar qualquer coisa, durante muito tempo, da voracidade destes animais, nomeadamente das formigas brancas.

O conceito de propriedade privada de terras não existe entre os negros; as terras pertencem à tribo, a todo o povo; sendo distribuídas pelas diversas comunidades ou aldeias. Como há abundância de terrenos não cultivados, o

indivíduo não tem necessidade de possuir uma propriedade fixa, já que a exploração exaustiva é praticada em toda a parte e, por isso, o campo não ganha, mas perde por ser cultivado e trabalhado. Quando uma determinada superfície de terreno já foi cultivada durante alguns anos, o capim alto é cortado ou queimado num outro local, o solo é revolvido com uma enxada e semeado ou cultivado com rebentos, como acontece, por exemplo, com a cultura da mandioca. É pelo trabalho da terra que o negro consegue a posse temporária de determinado pedaço de solo. A posse das palmeiras obedece a critérios diferentes; estas pertencem a um determinado proprietário que as pode legar ou vender. Representam um valor que não é de desprezar, visto que produzem diariamente uma certa quantidade do agradável vinho, ou dão frutos oleíferos.

Os conceitos [locais] específicos sobre a propriedade do solo manifestam-se também no caso da alegada venda de terrenos aos europeus. Na maioria das localidades da costa Oeste e Sudoeste, os negociantes têm de pagar, para além de uma quantia única elevada, um tributo anual pela posse dos terrenos. Daí que este tipo de compra se assemelhe mais a um contrato de arrendamento e eu temo que algumas destas grandes aquisições de terras, como as que foram feitas por sociedades europeias e por indivíduos privados, poderão dar origem a conflitos com os indígenas, quando estes forem esclarecidos sobre os nossos conceitos de posse, conflitos esses que no final só poderão ser decididos pela lei do mais forte. A aquisição pacífica através de contrato surge assim como mero pretexto à posterior ocupação pela força. A isto, acresce o facto de, em muitos casos, nem sequer sabermos se as pessoas que nos vendem o terreno têm de facto direito a ele, mesmo que estejam completamente esclarecidos sobre o alcance das suas acções. Não pretendo condenar com demasiada severidade as formas de actuação acima referidas dos europeus para com os negros, uma vez que o mundo não é regido nem pelo sentido de justiça, nem pelo humanismo, por muito que estes [conceitos] nos encham a boca, mas sim pelo egoísmo, pelo instinto de sobrevivência; no entanto, é bom que saibamos distinguir, pelo menos, de que lado é que está o direito.

6. Von Banana zum Kiamwo [De Banana ao Kiamwo], 1889a: 109-110

Os negros são indolentes e podem sê-lo, não porque a natureza lhes satisfaz fácil e prontamente todas as necessidades, mas porque as suas necessidades são extraordinariamente reduzidas. Todo o negro é um Diogenes nato. E, se é verdade que, de acordo com o que nos ensinaram os antigos gregos e que nos foi constantemente repetido na escola, o ser humano mais feliz é aquele que tem menos necessidades, então seríamos obrigados a invejar os felizes negros e, se também é verdade o que se afirma no mundo inteiro, ou seja que nós só agradecemos os negros com a nossa cultura e os produtos desta, com propósitos humanitários, então seriam precisamente estes propósitos que nos deveriam

levar a deixar os negros decidir o seu próprio destino. Portanto, devem ainda existir outras paixões que nos atraem para os selvagens e Cornelius [o africano David Cornelius Bardo] talvez não esteja muito errado, quando diz que nós, os europeus, somos muito mais cruéis, dissimulados e perigosos do que os tigres [onças], que só mostramos as patas de veludo, sob as quais se ocultam contudo as mais afiadas garras. “Primeiro atraem os negros com aguardente barata que não conseguem utilizar na vossa terra e põem-nos atordoados, depois dão-lhes os vossos tecidos de algodão de pouca qualidade, que mal se podem ver, quanto mais vestir. Felizmente não precisamos dos fatos, mas o brilho colorido [dos tecidos] torna-nos vaidosos. No final, oferecem-nos a vossa protecção que temos de aceitar a bem ou a mal, se não nos quisermos expor a injúrias mais grosseiras. É assim que, com o tempo, vocês se insinuam junto a nós, até que, finalmente, se tornam os donos da terra. Esta forma de agir pode ser chamada diplomática; mas nobre e humana, como vocês gostam de se apresentar, não é.”

BIBLIOGRAFIAS

BIBLIOGRAFIA GERAL E DA INTRODUÇÃO

- Bade, Klaus J. (ed.), 1984: *Imperialismus und Kolonialmission. Kaiserliches Deutschland und koloniales Imperium*, Wiesbaden: Steiner.
- Barrett-Gaines, Kathryn, 1997: "Travel Writing, Experiences, and Silences: What is Left Out of European Travelers' Accounts – the Case of Richard Dorsey Mohun", *History in Africa* 24: 53-70.
- Bastin, Marie-Louise, 1982: *La sculpture tshokwe*, Meudon: Alain et Françoise Chaffin.
- Beidelman, T. O., 1982: "The Organization and Maintenance of Caravans by the Church Missionary Society in Tanzania in the Nineteenth Century", *International Journal of African Historical Studies* 15 (4): 601-623.
- Birmingham, David e Phyllis M. Martin, 1983: *History of Central Africa*. Londres e Nova Iorque: Longman.
- Blier, Suzanne Preston, 1993: "Truth and Seeing: Magic, Custom, and Fetish in Art History", in Robert H. Bates, V.Y. Mudimbe e Jean O'Barr, *Africa Disciplines. The Contribution of Research in Africa to the Social Sciences and Humanities*, Chicago e Londres: University of Chicago Press: 139-166.
- Bouba, Aissatou, 1996: "'Lauter breite Negergesichter'. Die Darstellung der äußeren Erscheinung einiger nicht-moslemischer Ethnien aus Deutsch-Nordkamerun in der Vorkolonial- und Kolonialzeit", *Paideuma* 42: 63-83.
- Bridges, Roy C., 1987: "Nineteenth-century East African Travel Records, with an Appendix on 'Armchair Geographers' and Cartography", in Beatrix Heintze e Adam Jones (eds.), *European Sources for Sub-Saharan Africa before 1900: Use and Abuse*, Estugarda: Steiner (*Paideuma* 33): 179-196.
- Capello, H[ermenegildo] e R[oberto] Ivens, 1881: *De Benguella ás terras de Iácca*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2 vols.
- 1886: *De Angola á contra-costa. Descrição de uma viagem através do continente africano*, Lisboa: Imprensa Nacional, 2 vols.
- Carvalho, Henrique Augusto Dias de, 1890a: *Ethnographia e História tradicional dos povos da Lunda*, Lisboa: Imprensa Nacional.
- 1890b: *Methodo pratico para fallar a lingua da Lunda contendo narrações historicas dos diversos povos*, Lisboa: Imprensa Nacional.
 - 1890c: *Memoria a Lunda ou os Estados do Muatiânvua, dominios da soberania de Portugal*, Lisboa: Adolpho, Modesto & Ca.
 - 1890-1894: *Descrição da viagem à Mussumba do Muatiânvua*. Lisboa: Imprensa Nacional, 4 vols.
 - 1892: *Meteorologia, climatologia e colonisação*, Lisboa: Typographia do Jornal.
 - 1898: *O Jagado de Cassange na Provincia de Angola. Memoria*, Lisboa: Christovão Augusto Rodrigues.
- Dias, Jill R., 1976: "Black Chiefs, White Traders and Colonial Policy near the Kwanza: Kabuku Kambilo and the Portuguese 1873-1896", *Journal of African History* 17 (2): 245-265.
- 1984: "Uma questão de identidade: Respostas intelectuais às transformações económicas no seio da elite crioula da Angola portuguesa entre 1870 e 1930", *Revista Internacional de Estudos Africanos* 1: 61-94.

- 1986: “Changing Patterns of Power in the Luanda Hinterland: The Impact of Trade and Colonisation on the Mbundu ca. 1845-1920”, *Paideuma* 32: 285-318.
- 1998: “Angola”, in Valentim Alexandre e Jill Dias (eds.): *O Império Africano 1825-1890*. (Nova História da Expansão Portuguesa, eds. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, vol. X.) Lisboa: Editorial Estampa: 319-556.
- 2000: “Estereótipos e realidades sociais: Quem eram os ‘Ambaquistas?’”, in: *Construindo o passado angolano: As Fontes e a sua Interpretação. Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola*, Lisboa 2000: 597-623.
- “Die Anthropologenversammlung in Frankfurt a. M.”, 1882: *Globus* 42: 172-174.
- “Die Thätigkeit des Vorstandes der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin in Betreff des Planes, durch eine Reihe methodisch geleiteter Expeditionen auf die Erforschung Aequatorial-Afrika’s hinzuwirken”, 1873: *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 8: 170-181, 257-262.
- “Eine portugiesische Stimme über die Afrika-Forschung”, 1877-1878: *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II: 48-52.
- Essner, Cornelia, 1985: *Deutsche Afrikareisende im neunzehnten Jahrhundert*, Estugarda: Steiner.
- 1987: “Some Aspects of German Travellers’ Accounts from the Second Half of the 19th Century”, in Beatrix Heintze e Adam Jones (eds.), *European Sources for Sub-Saharan Africa before 1900: Use and Abuse*, Estugarda: Steiner (*Paideuma* 33): 197-205.
- Evans, Richard J., 1998: *Fakten und Fiktionen. Über die Grundlagen historischer Erkenntnis*, Frankfurt a. M.: Campus.
- Fabian, Johannes, 2001: *Im Tropenfieber. Wissenschaft und Wahn in der Erforschung Zentralafrikas*. Munique.
- Freudenthal, Aida, 2005: *Arimos e Fazendas. A transição agrária em Angola*, Luanda: Chá de Caxinde.
- Frobenius, Leo, 1907: *Im Schatten des Kongostaates. Bericht über den Verlauf der ersten Reisen der D.I.A.F.E von 1904-1906, über deren Forschungen und Beobachtungen auf geographischem und kolonialwirtschaftlichem Gebiet*, Berlin: Georg Reimer.
- Gall, Lothar, 1997: *Bismarck. Der weisse Revolutionär*, Berlin: Ullstein.
- Geiss, Imanuel, 1988: *Geschichte des Rassismus*, Frankfurt a. M.: Suhrkamp.
- Gothsch, Manfred, 1983: *Die deutsche Völkerkunde und ihr Verhältnis zum Kolonialismus. Ein Beitrag zur kolonialideologischen und kolonialpraktischen Bedeutung der deutschen Völkerkunde in der Zeit von 1870 bis 1975*, Baden-Baden: Nomos.
- Gronemeyer, Reimer (ed.), 1991: *Der faule Neger. Vom weißen Kreuzzug gegen den schwarzen Müßiggang*, Reinbek junto a Hamburgo: Rohwolt.
- Gründer, Horst, ³1995: *Geschichte der deutschen Kolonien*, Paderborn et al.: Schöningh (¹1985).
- Güssfeldt, Paul, Julius Falkenstein e Eduard Pechuël-Loesche, 1879-1882: *Die Loango-Expedition ausgesandt von der Deutschen Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas. Ein Reisewerk in drei Abtheilungen*, Lipsia: Paul Froberg.
- Guimarães, Ângela, 1984: *Uma corrente do colonialismo português. A Sociedade de Geografia de Lisboa 1875-1895*, Porto: Livros Horizonte.

- Heintze, Beatrix 1990: "In Pursuit of a Chameleon: Early Ethnographic Photography from Angola in Context", *History in Africa* 17: 131-156.
- 1994: "Ethnohistorische Bildinterpretation im Kontext", *Tribus* 43: 95-111.
 - (ed.), 1995: *Alfred Schachtzabels Reise nach Angola 1913-1914 und seine Sammlungen für das Museum für Völkerkunde in Berlin. Rekonstruktion einer ethnographischen Quelle*. Köln: Rüdiger Köppe (Afrika-Archiv 1).
 - 1999a: "Die Konstruktion des angolischen 'Eingeborenen' durch die Fotografie", in Michael Wiener (ed.), *Ethnologie und Photographie (= Fotogeschichte 19 [71])*: 3-13.
 - 1999b: *Max Buchners Reise nach Zentralafrika 1878-1882. Briefe, Berichte, Studien*. Köln: Köppe.
 - 2000: "Feldforschungstreß im 19. Jahrhundert: Die deutsche Loango-Expedition 1873-1876", in Sylvia M. Schomburg-Scherff e Beatrix Heintze (eds.), *Die offenen Grenzen der Ethnologie. Schlaglichter auf ein sich wandelndes Fach*, Frankfurt a. M.: Lembeck: 39-51.
 - 2002a: *Afrikanische Pioniere: Trägerkarawanen im westlichen Zentralafrika (ca. 1850-1890)*. Frankfurt a. M.: Lembeck .
 - 2002b (ed.): Hermann Baumann: *Die ethnographische Sammlung aus Südwest-Angola im Museum von Dundo, Angola (1954). Katalog / A colecção etnográfica do Sudoeste de Angola no Museu do Dundo, Angola (1954) Catálogo*. Bearbeitet und herausgegeben von / redigido e editado por Beatrix Heintze. Colónia: Köppe (Afrika-Archiv 3).
 - 2003: "Propaganda Concerning 'Man-Eaters' in West-Central Africa in the Second Half of the Nineteenth Century", *Paideuma* 49: 125-135.
 - 2004: *Pioneiros Africanos: Caravanas de carregadores na África Centro-Occidental (entre 1850 e 1890)*. Tradução de Marina Santos, Lisboa: Editorial Caminho / Luanda: Nzila.
 - 2004/2005: "A lusofonia no interior da África Central na era pré-colonial. Um contributo para a sua história e compreensão na actualidade", *Cadernos de Estudos Africanos* 6/7, Julho 2004/Junho 2005: 179-207 (publicado em 2006).
 - 2006: "Contra as teorias simplificadoras: O 'canibalismo' na antropologia e história de Angola", in Manuela Ribeiro Sanches (ed.), "*Portugal não é um país pequeno*". *Contar o Império na pós-colonialidade*, Lisboa: Livros Cotovia: 215-228, 369-395.
 - 2007a: "Between Two Worlds: the Bezerras, a Luso-African Family in Nineteenth-Century Western Central Africa", in Philip J. Havik e Malyn Newitt (eds.), *Creole Societies in the Portuguese Colonial Empire*, Bristol: Bristol University Press (Lusophone Studies 6): 127-153.
 - 2007b: "The extraordinary Journey of the Jaga through the Centuries: Critical approaches to precolonial Angolan historical sources", *History in Africa* 34: 67-101.
 - 2007c: *Deutsche Forschungsreisende in Angola. Ethnographische Aneignungen zwischen Sklavenhandel, Kolonialismus und Wissenschaft*, Frankfurt a. M.: Lembeck (2ª edição revista e alargada como eBook de: *Ethnographische Aneignungen. Deutsche Forschungsreisende in Angola*, Frankfurt a. M.: Lembeck 1999).
 - 2009a (no prelo): "Luso-afrikanische Dolmetscher und kulturelle Vermittler in Angola im 19. Jahrhundert", in Mark Häberlein e Alexander Keese (eds.), *Sprachgrenzen, Sprachkontakte und kulturelle Vermittler in der Geschichte der*

- europäisch-überseeischen Beziehungen*, Estugarda: Steiner (Beiträge zur europäischen Überseegegeschichte).
- 2009b: “Hidden Transfers: Luso-Africans as Experts of European Explorers in Nineteenth Century West-Central Africa”, Manuscrito para um volume em memória de Jill R. Dias, editado por Davis Birmingham, Philip Havik e Joseph C. Miller.
- Henriques, Isabel de Castro, 1995: *Commerce et changements en Angola au XIX^e siècle. Imbangala et Tshokwe face à la modernité*, Paris: l’Harmattan, 2 vols.
- 1996: “Origens do empresariado angolano (séc. XIX)”, *Economia Global & Gestão* 1: 55-74.
- Heywood, Linda, 1984: *Production, Trade and Power – The Political Economy of Central Angola 1850-1930*, PhD thesis Columbia University (Nova Iorque), Ann Arbor: UMI.
- Hofbauer, Andreas, 1997: “Von Rasse zu Identität. Vom Ringen um Paradigmen in der ‘Wissenschaft vom anderen’”, *Anthropos* 92 (4/6): 569-577.
- Hoover, James Jeffrey, 1978: *The Seduction of Ruweji: Reconstructing Ruund History (the Nuclear Lunda; Zaire, Angola, Zâmbia)*, Ph.D. Yale University, Ann Arbor *et al.*
- Krieger, Kurt, 1965-1969: *Westafrikanische Plastik*, Berlim: Museum für Völkerkunde, 3 vols.
- Lagercrantz, Sture, 1962: “The African Chigoe: a Study of its Advent and Migrations”, *Anthropos* 57: 547-567.
- Lee, Pamela M., 1995: “The aesthetics of value, the fetish of method: a case study at the Peabody Museum”, *Res* 27: 133-145.
- Likaka, Osumaka, 1997: “Colonialisme et clichés sociaux au Congo Belge”, *Africa* (Roma) 52 (1): 1-27.
- MacGaffey, Wyatt, 1977: “Fetishism revisited: Kongo *nkisi* in sociological perspective”, *Africa* 47 (2): 172-184.
- MacGaffey, Wyatt e John M. Janzen, 1974: “A propos *nkisi* figures of the Bakongo”, *African Arts* 7 (3): 87-89.
- Margarido, Alfredo, 1978: “Les porteurs: forme de domination et agents de changement en Angola (XVII^e-XIX^e siècles)”, *Revue française d’Histoire d’Outre-Mer* 65 (240): 377-400.
- Markmiller, Anton, 1995: *‘Die Erziehung des Negers zur Arbeit’. Wie die koloniale Pädagogik afrikanische Gesellschaften in die Abhängigkeit führte*, Berlim: Reimer.
- Marques, Agostinho Sisenando, 1889: *Os climas e as produções das terras de Malange á Lunda*, Lisboa: Imprensa Nacional.
- Martin, Phyllis M., 1972: *The External Trade of the Loango Coast 1576-1870. The Effects of Changing Commercial Relations on the Vili Kingdom of Loango*, Oxford: Clarendon Press.
- 1987: “Family Strategies in Nineteenth-Century Cabinda”, *Journal of African History* 28: 65-86.
- Miller, Joseph C., 1973: “Slaves, Slavers and Social Change in nineteenth Century Kasanje”, in Franz-Wilhelm Heimer (ed.), *Social Change in Angola*, Munique: Weltforum: 9-29.
- 1977: “Imbangala Lineage Slavery”, in Suzanne Miers e Igor Kopytoff (eds.), *Slavery in Africa. Historical and Anthropological Perspectives*, Madison: University of Wisconsin Press: 205-233.

- 1988: *Way of Death. Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade 1730-1830*, Londres: James Currey.
- 1989: “The Confrontation on the Kwango: Kasanje and the Portuguese, 1836-1858”, in *I Reunião Internacional de História de África. Relação Europa-África no 3.º quartel do Séc. XIX*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical: 535-572.
- Müller, Klaus E., 1981: “Grundzüge des ethnologischen Historismus”, in Wolfdietrich Schmied-Korwazik e Justin Stagl (eds.), *Grundfragen der Ethnologie. Beiträge zur gegenwärtigen Theorie-Diskussion*, Berlin: Reimer: 193-231.
- ³1992: “Geschichte der Ethnologie”, in Hans Fischer (ed.), *Ethnologie. Einführung und Überblick*, Berlin e Hamburgo: Reimer (¹1983).
- Nipperdey, H., 1886: “Fetisch und Fetischglaube im Westen Afrika’s”, *Das Ausland* 59: 712-714.
- Nowell, Charles E., 1982: *The Rose-Colored Map. Portugal’s Attempt to Build an African Empire from the Atlantic to the Indian Ocean*, Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Obst, H., 1881: “Die Deutsche Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte bei Vollendung des ersten Decenniums ihres Bestehens”, *Globus* 39: 10-13, 30-32.
- Oppen, Achim von, 1993: *Terms of Trade and Terms of Trust. The history and contexts of pre-colonial market production around the Upper Zambezi and Kasai*, Münster e Hamburgo: Lit.
- Osterhammel, Jürgen, 1995: *Kolonialismus. Geschichte – Formen – Folgen*, Munique: C.H. Beck.
- Peschel, Oscar, ²1875: *Völkerkunde*, Lipsia: Duncker & Humblot (¹1874).
- Petermann, A., 1875: “Die Deutsche Afrikanische Expedition”, *Petermanns Mitteilungen* 21: 1-11.
- Pietz, William, 1985-1988: “The Problem of the Fetish”, I, II, III, *Res* 9, 1985: 5-17; 13, 1987: 23-45; 16, 1988: 105-122.
- Phillips, R. C., 1884: “Volksstämme am Congo. Eine sociologische Studie”, *Deutsche Geographische Blätter* 7 (4): 313-350.
- Pinto, Serpa, 1881: *Como eu atravessei África do Atlantico ao mar indico, viagem de Benguella á contra-costa. A-travès regiões desconhecidas; determinações geográficas e estudos ethnographicos*, Londres: Sampson Low, 2 vols.
- Pratt, Mary Louise, 1992: *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Ratzel, Friedrich, 1895: *Völkerkunde*, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut, 2 vols.
- Santos, Maria Emília Madeira 1987: *Capelo e Ivens: Um fecho europeu para uma tradição nacional*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical (Separatas do Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga 184).
- ²1988: *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*, Lisboa (¹1978).
- 1998: *Nos caminhos de África. Serventia e Posse. Angola Século XIX*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Schultze, Fritz, 1871: *Der Fetischismus. Ein Beitrag zur Anthropologie und Religionsgeschichte*, Lipsia: Wilfferodt.
- Simpson, Donald, 1975: *Dark Companions. The African Contribution to the European Exploration of East Africa*, Londres: Paul Elek.

- Spittler, Gerd, 1987: "European Explorers as Caravan Travellers in the West Sudan. Some Thoughts on the Methodology of Journeys of Exploration", in Beatrix Heintze e Adam Jones (eds.), *European Sources for Sub-Saharan Africa before 1900: Use and Abuse*, Estugarda: Steiner 1987 (*Paideuma* 33): 391-406.
- Torres, Adelino, 1989: "Legislação do Trabalho nas Colónias Africanas no 3.º Quartel do Século XIX: Razões do Fracasso da Política Liberal Portuguesa", in *I Reunião Internacional de História de África. Relação Europa-África no 3.º quartel do Séc. XIX*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical: 65-79.
- 1991: *O Império Português entre o Real e o Imaginário*, Lisboa: Escher.
- Turner, Thomas, 1993: "'Batetela', 'Baluba', 'Basonge': Ethnogenesis in Zaire", *Cahiers d'Etudes africaines* 132, XXXIII (4): 587-612.
- Vajda, László, 1995: "Greuelmärchen und Wunderland. Geschichten im Dienste des Fernhandels in vorindustrieller Zeit", in Helga Breuninger e Rolf Peter Sieferle (eds.), *Markt und Macht in der Geschichte*, Estugarda: Deutsche Verlags-Anstalt: 20-44.
- Vansina, Jan, 1987: "The Ethnographic Account as a Genre in Central Africa", in Beatrix Heintze e Adam Jones (eds.), *European Sources for Sub-Saharan Africa before 1900: Use and Abuse*, Estugarda: Steiner (*Paideuma* 33): 433-444.
- 1998a: "Government in Kasai before the Lunda", *International Journal of African Historical Studies* 31 (1): 1-22.
- 1998b: "It Never Happened: Kinguri's Exodus and its Consequences", *History in Africa* 25: 387-403.
- 1998c: "Oral Tradition and Ethnicity: The case of the Pende", manuscrito.
- 2000: "Du nouveau sur la conquête lunda au Kwango", *Congo Afrique* 341: 45-58.
- 2001: "Portuguese vs Kimbundu: Language Use in the Colony of Angola (1575-c. 1845)", *Bulletin des Séances de l'Académie royale des Sciences d'Outre-Mer* 47(3): 267-281.
- 2004: *How Societies are Born. Governance in West Central Africa before 1600*, Charlottesville e Londres: University of Virginia Press.
- Vellut, Jean-Luc, 1972: "Notes sur le Lunda et la frontière luso-africaine (1700-1900)", *Etudes d'histoire africaine* 3: 61-166.
- 1989a: "The Congo Basin and Angola", in *General History of Africa*, vol. 6, J. F. Ade Ajayi (ed.), *Africa in the Nineteenth Century until the 1880s*, Berkeley: University of California Press: 294-324.
- 1989b: "L'Économie Internationale des Côtes de Guinée Inférieure au XIX^e Siècle", in *I Reunião Internacional de História de África. Relação Europa-África no 3.º quartel do Séc. XIX*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical: 135-206.
- 1991: "La communauté portugaise du Congo belge (1885-1940)", in J. Everaert e E. Stols (eds.), *Flandre et Portugal. Au confluent de deux cultures*, Anvers: Fonds Mercator: 315-372.
- Waitz, Theodor, 1859-1872: *Anthropologie der Naturvölker*, Lipsia: Fleischer, 6 vols.
- Wesseling, H. L., 1996: *Divide and Rule. The Partition of Africa, 1880-1914*, traduzido por Arnold J. Pomerans, Westport, Conn. e Londres: Praeger.
- Wichmann, H., 1885: "Der Kongo-Staat und die europäischen Kolonien in Afrika", *Petermanns Mitteilungen* 31: 136-144.
- Weule, Karl, 1923: "Die deutsche Völkerkunde vor, während und nach der Kriegszeit", *Tijdschrift voor Indische Taal-, Land- en Volkenkunde* 63: 420-457.

Youngs, Tim, 1994: *Travellers in Africa, British Travelogues, 1850-1900*, Manchester e Nova Iorque: Manchester University Press.

FONTES E BIBLIOGRAFIA DAS PEQUENAS BIOGRAFIAS

Trabalhos importantes dos seguintes investigadores, que não tenham qualquer relação com as viagens tomadas aqui como tema central, estão integrados nas respectivas pequenas biografias.

Johann Paul Augspurger

Fonte

Augspurger, Johann Paul: *Kurtze und wahrhaffte Beschreibung der See-Reizen von Amsterdam in Holland nacher Brasilien in America, und Angola in Africa. Vom 4. Novembris 1640. biß 10. Julii 1642*, Schleusingen: Joh. Michael Schalln 1644.

Hermann von Barth-Harmating

Fontes

Barth-Harmating, Hermann von: Extractos de suas cartas enviados de Angola, citados no necrológio manuscrito anónimo existente no espólio de Friedrich Ratzel, 447, Institut für Länderkunde, Lípsia, s.d.

Barth-Harmating, Hermann von: “Angola-Fahrt”, *Das Ausland* 49, 1876, n.º 26: 501-505 (“I. Von Lissabon nach Madeira”), n.º 29: 561-564 (“II. Ein Morgenspaziergang auf Madeira”), n.º 36: 701-705 (“III. Von Madeira nach den Cap Verde’schen Inseln”), n.º 47: 921-924, n.º 48: 944-948 (“IV. Von den Cap Verde’schen Inseln nach S. Thomé”), n.º 50: 985-988 (“V. Von S. Thomé nach S. Paolo de Loanda”).

– “Aufzeichnungen über die Inseln S. Jago und S. Antão vom Archipel der Capverdischen Inseln”, *Das Ausland* 51, 1878 (42): 821; (45): 890.

Bibliografia

Dr. Hermann Freiherr v. Barth †, manuscrito sem indicação do autor (não se trata de Ratzel) no espólio de Friedrich Ratzel, 447, Institut für Länderkunde, Lípsia, s.d.

“BARTH-HARMATING, HERMANN VON” in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 2. Lípsia e Viena ⁶1905: Bibliographisches Institut: 404.

“BARTH-HARMATING, HERMANN VON”, in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde* 1, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1978: 184-185.

(Buchner, Max:) “Die Buchner’sche Expedition”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* I, 1878-1879: 138-139 (título de H. v. Barth).

Erman, Wilhelm: (crítica) “Otto Schütt. Reisen im südwestlichen Becken des Congo... Berlin 1881”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 8, 1881: 384-387.

Globus 29, 1876: 144; 35, 1879: 31.

Günther: “Hermann Freiherr von Barth-Harmating”, in *Allgemeine Deutsche Biographie* 46, Lípsia: Duncker & Humblot 1902: 221-222.

Hellwald, Friedrich von: “Hermann v. Barth”, in *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik* 3, 1881: 302-306.

Mapa in *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 15, 1880, quadro 6.

Kiepert, Richard: "Bemerkung zur Karte", in Paul Pogge, *Im Reiche des Muata-Jambo. Tagebuch meiner im Auftrage der Deutschen Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Afrika's in die Lunda-Staaten unternommenen Reise*, mit einer Karte von Dr. R. Kiepert, Berlin: Reimer 1880a: VI.

– "Deutsche Aufnahmen in Angola", *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 15, 1880b: 241-249.

– "Deutsche Aufnahmen in Angola. Dr. von Barth's Reise 1876 im Gebiet des Bengo und Lucalla und Ingenieur Otto Schütt's Aufnahmen am unteren Quanza 1877-1879. Nach von Barth's Tagebüchern konstruirt und nach Schütt's Originalkarten gezeichnet von Richard Kiepert", in Otto H. Schütt, *Reisen im südwestlichen Becken des Congo*, nach den Tagebüchern und Aufzeichnungen des Reisenden, (ed.) Paul Lindenberg, Berlin: Reimer 1881b.

Schroeder, Klaus: "Hermann Barth v. Harmating", in *Neue Deutsche Biographie* 1, Berlin: Duncker & Humblot 1953: 607.

Zittel, K. von: "Hermann Frhr. v. Barth-Harmating", *Beilage zur Allgemeinen Zeitung*, 27 de Fevereiro de 1877 (58): 865-866.

Adolf Bastian

Fontes

Bastian, Adolf: *Afrikanische Reisen. Ein Besuch in San Salvador der Hauptstadt des Königreichs Congo. Ein Beitrag zur Mythologie und Psychologie*, Bremen: Heinrich Strack 1859, reimpressão Münster: Lit 1988.

– "Die Loango-Küste", *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 8, 1873a: 125-140.

– (ed.) "Eine Reise in's Innere von Afrika", *Das Ausland* 46, 1873b: 301-304, 336-339 (Trata-se de excertos do diário de um engenheiro C.C. sobre a sua viagem de Luanda a Lombigo).

– "Reiseberichte", *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1873-1874: 34-37, 39-42, 50-51, 57-61.

– "Bericht über seine Reise nach den Congo-Ländern", *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1874a: 66-70.

– "Schreibart des Namens Chinchoxo", *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1874b: 78-79.

– "Die Grenzländer Angola's", *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 5, 1874c: 420-439.

– "Über die Bewohner der Loangoküste", *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 6, 1874d: (8)-(9).

– "Zum westafrikanischen Fetischdienst", *Zeitschrift für Ethnologie* 6, 1874e: 1-16, 80-98.

– *Die deutsche Expedition an der Loango-Küste, nebst älteren Nachrichten über die zu erforschenden Länder. Nach persönlichen Erlebnissen*, Jena: Hermann Costenoble 1874/1875, 2 vols.

– "Statistisches über Angola", *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 10, 1875: 403-404.

- (crítica): “Monteiro: Angola and the River Congo, vols. I u. II, London 1875”, *Zeitschrift für Ethnologie* 8, 1878: 392.
- “Ueber Ethnologische Sammlungen”, *Zeitschrift für Ethnologie* 17, 1885: 38-42.

Bibliografia (ver também *infra*, Güssfeldt*. Outras publicações encontram-se nas bibliografias desta pequena selecção)

- (Sem indicação de autor, crítica) “Bastian, A.: Die Deutsche Expedition an der Loango-Küste... 2. Band”, *Petermanns Mitteilungen* 21, 1875: 316.
- “Adolf Bastian †”, *Globus* 87, 1905: 209.
- (Andree, Richard:) “Zum siebzigsten Geburtstage Adolf Bastians”, *Globus* 70, 1896: 1-4.
- Andree, Richard: “Adolf Bastian’s Werk über die Loangoküste”, *Globus* 25, 1884: 380-382.
- Ankermann, Bernhard: “Die Entwicklung der Ethnologie seit Adolf Bastian”, *Zeitschrift für Ethnologie* 58, 1926: 221-230.
- Acherson, P.: “Bericht über die botanischen Sammlungen der deutschen Expedition nach Westafrika”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876: 331-332.
- Behm, E.: “Die Deutsche Afrikanische Expedition”, *Petermanns Mitteilungen* 21, 1875: 1-6.
- (Büttner, Richard:) “Brief von Dr. R. Büttner an Prof. Bastian”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885a: 309-310.
- Büttner, Richard: *Reisen im Kongolande. Ausgeführt im Auftrage der Afrikanischen Gesellschaft*, Lipsia: Hinrichs⁴ 1890.
- Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1874: 79-80 (sobre as colecções de Bastian), 133-134 (sobre as colecções de Bastian e de Güssfeldt).
- “Die deutschen Expeditionen im Westen des äquatorialen Afrika. 1873-1877”, *Aus allen Welttheilen* 9 (7), 1878: 193-199, 230-234.
- Essner, Cornelia: “Berlins Völkerkunde-Museum in der Kolonialära. Anmerkungen zum Verhältnis von Ethnologie und Kolonialismus in Deutschland”, in Hans J. Reichhardt, *Berlin in Geschichte und Gegenwart*, Jahrbuch des Landesarchivs Berlin, Berlin: Siedler 1986: 65-94.
- Fiedermutz-Laun, Annemarie: *Der kulturhistorische Gedanke bei Adolf Bastian. Systematisierung und Darstellung der Theorie und Methode mit dem Versuch einer Bewertung des kulturhistorischen Gehaltes auf dieser Grundlage*, Wiesbaden: Steiner 1970 (Studien zur Kulturkunde 27).
- “Adolf Bastian (1826-1905)”, in Wolfgang Marschall (ed.), *Klassiker der Kulturanthropologie von Montaigne bis Margaret Mead*, Munique: C. H. Beck 1990: 109-136.
- Gothsch, Manfred: *Die deutsche Völkerkunde und ihr Verhältnis zum Kolonialismus. Ein Beitrag zur kolonialideologischen und kolonialpraktischen Bedeutung der deutschen Völkerkunde in der Zeit von 1870 bis 1975*, Baden-Baden: Nomos 1983, cap. A: 5-69.
- Koeping, Klaus-Peter: *Adolf Bastian and the Psychic Unity of Mankind. The Foundation of Anthropology in Nineteenth Century Germany*, St Lucia, Queensland et al.: University of Queensland Press 1983.

- Lange, Henry: “Die Loango-Expedition”, *Leipziger Zeitung, Wissenschaftliche Beilage* 39, 15.5.1879: 233-235.
- Marx, Christoph: “Völker ohne Schrift und Geschichte”. *Zur historischen Erfassung des vorkolonialen Schwarzafrika in der deutschen Forschung des 19. und frühen 20. Jahrhunderts*, Estugarda: Steiner 1988, cap. 4: 207-230.
- Penny, H. Glenn: “Bastian’s Museum: On the Limits of Empiricism and the Transformation of German Ethnology”, in Penny, H. Glenn e Matti Bunzl (eds.): *Wordly Provincialism. German Anthropology in the Age of Empire*, Ann Arbor: University of Michigan Press 2003: 86-126.
- Seidensticker, Wilhelm: “Das Konzept der Ethnologie im Werk Adolf Bastians”, *Jahrbuch der Wittheit zu Bremen* 13, 1969: 25-104.
- Steinen, Karl von den: “Gedächtnisrede auf Adolf Bastian”, *Zeitschrift für Ethnologie* 37, 1905: 236-249.
- Stelzig, Christine: “Visionärer Weltenbummler – Adolf Bastian”, in Christine Stelzig: *Afrika am Museum für Völkerkunde zu Berlin 1873-1919. Aneignung, Darstellung und Konstruktion eines Kontinents*, Herbolzheim: Centaurus 2004, cap. 3.1: 59-81.
- Voß: “Bericht über die durch die deutsche Expedition an der Westküste Afrika’s in das Königliche Museum zu Berlin gelangte Sammlung ethnologischer Gegenstände”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876: 299-304.
- Westphal-Hellbusch, Sigrid: “Zur Geschichte des Museums” in *Hundert Jahre Museum für Völkerkunde Berlin, Baessler-Archiv N.F.* 21, 1973: 1-99.

Hugo Baum

Fonte

- Baum, Hugo: “Reisebericht”, in H. Baum *et al.*, *Kunene-Sambesi-Expedition*, (ed.) O. Warburg por ordem do “Kolonial-Wirtschaftliches Komitee” (Comité Económico Colonial), Berlim 1903: 1-153.

Bibliografia

- “Die Kunene-Sambesi-Expedition des Kolonialwirtschaftlichen Komitees 1899-1900”, *Globus* 83, 1903: 378-382.
- Mansfeld, Peter: “Hugo Baum – eine Biographie”. [1981] <http://baum.petermansfeld.de/> [utilizado 3.2.2008]

Hermann Baumann

Fontes

- (Baumann, Hermann:) Actas “Hermann Baumann”, Ethnologisches Museum SMB, Berlim, I B 107.
- Baumann, Hermann: Diário da viagem aos Cokwe, de 17 de Junho até 6 de Novembro de 1930 (manuscrito, Arquivo do Ethnologisches Museum SMB, Berlim).
- Textos dos Cokwe, recolhidos de Junho até Novembro de 1930 (manuscrito, Arquivo do Ethnologisches Museum SMB, Berlim).

- Notas da viagem ao Sudeste de Angola em 1954 (manuscrito, Arquivo do Frobenius-Institut, Frankfurt a. M.).
 - Coleção etnográfica de 1930, Ethnologisches Museum SMB, Berlim, Afrika III C 33869 segs.
 - (Filme:) Tänze der Tschokwe in N. O. Angola. Prod. 1930. Publicação acompanhadora de Hermann Baumann, Veröffentlichungen der Reichsstelle für Film und Bild in Wissenschaft und Unterricht zum Hochschulfilm C 110, Berlim 1937a (hoje: IWF Wissen und Medien, Göttingen, C. 110).
 - (Filme:) Tänze der Frischbeschnittenen (N. O. Angola). Prod. 1930. Publicação acompanhadora de Hermann Baumann, Veröffentlichungen der Reichsstelle für Film und Bild in Wissenschaft und Unterricht zum Hochschulfilm C 122, Berlim 1937b (hoje: IWF Wissen und Medien, Göttingen, C. 122).
 - (Filme:) Handwerke und Fertigkeiten in N. O. Angola. Prod. 1930. Publicação acompanhadora de Hermann Baumann, Veröffentlichungen der Reichsstelle für Film und Bild in Wissenschaft und Unterricht zum Hochschulfilm C 124, Berlim 1937c (hoje: IWF Wissen und Medien, Göttingen, C. 124).
 - (Filme:) Feldbau und Nahrungsbereitung in N. O. Angola. Prod. 1930. Publicação acompanhadora de Hermann Baumann, Veröffentlichungen der Reichsstelle für Film und Bild in Wissenschaft und Unterricht zum Hochschulfilm C 145, Berlim 1937d (hoje: IWF Wissen und Medien, Göttingen, C. 145).
 - Coleção de fotografias de 1930 (o fotógrafo desta expedição foi Heinrich Meinhard), Berlim, Museum für Völkerkunde SMPK, VIII A 1934-VIII A 2700.
 - “Ethnologische Forschungsreise nach Nordost-Angola”, *Koloniale Rundschau* 1931a (7/8): 145-150.
 - “Ethnologische Forschungsreise nach Angola (Portugiesisch-Westafrika)”, *Zeitschrift für Ethnologie* 63, 1931b: 401-410.
 - “Reise nach Lunda, Die Angola-Forschungs-Expedition des Museums für Völkerkunde, Berlin”, *Die Woche* 33 (13), 1931c: 401-404.
 - “Ein Volk des Mutterrechts”, *Die Woche* 33 (15), 1931d: 476-478.
 - “Die Mannbarkeitsfeiern bei den Tšokwe (N. O. Angola; Westafrika) und ihren Nachbarn”, *Baessler-Archiv* 15, 1932a: 1-54.
 - (crítica) “Jaspert, Wilhelm, Afrikanisches Abenteuer. Auf der Walze durch Urwald, Sumpf und Steppe...”, *Ethnologischer Anzeiger* 2, 1932b: 311-312.
 - “Ethnologische Forschungen in Ostangola”, *Forschungen und Fortschritte* 8 (31), 1932c: 392-393.
 - “Jünglingsweihe. Missionare beschneiden ihre Zöglinge”, *Die Umschau* 36 (22), 1932d: 426-429.
 - “Die afrikanischen Kulturkreise”, *Africa* 7 (2), 1934: 129-139.
 - *Lunda. Bei Bauern und Jägern in Inner-Angola. Ergebnisse der Angola-Expedition des Museums für Völkerkunde Berlin*. Berlim: Würfel 1935.
- Críticas in:
- Zeitschrift für Ethnologie* 67, 1935: 197-198 (Sture Lagercrantz)
 - Africa* 9 (1), 1936: 129-131 (Diedrich Westermann)
 - Anthropos* 31 (1/2), 1936: 281-282 (Paul Schebesta)
 - Baessler-Archiv* 19, 1936: 133-135 (Gerhard Lindblom)
 - Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien* 66, 1936: 140-141 (Walter Hirschberg)

- American Anthropologist* 38 (1), 1936: 118-120 (Robert H. Lowie)
Petermanns Geographische Mitteilungen 84, 1938: 73 (Otto Jessen)
- “Die Sambesi-(Angola-)Provinz”, in Hermann Baumann, Richard Thurnwald e Diederich Westermann, *Völkerkunde von Afrika. Mit besonderer Berücksichtigung der kolonialen Aufgabe*, Essen: Essener Verlagsanstalt 1940a: 123-143.
 - “Die Südkongoprovinz”, in Hermann Baumann, Richard Thurnwald e Diederich Westermann, *Völkerkunde von Afrika. Mit besonderer Berücksichtigung der kolonialen Aufgabe*, Essen: Essener Verlagsanstalt 1940b: 143-161.
 - “Steingräber und Steinbauten in Angola mit einem Beitrag von G. Boss”, *Koloniale Völkerkunde, Sprachforschung, Rassenkunde. Tagungsband 1 der Beiträge zur Kolonialforschung*, Berlin 1943: 45-56.
 - (ed.) W. Mattenklodt, “Die Kisama”, *Koloniale Völkerkunde 1 (= Wiener Beiträge zur Kulturgeschichte und Linguistik 6)*, 1944: 71-108.
 - “Vorläufiger Bericht über neue Felsbilder-Funde in Süd-Angola”, *Paideuma* 6 (1), 1954a 41-45.
 - “Ethnologische Feldforschung und kulturhistorische Ethnologie”, *Studium Generale* 7 (3), 1954b: 151-164.
 - “Die Frage der Steinbauten und Steingräber in Angola”, *Paideuma* 6 (3), 1956: 118-151.
 - “Angola”, in *Enciclopedia dell’Arte*, I, Roma 1958.
 - “Vorwort”, in Alfred Hauenstein, *Les Hanya. Description d’un groupe ethnique bantou de l’Angola*, Wiesbaden: Franz Steiner 1967: VII-XVI.
 - “Die Südwest-Bantu-Provinz (inkl. Jägerreste SW-Angolas)”, in Hermann Baumann (ed.), *Die Völker Afrikas und ihre traditionellen Kulturen*, Wiesbaden: Steiner 1975-1979, 2 vols., Parte I: *Allgemeiner Teil und südliches Afrika*, 1975a: 473-511.
 - “Die Sambesi-Angola-Provinz”, in Hermann Baumann (ed.), *Die Völker Afrikas und ihre traditionellen Kulturen*, Wiesbaden: Steiner 1975-1979, 2 vols., Parte I: *Allgemeiner Teil und südliches Afrika*, 1975b: 513-648.
 - *Die ethnographische Sammlung aus Südwest-Angola im Museum von Dundo, Angola (1954). Katalog / A coleção etnográfica do Sudoeste de Angola no Museu do Dundo, Angola (1954). Catálogo*. Bearbeitet und herausgegeben von / redigido e editado por Beatrix Heintze, Colónia: Köppe (Afrika-Archiv 3).

Bibliografia

- Braun, Jürgen: *Eine deutsche Karriere. Die Biographie des Ethnologen Hermann Baumann (1902-1972)*, Munique: Akademischer Verlag 1995 (Münchener Ethnologische Abhandlungen 14).
- Estermann, Carlos: “In memoriam Prof. Dr. Hermann Baumann”, *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Sá da Bandeira* 33, 1972 (separata sem paginação).
- Fischer, Hans: (crítica) “Braun, Jürgen: Eine deutsche Karriere. Die Biographie des Ethnologen Hermann Baumann (1902-1972), Munique: Akademischer Verlag 1995”, *Zeitschrift für Ethnologie* 122 (2), 1997: 253-256.
- Heintze, Beatrix: “Bestattung in Angola – eine synchronisch-diachronische Analyse”, *Paideuma* 17, 1971: 145-205, ver cap. 10. “Grabaufbau und Erkennungszeichen”: 183-193.

- “Hermann Baumann. 9.2.1902 - 30.6.1972”, *Baessler-Archiv, N.F.* 20, 1972: 1-9.
 - *Ethnographische Zeichnungen der Lwimbi/Ngangela (Zentral-Angola)*. Estugarda: Steiner 1988 (Sonderschriften des Frobenius-Instituts 5). Edição angolana: *Lwimbi, desenhos etnográficos dos Lwimbi/Ngangela do Centro de Angola*. Do espólio de Hermann Baumann. Tradução de Lotte Pflüger, revisão científica de M[aria] da Conceição Neto, edição revista pela autora. Luanda: Ler & Escrever 1994.
 - „Ethnographische Zeichnungen aus Angola“, *Sterz. Zeitschrift für Literatur, Kunst und Kulturpolitik* 71/72, 1996: 6-7.
 - “Hermann Baumann: Völker und Kulturen Afrikas”, in Christian F. Feest e Karl-Heinz Kohl (eds.), *Hauptwerke der Ethnologie*, Estugarda: Kröner 2001: 36-40.
 - “Einführung”/“Introdução” in Hermann Baumann: *Die ethnographische Sammlung aus Südwest-Angola im Museum von Dundo, Angola (1954)*. *Katalog / A coleção etnográfica do Sudoeste de Angola no Museu do Dundo, Angola (1954)*. *Catálogo*. Bearbeitet und herausgegeben von / redigido e editado por Beatrix Heintze. Colónia: Köppe (Afrika-Archiv 3): 11-15, 17-21.
- Laubscher, Annemarie: “Publikationsliste von Prof. Dr. H. Baumann (Stand Juni 1967)”, *Paideuma* 13, 1967: 5-10.
- Linimayr, Peter: *Wiener Völkerkunde im Nationalsozialismus. Ansätze zu einer NS-Wissenschaft*, Frankfurt am Main et al.: Peter Lang 1994.
- Marschall, Wolfgang: “Hermann Baumann. 9. 2. 1902 – 30. 6. 1972”, *Tribus* 21, 1972: 11-13.
- Müller, Klaus E.: “Zum Geleit”, in Hermann Baumann, *Das Doppelte Geschlecht: Studien zur Bisexualität in Ritus und Mythos*, Berlin: Reimer 1986 (inalterada reimpressão da edição Berlin: Reimer 1955): V-IX.
- Stelzig, Christine: “Heinrich Meinhard (1900-1975)”, *Newsletter* dos “Friends of the Pitt Rivers Museum”, Oxford, 51 (Janeiro), 2005: 9.
- Straube, Helmut: “Hermann Baumann. 9. Februar 1902 - 30. Juni 1972”, *Paideuma* 18, 1972: 1-15.

Samuel Brun

Fonte

- Brun, Samuel: *Schiffahrten: Welche er in etliche neue Länder vnd Insulen / zu fünf vnderschiedlichen malen / mit Gottes hülff / gethan: An jetzo aber / auf begeren vieler ehrlicher Leuthen / selbs beschrieben: vnd menniglichen / mit kurtzweil vnd nutz zu läsen / in Truck kommen lassen*, Basileia: Johan Jacob Genaths 1624, reimpressão Haia 1913 (ed. S.P. l’Honoré Naber); facsímile: Basileia: Ernst Reinhardt s.d. [1945] (ed. Eduard Sieber); Graz 1969 (ed. Walter Hirschberg). Tradução inglesa: “Samuel Brun’s voyages of 1611-1620”, in Adam Jones (trad. e ed.), *German Sources for West African History 1599-1669*, Wiesbaden: Steiner 1983: 44-96 (Studien zur Kulturkunde 66).

Bibliografia

- Buess, Heinrich: “Samuel Braun”, in *Neue Deutsche Biographie* 2, Berlin: Duncker & Humblot 1955: 557.

- Guebels, L.: “Le séjour de Samuel Braun à Sonyo en 1612”, *Bulletin des Séances de l'Académie Royale des Sciences Coloniales* 1 (3), 1955: 429-446.
- Hantzsch, Victor: “Samuel Braun”, in *Allgemeine Deutsche Biographie* 47, Lipsia: Duncker & Humblot 1903: 204-206.
- “BRUN (BRAUN), SAMUEL”, in Dietmar Henze, *Enzyklopädie und Erforschung der Erde* 1, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1978: 380-381.
- Henning, Georg: *Samuel Braun. Der erste deutsche wissenschaftliche Afrikareisende. Beitrag zur Erforschungsgeschichte von Westafrika*, Abhandlung zur Erlangung der Doktorwürde der Hohen Philosophischen Fakultät der Universität Leipzig, Basilea: Emil Birkhäuser 1900.
- “Samuel Braun aus Basel, der erste deutsche Afrikareisende”, *Verhandlungen der Naturforschenden Gesellschaft in Basel* 13 (1), 1902: 1-141.
- Jones, Adam: “Samuel Brun’s voyages of 1611-20”, in Adam Jones (ed.), *German Sources for West African History 1599-1669*, Wiesbaden: Steiner 1983: 44-96.
- Sieber, Eduard: “Nachwort”, in Samuel Braun, *Schiffahrten*, edição facsímile, Basilea: Ernst Reinhardt s.d. [1945]: 135-142.

Max Buchner

Fontes

Max Buchners Reise nach Zentralafrika 1878-1880. Briefe, Berichte, Studien, ed. Beatrix Heintze, Colônia: Rüdiger Köppe 1999 (Afrika-Archiv 2) (contém a maioria das publicações seguintes).

Relatórios de viagem primários

- Buchner, Max: “Die Buchner’sche Expedition”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* I: 1878-1879: 82-89, 133-161, 222-246.
- “Die Buchner’sche Expedition”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* II: 1880-1881: 44-51, 157-178, 222-229 (extractos também publicados in *Globus* 35, 1879: 330-334; 39, 1881: 187-189, 201-202).
 - “Die Buchner’sche Expedition”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* III, 1881-1883: 1-2, 88-95 (o texto dos p. 88-95 encontra-se também in *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde* 9, 1882: 81-87).

Trabalhos posteriores sobre a expedição

- Buchner, Max: *Recepção e conferência do Ex.^{mo} Dr. Max Buchner, explorador alemão, na sessão d’assembleia da Sociedade [Propagadora de Conhecimentos Geográfico-Africanos] em 1 de Setembro de 1881*, Luanda 1881.
- “Vortrag”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 9, 1882a: 77-103.
 - “Ueber afrikanische Reisetchnik”, *Das Ausland* 55, 1882b: 783-790, 806-812 (sumários com algumas variantes: “Ueber die Technik des Reisens in Afrika”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 11, 1884: 59-61; e, com outras palavras, in *Archiv für Post und Telegraphie* 12, 1884: 381-383).
 - “Ein Reisetag in Innerafrika”, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* 1883: 297-299.

- “Fünf Tage Entdeckungsreise”, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* 1883a, n.º 119: 1737-1739; n.º 120: 1746-1748.
- “Afrikanische Reiseskizzen. Durch das Land der Songo”, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* 1883b, n.º 187: 2737-2739; n.º 189: 2763-2764; n.º 192: 2810-2812.
- “Afrikanische Reiseskizzen. Im Land der Minungo”, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* 1883c, n.º 219: 3210-3212; n.º 220: 3226-3228.
- “Afrikanische Reiseskizzen. Die Kioko”, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* 1883d, n.º 256: 3761-3763; n.º 257: 3778-3779; n.º 258: 3794-3795; n.º 259: 3802-3803.
- “Die Grausamkeit des Muatiamvo”, *Von Fels zum Meer* 1883/84: 675-682.
- “Ein Tag in Mussumba”, *Oesterreichische Monatsschrift für den Orient* n.º 9, 1884a: 213-215 (parte deste texto, às vezes com outras palavras, é tirada de *MAGD* II; outra parte, sobretudo sobre a fotografia, foi republicada com mais detalhes in *Archiv für Post und Telegraphie* 12, 1884: 758-761).
- “Afrikanische Reiseskizzen. Moansansa”, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* 1884b, n.º 10: 139-140; n.º 11: 154-155.
- “Wie lebt man auf einer Afrikareise?”, *Schorers Familienblatt* 5, 1884c: 232-235.
- “Loanda, die Metropole Südwestafrikas”, *Westermanns Illustrierte Deutsche Monats-Hefte* 29 (57), 1885a: 343-350 (uma parte, com outras palavras, encontra-se in *MAGD* I, 1878-1879).
- “Reitochsen in Südwest-Afrika”, *Die Gartenlaube* 1885b: 432-434.
- “Meine Sklaven. Ein afrikanisches Stimmungsbild”, *Das Ausland* 60, 1887a: 781-786.
- “Über den Bau von Hütten und Häusern im tropischen Afrika”, *Deutsche Kolonialzeitung* 4, 1887b: 382-385.
- “Bei den Portugiesen in Südwestafrika”, *Das Ausland* 61, 1888a: 1-4, 25-28.
- “Eine Kongofahrt 1881”, *Kriegshefte der Süddeutschen Monatshefte* 12, 1914-1915: 344-354.

Trabalhos etnográficos e linguísticos

- Buchner, Max: “Das Reich des Muatiamvo und seine Nachbarländer”, *Deutsche Geographische Blätter* 6, 1883e: 56-67.
- “Über die Ethnographie Südwestafrikas”, *Verhandlungen des Dritten Deutschen Geographentages zu Frankfurt a. M. am 29., 30. und 31. März 1883*, Berlin 1883f: 38-46. Um sumário encontra-se in “Bericht über den III. deutschen Geographentag zu Frankfurt a. M.” (“Über die Ethnographie Südwest-Afrika’s”), *Mittheilungen der Kais. Königl. Geographischen Gesellschaft in Wien* 26 (N.F. 16), 1883g: 299-300.
 - “Beiträge zur Ethnographie der Bantu, I. Somatisches”, *Das Ausland* 56, 1883h: 23-27.
 - “Beiträge zur Ethnographie der Bantu, II. Psychisches”, *Das Ausland* 56, 1883i: 107-110.
 - “Beiträge zur Ethnographie der Bantu, III. Linguistisches”, *Das Ausland* 56, 1883j: 442-449.
 - “Bewohner Südwestafrikas”, *Zeitschrift für mathematischen und naturwissenschaftlichen Unterricht* 14, 1883k: 310-302 (trata-se do sumário de uma conferência).
 - “Beiträge zur Ethnographie der Bantu, IV. Zusätze und Ergänzungen zu den vorhergehenden Artikeln”, *Das Ausland* 57, 1884d: 146-152.

- “Kunst und Witz der Neger”, *Das Ausland* 57, 1884e: 9-14.
- “Über einige Fertigkeiten der Bantu-Neger”, *Oesterreichische Monatsschrift für den Orient*, 15.4.1884f, n° 4: 103-106.
- “Afrikanische Waldteufel”, *Schorers Familienblatt* 5, 1884g: 168-169.
- “Muatiamvos Tribut”, *Vom Fels zum Meer* 1884/85: 195-208.
- “Neger-Musik”, *Oesterreichische Monatsschrift für den Orient* 12, 1886a: 198-201.
- “Kunstgewerbe bei den Negern”, *Westermanns Illustrierte Deutsche Monatshefte* 61, 1886/87: 384-396, 514-525.
- “Das Kiella-Spiel der Neger”, *Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde* 51 (1), 1887c: 8.
- “Eine Totenfeier in Innerafrika”, *Das Ausland* 60, 1887d: 341-354.
- “Die Lukokessa, die gynokratische Königin des Lunda-Reiches”, *Globus* 51, 1887e: 135-137.
- “Metamorphosen des Christenthums bei den Negern”, *Nord und Süd* 47, 1888b: 110-117.
- “Afrikanische Komplimente und Ceremonien”, *Westermanns Illustrierte Deutsche Monatshefte* 63, 1888c: 323-327.
- “Zur Mystik der Bantu”, *Festschrift Adolf Bastian zum 70. Geburtstag*, Berlin 1896: 159-165.
- “Benin und die Portugiesen”, *Zeitschrift für Ethnologie* 40, 1908: 981-992.
- “Die Ambakisten”, *Zeitschrift für Ethnologie* 47, 1915: 394-403.
- “Über den Lundatitel Muene”, *Zeitschrift für Ethnologie* 48, 1916: 217-218.

Diversa

Buchner, Max: *Reise durch den Stillen Ozean*, Breslau: J.U. Kern's 1878.

- “Herr Dr. Buchner aus München über die geographische Erschließung des Kongo-Beckens”, *Mitteilungen des Vereins für Erdkunde* 23, 1883[I]: 30-31.
- “Ueber den Naturcharakter des südwestafrikanischen Hochplateau's zwischen 7° und 10° s. Br.”, *Das Ausland* 56, 1883m: 847-850.
- “Unsere Hoffnungen auf Afrika”, *Die Gegenwart* 30, 18.12.1886b: 385-387 (republicado como prefácio in *Kamerun. Skizzen und Betrachtungen*. Lúpsia: Duncker & Humblot 1887f: V-XIII).
- “Das Recht in Afrika”, *Gegenwart* 30, 7.8.1886c, n.º 32: 81-82.
- “Afrikanische Verträge und ihr moralischer Wert”, *Deutsche Kolonialzeitung* 3, 1886d: 174-175.
- “Über den Umgang mit Negern”, *Deutsche Kolonialzeitung* 3, 1886e: 220-221.
- “Klima und Hygieine [*sic*] in Afrika und in Tropenländern überhaupt”, *Deutsche Kolonialzeitung* 3, 1886f: 559-562.
- *Kamerun. Skizzen und Betrachtungen*. Lúpsia: Duncker & Humblot 1887f. (O “Prefácio” é idêntico com “Unsere Hoffnungen auf Afrika”, *Die Gegenwart* 30, 1886b: 385-187.)
- “Zur Charakteristik der Bantu-Neger”, *Oesterreichische Monatsschrift für den Orient* 13, 1887g: 76-78.
- “Die Religionen der Heiden”, I e II, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* 29.11.1895a, n.º 331, Beilage n.º 276: 1-4; 30.11.1895b, n.º 332, Beilage n.º 277: 3-6.
- “Brief an Franz Giesebrecht, München, 25.11.1896”, in Franz Giesebrecht (ed.), “Die Behandlung der Neger”, *Neue Deutsche Rundschau* 8, 1897a: 87-88.

- “Völkerkunde”, *Die Umschau*, ano I, n.º 1, 2.1.1897b: 1-3.
- “Der ‘Völkergedanke’”, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung*, 5.4.1897c, n.º 76: 1-4.
- “Das Porträt”, *Die Umschau*, ano I, n.º 39, 25.9.1897d: 689-692.
- “Geographische Provinz und Anthropogeographie”, I e II, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung*, 24.2.1898a, n.º 44: 2-6; 25.2.1898b, n.º 45: 1-3.
- “Bedeutungen”, *Globus* 74, 1898c: 137-142.
- “Nochmals die ‘Bedeutungen’”, *Globus* 74, 1898d: 393.
- “Völkerkunde und Schädelmessung”, I, II e III, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung*, 11.12.1899a, n.º 282: 1-4; 12.12.1899b, n.º 283: 1-4; 13.12.1899c, n.º 284: 1-5.
- “Zur Geschichte der Neger”, *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* 1907, n.º 101: 209-211.
- *Aurora colonialis. Bruchstücke eines Tagebuchs aus dem ersten Beginn unserer Kolonialpolitik 1884/85*, Munique 1914.
- *Eine Orientalische Reise und ein Königliches Museum. Rücksichtslose Erinnerungen*, Munique: Piloty & Loehle 1919.

Bibliografia

- “BUCHNER, MAX”, in *Ewald Banse’s Lexikon der Geographie* I, Braunschweig e Hamburgo: Georg Westermann 1923: 225.
- “BUCHNER, MAX” in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lipsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 55.
- “BUCHNER, MAX”, in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 3, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut⁶1903: 550.
- “BUCHNER, MAX”, in *Westermann Lexikon der Geographie* I, Braunschweig: Georg Westermann³1975: 555.
- “BUCHNER, MAX”, in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde* 1, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1978: 387-388.
- Gareis, Sigrid: *Exotik in München. Museumsethnologische Konzeptionen im historischen Wandel*, Munique: Anacon 1990 (Münchner Ethnologische Abhandlungen 9).
- Globus* 25, 1879: 191; 27, 1881: 158; 34, 1878: 142, 362; 39, 1881: 239; 41, 1882: 96; 51, 1887: 223.
- Heintze, Beatrix: “Einführung”, in Beatrix Heintze (ed.), *Max Buchners Reise nach Zentralafrika 1878-1880. Briefe, Berichte, Studien*, Colónia: Rüdiger Köppe 1999 (Afrika-Archiv 2): 9-37.
- “Le voyage d’exploration de Max Buchner au royaume Lunda, 1878-1882”, in Pamphile Mabiala Mantuba-Ngoma (ed.), *La Nouvelle Histoire du Congo. Mélanges eurafricains offerts à Frans Bontinck, c.i.c.m.* Paris: l’Harmattan: 2004: 333-364 (Cahiers Africains 65-66-67).
- Maull, Otto: “Max Josef August Heinrich Markus Buchner”, in *Neue Deutsche Biographie* 2, Berlin: Duncker & Humblot 1955: 705-706.
- Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland*, I, 1878-1879: 12-13, 16, 20, 58, 106, 108, 172; II, 1880-1881: 129-130; 215-216, 251; III, 1881-1883: 82-83, 85, 86.
- Petermanns Mittheilungen* 67, 1921: 130; 62, 1916: 223.
- Smolka, Wolfgang J.: “Völkerkunde in München (ca. 1850-1933). Zur Institutionalisierung einer Wissenschaft”, in Matthias S. Laubscher e Bertram Turner (eds.),

Völkerkunde Tagung 1991. 1. Systematische Völkerkunde, Munique: Akademischer Verlag 1994a: 363-373.

- *Völkerkunde in München. Voraussetzungen, Möglichkeiten und Entwicklungslinien ihrer Institutionalisierung (ca. 1850-1933)*, Berlin: Duncker & Humblodt 1994b.

Richard Büttner

Fontes

Büttner, Richard: “Brief von Dr. R. Büttner an Prof. Bastian”, *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885a: 309-310.

- “Aus Privatbriefen von Dr. R. Büttner”, *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885b: 311-313, 314-315.
- “Aus Privatbriefen von Lieut. Tappenbeck und Dr. Büttner”, *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885c: 318.
- “Regenmessungen der katholischen Mission in San Salvador. Mitgeteilt von Dr. R. Büttner”, *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885d: 395-396.
- “Berichte von Dr. Büttner”, *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885e: 310-311, 315-318, 369-372; V, 1886a: 2-12.
- “Über seine Reise von S. Salvador zum Quango und zum Stanley Pool. (5. Juni 1886)”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1886b: 300-312.
- “Von der deutschen Expedition zur Erforschung des südlichen Kongobeckens”, *Tägliche Rundschau*, n.º 192-194 (“1. Von San Salvador zum Mbidisifall”): 755-766, 769-770, 773-775; n.º 199 (“2. Von Kisulu über das Quellgebiet von Toto nach San Salvador”): 773-774; n.º 240-242 (“3. Am Stanley Pool”): 958-959, 962, 965-966, Berlin 1886c.
- “Reisen in West-Afrika: In der Mussumba des Muene Putu Kassongo”, *Sonntagsbeilage Nr. 45 zur Vossischen Zeitung* n.º 521, 1886d.
- “Briefe aus West-Afrika (San Salvador, 6. Januar 1886)”, *Sonntagsbeilage Nr. 26 zur Vossischen Zeitung* n.º 291, 1887a.
- “Der Maniok im tropischen Afrika”, *Erste Beilage zur Vossischen Zeitung* n.º 349, 1887b.
- “Einige Ergebnisse meiner Reise in Westafrika in den Jahren 1884-1886, insbesondere des Landmarsches von San Salvador über den Quango nach dem Stanley Pool”, *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* V, 1889: 168-274.
- *Neue Arten von Guinea, dem Kongo und dem Quango*, Berlin 1889-1890 (Verhandlungen des Botanischen Vereins 31-32), 2 vols.
- *Reisen im Kongolande. Ausgeführt im Auftrage der Afrikanischen Gesellschaft*, Lipsia: Hinrichs⁴ 1890.

Bibliografia

- “BÜTTNER, O. A. RICHARD”, in Hermann A. L. Degener (ed.), *Wer ist's?* 9ª edição, Berlin 1928: 229.

- “BÜTTNER, RICHARD”, in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 3, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut 1903: 665.
- “BÜTTNER, RICHARD”, in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde* 1, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1978: 436-437.
- Danckelman, A. von: “Höhenmessungen des Dr. Büttner”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* V, 1886: 13-18. *Globus* 66, 1894: 356.
- (Kiepert, Richard:) “Skizze des Gebietes zwischen Vivi und Kuango mit den Routen von Lieutenant Schulze und Dr. Wolff. Zusammengestellt von R. Kiepert”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: quadro 12.
- Kiepert, Richard: “Begleitwort zu Tafel 12. Skizze des Gebietes zwischen Vivi und Kuango mit den Routen von Lieutenant Schulze und Dr. Wolff. Zusammengestellt von R. Kiepert”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 367-369
- “Begleitwort zu Tafel 1”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* V, 1886: 12-13.
- (Kund, Richard:) “Bericht von Lieutenant Kund”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885a: 313-314, 372-379.
- (Kund, Richard:) “Dampferfahrt auf dem Congo von Stanley-Pool bis Bangala”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885b: 379-391.
- Kund, Richard: “Bericht über die von der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland entsandte Kongo-Expedition”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1886: 313-342.
- Petermanns Mitteilungen* 31, 1885: 430-431; 32, 1886: 150.
- (Schulze, Eduard:) “Die Schulze’sche Expedition. Auszüge aus den Berichten von Lieutenant Schulze”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 274-291.
- Tappenbeck, [Hans]: “Bericht über die Befahrung des Lokenje durch die Deutsche Kongo-Expedition”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1886: 487-500.
- (Wolff, Willy:) “Bericht des Dr. Wolff über seine Reise von San Salvador zum Kiamvo Kassongo”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 362-367.
- Wolff, Willy: *Von Banana zum Kiamwo. Eine Forschungsreise in Westafrika, im Auftrage der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland*, Oldenburg e Lipsia: Schulzische Hof-Buchdruckerei 1889a.

Josef Chavanne

Fontes

- Chavanne, Josef: *Central-Afrika und die neueren Expeditionen zu seiner Erforschung*, Viena etc.: Hartleben 1876.
- “Das Gebiet des Kongo-Unterlaufes”, *Geographische Rundschau* 6 (1), 1883: 25-31.

- (Carta de 20.8.1884 in) “Geographischer Monatsbericht”, *Petermanns Mitteilungen* 30, 1884a: 432.
- “Lettre du Congo”, *Mouvement géographique* (Bruxelas) I (8), 1884b.
- “Carte du Congo inférieur entre Mboma et l’embouchure du fleuve. 1:200.000”, Bruxelles 1885a.
- (Observações ao seu mapa de 1884), *Petermanns Mitteilungen* 31, 1885b: 100-101.
- “Reisen im Gebiete der Muschi-congo im portugiesischen Westafrika”, *Petermanns Mitteilungen* 32, 1886: 97-106.
- *Reisen und Forschungen im alten und neuen Kongostaate*, Jena: Hermann Costenoble 1887.

Bibliografia

- Cappus, Wilhelm: “Josef Chavanne”, in *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik* 25, 1903: 278-281.
- “CHAVANNE, JOSEF”, in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde* 1, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1978: 560.
- “CHAVANNE, JOSEPH” in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 3, Lúpsia e Viena: Bibliographisches Institut 1903: 906.
- “CHAVANNE, JOSEPH”, in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*. Lúpsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 75-76.
- Danckelman, A. von: (crítica) “J. Chavanne, Reisen und Forschungen im alten und neuen Kongostaate...”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 7, 1887: 1-5 (separata no espólio de Pechuël-Loesche, Munique). *Globus* 52, 1887: 240.
- Kiepert, Richard: “Begleitworte zur Karte des Congo-Beckens”, *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 20, 1885: 70-79.
- Kirchhoff, A.: (crítica) “J. Chavanne, Reisen und Forschungen im alten und neuen Kongostaate...”, *Petermanns Mitteilungen* 34, 1888: Literaturbericht pp. 4-6. *Petermanns Mitteilungen* 30, 1884: 233; 31, 1885: 100-101, 397.
- Zintgraff, Eugen: “Der untere Congo von Banana bis Vivi und die Bedeutung des Congo für die Erforschung der Hinterländer des deutschen Schutzgebietes Kamerun”, *Mittheilungen der Geographischen Gesellschaft in Hamburg* 1885-1886: 258-268.
- “Eindrücke vom unteren Kongo”, *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1886: 83-94.

Julius Falkenstein

Fontes

- Falkenstein, Julius: “Reiseberichte”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1873-1876: 76-78, 110-115, 124-129, 144-150.
- “Berichte” (relatos) in “Die Güssfeldt’sche Expedition”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1874: 201-202, 205-214, 215-217.
 - “Brief” (carta), *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876a: 289-290.

- “Ein lebender Gorilla”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876b: 304-306., também publicado in *Zeitschrift für Ethnologie* 8, 1876: 60-61.
- *Album der Deutschen Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Afrikas. Landschaftlicher Theil.* (1 mapa, 1 planta und 42 quadros com 60 fotografias) *Anthropologischer Theil.* (36 quadros com fotografias), Berlim: Selbstverlag des Vorstandes 1876c.
- *Die Loangoküste in 72 Originalphotographien nebst erläuterndem Text*, Berlim: J. F. Stiehm 1876d.
- (Introdução a Ant. Reichenow:) “Die ornithologischen Sammlungen der deutschen Expeditionen nach der Loango-Küste”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1877a: 162-173.
- “Ueber Hygiene in den Tropen”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 4, 1877b: 194-207.
- “Über die Anthropologie der Loango-Bewohner”, *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 9, 1877c: (163)-(187).
- “Febris remittens haemorrhagia”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1877-1878a: 189-208.
- “Ueber Hygiene in den Tropen”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1877-1878b: 253-261.
- *Die Loango-Expedition*, in Paul Güssfeldt, Julius Falkenstein e Eduard Pechuël-Loesche, *Die Loango-Expedition. Ausgesandt von der Deutschen Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Afrikas 1873-1876.* Ein Reisewerk in drei Abtheilungen, Lipsia: Paul Froberg 1879-1882, Secção II, 1879.
- *Ärztlicher Rathgeber für Seeleute, Colonisten und Reisende in südlichen Gegenden.* Berlim: Th. Chr. Fr. Enslin 1882.
- “West-Afrika’s Zukunft”, *Export* 6, 1884: 334, 349-352, 363-364.
- *Afrikas Westküste.* Parte I. *Vom Ogowe bis zum Damara-Land*, Lipsia e Praga: Freytag-Tempsky 1885a.
- *Die Zukunft der Kongo- und Guineagebiete*, Weimar: Geographisches Institut 1885b.

Bibliografia (ver também *infra*, Güssfeldt* e Soyaux*)

- “Ansichten von der Loango-Küste, aufgenommen von Mitgliedern der Deutschen (Güssfeldt’schen) Expedition nach West-Afrika”, *Petermanns Mitteilungen* 23, 1877: 107-108.
- Boehr, Max: “Bericht über die Leistungen der deutschen Expedition an der Loangoküste, in medizinischer Hinsicht”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876: 315-325.
- *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1874: 80 (recepção de 11 fotografias de Falkenstein); 1876: 345 (sobre o regresso de Falkenstein).
- “FALKENSTEIN, JULIUS AUGUST FERDINAND”, in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lipsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 109-110.
- “FALKENSTEIN, JULIUS”, in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 6, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut 1904: 294.
- “FALKENSTEIN, JULIUS”, in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde* 2, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1983: 198.

- Pechuël-Loesche, Eduard: *Volkskunde von Loango*, Estugarda: Strecker & Schröder 1907.
- Petermanns Mitteilungen* 63, 1917: 383.
- Reichenow, Ant.: “Die ornithologischen Sammlungen der deutschen Expeditionen nach der Loango-Küste mit einer Einleitung von Dr. Falkenstein”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1877: 162-188, 208-216.
- Soyaux, Herman: “Die Loangoküste” (trata-se da crítica do livro de Julius Falkenstein: *Die Loangoküste in 72 Originalphotos*, Berlim 1876), *Das Ausland* 50, 1877: 272-274.

Curt von François

Fontes

- François, Curt von: “Reisen im südlichen Kongo-Becken”, *Petermanns Mitteilungen* 32, 1886a: 271-276, 322-326.
- “Ueber seine Reisen im südlichen Kongobecken”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1886b: 151-163.
 - “Originalkarte der Itinerar-Aufnahmen & Erkundigungen des Prem. Lieut. Curt von François. Mitglied der 2. Wissmann’schen Forschungs-Expedition 1884-1885. Im Stromgebiet des Kassai 16. Juni 1884 bis 17. Juli 1885. Nach den Original-Aufnahmen im Maßstab von 1:400 000 reduziert auf den Maßstab 1:2000 000”, *Petermanns Mitteilungen* 32, 1886c: Taf. 13.
 - “Geschichtliches über die Bangala, Lunda und Kioko”, *Globus* 53, 1888a: 273-276.
 - *Die Erforschung des Tschuapa und Lulongo. Reisen in Centralafrika*, Lúpsia: F. A. Brockhaus 1888b.
 - “Eine Fahrt auf dem Lulua. Erlebnisse aus dem zentralafrikanischen Forschungsleben”, *Das Ausland* 61, 1888c: 441-444, 465-468, 489-491.
 - “Curt von François’ Reise von Hamburg nach Malange. Mitgetheilt von Hermann von François”, *Globus* 55, 1889: 33-36, 49-53, 65-70.
- Hermann von Wissmann, Ludwig Wolf, Curt von François, Hans Müller: *Im Innern Afrikas. Die Erforschung des Kassai während der Jahre 1883, 1884 und 1885*, Lúpsia: F. A. Brockhaus 1888 (²1891).

Bibliografia

- “FRANÇOIS, KURT von”, in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 6, Lúpsia e Viena: Bibliographisches Institut ⁶1904: 824.
- “FRANÇOIS, CURT VON”, in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde* 2, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1983: 274-275.
- Globus* 53, 1888: 336.
- “Neue Literatur über das Congobecken”, *Weser Zeitung* 6/12, 1888, n.º 15079.
- Schaafhausen, Friedrich Wilhelm: “François, v., Kurt Karl Bruno”, in *Neue Deutsche Biographie* 5, Berlim: Duncker & Humblot 1961: 333-334.
- Wissmann, Hermann von, Ludwig Wolf, Curt von François e Hans Müller: *Im Innern Afrikas. Die Erforschung des Kassai während der Jahre 1883, 1884 und 1885*, Lúpsia: F. A. Brockhaus 1888 (²1891).

Paul Güssfeldt*Fontes*

- Güssfeldt, Paul: “Reiseberichte”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1873-1876: 25-32, 33-34, 38, 43-45, 47-50, 61-65, 115-116, 122-123, 129-132, 137-139, 199-214, 215-230.
- “Reise nach Mayombe und Jangela (mit Karte)”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1874a: 81-110.
 - “Zur Kenntnis des Loango-Luz-Flusses (mit Karte)”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1874b: 160-169.
 - “Bericht über seine Reise an den Nhangang”, *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 10, 1875a: 142-159, 161-181 (um sumário encontra-se in *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1875: 191-193).
 - “Bericht über die von ihm geleitete Expedition an der Loango-Küste”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 2, 1875b: 195-218.
 - “Die Grundlagen der Karte von der Loango-Küste”, *Petermanns Mitteilungen* 22, 1876a: 41-42 (com mapa, ver quadro 3).
 - “Zur Kenntnis der Loango-Neger. Vortrag, gehalten in der Januar-Sitzung der Berliner Anthropologischen Gesellschaft”, *Zeitschrift für Ethnologie* 8, 1876b: 203-216.
 - “Voyage à la côte occidentale d’Afrique”, *Bulletin de la Société Sultanienne de Géographie* 3, 1876c: 249-266.
 - “Die Loango-Küste”, *Deutsche Rundschau* 14, 1878: 103-121.
 - *Die Loango-Expedition*, in Paul Güssfeldt, Julius Falkenstein, Eduard Pechuël-Loesche, *Die Loango-Expedition. Ausgesandt von der Deutschen Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas 1873-1876. Ein Reisewerk in drei Abtheilungen*, Lipsia: Paul Froberg 1879-1882, Secção I, 1879.

Bibliografia (ver também *supra*, Bastian* e Soyaux*)

- Andree, Richard: “Neue Werke über Westafrika”, *Globus* 35, 1879: 137-140.
- “Die Afrikanische Gesellschaft und die erste deutsche Expedition nach der Loango-Küste”, *Das Ausland* 46, 1873: 395-396.
- Bastian, Adolf: “Brief an Prof. Dr. Neumayer, Ponta Negra 25. Juli 1873”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1873: 34-37.
- Behm, E.: “Die Deutsche Afrikanische Expedition”, *Petermanns Mitteilungen* 21, 1875: 1-6.
- “Briefe des Herrn v. Hattorf an Frau Güssfeldt”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1873-1874: 37-38, 46-47, 119-121.
- Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1873-1876: 51-54, 132-134, 135-137, 263-270, 289-291.
- “Die deutschen Expeditionen im Westen des äquatorialen Afrika. 1873-1877”, *Aus allen Welttheilen* 9 (7), 1878: 193-199, 230-234.
- “DR. PAUL GÜSSFELDT” in *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik* 9, 1887: 185-186.
- “GÜSSFELDT, PAUL” in *Ewald Banse’s Lexikon der Geographie* I, Braunschweig e Hamburgo: Georg Westermann 1923: 550.

- “GÜSSFELDT, PAUL”, in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lipsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 134.
- “GÜSSFELDT, PAUL”, in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 8, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut⁶1904: 534.
- “GÜSSFELDT, PAUL” in *Westermann Lexikon der Geographie* II, Braunschweig: Georg Westermann²1973: 319.
- “GÜSSFELDT, PAUL”, in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde* 2, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1978: 415-417.
- Heintze, Beatrix: “Feldforschungstreß im 19. Jahrhundert: Die deutsche Loango-Expedition 1873-1876”, in Sylvia M. Schomburg-Scherff e Beatrix Heintze (eds.), *Die offenen Grenzen der Ethnologie. Schlaglichter auf ein sich wandelndes Fach*. Frankfurt a.M.: Lembeck 2000: 39-51.
- Lange, Henry: “Die Loango-Expedition”, *Leipziger Zeitung, Wissenschaftliche Beilage* 39, 15.5.1879: 233-235.
- Marquardsen, Hugo: “Paul Güssfeldt †”, *Petermanns Mitteilungen* 66, 1920: 27.
- Petermann, A.: “Die Deutsche Afrikanische Expedition und ihre Beförderungs-Mittel”, *Petermanns Mitteilungen* 21, 1875: 7-11.
- Peters, W.: “Uebersicht der Amphibien aus Chinchoxo (Westafrika), welche von der Afrikanischen Gesellschaft dem Berliner Museum übergeben sind”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1877-1878: 261-266.
- Reichenow, Ant.: “Bericht über die ornithologischen Sammlungen der Expedition nach Westafrika”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1874: 176-187.
- “Die ornithologischen Sammlungen der deutschen Expeditionen nach der Loango-Küste mit einer Einleitung von Dr. Falkenstein”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1877: 162-188, 208-216.
 - “Uebersicht der Fische aus Chinchoxo und anderen Gegenden Westafrika’s, welche die Afrikanische Gesellschaft dem Berliner Zoologischen Museum übersandte”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1877-1878, 266-268.
- Voß: “Bericht über die durch die deutsche Expedition an der Westküste Afrika’s in das Königliche Museum zu Berlin gelangte Sammlung ethnologischer Gegenstände”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876: 299-304.

Alexander von Homeyer

Fontes

- “Die v. Homeyer’sche Expedition. Auszüge aus zwei Briefen des Majors v. Homeyer an den Vorstand der deutschen afrikanischen Gesellschaft”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1875: 258-262; 1876: 292-297.

Bibliografia

- Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1875: 193; 1876: 332-334.
- “Die deutschen Expeditionen im Westen des äquatorialen Afrika. 1873-1877”, *Aus allen Welttheilen* 9 (7), 1878: 193-199, 230-234.
- “HOMEYER, ALEXANDER VON”, in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lipsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 150.

- “HOMEYER, ALEXANDER VON”, in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 9, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut⁶1906: 521.
- “HOMEYER, ALEXANDER VON”, in L. Gebhardt, *Neue Deutsche Biographie* 9, Berlim: Duncker & Humblot 1972: 588-589.
- “HOMEYER, ALEXANDER VON”, in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde* 2, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1983: 617.
- “HOMEYER, ALEXANDER VON”, in *Deutsche Biographische Enzyklopädie* 5, Munique 1997: 164.
- Lux, Anton Erwin: *Von Loanda nach Kimbundu. Ergebnisse der Forschungsreise im äquatorialen West-Afrika (1875-1876)*, Viena: Eduard Hölzel 1880.
- Pogge, Paul: *Im Reiche des Muata-Jamvo. Tagebuch meiner im Auftrage der Deutschen Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Afrika's in die Lunda-Staaten unternommenen Reise. Mit einer Karte von Dr. R. Kiepert*, Berlim: Reimer 1880: Prefácio.
- Soyaux, Herman: *Aus West-Afrika. 1873-1876. Erlebnisse und Beobachtungen*, Lipsia: F. A. Brockhaus 1879a, duas partes num só volume.

Fritz e Willem Jaspert

Fontes

- Jaspert, Willem: “Tage in Angola”, *Frankfurter Zeitung*, 15., 22., 29. Julho, 5., 14., 19. Agosto de 1928.
- “Die Watschiwokwe. Ein neuentdeckter Negerstamm in Zentralafrika”, *Umschau* 33, 1929a: 208-213.
 - *Afrikanisches Abenteuer. Auf der Walze durch Urwald, Sumpf und Steppe. Erlebnisse der Jaspert'schen Afrika-Expedition 1926/27*, Berlim, Minden e Lipsia: Wilhelm Köhler 1929b. Edição inglesa: *Through Unknown Africa. Experiences from the Jaspert Expedition of 1926-1927*, Londres: Jarrolds (cerca de 1929).
 - *Das Geheimnis des schwarzen Erdteils*, Berlim, 1930.
- Jaspert, Fritz e Willem: *Die Völkerstämme Mittel-Angolas*, Frankfurt a. M.: Joseph Baer 1930.

Bibliografia

- Baumann, Hermann: (crítica) “Jaspert, Wilhelm, Afrikanisches Abenteuer. Auf der Walze durch Urwald, Sumpf und Steppe...”, *Ethnologischer Anzeiger* 2, 1932b: 311-312.
- *Lunda. Bei Bauern und Jägern in Inner-Angola. Ergebnisse der Angola-Expedition des Museums für Völkerkunde Berlin*, Berlim: Würfel 1935: 8 nota de rodapé 2.
- “JASPERT, WILLEM”, in Hermann A. L. Degener (ed.), *Wer ist's?* 10ª edição, Berlim: Hermann Degener 1935: 755.
- “JASPERT, WILLEM”, in *Kürschners Deutscher Literatur-Kalender. Nekrolog 1936-1970*, Berlim e Nova Iorque: Walter de Gruyter 1973: 312.
- Schachtzabel, Alfred: (crítica) “Jaspert, F. u. W.: Die Völkerstämme Mittelangolas...”, *Petermanns Mitteilungen* 77, 1931: 322.
- Schomburgk, Hans: “Vorwort”, in Willem Jaspert, *Das Geheimnis des schwarzen Erdteils*, Berlim: Reimer Hobbing s.d. (cerca de 1930): 3-6.

Otto Jessen*Fontes*

- Jessen, Otto: "Bericht über seine Angola-Reise", *Mitteilungen der Geographischen Gesellschaft, München* 24 (2), 1931: 2.
- "Reiseeindrücke in Angola", *Koloniale Rundschau* 1932a: 74-79, 246-253.
 - "Berichte über seine Forschungsreise nach Angola", *Mitteilungen der Geographischen Gesellschaft München* 24, 1931: 316-319 (carta de 20.7.1931); 25, 1932b: 82-90 (cartas de 13.10.1931, 3.1.1932).
 - "Reisen in Angola", *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde, Berlin*, 1933a: 62-63.
 - "Forschungen in Angola", *Forschungen & Fortschritte* 9 (13), 1933b: 192-193.
 - *Reisen und Forschungen in Angola*, Berlin: Reimer 1936.

Bibliografia

- "JESSEN, OTTO" in Walther Killy e Rudolf Vierhaus (eds.), *Deutsche Biographische Enzyklopädie* 5, Munique: K.G. Saur 1997: 327.
- Klute, F.: (crítica) "Jessen, Otto: Reisen und Forschungen in Angola", *Petermanns Mitteilungen* 84, 1938: 37-38.
- Petermanns Mitteilungen* 67, 1921: 163; 74, 1928: 180; 75, 1929: 35; 38, 1932: 199-200; 79, 1933: 27.

Anton Erwin Lux*Fontes*

- Lux, Anton Erwin: "Reise von Malange bis Kimbundu und zurück", *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 3, 1876: 33-38.
- "Bericht des Herrn k. k. Oberlieutenant Lux über seine Reise in Afrika im Jahre 1875", *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1877-1878: 78-107, 127-132.
 - (Carta de Anton Erwin Lux, Güns, 8.12.1878), *Globus* 35, 1879a: 16.
 - "Unter den Bangelas in Westafrika", *Globus* 35, 1879b: 182-185.
 - *Von Loanda nach Kimbundu. Ergebnisse der Forschungsreise im äquatorialen West-Afrika (1875-1876)*, Viena: Eduard Hölzel 1880.

Bibliografia

- Andree, Richard: (crítica) "A. E. Lux, Von Loanda nach Kimbundu. Ergebnisse der Forschungsreise im äquatorialen West-Afrika (1875-1876)" *Globus* 37, 1880: 45-46.
- Bastin, Marie-Louise: "Le sceptre tshokwe de Vienne", *Archiv für Völkerkunde* 23, 1969: 5-9.
- Behm, E.: "Geographischer Monatsbericht", contém: (crítica) "A. E. Lux, Von Loanda nach Kimbundu. Ergebnisse der Forschungsreise im äquatorialen West-Afrika (1875-1876)", *Petermanns Mitteilungen* 25, 1879: 467-468.
- "Die deutschen Expeditionen im Westen des äquatorialen Afrika. 1873-1877", *Aus allen Welttheilen* 9 (7), 1878: 193-199, 230-234.

- Dworsky, Josef: "Anton Erwin Lux, auch einer von den Vergessenen", *Völkerkunde. Beiträge zur Erkenntnis von Mensch und Kultur* 1 (10-12), 1925: 246-249.
- Ermann, Wilhelm: "Die Schütt'sche Expedition, Höhenmessungen einiger wichtiger Punkte östlich von Malange", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1880-1881: 11-14.
- "LUX, ANTON ERWIN", in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lúpsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 192.
- "LUX, ANTON ERWIN", in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 12, Lúpsia e Viena: Bibliographisches Institut ⁶1905: 883.
- "LUX, ANTON ERWIN", in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde* 3, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1993: 311-312.
- "LUX, ANTON ERWIN", in *Österreichisches Biographisches Lexikon 1815-1950*, V, Viena: Hermann Böhlau Nachf. 1972: 381.
- Mießler, Adolf: "Anton Erwin Lux, ein österreichischer Afrikareisender", *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik* 14, 1892: 281-283.

Wilhelm Mattenklodt

Fontes

- Mattenklodt, Wilhelm: *Verlorene Heimat. Als Schutztrupper und Farmer in Südwest*. Berlin: Paul Parey 1928. Edição inglesa: *A Fugitive in South West Africa 1908 to 1920*. Londres: Thornton Butterworth 1931.
- *Afrikanische Jagden und Abenteuer*, redigido e editado por Hauptmann Steinhardt, Munique: F.C. Mayer ²1942.
 - "Die Kisama", editado e redigido por Hermann Baumann, *Koloniale Völkerkunde* 1 (*Wiener Beiträge zur Kulturgeschichte und Linguistik* 6), 1944: 71-108.

Bibliografia

- Baumann, Hermann: (Introdução a) "Die Kisama", ed. Hermann Baumann, *Koloniale Völkerkunde I (Wiener Beiträge zur Kulturgeschichte und Linguistik* 6), 1944: 71-73.

Alexander von Mechow

Fontes

- Mechow, Alexander von: "Bericht über die von ihm geführte Expedition zur Aufklärung des Kuango-Stromes (1878/81)", *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 9, 1882: 475-489.
- *Karte der Kuango-Expedition, aufgenommen, entworfen und gezeichnet vom Führer derselben, dem Major Alexander von Mechow*. Berlin: A. Ascher & Co 1884.

Bibliografia (ver também *supra*, Güssfeldt*)

- (Max Buchner:) "Die Buchner'sche Expedition", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* I: 1878-1879: 82-89, 133-161.

- Büttner, Richard: “Über seine Reise von S. Salvador zum Quango und zum Stanley Pool. (5. Juni 1886)”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1886b: 300-312.
- *Reisen im Kongolande: Ausgeführt im Auftrage der Afrikanischen Gesellschaft*. Lipsia: Hinrichs 1890.
- Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876: 290-291.
- “Die deutschen Expeditionen im Westen des äquatorialen Afrika. 1873-1877”, *Aus allen Welttheilen* 9 (7), 1878: 193-199, 230-234.
- Globus* 34, 1878: 142, 362; 39, 1881: 16.
- Hanemann, F.: “Die Deutsche Afrikanische Expedition”, *Petermanns Mitteilungen* 21, 1875: 1-7.
- Hann, Jul.: “Einige Resultate aus Major v. Mechow’s meteorologischen Beobachtungen im Innern von Angola”, *Sitzungsberichte der Königlichen Akademie der Wissenschaften*, Viena, Parte II, LXXXIX, Fevereiro de 1884: 189-217, também publicação facsímile de Viena: C. Gerolds Sohn 1884.
- Kiepert, Richard: “Begleitworte zur Karte des Congo-Beckens”, *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 20, 1885: 70-79.
- “MECHOW, ALEXANDER VON”, in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lipsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 205.
- “MECHOW, ALEXANDER VON”, in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 13, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut 1906: 498-499.
- Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* I, 1878-1879: 13.
- “Die Quango-Expedition des Majors v. Mechow”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* II, 1880-1881: 155-156.
- Petermanns Mitteilungen* 30, 1884: 233; 31, 1885: 69, 186; 32, 1886: 29.
- Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 11, 1884: 180.
- Wolf, Ludwig: “Reisen in Central-Afrika”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1886b: 79-95.

Eduard Mohr

Fontes

- (Mohr, Eduard:) “Aus einem Brief des Herrn Ed. Mohr an Herrn Nachtigal”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 3, 1876: 186.
- “Zwei Briefe von Eduard Mohr an die Deutsche Afrikanische Gesellschaft, Dondo, 5. und 6. Oktober 1877”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* 2, 1877-1878: 38-48.

Bibliografia

- (Max Buchner:) “Die Buchner’sche Expedition”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* I: 1878-1879: 133-161.
- Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876: 326-329, 334, 346-347; II, 1877-1878: 110.
- Focke, W.O.: “Mohr, Nicolaus Carl Eduard”, in *Allgemeine Deutsche Biographie* 22, Lipsia: Duncker & Humblot 1885: 66-67.
- Globus* 30, 1876: 16; 31, 1877: 192

- “MOHR, EDUARD”, in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lipsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 209-210.
- “MOHR, EDUARD”, in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 14, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut⁶1906: 24.
- “MOHR, EDUARD”, in *Westermann Lexikon der Geographie* III, Braunschweig: Georg Westermann²1973: 379.
- “MOHR, EDUARD”, in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde* 3, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1993: 504-505.
- Petermanns Mitteilungen* 23, 1877: 39, 80.
- Schütt, Otto H.: *Reisen im südwestlichen Becken des Congo*. Segundo os diários e registros do viajante. Revisto e editado por Paul Lindenberg, com 3 mapas de Dr. Richard Kiepert, Berlim: Reimer 1881b: 12-13.
- “Uebersetzung eines portugiesischen Schreibens des Herrn C. J. de Souza Machado an Herrn A. F. H. Pape zu Loanda, mitgetheilt von der: ‘Afrikaansche Handelsvereening’”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1877-1878: 153-156.
- Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 3, 1876: 79, 235-236; 4, 1877: 42-43, 48.

Eduard Pechuël-Loesche

Fontes

- Pechuël-Loesche, Eduard: Espólio Eduard Pechuël-Loesche (entre outros coisas com os diários da viagem ao costa de Loango e de sua viagem ao Congo), Bayerische Staatsbibliothek, Munique.
- Espólio Eduard Pechuël-Loesche, Institut für Länderkunde, Lipsia.
 - Geographische Charakterblätter aus den bereisten Gebieten (= aguarelas e outros quadros de Eduard Pechuël-Loesche), Geographisches Instituts der Universität Hamburg, Hamburg.
 - “Loango und die Loangoküste”, *Mitteilungen des Vereins für Erdkunde zu Leipzig*, 1876a: 37-67.
 - “Bericht des Herrn Dr. Pechuel-Loesche an den Vorstand über seine zweite Quillu-Reise”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876b: 271-281.
 - “Fussumrisse der Eingeborenen der Loangoküste, nebst Text”, *Zeitschrift für Ethnologie* 8, 1876c: quadro XXIV.
 - “Die deutsche Loango-Expedition im Kriege”, *Gartenlaube* 1876d: 348-350, 365-367.
 - “Aus dem Leben der Loango-Neger”, *Globus* 32, 1877a: 10-14, 237-239, 247-251.
 - “Das Kuilu-Gebiet”, *Petermanns Mitteilungen* 23, 1877b: 10-17.
 - “Ein Hexenproceß in Loango”, *Gartenlaube* 1877c: 177-180.
 - “Die Calema”, *Globus* 32, 1877d: 119-121, 136-140.
 - “Die Palmen an der Westküste von Afrika”, *Petermanns Mitteilungen* 24, 1878a: 169-170.
 - “Indiscretos aus Loango”, *Zeitschrift für Ethnologie* 10, 1878b: 17-32.
 - “Ein Palaver in Loango”, *Gartenlaube* 1878c: 627-632.
 - “Abnorm gefärbte Menschen”, *Globus* 34, 1878d: 122-124.

- “Westafrikanisches Leben”, *Aus allen Welttheilen* 9, 1878e: 302-307, 321-324 (“1. Eine Küstenreise”); 10, 1879a: 75-80 (“2. An der Bai von Yumba”).
- “Handel und Producte der Loangoküste”, *Geographische Nachrichten für Welthandel und Volkswirtschaft* 1, 1879b: 273-336 (com 1 mapa).
- *Die Loango-Expedition*, in Paul Güssfeldt, Julius Falkenstein e Eduard Pechuël-Loesche, *Die Loango-Expedition. Ausgesandt von der Deutschen Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Africas 1873-1876. Ein Reisewerk in drei Abtheilungen*, Lúpsia: Paul Froberg 1879-1882. Secção III, Parte I. 1882. (A sua obra *Volkskunde von Loango*, 1907, constitui a segunda parte.)
- “Im Congoland”, *Gartenlaube* 1883: 324-327, 339-343, 484-488, 730-734, 794-796.
- “Ethnologische Forschung”, *Verhandlungen des Vierten Deutschen Geographentages zu München am 17., 18. und 19. April 1884*, Berlim 1884a: 156-160.
- “Das central-afrikanische Problem”, *Oesterreichische Monatsschrift für den Orient* 10, 1884b, n.º 2: 33-39; n.º 6: 153-158; n.º 7: 173-176.
- “Congoforschung und die Congofrage”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 11, 1884c: 184-211.
- “Westafrikanische Laterite”, *Das Ausland* 57, 1884d: 401-407, 422-428. “Nachtrag”: 477.
- “Das Kongogebiet”, *Deutsche Kolonialzeitung* 1, 1884e, n.º 13: 257-264.
- “Deutschland und das Kongogebiet”, *Deutsches Montagsblatt* n.º 23, 9.6.1884f.
- “Südafrikanische Laterite”, *Das Ausland* 58, 1885a: 501-504.
- *Herr Stanley und das Kongo-Unternehmen. Eine Entgegnung*, Lúpsia: Ernst Keil’s Nachfolger 1885b.
- “Offener Briefe an Henry M. Stanley”, *Gartenlaube* 1885c: 714-715, 726-727, 748-750.
- *Die Bewirtschaftung tropischer Gebiete. Vortrag gehalten am 22. September 1885 in der 58. Versammlung deutscher Naturforscher und Aerzte*, Estrasburgo: Carl T. Trübner 1885d.
- *Herrn Stanley’s Partisane und meine offiziellen Berichte vom Kongolande*, Lúpsia: Ernst Keil’s Nachfolger 1886a.
- “Ruder und Canoes in Westafrika”, *Globus* 50, 1886b: 74-77.
- “Zur Kenntnis des Herero-Landes”, *Das Ausland* 59, 1886c: 821-825, 849-852, 869-872, 889.
- “Zu Herrn Wißmann’s Einwendungen gegen mein Urteil über das Kongoland”, *Deutsche Kolonialzeitung* 3, 1886d: 233-236.
- *Kongoland*, Jena: Hermann Costenoble 1887.
- “Der Kongofreistaat, Stanley und England”, *Deutsche Kolonialzeitung*, Neue Folge 1, 1888, n.º 13 vom 31.3.1888: 97-99.
- “Brief an Franz Giesebrecht, Erlangen, 2.11.1896”, in Franz Giesebrecht (ed.), “Die Behandlung der Neger”, *Neue Deutsche Rundschau* 8, 1897: 10-11.
- *Volkskunde von Loango*, Estugarda: Strecker & Schröder 1907.

Bibliografia (ver também *supra*, Güssfeldt*)

- Ascherson, P.: "Bericht über die botanischen Sammlungen der deutschen Expedition nach Westafrika", *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876: 331-332.
- Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1874: 136-137, 345.
- "Die deutschen Expeditionen im Westen des äquatorialen Afrika. 1873-1877", *Aus allen Welttheilen* 9 (7), 1878: 193-199, 230-234.
- Dreyer, A.: "Pechuel-Loesche, Eduard", in *Biographisches Jahrbuch und deutscher Nekrolog* 18, Berlin: Georg Reimer 1917: 179-182.
- Günther, Siegmund: "Eduard Pechuël-Loesche †", *Petermanns Mitteilungen* 59, II. Halbband, 1913: 25.
- Heintze, Beatrix: "Feldforschungstreß im 19. Jahrhundert: Die deutsche Loango-Expedition 1873-1876", in Sylvia M. Schomburg-Scherff e Beatrix Heintze (eds.), *Die offenen Grenzen der Ethnologie. Schlaglichter auf ein sich wandelndes Fach*. Frankfurt a. M.: Lembeck 2000: 39-51.
- Lehmann, Steffen e Maximilian Oettinger: "Eduard Pechuël-Loesche, Erforscher Äquatorialafrikas (1840-1913)", in Adam Jones (ed.), *Afrika in Leipzig. Erforschung und Vermittlung eines Kontinents 1730-1950*, Lipsia (reprodução mimeografada) 1995: 23-24.
- Linnenberg, Friedrich: "Eduard Pechuel-Loesche als Naturbeobachter", *Mitteilungen der Fränkischen Geographischen Gesellschaft* 10, 1963: 340-356 (com uma lista de publicações de Eduard Pechuël-Loesche).
- "PECHUEL-LOESCHE, Eduard", in Heinrich Schnee (ed.), *Deutsches Koloniallexikon* III, Lipsia: Quelle & Meyer 1920: 29.
- "PECHUEL-LOESCHE", in *Ewald Banse's Lexikon der Geographie* II, Braunschweig e Hamburgo: Georg Westermann 1923: 288.
- "PECHUEL-LOESCHE, Moritz Eduard", in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lipsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 228.
- "PECHUËL-LOESCHE, EDUARD", in *Westermann Lexikon der Geographie* III, Braunschweig: Georg Westermann 1973: 783-784.
- "PECHUEL-LOESCHE, EDUARD", in Dietmar Henze, *Enzyklopädie der Entdecker und Erforscher der Erde*, 17. Lieferung, Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt 1995: 65-66.
- Petermanns Mitteilungen* 31, 1885: 478-479.
- Wissmann, Hermann von: *Meine Ansichten über Herrn Dr. Pechuël-Loesches Beurtheilung des Kongo-Unternehmens enthalten in seiner an Herrn Stanley gerichteten Entgegnungsschrift*, Bruxelas: P. Weissenbuch's Hofdruckerei 1886.
- Wobeser, H. von: *Henry M(orten) Stanley und Dr. Pechuel-Loesche*, Lipsia: F. A. Brockhaus 1886.
- Voß: "Bericht über die durch die deutsche Expedition an der Westküste Afrika's in das Königliche Museum zu Berlin gelangte Sammlung ethnologischer Gegenstände", *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876: 299-304.

Paul Pogge*Fontes*

- Pogge, Paul: (Carta de Paul Pogge de 3 de Maio de 1876), *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde* 3, 1876: 193-195.
- “Brief von Paul Pogge an den Vorstand der Afrikanischen Gesellschaft, Kibondo 3. September 1875”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876a: 288.
 - “Dr. Pogge bei dem Muata Jamwo”, *Globus* 30, 1876b: 343-344.
 - “Brief von Paul Pogge an den Vorstand der Afrikanischen Gesellschaft, Malange 8. Oktober 1876”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* II, 1877a: 23-24 (aqui erradamente “F. Pogge, 6. Oktober 1876”; extracto in *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 3, 1876: 193-195, 237).
 - “Itinerar von Kimbundo bis Quizememe, dem Mussumba oder der Residenz der Muata Jamvo, und weiter östlich bis Inchibaraka vom 16. September 1875 bis 28. Februar 1876”, *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 12, 1877b: 199-210.
 - “Das Reich und der Hof des Muata-Yamvo”, *Globus* 32, 1877c: 14-15, 28-31.
 - “Bericht des Herrn Dr. Pogge an die Deutsche Afrikanische Gesellschaft über das Reich und den Hof des Muata Yanvo”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1873-1876: 193, 237; II, 1877-1878: 23, 111-127.
 - “Ueber die Verwendung von Elefanten bei Afrika-Reisen und Anlage von Stationen”, *Globus* 35, 1879a: 119-121.
 - “Brief von Dr. Paul Pogge”, *Globus* 35, 1879b: 128; 42, 1882: 167-169.
 - *Im Reiche des Muata-Jamvo. Tagebuch meiner im Auftrage der Deutschen Gesellschaft zur Erforschung Aequatorial-Afrika's in die Lunda-Staaten unternommenen Reise*, com um mapa de Dr. R. Kiepert, Berlin: Reimer 1880.
 - “Über die in Mussumba zu begründende deutsche Station”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* II, 1880-1881a: 134-140.
 - “Briefe des Reisenden”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* II, 1880-1881b: 251-252 (2.4.1881); III, 1881-1883: 79-80 (31.5.1881), 146-148 (30.7. und 11.8.1881), 216-223 (27.11.1881).
 - “Bericht über die Reise von Mukenge nach Nyangwe und zurück; und über die Begründung der Station in Mukenge (20.9. und 27.9.1882)”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885a: 56-74 (uma versão um pouco mais curta e revista estilisticamente encontra-se in *Globus* 43, 1883: 315-318, 327-329).
 - “Bericht über die Station Mukenge bis October 1883 (Mitte October 1883)”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885b: 179-206.
 - “Mittheilungen aus Dr. Pogge's Tagebüchern”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885c: 228-274.
 - (Carta de Paul Pogge a direcção da “Afrikanische Gesellschaft” de 12.2.1884), *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 11, 1884: 176-177.
 - “Pogge's Aufenthalt in Lubuku, Rückkehr und Tod”, in Hermann [von] Wissmann, *Unter deutscher Flagge quer durch Afrika von West nach Ost. Von 1880 bis 1883 ausgeführt von Paul Pogge und Hermann Wissmann*. Berlin: Walther & Apolant

1889: 305-395. (Trata-se de excertos de cartas e notas do diário editadas in *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland IV*, 1883-1885.)

Bibliografia (ver também *supra*, von Homeyer*)

(Afrikanische Gesellschaft in Deutschland:) “Überbringung Allerhöchster Geschenke an den Sultan von Wadi und den Negerfürsten Muata Yanvo”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland I*, 1878-1879: 15-16.

(Afrikanische Gesellschaft in Deutschland:) “Nachrichten über Pogge’s letzte Tage und über seinen Tod”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland IV*, 1883-1885: 207-208.

A[ndree], R[ichard]: (crítica) “Paul Pogge: Im Reiche des Muata Jamwo”, *Globus* 37, 1880: 44-45.

Bastian, Adolf: (Necrológio para Paul Pogge), *Verhandlungen der Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte in Zeitschrift für Ethnologie* 16, 1884: 246.

Büttner, Richard: *Reisen im Kongolande. Ausgeführt im Auftrage der Afrikanischen Gesellschaft*, Lúpsia: Hinrichs ⁴1890.

Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft I, 1876: 345-346.

“Denkschrift über die Thätigkeit der Afrikanischen Gesellschaft vom Mai 1883”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland IV*: 1883-1885: 215-227.

Erman, Wilhelm: “Nachruf für Dr. Paul Pogge”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland IV* (3), 1884: 149-157.

Förster, Brix: “Die Pogge-Wißmann’sche Reise quer durch das südliche Kongo-Gebiet”, *Das Ausland* 56, 1883: 31-35, 117-119, 134-136, 156-158, 594-598.

“Der gegenwärtige Stand der deutschen Afrikaforschung”, *Das Ausland* 55, 1882, n.º 32: 621-626.

Globus 35, 1879: 287; 37, 1880: 44, 272; 38, 1880: 240; 40, 1881: 46; 41, 1882: 76, 368; 42, 1882: 368; 43, 1883: 176; 47: 1885: 91.

Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland I, 1878-1879: 12-13; II, 1880-1881: 121, 126; III, 1881-1883: 84-85.

Petermanns Mitteilungen 23, 1877: 39, 116, 312; 26, 1880: 74, 118, 197, 359-360, 470; 27, 1881: 191; 28, 1882: 116, 390; 29, 1883: 29, 74, 117; 30, 1884: 231, 353; 31, 1885: 147, 186.

Marx, Christoph: “Völker ohne Schrift und Geschichte”. *Zur historischen Erfassung des vorkolonialen Schwarzafrika in der deutschen Forschung des 19. und frühen 20. Jahrhunderts*, Estugarda: Steiner 1988, o capítulo sobre Paul Pogge: 109-115.

“POGGE, PAUL”, in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lúpsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 233.

“POGGE PAUL”, in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 16, Lúpsia e Viena: Bibliographisches Institut ⁶1907: 63-64.

“POGGE, PAUL”, in *Westermann Lexikon der Geographie* III, Braunschweig: Georg Westermann ²1973: 855.

Pogge von Strandmann, Hartmut (ed.): *Ins tiefste Afrika. Paul Pogge und seine präkolonialen Reisen ins südliche Kongobecken*, Berlim: trafo 2004 (Cognoscere Historias, vol. 14)

- “Pogge’s Route von Mukenge zur Lulua-Mündung und nach Kikassa am Kassai. Construiert von W. Ermann. 1:750 000”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland IV*: 1883-1885: Taf. 9.
- “Eine portugiesische Stimme über die Afrika-Forschung”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* 2, 1877-1878: 48-52.
- Ratzel, Friedrich: “Paul Pogge”, in *Allgemeine Deutsche Biographie* 26, Lipsia: Duncker & Humblot 1888: 359-364.
- “Route der Pogge-Wissmann’schen Expedition von Malanshe bis zum Tanganika-See. Aufgenommen von Wissmann. Construiert von R. Kiepert. 1:750 000. Blatt 1.2.3.4.”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland IV*, 1883-1885: quadros 4, 5, 7, 8.
- “Skizze von Pogge’s und Wissmann’s Zug durch den Südosten des Kongo-Beckens 1881-82. 1:4 000 000”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland IV*, 1883-1885: quadro 2.
- Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 9, 1877: 76.
- Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 4, 1877: 44-47 (Adolf Bastian na sessão de 3.2.1877), 11, 1884: 175-179 (carta de Pogge de 12.2.1884; cartas de Wissmann de 22.2. e 6.3.1884 sobre o seu encontro com Pogge e carta do Cônsul alemão em Luanda de 17.3.1884 respeitante à morte de Pogge).
- Wissmann, Hermann von: “Die Pogge-Wissmann’sche Expedition”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland III*, 1881-1883: 68-79, 149-154, 248-254; *IV*, 1883-1885: 29-74; 117-132.
- “Von San Paulo de Loanda nach Zanzibar”, *Mittheilungen der Geographischen Gesellschaft in Wien* 26, 1883: 97-105.
 - *Unter deutscher Flagge quer durch Afrika von West nach Ost. Von 1880 bis 1883 ausgeführt von Paul Pogge und Hermann Wissmann*, Berlim: Walther & Apolant 1889 (dois terços deste livro tratam daquela parte de viagem que Wissmann fez em conjunto com Pogge, i.e. de Luanda até Nyangwe).
 - *Unter deutscher Flagge quer durch Afrika von West nach Ost. Von Loanda nach Zanzibar*, depois da sétima edição da grande obra, edição mais pequena revista pelo próprio autor. Berlim: Walther & Apolants Verlagsbuchhandlung 1892.

Alfred Schachtzabel

Fontes

- Schachtzabel, Alfred: “Angewandte Völkerkunde in Afrika”, manuscrito não publicado numa conferência de Alfred Schachtzabel num encontro de trabalho de etnólogos em Göttingen ao 22 de Novembro de 1940 (manuscrito, propriedade privada).
- Espólio científico Alfred Schachtzabel (manuscrito, Ethnologisches Museum SMB, Berlim).
 - Actas “Alfred Schachtzabel”, Ethnologisches Museum SMB, Berlim.
 - *Die Siedlungsverhältnisse der Bantu-Neger*. Leiden 1911 (suplemento ao 20º vol. do *Internationales Archiv für Ethnographie*).
 - “Die Eingeborenen Süd-Angolas und ihre kolonial-politische Bedeutung”, *Koloniale Rundschau* 12, 1920: 204-208.

- *Im Hochland von Angola. Studienreise durch den Süden Portugiesisch-West-Afrikas*, Dresden 1923, (republicado com poucas modificações e algumas outras fotografias sob o título *Angola. Forschungen und Erlebnisse in Südwestafrika*, Berlim 1926).
- Heintze, Beatrix (ed.): *Alfred Schachtzabels Reise nach Angola 1913-1914 und seine Sammlungen für das Museum für Völkerkunde in Berlin. Rekonstruktion einer ethnographischen Quelle*, Colónia: Köppe 1995 (Afrika-Archiv 1).

Bibliografia

- Blome, Hermann: “Bericht über die Arbeitszusammenkunft deutscher Völkerkundler in Göttingen am 22. und 23. November 1940”, publicado com o mesmo título mas sem indicação do editor, Göttingen 1941: 6-36.
- Heintze, Beatrix: “Plädoyer für eine integrierte Quellenedition,” *Baessler-Archiv N.F.* 41, 1993: 323-339.
- (ed.): *Alfred Schachtzabels Reise nach Angola 1913-1914 und seine Sammlungen für das Museum für Völkerkunde in Berlin. Rekonstruktion einer ethnographischen Quelle*, Köln: Köppe 1995 (Afrika-Archiv 1).
 - “Einführung”, in Beatrix Heintze (ed.), *Alfred Schachtzabels Reise nach Angola 1913-1914 und seine Sammlungen für das Museum für Völkerkunde in Berlin. Rekonstruktion einer ethnographischen Quelle*, Colónia: Köppe 1995 (Afrika-Archiv 1): 11-41.

Otto H. Schütt e Paul Gierow

Fontes: Otto Schütt

- Schütt, Otto: “Karte des Rio Quanza in Angola und der angrenzenden Gebiete von der Mündung des Flusses bis Malange im Maasstab von 1 : 400 000 in 2 Blättern; nebst Geleitwort von W. Ermann”, *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1878: Quadros VII, VIII e p. 373.
- “Verlauf der Schütt’schen Expedition bis zum 1. September 1877”, *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* I, 1878-1879a: 61-67 (Sumário dos editores e cartas de 12.8. e 1.9.1878).
 - “Die Schütt’sche Expedition”, *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* I, 1878-1879b: 110-111 (Sumário dos editores e carta da margem do Chicapa; também publicado in *Globus* 36, 1879: 128).
 - “Bericht über die Reise von Malange zum Luba-Häuptling Mai, und zurück, Juli 1878 bis Mai 1879”, *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* I, 1878-1879c: 173-207.
 - “Bericht über seine Reisen in Inner-Afrika”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 6, 1879: 307-317.
 - “Der Kaiserin-Augusta-Fall in Westafrika”, *Globus* 37, 1880: 295-297.
 - “Im Reich der Bangala”, *Das Ausland* 54, 1881a: 381-384.
 - *Reisen im südwestlichen Becken des Congo*. Nach den Tagebüchern und Aufzeichnungen des Reisenden, revisto e editado por Paul Lindenberg, com 3 mapas de Dr. Richard Kiepert, Berlim: Reimer 1881b.
 - “Begräbnisgebräuche in Westafrika”, *Die Natur* 30, 1881c: 317-318.

Fonte: Paul Gierow

Gierow, Paul: "Die Schütt'sche Expedition. Bericht des Mitgliedes der Expedition, Herrn Paul Gierow", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland III*, 1881-1883: 96-135.

Bibliografia

- Andree, Richard: (crítica) "Otto Schütt's Reisen im südwestlichen Congobecken", *Globus* 40, 1881: 173-174.
- Bastin, Marie-Louise: "Tshibinda Ilunga: A propos d'une statuette de chasseur ramenée par Otto H. Schütt en 1880", *Baessler-Archiv N.F.* 13, 1965: 501-537.
- Ermann, Wilhelm, "Die Schütt'sche Expedition. Höhenmessungen einiger wichtiger Punkte östlich von Malange", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland II*, 1880-1881: 11-14.
- (crítica) "Otto Schütt. Reisen im südwestlichen Becken des Congo... Berlim 1881", *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 8, 1881: 384-387.
 - "Begleitworte zu Otto Schütt's Karte des Rio Quanza", *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1878: 373-374.
- Globus* 32, 1877: 240; 34, 1878: 142, 361; 35, 1879: 16; 36, 1879: 191.
- Kiepert, Richard: "Einige Bemerkungen über die Schütt'schen Aufnahmen", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland II*, 1880-1881: 14-17.
- "Otto Schütt's Reisen von Malange zum Luba-Häuptling Mai und zurück (Juli 1878 bis Mai 1879)", *Globus* 36, 1879: 358-361; 38, 1880: 11-13, 30-31; 59-62 (Sumário do relato de Schütt in *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland I*, 1878-1879: 173-207).
- Petermanns Mittheilungen* 25, 1879: 32, 312, 466-467; 28, 1878: 35, 116, 275.
- Reichenow, Ant.: "Über eine Vogelsammlung aus Malange in Angola, eingesandt von dem Reisenden Otto Schütt", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland I*, 1878-1879: 207-212.
- Kiepert, Richard: "Deutsche Aufnahmen in Angola", *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 15, 1880: 241-242.
- "SCHÜTT, OTTO". In: *Brockhaus' Conversations-Lexikon*. Leipzig: F.A. Brockhaus, vol. 14, 1886: 528.
- "SCHÜTT, OTTO", in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lipsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 264.
- "SCHÜTT, OTTO". In: *J. C. Poggendorff's Biographisch-Literarisches Handwörterbuch zur Geschichte der exacten Wissenschaften [...]*. Leipzig: Johann Ambrosius Barth, dritter Band, II. Abtheilung, 1898: 1216.
- "Die Schütt'sche Expedition", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland I*, 1878-1879: 12, 21-23, 61-64, 110 (resumo da redacção).
- "Die Schütt'sche Expedition", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland III*, 1881-1883: 95-96 (crítica da redacção).

Eduard Schulze*Fonte*

Schulze, Eduard: “Die Schulze’sche Expedition. Auszüge aus den Berichten von Lieutenant Schulze”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 274-291.

Bibliografia

- Büttner, Richard: “Ueber seine Reise von S. Salvador zum Quango und zum Stanley Pool. (5. Juni 1886)”, *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Erdkunde* 13, 1886b: 300-312.
- *Reisen im Kongolande. Ausgeführt im Auftrage der Afrikanischen Gesellschaft*, Lipsia: Hinrichs⁴1890.
- (Kiepert, Richard): “Skizze des Gebietes zwischen Vivi und Kuango mit den Routen von Lieutenant Schulze und Dr. Wolff. Zusammengestellt von R. Kiepert”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: quadro 12.
- Kiepert, Richard: “Begleitwort zu Tafel 12. Skizze des Gebietes zwischen Vivi und Kuango mit den Routen von Lieutenant Schulze und Dr. Wolff. Zusammengestellt von R. Kiepert”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 367-369.
- (Schulze, Eduard): “Die Schulze’sche Expedition. Auszüge aus den Berichten von Lieutenant Schulze”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 274-291.
- “Nachruf für Dr. Nachtigal, Dr. Böhm und Lieutenant Schulze”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 293-295.
- Petermanns Mittheilungen* 30, 1884: 353; 31, 1885: 69.

Herman Soyaux*Fontes*

- Soyaux, Herman: “Berichte und Reisebriefe”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1873-1876: 73-76, 139-144, 170-174.
- “Vegetations-Skizzen von der Loango-Küste”, *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 10, 1875: 62-70.
- “Ein Gottesgericht in West-Afrika”, *Grenzboten* 35, 1876a, semestre 2, vol. 2: 412-417.
- “Eine Reise in Angola”, *Grenzboten* 35, 1876b, semestre 2, vol. 2: 95-106.
- “Flußbilder aus dem tropischen Afrika”, *Das Ausland* 50, 1877a, “I. Am Coanza”: 1-4, 35-37, 191-193; “II. Am Kuilu”: 449-454, 1008-1011, 1035-1039.
- “Die Oelpalme”, *Die Natur* 26, 1877b: 535-539.
- “Angola. Ein Stück Culturgeschichte in Afrika”, *Die Gegenwart* 11, 1877c, n.º 10: 148-151.
- “Ambriz”, *Aus allen Welttheilen* 8, 1877d: 362-364.
- “Die Loangoküste” (crítica de Julius Falkenstein: *Die Loangoküste in 72 Originalphotos*, Berlím 1876), *Das Ausland* 50, 1877e: 272-274.

- “Nur ein Neger”, *Die Gegenwart* 13, 1878a, n.º 10: 152-156.
- “Aus dem Leben des Europäers im tropischen Westafrika”, *Grenzboten* 37, 1878b, semestre 2, vol. 1: 13-24, 51-60.
- *Aus West-Afrika. 1873-1876. Erlebnisse und Beobachtungen*, Lipsia: F. A. Brockhaus 1879a, 2 partes num só volume.
- “Nachrichten vom Gabun”, *Petermanns Mitteilungen* 25, 1879b: 344-347.
- *Deutsche Arbeit in Afrika. Erfahrungen und Betrachtungen*, Lipsia: F. A. Brockhaus 1888.

Bibliografia (ver também *supra*, Falkenstein*, Güssfeldt* e von Homeyer*)

- Ascherson, P.: “Bericht über die botanischen Sammlungen der deutschen Expedition nach Westafrika”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1876: 331-332.
- Büttner, Richard: *Reisen im Kongolande. Ausgeführt im Auftrage der Afrikanischen Gesellschaft*, Lipsia: Hinrichs⁴1890.
- Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1875: 190; 1876: 345.
- “Die deutschen Expeditionen im Westen des äquatorialen Afrika. 1873-1877”, *Aus allen Welttheilen* 9 (7), 1878: 193-199, 230-234.
- (Hellwald, Friedrich von?:) “Aus Westafrika” (crítica e extractos de Herman Soyaux: *Aus Westafrika 1873-1876*, Lipsia 1876), *Das Ausland* 52, 1879: 901-906, 930-936, 944-948.
- Kiepert, Richard: “Reisewerke über Westafrika. III.” (crítica de Herman Soyaux: *Aus West-Afrika, 1873 bis 1876. Erlebnisse und Beobachtungen*), *Globus* 38, 1880: 91-92.
- Schweinfurth, G.: “Bericht über die erste Sendung getrockneter Pflanzen aus Chinchoxo”, *Correspondenzblatt der Afrikanischen Gesellschaft* I, 1874: 187-190.
- “SOYAUX, HERMANN” (*sic*), in Friedrich Embacher, *Lexikon der Reisen und Entdeckungen*, Lipsia 1882 (reimpressão Amsterdão 1961): 274.
- “SOYAUX, HERMAN”, in *Meyers Großes Konversations-Lexikon*¹⁸, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut⁶1907: 633.

Georg Tams

Fonte

- Tams, Georg: *Die portugiesischen Besitzungen in Süd-Westafrika. Ein Reisebericht*. Mit einem Vorwort von Professor Dr. Carl Ritter, Hamburgo: Robert Kittler 1845. Tradução inglesa de H. E. Lloyd, *Visit to the Portuguese possessions in south-western Africa*, Londres s.d. (1845), 2 vols., Nova Iorque 1969. Tradução portuguesa do inglês de M. G. C. L., *Visita às possessões portuguesas na costa occidental d’Africa*. Porto: Typographia da Revista 1850, 2 vols.

Bibliografia

- Drost, Dietrich, “Gustav Klemms kulturhistorisches Museum”, *Jahrbuch des Museums für Völkerkunde zu Leipzig* 26, 1969: 41-83, p. 72 (com imagens).

- Klemm, Gustav, *Allgemeine Cultur-Geschichte der Menschheit*, Lipsia: Teubner 1843-1852, 10 vols., vol. 3, 1844.
- Rödiger, Iris, “Ethnographische Sammeltätigkeit und Theorie im 19. Jahrhundert: Der Kulturgeschichtler Dr. Gustav Klemm”, Trabalho de mestrado Frankfurt am Main 1995 (manuscrito).
- Wissenbach, Maria Cristina Cortez, “Entre caravanas de marfim, o comércio da urzela e o tráfico de escravos: Georg Tams, José Ribeiro dos Santos e os negócios da África centro-ocidental na década de 1840” (manuscrito Rio de Janeiro 2009).

Helmuth Wilhelm

Fontes

- Wilhelm Helmuth: Actas 1919/31, 1920/28, 1921/31, 1921/38, 1925/10, 1928/34; Coleção de objectos: SAf 2408-1440; 2446-1462; 2469-2489, “duplicados” 6922-2928 (queimados); MAf 28200-28278 (actualmente não se sabe se estes objectos ainda existem); fotografias: PhSAf 486-489; 594-602; 4041-4146. Museum für Völkerkunde, Lipsia.
- 53 fotografias de J. H. Wilhelm, adquirido pelo Museum für Völkerkunde, Lipsia, VIII A 14047-14099, Ethnologisches Museum SMB, Berlim.
 - “Aus dem Wortschatz der !Kung- und der Hukwe-Buschmannsprache”, *Zeitschrift für Eingeborenen-Sprachen* 124, 1921/1922: 291-304.
 - “Die !Kung-Buschleute. Mit einer Einführung, Anmerkungen und einer Karte von F. R. Lehmann”, *Jahrbuch des Museums für Völkerkunde zu Leipzig* 12, 1953: 91-189 (O manuscrito encontra-se no Museum für Völkerkunde, Lipsia).
 - “Die Hukwe. Mit 21 Federzeichnungen von J. H. Wilhelm und mit einer Einführung, Anmerkungen, Schlußbetrachtung und einer Karte von F. R. Lehmann”, *Jahrbuch des Museums für Völkerkunde zu Leipzig* 13, 1954: 8-44 (O manuscrito de 1917 encontra-se no Museum für Völkerkunde, Lipsia).

Hermann von Wissmann

Fontes

- Wissmann, Herrmann (von): “Die Pogge-Wissmann’sche Expedition: Berichte und Briefe von Leutenant Wissmann”, *Mitteilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* III, 1881-1883: 68-79, 149-154, 249-254; IV, 1883-1885: 35-37, 37-56, 207-208, 319-321.
- “Die Durchquerung des äquatorialen Afrika”, *Verhandlungen des III. Deutschen Geographentags zu Frankfurt a/M.* 1883a: 65-78.
 - “Von San Paulo de Loanda nach Zanzibar”, *Mitteilungen der Kais. Königl. Geographischen Gesellschaft in Wien* 26, 1883b: 97-105.
 - “Die in Innerafrika stattgehabten Völkerverschiebungen”, *Verhandlungen der Berliner Anthropologischen Gesellschaft* 15 (6), 1883c: (453)-(460).
 - *Meine Ansichten über Herrn Dr. Pechuël-Loesches Beurtheilung des Kongo-Unternehmens enthalten in seiner an Herrn Stanley gerichteten Entgegnungsschrift*, Bruxelas 1886.

- “Ueber seine letzte Reise in Centralafrika”, *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 14, 1887: 398-408.
 - *Unter deutscher Flagge quer durch Afrika von West nach Ost*. Berlim: Walther und Apolant 1889 (⁸1902). Segundo a sétima edição da grande obra, edição mais pequena revista pelo próprio autor, Berlim: Walther & Apolants Verlagsbuchhandlung 1892.
 - *Meine zweite Durchquerung Aequatorial-Afrikas vom Kongo zum Zambesi während der Jahre 1886 und 1887*, Frankfurt a. O.: Trowitzsch & Sohn 1890.
 - *Afrika. Schilderungen und Rathschläge zur Vorbereitung und den Aufenthalt und den Dienst in den Deutschen Schutzgebieten*, Berlim: Siegfried Mittler u. Sohn 1895.
 - “Briefe an Franz Giesebrecht, 23.6.1895; 8.8.1895”, in Franz Giesebrecht (ed.), “Die Behandlung der Neger”, *Neue Deutsche Rundschau* 8, 1897: 3-4.
- Wissmann, Hermann von, Ludwig Wolf, Curt von François e Hans Müller: *Im Innern Afrikas. Die Erforschung des Kassai während der Jahre 1883, 1884 und 1885*, Lúpsia: F. A. Brockhaus 1888 (²1891).

Bibliografia

- Bastian, Adolf: “Neue Erwerbungen des Königlichen Museums”, *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 15, 1883: (215)-(216).
- “Sammlungen aus Adamaua und Südcentralafrika, vom Amazonas, der Osterinsel und den Agomes”, *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 15, 1883: (301).
 - “Sammlung des Leutnant Wissmann”, *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 19, 1887: (682)-(684).
- “DR. HERMANN VON WISSMANN”, *Deutsche Kolonialzeitung* 22, 1905: 253-254.
- Förster, Brix: “Die Pogge-Wißmann’sche Reise quer durch das südliche Kongo-Gebiet”, *Das Ausland* 56, 1883: 31-35, 117-119, 134-136, 156-158, 594-598. *Globus* 44, 1883: 207; 47, 1885: 272; 50, 1886: 208, 336.
- Hassenstein, B.: “Major v. Wissmanns zweite Reise quer durch Zentralafrika, 1886 und 1887”, *Petermanns Mitteilungen* 37, 1891: 57-60.
- Hantzsch, Viktor: “Wissmann, Hermann, Wilhelm Leopold Ludwig (von)”, in *Biographisches Jahrbuch und deutscher Nekrolog* 10, Berlim: Georg Reimer 1907: 139-148.
- Kiepert, Richard: “Begleitworte zur Routenkarte der Pogge-Wissmann’schen Expedition”, *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 208-212.
- Luwel, Marcel: *König Leopold II. und Hermann von Wissmann: Beispiele eines vertrauensvollen Zusammenwirkens (1883-1896)*, Greifenstein 1993 (Beiträge zur deutschen Kolonialgeschichte 7).
- Mau, Erwin: *Hermann von Wissmann, Deutschlands größter Afrikaner*, Lúpsia: Hermann Hillger s.d. (cerca de 1934).
- Ntambwe Luadia-Luadia: “Les Luluwa et le commerce luso-africain (1870-1895)”, *Etudes d’Histoire africaine* 6, 1974: 55-104.

- Pechuël-Loesche, Eduard: "Zu Herrn Wißmann's Einwendungen gegen mein Urteil über das Kongoland", *Deutsche Kolonialzeitung* 3, 1886d: 233-236.
- Perbandt, Conradin v., Georg Richelmann e Rochus Schmidt (com Dr. Becker e Dr. Steuber): *Hermann von Wissmann. Deutschlands größter Afrikaner. Sein Leben und Wirken unter Benutzung des Nachlasses*, Berlin: Alfred Schall 1906.
- Petermanns Mitteilungen* 27, 1881: 191; 31, 1885: 271, 396-397; 38, 1892: "Literaturbericht", p. 41 (F. Ratzel).
- "Die Pogge-Wissmann'sche Expedition", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* III, 1881-1883: 248; IV, 1883-1885: 29-34, 117-132.
- "Schriften des Majors von Wissmann †", *Deutsche Kolonialzeitung* 22, 1905: 327-328.
- Singer, H.: "Hermann von Wissmann †", *Globus* 88, 1905: 81-82.
- "WISSMANN, HERMANN VON", in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 20, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut ⁶1908: 695-696.
- "WISSMANN, HERM. (v.), MAJOR", in *Ewald Banse's Lexikon der Geographie* II, Braunschweig e Hamburgo: Georg Westermann 1923: 757.
- "WISSMANN, HERMANN VON", in *Westermann Lexikon der Geographie* IV, Braunschweig: Georg Westermann ²1973: 1001.
- Wolf, Eugen: "Gedenkblatt für Hermann von Wissmann", in Hermann von Wissmann, *Meine zweite Durchquerung Aequatorial-Afrikas vom Kongo zum Zambesi während der Jahre 1886 und 1887*, Frankfurt a. O.: Trowitzsch & Sohn 1890: VII-XXV.

Ludwig Wolf

Fontes

- Wolf, Ludwig: "Bericht des Stabsarztes Dr. Ludwig Wolf über die 3 untersuchten Tuschilange", *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 16, 1884: (603)-(610).
- "Volksstämme Central-Afrika's", *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 18, 1886a: (725)-(745).
 - "Reisen in Central-Afrika", *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1886b: 79-95.
 - com Hermann von Wissmann, Curt von François e Hans Müller: *Im Innern Afrikas. Die Erforschung des Kassai während der Jahre 1883, 1884 und 1885*, Lipsia: F. A. Brockhaus 1888 (²1891).

Bibliografia

- Hantzsch, Viktor: "Wolf, Heinrich Ludwig", in *Allgemeine Deutsche Biographie* 25. Berlin: Duncker & Humblot 1971 (¹1910): 112-115.
- Mießler, Adolf: "Dr. Ludwig Wolf", *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik* 12, 1890: 332-334.
- Ratzel, Friedrich: "Nekrolog", *Mitteilungen des Vereins für Erdkunde zu Leipzig* 1889: 107-114.
- "WOLF, LUDWIG", in *Meyers Großes Konversations-Lexikon* 20, Lipsia e Viena: Bibliographisches Institut Band ⁶1908: 723.
- (Necrológio), *Koloniales Jahrbuch* 3, 1890: 144-147.

Willy Wolff*Fontes*

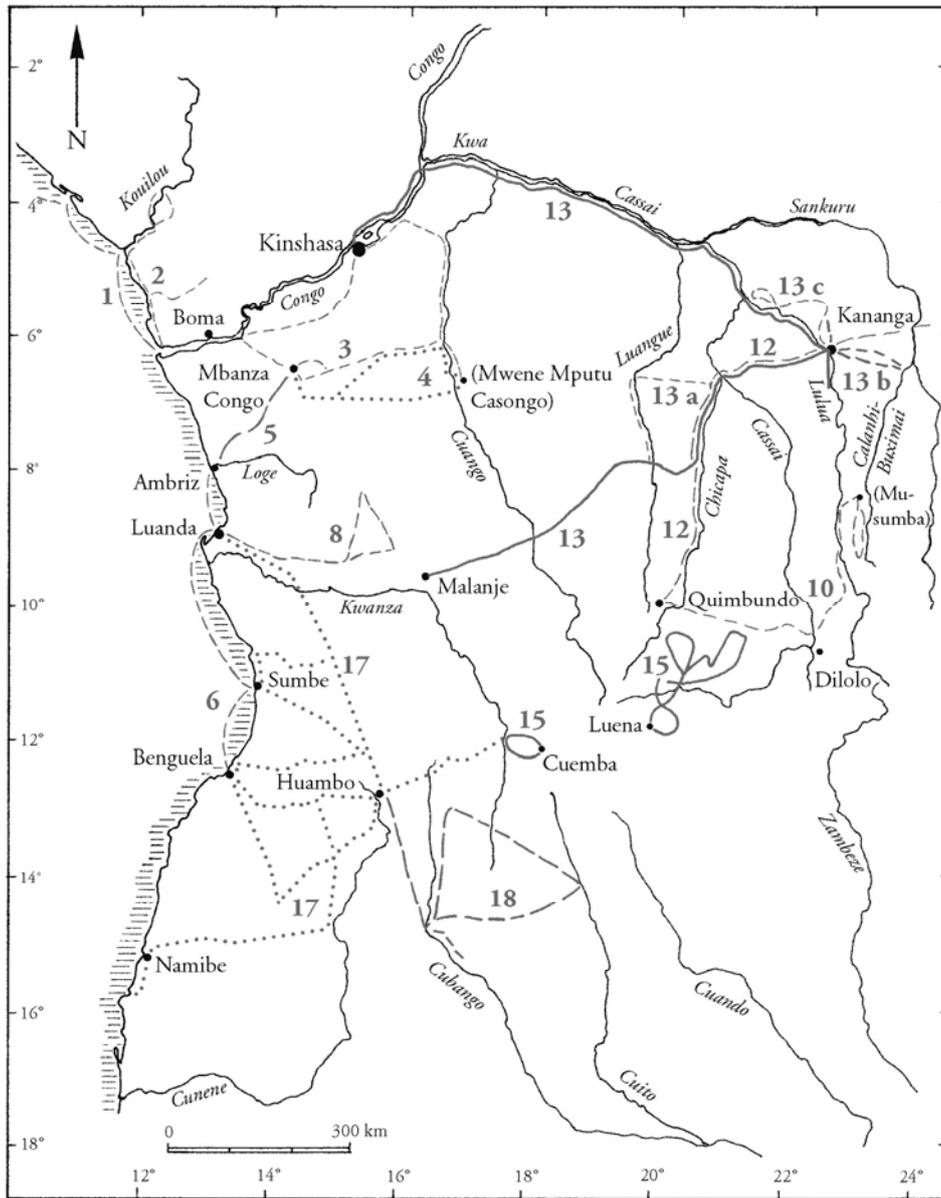
- Wolff, Willy: "Bericht des Dr. Wolff über seine Reise von San Salvador zum Kiamvo Kassongo", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 362-367.
- e Richard Kund: "Missionär Grenfells Aufnahmen von Nebenflüssen des Congo. Nach Mittheilungen der Herren Kund und Wolff", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 391-392.
 - "Ueber seine Reise von S. Salvador zum Quango", *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 13, 1886: 46-64.
 - *Von Banana zum Kiamwo. Eine Forschungsreise in Westafrika, im Auftrage der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland*, Oldenburg e Lipsia: Schulzesche Hof-Buchdruckerei 1889a.
 - *Die Verwerthung unserer äquatorialen Kolonien in West-Afrika*, Berlin: Georg Reimer 1889b.

Bibliografia

- Büttner, Richard: "Berichte von Dr. Büttner", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885e: 315-318, 369-372.
- Büttner, Richard: *Reisen im Kongolande. Ausgeführt im Auftrage der Afrikanischen Gesellschaft*, Lipsia: Hinrichs 1890.
- Kiepert, Richard: "Skizze des Gebietes zwischen Vivi und Kuango mit den Routen von Lieutenant Schulze und Dr. Wolff. Zusammengestellt von R. Kiepert", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885a: quadro 12.
- Kiepert, Richard: "Begleitwort zu Tafel 12. Skizze des Gebietes zwischen Vivi und Kuango mit den Routen von Lieutenant Schulze und Dr. Wolff. Zusammengestellt von R. Kiepert", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885b: 367-369.
- Petermanns Mittheilungen* 31, 1885: 430-431.
- Schulze, Eduard: "Die Schulze'sche Expedition. Auszüge aus den Berichten von Lieutenant Schulze", *Mittheilungen der Afrikanischen Gesellschaft in Deutschland* IV, 1883-1885: 274-291.
- "WOLFF, DR. WILHELM ALBERT", in Richard Wrede e Hans von Reinfels (eds.), *Das geistige Berlin. Eine Encyclopädie des geistigen Lebens Berlins*, Berlin: Strom vol. 3, 1898.

Mapa 1

- 1 Samuel Brun (1611-1613)
- 2 Adolf Bastian (1873) e expedição ao Loango chefiada por Paul Güssfeldt (1873-1876)
- 3 Richard Büttner (1884-1885)
- 4 Willy Wolff, a partir de Mbanza Congo (1884-1885)
- 5 Adolf Bastian (1857)
- 6 Georg Tams (1841-1842)
- 8 Hermann von Barth-Harmating (1876)
- 10 Paul Pogge, a partir de Quimbundo (1875-1876)
- 12 Paul Pogge e Hermann von Wissmann, a partir de Quimbundo (1881-1882)
- 13 Expedição ao Cassai chefiada por Hermann von Wissmann, a partir de Malanje (1883-1885)
 - 13a Pequena excursão de Hans Müller
 - 13b Pequena excursão de Curt von François
 - 13c Pequena excursão de Ludwig Wolf
- 15 Hermann Baumann (1930)
- 17 Otto Jessen (1931)
- 18 Alfred Schachtzabel, a partir de Huambo (1913-1914)



Mapa 2

- 7 Alexander von Mechow, a partir de Malanje (1880-1881)
- 9 Anton Lux, a partir de Malanje (1875)
- 11 Max Buchner, a partir de Malanje (1879-1881)
- 14 Otto Schütt e Paul Gierow, a partir de Malanje (1878-1879)
- 16 Fritz e Willem Jaspert (1926-1927)
- 19 Hugo Baum (1899-1900)

